

# ***Postilhão de Apolo: edição e estudo***

**Filipe Antonio Fernández Diez**

**Tese de doutoramento**

**Diretor, orientador e tutor da tese: Prof. Dr. Carlos Paulo Martínez Pereiro**

**Programa de 3º Ciclo: Estudos lingüísticos e literarios no ámbito galego-portugués**



**UNIVERSIDADE DA CORUÑA**

**2015**

**Volume I de III**

*Dedicada a Sueli, eternamente bela,  
que tanto amei e me amou, que tanto me ensinou e que se foi tão cedo, tão cedo...*

*Dedicada a meu pai, Felipe,  
que se foi antes de que eu pudesse dar-lhe este presente em pessoa  
e me deixou esta só forma de entregar-lho*

# AGRADECIMENTOS

Estendo a minha gratidão a todas as pessoas que, de diversos modos, contribuíram para esta pesquisa, e de modo especial àquelas que a seguir refiro:

*À minha mãe, Fe, às minhas irmãs e sobrinhas, ao meu irmão  
e em geral à minha família, sempre pronta para ajudar em tudo que for preciso*

*Ao meu orientador, Carlos Paulo,  
pela paciência, a confiança, a cumplicidade e o apoio*

*À Malu, por ter feito tanto bem  
a este trabalho e a mim*

*Aos meus amigos, pelos encontros rejeitados nos últimos meses  
e pelos que foram mais breves do que a sua ótima companhia merece e faz desejar*



# RESUMO

A presente tese doutoral ten como obxectivo primordial o de rescatar para o público lector contemporáneo un dos grandes tesouros da poesía barroca portuguesa, o cancionero colectivo *Postilhão de Apolo*, que permanecía inédito desde o século XVIII. Para cumprir con ese obxectivo, preséntase agora esta edición, que tenta conxugar ao tempo a fidelidade ao orixinal e a accesibilidade para o lector actual. Debido a este foco no público final, o traballo de edición foi complementado co de anotación e estudo dalgunhas das claves lingüísticas, literarias e culturais que permitan contextualizar e comprender mellor a produción poética dos séculos XVII e XVIII recollida no cancionero obxecto de edición e que corresponde ao período de auxe do bilingüismo portugués-español na literatura portuguesa.

# RESUMEN

La presente tesis doctoral tiene como objetivo primordial el de rescatar para el público lector contemporáneo uno de los grandes tesoros de la poesía barroca portuguesa, el cancionero colectivo *Postilhão de Apolo*, que permanecía inédito desde el siglo XVIII. Para cumplir con ese objetivo, se presenta ahora esta edición, que intenta conjugar a un tiempo la fidelidad al original y la accesibilidad para el lector actual. Debido al interés en el público final, el trabajo de edición fue complementado con el de anotación y estudio de algunas de las claves lingüísticas, literarias y culturales que permitan contextualizar y comprender mejor la producción poética de los siglos XVII y XVIII recogida en el cancionero objeto de edición y que corresponde al período de auge del bilingüismo portugués-español en la literatura portuguesa.

# ABSTRACT

The present thesis' main aim consists on rescuing for the contemporary reader one of the biggest treasures of the Portuguese baroque poetry, the collective *cancioneiro* '*Postilhão de Apolo*', that remained unpublished since the 18th century. To fulfil this aim, we present now this edition, that tries to keep both the fidelity to the original and the accessibility for the current reader. Due to the interest on the final reader, the work of edition was complemented with the one of annotation and study of some of the linguistic, literary and cultural keys that allow to contextualise and understand better the poetic production of the 17th and 18th centuries collected in this *cancioneiro* and that corresponds to the period of peak of the Portuguese-Spanish bilingualism in the Portuguese literature.

# INTRODUÇÃO

## Um as palavras preliminares sobre a nossa pesquisa

### §1. Um olhar crítico face à tradição crítica

Parafraŕeando a Ângelo de Moraes no brilhante e jocoso prólogo ao *Postilhão de Apolo*, “*parece lei e passa a ser costume*” qualquer trabalho acadêmico sobre a poesia barroca portuguesa começar por uma lamentação a respeito do escasso interesse pela época e pelos produtos literários por ela engendrados.

Gostaríamos de quebrar essa escrita, pois pensamos que há motivos para tanto. Em primeiro lugar, por a poesia barroca portuguesa haver recebido a atenção de nomes tão ilustres como os de Vítor Manuel Aguiar e Silva, Ana Hatherly, Ivo Castro, Maria de Lourdes Belchior ou Segismundo Spina, citando apenas os principais. Tantos nomes ilustres se debruçarem sobre o estudo de uma época e de um gênero constitui, do nosso ponto de vista, um inegável sinal de vitalidade. Em segundo, por simultaneamente a esta nossa humilde edição do *Postilhão*, estar a ver a luz, na Universidade do Minho, a edição d' *A Fénix Renascida*, facto que contribuirá para pôr à disposição do público contemporâneo o acesso ao maior repositório de poesia barroca existente no âmbito da literatura portuguesa. Em terceiro e último, por estarmos firmemente convictos da vigência da estética barroca – claro-escuro, fragmentada e fragmentária – nestes tempos pós-modernos que nos toca viver, pelo que decerto o público que vier a descobrir esta poesia deverá ser cada vez mais largo e mais fiel.

É bem certo, porém, que, estando a poesia barroca portuguesa tão intimamente ligada à castelhana, causa em nós uma sã inveja o prestígio que esta mantém, se comparado ao daquela. Não alcançamos a adivinhar a motivação deste desequilíbrio, que provoca que, enquanto na historiografia literária espanhola o Renascimento e o Barroco sejam considerados, conjuntamente, como os *séculos de ouro* da literatura castelhana, por sua vez a historiografia literária portuguesa relegue o Barroco ao porão dos condenados, com contadas exceções. Desde logo, não é nossa pretensão reivindicar novos Camões, já

que, como todo génio, o torto é único e irrepetível, e em certo modo atemporal. Contudo, consideramos que não se deve julgar o Barroco em comparação com o Quinhentos, mas desde os seus próprios códigos estéticos, as suas circunstâncias históricas e os seus méritos artísticos. Não fosse assim, pouco haveria a resgatar, em termos literários, de tantas outras fases da literatura portuguesa, que haveria de ficar reduzida a meia dúzia de talentos que pudessem, ainda que de longe, resistir à comparação com o autor d' *Os Lusíadas*.

## §2. A nossa proposta de tese

Indo além, atrevemo-nos a postular como tese do presente trabalho que a poesia barroca não constitui uma rutura a respeito da tradição literária portuguesa, senão um período que aúna aspetos de continuidade e de inovação, como é natural acontecer em qualquer momento de transição na história da literatura e das ideias. Esta tese será defendida pormenorizadamente no Capítulo III da presente pesquisa, notadamente no estudo literário; porém, não podemos deixar de apresentar os argumentos principais que a sustentam, cuja veracidade e relevância esperamos poder provar e, com isso, chegarmos a uma conclusão favorável à tese agora apresentada. Os referidos argumentos são os relacionados a seguir:

- As afirmações desqualificadoras sobre a poesia barroca surgem na crítica literária portuguesa na segunda metade do século XVIII, e, a partir daí, viram um lugar-comum que se reitera sem acudir a um estudo das fontes textuais. Pelo contrário: tais fontes são enterradas no esquecimento e só muito parcelarmente conhecidas, como se pode constatar folheando qualquer manual ou antologia de literatura portuguesa. O nosso procedimento será o contrário: recorrer aos textos e avaliá-los sem apriorismos, desde o seu próprio código estético e histórico e considerando as suas relações intertextuais.
- A influência da literatura castelhana da altura sobre a respetiva produção poética portuguesa, bem como o contexto político e linguístico da época, são fatores externos à qualidade da poesia barroca portuguesa, mas que contudo contribuíram a desvalorizá-la como se se tratasse de um produto de certo modo alheio à cultura nacional portuguesa. Por nossa parte, concebemos a literatura como um produto cultural inserido na história da(s) sociedade(s), mas ao mesmo tempo dotado de suas próprias chaves de conceção e interpretação.
- A crença comum segundo a qual o barroco rompe com a tradição do Classicismo e da Renascença parece-nos por de mais frívola. Pretendemos demonstrar que, pelo contrário, tanto os modelos de autor quanto os temas abordados pela poesia barroca remetem, em grande medida, aos padrões clássicos e renascentistas.

- Aprecia-se uma plena continuidade linguística entre os textos poéticos renascentistas e os barrocos, como procuraremos provar no Capítulo III deste trabalho, notadamente na epígrafe referida ao estudo linguístico.
- O crescente interesse pela produção poética barroca, bem como pela edição de textos, constitui um aspeto favorável para a clarificação do autêntico valor de mais de um século de literatura portuguesa que, em qualquer caso, não deve ser amputada.

Por outras palavras: através do conhecimento e do estudo direto dos textos poéticos, tentaremos extrair os diversos perfis a que responde a produção barroca, assinalando tanto os elementos continuistas quanto os inovadores.

### §3. Breve história de um naufrágio (e de uma tentativa de resgate)

O conjunto da produção poética barroca portuguesa – cujas referências principais são *A Fénix Renascida* e o *Postilhão de Apolo* –, após diversas jornadas de sucesso, acabou naufragando no proceloso mar da história da literatura, submetido – como todos os mares – não só à lógica das marés, mas também ao capricho dos elementos.

Juntamente com os galeões literários referidos, perdeu-se toda a sua carga: assim as peças mais valiosas como os grilhões mais modestos.

O trabalho de pesquisa que ora apresentamos tem um objetivo principal bem definido, qual é o de contribuir ao resgate da produção poética do Barroco português, até ao ponto em que podemos afirmar que a medida em que tal propósito for bem sucedido será também a medida da nossa satisfação.

Nesse sentido, o resgate do conteúdo dos porões do *Postilhão de Apolo*, cuja edição constitui o objeto central da presente pesquisa, parece-nos que pode representar um subsídio relevante para o (re)conhecimento da produção do período, por quanto constitui um dos mosaicos mais notáveis da poesia barroca portuguesa tanto pela quantidade de textos e de autores representados quanto pela diversidade temática e estilística das composições, e ainda pela abrangência temporal da seleção de obras nele incluídas.

Contudo, não é possível explicar a importância do *Postilhão de Apolo* sem antes referir-se a *A Fénix Renascida*: esta compilação é o maior repositório de poesia portuguesa do período barroco, composta por cinco volumes editados pela primeira vez entre 1716 e 1728, e reeditada – com acréscimos – em 1746; o *Postilhão de Apolo* viria a antologar, anos depois, o conteúdo d' *A Fénix*, no que afinal se tornaria o derradeiro sucesso do género.

Porém, se resulta evidente que existe uma relação de filiação do *Postilhão* a respeito d' *A Fénix*, não o é menos que existem importantes diferenças: pelo volume de composições, pela extensão da nómima de autores representados, pelo diferente peso relativo dos autores comuns em ambos cancioneiros, e até pela qualidade média dos textos – que, em nossa opinião, é superior no *Postilhão*, talvez devido ao mencionado carácter antológico.

Por último, o resgate destes textos tem também um componente de compromisso moral, qual é o de cumprir as proféticas palavras de António dos Reis na “Introdução Poética” que dá início ao cancionero. Nos versos 713-718, Apolo estabelece o seguinte:

Por tanto lhes mandava que juntassem  
Estas obras, que andavam espalhadas,  
E juntas brevemente as publicassem  
Para serem de todos celebradas;  
Porque não era justo que ficassem  
Entre o esquecimento sepultadas.

E logo adiante (versos 723-725):

As obras espalhadas ajuntaram  
Depois de grão trabalho e diligência,  
E pelo mundo todo as divulgaram.

*Esse pretende ser o nosso contributo. A partir de agora, cabe ao leitor exercer um legítimo, necessário e duplo julgamento: do cancionero, e do nosso trabalho.*

# CAPÍTULO I – SOBRE A NOSSA EDIÇÃO

## Estado material do cancioneiro, realidade textual e critérios de intervenção

### §4. Estado físico do Cancioneiro

A edição original do *Postilhão* foi realizada em folha de oitava, com uma altura de 15 cm., em dois volumes com capa e contracapa de couro duro. O título completo do cancioneiro é *Ecos que o clarim da fama dá: Postilhão de Apolo montado no Pégaso, girando o Universo para divulgar ao Orbe literário as peregrinas flores da Poesia Portuguesa com que vistosamente se esmaltam os jardins das Musas do Parnaso. Academia Universal: em a qual se recolhem os cristaes mais puros que os famigerados Engenhos Lusitanos beberam nas fontes de Hipocrene, Helicon e Aganipe*. O primeiro volume tem por subtítulo *Eco I: dedicado ao nosso Fidelíssimo Monarca D. Joseph I por Joseph Maregelo de Osan*. Por sua vez, o segundo volume subintitula-se *Eco II: dedicado ao nosso Fidelíssimo Monarca D. Joseph I por Joseph Maregelo de Osan*. Ambos os volumes, como se pode apreciar, são dedicados ao rei Dom José I, alcunhado *O Reformador*, que dirigia os destinos do Reino na época da edição do cancioneiro. Neste ponto, o *Postilhão* afasta-se da sua fonte de inspiração, a *Fénix Renascida*, cujo editor trocava de dedicatória a cada novo volume, diferença que cabe explicar pelo lapso temporal em que Matias Pereira da Silva publicou a *Fénix*, entre 1716 e 1728, enquanto os dois volumes do *Postilhão* são publicados num intervalo de poucos meses. De facto, ambos os volumes do cancioneiro são presididos por uma gravura da autoria de Le Bouteux, datada de 1761 e intitulada “O Grande Luís de Camões, laureado no Parnaso por Príncipe dos Poetas”: no topo do monte, aparece um heraldo montado sobre o Pégaso e a legenda “Postilhão de Apolo”.

Do dito, conclui-se que cada tomo é nominado como um dos *Ecos* referidos no início do título, motivo que nos levou a adotar esta terminologia na nossa edição, pelo que o leitor encontrará os poemas agrupados no Eco I e no Eco II, conforme aparecem na edição *princeps* do cancioneiro. Ressalte-se que, além de havermos mantido a ordem dos poemas, também foram escrupulosamente respeitadas a paginação, os tipos gráficos

originais, o tamanho dos tipos, os espaçamentos entre eles e, na medida do possível, a distribuição gráfica na página impressa, levando em consideração o diferente tamanho de folha que nós utilizamos.

Ao abrir uma página qualquer da nossa edição do cancioneiro, o leitor terá acesso, portanto, a um retrato bastante fiel da edição original, com as seguintes ressalvas: na parte esquerda do cabeçalho, a legenda “Eco I” ou “Eco II”, segundo corresponder, é de nossa responsabilidade; da mesma forma, tanto a numeração dos versos quanto a inserção de notas de rodapé também são fruto do trabalho de edição, e não constavam no texto original.

Ambos os volumes do cancioneiro foram impressos em Lisboa, na oficina tipográfica de Francisco Borges de Sousa, o primeiro no ano de 1761 e o segundo em 1762, ano em que também saiu do prelo a segunda edição (ou antes, reimpressão) do cancioneiro. O editor, escondido atrás do anagrama Joseph Maregelo de Osan, é de facto Ângelo de Moraes, que, por ser também autor do poema proemial, será estudado mais adiante, no capítulo dedicado aos autores das composições recolhidas no cancioneiro. A propósito do número de volumes, apesar de o tomo II anunciar, no seu final, a iminente aparição de um terceiro volume, este nunca saiu do prelo, se porventura chegou a ser compilado.

A edição que adotamos como referência para a nossa é a *princeps*, datada de 1761 (Eco I) e 1762 (Eco II). Dada a relação do *Postilhão de Apolo* a respeito da *Fénix Renascida* – que será analisada mais pormenorizadamente no capítulo II da presente tese –, optamos por contrastar a materialidade textual da edição *princeps* do *Postilhão* com a última edição da *Fénix*, datada de 1746, por ser esta a mais próxima do momento de publicação daquela e, portanto, a que certamente gozava de um maior grau de conhecimento entre o público leitor da segunda metade do século XVIII. Certamente, foi esta a que serviu de base a Ângelo de Moraes para a elaboração da sua própria coletânea, que, desviando-nos neste ponto do magistério de Aguiar e Silva<sup>1</sup>, consideramos que não deve de modo algum ser considerada uma mera antologia d' *A Fénix*.

---

1 *Maneirismo e Barroco na poesia lírica portuguesa*, Coimbra, 1971, pp. 102-103.

## §5. Realidade textual do Cancioneiro

Deixando de lado a materialidade física do cancioneiro, passaremos a analisar brevemente a sua dimensão linguística, na medida em que contribui à contextualização da escolha dos critérios de edição que serão expostos nas páginas a seguir. Para um estudo mais pormenorizado da língua do cancioneiro, remetemos o leitor ao correspondente capítulo desta pesquisa. Ora, como não poderia deixar de ser, levando em consideração a época de publicação, o estado de língua que o cancioneiro nos oferece apresenta diversas irregularidades e instabilidades. Sendo impossível delimitar quais delas sejam devidas à escrita do próprio autor, quais à intervenção do editor e/ou do impressor, e quais, ainda, à fixação do texto em estágios intermediários, cabe a nós estabelecer critérios de edição que proporcionem alguma ordem onde não a há.

Sem pretendermos cair no espírito de *captatio benevolentiae*, não podemos omitir que o cancioneiro, por haver permanecido inédito durante quase dois séculos e meio, com a conseguinte descontinuidade na sua transmissão e na fixação textual, coloca o editor perante a necessidade de transpor o hiato temporal, porém priva-o de uma tradição de edição a que recorrer. Tais circunstâncias, de resto, não são aplicáveis somente ao *Postilhão*, mas ao conjunto da produção poética barroca, com raras exceções. Caso contrário, poder-se-ia suprir a falta de uma tradição de edição do *Postilhão* mediante o contraste com a edição de outras obras coetâneas. Porém, tais edições ainda são escassas, apesar de concitar um interesse crescente, se comparado com a situação existente há menos de meio século; mas, acima de tudo, na maioria dos casos são muito parciais, não raro limitando-se à edição de poemas esparsos em antologias coletivas. Contamos, porém, com algumas excelentes edições, que em muito contribuíram para o nosso trabalho, notadamente as devidas a Ana Hatherly, Ivo Castro ou Maria Lucília Gonçalves Pires, dentre outros<sup>2</sup>. O próprio Ivo Castro<sup>3</sup> enumera de modo extremamente lúcido e preciso alguns dos problemas de ordem maior que o editor de poesia barroca

<sup>2</sup> Vide apartado de Bibliografia.

<sup>3</sup> Diz Castro: “As edições que falta fazer obrigam a ter em consideração temas de muito variada ordem: as edições que estão feitas, ultimamente ou no séc. XVIII; os manuscritos mais ou menos contemporâneos da época de composição; as suas características, conteúdo, circulação e paradeiro e o modo como se relacionaram com as edições antigas; as circunstâncias dos escritores, o anonimato e dificuldades de atribuição de certos poemas; a língua em que foram escritos, geralmente o português, mas muitas vezes também o castelhano; a vida da sociedade a que a poesia se refere com extremos de explicitação ou de ocultação; e assim por diante”. É este um programa ambicioso, cujo cumprimento constituiria o ideal de qualquer edição, e como tal o assumimos, com carácter de guia que tentámos desenvolver no presente estudo, ainda cientes das limitações impostas tanto pelas nossas próprias fraquezas quanto pela não rara escassez ou ausência de maior e melhor documentação que facilitasse o nosso labor.

deve enfrentar, análise que subscrevemos e à qual remetemos o leitor para uma compreensão mais pormenorizada. Nós limitar-nos-emos a apresentar apenas os principais aspetos que o mestre desvela, na medida em que afetam ao nosso objeto de estudo: notadamente, os problemas relativos à transmissão e à fixação textuais, à atribuição de autoria e à censura.

### 5.1. A transmissão e a fixação textuais

No tocante à transmissão dos textos poéticos, nada melhor do que começar pela leitura do depoimento do editor, Ângelo de Moraes, que no poema que serve de prólogo ao cancionero explica, em tom jocossério, o modo de construção da obra, da qual se intitula “Autor”, como se pode observar nos versos finais do poema:

Nisto não há trapaça,  
Porque este livro não se dá de graça,  
Pois cada versinho  
A seu Autor custou bom dinheirinho.

Fica evidente, pois, que o editor (ou *autor* da coleção) não era apenas o responsável intelectual, mas também financeiro, pela árdua empresa de publicar o livro. Ou seja, o editor encarregava-se de pedir a cada autor alguns dos seus melhores poemas, pagando-lhes pelo direito de publicá-los. Apesar da troca monetária e da dimensão comercial da publicação – cujos (eventuais) lucros correspondiam ao editor –, não deixa esta de ser uma tarefa nobre, segundo o próprio Ângelo de Moraes:

Narrar também o Prólogo se obriga  
Do trabalho que teve, e da fadiga,  
Em escarafunchar tanta memória  
Guardada nos arquivos,  
Por dar à patria glória,  
Bom nome aos mortos e melhor fama aos vivos.

Porém, a mordacidade do editor e poeta não omite a contraparte materialista:

Porque um Livro volante  
Corre sem que lhe ponham o pé diante,  
E como por dinheiro se reparte,  
Chegar pode o tal livro a toda a parte:  
Aonde houver dinheiro, sem desdouro,  
Em ouro, ou prata, ou cobre, e ainda em couro.

Por outro lado, como era de se esperar, o irreverente prologuista traslada-nos o relato do modo de compilação:

Não leva meu mais que este sobrescrito,  
Pois para se amanhar o tal Livrinho,  
Cada Poeta entrou com o seu versinho,  
Como quem bota esmola cada dia  
Das almas na bacia.  
Também como quem pede  
Missa pedida para S[ão] Mamede  
A modo de quem chora,  
E lhe respondem: eu não tenho agora,  
E ele bate a outra porta sem pinguença  
Até que junta esmola para a Missa.  
Da mesma sorte andei pelo meu modo  
Té que de muitas partes fiz um todo,  
Como a filha das ágoas Neptuninas,  
Que um pintor com destreza,  
Querendo retratar tanta beleza,  
Juntou muitas belezas peregrinas:  
E das feições melhores  
Escolheu as mais belas,  
E assim de todas elas  
Fez a cópia da Deosa dos amores;  
Pois desse mesmo modo

Se compôs desse livro a parte e o todo.  
Como o pássaro, em cujo corpo cabe  
(Eu nunca o ouvi, nem vi, nem sei a que sabe)  
Vestir as galas e compor as modas  
Com as penas que vestem as aves todas,  
E deste modo pobre se condena:  
Atirar-lhe cada uma a sua pena,  
Ficando ele despido com desdouro;  
Pois assim ficará o livro em couro,  
Se vem cada Poeta e dele cobra  
O que o livro tomou que é a sua obra.  
Mas assim como na ave é patarata  
O que dela se conta,  
Assim dos que chafurdam a fonte grata  
Tambem será afronta  
Tomar o que me deram, não forçados,  
Em suas obras seletas:  
Porém se são Poetas,  
Não será muito sejam corcovados.

Por outras palavras: o editor haveria ido de porta em porta solicitando aos poetas da corte as suas “obras seletas” [sic], porém sem forçá-los a que lhas dessem. É legítimo supor que coube ao editor decidir quais das seletas obras eram mais dignas de serem publicadas do que outras, por serem mais “belas” e “peregrinas”. De resto, o facto de chamar a sua obra de “Livro volante”, como se viu numa citação anterior, provavelmente aluda a outras formas paralelas de compilação, das quais falaremos um pouco mais adiante. Em qualquer caso, Ângelo de Moraes não mostra qualquer reparo à hora de declarar o seu orgulho pelo trabalho realizado:

Censurem, ou não censurem,  
Murmurem, ou não murmurem,  
Critiquem, ou não critiquem, a isso digo  
Que essas censuras nada têm comigo;  
Inda delas apelo,

Sem temer que me façam amarelo.

(...)

A colecção formosa

De tanta consonância numerosa

O Leitor me agradeça:

Leva no livro uma galante peça.

Como deixávamos entrever há uns instantes, é mais do que certo que a recolha de textos das mãos dos próprios autores não foi a única fonte donde Ângelo de Moraes conseguiu os textos. Boa prova disto é que, em seu conjunto, o *Postilhão* pode ser considerado como uma antologia da *Fénix Renascida*, o maior repositório de poesia barroca portuguesa, editado por Matias Pereira da Silva entre 1716 e 1728, e posteriormente reeditado e ampliado em 1746. Este facto, já demonstrado por Aguiar e Silva<sup>4</sup>, pode ser constatado visualmente mediante a consulta aos Apêndices I e II, que incluem as tabelas com todas as composições da *Fénix* e do *Postilhão*, lado a lado.

Mas, além disto, é quase certo que o editor do *Postilhão* também recorreu a outras fontes mais dispersas: as folhas volantes, impressas, em que se recolhia(m) um ou vários poemas de um autor; os manuscritos dos amantes e amadores da poesia, tão numerosos como pouco confiáveis, pois tanto a fixação do texto como a atribuição da autoria dependiam da perícia do respetivo amador; obras impressas de autores notáveis, que por sê-lo (e/ou por gozar do favor de algum mecenas) conseguiram publicar individualmente uma parte da sua produção; e, ainda, os escritos das academias poéticas setecentistas, algumas das quais chegaram a publicar volumes das suas sessões, como se pode verificar no Capítulo II.

Como se depreende de todos os fatores enumerados, a fixação textual resultante de tamanha diversidade de fontes não pode considerar-se plenamente fiável. Ainda mais, por o editor se reservar o direito de intervir sobre a textualidade dos poemas, regra comum na altura; e por o impressor nem sempre respeitar a literalidade do material, ora por erro material, ora por intervenção consciente.

A todos estes aspetos há que somar que, por depender em grande medida dos textos

---

4 Op. cit., pp. 102-103.

publicados n' *A Fénix Renascida*, os problemas de transmissão que afetavam a este cancionero inevitavelmente contagiaram-se o *Postilhão*. Vale a pena, por isto, deter-nos no depoimento de Matias Pereira da Silva, editor d' *A Fénix*, que num tom bem mais sério explicita os seus próprios critérios de seleção e composição da compilação.

Diz Matias Pereira da Silva, num trecho da carta ao “Leitor” – esse é o encabeçamento que o autor emprega – que serve de proêmio ao Tomo I d' *A Fénix*:

Porque entendi que defraudava a nação Portuguesa de grande glória, se com ambiciosa sofreguidão retivesse os muitos e singulares manuscritos que deste género tenho visto e guardo em meu poder.

E mais adiante:

Não pouco trabalho me custou o pô-los em limpo, para o que me foi necessário ver e conferir muitos traslados, porque a grande variedade que deles se tem feito foi a causa de não andarem todos do mesmo modo, padecendo alguns diminuição, outros misturando intoleráveis alterações. Por esta razão não deve estranhar-se o irem trocadas ou acrescentadas algumas palavras; porque neste ponto segui o que me pareceu mais ajustado, com conselho de amigos que melhor o entendiam.

Estes dois excertos não fazem senão confirmar o que afirmávamos *supra*: o cenário de edição setecentista caracteriza-se pela multiplicidade de fontes, na sua maioria manuscritas e pouco fiáveis, bem como pela intervenção ativa do editor sobre a literalidade textual. Neste contexto, resulta uma tarefa inabordável a de tentar deslindar cada um dos estratos que subjazem aos textos, pois, se em 1716 um editor tão competente quanto Matias Pereira da Silva expunha as suas dúvidas não só a respeito da letra dos textos, senão também sobre a sua autoria, o lapso temporal decorrido só amplifica as dificuldades – dentro das quais, a própria intervenção do editor setecentista é mais uma, pois a confissão que realiza é de carácter geral, sem em momento nenhum particularizar quais modificações realizou, nem onde.

Continua a sua carta Matias Pereira da Silva explicando um prudente critério de edição por ele adotado:

Não dou juntas todas as obras de cada um Autor; assim porque me pareceu mais conveniente que em todos os Tomos tivessem todas as partes, e deste modo multiplicados chegasse à notícia de todos a de cada um deles, como também para que se, depois de impressas juntas todas as obras de cada um, aparecesse outra de que eu não tivesse notícia, não ficasse privada do seu lugar entre as outras; porque dificilmente o teria particular depois de todas as outras já impressas e separadas.

Certamente, além da coerência, o editor não deixaria de perseguir também o lucro, repartindo as obras dos autores mais populares em diversos tomos, de modo que servissem como reclame aos leitores menos ávidos por autores novéis, alargando assim o público da obra.

## **5.2. A atribuição de autoria**

Constitui um dos aspetos que primeiro salta à vista do leitor do *Postilhão*, sem dúvida, a enorme frequência de poemas anónimos que nele constam. Graças ao sucessivo trabalho de edição de múltiplos estudiosos, nós conseguimos repor a autoria de uma boa parte deles, mas, contudo, são muitos os que permanecem anónimos ou de atribuição duvidosa. Para melhor compreender este fenómeno, recorreremos novamente ao depoimento de Matias Pereira da Silva, editor de *A Fénix*, que no início do tomo II, desta vez em forma de aviso intitulado “Aos Leitores”, assinala:

Em duas cousas pode reparar o Leitor: primeira, em darmos a algumas obras Autores<sup>5</sup> Anónimos; segunda, em atribuir a outros diferentes algumas que correm em nome de alguns determinadamente; quanto à primeira, pareceu conveniente dar-lhes Autor Anónimo, porque a todo tempo que se lhes descobrir o verdadeiro, tomará delas posse; porque assim lhe deixamos reservado o seu direito, ao qual prejudicaríamos se as adjudicássemos a algum determinado. Quanto à segunda, respondo que muitas destas obras andam roubadas a seus legítimos senhores, e conhecidas por tais devem restituir-se-lhes como suas.

---

5 No original, '*Antores*', por evidente erro material.

O próprio Matias Pereira da Silva insiste no mesmo assunto no aviso, novamente intitulado “Aos Leitores”, que antecede o tomo III d' *A Fénix*:

Neste Tomo me parece ainda precisa a advertência, que já foi no segundo, de que não estranhe o Leitor o ver atribuídas algumas obras a quem não tinha por seu Autor. Porque muitas estavam perfilhadas por quem lhe não dera o ser, ou por erro ou por furto. Poderá apontar vários exemplos para satisfazer ao Leitor, porém bastará por todos dizer que a Fábula de Polifemo que damos neste Tomo com o nome do célebre Jacinto Freire de Andrade (de quem é sem controvérsia) a vimos já em um manuscrito com o nome do não menos célebre António Barbosa Bacelar, o que sem dúvida foi erro. Destes fizemos o que foi possível por nos livrar, conferindo os manuscritos que tínhamos com os que muitos curiosos com generoso ânimo nos ofereceram. Esta advertência bastará para sossegar alguns génios mais escrupulosos.

Não temos mais alternativa que confiar no bom critério de Matias Pereira da Silva, depois adotado por Ângelo de Moraes, exceto quando possuímos provas em contrário – como acontece, no caso do primeiro, a respeito da atribuição errónea a Diego de Monroy de um poema de António da Fonseca Soares; ou, no tocante ao último, a propósito de Violante do Céu, aspeto que comentaremos a seguir, na epígrafe §5.3.

De mais a mais, é de justiça destacar que as provas a que fizemos referência não representam – na maioria dos casos – mérito nosso, mas dos editores modernos que se debruçaram sobre a produção poética barroca, deitando sobre ela a luz que a nós serve de guia.

### **5.3. A (auto)censura das publicações impressas**

Falámos repetidamente, nas páginas anteriores, da multiplicidade de manuscritos contendo poemas barrocos. É esta uma moda antiga, que nasce na época medieval e que perdura, com menor intensidade à medida em que a produção impressa se amplia e institucionaliza, pelo menos até ao Romantismo. Ora bem, além de considerar tal multiplicidade na sua faceta problemática, como fizemos até agora, é preciso entendê-la também noutras dimensões. Por um lado, como amostras de crítica literária por parte do

público recetor; por outro, como mecanismos de socialização da leitura, em círculos privados; e ainda, em relação com a anterior, como estratégias para a circulação de textos que a censura não permitiria imprimir.

Há que lembrar que, mais do que de censura, haveria que falar em censuras, pois qualquer impresso havia de passar por três órgãos censores, os quais eram, pela ordem: a censura do Santo Ofício, a do Ordinário e a do Paço. Todas as três instâncias (a Inquisição, o Bispado e a Coroa) deviam outorgar as respetivas licenças para que a obra pudesse ser impressa ou, em termos da época, correr. Para maior garantia, após a primeira licença de cada uma das instâncias mencionadas, era preceptiva a revisão do material, após a qual se concediam as segundas – e definitivas – licenças. O leitor poderá conferir este facto nas páginas iniciais dos dois Ecos que ora publicamos.

Obviamente, a existência desta tripla censura – doutrinal, eclesiástica e política – impunha ao editor coetâneo limites que a prudência aconselhava a não transpor. Boa prova disto é o ambíguo testemunho de Matias Pereira da Silva, que no fim da carta-proêmio ao Tomo I, afirma:

Não tenho tenção de dar lugar nestes Tomos às obras que por profanas e impudicas o não merecem. Porque o meu intento é de aproveitar a quem as ler com a erudição e exquisita suavidade; e não de destruir os bons costumes. Nem se deve estranhar a resolução, que mais seria digna de um Religioso, porque a modéstia também pode andar de capa e espada. Nem sei que haja obrigação de pôr de parte o pejo a quem não vive dentro em Claustros. Quanto mais, que ainda que quisera dar-lhe aqui lugar, de que são indignas, lho não deixariam lograr os a quem pertence a correccção de semelhantes profanidades. Sae por ora a experimentar fortuna este primeiro Tomo, e se a tiver boa como espero, sairão logo os outros (que são bastantes e estão correntes) agradecer o bom agasalho do primeiro. Aos leitores não peço se abstenham da censura, porque a não podem ter obras tão grandes. Só peço o agradecimento do meu trabalho, de que resultará não pouca glória aos Portugueses, manifestando-se o grande e superior de seus engenhos.

Mais do que uma confissão de fé e acatamento, o texto citado parece uma prevenção e uma velada crítica aos estamentos religiosos responsáveis pela censura. Repare-se, inclusive, em que no apelo aos leitores introduz a palavra 'censura', que, sem perder sua aceção de crítica negativa, pensamos que pode ser interpretada também no sentido administrativo: ou seja, pede ao leitor que não censure, pois já bastante censura haveria tido.

Provavelmente seja este motivo que explique a demora na aparição do quinto volume. Não por acaso, nesse tomo V, Matias Pereira da Silva adota um tom mais grave, se bem que dentro de uma extrema concisão, e denomina o seu escrito como “Prólogo”, de modo mais solene do que as anteriores cartas ou avisos ao leitor. Transcrevemos integralmente:

#### Prólogo

Leitor amigo, cansado estarás de esperar a repetição dos voos da minha Fénix, parecendo-te tanta demora já fraqueza de suas asas, já descuido da minha aplicação; não sendo um nem outro motivo causa de sua detença; mas sim, que estando já para se remontar generosa à esfera da luz, mão poderosa lhe cortou as asas, com que foi preciso deixar-lhas crescer e nascer-lhes novas penas para poder voar; o que hoje faz tão elevada neste seu quinto voo que excede muito aos da fama, e com tanto vigor que promete repetição de muitos voos até encher com os seus giros toda a esfera da tua curiosidade.

As proféticas palavras finais não tiveram cumprimento; muito pelo contrário: como é de todos sabido, esse quinto voo foi também o último d' *A Fénix*, apesar de que reiteradamente o editor havia prometido um número maior de volumes. Talvez a diatribe que acabámos de citar explique a descontinuidade do processo de publicação. Desde logo, não se pode atribuir tal facto ao insucesso da compilação, como demonstra a nova e ampliada edição de 1746.

Resta a dúvida, contudo, a respeito da poderosa mão que haveria cortado as asas d' *A Fénix*. Pelo visto no início desta epígrafe, parece ser a hipótese da censura religiosa – quer a do Santo Ofício, quer a da Diocese – a mais provável.

É muito provável que a censura religiosa explique o porquê da atribuição anónima, no *Postilhão*, de um poema de Gregório de Matos e Guerra, célebre inimigo da Inquisição; bem como a ocorrência de apenas um poema de Bernardo Vieira Ravasco, que além de inimigo do Tribunal do Santo Ofício, tinha a pecha de ser irmão de António Vieira, cujo processo inquisitorial é arqui-conhecido.

Mas, além da censura administrativa, com a conseqüente autocensura assumida pelos editores, aponta Ivo Castro mais um tipo de censura, que talvez coubesse qualificar como censura do pudor: a relativa à poesia profana de autores pertencentes a ordens religiosas, cuja reputação poderia ficar em questão por mor da publicação de composições que não condissessem com o seu estado.

No caso do *Postilhão*, isto afetaria nomeadamente à produção de Sórora Violante do Céu, pois apesar de ser a sua poesia a mais representada quanto a número de composições (não assim de versos, onde a prolixidade de Jerónimo Bahia o faz imbatível), porém não consta no cancionero uma só atribuição em seu nome. Ainda mais: o próprio Ângelo de Moraes, no poema-prólogo da obra, apesar de denominá-la “décima Musa” pelo valor de sua poesia, afirma que dela há um soneto no cancionero. Não nega que haja mais, mas parece deprender-se das suas palavras, o que constituiria uma ocultação que – não sendo atribuível à ignorância do editor, dificilmente justificável pela notoriedade da poeta aludida – deve responder, muito provavelmente, à censura do pudor a que nos referimos nas linhas anteriores. Vejamos as palavras literais de Ângelo de Moraes, que, após pintar um sarcástico retrato da fútil vida das damas da corte, traça um panegírico de Violante do Céu, em claro confronto com a frivolidade imediatamente antes criticada:

Desta regra se tira  
Maravilha fatal, que o mundo admira:  
Admira o mesmo Apolo tal Poeta,  
Rara na erudição e na brandura,  
Inda que os mesmos Astros inquieta.  
Ama do verso a frase sempre pura,  
Campa no mundo todo por discreta,  
Aonde só lhe agrava a formosura.  
Esta décima Musa

Tem mais que ciência infusa.  
Aqui no Livro brilha um seu Soneto,  
Na idea e assunto, em tudo o mais discreto.

#### **5.4. Breve digressão sobre o papel do editor**

Do mesmo modo que acontece com qualquer outra obra humana, é este nosso humilde contributo ao estudo da literatura portuguesa devedor de todos os que antes de nós exploraram as trilhas que agora nós tentamos continuar. Além dos grandes mestres contemporâneos nossos, já mencionados na Introdução desta tese, e de todos os que constam na bibliografia consultada, desejamos fazer uma homenagem aos editores setecentistas. Nada mais justo, pois certamente é com eles a nossa dívida maior.

Mas não desejamos ficar apenas na homenagem: mais do que isso, consideramos que existe uma certa irmandade entre todos aqueles que, como elos de uma mesma cadeia, nos dedicamos ao resgate dos textos literários, independentemente da época em que cada um trabalhe. Porém, mudam-se os tempos, e com eles mudam-se os critérios, pelo que é de todo ponto inegável que a evolução do papel do editor nos priva de algumas das prerrogativas de nossos colegas setecentistas. Nas seguintes epígrafes, o leitor poderá comprová-lo por si próprio: valha dizer, a modo de exemplo, que a nossa intervenção sobre a literalidade do texto se resume à regularização ou à atualização gráfica, à reposição de leituras deturpadas por erros materiais evidentes ou, ao sumo, a propor possibilidades de leitura/edição em contextos obscuros ou ambíguos.

Mas resta ainda um outro ponto que gostaríamos de apontar brevemente: falámos, nas páginas anteriores, dos problemas materiais da edição do *Postilhão*, aspeto que constituía uma das nossas principais preocupações na hora de realizar a presente pesquisa; porém, há uma segunda preocupação, não menos importante, que consiste em definir o público leitor a que, idealmente, a nossa edição se destina. Cremos que tal público – porventura restrito, mas nem por isso menos merecedor de nossa atenção – merece ser considerado como um dos elementos fulcrais da edição, na hora de estabelecer os critérios que esta há-de seguir. É por isto que, ao conceder um lugar de primazia ao leitor, tentámos realizar uma edição que – sem renunciar ao rigor academicamente exigível – seja apta para a leitura pelo público final, critério que inspirou as opções de edição que serão detalhadas

nas epígrafes a seguir.

Contudo, dado que o público leitor não é – e nem pode ser – homogêneo quanto ao seu perfil e às suas preferências, consideramos que, ao invés de impor uma determinada leitura – e, conseqüentemente, um tipo ideal de leitor, excluindo de todos os outros –, deveríamos oferecer não só a edição (parcialmente) atualizada que o leitor tem agora em suas mãos, apropriada para um público mais vasto, mas também uma edição paleográfica que atendesse aos leitores com um maior interesse pelas questões filológicas e ecdóticas. Tal edição paleográfica, como já foi dito, pode ser acessada através do endereço web <http://bit.ly/postilhao>.

## §6. Princípios ecdóticos da nossa intervenção

### 6.1. Atualização de arcaísmos gráficos

Como foi exposto na Apresentação, é nossa firme opinião que o maior mérito da presente tese, se algum tiver, radica no resgate de uma parte substancial – tanto quantitativa como qualitativamente – da produção poética dada à luz pelo Barroco português. Tal resgate, obviamente, só faz sentido se dirigido ao público leitor nosso contemporâneo. Por esse motivo, optámos por proceder a uma atualização de todos os arcaísmos gráficos do texto. Contudo, o estudioso ou o leitor curioso que desejar conhecer a edição paleográfica, também realizada por nós, poderá ter acesso a ela através do endereço web <http://bit.ly/postilhao>.

### 6.2. Manutenção de variantes com valor fonético

Se, por um lado, a consideração do texto como objeto literário concede um lugar privilegiado ao leitor, protagonista da experiência literária, por outro, o cancionero possui um inegável valor enquanto documento linguístico e histórico. A preservação desta dimensão documental, facilitando ao leitor o acesso ao estado de língua da época, informou o segundo de nossos princípios ecdóticos: o respeito à substância fónica do texto. Em consonância com tal princípio, a nossa edição manteve, registando-as nas pertinentes notas de rodapé, as irregularidades com valor fónico – notadamente as referidas ao vocalismo átono, as quais, como poder-se-á comprovar na leitura da epígrafe §4, constituem a grande maioria dos casos.

## §7. Critérios de edição textual

### 7.1. Tipos arcaicos

No *Postilhão*, só ocorre um tipo gráfico arcaico: o 's alto', ou ꝛ. Ao longo de sua evolução, a grafia ꝛ foi completamente substituída por s. E assim também em nossa edição. Dentre as inúmeras ocorrências no texto, citaremos apenas duas, em que se apreciam seus diferentes valores fonológicos, quer como /s/ quer como /z/:

defabrido → [leia-se: “foi editado”] desabrido

eftação → estação

### 7.2. Desenvolvimento de abreviaturas

Ocorrem, nos textos poéticos do cancionero, dois tipos de abreviaturas: (i) as abreviaturas de 'que' e de 'São'; e (ii) diversas abreviaturas nasais. Em todos estes casos, é evidente a necessidade de proceder ao seu desenvolvimento, tanto por uma questão de clareza tipográfica quanto de respeitar o metro dos respectivos versos.

A abreviatura de 'que' é, sem dúvida, a mais recorrente ao longo do texto. Optámos por desenvolvê-la, indicando em itálico os grafemas desenvolvidos:

q' → *que*

porq' → *porque*

es. aunq' → *es. aunque*

Por sua vez, a abreviatura de 'São' (na aceção de apócope por *Santo*) foi desenvolvida seguindo o mesmo critério:

S. → *São*.

Na rubrica do soneto “Ao Padre António Vieira pregando na degolação de São João Baptista” (II, 105), devido ao facto de a última parte da rubrica constar em itálico no original,

invertemos a convenção, editando

*S.* → *São.*

Também frequentes são as abreviaturas nasais: ã, ã, õ, ã. A abreviatura ã foi desenvolvida em *an* ~ *am*, conforme a regra atual do português prescrever em cada contexto:

*cãtando* → *cantando*

*quãdo* → *quando*

*cãpo* → *campo*

*eftãpa* → *estampa*

A sequência *–ãã* só ocorre em posição final, pelo que não deve ser considerada entre as abreviaturas, mas como indicação de tonicidade da vogal nasal. A nossa edição atualizou estas ocorrências em *–ã*:

*irmaãs* → *irmãs*

*manhaã* → *manhã*

A única exceção ao dito constitui-a o vocábulo *vaãglória*, em que a sequência *aã* aparece em posição interna, devido ao processo de composição lexical. Optámos pela grafia atual *vanglória*, pelo que neste caso a edição coincide com a seguida para a abreviatura. Embora do ponto de vista estritamente fonológico a edição mais coerente pudesse ser *vãglória*, o facto de ocorrer no cancionero o plural *vãaglórias* indica claramente que a lexicalização da composição já se encontrava consumada na altura, pois do contrário o primeiro elemento deveria ser pluralizado, aspeto que obviamente não acontece. É por isto que finalmente nos decidimos pela leitura *vanglória(s)*, por considerarmos que a edição, sem prejuízo da primazia outorgada com carácter geral aos aspetos fonológicos, deve tomar em consideração, outrossim, critérios de ordem gramatical.

Por sua vez, as abreviaturas *ẽ*, *õ* e *ã* foram desenvolvidas, respetivamente, como *en* ~ *em*, *on* ~ *om* e *un* ~ *um*:

decēte → decente  
Occidēte → Ocidente  
quē → quem  
tambē → também  
cōvencer-te → convencer-te  
hōrou → honrou  
cō → com  
incōprehēlível → incompreensível  
abūdancia → abundância  
mũdo → mundo  
algũ → algum  
hũa → uma

Naqueles casos em que a abreviatura nasal representa uma consoante nasal duplicada, tal abreviatura foi desconsiderada, para fazer coincidir o resultado da edição com a solução proposta para os casos de geminação consonantal, explicitada *infra*. Destarte, vocábulos como *chãma* ou *fũmo*, dentre tantos outros, foram editados, respetivamente, *chama* e *sumo*.

Devido ao facto de as abreviaturas nasais não representarem perda fonemática, bem como à sua abundância, decidimos não grifar em itálico os desenvolvimentos, por considerarmos que não acrescentaria valor à edição e redundaria numa desnecessária poluição visual.

Uma explicação à parte – por não possuírem implicações métricas – merecem as frequentes e muito diversas abreviaturas constantes nos paratextos: nestes casos, não se procedeu ao seu desenvolvimento, e apenas foram anotadas aquelas cujo uso não seja corrente: i.e., não foram desenvolvidas abreviaturas como *Sr.* ou *D.*, mas sim *M.R.P.M.* → *Mui Reverendo Padre-Mor*.

### 7.3. Resolução de ditongos nasais

No cancionero, o ditongo *–aõ* aparece grafado sistematicamente com o til nasal na

margem silábica; de resto, a mesma grafia corresponde ora à realização tónica ora à realização átona do ditongo. Na nossa edição, a grafia foi normalizada, seguindo a norma atual, em –ão, quando tónico, e em –am, quando átono:

entaõ → então

faõ → são

competiaõ → competiam

davaõ → davam

A grafia –an com valor de ditongo só ocorre, se bem que de maneira sistemática, na voz *San*, apócope de *Santo*: muito provavelmente esta grafia, irregular se comparada ao resto do cancionero, seja devida à influência gráfica da forma plena, motivo por que decidimos regularizá-la, editando *São*.

Um caso similar, o da grafia –am, produz-se na voz *Gram*, editada *Grão*: *Gram Mestre* → *Grão-Mestre*. A variante *Gran* foi igualmente editada *Grão*.

As formas plurais dos nomes em –ão aparecem no cancionero sob as grafias –oens e –ões, numa proporção de três a um a favor da primeira. Contudo, dado que a pronúncia é idêntica, optámos por normalizar todas as ocorrências em –ões:

Camoens → Camões

prizoens → prisões

garrochões → garrochões

razões → razões

Apenas num caso aparecem ambas as soluções conjuntamente: *põens* → *pões* (v. 17609).

O ditongo ãe também ocorre nas formas de presente do verbo *pôr* e de seus compostos. Não raro, observa-se a grafia *põem* (e *dispõem*, *opõem*, etc.) com valor de P3, portanto singular; nesses casos, a edição foi atualizada em *põe* (e *dispõe*, *opõe*, etc.), dado que a consoante nasal final não possui realização fónica, como prova a equivalência de ditongos assinalada no início deste ponto.

Por último, o ditongo –ãe apresenta apenas quatro ocorrências, sob três diferentes grafias. Em todos os casos, trata-se de nomes, dos quais um singular e três plurais. Em singular, ocorre *mãy*, que nós editamos *mãe*. Em plural, *capitães*, *caens* e *paens*, que foram editados *capitães*, *cães* e *pães*, respetivamente, seguindo o mesmo critério aplicado no caso da alternância –oens ~ –ões.

#### 7.4. Resolução de outras grafias vocálicas nasais

Quanto a outros casos de vocalismo nasal, ocorrem no cancionero três vocábulos, cada um dos quais apresenta uma particularidade diferente: *galan* foi editado *galã*, seguindo a norma gráfica atual; a terminação gráfica de *Joven* foi regularizada em *Jovem*; e *bõa* foi editado *boa*, pois a nasalidade do hiato é um vestígio gráfico, sem qualquer valor fonológico na altura da composição.

#### 7.5. Vocalismo oral

No que diz respeito ao vocalismo oral, foram regularizados conforme à norma atual os usos de *y* → *i*, quer quando fazendo parte de um ditongo (*regey* → *regei*, *muy* → *mui*, *ayroso* → *airoso*) quer quando aparecendo com valor anti-hiático (*Troyano* → *Troiano*, *meyo dia* → *meio-dia*). A única exceção é a da palavra *mãy*, editada *mãe*, como comentado supra.

A propósito de grafias anti-hiáticas, vale dizer que foi mantida a leitura do texto, sem realizar qualquer integração: portanto, o leitor encontrará com frequência formas tais quais *enlea*, *areas*, *serea* ou *refrea*, ao invés das correspondentes formas atualizadas. Além de representar uma lógica consequência dos princípios ecdóticos enunciados no começo do presente capítulo, esta opção de edição em nada prejudica a compreensão ao leitor moderno.

A opção mais difícil de todo o trabalho de edição foi a referida à grafia hiática dos ditongos em posição final absoluta. Concluímos manter a leitura original do cancionero, por quanto resultaria dificilmente justificável regularizar, por exemplo, *ágoa* → *água* e, porém, manter *mágoa*. Ainda mais, quando estas duas palavras formam rima em numerosas ocasiões ao

longo do texto. Destarte, foram mantidas as formas ágoa (por água), vio (por viu), sinaes (por sinais), nao (por nau), heróe (por herói), céo (por céu), dentre muitas outras. Naqueles casos em que pudesse existir ambiguidade, foi anotada a pronúncia correspondente: notadamente, no caso dos pretéritos caio e saio (por caiu e saiu).

## **7.6. Acentuação e pontuação**

A acentuação original do cancionero é extremamente irregular e, em linhas gerais, esporádica, motivos por que foi completamente atualizada. Portanto, a responsabilidade pela acentuação é nossa.

Os únicos casos especiais de acentuação referem-se à aglutinação de partículas temporais. Neles, mantivemos a acentuação do texto original: atégora, atéqui e jágora.

Quanto à pontuação original do cancionero, além de algumas irregularidades, apresenta sobretudo excessos que dificultariam desnecessariamente a leitura, pelo que também foi atualizada no labor de edição. Um ponto, porém, que foi escrupulosamente mantido é o uso de parênteses tal como consta no cancionero.

## **7.7. Uso de maiúsculas e hifenização**

Todas as maiúsculas constantes no original foram mantidas, por refletirem um uso próprio da altura que, em não poucas ocasiões, possui implicações ideológicas. Em contados casos, procedeu-se ao acréscimo de maiúsculas, sempre anotadas.

Nas rubricas ou didascálias, também foi mantido o uso das maiúsculas, mesmo quando ortograficamente não correspondesse: por exemplo, após o uso de vírgula no final da linha anterior, como se pode apreciar – dentre outros casos – na rubrica da p. I, 33.

No tocante à hifenização da ênclise pronominal, o cancionero apresenta numerosas irregularidades, pelo que este aspeto foi nivelado na nossa edição, reproduzindo a norma moderna. Portanto, a hifenização também é da responsabilidade do editor.

Além da hifenização enclítica, há mais alguns casos esparsos em que se realizou a integração da hifenização: assim, baixamar foi editado baixa-mar, ElRey como El-Rei, enquanto Grã Bretanha o foi como Grã-Bretanha, Gram Mestre como Grão-Mestre, Capelão Maior como Capelão-Maior, tão somente como tão-somente, toque emboque como toque-emboque, ha de como há-de, Bẽ me queres como Bem-me-queres, e bemaventurança e bemaventurado como bem-aventurança e bem-aventurado.

## 7.8. Resolução de apóstrofes e de contrações

Os apóstrofes, quando indicadores de elisão fonética, foram mantidos:

co' a → co' a

d' ouro → d' ouro

m' explicasse → m' explicasse

Somente nos casos em que a elisão já foi resolvida, na norma gráfica, em forma de contração, optámos pela grafia normativa:

n' outra → noutra

n' um → num

Pelo que diz respeito à edição de contrações, foram mantidas tal como figuram no texto original. Do mesmo modo, também a sua ausência foi respeitada; assim, o leitor encontrará no texto tanto na como em a, ou de antes ~ d' antes, em contextos perfeitamente análogos.

## 7.9. Aglutinação e desaglutinação de compostos

As locuções a pesar, com tudo, de pressa, de vagar e em quanto foram aglutinadas em apesar, contudo, depressa, devagar e enquanto, respetivamente. As formas em fim e emfim, que se alternam ao longo do cancionero, foram unificadas em enfim. Por sua vez, a locução deforte foi desaglutinada em de sorte, bem como de balde em de balde.

A forma *porque* foi desaglutinada em duas ocorrências (vv. 627 e 10481), em que corresponde à preposição *por* seguida de um *que* relativo.

Quanto à voz *comvosco*, foi mantida a aglutinação, mas com a atualização da grafia em *convosco*.

Um caso especial é o constituído pela frequente confusão entre *senão* ~ *se não*, que foram aglutinadas ou desaglutinadas, em cada caso, para adaptá-las ao uso gráfico atual, sendo que a respetiva alteração foi registada em nota de rodapé. Foi mantida a alternância nas *VOZES* *por ventura* ~ *porventura*.

### 7.10. Grafia *h*

Os usos da grafia “*h*” no cancionero são altamente irregulares, e foram atualizados na nossa edição. Assim, foram suprimidos os usos de *h-* inicial absoluto, tanto quando etimológico (*harpoens* → *harpões*, *hervinhas* → *ervinhas*, *Hespanha* → *Espanha*, *hora* → *ora*) quanto em casos em que sua aparição for antietimológica (*he* → *é*, *hum* → *um*, *hũa* → *uma*). Analogamente, foi repostado quando necessário:

*arpa* → *harpa*

*Orizonte* → *Horizonte*

Em posição interna, foram suprimidos os usos que diferem da norma atual, tanto depois de consoante (*anhéla* → *anela*, *deshumanos* → *desumanos*, *inhabitado* → *inabitado*) quanto em posição intervocálica (*sahindo* → *saindo*).

Foi mantida a alternância nas grafias da interjeição *ó* ~ *oh*, comum até hoje na escrita.

### 7.11. Grafias latinizantes

As grafias arcaizantes, herdeiras da tradição gráfica latina (nos cultismos propriamente latinos e nos helenismos por ela transmitidos) foram regularizadas em todos os casos, por não possuírem valor fonológico mas constituírem simples vestígios gráficos.

O grupo *-nct-* foi editado *-nt-*:

*distincta* → *distinta*

*extincto* → *extinto*

O grupo *-mpt-* foi editado *-nt-*:

*affumpto* → *assunto*

*symptoma* → *sintoma*

O grupo *-pt-*, por sua vez, foi editado *-t-*:

*captiva* → *cativa*

*defcriptas* → *descritas*

*concriptos* → *conscritos*

O grupo *-mph-* foi editado *-nf-*:

*Memphis* → *Mênfis*

*triumpho* → *trunfo*

O dígrafo *ph* foi editado *f*:

*delphico* → *délfico*

*zephiro* → *zéfiro*

Exceccionalmente, foi mantida a grafia *Joseph*, por se tratar de um antropónimo, categoria nominal que, como é bem sabido, apresenta – até mesmo na atualidade – um comportamento gráfico mais conservador que o do léxico comum. Em §7.16 tratam-se todos os casos análogos a este.

O grupo *gn* foi editado *n*, exceto nos cultismos em que ainda se mantém como grafia normativa:

affignála ~ affigná-la ~ affignalla → assinala

Ignez → Inês

Ignacio → Inácio

Mas foram mantidas formas como ignorante, ígneo, desígnio...

O grupo gm foi editado m:

augmêto ~ augmento → aumento

augmentar → aumentar

O grupo chr foi editado cr:

Chrifto → Cristo

fepulchro → sepulcro

O dígrafo th foi editado t:

cithara ~ cythara → cítara

Throno → Trono

As únicas exceções dizem respeito a nomes bíblicos em que a grafia th ainda é de uso corrente: Esther, Judith e Membroth, formas que foram mantidas na nossa edição.

O dígrafo ch, quando correspondente ao fonema /k/, foi editado c ou qu, de acordo com a norma atual:

chara → cara

Monarcha → Monarca

architectura → arquitectura

Cherubim → Querubim

O dígrafo **rh** foi editado **r**:

Pharrhafio → Farrásio

rhetoricos → retóricos

As grafias geminadas também foram simplificadas. Assim, o dígrafo **tt** foi editado **t**:

promette → promete

lettas → setas

O dígrafo **ll** foi editado **l**:

eftrellas → estrelas

véllo → velo

O dígrafo **pp** foi editado **p**:

apparente → aparente

oppor → opor

O dígrafo **ff** foi editado **f**:

differentes → diferentes

offrecem → oferecem

O dígrafo **mm** foi editado **m**:

commutavaõ → comutavam

flammante → flamante

O dígrafo **nn** foi editado **n**:

anno → ano

innumeravel → inumerável

Por sua vez, o grupo *mn* foi editado *n*, exceto nos casos em que a norma atual mantém a grafia culta:

*columna* → *coluna*

*fomno* → *sono*

Os casos de manutenção do grupo *mn* referem-se às vozes *Omnipotencia*, *Memnon* e *Polymnia*, editadas, respetivamente, *Omnipotência*, *Mémnon* e *Polímnia*. Por sua vez, *comnosco* foi editado *connosco*.

O grupo *cc*, quando correspondente à pronúncia geminada /kk/, foi simplificado em *c*:

*accrescentar* → *acrescentar*

*occulto* → *oculto*

Os grupos *ps-* e *chl-*, comuns em posição inicial absoluta em vozes cultas, não apresentam nenhuma ocorrência no cancionero.

## 7.12. Grafia de consoantes sibilantes

O registo gráfico do subsistema consonântico das sibilantes é o que apresenta o maior número de irregularidades, e por isso o que precisa de uma exposição mais detalhada.

A grafia *ç-*, em posição inicial absoluta, foi editada *s-*:

*çapateiro* → *sapateiro*

*çoçobrado* → *soçobrado*

Em posição intervocálica, ocorre a grafia *-ç-* por *-ss-*, casos em que optámos pela reposição de *-ss-*: *alviçaras* → *alvíssaras*, *condeça* → *condessa*, *fracços* → *fracassos*. O oposto acontece em *trapassa* → *trapaça*.

Noutros casos, o grafema *ç* foi editado *c* (perante vogal palatal) ou *s* (em posição explosiva pós-consonantal), normalizando a leitura. São exemplos da edição *ç* → *c*:

offereçe → oferece, teçem → tecem e téçes → teces; e da edição ç → s: cançada → cansada, defcançar → descansar, defcanço → descanso e farça → farsa. Apenas num caso foi necessário proceder à edição ç → s em posição intervocálica, e além do mais trata-se de uma voz estrangeira, na qual se verifica uma perfeita correspondência fonética entre a pronúncia original e a grafia do cancionero, onde se lê *Garcilaço*, que foi editado *Garcilaso*.

No que diz respeito à grafia ç, produz-se ainda mais uma irregularidade, relativa ao uso do sufixo –ção por –são, apenas na voz *pertenção* → *pertensão* (por sua vez, forma irregular por *pretensão*).

Quanto à grafia c, apresenta contadas irregularidades: registámos unicamente *ancia* e *socego*, com valor fonológico de /s/, que foram editados *ânsia* e *sossego*, respetivamente; *parocismo*, com valor bifonemático /ks/, editado por nós *paroxismo*; bem como *esparcido* e *esparcidas* (por *esparzido* e *esparzidas*), formas que foram mantidas e anotadas.

No tocante à representação gráfica do fonema /ʃ/, o original apresenta três irregularidades, todas elas normalizadas na nossa edição. A grafia *ch* foi editada *x* em *cochim* → *coxim* e *enchabida* → *enxabida*; o contrário, isto é a substituição de *x* por *ch*, ocorre em *flexas* → *flechas* e *aproxas* → *aproxhes*.

A grafia *x* aparece por *s*, em posição implosiva, nas vozes *explendor* e *explêndido*, editadas por nós *esplendor* e *esplêndido*, respetivamente.

Pelo que se refere à grafia *z*, apresenta um elevado grau de regularidade. Unicamente nos vocábulos *atraz* e *vez* – editados por nós respetivamente *atrás* e *vês* –, bem como em posição intervocálica, ocorrem algumas exceções, nas quais se procedeu à edição *z* → *s*:

*auzencias* → *ausências*

*pizando* → *pisando*

O fenómeno contrário, isto é a substituição de *s* por *z*, constata-se apenas nas vozes *suavisa* → *suaviza* (em posição intervocálica) e *entremes* → *entremez* (em posição final).

Um caso insólito é o da forma *espeza* → *espessa*, única ocorrência da grafia intervocálica *-z-* em lugar de *-ss-*.

Outro caso de confusão envolvendo a grafia *s* ocorre na palavra que dá nome ao outro grande cancionista barroco: assim, no original *grafa-se Fenis* ~ *Feniz*, que foi regularizada em *Fénix*. Idêntico fenómeno fonológico acontece em *Luiz* → *Luís*, *Braz* → *Brás* e *Marquez* → *Marquês*.

Foi mantida a alternância *sc* ~ *c*, presente no original: *florescentes* ~ *florecentes*, *resplandecente*, *acrescenta*, *noscivo*.

Um caso à parte, pela extrema irregularidade gráfica que apresenta, é *safira*. No original, aparece sob as formas *zafir* ~ *çafir*, *zafiro*, *çafyra*, que foram editadas, conforme os critérios supracitados, *safir*, *safiro* e *safira*, respetivamente.

### 7.13. Grafia dos grupos *-cc-*, *-ct-*, *-cç-* e *-pç-*

A grafia dos grupos com elemento inicial *c* constituiu um dos maiores desafios da edição, pois a depender dos casos a norma atual ora opta por mantê-los, ora por simplificá-los. A eleição da manutenção da representação original, em todos os casos, daria lugar a um excesso de grafias sem valor fonológico; por sua vez, a simplificação de todos eles originaria um desnecessário estranhamento no leitor. Perante tal situação, optámos pela atualização das grafias referidas, seguindo para todas elas a norma atual.

O grupo *cc*, correspondente à pronúncia /ks/, não apresenta nenhum caso de manutenção, mas são numerosos os contextos em que foi simplificado, a exemplo de *accidente* → *acidente*, *accelerado* → *acelerado* e *successiva* → *sucessiva*.

Por sua vez, a grafia *cç* foi mantida em vozes como *protecção*, porém simplificada noutras como *introducção* → *introdução*. Por último, a grafia *ct* manteve-se em *architettura* → *arquitectura* e *invicta*, mas foi simplificada em *diftricto* → *distrito*, *víctima* → *vítima* ou *práctica* → *prática*.

Seguindo o mesmo critério, também foi atualizada a única ocorrência do grupo *-pç-*:

descripção → descrição, de jeito análogo ao praticado com o grupo –pt–, já comentado em §7.11.

#### 7.14. Outras grafias consonantais

Foram realizadas, além das mencionadas nos itens anteriores, outras regularizações esporádicas: g → j, em Magestade → Majestade, ou –n → –m, em jasmin → jasmim.

#### 7.15. Manutenção de variantes

As variantes que representam diferentes pronúncias foram mantidas, sem exceção, apesar de em alguns casos refletirem não só uma realização fonética diferenciada, mas também – e acima de tudo – uma variante exigida por motivos métricos, como por exemplo a alternância *ainda* ~ *inda*.

Outro caso de alteração em posição inicial absoluta, embora neste caso se trate de prótase, por provável interferência do castelhano, é *(a)donde*, que ao longo do texto alterna com *(a)onde*.

Em posição final, foi mantida a duplicidade de formas *rubi* ~ *rubim*. Quanto às diversas formas de *safira*, veja-se o que foi comentado *supra*.

Outras variantes mantidas dizem respeito ao vocalismo: tanto no átono, com a alternância *resplendor(es)* ~ *resplendor(es)*; quanto no tónico, em que se aprecia uma esporádica vacilação entre os ditongos *ou* ~ *oi*, em vozes como *noite* ~ *Noutel*.

Por sua vez, a esporádica aparição de grafias popularizantes de grupos cultos foi mantida, como em *framengos*.

#### 7.16. Um caso especial: os antropónimos

Devido ao facto de os antropónimos constituírem uma categoria que apresenta traços notadamente conservadores quanto à grafia, não apenas na altura da composição como

também nos nossos dias, optámos por manter certas grafias de nomes e sobrenomes que, em que contrariem os critérios gerais de edição, consideramos justificadas pelo seu uso generalizado ao longo da história da língua. Tais casos de manutenção são os referidos aos antropónimos Joseph (por José ou Josefo) e Menezes (por Meneses).

Porém, aquelas outras formas que no português europeu já encontraram uma acomodação gráfica definitiva, e nas quais a presença de grafias antigas é testemunhal, foram atualizadas, como acontece nos casos Luiz → Luís e Braz → Brás.

### **7.17. Critérios de edição das composições em castelhano**

As composições em castelhano foram editadas seguindo os mesmos princípios ecdóticos aplicados à língua portuguesa. Por isso mesmo, expõem-se a seguir, de maneira sucinta, apenas algumas peculiaridades da edição em castelhano:

- A norma gráfica e fonológica adotada como referência é a do castelhano ou espanhol europeu culto, como não poderia ser de outro modo por se tratar da edição de um cancionero ibérico.
- As grafias arcaicas, o desenvolvimento de abreviaturas, a edição do vocalismo oral, a acentuação, a pontuação, o uso de maiúsculas, a resolução de apóstrofos e contrações, a aglutinação/desaglutinação de compostos, os usos do grafema h, bem como a edição das grafias latinizantes e dos grupos consonantais, foram submetidos aos mesmos critérios já explicitados para o português – com as necessárias adaptações à norma gráfica espanhola, nos casos de atualização; e com a anotação pertinente, nos casos de manutenção.
- Os signos de interrogação e de admiração iniciais, próprios do castelhano, foram integrados.
- As formas verbais que apresentam ênclise pronominal hifenizada foram regularizadas segundo o uso gráfico espanhol: Mirad-me → Miradme.
- A drástica simplificação do subsistema de sibilantes que ocorreu na língua

castelhana obrigou-nos a uma profunda reestruturação gráfica, neste ponto, a respeito do texto original. A seguir explicitam-se as mudanças realizadas:

- as grafias correspondentes ao actual fonema /θ/ foram atualizadas, com a conseguinte substituição de ç por z: mudança → mudanza, tardança → tardanza, esperança → esperanza, disfarçadas → disfarzadas (por disfrazadas); outrossim, procedeu-se à substituição de z perante vogal palatal por c: azero → acero, hazer → hacer, prazer → placer, dizis → dicís (por decís);
- ainda sobre as grafias correspondentes ao actual fonema /θ/, procedeu-se a normalizar a alternância f ~ z em posição intervocálica: eternifa → eterniza. Esta alteração não oferece a menor dúvida, já que no mesmo poema, e em posição de rima com eternifa, se encontram as vozes immortaliza → imortaliza (por inmortaliza) e foleniza → soleniza (por solemniza);
- em posição de margem silábica, apenas foi necessária uma substituição de f por z, concretamente na voz juřgada → juzgada;
- a grafia duplicada ff foi simplificada e atualizada em s: affegure → asegure, affí → así, deffe → dese (por de ese), pallada → pasada, polfeyendo → poseyendo;
- as grafias correspondentes ao fonema /x/ foram regularizadas de acordo com a norma castelhana actual: assim, editámos executivo → ejecutivo ou exemplo → ejemplo, vozes que não admitem dúvida quanto à pronúncia velar da grafia “x”, dada a presença de vozes como zagalejas ou juřgada → juzgada, que incorporam a grafia moderna do referido fonema.
- No cancionero, produz-se uma confusão entre as grafias correspondentes ao fonema /b/, isto é b ~ v, anomalia que foi regularizada na nossa edição: agrabio → agravio, bolverla → volverla, alvedrio → albedrío, deve → debe, eřciviendo → escribiendo. Provavelmente, nos três últimos casos se possa falar num lusismo gráfico, mas em qualquer caso, por ser irrelevante do ponto de vista fonológico, optámos pela não manutenção de tais formas.

### 7.18. Critérios de edição das frases latinas interpoladas

As frases ou locuções latinas interpoladas em meio às composições ora em português ora em castelhano, foram mantidas *ipsis litteris*, no que diz respeito ao conteúdo, e em itálico, tal como constam no cancionero, no referente à forma. Quando o impressor, inadvertidamente, omitiu o grifo, nós procedemos à sua reposição, em cujo caso tal intervenção aparece anotada.

### 7.19. Critérios de edição das composições bilíngues português/espanhol

Obviamente, nas composições bilíngues foram observados os critérios de edição estabelecidos, com carácter geral, tanto para as composições numa língua quanto na outra, os quais foram explicitados nas páginas precedentes.

### 7.20. Alia

Outros aspetos relevantes da edição, não comentados nos itens anteriores, são os relacionados a seguir:

- as gravuras que ilustram o cancionero, presentes sobretudo no final das composições poéticas, não foram mantidas, devido à dificuldade de reproduzi-las e ao facto de não possuírem qualquer relação significativa com o texto poético antecedente;
- as rubricas e didascálias foram mantidas não somente na sua literalidade, mas também na sua forma tipográfica;
- as notas aos paratextos iniciais, prévios ao cancionero propriamente dito, remetem às notas aos textos poéticos nas quais se trata – de um modo mais pormenorizado – o fenómeno anotado;
- as notas a um mesmo verso são sinalizadas mediante uma seriação alfabética: p.ex., o verso 5750 recebe três notas, referidas respetivamente como notas **a**, **b** e/ou **c** ao v. 5750;
- a atribuição de autoria faz-se mediante anotação, com caracteres em versaletes e negrito: p. ex., **VIOLANTE DO CÉU**.

## CAPÍTULO II – ESTUDOS

### Filiação do cancioneiro, fichas biobibliográficas, estudo linguístico e micrologia literária

#### §8. A relação entre *A Fénix* e o *Postilhão*

Como foi dito no capítulo introdutório, existe uma estreita relação entre os dois grandes cancioneiros coletivos da poesia barroca portuguesa: *A Fénix Renascida* e o *Postilhão de Apolo*. A análise de tal relação, que será objeto da nossa atenção nas linhas a seguir, é imprescindível para entender o verdadeiro valor do cancioneiro cuja edição e cujo estudo são objeto da presente tese.

*A Fénix Renascida*, como é bem sabido, constitui o maior repositório da poesia barroca. Trata-se de uma compilação volumosa tanto pela extensão (cinco tomos de algo mais de 400 páginas cada um) quanto pela abrangência temporal, a diversidade de autores e a exuberância estilística.

A edição *princeps* d' *A Fénix* data do período compreendido entre 1716 e 1728. A sequência da edição foi a seguinte: tomo I, ano 1716; tomo II, 1717; tomo III, 1718; tomo IV, 1721; e tomo V, 1728. O sucesso da obra foi incontestável, como se depreende de diversos fatores: (i) a aceitação por parte do público leitor durante o longo período de publicação; (ii) o ritmo de edição dos primeiros tomos, um ao ano; (iii) a publicação de uma segunda edição, em 1746; e (iv) a aparição, quase meio século após o início da publicação d' *A Fénix*, do *Postilhão de Apolo* (1761-1762), por sua vez objeto de uma imediata reedição (1762).

Valeria acrescentar, como mais um testemunho do sucesso da poesia barroca, decerto não menos importante que os já mencionados, a proliferação de academias literárias cujas composições eram realizadas nos moldes do barroco, instituições cuja existência perpassa a segunda metade do século XVII e as primeiras décadas do XVIII e que, paradoxalmente, acabaram servindo de exemplo para as agremiações arcadistas.

Este sucesso prova que a poesia barroca contou, pelo menos até ao limiar do último terço do século XVIII, com um numeroso público leitor, apesar das crescentes críticas negativas e da emergência de novos modos literários, notadamente do arcadismo.

Os dois primeiros volumes são dedicados, quase na íntegra, às composições de Bacelar, Baía e Violante; o segundo inclui uma esmagadora maioria de obras de António Barbosa Bacelar; no terceiro predominam as obras de Baía, mas inclui-se na sua segunda metade um conjunto de sonetos de Francisco de Vasconcelos Coutinho e vários romances de Jacinto Freire de Andrade; no quarto destacam de novo Baía e Bacelar, neste caso juntamente com Diogo de Monroy e Vasconcelos; o quinto e último volume mostra uma maior diversidade de autores, se calhar porque o sucesso dos anteriores animou alguns académicos a dar o seu contributo: predominam nele as obras de António da Fonseca Soares e de Tomás de Noronha, mas também há uma notável representação de Violante, Bacelar e D. Francisco Manuel de Melo.

Se bem os três autores – Bacelar, Baía e Violante – mais representados n' *A Fénix* o são também no *Postilhão*, porém numa primeira aproximação chama a atenção, do ponto de vista quantitativo, a ausência no *Postilhão* de autores como Tomás de Noronha, Jacinto Freire de Andrade ou Francisco Manuel de Melo, bem como a mínima presença de António da Fonseca Soares, todos eles bem representados n' *A Fénix*.

Tendo em conta que dos 82 poemas d' *A Fénix* presentes no *Postilhão*, 70 pertencem ao tomo I e outros 11 ao tomo III d' *A Fénix*, é muito provável que sejam esses os únicos volumes aos quais teve acesso o compilador do *Postilhão*, Ângelo de Moraes: isso explicaria satisfatoriamente a ausência de nomes como os indicados supra, pois as suas composições foram recolhidas nos restantes tomos d' *A Fénix*, já que por motivos estéticos seria dificilmente inteligível a sua exclusão.

Esta circunstância possui uma outra implicação sobre a nossa pesquisa, como é a de dificultar notavelmente a inferência sobre os modelos de autor vigentes na segunda metade do século XVIII entre o público leitor e cultor da literatura barroca, pois além da tríade Bacelar / Baía / Violante já mencionada, apenas podemos incluir os autores cujos textos são explicitamente glosados – Camões (6 glosas a 4 textos diferentes) e Francisco Rodrigues Lobo (3 glosas ao mesmo texto, o seu célebre soneto *Formoso Tejo meu, quão*

*diferente*), sendo que todos eles foram glosados por Bacelar, salvo uma oitava da Égloga V camoniana, objeto de glosa por um autor anónimo – e aqueles cujas composições serviram de modelo implícito, como é o exemplo óbvio de Góngora a respeito da *Fábula de Polifemo e Galatéa* da autoria do Baía. Resta, porém, a dúvida quanto à fortuna de que gozavam na altura os textos de outros autores brilhantes como António da Fonseca Soares, Tomás de Noronha, Jacinto Freire de Andrade, Francisco de Vasconcelos Coutinho ou Diogo de Monroy e Vasconcelos.

Por sua vez, a escassa representação, na própria *Fénix* (que se converte no *Postilhão* em quase total ausência), de autores da qualidade e do prestígio de Francisco Rodrigues Lobo, de D. Francisco Manuel de Melo ou de Júlio de Melo e Castro – este, único dos três com presença no *Postilhão*, graças a um só soneto da sua autoria recolhido d' *A Fénix* – é talvez explicável pela publicação autónoma de suas obras, de modo que já fossem suficientemente conhecidas do público leitor como para não precisar constar de antologias coletivas.

Mas, indo ao cerne da questão, até que ponto é o *Postilhão* filho ou, por outras palavras, uma simples antologia tardia d' *A Fénix*? ou, pelo contrário, deve ser considerado um cancionero autónomo? A nossa resposta é – só pode ser – dúplice: o *Postilhão* não chega a ser uma antologia d' *A Fénix* e, ao mesmo tempo, é muito mais do que isso.

Para poder perceber corretamente a resposta, é preciso recorrer aos dados, todos eles constantes da Tabela nº 10 (no Apêndice nº 3). Eles demonstram, por uma parte, que mais do 40% (entre o 41,2% e o 44,4%) dos textos e dos autores que aparecem no *Postilhão* são exclusivos dele, i.e. não constavam n' *A Fénix*, pelo que se torna evidente o elevado grau de autonomia do *Postilhão*: assim, **não cabe seguir a falar numa relação de filiação do *Postilhão* a respeito d' *A Fénix***. Mas por outra parte, ao mesmo tempo, o facto de que só o tomo I e um conjunto de sonetos do tomo III d' *A Fénix* estejam representados no *Postilhão* – que exclui por completo os tomos II e V e só acidentalmente coincide num texto presente no tomo IV d' *A Fénix* – faz **duplamente injusta a sua consideração como antologia**: injusta para o *Postilhão*, por fazê-lo dependente de um outro texto; e injusta para *A Fénix*, merecedora de uma antologia mais completa e abrangente tanto em número de textos quanto em diversidade de autores.

O *Postilhão* é, assim pois, um cancionero autónomo, ainda que estreitamente vinculado à *Fénix*, sem por isso limitar-se a antalogá-la. Pelo contrário, no *Postilhão* incluem-se novas vozes – entre elas, a de Eusébio de Matos, cujo diálogo poético com Bernardo Vieira justificaria por si só a publicação do *Postilhão*; ou as de Gregório de Matos, Baltasar Estação ou Francisco Xavier de Menezes – e, acima de tudo, um seletto ramalhete de poemas produzidos nas academias contemporâneas. Esses textos são, nomeadamente, sonetos que se intercalam entre outros provenientes d' *A Fénix*, de modo que se produz um convívio entre textos de autores tidos como modelos e textos da autoria dos confrades das academias que serviam de público leitor e divulgador do próprio *Postilhão*. Ou seja, **o *Postilhão* funciona neste sentido como um espelho de duas faces**: enquanto uma delas mostra aos novos escritores os modelos a seguir, a outra projeta ao exterior a imagem dos mais seletos frutos obtidos do cultivo poético realizado nas academias.

De resto, diga-se de passagem, o papel das academias não apenas como laboratórios de criação poética, mas também como núcleos de reflexão teórica sobre a literatura e em geral sobre as ideias contemporâneas, seria merecedor de uma tese aparte. No decurso da nossa pesquisa, achamos livros impressos – até onde sabemos, desconhecidos até agora para a crítica literária – que demonstram o ingente trabalho que algumas das academias portuguesas realizaram com o intuito de articularem **uma discussão teórica e uma elaboração programáticas autónomas**, ainda que com lógicas influências castelhanas e em menor medida francesas e italianas. Esse esforço em nada condiz com a versão, corrente até aos nossos dias, segundo a qual a literatura barroca portuguesa pouco mais seria do que uma pálida cópia ou uma vulgar imitação de autores estrangeiros – nomeadamente espanhóis – tanto no tocante aos modelos intelectuais (Gracián) quanto aos estritamente poéticos (Góngora).

## §9. Breve notícia bio-bibliográfica dos autores identificados

Devido ao secular esquecimento que caiu sobre o extenso período da literatura portuguesa em que o Barroco foi modo predominante de expressão, subsistem enormes lacunas no tocante ao conhecimento biográfico dos autores da época, com raras exceções. Assim, em muitos casos só poderemos fornecer uma breve resenha biográfica, decerto insatisfatória para saciar o apetite do leitor mais exigente, mas esperamos que ao menos suficiente para reivindicar a necessidade de um maior aprofundamento em posteriores estudos sobre o assunto.

Não podemos prosseguir sem antes dedicar umas palavras de homenagem aos enciclopedistas portugueses, e muito especialmente a Barbosa Machado e Inocêncio da Silva, referências indispensáveis ainda hoje em dia. Todos cometemos erros, incorremos em inexatidões e deixamos lacunas sem preencher nos nossos trabalhos e pesquisas, e eles também, mas isso não tira, senão que pelo contrário acrescenta ainda mais valor aos seus inúmeros acertos e aos seus inestimáveis contributos.

Nas páginas a seguir, serão apresentados os dados disponíveis sobre os autores incluídos no *Postilhão*, ordenados por datas de nascimento. São referenciados tanto aqueles autores explicitamente identificados no próprio cancionero quanto aqueles que têm obras nele, registadas de modo anónimo, mas cuja autoria não oferece dúvidas graças ao contraste com outras fontes publicadas.

### **Padre Baltasar Estaço (1570–16??)**

Nasceu em Évora em 1570 e morreu em data e lugar desconhecidos, em todo o caso posterior a 1621. Foi cónego da Sé de Viseu e a pedido do bispo titular, na altura D. João de Bragança, deu ao prelo *Sonetos, Éclogas e Outras Rimas* (Coimbra, 1604), única obra impressa de sua autoria de que temos conhecimento, ainda que consta que deixou várias obras manuscritas.

Foi perseguido, processado e preso pela Inquisição, por motivos não esclarecidos, em 1614. Após seis anos de cativeiro em diversas prisões – constam registos da sua

permanência ao menos em Coimbra e Lisboa –, em 1620 recebeu condena de prisão perpétua, mas foi libertado no ano seguinte sob condição de não voltar a Viseu. Depois da sua libertação, e talvez pela discrição com que provavelmente conduziu o resto da sua vida pública, não há mais notícias da sua vida e obra, nem da data e lugar do seu falecimento.

### **Padre António de Barros (15/16??–16??)**

Só há notícia dele na *Bibliotheca Lusitana*, onde se nos diz que nasceu na vila de Serpa e que ingressou na Companhia de Jesus em 1620. Foi Reitor do Colégio de Goa e é autor de um volume de poesia que fomos incapazes de localizar, no qual – segundo nos informa Barbosa Machado – há três composições especialmente notáveis, sendo uma delas o *Solilóquio de um Pecador prostrado aos pés de Cristo crucificado* recolhido no *Postilhão* e as outras duas, as *Meditações dos quatro Novíssimos* e a *Carta do Saudoso Armido para sua querida Lídia*.

### **Sóror Violante do Céu (1601–1693)**

Nasceu, viveu e morreu em Lisboa, onde foi religiosa na ordem dominicana, professando no convento da Rosa. Forma, junto com Bacelar e Bahia, a tríade de autores seiscentistas mais admirados.

Foi acima de tudo uma exímia sonetista – mas também cultivou outras fórmulas poéticas, principalmente as oitavas e os romances – e compôs a maior parte da sua obra em castelhano, mas possui também um bom número de poemas em língua portuguesa. A sua obra circulou em vida no volume *Rimas Varias* e postumamente nos cancioneiros d' *A Fénix* e do *Postilhão*, mas também nos dois volumes do *Parnaso Lusitano de divinos e humanos versos*, publicado em 1733.

Foi autora sacra e devota, mas também compôs poemas profanos, sobretudo de carácter panegírico e nalgumas ocasiões em celebração de vitórias militares. Além das *Rimas* e do *Parnaso*, conservam-se dela várias obras avulsas impressas, de tema religioso. Como

autora bilíngue, faz parte dos cânones tanto da literatura espanhola quanto da portuguesa, sendo paradoxalmente mais valorizada na espanhola do que na da sua própria pátria.

### **António Barbosa Bacelar (c. 1610–1663)**

Foi um dos autores mais admirados do período, tendo alcançado notável sucesso em vida e fama perdurável, o que redundava num conhecimento relativamente bom das suas circunstâncias biográficas, se comparado com o da maioria de seus coetâneos e companheiros de cancionero.

Nasceu em Lisboa por volta de 1610 e faleceu na mesma cidade em 1663. Doutorou-se em Direito Civil em Coimbra e dedicou toda a sua vida ao direito e às letras. Ocupou, sucessivamente, os cargos de Corregedor em Castelo Branco, Provedor em Évora e finalmente Desembargador da Justiça no Porto e em Lisboa, aonde volta em 1661.

Além da sua abundante obra poética, deixou duas composições em prosa, ambas de tema patriótico e militar, a *Relação do sítio e tomada da forte praça do Recife, recuperação das capitãias de Iatamaracá, Paraíba, Rio Grande, Ciará e ilha de Fernando de Noronha (...)*, publicada em Lisboa em 1654; e a *Relação da vitória que alcançaram as armas do muito alto e poderoso Rei D. Afonso VI em 14 de Janeiro de 1659, contra as de Castela, que tinham sitiado a praça d' Elvas (...)*, que viu a luz nesse mesmo ano também em Lisboa e foi objeto de reimpressão em 1664, segundo notícia Inocêncio. Ainda segundo Inocêncio, há de ambas obras traduções para outras línguas – da primeira, para o italiano; e da segunda, para o latim –, o que constitui mais um claro indício do sucesso de Bacelar entre os seus contemporâneos.

Não se conhece, porém, ao menos até onde sabemos, nenhum volume poético próprio de Bacelar, a não ser uma edição avulsa das *Oitavas de Camões (Deu sinal a trombeta castelhana etc.) glosada à gloriosa vitória do Canal em 8 de Junho de 1663 (...)*. A sua produção em verso chegou até nós fundamentalmente através do trabalho de seleção e compilação realizado pelos editores d' *A Fénix*, primeiro, e do próprio *Postilhão*, depois. Nos dois cancioneros, é um dos poetas com maior presença e um dos que serve como

modelo para os autores do século XVIII, juntamente com Jerónimo Baía e Sórora Violante do Céu.

### **Frei Jerónimo Bahia (16??–1688)**

Nasceu em Coimbra, provavelmente entre 1618 e 1628, e morreu no convento do mosteiro de São Romão de Neiva em 1688. Foi frade beneditino, havendo tomado os hábitos em 1643 no convento de Tibães. Ganhou fama de grande orador religioso e foi pregador oficial do rei Afonso VI, que se converteu no seu grande protetor.

Foi um dos mais célebres poetas do período, admirado pelo seu ímpar engenho para compor poemas de todos os géneros, lido e imitado como poucos. Mas também foi alcunhado de *poeta folgazão* na corte, pois, ao que parece, a sua facilidade para compor poesia era diretamente proporcional ao seu escasso cuidado para polir as obras compostas. Compôs centenas de poemas, que chegaram até nós principalmente através das compilações d' *A Fénix* e do *Postilhão*, além de várias obras individuais<sup>4</sup>.

Além dos seus poemas satíricos e dos seus magníficos sonetos, a sua obra mais celebrada foi o poema épico, escrito em latim, *Elysabetha Triumphans (...)*, dedicado à rainha santa, Dona Isabel. Também digno de destaque é o *Lampadário de Cristal*, objeto de uma magnífica edição sob a responsabilidade de Ana Hatherly.

### **Padre Eusébio de Matos (1629–1692)**

Nascido na cidade da Bahia em 1629 e falecido na mesma cidade em 1692, é irmão do celebrado poeta satírico Gregório de Matos, mas não é justo que a sua fama fique ofuscada pela do irmão, pois Eusébio possui méritos literários e intelectuais para ocupar um lugar próprio na história do Barroco português<sup>5</sup>.

Foi um conceituado orador religioso, como atestam os sermões que dele se conservam

<sup>4</sup> Tais obras individuais foram, ao que parece, ignoradas por Inocêncio, que diz não possuir o Baía obra impressa individual, apesar de que acaba por falar da edição avulsa da *Canção heróica (...)*.

<sup>5</sup> E brasileiro, mas não é este o lugar para esse debate sobre a constituição dos respetivos sistemas literários nacionais.

impressos, bem como um dos mais célebres poetas brasileiros da altura. A sua obra poética, contudo, apresenta algumas dúvidas quanto à atribuição dos textos, por estar recolhida na antologia coletiva *Florilégio da Poesia Brasileira* e não dispormos de volumes individuais do autor.

### **António da Fonseca Soares, Frei António das Chagas (1631–1682)**

Nasceu na vila da Vidigueira em 1631 e faleceu no seminário do convento do Varatojo em 1682, com fama de santidade e após ter rejeitado o bispado de Lamego. Contudo, a sua vocação para a vida religiosa foi tardia, tendo seguido primeiramente a carreira das armas, na qual alcançou o posto de Capitão. Em 1663, já com 32 anos de idade, entrou para a ordem de São Francisco no convento de Évora e deu início à etapa melhor conhecida da sua biografia. Foi Missionário Apostólico, Instituidor do Seminário do Varatojo, orador célebre pelos seus sermões religiosos e aplaudido escritor em prosa e verso.

Na sua produção literária, podem assinalar-se duas etapas bem diferenciadas: uma, anterior à sua conversão à vida religiosa, em que predominam os romances – em português e espanhol – de tema secular; outra, a partir do momento em que passa a vestir o hábito franciscano, voltada para a espiritualidade e com maior peso da prosa, destacando notadamente as suas *Cartas espirituais* e os seus muito celebrados sermões, dos quais se conservam diversas antologias da época. No *Postilhão* há uma boa amostra poética tanto das obras profanas de Fonseca Soares quanto da vertente espiritual de Frei António das Chagas. Segundo relata Inocêncio, deixou incompleto e inédito o *Poema Trágico-Amoroso de Filis y Demofonte*, talvez devido ao carácter laico do tema. À sua morte, foi-lhe rendido tributo e homenagem no volume *Fama póstuma do V[enerável] P[adre] fr[anciscano] António das Chagas*, editado por Francisco António Correia e que inclui obras dos mais afamados poetas contemporâneos.

### **Francisco Xavier de Menezes, 4º Conde da Ericeira (1673–1743)**

Nascido em Lisboa em 1673 e finado em 1743, foi uma das figuras da nobreza mais

importantes da época. À grandeza do título com que passou à história devem acrescentar-se vários outros que deteve, tanto na carreira militar quanto na política e académica. Sobrepuxou quase todos os seus contemporâneos no mecenado científico e literário e ele próprio foi membro de numerosas academias, mesmo presidindo a dos Generosos. Foi grande bibliófilo, mas a sua magnífica biblioteca foi destruída pelo terramoto de 1755.

A sua obra escrita é tão vasta como a sua cultura e tão diversa como os seus interesses, que abrangiam da poesia à história e da tradução ao ensaio académico, dentre outros assuntos. Homem de armas e acima de tudo de letras, a sua produção poética divide-se entre obras de recriação mitológica e obras de poesia cortesã, desprovidas – ao contrário do que ocorre com muitos coetâneos – de qualquer impulso religioso. O leitor curioso pela sua extensa bibliografia pode consultá-la em Inocêncio, bastando aqui dizer que foi um dos autores mais aplaudidos da sua época e que a sua obra de maior fôlego foi o poema épico *Henriqueida* (...).

### **Bartolomeu Lourenço de Gusmão (1685?–1724)**

Quis a fortuna que no *Postilhão* conste um poema deste autor, sem dúvida um dos personagens mais apaixonantes do nosso elenco de autores. Nasceu na cidade brasileira de Santos, provavelmente em 1685, sendo o irmão mais velho de Alexandre de Gusmão; e morreu na cidade espanhola de Toledo em 1724, após fugir da Inquisição portuguesa e contrair na fuga uma febre que o matou. Doutorou-se em Cánones na Universidade de Coimbra e exerceu como presbítero, mas sem abandonar nunca a vida secular. Foi também poeta, historiador, académico, cortesão, embaixador, inventor... enfim, um homem polifacetado e de trajetória dificilmente classificável nos padrões tradicionais.

A sua fama perdurável deve-se não à sua produção literária, mas ao facto de ser o inventor do primeiro globo aerostático, apresentado ao rei D. João V em 1724 e já anunciado em setembro do ano anterior perante a Academia Real. Deixou também outros inventos, dentre eles um que virou obra impressa avulsa em versão portuguesa e latina, sob o título *Vários modos de esgotar sem gente as naus que fazem água* (...).

Como autor literário, foi famoso em vida pelos seus sermões religiosos, dos quais se

conservam vários impressos. Quanto à sua produção poética, só conservamos o poema que consta no *Postilhão*, mas é provável que – como no caso de outros autores – exista uma produção bem maior, ora perdida ora transmitida de forma anónima.

### **Júlio de Melo de Castro (1657/8–1723)**

Nasceu em Goa, sendo o seu pai Governador daquele território e morreu em fevereiro de 1723 aos 63 anos, segundo informa Inocêncio, pelo que deve ter nascido entre 1657 e 1658.

Foi um dos autores de poesia e prosa académica de maior sucesso em vida, segundo prova a difusão das suas obras impressas, e muito especialmente a dos seus *problemas*, opúsculos em que numa mesma tese contrapõe dois termos opostos e defende a preferência por um deles. Também compôs obras de carácter panegírico.

### **Luís Borges de Carvalho (?–1753)**

Nascido nas últimas décadas do século XVII e finado em 1753, a sua atividade pública esteve sempre ligada à corte lisboeta e ao Direito, tendo ocupado, dentre outros, os cargos de Desembargador, Juiz e Censor do Paço. Foi autor de numerosos poemas laudatórios e elegíacos, ávido e agudo leitor e – segundo algumas fontes – um dos animadores dos debates entre adeptos do barroco e do arcadismo surgidos após a publicação do *Verdadeiro Método de Estudar* por parte de Verney, em 1746.

### **Pe. Manuel de Azevedo (1713–?)**

Nasceu em 1713, provavelmente em Coimbra, e morreu em data desconhecida, quase com certeza em Roma, onde passou a maior parte da sua vida. Foi jesuíta e viveu os tempos convulsos que levaram à extinção da Companhia no século XVIII.

Foi membro de diversas academias e compôs a maior parte das suas obras em latim e

italiano, mas a sua presença no *Postilhão* mostra que – ao contrário do que diz neste ponto Inocêncio – também foi autor em língua portuguesa e que possivelmente manteve contacto com académicos da sua pátria natal. Em latim, é autor – dentre outras obras – de uma *Ars Poetica* (...), publicada em dois volumosos tomos em Veneza no ano 1781, e de uns *Fasti Antoniani* (...) em devoção a Santo António, à imitação dos *Fastos* de Ovídio.

### **Francisco de Vasconcelos Coutinho (s/d–s/d)**

Nada sabemos das circunstâncias biográficas do autor, a não ser as notícias que transmite Inocêncio: que era natural da ilha da Madeira e que se formou Bacharel em Cánones. Quanto às suas obras individuais, conservam-se exemplares do *Feudo do Parnaso* (...) e do *Hecatombe Métrico* (...).

### **José Ángel de Moraes (s/d–s/d)**

Autor de biografia obscura, de quem apenas sabemos que viveu no século XVIII e que talvez professou na ordem de Santo Agostinho, as obras que dele se conhecem deixam constância de um homem com grande inquietude intelectual, animador da vida académica e pioneiro na divulgação científica.

Assinou todas as suas obras com o pseudónimo José Maregelo de Osan, anagrama do seu próprio nome, e a ele devemos a edição do *Postilhão* (...), além da deliciosa introdução poética que lhe serve de pórtico.

## §10. Estudo linguístico

Tal como foi explicado nos Critérios de Edição, a nossa intervenção sobre o texto seguiu dois princípios fundamentais: um, atualizador, em todos aqueles aspetos puramente gráficos; outro, conservador, nos casos em que as variantes registadas no cancionero possuem um valor linguístico caracterizador em termos cronológicos, dialetais, estilísticos ou de qualquer outra índole.

Na maior parte dos casos, as variantes pertencem ao campo da fonética, mas também são frequentes no tocante à morfologia, à sintaxe e – como não poderia ser de outro modo num período marcado pelo bilinguismo – à interferência linguística, além dalgumas questões gráficas merecedoras de um comentário. Esses serão, pois, os apartados em que dividiremos este breve Estudo Linguístico, com o intuito de traçar um panorama do estado de língua (culta e escrita) na época.

Em todos os casos, os exemplos fornecidos foram anotados no corpo da edição, onde também se podem consultar muitos outros pertinentes para cada fenómeno.

### 7.1. FONÉTICA

Sendo, de longe, o âmbito mais atingido pela variação, a fonética é também aquele que apresenta maior complexidade na apresentação da informação, pelo que optamos por dividir vocalismo vs consonantismo e, dentro de cada um deles, por agrupar os assuntos tratados em subgrupos tão coesos quanto possível.

#### 7.1.1. Vocalismo

O **vocalismo tónico**, como é de regra, apresenta uma altíssima regularidade, com escassas vacilações. Apenas localizamos dois casos: *Oríadas*, que convive com a forma regular *Oréadas*; e *tremolam*, cuja irregularidade se reproduz também em contexto átono pretónico na voz *tremolado*, sendo que a forma normativa aparece apenas no adjetivo *trémulos* (ao lado de *trémolos*), em posição postónica. De resto, aprecia-se a clássica

**equivalência entre os ditongos ou ~ oi**, tanto em posição tónica (*cousa, dous*) quanto átona (*oiteiros*).

Ainda sobre os **ditongos átonos**, é salientável a sua frequente redução em posição pretónica perante o fonema /ʃ/, como ocorre por exemplo em *baxel, froxíssima* ou *roxinões*. Outros casos de síncope que afeta a ditongos são *arrobado* e, já em contexto tónico, *vás* (por *vais*), se bem que este último pode ser considerado uma forma prévia e não uma redução propriamente dita. O fenómeno oposto, o da epêntese vocálica, só foi registado na voz *taixão*, e mesmo assim consta dos paratextos iniciais, mas não do corpo do cancionero. Um caso igualmente único, este presente nos textos poéticos, é o da hiatização de *Dario* (por *Dário*).

No **vocalismo átono em posição pretónica**, as vacilações são extremamente frequentes, sobretudo no que diz respeito à confusão **e ~ i** (*candieiro, imudeça, ingenho, similhantes, testemunho, cerimónia, estropeada, pavelhão, sesuda...*), mas também **o ~ u** (*descobria, goloso, Olissea, concorrência...*) e, em menor medida, **a ~ e** (*levaredas, serampão*).

Um fenómeno que atinge o vocalismo pretónico, mas que também possui conotações morfológicas, é o da confusão de prefixos **ante- ~ anti-** (*anticipar*) ou **des- ~ dis-** (*dispende*). Já sem incidência sobre o vocalismo, também se regista a confusão **per- ~ pre-** (*pertende*), bem como a solução analógica *conresponder* e um caso singular de síncope em *Trantagana*.

Também não faltam exemplos de alterações no **vocalismo átono em posição postónica**, também com maioria de casos de vacilação **e ~ i**, como *crear* e derivados, *escárneo, murmúreo, quási* ou *Titónia* (que convive com *Titónea*), mas também **o ~ u** (*trémolos*) e **a ~ e** (*escarlata*), além da dupla irregularidade de *amatiste*.

Além da alternância de vogais já descrita acima, a instabilidade característica do vocalismo átono provoca outrossim a ocorrência de **processos de adição e supressão de vogais**, sendo muito mais correntes os primeiros. Assim, há numerosos exemplos de **aférese** (*inda, té, cumular, esperdiçar*), de **síncope** (*ofrecer, exprimentar, esprito, croa*) e de **apócope** (*val, pês por pese, onte, assi*). Poder-se-ia falar de síncope também em

casos como o de *recea*, mas igualmente pode explicar-se como uma forma prévia à epêntese. No tocante à adição, está presente a **prótase** em *arrezoa* (por *razoa*) e a **paragoge** em *felice*, *infelice* – que convivem com as formas regulares *feliz*, *infeliz* – e nas formas verbais de imperativo *dize*, *faze*.

### 7.1.2. Consonantismo

No subsistema consonântico das **sibilantes**, as principais irregularidades são: a manutenção da grafia **–ss–** com valor arcaizante em *Colisseo* e *glossa*, pelo moderno **–s–**; a manutenção no plural da grafia **–c–**, com perda da sonoridade do fonema /z/, nas formas plurais *felices*, *infelices*; a **palatalização** presente em *explendor* ou a **despalatalização** de *peice*; e a equivalência de grafias **s ~ x** em posição de margem silábica implosiva (*espirar* por *expirar*) ou **sc ~ c** (*cresce* em rima consoante com *oferece*, p.ex.).

No tocante às consoantes **líquidas**, também se apreciam alguns fenómenos dignos de comentário: a **metátese** de *alabrasto*, a **assimilação** de *clausulava* ou o **rotacismo** de *frecha* e talvez de *Or* – se não for erro tipográfico.

Fenómeno frequente e bem interessante é o da **desnasalação**, que com irregular distribuição afeta palavras como *onte* ou *assi*, mas também *carmesis*, *girigonças* ou *c'o/c'os/co'a/co'as*, além do nome de família *Mendoça*; enquanto o fenómeno de **nasalização** só se regista na voz *rubim*, assim mesmo a conviver ao longo do cancionero com a forma regular *rubi*.

Menção aparte merece a alternância gráfica **b ~ v**, em ambos os sentidos e tanto em topónimos (*Baranda*, *Setúval*) quanto em vozes nominais comuns (*alboroto*, *alvergue*, *cobarde*, *turvado*).

O cancionero é especialmente profuso em provas que demonstram a **pronúncia simplificada dos grupos consonantais cultos**, fenómeno constatável graças à posição de rima e/ou ao estabelecimento de jogos de palavras. A consonância da rima comprova a perda, na pronúncia, do primeiro elemento gráfico nos grupos **–ct–** (*invicto*, *afectos*), **–gn–** (*benigno*) e **–pt–** (*Egipto*). Os jogos de palavras *retrata* ~ *retracta* e *sinos* ~ *signos* (e,

semelhantemente, a alternância *Madalena* ~ *Magdalena*) apontam na mesma direção, como também o faz – de maneira ainda mais contundente – a escrita simplificada de *seleta*, *afeta* ou *expuna*.

## 7.II. MORFOLOGIA

A **vacilação de género** afeta um punhado de vocábulos: *Fénix* e *hora*, que aparecem concordados ora em masculino ora em feminino; *hipérbole*, em masculino; *rude*, forma de género comum que convive com as diferenciais *rudo* ~ *ruda*; e a voz castelhana *amistad*, flexionada em masculino num poema de Violante. Na parte nominal, registam-se também a alternância dos sufixos –aria (maioritário, até ao ponto de dar lugar a vozes como *galaria*) ~ –eria (*artilheria*, mas *Infantaria*, dentre outros muitos exemplos) e o uso do pronome *lhe* com valor de singular ou de plural, indistintamente.

No referente às **preposições**, além de uma aparição da forma arcaica *per*, aprecia-se a frequente **desaglutinação** de formas que a norma estabelece como contraídas, como *em a*, *d' a*, *d' o* ou *por o*. Pelo contrário, há uma forte tendência à **aglutinação** de partículas espaço-temporais, criando vozes como *atégora* (e *tégora*, com aférese), *atéqui* ou *jágora*. Ainda no âmbito da referenciação espaço-temporal, produz-se uma **confusão generalizada no tocante ao uso de onde** e das formas contraídas formadas sobre ele, nomeadamente *donde* e *aonde*, provavelmente devido em parte à influência castelhana na altura, mas mesmo assim carente de um padrão coerente.

## 7.III. SINTAXE

Há no cancionero abundantes exemplos de **concordância ad sensum**, fundamentalmente a concordância número-pessoal entre sujeito e verbo, mas também no referente à pessoa (o já comentado uso de *lhe* com valor de plural) e de género (na rubrica da p. I, 256 e nas expressões *tudo isso/tudo isto*).

Construções mais anómalas são as produzidas por **ausência da preposição regida**, fenómeno que ocorre em inúmeros casos e com abundantes verbos: *atrever-se*, *parecer-*

*se*, *predominar* ou *tratar* são apenas alguns deles, no tocante ao português, pois também nos textos em espanhol se aprecia – nalguns casos, por lusismo – a mesma ausência. Também se omite a preposição, de maneira esporádica, nas perífrases verbais *haver ter* e *haver ser*. Porém, aparece um **uso castelhanizante da preposição a** tanto para introduzir o acusativo como para ligar o verbo auxiliar e o principal em perífrases como *ir a + infinitivo*, além de uns poucos casos em que se regista o uso de *para* onde seria expectável *a*.

Outro aspeto frequente é o da **próclise** em contextos em que a ênclise seria a opção prescrita pela norma culta, mas é preciso diferenciar entre a próclise tradicional, com deslocamento do clítico para a posição anterior à partícula negativa (*me não consente*, *lhe não dera...*) da próclise por castelhanismo (*lhe digo*, *se pára...*).

De resto, **outros fenómenos** que tangem à sintaxe são a alternância entre as construções *dentro de* ~ *dentro em* ou o uso da forma plena *tanto* ante adjetivo (*tanto insuportável*), ao invés da forma apocopada *tão*.

#### 7.IV. LÉXICO E SEMÂNTICA

Um dos mais destacáveis aspetos semânticos consiste na **alteração da modalidade oracional**: assim, *vibrar*, *brotar* e *crescer* adotam um sentido agentivo, equivalente de *fazer vibrar*, *fazer brotar* e *fazer crescer*, respetivamente; enquanto *lamentar*, *espalhar* e *serenar* são usados com valor reflexivo ainda carecendo de qualquer pronome que o indique.

De resto, as **locuções conjuntivas** *mas que* e *posto que* apresentam um duplo valor: *mas que*, além de no sentido adversativo comum hoje em dia, é também usado com valor concessivo; por sua vez, *posto que* é ora empregue com sentido concessivo, ora com sentido causal, sendo este último valor provavelmente devido à influência castelhana.

Entrando já no léxico propriamente dito, aprecia-se a **coexistência de duplas lexicais** como *cavaleiro* ~ *cavalheiro*, sem diferenciação de significado entre elas, mas também de *terno* ~ *tenro*, onde se produz a especialização lexical coincidente com a atual; assim

como de outras devidas a fatores fonéticos já comentados, como *perla* ~ *pérola* ou *rubi* ~ *rubim*, dentre muitos outros exemplos. Uma dupla provocada pela interferência linguística do espanhol, aspeto comentado numa epígrafe posterior, é *blasonar* vs *brasões*.

Logicamente, também ocorre um bom número de **variantes** hoje consideradas dialetais (*enzinha* por *azinha*, *ramilhete* por *ramalhete*), vulgares (*cambrais* por *cambraias*; *Longuinhos* por *Longinos*; o topónimo *Coculim* por *Cuncolim*, no título nobiliário *Conde de Cucolim*; criação analógica *trévoa*, por contaminação de *treva* e *névoa*) ou arcaicas (*comua*, *Job* por *Jó*, possessivo *su* em *Su Reverência*).

## 7.V. ORTOGRAFIA

Além de questões já comentadas nos Critérios de Edição, como a abreviatura *q* por *que* ou a grafia arcaizante do antropónimo *Joseph*, há alguns outros fenómenos que merecem destaque. Os principais, a **ausência de hifenização da ênclise**, ora aglutinada ora desaglutinada (*convencello*) ora desaglutinada (*sangrando vos*); e a **ausência de reduplicação da consoante inicial** em vozes compostas a partir de étimos começados por *s-* ou *r-*: assim, no cancionero são sistemáticas as grafias *proseguir*, *sacrosanta* ou *prerogativa*.

Há uma **unificação gráfica** em *vem* dos modernos *vêm* e *veem*; também se unificam, sob a forma aglutinada, de *senão* ~ *se não*, e produz-se igualmente uma aglutinação irregular em *cadaqual*. Algumas grafias parecem denotar a **interferência linguística** do espanhol também neste campo (*hombros*, *imán*). De resto, há um exemplo isolado de confusão *-s-* ~ *-c-* (*assentos* por *acentos*).

## 7.VI. INTERFERÊNCIAS

Como era de se esperar tendo em conta o período estudado, a imensa maioria dos casos de **interferência linguística** produzem-se com o espanhol. A influência da literatura castelhana é a causa última da adoção, em textos compostos em português, de vozes como *acostar*, *clavel*, *entretenido*, *filomena* ou *sastre* pelas legítimas *deitar*, *cravo*,

*entretido, filomela* ou *alfaiate*; e mesmo de *recoleta*, adjetivo sem um correspondente etimológico em português.

Mas, como já foi comentado, a **dimensão da interferência** não fica restrita ao léxico, mas atinge também a semântica (valor causal da locução *posto que*) a fonologia (uma boa parte das irregularidades no vocalismo átono consistem na coincidência com as correspondentes formas espanholas: *concurrência, descubria, soportar, vivirás*; pronúncia castelhanizante de *Dario* ou *impio*), a morfologia (aparência irregular do sufixo *-eria*, confusão *onde ~ donde*, género masculino de *parêntesis*) e a sintaxe (acusativo introduzido pela preposição *a*, próclises anómalas, *ir a falar*).

Como não poderia ser de outro jeito, também se produz o fenómeno inverso, i.e. a aparição de traços específicos do português nas composições em espanhol, por **lusismo** tanto gráfico (aglutinação de *al fin* ou *dese* por *al fin, de ese*) quanto fonológico (*escusas, imenso, jasmín*), morfológico (género masculino de *cárcel hermoso*, uso de *onde* por *donde*), lexical (*escura, no es mucho*) ou sintático (próclise em *te ver*, ausência da preposição *a* perante acusativo com referente humano), tal como anotado caso a caso.

As interferências de outras línguas são muito escassas, limitando-se a apenas duas ocorrências de **galicismos**: *atender* como sinónimo de *esperar* e *pavelhão* com o sentido de *borboleta*.

## §11. Micrologia literária

As páginas a seguir pretendem servir como apoio à leitura, no sentido de esclarecer tanto o significado de termos hoje arcaizantes ou pouco comuns quanto a compreensão pelo leitor das referências a figuras mitológicas, históricas ou bíblicas que com farta frequência aparecem nos versos do cancionero, e que nos nossos dias nem sempre gozam da mesma popularidade que na época das composições.

Tentamos ser tão sucintos quanto possível, pelo que apenas se incluíram as entradas mais relevantes. Assim, figuras históricas de ordem menor, citadas apenas em poemas de circunstâncias, não constam na relação abaixo. Fiéis ao mesmo espírito de brevidade, consideraram-se apenas as aceções e/ou os esclarecimentos necessários para a compreensão do contexto em que o termo em questão aparece no cancionero, sem digressões desnecessárias – próprias de obras especializadas em cada um dos assuntos (mitologia, história de Portugal, estudos bíblicos...) – e nem afã de dicionarizar as vozes lexicais em toda a sua extensão.

De resto, foram incluídas as vozes castelhanas (precedidas pela abreviação *es.*) e as frases latinas (precedidas pela correspondente abreviação *lat.*) passíveis de apresentarem alguma dificuldade de compreensão ao leitor português moderno. Dentro de cada verbete, foram indicadas em **VERSALETE** as ocorrências de outras vozes ou figuras presentes neste mesmo apêndice. Por sua vez, quando uma voz pertence a duas classes lexicais diferentes (p.ex., substantivo e adjetivo), faz-se constar abreviadamente aquela pertinente ao texto.

Os verbetes são apresentados sob a forma gráfica em que aparecem no cancionero, sendo que, quando esta difere da atual forma normativa, é indicado no final da entrada respetiva. Por outro lado, deve o leitor advertir que cada figura mitológica, seja ela grega ou romana, é explicada nos termos do sistema mitológico respetivo, notadamente no que tange à genealogia. A fim de facilitar a identificação entre ambos os sistemas, independentes mas intimamente ligados, inclui-se no final uma tabela com as correspondências entre um e outro – quando existem –. Também inserimos uma outra tabela sobre a regência dos signos zodiacais, pois é este um facto aludido nalgumas passagens do cancionero.

Antes de terminar esta breve apresentação da nossa breve micrologia, desejamos deixar constância de que tanto o próprio nome da mesma quanto a inspiração para organizar deste modo a informação constituem uma homenagem a João Francisco Barreto, autor da magna *Micrologia Camoniana*, que muito admiramos e que continua a ser uma inestimável fonte de conhecimentos.

---

## A

**Abarbar.** Atingir; igualar em altura.

**Abigail.** Na Bíblia, esposa do rei DAVID, com quem casou após a morte do primeiro marido, Nabal. A sua fama de “benigna” é devida a haver salvado Nabal, quando David pretendia assassiná-lo, rogando ao rei que preservasse a vida do marido.

**Abono.** Virtude ou qualidade favorável, digna de louvor e crédito. Na altura, mantém o sentido etimológico (“o que é tido por bom”).

**Abraão.** Pai de ISAAC, cujo sacrifício foi exigido – e finalmente redimido – por lavé como prova de fé. Abraão é considerado o pai das três grandes religiões monoteístas, cumprindo-se assim a profecia do seu próprio nome, que em hebreu significa “pai de muitos”. Veja-se também ESAÚ e JACOB.

**Abril.** Quando não empregue literalmente, metaforiza a primavera.

**Acam.** Personagem bíblico que, por apropriar-se de bens alheios e escondê-los na sua tenda, e por não assumir a sua culpa perante lavé, sofreu como castigo a derrota do seu povo.

**Acautelado.** Precavido, prevenido, que usa de cautela.

**Acerbo.** Literalmente, azedo; em sentido figurado, pungente ou dilacerante.

es. **Acero.** Aço.

**Achaque.** Problema de saúde habitual mas carente de gravidade.

**Ácis.** Pastor famoso por sua beleza, por quem se apaixonou a ninfa Galatéia, despertando com isso a ira do ciclope POLIFEMO, que cobiçava o amor da ninfa. Ao descobrir os amores de Ácis e Galatéia, Polifemo arranca uma pesada rocha e atira-a sobre Ácis, matando-o; graças à intervenção divina solicitada por Galatéia, o sangue de Ácis converte-se no rio siciliano do mesmo nome, em cujas águas a ninfa entrega a sua própria vida. Ácis é filho de Fauno, deus dos campos e bosques, e da ninfa Simétis. Na poesia, a partir da Renascença, a figura do pastor é uma máscara poética que encobre personagens nobres; daí Ácis ser chamado também “príncipe”. Das muitas versões que a fábula de Polifemo e Galatéia recebeu, as mais célebres são devidas a Luis de Góngora, em língua castelhana, e a Jerónimo Baía, em língua portuguesa, esta incluída no tomo II do presente cancionero. Veja-se também GALATÉA e SIMOTOES.

**Acometer.** Atacar.

**Acostar-se.** Castelhanismo por *deitar-se*.

**Acteon.** Filho de Euristeu, tirano de Micenas e inimigo de Heracles, e de Antonoe, filha de Cadmo, por sua vez irmão de EUROPA e fundador de TEBAS. Segundo alguns, foi criado pelo centauro Quíron, e por isso muito afeiçoado à caça, o que acabou propiciando a sua desgraça, pois estando em meio a uma caçada, sentiu grande sede, e procurou uma fonte afastada onde saciá-la, indo parar à fonte Gargáfia, onde DIANA tomava banho nua, junto com as ninfas que a acompanhavam. Diana, ao perceber que o mancebo a havia visto nua, lançou nele algumas gotas da água da fonte, convertendo-o em cervo, e ordenou a seus cães de caça que o alcançassem, coisa que logo fizeram, matando Acteon e despedaçando seu corpo.

**Adágio.** Ditado breve e sentencioso, por norma envolvendo uma lição moral.

**Adiça.** Aparece num contexto obscuro (v. 12860). Parece referir-se a um instrumento de

pesca, ainda hoje utilizado nalgumas regiões de Portugal.

**Admeto.** Rei da Tessália, filho de Ferécio e de Periclimene, filha de Minos. Participou, dentre outros factos, da expedição dos Argonautas. Como castigo pela morte dos Ciclopes, criadores do raio com que Zeus matou ESCULÁPIO, filho de APOLO, este deus esteve um ano (ou nove, segundo outros) a seu serviço: cuidou de seu gado, apascentando-o às beiras do rio ANFRISO, e multiplicou-o abundantemente, em reciprocidade ao bom trato dispensado ao deus por Admeto.

**Adónis.** Originariamente foi uma divindade semítica, que no trânsito à mitologia grega é considerado filho de Ciniras, rei do Chipre, e da filha deste, Mirra, que se deitou com o próprio pai, pelo que recebeu o castigo de se transformar na árvore do mesmo nome. Era reputado como um belo jovem, pastor de ovelhas, por quem se apaixonou a própria Afrodite, quem, após havê-lo deixado sob os cuidados de Perséfone, reclamou-o de volta. As duas deusas lutaram entre si pelo jovem; Ares, esposo de Afrodite, com ciúmes do belo jovem, provocou sua morte, ao ser ferido por um javali em meio a uma caçada no monte IDÁLIO. Finalmente, foi convertido em flor, que é a papoila.

**Adulação.** Lisonja, bajulação.

**Adular.** Lisonjear, bajular, gabar exageradamente.

**Advertido.** Avisado, cordato.

**Afonso.** Há referências a dois reis com este nome no cancioneiro. O mais recorrente é **Afonso VI**, que reinou entre 1656 e 1683, num período politicamente convulsionado mas caracterizado por importantes vitórias militares contra as tropas castelhanas. Este monarca aparece nas “Jornadas de Lisboa para Coimbra” de Jerónimo Baía e no longo poema em oitavas “Mourão Restaurado”, de António da Fonseca Soares, autores coetâneos e protegidos seus. Igualmente, no “Triunfo Régio (...)” aparece uma breve menção a este mesmo rei, tio de DOM JOÃO V, a quem o poema é dedicado. Por sua vez, no poema “A Santa Isabel” faz-se referência a **Afonso IV** (v. 13421), filho e herdeiro da rainha Santa Isabel, que declarou guerra contra seu pai Dom Dinis temendo ser preterido em benefício de um bastardo, também chamado Afonso – a quem provavelmente se refere o v. 13448

–. Como é bem sabido, a intervenção da Rainha Santa evitou o confronto bélico.

**África.** Lugar de infiéis, na visão católica adotada no texto.

**Aganipe.** Fonte consagrada às MUSAS, no monte Hélicon. Possuía a capacidade de dotar de talento poético aquele que beber das suas águas, a exemplo de Hesíodo. Veja-se HELÍCONA e HIPOCRENE.

**Agareno.** Diz-se do árabe muçulmano, em homenagem a Agar, escrava de Abraão de origem egípcia, que dele teve Ismael, pai do povo árabe.

**Agenor.** Irmão gémeo do rei egípcio Belo, emigrou para a Fenícia, onde foi rei de TIRO. Pai de EUROPA, quando ela foi raptada por Zeus, mandou os seus filhos (dentre eles, Cadmo, fundador de TEBAS) em resgate dela, dizendo-lhes que não voltassem sem a irmã. Eles, ao não conseguí-lo, fundaram diferentes cidades e nelas se assentaram.

**Agravado.** Ofendido, injustiçado.

**Agreste.** Rústico, áspero e, figuradamente, rude.

**Aguazil.** Antigo oficial de justiça.

**Aio.** Tutor, preceptor.

**Alabastro.** Variedade de gesso muito pura, de cor clara, habitualmente branca, similar ao mármore.

**Alarido.** Clamor, lamento geral proferido aos gritos.

**Albarda.** **(a)** Surrão (v. 16129). **(b)** Sela grosseira habitualmente usada em bestas de carga (v. 16219).

**Alcáçar.** Palácio ou fortaleza, na língua árabe. A forma regular atual é *alcácer*.

**Alcanzia.** Antiga espécie de granada ou morteiro.

**Alcides. (a)** Poeta obscuro (v. 6632). **(b)** Alcinha aplicada a Heracles (v. 11011), por ser neto de Alceu. Veja-se HÉRCULES.

**Alecto.** Filha de AQUERONTE e da Noite, é, juntamente com MEGERA e TESÍFONE, uma das três Fúrias que habitam o inferno e semeiam a discórdia e a inimizade entre os seres humanos. Também é chamada Cocícia, por habitar o rio infernal Cocito.

**Alegrete.** Canteiro cercado destinado ao cultivo de plantas ornamentais.

**Alentado.** Dotado de alento ou impulso vital.

**Alexandre.** Filho de Filipo, rei da Macedónia, e da sua esposa Olímpia, foi o maior general da história e construiu um império vastíssimo nas terras da Europa e da Ásia, pelo que ganhou a alcunha de Magno ou O Grande. Morreu aos 33 anos, invicto no campo de batalha – após haver submetido grandes impérios da época, dentre eles o persa e o índico –, vítima de conspiração de seus oficiais, que o envenenaram, na cidade de BABILÓNIA. De personalidade extremamente ambiciosa, foi conhecido pela sua magnanimidade e pelo seu amor à poesia, à filosofia, à magia e às artes. Diz-se que foi discípulo de Aristóteles, e o célebre APELES foi seu pintor oficial.

**Alexandro.** Variante do nome de ALEXANDRE.

**Alfenim.** Matéria delicada.

**Algália.** Espécie de almíscar.

**Algoz.** Carrasco, verdugo.

**Alguidar.** Vaso de barro em forma de tronco de cone invertido; figuradamente, os 'beijos de alguidar' mencionados no texto seriam lábios grossos.

**Alinho.** Disposição harmoniosa, arranjo bem composto.

**Aljava.** Carcás para guardar as setas, atribuído à figura de CUPIDO.

**Aljôfar.** Orvalho, rocío.

**Almotacel.** Inspetor de pesos e medidas, responsável por decidir o preço das mercadorias. A forma regular atual é *almotacé*.

**Altiveza.** Altivez, qualidade de quem age com orgulho e arrogância providos de nobreza.

**Alvedrio.** Arbítrio, determinação da própria vontade.

**Alvergue.** Refúgio ou abrigo para passar a noite, estalagem. É variante de *albergue*.

**Alvíssaras.** Regozijo causado pelo conhecimento de uma boa notícia; recompensa que se outorga ao portador de boas novas.

**Amago.** Iminência de um mal ou desgraça.

**Amalta.** Veja-se AMALTEA.

**Amaltea.** Filha de Melisso, rei de Creta, cuidou de Zeus quando menino, criando-o com mel e leite de cabra e escondendo-o de Cronos, que pretendia matá-lo. Segundo outras fontes, Amalteia seria a própria cabra que amamentou o deus. Em qualquer caso, em sinal de gratidão, Zeus colocou a cabra no firmamento, no décimo dos signos celestes, chamado Capricórnio. A cornucópia, ou corno da abundância, é conhecida também como “corno de Amalteia” – sendo que é esta, *Amalteia*, a forma regular na norma atual.

**Amaranto.** Planta também conhecida como crista-de-galo.

**Amarílis.** Nome da pastora amada e cantada por Virgílio, é usado no cancionero como um dos nomes convencionais atribuídos à amada, de modo a preservar o seu anonimato, regra poética que finca suas raízes na poesia medieval inspirada no código do *amour courtois*. Para outros exemplos de nomes convencionais, veja-se ANFRÓNIO, AÓNIA, ARMIDO, BELISA, CLÓRIS, FÁBIO, FÍLIS, LEANDRO, LÍDIA, LISE, MELIBEO, NISE, PALÉMÓN,

TIMARINTO e VILÂNIO.

**Amatiste.** Pedra semipreciosa, de cor violácea; é uma das variedades do quartzo. A forma regular atual é *ametista*.

lat. **Amicus mensæ.** Amigo da mesa, que gosta de refeições fartas.

**Amor.** Ao lado de CUPIDO, é um dos nomes latinos de Eros. Habitualmente, é tido por filho de Afrodite e Ares, mas existem outras múltiplas genealogias para explicar a sua origem: assim, seria filho apenas de Afrodite; de Afrodite e Celo (o Saturno dos gregos), segundo Safo; de VÉNUS e VULCANO, segundo Séneca; ou ainda de Géia e Caos, segundo Hesíodo. A sua função é preservar a continuidade da vida e a ordem do cosmo. A partir da época alexandrina, é representado como um menino nu, alado, de olhos vendados, portando um carcás e flechas que atira cegamente, inspirando o amor em quem por elas é ferido.

**Amorreu.** Povo inimigo dos judeus, que habitava parte do que estes consideravam a terra prometida por lavé – divindade cuja fúria os aniquilou, segundo o Deuteronômio.

**Anatemate.** Objeto proibido; mais concretamente – no cancionero – o botim do roubo perpetrado por ACAM.

**Ancião.** Refere-se ao topónimo português (v. 7971).

**Anélito.** Alento, respiração.

**Anexim.** Rifão, ditado sentencioso.

**Anfião.** Filho de Zeus e de Antiopa, foi famoso pelos seus dotes musicais, que o próprio Hermes lhe ensinou. Dizia-se que ao som da sua lira mesmo as pedras o seguiam; com elas, segundo HORÁCIO, levantou os muros da cidade de Tebas.

**Anfitrite.** Filha de Nereu e de Dóris e esposa de Posídon, tentou fugir ao casamento com o deus marinho, para preservar sua virgindade. Porém, Posídon enviou um golfinho em

sua busca, o qual a achou aos pés do monte ATLANTE e a convenceu a aceitar o casamento, pelo que se tornou deusa do mar. Veja-se também NEREO.

**Anfriso.** Rio da Tessália, em cujas margens APOLO apascentou a gado de ADMETO quando esteve ao serviço deste rei, como castigo pela morte infligida aos Ciclopes.

**Anfrónio.** Nome convencional do amado na poesia bucólica. Veja-se AMARÍLIS.

**Aníbal.** General cartaginense, filho de Amílcar, invadiu a Hispânia e a Gália e penetrou a própria Itália. Enfrentou e venceu o exército romano em importantes batalhas, notadamente a de Canas, mas acabou vencido por Marco Marcelo.

**Anquises.** Pastor por quem se apaixonou Afrodite, que dele teve ENEAS. Foi castigado com a cegueira pela deusa, por gabar-se de haver tido o amor dela. Após a destruição de TRÓIA, seu filho Eneias salvou-lhe a vida, carregando-o nos ombros.

**Antero.** Possível erro pelo gigante Anteu, filho de Géia e de Posídon.

**Antístio.** Cônsul romano, provável fundador de Braga, aliado de Sila em sua luta contra MÁRIO. Veja-se DAMASIPO.

**Aónia.** **(a)** Embora sendo anagrama de Joana, habitualmente é usado como um dos nomes poéticos convencionais atribuídos à mulher amada. Veja-se AMARÍLIS. **(b)** Água da fonte AGANIPE.

**Aparato.** Pompa; conjunto de alinhos usados para adorno e enfeite.

**Apeles.** Pintor de câmara do grande ALEXANDRE. Apaixonou-se por Campaspe, a concubina preferida de Alexandre, o qual, fazendo jus à fama de liberal, deu-lha por mulher.

**Apensionado.** Sobrecarregado de trabalho. A forma regular atual é *pensionado*.

**Apolo.** Um dos mais importantes deuses gregos, só inferior a Zeus na hierarquia

olímpica. Filho de Zeus e Latona e irmão gêmeo de Artémis, dentre os seus inúmeros atributos, alguns dos mais importantes são o de ser deus do sol e inventor da poesia e das ciências. Numerosos foram também seus amórios, havendo sido os mais famosos os que manteve com DAFNE e com Jacinto.

**Aprestos.** Equipamentos ou mantimentos necessários a um determinado fim.

**Aproche.** Trabalho consistente na construção de trincheiras que permitissem o avanço das forças sitiadas a coberto do fogo dos defensores da cidade ou fortaleza sitiada.

**Apurar.** (a) Aperfeiçoar, tornar mais pura alguma coisa. (b) Afinar. (c) Figuradamente, angustiar, provavelmente por castelhanismo.

**Aqueronte.** Deus-rio do mundo subterrâneo, que serve de fronteira entre o mundo dos vivos e o dos mortos. A sua queda no Hades foi um castigo impingido por Zeus por haver ajudado os GIGANTES em sua luta contra ele. Veja-se também PLUTÃO e JÚPITER.

**Aquiles.** O maior herói da guerra de TRÓIA, célebre por seu valor no combate. Foi filho de Peleu e de FILOMELA, mas a tradição prefere-o filho de TÉTIS, que o lavou na água da lagoa infernal Estígia, para que não pudesse ser ferido. É o personagem central da Ilíada homérica, onde se narram suas inúmeras vitórias, antes de ser morto por Páris no templo de APOLO, ferindo-o no calcanhar por onde Tétis o segurara durante o banho nas águas estígias; nalgumas versões, haveria sido morto pelo próprio Apolo.

**Ar.** Figuradamente, graça. Seu antônimo é *desar*.

**Ara.** Altar originariamente destinado aos sacrifícios pagãos, notadamente aquele feito por VULCANO, de ouro, em que os deuses olímpicos se conjuraram para vencer os GIGANTES quando estes se rebelaram. Por extensão, qualquer altar.

**Arão.** Irmão de Moisés e fundador do sacerdócio judeu. É forma irregular por *Aarão*.

**Arcabuz.** Espingarda antiga, de cano curto e largo e boca de sino.

**Ardimento.** Ardor guerreiro.

**Argel da liberdade.** Argel, por ser uma das mais importantes cidades árabes da época medieval, famosa por suas prisões, passou a representar, na visão cristã, o inimigo islâmica. Argel seria, destarte, uma metáfora para prisão.

**Argentado.** De prata ou que tem a sua cor.

**Argentar.** Cobrir de prata; metaforicamente, cobrir alguma coisa de água da chuva.

**Argos.** Aquele que tudo vê, graças ao seu grande número de olhos (costuma atribuir-se-lhe cem deles), que se complementam de modo que enquanto a metade dorme, a outra metade vela. Foi o vigilante da ninfa Io (que depois viraria a deusa Ísis da mitologia egípcia), entregue a ele por Juno, ciumenta do amor de Zeus pela bela ninfa. Não deve confundir-se com a constelação do mesmo nome, que é homenagem à barca usada pelos argonautas na sua expedição à procura do velocino de ouro, dotada da capacidade de prognosticar o futuro e de falar.

**Ariadna.** Filha do rei Minos, construtor do labirinto de Creta, e de Pasífae, filha do deus solar Hélio. Ariadna e sua irmã Fedra foram raptadas pelo herói Teseu, que, porém, preferiu Fedra e abandonou Ariadna. Veja-se TESEO.

**Aristeo.** Filho de APOLO, era considerado entre os gregos o introdutor da apicultura. É forma irregular por *Aristeu*.

**Armido.** Amado de LÍDIA, na famosa fábula que recebeu diversas versões no período barroco, duas das quais constam no tomo II do presente cancionero. É nome poético convencional. Veja-se AMARÍLIS.

**Arnês.** Armadura completa; proteção, escudo.

es. **Arpón.** Arpão.

**Arquimedes.** Um dos grandes sábios da antiguidade grega, destacou-se sobretudo como

matemático e inventor. Viveu no século III a.n.e.

**Arraes.** (a) Como substantivo comum, designa o patrão ou capitão de uma embarcação. (b) O doutor Duarte Madeira Arraes, cantado por Sórora Violante do Céu, foi médico de câmara d'el-rei DOM JOÃO IV. A forma regular atual do substantivo comum é *arraís*.

**Arrebol.** Cor da aurora e do pôr-do-sol. O mesmo que ROSICLER.

**Arroio.** Riacho, regato, córrego.

**Ascânio.** Filho de ENEAS e Creusa, famoso pela sua vasta cultura, pela sua certa pontaria e por ser o segundo dos reis albanos de Roma, que reinaram antes de RÓMULO e Remo.

**Áscua.** Brasa candente.

**Assacar.** Imputar, acusar.

**Asseio.** Alinho, elegância na apresentação ou na aparência.

**Assistir.** Na maioria das ocorrências, vale por *contemplar*; nas menos, por *auxiliar*.

**Assomada.** (a) Participio de ASSOMAR (v. 7578). (b) Irritada, encolerizada (v. 15817).

**Assomar.** Começar a aparecer.

**Astrea.** Virgem virtuosa, filha de Zeus e de Témis, ou noutras versões de TITÃO e a AURORA, por via de regra identificada com a Justiça, que viveu entre os homens na Idade de Ouro, mas teve de refugiar-se nos montes na Idade de Prata, e no firmamento na de Bronze, tornando-se a constelação de Virgem.

**Atalanta.** Formosíssima donzela, filha do rei Esqueneu, pretendida por muitos. O oráculo de APOLO profetizou que não devia casar, pois o matrimónio provocaria a ruína dela e do marido. Por ser muito ligeira e veloz, desafiou os pretendentes a correr contra ela, sendo

o prêmio para o vencedor poder desposá-la, e o castigo para o perdedor, a morte às mãos da própria Atalanta. Hipómenes, movido pela curiosidade, foi assistir a competição, na qual inúmeros pretendentes perderam a vida, e apaixonou-se pela jovem; com a ajuda de Afrodite, que lhe deu três maçãs de ouro de irresistível beleza, venceu a corrida, pois Atalanta, apesar de mais rápida, ao abaixar-se para recolher as maçãs, perdeu tempo e chegou atrasada. Embargado pela felicidade, Hipómenes esqueceu-se de agradecer a ajuda de Afrodite, pela que a deusa castigou ambos, incendiando-os com uma paixão tão irrefreável que os levou a consumir seu amor no templo de Cibele, a qual, indignada com o desacato, os transformou nos leões que se encontram atados ao seu carro. Veja-se CIBELES.

**Ataúde.** Féretro, caixão funerário.

**Atégora.** Amálgama por *até agora*.

**Atenas.** Cidade da Grécia e a sua atual capital, edificada por PALAS, também chamada Atena, uma das principais deusas do panteão olímpico, inventora das artes, dos números e do alfabeto, dentre outras muitas coisas (a exemplo da pintura dos tecidos ou do uso da oliveira, árvore que lhe é consagrada).

**Atéqui.** Amálgama por *até aqui*.

**Atlante.** Rei da Mauritânia, filho de Japeto com Límene ou com a ninfa Ásia e avô de Hermes. Foi o GIGANTE que liderou a luta dos TITÃS contra os deuses; derrotado, foi condenado a sustentar eternamente a abóbada celeste, até que, finalmente petrificado, ficou convertido em monte. Noutra versão, Perseu, como castigo à sua falta de hospitalidade, mostrou-lhe a cabeça de Górgona Medusa, convertendo-o em monte (ou cordilheira). Também é chamado Atlas.

**Atlantes.** GIGANTES; homens de imensa força ou valor. Derivado de ATLANTE.

**Átropos.** Ao lado de CLOTO e Laquésis, uma das três PARCAS que tecem e cortam o fio da vida humana, das quais se diz serem filhas de Erebo e da Noite (ou de Zeus e Témis). Na versão clássica, CLOTO segura a roca, Laquésis fia, e Átropos corta o fio; porém, é

frequente atribuir a todas elas esta última função. Também são chamadas Fados, por terem em suas mãos o destino dos homens. Veja-se também FADO.

**Augusto. (a)** Como nome próprio, refere-se ao grande imperador romano Octaviano César Augusto, vencedor na guerra civil contra o general Marco António, a quem é dedicado, no calendário pagão, o oitavo mês do ano (agosto). **(b)** Como adjetivo, significa majestoso, venerável.

**Aumento.** Progresso de uma causa, proveito.

**Aurora.** Um dos nomes de Éos, rival de Afrodite pelo amor de Ares e mãe dos ventos ZÉFIRO, BÓREAS, NOTO e Euro, bem como da estrela da manhã, Eósforo, também conhecida como Lúcifer. É filha de Hisperion e de Tia, irmã do Sol e da Lua. Foi apaixonada por Céfalo, que rejeitou o seu amor para unir-se a Prócris, a qual ganhou fama pela sua deslealdade; também amou TITÃO. É apresentada conduzindo um carro puxado por quatro cavalos cor-de-rosa.

**Aurora sem sombras do pecado.** Metáfora por Maria, mãe de Jesus.

**Ausónia.** Região da Itália, assim denominada por Ausónio, filho de Odisseu e de Calipso, que nela reinou. Como adjetivo, significa italiana. Veja-se ULISSES.

**Auspício.** Presságio, agouro; figuradamente, patrocínio, proteção.

**Austral.** Meridional, do sul; devido a Austro, vento que sopra do sul, também chamado vendaval.

**Avena.** Antiga flauta pastoril.

**Avídio Cássio.** General romano do século II d.n.e., enviado pelo imperador MARCO AURÉLIO à conquista da Ásia, primeiramente, e depois do Egito, empresas das quais saiu extremamente vitorioso. Chegando aos seus ouvidos o rumor da morte do imperador, auto-proclamou-se seu sucessor, pelo que foi declarado inimigo público pelo Senado e finalmente foi morto às mãos dos seus próprios soldados.

**Azevia.** Peixe comum, também conhecido como língua-de-vaca.

**Azul campanha.** Metáfora por rio.

## **B**

**Babel.** O mesmo que BABILÓNIA.

**Babilónia.** Capital da Mesopotâmia e primeira metrópole do mundo, esteve assente perto da atual cidade de Bagdad, junto ao rio Eufrates, não longe da confluência com o Tigre. Os judeus foram lá cativos, motivo por que o seu deus destruiu a cidade, conhecida pelo luxo e pelos prazeres mundanos; daí os poetas barrocos utilizarem-na como símbolo de confusão e de destruição, e como referência antagónica ao Sião.

**Baça.** Embaçada; por extensão, escura.

**Baldar(-se).** Empregar(-se) em vão algum recurso ou esforço.

**Banánias.** Na Bíblia, general israelita que, após a morte de DAVID, assassinou JOAB e conspirou – com sucesso – a favor da entronização de Salomão, em detrimento do primogénito Adonias.

**Baptista.** Profeta judeu que batizou Jesus, num rito de conversão dos gentis que depois foi adotado pelo cristianismo.

**Baraço.** Corda usada para estrangular.

**Barato, de.** Com facilidade.

**Barbacã.** Muro construído na parte exterior da muralha de uma fortaleza, para proteger o fosso do avanço das tropas inimigas.

**Barbaria.** Terra de bárbaros, termo usado profusamente na altura para designar quaisquer povos que não professassem a fé cristã.

**Basilisco.** (a) Monstro dotado do poder de matar com o olhar. (b) Antiga peça de artilharia.

**Beleguim.** Pejorativamente, designação dada a um agente da lei; esbirro. No texto, faz referência ao soldado cuja orelha foi cortada por Simão Pedro no monte Getsêmani, segundo a narração bíblica.

**Belígero.** Belicoso, guerreiro, que ama ou pratica a guerra.

**Belisa.** Mais um dos nomes utilizados para se referir à dama amada. Anagrama de Isabel. Veja-se AMARÍLIS.

**Belona.** Uma das mais antigas divindades do panteão romano, de carácter guerreiro, como o seu irmão (ou esposo, em certas versões) MARTE. Os seus atributos correspondem aos da Atena grega. Veja-se também PALAS.

**Benjamim.** Filho mais novo de JACOB com RAQUEL, que morreu no parto. Da sua descendência deriva Saúl, primeiro rei de Israel. Foi injustamente acusado pelo seu irmão José de haver roubado um cálice de prata.

**Bergantim.** Antiga embarcação, notavelmente ligeira e veloz, habitualmente de dois mastros.

**Bizarria.** Valor, valentia associada à nobreza de carácter.

es. **Blasonar.** Ostentar com orgulho um brasão.

**Boi.** Figura que representa Zeus, por haver adotado essa forma aquando do rapto de EUROPA. Veja-se também JÚPITER.

**Bombarda.** Máquina de guerra antiga, usada para arremessar pedras contra as linhas

inimigas; por metonímia, cada uma das pedras arremessadas por tal artefacto.

**Bonina.** Margaridas; por extensão, flores do campo, de um modo geral.

**Boreal.** Do norte, relativo ao vento BÓREAS.

**Bóreas.** É o vento norte ou nor-nordeste, chamado Áquilo pelos latinos, caracterizado pela sua intensidade. Como figura mitológica, foi amante de Orítia, filha do rei ateniense Ericteu, famosa por sua formosura. Como Orítia recusava as gentilezas de Bóreas, este raptou-a enquanto a jovem colhia boninas, levando-a nas suas asas até à Trácia, onde a desposou.

**Bosque de Helícona.** Refere-se ao monte beócio Hélicon, dedicado a APOLO e às MUSAS, próximo ao PARNASO. Veja-se também HELÍCONA.

**Branca.** Antiga moeda de ouro, donde se origina a expressão “não ter branca” para indicar não se dispor de dinheiro.

**Brandão.** Vela de cera, círio.

**Brando.** Macio, suave ou delicado. Figuradamente, sensível.

**Brio.** Valor, coragem para enfrentar os perigos e desafios. Utiliza-se frequentemente no plural.

**Britano.** Britânico.

**Bruto.** (a) Como adjetivo, feroz. (b) Como substantivo comum, besta. (c) Como substantivo próprio, alude a Júnio Bruto, nobre romano, que não deve ser confundido com Marco Bruto, o assassino de Júlio CÉSAR.

**Bucéfalo.** Cavallo de ALEXANDRE, que o ganhou do pai, Filippo, após haver sido o único capaz de domá-lo. O oráculo dissera que quem conseguisse domá-lo, dominaria o mundo, o que se cumpriu em Alexandre.

**Buço.** Parte da capa que cobre o rosto. É forma irregular por *embuço*.

## C

**Cabalina.** Veja-se HIPOCRENE.

**Cabeça do Universo.** Metáfora por Roma, até hoje conhecida pela célebre expressão latina a que a frase portuguesa alude: *caput mundi*.

**Cabo da esperança.** Literalmente, final da esperança; alude ao Cabo da Boa Esperança, que separa os oceanos Atlântico e Índico, no extremo sul do continente africano, onde mora o célebre Adamastor retratado por Camões.

**Cabo.** Patente militar imediatamente inferior à do sargento.

**Cachia.** Flor da esponjeira.

**Caçoula.** Caçarola.

**Caes.** Grafia para a forma regular *cais*.

**Cajado.** Bordão ou bastão próprio de pastores.

**Calepino.** Popularmente, vocabulário.

**Caliginoso.** Coberto pela caligem, formada por densos nevoeiros; daí, adquire o sentido figurado de tenebroso, escuro, mal iluminado.

**Calíope.** Musa que preside a poesia heróica, considerada a principal das nove irmãs. Foi mãe de ORFEU.

**Cam.** Filho de Noé e avô de Nimrod.

**Cambapé.** Rasteira.

**Cambrai.** Tecido fino à base de algodão ou linho, assim chamado por proceder da cidade belga de Cambrai. A forma regular atual é *cambraia*.

**Camena.** No texto, é sinónimo de Musa. Originariamente, alude à divindade grega que inspirava nos humanos, notadamente nas crianças, o gosto pelo canto e pela expressão poética. Foram os latinos que fizeram equivaler as Camenas, pluralização da Camena grega, com as MUSAS.

**Campear.** Dominar um campo, natural ou de batalha.

**Canada.** Medida de bebida alcoólica.

**Canceradas.** Refere-se às comédias de JERÓNIMO CÁNCER, famoso poeta e dramaturgo em língua castelhana citado por Jerónimo Baía.

**Cantilena.** Canto suave e melodioso.

**Capelão-maior.** O principal dentre os padres responsáveis pelos serviços religiosos de uma capela, notadamente o da capela régia.

**Capitólio.** Monte de Roma onde se erguia o templo dedicado a JÚPITER e Juno e a sua filha MINERVA. No texto, é usado como epíteto de qualquer grande monumento.

**Capricho.** Esmero, primor do carácter ou da aparência.

**Carcino.** Autor grego de tragédias que, segundo refere Aristóteles no capítulo XVII da *Arte Poética*, foi censurado pelo público durante a representação de uma obra sua, por se esquecer de fazer o personagem Anfiarão sair do templo donde se supunha que devia fazê-lo. São famosas desde então as expressões “os erros de Carcino” e “a queda de Carcino”.

**Cardeal.** Título honorífico concedido a fiéis da Igreja católica, de regra bispos, que outorga aos possuidores prerrogativas especiais, sendo a mais importante dentre elas a de participar da votação para a eleição de papa.

**Caribdis.** Uma das duas extremidades em que o estreito que divide a Sicília e a Calábria acentua sua angustura; a outra é Scilla. Em ambas, o mar é proceloso e em extremo perigoso, levando inúmeros navios ao naufrágio.

**Carmelo.** Congregação carmelita, uma das mais antigas da Igreja católica, que toma o nome do monte homónimo, localizado na Terra Santa. A “glória insigne do Carmelo” (v. 2396) a que se alude no texto faz referência à figura de Nuno Álvares Pereira, herói da independência contra Castela no século XIV, que foi conde de Arraiolos, de Barcelos e de Ourém, e que acabou os seus dias professando na ordem carmelita, após enviuvar.

**Carmesim.** Tom muito vivo da cor vermelha, próprio das rosas e de certos enfeites cosméticos habitualmente usados por mulheres.

**Carnífice.** Algoz, assassino; sanguinário, cruel.

lat. **Caro mea.** “Minha carne”, frase pronunciada por Emanuel – vulgo Jesus o Cristo – durante a conhecida como Última Ceia. O uso da expressão, no texto, é irónico.

**Carondas.** Ainda que no texto se fala dele como governador de ATENAS (I, p. 280), de facto foi-o de Catânia, provavelmente no final do século VI e/ou no início do século V a.n.e. O epíteto “Túrio”, que lhe é apostado na rubrica, provavelmente seja devido a que fosse originário da cidade homónima, fundada pelos sibaritas – de origem aqueia – e refundada pelos atenienses.

**Caronte.** Barqueiro do Hades, transportava os mortos através do rio AQUERONTE que dividia o inframundo ou inferno na cosmologia grega clássica, levando-os ao seu respetivo destino.

**Carro de Neptuno.** O mesmo que carro de cavalos, já que, na explicação mitológica, foi Posídon (Neptuno para os romanos) que presenteou os humanos com os primeiros

espécimes desses animais, chamados Scíplico e Arion; ou, ainda, o primeiro domador de cavalos.

**Cartago.** Cidade localizada no norte de África, fundada pela rainha DIDO após a sua fuga da Fenícia, por causa da ambição de PIGMALEÃO, seu cunhado. Foi cabeça do império cartaginense, cujos maiores generais foram Amílcar e seu filho ANÍBAL, inimigos acérrimos do império romano.

**Castálias.** Epíteto aplicado às MUSAS, por habitarem a fonte Castália, no monte Hélicon. Veja-se HELÍCONA.

lat. **Castaneas, nucesque meas, quas Amaryllis amabat.** Castanhas e nozes minhas, que Amarílis amava. Veja-se AMARÍLIS.

**Castor.** Um dos dióscuros, juntamente com o seu irmão PÓLUX, ao qual aparece indissociavelmente unido; ambos são filhos de Zeus e Leda, esposa de Tíndaro, e são célebres pela sua beleza física. Participaram da expedição dos argonautas, na qual ganharam fama de divindade por causa de as luzes chamadas de Santo Elmo (ou São Telmo) haverem aparecido como que pousadas em suas cabeças. Após a morte de Castor, PÓLUX pediu ao seu pai Zeus a concessão do dom da imortalidade para o seu irmão, que lhe concedeu, transformando ambos na constelação de Gémeos (ou Géminis).

**Catadura.** Aspeto, cariz, aparência do rosto.

**Catão.** Dos dois famosos políticos romanos homónimos, o texto refere-se a Marco Pórcio Catão, apelidado “o Censor” ou “o Velho”. É considerado o criador das bases do direito romano, caracterizado pelo senso de honestidade, integridade, justiça e austeridade.

**Catapulta.** Antiga máquina de guerra usada para arremessar projéteis.

**Caterva.** Quantidade de animais.

**Cego deus.** AMOR.

**Celeste Providência.** Na teologia cristã, força que dirige o destino dos homens e zela por eles, devida à misericórdia de Deus.

**Centimano.** Veja-se TIFEO.

**Cerberos.** Veja-se CÉRBERO.

**Cérbero.** Cão monstruoso, de múltiplas cabeças, que guardava a entrada do Hades.

**Ceres.** Deusa romana das sementes, que ensinou os homens a lavrar e a semear a terra; é filha de Saturno e de Ópis (veja-se CIBELES). Junto com Télus, é equivalente à divindade grega Deméter.

**Ceres, a bela filha de.** Prosérpina, esposa de PLUTÃO e, portanto, deusa do Hades. Está intimamente ligada ao mito de ORFEU e Eurídice, já que é ela quem permite o acesso de Orfeu ao inframundo.

**Cerração.** Nevoeiro espesso.

**Cerúleo.** Da cor do céu; poeticamente, aplica-se ao mar, e é sinónimo de 'escuro'.

**César.** Júlio César, grande general romano, que a tradição faz filho de Júlio Ascânio e, portanto, neto de ENEAS. Foi o introdutor da instituição imperial entre os romanos. Alcançou a glória na milícia, no governo e nas letras, até à sua morte, numa sessão do Senado, às mãos de Bruto e de Cássio, dentre outros conspiradores. Foi sucedido por Augusto. Após a sua morte, todos os imperadores romanos adotaram o título de 'césar', que, por analogia, ou às vezes por hipérbole, se atribui na poesia aos governantes. No calendário pagão, é-lhe dedicado o sétimo mês do ano (julho).

**César Luso.** Rei de Portugal, epíteto usado em diversas ocasiões para engrandecer a figura do respetivo monarca.

**Cesárea Aurora.** Aurora do Império; no texto, alude ao Sacro Império Germânico (v. 2544).

**Césares.** Imperadores romanos; por analogia, reis. Veja-se CÉSAR.

**Ceva.** Alimento dado aos animais.

**Ceve.** Tapume; conjunto de ramos entrelaçados. É forma irregular por *sebe*.

**Chacóina.** Música e baile, similar à passacole, que esteve na moda nos séculos XVII e XVIII.

**Chamalote.** Tecido suave, de pelo ou lã.

**Charamela.** Antigo instrumento musical, espécie de gaita ou flauta rústica.

**Choupa.** Peixe também chamado *cântaro*.

**Chuveiro.** Chuva intensa e abundante, porém passageira.

**Cibeles.** Filha do Céu e de Géia e mulher de Cronos, adota o seu nome por causa do monte Cibelo, na Frígia, onde se lhe rendia culto. Recebeu múltiplos cognomes: dentre os principais, Ídea, Berecíntia, Ópis, Vesta e Mãe dos Deuses, ainda que para alguns se trate da confluência de divindades originariamente diferentes. Apaixonou-se perdidamente por Átis, que por sua vez amava a ninfa Sangarítide, pelo que recusou o amor da deusa; por ciúmes, ela infundiu-lhe a vontade de se matar com as próprias mãos, o que o jovem fez. O suicídio de Átis moveu Cibele à compaixão, pelo que o converteu em pinheiro. A forma regular atual é *Cibele*.

**Cilénio.** Epíteto de Hermes, por causa do monte Cilene, na Arcádia, onde era venerado. Veja-se MERCÚRIO.

**Cinta.** Cintura, cós.

**Cíntia.** Epíteto de Ártemis, por ser natural do monte CÍNTIO, em Delos. No nosso cancionário, este epíteto faz sempre referência apenas a um dos seus atributos, o de deusa lunar, devido a uma identificação tardia com a deusa Selene. No resto das ocorrências, é chamada pelo nome da sua correspondente divindade latina, DIANA.

**Cíntio.** Epíteto de APOLO, irmão de Ártemis, como ela nascido no monte Cíntio. Embora na tradição grega houvesse duas deidades com o mesmo nome, porém com atributos bem diferentes, no cancionero a ocorrência de Apolo refere-se sempre ao Apolo cíntio, nas suas qualidades de deus solar e de fonte de luz, que figuradamente representa a inspiração poética, como se pode apreciar desde o mesmo prólogo.

**Cisne.** Ave da qual se afirma que canta mais doce e suavemente no momento da morte, donde surge o seu emprego como símbolo da poesia e dos próprios poetas, e, em alguns casos, como imagem do mistério inerente à poesia e à ciência.

**Cisne Lusitano.** Refere-se a SÁ DE MIRANDA (v. 457).

**Cítara.** Antigo instrumento musical de corda, semelhante à lira, que servia como símbolo da música e da poesia.

**Citaredo.** Cantor que se fazia acompanhar do som da CÍTARA.

**Citera.** Cidade do Chipre onde se honrava Afrodite, que nela tinha um dos seus principais templos de culto. Veja-se VÉNUS.

**Clavel.** Castelhanismo por *cravo*, na aceção de flor.

**Clarim.** Instrumento musical de boca, de som estridente.

**Clemena.** Um dos nomes poéticos convencionais dados à amada na poesia de ambiente pastoril. Veja-se AMARÍLIS.

**Clio.** Uma das nove MUSAS, segunda dentre elas, responsável pela história e pela poesia épica. Segundo algumas fontes, é mãe do deus Himeneu e do músico Lino.

**Clóri.** Variante do nome CLÓRIS.

**Clóris. (a)** Ninfa grega das flores, filha de ANFIÃO, esposa de Neleu e mãe de Nestor.

Veja-se FLORA. **(b)** Nome poético convencional, aplicado notadamente às damas chamadas Catarina. Veja-se AMARÍLIS.

**Cloto.** Veja-se ÁTROPOS.

**Coche de cristal.** O do sol, guiado por APOLO.

**Coche luminoso.** Mais uma referência ao coche solar.

**Colchos.** Região da Ásia onde se encontrava o velocino de ouro que motivou a expedição dos argonautas.

**Comboi.** Conjunto de apetrechos militares.

**Comissão.** Prática ou execução de um determinado ato.

**Comitiva.** Séquito, conjunto dos que acompanham uma autoridade.

**Concento.** Canto a várias vozes, simultâneo e harmonioso.

**Consoada.** Refeição ligeira tomada à noite, após um dia de jejum.

**Constante.** Firme nos sentimentos, leal.

**Constantino.** Conquistador da antiga Bizâncio, que passou a chamar-se Constantinopla em sua honra até à conquista em 1453 pelos turcos, os quais a denominaram Istambul. Era cognominado o Magno, e ganhou fama pela sua generosidade.

**Contingência.** Eventualidade, imprevisibilidade dos acontecimentos.

**Contraminar.** Explodir as minas inimigas. No v. 4164, parece tratar-se de erro por *contrariar*.

**Convés.** Cobertura superior de um navio.

**Cópia.** (a) Abundância. (b) Reprodução fiel de um original.

**Corinto.** Uma das principais cidades da Grécia clássica, conquistada e destruída pelos romanos, famosa pela sua opulência e pela elegância nas construções arquitectónicas.

**Corregedor.** Representante real responsável pela administração de justiça em cada uma das circunscrições administrativas do Reino.

**Corte Real.** Jerónimo Corte Real foi um poeta épico seiscentista, célebre no seu tempo, cujas obras mais afamadas são o *Segundo cerco de Diu* e o *Naufração de Sepúlveda*.

**Coturno.** Borzeguim que cobria a perna até ao meio, usado habitualmente pelos heróis mitológicos e pelas NINFAS nas histórias trágicas, donde passou a identificar-se com este género poético.

**Coxim.** Sofá desprovido de espaldar.

**Cravina.** (a) Craveiro. (b) Carabina, arma de fogo similar à espingarda, ainda que de tamanho e calibre menores.

**Cresso.** Rei da Lídia, famoso pela sua imensa riqueza. Moveu guerra contra Ciro, rei da Pérsia, e foi dele vencido duas vezes: na primeira, Ciro perdoou-lhe a vida e o botim; mas, indignado com a deslealdade de Cresso, após a segunda derrota deste, fê-lo morrer torturado.

**Creusa.** Filha de Príamo, o rei que perdeu TRÓIA, foi a primeira mulher de ENEAS e mãe de seu primogénito e sucessor, ASCÂNIO.

**Cris.** Cor pardacenta; gris.

**Cristalino empório.** Metáfora por céu.

**Cristalino humor.** Metáfora por água.

**Crítica.** Produção literária destinada a destacar o valor das obras alheias.

**Cupido.** Divindade romana do desejo amoroso, equivalente ao Eros grego, é filho de VÊNUS e de MARTE. Segundo alguns autores – dentre eles, Ovídio – os Cupidos eram dois, sendo um honesto e outro torpe, cada um deles de genealogia diferente. Ou, ainda, seriam muitos, tantos como os filhos tidos por VÊNUS em seus inumeráveis amórios, como quer HORÁCIO. A multiplicidade de Cupidos ou Amores não é senão a translação mitológica da diversidade dos afetos humanos compreendidos no termo *amor*. O próprio deus Cupido foi apaixonado pela jovem Psiqué, a quem finalmente fez imortal. Veja-se também AMOR.

**Cúrcio.** Refere-se a Quinto Cúrcio, historiador, pensador e escritor romano.

**Curro.** Curral onde se guardam os touros.

## D

**Da noite o negro filho.** Epíteto aplicado a MOMO.

**Dafne.** Ninfa da Tessália, e a mais formosa dentre elas, é filha do deus-rio Peneu e de Géia. Foi muito amada por APOLO, mas, soberba e altiva, rejeitou os seus amores, segundo a tradição porque Eros atirou nele a seta de ouro que induzia ao amor e à paixão, e nela a de chumbo, que provocava ódio e aborrecimento. Finalmente, Apolo, não suportando mais a rejeição, começou a persegui-la; Dafne fugiu, mas, vendo que ia ser alcançada, pediu auxílio ao seu pai, do qual já se achava perto, e este transformou-a em loureiro, à vista de Apolo, que alcançou a abraçá-la enquanto se metamorfoseava naquela árvore. O loureiro é, desde então, dedicado a este deus, e as suas folhas usadas como instrumento de adivinhação e como símbolo de bom agouro, de glória poética e de vitória. Não deve ser confundida com Dáfnis, pastor filho de Hermes que foi criado pelas NINFAS da Sicília, o qual é tido como criador da poesia bucólica.

**Dagon.** Deus dos filisteus, uma das múltiplas seitas inimigas dos israelitas. Veja-se *Filisteo*.

**Damasco.** Tecido de seda fino, originário da cidade síria homônima.

**Damasipo.** Foi acusado de haver mandado matar ANTÍSTIO, no Senado, por promover a causa de Sila, rival de MÁRIO pelo controle do poder romano. A referência a Calpúrnia, no mesmo poema, parece dever-se a uma confusão provocada pela semelhança das mortes de Antístio e de Júlio CÉSAR, esposo dela.

**Dario.** Rei persa, filho de IDASPE, que chefiou o mais rico império e o mais numeroso exército da época. Conquistou a BABILÓNIA e manteve em cativeiro os judeus, que finalmente libertou em homenagem à sabedoria de Zorobabel. O seu exército, invicto até então, foi derrotado pelos gregos na célebre batalha de Maratona.

**David.** Filho de Saúl, foi o segundo rei dos judeus, e um dos mais insignes. O próprio Jesus é considerado seu descendente, metaforicamente sendo chamado de “filho de David”. Foi o vencedor do gigante GOLIATH e amante de Bersabé, por cuja paixão fez matar Urias, seu esposo, crime do qual depois se arrependeu. É considerado modelo de santidade e de justiça e atribui-se-lhe a autoria do livro dos Salmos. Sucedeu-o no reinado seu filho Salomão, tido de Bersabé.

es. **De la cabaña.** Da cabana.

**Debelar.** Vencer, dominar.

**Debuxar.** Delinear, retratar, pintar.

**Decantar.** Cantar em verso, em homenagem a algo ou a alguém.

**Decente.** De boa disposição e aparência, decoroso.

**Decoro.** Compostura, dignidade, decência.

**Decrépito.** Caduco.

**Deiopéa.** A mais bela das quatorze NINFAS marinhas que habitavam o mar Tirreno. A forma regular atual é *Deiopéia*.

**Délfico planeta.** O sol, assim chamado por causa de APOLO, deus solar que tem em DELFOS seu templo mais famoso, onde responde o celebérrimo oráculo. No fundo, responde a uma confusão entre o Apolo pítio, deus oracular, e o Apolo cíntio, deus solar. Este último tinha o seu templo em Delos, no monte CÍNTIO.

**Delfos.** Cidade que representava para os gregos o ônfalo ou centro do Universo, na qual se adorava o deus APOLO.

**Delíquio.** Desmaio.

**Demócrito do Céu.** A AURORA, assim chamada por rir (iluminar) e chorar (chover) ao mesmo tempo. O choro representa o filósofo Heráclito, que chorava quando a FORTUNA premiava alguém imerecidamente, por não ver feita a Justiça; o riso, o também filósofo Demócrito, que na mesma circunstância ria, zombando assim da Vaidade e da Presunção dos homens. A forma regular atual seria *Demócrito do Céu*.

**Denodo.** Desembaraço e bravura, especialmente na luta.

**Denotar.** Indicar, significar, anunciar algo mediante sinais.

**Deos de amor.** Eros ou CUPIDO. A forma atual seria *Deus de amor*.

**Deos ligeiro.** Eros ou CUPIDO, por causa das asas com que o pintam. A forma atual seria *Deus ligeiro*.

**Derrota.** Originariamente, a rota do navio; por extensão, qualquer rumo marítimo ou terrestre.

**Desabrido.** Rude, áspero, tempestuoso.

**Desairoso.** Deselegante, indecoroso. Veja-se DESAR.

**Desar.** Falta de elegância ou de decoro. Opõe-se a *ar* e a *graça*.

**Desbaratar.** Arruinar, desperdiçar.

**Descante.** Originariamente, canto realizado em dueto, às vezes em forma de desafio entre os intérpretes. No texto, indica o canto desgarrado da temática amorosa.

**Desdém.** Desprezo infligido com orgulho e altivez.

**Desdouro.** Deslustre, perda do brilho. Figuradamente, vergonha, mácula na honra ou no carácter.

**Desinquietar-se.** Voz popular por *inquietar-se*.

**Despojar.** Privar da posse, despir.

**Despojo.** Posse retirada de alguém, espólio.

**Desvanecer.** Dissipar, fazer desaparecer.

**Detrimento.** Prejuízo, dano.

**Deus que é do monte presidente.** Referência a APOLO, que entre os seus muitos atributos detinha o de ser o protetor da poesia.

**Diana.** Uma das mais antigas divindades romanas, identificada com a deusa grega Ártemis e, como esta, protetora da recolção e da caça. Também é considerada protetora da castidade e da virgindade (veja-se ACTEON). É filha de JÚPITER e de Latona, e irmã de FEBO, nascidos ambos de um só parto, na ilha de Delos. A sua popularidade era tamanha que acabou absorvendo os atributos de outras divindades, pelo que se diz que possuía três rostos, facto que leva alguns a considerá-la uma trindade: seria Ártemis ou DIANA nos montes; Hécate ou Prosérpina, no inferno; e Selene ou Lua, no céu.

**Dido.** Filha de Belo, irmão de AGENOR e rei da cidade fenícia de TIRO, e esposa de Siqueu. Irmã e rival de PIGMALEÃO, fugiu à perseguição deste indo instalar-se no norte da África, onde fundou a cidade de CARTAGO, cortando em finas tiras a pele de um boi que seus anfitriões lhe ofereceram para delimitar a terra que lhe fora vendida. Governou Cartago com sucesso e sabedoria, e ali teve amores com ENEAS, que depois de um tempo a abandonou para prosseguir a sua viagem.

**Dilações.** Dilatamento temporal, adiamento; tempo de espera. A forma atual é *dilações*.

**Discrição.** Discernimento, prudência, sabedoria; sensatez.

**Divina Essência.** Deus criador e incriado da religião cristã.

lat. **Dixi.** Disse (eu).

**Dom Afonso IV.** Veja-se AFONSO.

**Dom Afonso VI.** Veja-se AFONSO.

**Dom António.** Referido no v. 1081, num poema encomiástico a DOM JOÃO V, deve referir-se ora ao Infante Dom António, ora ao marquês das Minas na altura, de nome António Luís de Sousa, uma das mais preeminentes figuras do Reino.

**Dom Francisco.** Terceiro filho do rei PEDRO II, foi Duque da Beira e Infante de Portugal durante o reinado do pai e do seu sucessor, DOM JOÃO V.

**Dom Jerónimo Cáncer.** Dramaturgo aragonês com facilidade para a sátira e a burla, cujas comédias eram muito populares na literatura castelhana e nos teatros espanhóis do século XVII.

**Dom João I.** Rei de Portugal entre 1385 e 1433.

**Dom João II.** Rei de Portugal entre 1481 e 1495.

**Dom João III.** Rei de Portugal entre 1521 e 1557.

**Dom João IV.** Rei português fundador da dinastia de Bragança, restaurador da independência de Portugal após o período de dominação castelhana. Foi coroado em 1640 e reinou até à data do seu falecimento, em 1656.

**Dom João V.** Monarca de Portugal entre 1707 e 1750, data da sua morte.

**Dom Manoel.** Infante de Portugal na época do reinado de DOM JOÃO V. A forma regular atual é *Dom Manuel*.

**Dom Miguel.** Filho do monarca português DOM PEDRO II.

**Dom Pedro I.** Herdeiro da coroa portuguesa em tempos de AFONSO IV e amante de DONA INÊS DE CASTRO.

**Dom Pedro II.** Rei de Portugal entre 1683 e 1706, conseguiu a coroa mediante um *coup d'état* que destituiu o seu irmão, o até então monarca AFONSO VI.

**Domício Ahenobarbo.** Governador siciliano célebre pelo seu gosto pela violência e por ser o pai do imperador Nero.

**Dona Inês de Castro.** Nobre galega que, no século XIV, protagonizou um dos casos de amor mais célebres e rememorados da história de Portugal. Foi amante (e talvez esposa, mediante casamento secreto) do futuro rei DOM PEDRO I, mas não chegou a reinar devido à oposição do monarca AFONSO IV, pai de Dom Pedro, ao enlace: perante a recusa do filho a casar com as pretendentes que o pai lhe arranjava, devida a sua firme determinação de desposar Dona Inês, Afonso IV mandou assassinar a jovem dama, dando deste modo lugar ao drama mais cantado na história da literatura portuguesa. Foi declarada rainha a título póstumo em 1360, cinco anos após a sua execução.

**Donaire.** Graça, gentileza, elegância.

**Dóris.** Ninfa marinha, filha de Oceano e TÉTIS, esposa de Nereu e mãe de Galatéia e das

NINFAS chamadas NEREIDAS ou Nereias. Por metonímia, representa o próprio mar, que preside. Veja-se também NEREO e GALATÉA.

**Dotes.** Dons, virtudes. Utiliza-se habitualmente no plural.

**Dríades.** NINFAS dos bosques, famosas pelos seus dotes venatórios.

## E

**Eclípodas.** Forma não documentada. Talvez se refira às Graças, filhas de Hélio com Aegle.

**Eclíptica luzente.** A trajetória do sol. Provável erro por *elíptica*.

**Eco.** NINFA de quem se diz ser filha do ar, nunca vista por ninguém, amada pelo deus Pã e, por sua vez, apaixonada por NARCISO. Ao não encontrar correspondência no seu amado, chorou tanto que acabou transformada em pedra, não lhe restando outro atributo humano senão a voz, com a qual repete os últimos sons das palavras.

**Efraim.** Segundo filho de José e neto de JACOB, que, alterando a ordem de primogenitura, lhe deu a bênção que correspondia ao seu irmão MANASSÉS.

**Egnido.** Ou Gnido, ilha dedicada a Afrodite, que ali tinha um templo adornado com uma das suas mais famosas imagens, esculpida, segundo a tradição, por Praxíteles.

**Egrégio.** Insigne, ilustre, nobre.

**Electro.** Literalmente, mistura de metais composta por uma parte de prata para cada quatro de ouro. No texto, vale como ouro, metaforizando a luz solar derramada por LAMPETUSA.

**Elísios.** Campos em que os antigos acreditavam encontrar-se a morada da perpétua felicidade, na vida após a morte terrena. Para uns, encontravam-se na Andaluzia; para

outros, na Beócia; ainda para outros, fora deste mundo; e para os mais, seriam umas ilhas no oceano.

**Elísio vale.** Vale onde se localizavam os Campos ELÍSIOS.

**Emprego.** Aplicação de uma dada faculdade.

**Empresa.** Empreendimento, intento.

**Encelados.** Titã filho de Urano e irmão de Cronos. Segundo a mitologia, após a derrota dos titãs, Encelados foi soterrado sob o Etna. No texto, a expressão “Encelados de Roma” refere-se à abrupta decadência do poder romano ou, mais concretamente, da elite que o detinha.

**Encómio.** Elogio superlativo, aplauso público.

**Eneas.** Filho de Afrodite e de ANQUISES, é um dos maiores guerreiros troianos na guerra contra os aqueus. Foi inimigo acérrimo de AQUILES, de cuja fúria sanguinária se salvou várias vezes graças ao auxílio de Zeus. Após o incêndio da cidade, fugiu para o exílio em Itália, carregando o seu pai nas costas. Tomou como esposas CREUSA, primeiramente, de cuja união nasceu ASCÁNIO, e depois LAVÍNIA, que lhe deu Sívio Póstumo; teve também os amores de DIDO durante a sua estada em CARTAGO. É o protagonista da *Eneida* virgiliana e fundador da dinastia de reis albanos de Roma, também conhecida como *Gens Iulia* ou 'Família Júlia'. É forma irregular por *Eneias*.

**Enfrear.** Pôr freio, conter.

**Engrazar.** Concatenar elos ou jóias numa cadeia. É forma irregular por *engranzar*.

**Énio Tarentino.** Poeta latino que viveu entre os séculos III e II a.n.e.

**Enjeitar.** Rejeitar; recusar.

**Enleio.** Perplexidade, assombro, suspensão dos sentidos.

**Enojoso.** Que causa enojo ou enfado.

**Enredado.** Emaranhado.

**Enxabido.** Insípido, sem sabor.

**Enzinha.** Fruto da azinheira. A forma regular é *azinha*.

**Eólo.** É o deus dos ventos, filho de Posídon. Mora nas ilhas Eólicas, próximas da Sicília. A forma regular atual é *Éolo*.

**Epicédio.** Elogio fúnebre, elegia.

**Erário.** Tesouro; cofre. Figuradamente, repositório de virtudes.

**Erato.** MUSA da poesia lírica e erótica, é representada como a mais amável das nove musas.

**Erice.** Monte da Sicília onde se encontra um dos mais famosos templos de Afrodite (VÉNUS Ericina). Não se deve confundir com Aricino, monte em que a ninfa Egéria se metamorfoseou em fonte, por causa do abundante choro que a morte do seu amado NUMA Pompílio provocou nela.

**Ervada.** Envenenada.

**Esaú.** Neto de Noé, filho de ISAAC e irmão de JACOB, que lhe arrebatou a primogenitura. No texto é acusado de idolatria já que da sua linhagem derivam os povos árabes.

**Escamel.** Polimento, aperfeiçoamento das virtudes ou capacidades.

**Escarcha.** Orvalho congelado.

**Escarlata.** Cor vermelha muito viva e intensa. Figuradamente, refere-se ao sangue. A

forma regular é *escarlata*.

**Escipião.** Filho do cônsul romano do mesmo nome, foi um dos mais vitoriosos generais romanos. Submeteu a Hispânia toda, e, mais tarde, lutou contra os cartagineses em África, vencendo-os completamente, obrigando o próprio ANÍBAL a solicitar a paz, pelo que ganhou a alcunha de Africano, que habitualmente aparece aposta ao seu nome.

**Esculápio.** Deus romano da medicina e da sanção, equivalente do grego Asclépio.

**Esfera.** Refere-se ao céu, tal como entendido na antiga cosmogonia herdada dos clássicos. Veja-se ONZE ESFERAS.

**Esfinge.** Monstro que possuía cabeça de mulher, asas de ave e pés de leão, famoso pelo enigma resolvido por Édipo, que deste modo ganhou o direito de desposar locasta, rainha de TEBAS, ignorando ser ela a sua mãe. Conta-se que, após a morte de Édipo, a Esfinge se atirou do alto de um penhasco, morrendo despedaçada.

**Esgrimir.** Brandir uma arma.

**Esmoler.** Encarregado de distribuir o dinheiro arrecadado nas esmolas.

**Esmorecer(-se).** Perder gradualmente o ânimo, o alento, o vigor ou a mesma vida.

**Espadano.** Aplica-se ao juiz, por causa da espada com que se representa a Justiça. Provavelmente, está subjacente um jogo de palavras com o termo *espadanar*, para conotar o gosto daquele pela bebida.

**Esparcido.** É forma irregular por *esparzido*, por sua vez variante de *esparzido*.

**Esposa de Titão.** É Éos, também chamada Eoa ou AURORA. A sua relação com TITÃO não é clara: numa versão é considerada filha dele, enquanto noutras é sua esposa, como se pode apreciar no texto.

**Esquivança.** Recusa, desdém.

**Estandarte.** Bandeira ou divisa portada pelos regimentos militares. Por extensão, símbolo.

**Estrado.** Bancada não muito elevada.

**Estrebaria.** Cavalariça, estábulo.

**Estrela de Citera.** É a Afrodite grega ou a VÉNUS romana, e daí o planeta Vénus. Veja-se CITERA.

**Estremado.** Que possui uma qualidade notável.

**Etéreo globo.** O céu. Denominava-se *globo* cada uma das ESFERAS que compunham o firmamento.

**Etna.** Monte e vulcão siciliano, chamado assim em homenagem a Etna, filha do gigante Briareu e irmã de Sicínio. Sob ele descansam os GIGANTES fulminados pelos raios de Zeus. Figuradamente, surge como símbolo de paixão intensa.

**Eton.** Um dos quatro cavalos do carro solar, mais concretamente o de cor baia. Os outros são Eco (branco), FLEGETONTE (murzelo) e PIROIS (castanho). Todos eles deitavam fogo pelas ventas.

**Etonte.** Variante do nome ETON.

**Etrúria.** Território que ocupava o espaço entre os rios Arno e Tibre, na atual Itália. O povo etrusco possuía língua e religião próprias e autóctones, diferentes das do resto dos povos itálicos, bem como das gregas. Os etruscos tiveram grande influência sobre os romanos, devido ao seu alto nível de desenvolvimento, e chegaram a reinar em Roma antes da instauração da República romana, em finais do século VI a.n.e. Ambos povos tornaram-se depois rivais e contendentes, com a vitória final dos romanos.

**Europa.** Belíssima princesa fenícia, filha do rei AGENOR. Levantou a paixão de Zeus, que,

com a ajuda de Hermes, arquitetou um plano para raptá-la: assim, adotou a figura de um belo e manso touro, em cujo lombo a conduziu até à ilha de Creta, onde consumou a sua união, da qual nasceriam três filhos, dentre eles o célebre rei cretense Minos. Depois de abandoná-la, Zeus casou-a com Astérion. Como agradecimento ao animal que serviu ao seu propósito, colocou-o no firmamento, no signo denominado Touro. Europa, por sua vez, deu nome a um dos continentes em que se costuma dividir o mundo.

**Euterpe.** Uma das nove MUSAS, concretamente a que inspira a música.

**Exalação.** Emanação ou lançamento veloz e, de regra, fugaz.

**Excogitar.** Pensar reflexivamente; criar alguma coisa com o pensamento.

**Exício.** Ruína.

**Expende.** Explicar, expor.

**Expugnar.** Vencer a resistência, conquistar pelas armas.

**Extremos.** Excessos, manifestações de um sentimento ou de uma qualidade no seu mais alto grau.

**Extremoso.** Aquele que pratica EXTREMOS.

## F

**Fábio.** Nome poético convencional. Veja-se AMARÍLIS.

**Fado.** Divindade que rege o curso dos acontecimentos humanos. Junto à FORTUNA e ao Caso (ou Acaso), regia os destinos dos seres humanos.

**Fados.** Personificações do destino humano. Veja-se FADO e ÁTROPÓS.

**Faetonte.** Filho de APOLO (no atributo de Hélios, deus do sol) e de Climene, pediu ao seu pai que lhe permitisse conduzir o carro solar por um dia, por vingar a afronta de Epafo, filho de Zeus e de Io, que o acusou de não ser filho do deus solar. Conduziu o carro solar de maneira tão desastrosa que, a poucos passos, o deixou cair por terra, pelo que Apolo precisou intervir para evitar que a Terra toda se abrasasse e para castigar o culpado, que fulminou com um raio. As suas irmãs, conhecidas como Edíadas, choraram tanto por causa do triste sucesso que os deuses as converteram nos álamos.

**Falerno.** Região da província da Campânia, no sul da Itália, famosa desde a Antiguidade pela qualidade dos seus vinhos.

**Fama.** Monstro fabuloso que tem o corpo alado coberto de penas cheias de olhos, bocas e línguas. É filha de TITÃO e de Géia, e encarrega-se de divulgar os atos dos homens dignos de serem lembrados, como exemplo quer do bem quer do mal. Entre os romanos, fazia-se equivaler à Voz Pública, e morava num palácio localizado no centro do mundo, aonde chegavam todas as vozes dos homens; no mesmo palácio residiam também a Credulidade, o Erro e os Falsos Rumores.

**Fariseo.** Membro da seita farisaica, defensora ortodoxa da lei mosaica; por extensão, diz-se do hipócrita. É forma irregular por *fariseu*.

**Farrásio.** Ou Parrásio, foi o mais célebre pintor da Antiguidade, natural de Éfeso. Na contenda com o rival ZÊUXIS, este pintou um cesto de uvas com tal realismo que conseguiu enganar até mesmo as aves que tentavam alcançá-las; chegado o turno de Farrásio, pintou uma toalha que conseguiu enganar o próprio Zêuxis.

**Fasto.** (a) Luxo, ostentação. (b) Festejo memorável.

**Fautor.** Favorecedor ou promotor de uma causa.

**Febo.** Epíteto romano de APOLO, de significado desconhecido e frequentemente usado como nome do próprio deus, sobretudo no seu atributo de divindade solar, por identificação com Hélios. O ramo de Febo, aludido numa das passagens do cancionero, é o do louro, árvore dedicada a Apolo.

**Fedra.** Segunda esposa de TESEO e amante do seu enteado HIPÓLITO.

**Fementido.** Perjuro, aquele que falta ao juramento dado.

**Fêmeo.** Antiga denominação do tipo de verso caracterizado pela presença de palavra paroxítona em posição de rima.

**Fenecer.** Chegar ao fim, morrer, extinguir-se.

**Fénix.** Ave que dá nome ao cancionero d' *A Fénix Renascida*, que por sua vez serve de base para o *Postilhão de Apolo*, provém de um mito etiópico. A ave Fénix possui forma de águia, porém é única na sua espécie: é coberta de penas douradas e resplandecentes no pescoço, amarelas na cauda, e vermelhas no resto do corpo. No Egito é relacionada com o culto ao sol e, como este, depois de cada morte renasce de suas próprias cinzas: no caso da ave, o renascimento produz-se na cidade de Heliópolis, sob a supervisão do supremo sacerdote do culto ao sol e com a intervenção direta do calor irradiado por ele. A morte que precede a cada renascimento da Fénix produz-se quando a ave, ciente de encontrar-se no final da vida, se dirige propositadamente ao lugar onde o sol fulge com mais ardor, para morrer abrasada em chamas. Segundo a maioria das versões, cada uma de suas vidas tem uma duração de quinhentos anos, mas, a depender dos autores, pode chegar até a uma era, formada por doze mil novecentos e quarenta e quatro anos.

**Feto.** Conjunto das plantas do campo que não dão flor nem fruto; por extensão analógica, vale por campo.

**Fídias.** O mais célebre escultor grego do século V a.n.e., a época dourada de Atenas, sob o governo de Péricles.

**Filha de Agenor.** EUROPA.

**Filha de Ceres.** Sendo CERES a equivalente romana de Deméter, a sua filha Proserpina é a Perséfone da mitologia grega, famosa por ser uma das mais belas imortais.

**Filho de Anquises.** ENEAS.

**Filho de Maia.** MERCÚRIO.

**Fílis.** Rainha da Trácia, filha de Licurgo, acolheu Demofonte quando este voltava da guerra de TRÓIA. Dado que ele era herdeiro do trono ateniense, por ser filho de Teseu, quando aquele ficou vacante ele foi reclamá-lo, prometendo a Fílis que retornaria num mês. Como demorasse mais do que o prometido, Fílis entendeu que a abandonara, da mesma forma que Teseu fizera com ARIADNA, e enforcou-se numa amendoeira. Os deuses, compadecidos, transformaram-na nessa árvore; assim, quando Demofonte voltou e soube do ocorrido, abraçou-se à árvore, a qual no mesmo instante começou a dar folhas e frutos, em sinal de alegria pelo reencontro com o seu amado. Também serve como nome poético convencional: veja-se, neste sentido, AMARÍLIS.

**Filisca.** Antiga cidade macedónica famosa pela lavra do jaspé.

**Filisteo.** Membro de uma seita materialista que cultuava ao deus DAGON, considerado um ídolo pelos israelitas. Um dos mais famosos filisteus foi o gigante GOLIATH. É forma irregular por *filisteu*.

**Filomela.** Irmã de PROGNE e cunhada de TEREIO, rei da Trácia, foi forçada por ele, que lhe cortou a língua para evitar que contasse o acontecido. É identificada com a alondra, entre os gregos, e com o rouxinol, entre os latinos.

**Filomena.** Variante por FILOMELA, provavelmente por castelhanismo.

**Fineza.** Delicadeza, favor.

**Flamante planeta.** O sol.

**Flébil.** Lacrimejante, plangente.

**Flegetonte.** Um dos cavalos do carro solar. Veja-se ETON.

**Flora.** Uma das mais antigas divindades romanas, deusa da floração e da primavera e esposa de ZÉFIRO. Ao que parece, é figura equivalente à ninfa grega CLÓRIS. As antiquíssimas celebrações dos maios, próprias do norte de Portugal e da Galiza, são homenagem a esta deusa, provavelmente sincretizada com MAIA.

**Fogar** [verbo]. Mostrar fogosidade. Provavelmente, trata-se de criação expressiva.

**Fortim.** Posto fortificado menor que a fortaleza.

**Fortuna.** Divindade, filha de Oceano, que governa a distribuição dos bens temporais. É representada em figura de mulher, com a cornucópia na mão e fazendo girar uma roda.

**Fraldelim.** Brial, espécie de saia.

**Francisco de Sousa.** Um dos protetores de Jerónimo Baía, foi Marquês das Minas durante as expedições bandeirantes no Brasil e é considerado um dos heróis da Restauração de 1640.

**Frauta.** É variante de *flauta*.

**Frechar.** Ferir com frechas.

**Freires de Santiago.** Frades soldados da Ordem de Santiago, de carácter religioso e militar, criada pelo rei Fernando II de Leão em 1170 e pouco depois formalizada pelo monarca Afonso VIII de Castela, com a aprovação do papa Alexandre III.

**Frisa.** Tecido grosseiro de lã.

**Fúlgido.** Brilhante.

**Funcho.** Planta medicinal.

**Fusca.** Escura, pardacenta.

## G

**Gadanho.** Garra das aves de rapina.

**Gala.** Pompa, ostentação; enfeite, adorno.

**Galaria.** Variante de *galeria*.

**Galatéa.** Ninfa siciliana, filha de Nereu e Dins, famosa pela sua beleza. Amante de ÁCIS, era pretendida por muitos, dentre eles POLIFEMO, que, ao se descobrir traído, se vingava de ambos. A forma regular é *Galatéia*.

**Galeno.** Médico grego do século II d.n.e., chegou a alcançar tamanha fama que exerceu como médico particular do Imperador romano MARCO AURÉLIO e o seu nome se tornou substantivo comum.

**Galhardete.** Flâmula, bandeira farpada que se coloca no mastro dos navios ou nas ruas e prédios.

**Galhardo.** Valente; gentil, elegante.

**Gangética.** Referida ao Ganges, um dos principais rios da Índia, do qual se dizia que nascia no paraíso terrenal.

**Garavato.** Peça de ferro ou madeira acabada em gancho, para colocar o candeeiro no alto e recolhê-lo.

**Garbo.** Elegância, DONAIRE.

**Garcilaso.** Garcilaso de la Vega, grande poeta espanhol, introdutor das formas italianizantes na poesia ibérica, junto com SÁ DE MIRANDA.

**Garnacha.** Vestimenta talar dos magistrados e sacerdotes na Grécia clássica e pré-

clássica, e depois em Roma.

**Garrochão.** Pau com ponta de ferro utilizado para tourear.

**Gárrula.** Cantareira, chilreadora. Figuradamente, tagarela.

**Germanar-se.** Irmanar-se; unir-se, confluir.

**Germânica flor.** Metáfora pelo Sacro Império Germânico.

**Getsêmani.** Monte ao qual acudiram Jesus e seus discípulos após a Última Ceia, onde se produz a prisão de Cristo.

**Gigantes.** Filhos de TITÃO e Géia, de enorme estatura e que tinham cobras em lugar de cabelos. Tentaram assaltar a morada dos deuses, colocando um monte sobre outro. Os deuses, atemorizados, fugiram para o Egito; porém, seguindo o conselho de PALAS, enviaram Heracles para combater os Gigantes, e logo se uniram a ele. Depois de duros combates, os Gigantes foram mortos, em sua maioria por efeito dos raios de Zeus, e enterrados sob diversos montes. Veja-se ATLANTE.

**Gineta.** Posto de capitão de cavalaria.

**Ginete.** Cavallo pequeno e veloz.

**Girigonça.** Variante popular por *geringonça*.

**Giro.** Percurso variável.

**Glamerar.** Arcaísmo cujo significado é o de brilhar ou espelhar o brilho de modo ténue.

**Glauco.** Um dos vários deuses marinhos entre os gregos.

**Golfos de escarlata.** Os causados pelo derramamento de sangue, por causa da sua cor.

**Goliath.** Guerreiro filisteu que lutou contra o rei judeu DAVID. É a forma arcaizante por *Golias*.

**Grã** [subst.]. Tinta de cor escarlate.

**Gral.** Vaso para moer no pilão.

es. **Grillo.** Aparece utilizado como voz espanhola; porém, é lusismo por es. *grillete*.

**Grinalda.** Coroa feita de flores ou de algum outro material ornamental. É variante de *guirnalda*.

**Guarnecido.** Cercado ou protegido por guarnição.

## H

**Harpia.** Monstro com rosto de mulher, corpo de ave (no qual se destaca o ventre fedorento) e cauda de serpente. Não houve uma única Harpia, mas várias: entre duas e sete, a depender das versões. Seriam filhas de Posídon e Géia, ou de Taumante e Electra. As mais mencionadas são Elo, Ocipete e Celeno. A sua função é castigar as más ações dos seres humanos: o mito mais conhecido é o de Fineu, rei da Arcádia que, por haver tirado os olhos dos próprios filhos, foi condenado pelos deuses, que o obrigaram a se privar da visão a si próprio e enviaram as Harpias para atormentá-lo. Elas voavam constantemente por cima da mesa enquanto o rei comia, contaminando e corrompendo os alimentos com seu pestilente fedor.

es. **Hebras.** Febras.

**Hele.** Filho de Atamante e de Nefale, e irmão de Frixo. Morta Nefale, Atamante desposou Ino, filha de Cadmo e Harmonia, que, desejando livrar-se dos enteados, subornou os sacerdotes para os acusarem da falta de favor dos deuses responsáveis pela má colheita daquele ano. Ambos foram expulsos, mas Nefale apareceu-se-lhes dizendo que montassem o carneiro, com velo de ouro, que ela lhes entregou, pois ele os levaria até

um lugar seguro, com a só condição de não olharem para trás. Hele, porém, voltou o olhar quando sobrevoavam o Ponto, caindo nas águas desse estreito, que desde então passou a chamar-se HELESPONTO.

**Helenas.** Pluralização de Helena, famosa por ser a mais bela e disputada mulher da antiguidade grega, esposa do rei atreu Menelau, a quem abandonou para fugir com Páris, dando motivo ao início da guerra de TRÓIA. Não deve confundir-se com a Helena filha de Zeus, raptada por Teseu. Veja-se TESEO.

**Helesponto.** Estreito, hoje conhecido como Dardanelos, que divide o Mar Egeu do Mar de Marmara, constituindo uma das fronteiras entre a EUROPA e a Ásia. Veja-se HELE.

**Helícona.** Ou Hélicon, monte da Beócia dedicado a APOLO e às MUSAS, próximo do monte PARNASO. Este último, bem como o monte PIÉRIO, também se considera consagrado às Musas. Veja-se AGANIPE.

**Helicónio monte.** O monte Hélicon ou HELÍCONA.

**Helimon.** Aparece no cancionero como exemplo de péssimo poeta, de quem – se calhar por isso mesmo – não achamos notícia.

**Heliotrópio.** Girassol.

**Heráclita do Pólo.** A AURORA. Veja-se também DEMÓCRITA DO CÉO.

**Hercúleo.** Próprio de ou referido a HÉRCULES; figuradamente, imenso.

**Hércules.** Nome latino de Heracles, filho de Zeus e Alcmena e neto de Alceu. Distinguiu-se como o maior dentre os heróis gregos. Foi casado com Dejanira, filha de Eneu, rei da Etólia, mas são famosos os seus amores por Iole, filha de Eurito, rei da Arcádia, e sobretudo por Onfale, rainha da Lídia. Deve a sua celebridade a inúmeras histórias, mas acima de tudo às célebres empresas que Euristeu, rei de Micenas de quem era servo, lhe encomendou. Por norma, afirma-se que tais empresas foram doze, mas alguns autores alargam essa cifra além das trinta. As mais célebres são aquelas em que Heracles matou

a Hidra, as HARPIAS, o gigante Anteu, o dragão das Hespérides, o gigante Gerião e o centauro Nesso; outras não menos famosas são a destruição de TRÓIA, os raptos de moradores do inferno (Perséfone, TESEU, Alcestes e o próprio cão CÉRBERO) e a sustentação, em seus ombros, da abóbada celeste.

**Heródias.** Segunda esposa de Herodes e mãe de Salomé, que teve do seu primeiro casamento com Filipe.

**Hidrópico.** Que sofre hidropisia, doença caracterizada pelo acúmulo de líquido nos tecidos ou cavidades do corpo.

**Hipocrene.** Literalmente significa “fonte do cavalo”, já que foi aberta no monte Hélicon pelo cavalo alado PÉGASO, de um coice dado na rocha. A sua água possui as mesmas propriedades da vizinha fonte AGANIPE. Também é chamada, por causa da sua origem, CABALINA.

**Hipólito.** Filho de TESEO e amante da segunda esposa do pai, FEDRA.

**Hipómenes.** Veja-se ATALANTA.

**Hiprógrifo.** Monstro mescla de cavalo e grifo, sendo este por sua vez um monstro com cabeça e asas de águia, mas com corpo de leão. A forma regular é *hipogrifo*. A acentuação proparoxítona pode dever-se à influência do castelhano.

**Hispéria.** Hespéria, outro dos nomes latinos para a Hispânia.

**Holocausto.** Sacrifício, imolação.

**Homero.** Poeta grego, autor da *Ilíada* e da *Ulisséia*, que nessas obras criou o cânon da literatura ocidental. Filho, ao que parece, de Maro e de Orínítone, o seu nome é de facto uma alcunha: Homero quer dizer “cego”, pois era-o; bem como era pobre, segundo conta a tradição, pelo que se via obrigado a recitar seus versos em troca de dinheiro. Após a sua morte, já célebre, ao menos sete cidades reivindicaram ser a pátria de Homero, não havendo até hoje certeza a respeito de qual o fora.

**Homiziar.** Fugir à ação da administração de justiça.

**Horácio.** Grande poeta lírico latino, tido como um dos mais sábios dentre os clássicos e talvez como o maior poeta de todos os tempos.

## I

**Ícaro.** Filho do célebre arquiteto grego Dédalo, construtor do labirinto de Creta e responsável por numerosas invenções, dentre as quais a de dotar de velas as embarcações, donde se origina o mito das asas: não podendo sair de Creta, Dédalo idealizou umas asas que, unidas ao corpo por meio de cera, permitiriam a ambos voar; mas Ícaro, desatendendo os conselhos do pai, subiu demasiado alto, de modo que o sol derreteu a cera e ele se precipitou no mar, desde então chamado Icário em sua homenagem.

**Ida.** Monte troiano no qual Páris emitiu o seu famoso juízo a favor de Afrodite, quando esta deusa disputava com Hera e Atena qual fosse a mais bela dentre as imortais moradoras do Olimpo.

**Idade de ouro.** Segundo a cosmovisão de Hesíodo, expressa em *Os Trabalhos e os Dias*, tratar-se-ia da primeira época da humanidade, caracterizada pela felicidade e a ausência de sofrimentos. Após ela viriam, em sucessiva degradação, as respectivas idades de prata, de bronze e de ferro, que segundo Hesíodo era a sua própria – e, com certeza, a nossa.

**Idálio.** Monte na ilha de Chipre, dedicado ao culto de Afrodite.

**Idaspe.** Um dos principais rios da Índia, o qual toma o seu nome do antigo rei homónimo do povo meda, pai de DARIO.

**Ífis.** Exemplo de amante não correspondido. Foi extremamente apaixonado pela bela Anaxarte, que não correspondia ao seu sentimento. Insistindo ele na gentileza, insistia ela em ignorá-lo, motivo por que Anaxarte se tornou exemplo de crueldade amorosa.

Finalmente, desesperado, Ífis enforcou-se; Anaxarte, vendo o caixão fúnebre do namorado passando sob a sua janela, manteve a mesma indiferença de sempre. Daí que Nêmesis, deusa da vingança, decidiu castigá-la, convertendo-a em estátua para escarmento de todos; ainda: a estátua de Anaxarte ficou exposta no templo que Afrodite, deusa do amor, tinha em Salamina.

**Ígneo.** De fogo; ardente.

**Impelido.** Impulsionado.

**Imperatriz do prado.** Metáfora referida à rosa.

**Império azul.** Metáfora por céu.

**\*\*In utroque.** Noutro.

**Ínaco.** Deus-rio, fundador mítico da cidade de ARGOS e filho de Oceano e de TÉTIS.

**Ínclito.** Ilustre, egrégio.

**Increado Bem.** O deus criador e incriado das religiões cristãs. A forma regular atual seria *Incriado Bem*.

**Indo.** Um dos principais rios da Índia, junto ao Ganges. Veja-se GANGÉTICA.

**Indústria.** Artifício, engenho; invenção.

**Infesto.** Pernicioso ou hostil.

lat. **Ingenium tardum.** Engenho tardo, indivíduo falto de inteligência.

**Ingresias.** Literalmente, linguagem confusa ou incompreensível; por extensão, algazarra, barulho, confusão.

**Inquisidor Geral.** Presidente do Tribunal do Santo Ofício, congregação da Igreja Católica que, desde o início da Reforma até ao século XVIII, foi encarregue de preservar a lealdade dos fiéis à doutrina estabelecida pelo Papado e pela Cúria, bem como de condenar os desvios ou ataques a tal doutrina.

**Intensivo.** Referido à intensidade do sentimento; veemente.

**Intermissão.** Intervalo em que se produz a intermitência de um dado fenómeno.

**Iracundo.** Tomado pela ira.

**Isaac.** Pai de ESAÚ e JACOB. Veja-se ABRAÃO.

## J

**Jacob.** Figura bíblica, filho de ISAAC, pai de doze filhos varões que deram lugar às doze tribos de Israel. Famoso pelos seus amores por RAQUEL, filha de Labão, a cujo serviço esteve quatorze anos para poder desposá-la. É variante de *Jacó*.

**Jano.** Deus romano bifronte, guardião das portas celestiais, famoso pela sua impiedade. As portas do seu templo ficavam abertas em tempo de guerra. Ao que se diz, só duas vezes foram fechadas.

**Jasão.** Herói criado pelo centauro Quíron, comandou a expedição dos Argonautas e foi amante e esposo de MEDEA, a quem finalmente abandona, provocando a terrível ira dela.

**Jaspe.** Tipo de quartzo levemente translúcido, geralmente de cor verde.

**Jeroglífico.** Literalmente, referido aos caracteres da antiga escrita ideográfica egípcia. Por extensão, qualidade do que é enigmático ou o próprio enigma; cifra. É variante de *hieroglífico*.

**Jessé.** Pai do rei judaico DAVID.

**Joab.** Chefe do exército israelita durante o reinado de DAVID.

**Job.** Figura bíblica célebre pelas provações a que sua fé foi submetida, protagonista do livro homónimo do Antigo Testamento. A forma regular atual é *Jó*.

**Joeira.** Peneira grande utilizada para separar o trigo do joio.

**Josué.** Sucessor de Moisés, após a sua morte, como líder do povo de Israel.

**Jove.** O mesmo que JÚPITER. No calendário pagão, é-lhe dedicado o quinto dia da semana (joves).

**Jovem cego.** Metáfora por Eros ou CUPIDO.

**Judas.** Dos dois discípulos de Jesus com este nome, no cancionero faz-se alusão apenas ao Iscariote, sempre no sentido de traidor por antonomásia.

**Jugurta.** Cidade nómida que sucumbiu na guerra contra os romanos organizada por MÁRIO. Apesar de este haver-se atribuído os louros da vitória, foi o seu grande rival Sila quem chefou as ações no campo de batalha.

**Júpiter.** Nome romano de Zeus, divindade suprema do panteão clássico, cujo principal atributo consiste em ser senhor do raio e do trovão.

## L

es. **La risa para la llora.** O riso para o choro.

**Labão.** Na história bíblica, chefe arameu, tio e duas vezes sogro de JACOB, pois com ele casou as suas filhas LIA e RAQUEL.

**Labéo.** Desdouro, motivo de desonra. A forma regular atual é *labéu*.

**Lacedemónios.** Habitantes da Lacedemónia, região no sul do Peloponeso cuja capital era a celebérrima pólis de Esparta.

**Lácio.** Referido à região itálica do mesmo nome. Latino.

**Lampetusa.** Uma das filhas do deus solar Hélio.

**Lanceta.** Instrumento penetrante e cortante, tipo escalpelo.

**Lapa.** Cavidade ou gruta num rochedo.

**Latiniparla.** Língua latina.

**Láureo.** Feito de louro.

**\*\*Laus Deo.** Glória a Deus.

**Lavínia.** Esposa de ENEAS e mãe de ASCÂNIO.

**Lazeira.** Miséria, fome; figuradamente, mazela.

**Lazerado.** Que sofre LAZEIRA.

**Leandro.** Nome poético convencional. Veja-se AMARÍLIS.

**Ledo.** Alegre.

**Lena.** Pequeno rio português, que desemboca em Leiria.

**Leva.** Recrutamento forçoso e com carácter de emergência.

**Levi.** Terceiro filho varão de JACOB e fundador de uma das doze tribos de Israel. A acusação de traidor proferida no texto deve-se a que foi um dos que conspiraram contra o

seu irmão José.

**Lia.** Filha de Labão e irmã de RAQUEL. Ambas as irmãs foram esposas de JACOB. Lia foi mãe de seis dos doze filhos varões de Jacob que dariam lugar às doze tribos de Israel.

**Libra.** Medida de peso anglo-saxã que equivale a pouco mais de 450 gramas.

**Libré.** Espécie de uniforme ou fardamento próprio de serventes.

**Licurgo.** Célebre legislador da cidade de Esparta, que provavelmente viveu no século VIII a.n.e. Apesar de no cancionero (II, 324) se referir a tradição da sua expulsão da cidade, segundo outras versões foi ele próprio quem solicitou a condena ao ostracismo, uma vez concluído o seu trabalho de compilar as leis da cidade.

**Lídia.** Nome poético convencional, associado ao de ARMIDO na fábula que recebe inúmeras versões no Barroco português, várias delas presentes no *Postilhão*. Veja-se AMARÍLIS.

**Lilibeo.** Um dos três principais montes de Sicília, donde a ilha adota o nome poético de Trinácia. É forma irregular por *Lilibeu*.

**Lima.** Referência obscura a um poeta de difícil identificação.

**Lince.** Animal famoso pela agudeza de sua visão, também chamado lobo-cerval.

**Lineo.** Naturalista sueco do século XVIII, pai da botânica moderna e criador da taxonomia usada até hoje. A forma regular é *Lineu*.

**Linfa.** Água.

**Liquidado.** Formado por líquido.

**Lira.** Instrumento musical de cordas que simboliza a inspiração poética e a poesia ela mesma, notadamente por causa do virtuosismo que ORFEU alcançou ao tangê-la, o que

fez com que os deuses a colocassem no firmamento.

**Lise.** Nome poético convencional. Veja-se AMARÍLIS.

**Lísis.** O mesmo que LISE.

**Lísipo.** Célebre escultor grego do século IV a.n.e.

**Longuinhos.** Variante popular por *Longino*, soldado que segundo o relato bíblico trespassou Jesus com uma lança enquanto estava crucificado e instantaneamente converteu-se ao cristianismo.

**Lot.** Personagem bíblica, sobrinho de ABRAÃO, que intercedeu por ele para salvá-lo aquando da destruição de Sodoma e Gomorra. A forma regular atual é *Ló*.

**Lucano.** Famoso poeta latino do século I d.n.e., autor da *Farsália*.

**Lúcida.** Resplandecente, que possui luz brilhante.

**Ludíbrio.** Escárnio, troça.

**Lusitano sol.** Metáfora e hipérbole aplicada aos monarcas portugueses nos poemas laudatórios.

**Luso Atlante.** Idem.

**Luso Sol.** Idem.

**Lustroso.** Reluzente, luzidio; figuradamente, ilustre ou insigne.

**Luzbel.** Outro dos nomes de Lúcifer, o mais belo dos anjos celestiais, mais tarde identificado com Satã. Veja-se AURORA.

## **M**

**Madalena.** Maria de Magdala, discípula dileta de Jesus e, segundo alguns, a sua esposa.

**Madraço.** Mandrião, vadio.

**Mãe de Memnon.** Refere-se a Éos, personificação da AURORA.

**Mafamede.** Profeta inspirado fundador da religião muçulmana. Considera-se descendente direto de Ismael, pai da nação árabe, por sua vez filho de ABRAÃO e de sua escrava Agar.

**Magano.** Rapaz malicioso, pícaro.

**Magnete.** Íman.

**Magriço.** O mais célebre dos doze cavaleiros portugueses que, a pedido do Duque de Lencastre, enfrentaram os Doze de Inglaterra, numa das mais conhecidas histórias medievais de cavalaria.

**Maia.** Filha de ATLANTE e da ninfa Pleione, esposa de Zeus e mãe de Hermes. Também é chamada Majestade. É uma deusa floral; no calendário pagão, é-lhe dedicado o quinto mês do ano (maio).

**Maior tiara.** A do papa romano.

**Manassés.** Personagem bíblico, filho de José e neto de JACOB. Veja-se EFRAIM.

**Mancebo.** Moço, rapaz jovem.

**Manja-léguas.** Forma antiga por *papa-léguas*.

**Manjar.** Iguaria; figuradamente, alimento do espírito.

**Manqueira.** Ação de MANQUEJAR.

**Manquejar.** Fraquejar.

**Mantilha.** Prenda feminina, tipo uma pequena manta, usada para cobrir a cabeça. É empréstimo do es. “mantilha”.

**Mantuano.** VIRGÍLIO, célebre poeta latino autor da *Eneida*, das *Bucólicas* e das *Geórgicas*, assim chamado por ser natural da cidade italiana de Mântua.

**Mar Icário.** Mar do HELESPONTO em que ÍCARO se precipitou quando o sol derreteu a cera de suas asas, dando-lhe nome desde então.

**Marco Aurélio.** Um dos maiores imperadores romanos, do século II d.n.e.

**Mário.** Grande general romano do século II a.n.e., vencedor de Jugurta (na região norte-africana da Numídia) e de diversas expedições contra os povos germânicos e frâncicos vizinhos do Império. Foi eleito sete vezes cônsul, apesar de haver sido rejeitado inicialmente pelos cidadãos romanos devido à sua origem rústica e humilde. Chefiou uma das fações na guerra civil que promoveu contra Sila.

**Marónico.** Da autoria do poeta latino VIRGÍLIO, cujo nome completo era Públio Virgílio Maron. Veja-se MANTUANO.

**Marte.** Filho de JÚPITER e de Juno (ou apenas de Juno, que o teria engendrado de si mesma) e esposo de VÉNUS, é o deus romano da guerra. Também é chamado Mavorte. No calendário pagão, são-lhe dedicados o terceiro dia da semana (martes) e o terceiro mês do ano (março).

**Martinete.** Espécie de gavião.

**Mavórcia.** Referida a Mavorte ou MARTE; guerreira, belicosa.

**Mecenas.** Ilustre cidadão romano, amante das artes e protetor dos poetas, dentre eles VIRGÍLIO e Ovídio. Por extensão, qualquer fautor da poesia.

**Medea.** Filha de Eetes, rei da Cólquida, onde se encontrava o Velo de ouro. Foi amante e esposa de JASÃO, comandante da expedição dos Argonautas e inimigo de Eetes. É forma irregular por *Medeia*.

**Medos.** Antigo povo do Oriente Médio, aparentado com os persas, junto aos quais combateram os gregos nas célebres Guerras Médicas.

**Megera.** Uma das três Erínias infernais, filhas de Cronos e de Géia (ou de AQUERONTE e da Noite). As outras são ALECTO e TESÍFONE, e todas três têm por função atormentar a vida dos condenados. Também são chamadas Euménides.

**Melibeo.** Nome poético convencional. Veja-se AMARÍLIS.

**Melífero.** Que destila mel ou flui como ele.

**Melindre.** Recato ou escrúpulo exagerados.

**Melindroso.** Propenso ao melindre.

**Melpomene.** A MUSA inspiradora da tragédia. A forma regular atual é *Melpômene*.

**Melquisedec.** Ou Melquisedeque, sábio sacerdote e rei de Salém, a quem ABRAÃO pagou o dízimo e de quem foi discípulo.

**Memnon.** Filho de TITÃO e de Éos ou AURORA, foi um dos heróis da guerra de TRÓIA, na qual lutou ao lado do seu tio, o rei Príamo.

lat. **Memoria infirma.** Memória fraca ou inconstante.

**Mênfis.** Cidade e corte real do Egito, chegou a ser considerada a maior cidade da Antiguidade. Sobre as suas ruínas foi edificada a atual capital egípcia, Cairo.

**Mentecapto.** Mentalmente alienado; privado do uso da razão.

**Mercúrio.** Filho de JÚPITER e de MAIA, é o deus romano do comércio e da eloquência, protótipo da prudência e do sigilo e inventor das letras e das artes. Na sua evolução, assumiu também as funções de mensageiro dos deuses e de intermediário entre eles e os mortais, por contaminação do seu equivalente grego, Hermes. No calendário pagão, é-lhe dedicado o quarto dia da semana (mércores).

**Mezinha.** Remédio popular ou caseiro.

**Midas.** Antigo rei frígio, a quem o deus Dionísio concedeu o dom de converter em ouro tudo em que tocasse. Para se livrar desse dom que se transformara num castigo, teve que se lavar no rio PACTOLO, que desde então ficou famoso pelas suas auríferas areias.

**Mimo.** Capricho, primor, delicadeza.

**Minerva.** Filha de JÚPITER, de cujo cérebro haveria nascido, é a deusa romana da sabedoria, das artes manuais e das técnicas bélicas. Exerce também como protetora da cidade de Roma, da mesma forma que a sua correspondente grega, Atena, a respeito da cidade que dela toma o seu nome. Foi a introdutora da pintura nos tecidos e do cultivo da oliveira, árvore que lhe é consagrada.

**Mister.** Necessidade, precisão.

**Moio.** Antiga unidade de medida, equivalente a 60 alqueires.

**Moliana.** Canção antiga, similar à sarabanda.

**Momo.** Filho do Sono e da Noite, é um deus infernal e folgazão, cuja única função é julgar as obras alheias e nelas pôr defeitos. Reprovou as obras de Cronos, Hefesto e Atena, por achá-las carentes de engenho. Na sua evolução, devido à sua origem noturna, assumiu as funções de divindade da deformidade e do horror, donde nasce o seu culto carnavalesco.

**Monda.** Ação de retirar a erva nociva das plantações.

**Monteiro-mor.** Monteiro real, encarregado da organização das caçadas do monarca e da casa real.

**Mor.** Maior.

**Mosquete.** Espingarda grossa e pesada.

**Mouro.** Expressão pejorativa usada pelos cristãos para se referirem ao indivíduo de etnia árabe; por extensão, muçulmano.

**Mudança.** Variabilidade ou inconstância das coisas, associada ao curso do tempo.

**Musa funeral.** Referência a Melpômene. Veja-se MELPOMENE.

**Musal corte.** Corte ou conjunto das nove MUSAS.

**Musas.** Divindades de genealogia obscura, provavelmente filhas de Zeus e de Mnesímone. Na sua origem foram, ao que parece, espíritos das águas de rios e fontes. São nove irmãs, e atribuem-se-lhes capacidades proféticas e de inspiração poética e, mais tarde, artística em geral. Os seus nomes e atributos são: CALÍOPE, inspiradora da épica e da oratória; CLIO, da história; ERATO, da lírica; TALIA, da comédia; Melpômene, da tragédia; TERPSÍCORE, da dança; EUTERPE, da música; POLÍMNIA, da música sacra; e URÂNIA, da astronomia. Veja-se também MELPOMENE.

## N

**Napeas.** NINFAS dos bosques. É forma irregular por *napeias*.

**Narciso.** Filho do deus-rio Cefiso e da ninfa Liríope, foi um belo jovem por quem se apaixonou a ninfa ECO. Das várias versões do mito, a mais conhecida é devida a Ovídio: nela, Narciso, incapaz de amar, rejeita o amor da ninfa e provoca a morte dela, pois o seu choro foi tanto que finalmente secou e tornou-se em pedra, não lhe restando mais voz do

que aquela com que repete os últimos sons das palavras que ouve. A instâncias do deus Pã, que amava ECO, os deuses castigaram Narciso, condenando-o a apaixonar-se pela sua própria imagem refletida no rio que, da mesma forma que a flor que cresce nas suas margens, tomou seu nome.

**Nebli.** Falcão adestrado para a caça. É forma irregular por *nebri*.

**Neptuno.** Filho de SATURNO e de Reia, é o deus romano das águas, particularmente das marinhas. Ensinou aos homens a domesticação dos cavalos, animal que nasceu de um golpe que na terra desferiu com seu tridente.

**Nerão.** Imperador romano entre os anos 54 e 68 d.n.e., filho de DOMÍCIO AHENOBARBO (ou Enobarbo). É forma irregular – talvez devido a influência castelhana – por *Nero*.

**Nereidas.** NINFAS marinhas de grande beleza e verdes cabelos, filhas de Nereu – de quem tomam o nome – e de DÓRIS. A mais famosa dentre elas é Galatéia. Veja-se NEREO e GALATÉA.

**Nereo.** Um dos deuses marinhos da mitologia grega, filho de Oceano e de TÉTIS, pai de Galatéia e das outras NEREIDAS e famoso pelo seu poder de adivinhação. A forma regular atual é *Nereu*.

**Néscio.** Ignorante, estúpido.

**Nestorino.** Provável referência a Nestor, que foi argonauta na sua mocidade e mais tarde se tornou rei de Pilos e, já ancião, um dos líderes na luta dos aqueus contra os troianos. Era famoso pela sua eloquência e por gabar-se dos seus feitos passados.

**Neto** [adj.]. Puro, sem mistura.

**Neto gentil do velho Atlante.** Hermes, filho de MAIA, por sua vez filha de ATLANTE.

**Ninfas.** Nome genérico atribuído a umas divindades femininas menores que personificam os principais elementos da Natureza. Os principais tipos de ninfas são: DRÍADES, ninfas

das selvas; Hamadríades, das árvores; Hímnidas, dos prados; Límnidas, dos tanques e dos lagos; Náíades, dos rios e das fontes; NAPEIAS, dos bosques; NEREIDAS, do mar; e ORÉADAS, das montanhas. As MUSAS e as sereias também são consideradas ninfas.

**Nise.** Nome poético convencional, anagrama de Inês. Não deve ser confundida com a NEREIDA Nise. Veja-se AMARÍLIS.

**Noto.** O vento do sul, filho de Éos ou AURORA. Também é chamado Austro. Veja-se AUSTRAL.

**Numa.** Refere-se a Numa Pompílio, segundo rei de Roma, sucessor de RÓMULO e fundador das festas vestais.

**Númen.** Divindade difusa, capaz de inspirar as obras humanas.

**Nuncupativo.** Testamento ditado oralmente.

## O

**Obededon.** Piedoso personagem bíblico que guardou durante três meses a arca da aliança firmada entre lavé e o povo israelita.

**Observância.** Cumprimento rigoroso.

**Octaviano.** Imperador romano, sobrinho e sucessor de Júlio CÉSAR, que o adotara como filho e o nomeou seu herdeiro. É mais conhecido pelo seu último nome, AUGUSTO.

**Odre.** Recipiente para guardar líquidos, feito de couro de animal.

**Ofir.** Região famosa pela sua riqueza em ouro, nos domínios da rainha Sabá. Como substantivo comum, refere-se ao próprio ouro.

es. **Olas.** Ondas marinhas.

**Olisseia.** Lisboa, assim denominada por ser Odisseu seu fundador mítico. É forma irregular por *Ulisseia*. Veja-se ULISSES.

**Onze esferas.** Alusão à visão platónica da primeira região celeste, composta por onze esferas superpostas.

**Oráculo.** Profecia ou revelação.

**Orate.** Demente, MENTECAPTO.

**Orbe.** Esfera ou globo; por extensão, o mundo.

**Orça.** Bolina, cabo da vela de um navio.

**Oréadas.** NINFAS das montanhas.

**Oréb.** Um dos montes em que Moisés apascentava o gado do seu sogro Jetro.

**Orfeo(s).** Veja-se ORFEU.

**Orfeu.** Filho de APOLO e da musa CALÍOPE, ficou célebre pelos seus dotes como músico e poeta. Foi especialmente destro na CÍTARA ou LIRA, com a qual conseguia amansar até as feras selvagens e comover as pedras. Quando a sua esposa Eurídice morreu, ao ser picada por uma serpente enquanto fugia do assédio de Euristeu, Orfeu desceu aos infernos para resgatá-la: a beleza de seu canto aliviou as penas dos danados e conseguiu mover a compaixão o coração de Hades e Perséfone, deuses do submundo, que concederam o seu pedido de levar consigo a esposa. Porém, puseram como condição que não olhasse para o rosto de Eurídice até sair dos limites do inferno, mas ele, inadvertidamente, virou-se para vê-la e perdeu-a para sempre. O seu mito é um dos mais fecundos na história das artes, e deu lugar a crenças de grande e perdurável influência.

**Oríadas.** O mesmo que ORÉADAS.

**Ossa.** Veja-se PÉLION.

**Otomano.** (a) Antigo imperador do Turquestão; por extensão, turco. (b) Pejorativamente, infiel, inimigo do cristianismo.

**Oza.** Personagem bíblico que, ao tentar segurar a Arca da Aliança para que não caísse, foi fulminado.

## P

**Pactolo.** Herói grego que, depois de seduzir Demódice, sem saber que ela era sua irmã, descobriu o que fizera e suicidou-se afogando-se no rio da Lídia que tomou seu nome, o qual é famoso porque nele se banhou MIDAS para poder quebrar o encantamento que sua cobiça havia gerado. Desde então, o rio ficou rico em ouro, que flui junto com as águas.

**Padrão.** (a) Genericamente, qualquer título nobiliár. (b) Modelo, paradigma.

**Paguicho.** Supomos que seja uma forma irregular de *palhiço*, ou seja, da cor da palha.

**Palas.** Epíteto de origem obscura aplicado a Atena, deusa grega primeiramente consagrada às artes, à artesanía e à guerra, e posteriormente enriquecida com os atributos de deusa da sabedoria e da prudência e protetora da cidade.

**Palémon.** Originalmente, é um dos filhos de Atamonte, rei de TEBAS, e de Ino. O seu nome em vida foi Melicerta, mas foi trocado em Palémon quando a sua mãe o precipitou no mar, junto consigo mesma, para livrá-lo da fúria do pai. É considerado deus dos portos e protetor dos navegantes. Entre os romanos, chamou-se Posterna. No cancionero, funciona como nome poético convencional: veja-se, neste sentido, AMARÍLIS.

**Palestra.** Lugar dedicado ao estudo ou ao treinamento físico; figuradamente, exemplo ou modelo a ser imitado.

**Palinuro.** Piloto que guiava a embarcação de ENEAS e que inadvertidamente caiu ao mar, por causa do sono que dele tomou conta. Por extensão, aplica-se a qualquer marinheiro.

**Pálio.** Dossel de seda sustentado por varas de madeira, no qual as autoridades régias ou eclesiásticas desfilavam em procissão.

**Pancaia.** Região arábica famosa pela produção de incenso.

**Panegírico.** Composição laudatória, encómio poético.

**Papa-figos.** (a) Pássaro dentirrostro. (b) Cada uma das velas mais baixas de um navio.

**Papa-santos.** Pessoa beata.

**Paramento.** Enfeite de uma edificação.

**Parca.** Ainda que no cancionero aparece no singular, de facto as Parcas eram três. Veja-se ÁTROPOS.

**Parnaso.** Monte grego, na região fócica, dedicado a APOLO e às MUSAS. Nele encontrar-se-iam as fontes CASTÁLIA e HIPOCRENE, ainda que outros as situem no monte Hélicon, na Beócia. Outros dois montes (o referido Hélicon e o PIÉRIO) também eram consagrados às MUSAS e morada delas. Veja-se HELÍCONA.

**Parocismo.** É forma irregular por PAROXISMO.

**Paroxismo.** Apogeu da dor ou, por extensão, de qualquer outra manifestação.

**Parte.** Região ou continente.

**Parto da noite.** Refere-se a MOMO, filho da Noite.

**Partos.** Antigo povo do Oriente Médio, região que chegaram a dominar sob o governo de Mitrídates, no século II a.n.e., após submeter os assírios, os MEDOS e os mesopotâmicos.

**Pasmar.** Provocar ou sofrer espanto; assombrar.

**Patentear.** Fazer patente, evidenciar.

**Pátria.** (a) Nação. (b) Cidade.

**Pavea.** Gavela ou molho de palha ou de cereais. É forma irregular por *paveia*.

**Pavelhão.** Galicismo por *borboleta*.

**Pégaso.** Cavalos alados, filho de Posídon e da Górgona Medusa (ou da terra fecundada pelo sangue de Medusa quando decapitada por Perseu), que foi amansado por Atena com um freio de ouro. Diz-se que, voando sobre o monte Hélicon, arranhou com as suas unhas a terra e dela fez brotar as águas da fonte HIPOCRENE ou CABALINA, consagrada às MUSAS. Posídon deu-o de presente a Belerofonte, junto ao qual participou das vitórias contra a QUIMERA e as Amazonas.

**Pejo.** Vergonha, pudor.

**Pélion.** Um dos montes – junto com o Olimpo, o Ossa e o Pindo, dentre outros – que delimitavam a planície da Tessália.

**Pendão.** Estandarte.

**Pendura** [subst.]. Cacho de fruta.

**Penhor.** Testemunho.

**Pênsil.** Jardim suspenso e, por analogia com os da Babilónia, delicioso.

**Peramanca.** Região alentejana famosa pelos seus vinhos.

**Peregrino.** Extraordinário, que possui qualidades raras.

**Pereira (poeta).** Refere-se a Luís Pereira Brandão, poeta seiscentista que cantou a

tragédia portuguesa de Alcácer Quibir no poema *Elegiada*.

**Peritoo.** Filho de Ixion e de Dia, inimizou-se com Hermes, único deus que não foi convidado para as suas bodas com Ipodâmia. Indignado, o deus enviou os Centauros para que raptassem Ipodâmia, mas TESEU e Heracles, amigos de Peritoo, mataram-nos. Passado o tempo, quando Peritoo e Teseu enviuvaram, decidiram desposar duas filhas de Zeus: Teseu raptou Helena, filha de Zeus e Leda, ainda criança, mas depois devolveu-a; Peritoo, por sua vez, desceu junto com o amigo aos infernos para raptar Perséfone, esposa de Hades. Porém, o cão CÉRBERO matou e despedaçou Peritoo, e Teseu ficou preso até que Heracles o libertou. veja-se também HÉRCULES.

**Pêro.** Variante da pêra.

**Peruleira.** Nome vulgar do molusco que produz a pérola. É forma irregular por *peroleira*.

**Perrexil.** Espécie de salsa muito comum em molhos.

**[de] Perseo a gentil dama.** Dânae, sua mãe. A forma regular atual é *Perseu*.

**Pérsia.** Região arábica situada na antiga Mesopotâmia.

**Picaria** [subst.]. Tropa munida de piques, espécie de antigas lanças.

**Piério. (a)** Pai das Piérides, nove jovens virtuosas na música, que desafiaram as MUSAS e foram por elas vencidas e, como castigo, transformadas em pegas. **(b)** Um dos três montes, junto com o Hélicon e o PARNASO, que servia de morada às MUSAS.

**Pigmaleão.** Rei cipriota, apaixonou-se por uma estátua que ele próprio esculpira, ao tentar reproduzir a mulher ideal. Veja-se DIDO.

**Pimpolho.** Rebento de uma flor.

**Pindo.** Monte situado no norte da Grécia. No texto, “Rei do Pindo” faz referência a Zeus, pelo que o monte é usado como equivalente do Olimpo.

**Pira.** Altar destinado à cremação dos cadáveres.

**Píramo.** Irmão e amante de TISBE, atravessou o peito com a própria espada, ao encontrar o lenço da amada despedaçado por um leão. Tisbe, por sua vez, ao sair da cova em que se escondera e encontrar o amado morto, matou-se com a mesma espada.

**Pirois.** Um dos cavalos que puxam o coche solar. Também é chamado Piroo. Veja-se ETON e FLEGETONTE.

**Piropo.** Pedra preciosa cristalina, carbúnculo.

**Piton.** Mitológica serpente gigantesca grega, morta por APOLO.

**Plaga.** País ou região.

**Plectro.** Ponteiro de marfim usado para ferir as cordas da LIRA; figuradamente, gênio poético.

**Plutão.** Equivalente romano do grego Hades, deus do mundo subterrâneo ou infernal, um de cujos atributos era o de fertilizador da terra e, conseqüentemente, propiciador de sustento e riqueza.

**Polifemo.** Filho de Posídon e de Taosa, é um dos ciclopes que habitavam a ilha de Sicília, e o mais conhecido dentre eles. Famoso pelo seu tamanho e pela sua força gigantescos, bem como por possuir um único olho no meio da testa, só a astúcia de Odisseu conseguiu vencê-lo. Apaixonou-se pela ninfa Galatéia, mas ao perceber que não era correspondido, vingou-se dela e do seu amante, o pastor ÁCIS, provocando a morte de ambos. Veja-se GALATÉA.

**Polímnia.** A MUSA inspiradora da música sacra.

**Pólo.** Qualquer extremo do mundo.

**Pólux.** Veja-se CASTOR.

**Pomona.** Filha do rei latino Procas e esposa de Vertumno, antigo deus latino do comércio, é uma das mais antigas deusas romanas, a quem se consagram os hortos e as árvores frutíferas.

**Pompeo.** General romano, aliado de Sila na guerra civil contra MÁRIO. Desde jovem, chefiou os exércitos romanos em expedições na Hispânia, em África e no Oriente: o cancionero refere-se às vitórias que obteve contra Jarbas e Mitrídates. A forma regular atual é *Pompeu*.

**Pontifical.** Relativo ao papa ou máximo pontífice da Igreja romana.

**Ponto.** Genericamente, mar; por antonomásia, o mar de HELE ou HELESPONTO.

**Porfia, à.** Em desafio ou concorrência.

**Portuno.** Deus romano dos portos, e mais antigamente das travessias pela água.

**Possante.** Potente, poderoso; que possui alguma coisa ou qualidade com largueza.

**Posterizar.** Imortalizar, conduzir à posteridade.

**Postigo.** Portinhola ou abertura numa porta.

**Pote.** Cântaro no qual, antigamente, as moças carregavam a água da fonte.

es. **Postrero.** Derradeiro, postremo.

**Praguento.** Que roga pragas; maldizente; grosseiro no falar.

**Prelado.** Título honorífico da Igreja romana, concedido a dignitários eclesiásticos insignes, de regra bispos ou arcebispos.

**Prenda.** Mérito, qualidade pessoal. Presente, dádiva.

**Pressago.** Aquele que sente ou realiza um presságio.

**Prestes.** Na única ocorrência em que consta no cancioneiro, pode ser entendido como adjetivo, sinónimo de *disposto*, ou como advérbio, com o mesmo valor de *prontamente*.

**\*\*Pro derelicto.** Pelo abandono.

**Proceloso.** Tempestuoso ou tormentoso.

**Progne.** Filha do rei ateniense Pandião, irmã de FILOMELA e esposa de TEREIO, rei da Trácia. Quando soube da violência que o seu esposo havia cometido sobre FILOMELA, uniu forças com a irmã para vingar-se dele: deram de comer a TEREIO a carne de Ítis, seu próprio filho. Quando o rei soube do acontecido, correu atrás delas com a intenção de matá-las, mas FILOMELA virou alondra (ou rouxinol), e Progne, andorinha, fugindo destarte ambas da perseguição.

**Propércio.** Poeta lírico do século I a.n.e., protegido de MECENAS e contemporâneo de VIRGÍLIO e de Ovídio.

**Propugnáculo.** Baluarte, lugar forte na defesa de uma posição.

**Prosápia.** Linhagem, estirpe.

**Proteo.** Filho de Oceano e de TÉTIS, é o pastor dos campos marinhos. Foi famoso pela sua imensa força, assim como pelo poder de adivinhar o futuro e de transformar-se em qualquer figura que desejasse. A forma regular atual é *Proteu*.

**Protervo.** Insolente, desleal.

**Publicano.** Durante o império romano, denominação dada aos cobradores de impostos. O mais célebre é o evangelista Mateus.

**Pundonor.** Brio, senso de honra e de dignidade; valor, ardimento.

## Q

**Quatro partes.** Os quatro continentes conhecidos na altura: EUROPA, África, Ásia e América.

**Quebro.** Inflexão da voz.

**Querilo.** Poeta latino censurado por HORÁCIO na *Epístula III ad Pisones* (mais conhecida como *Arte Poética* horaciana), que o acusa de só acertar por acaso e de mover a riso aqueles que ouviam os seus poemas. Não deve ser confundido com o poeta homónimo que cantou a vitória ateniense sobre o rei persa Xerxes.

**Querubim.** Anjo que, na hierarquia celestial, ocupa o segundo lugar, abaixo da ordem dos serafins.

**Quiçá.** Talvez.

**Quimera.** Filha de TIFONTE, é um monstro triforme com cabeça e peito de leão, ventre de cabra e cauda de dragão, capaz de deitar fogo pela boca. Foi morta por Belerofonte, filho de Posídon.

**Quina.** Cada um dos escudos que figuram no emblema de Portugal.

## R

**Rafeiro.** Cão de guarda do gado.

**Raquel.** Filha de Labão, pela qual se apaixonou JACOB, que serviu o pai durante quatorze anos para poder desposá-la, segundo a arqui-conhecida história bíblica. Devido aos seus

problemas de fertilidade, só graças à misericórdia divina conseguiu engendrar os dois últimos filhos varões de Jacob, José e BENJAMIM, morrendo no parto deste último.

**Rebusno.** Zurro, ornejo.

**Reclinatório.** Lugar próprio para reclinar-se nele, ora como descanso ora para orar.

**Recolete.** Castelhanismo por *pulcro, decente*.

**Refrigério.** Alívio, consolo.

**Regalia.** Privilégio ou prerrogativa do rei.

**Regalo.** Prazer, agrado, mimo.

**Regedor das Justiças.** Delegado real encarregue de fiscalizar a administração de justiça.

**Regência.** Governo interino da monarquia, em épocas de crise ou de menoridade do herdeiro à coroa.

**Régio.** Real, relativo ao rei ou à rainha.

**Régio sol.** O monarca português. Veja-se LUSITANO SOL.

**Rei de Macedónia.** Refere-se a ALEXANDRE.

**Remitir.** Perdoar.

**Remontado.** Elevado, subido.

**Rémora.** Peixe teleósteo que tem a capacidade de aderir-se a diversas superfícies, inclusive aos navios; figuradamente, companheiro inseparável.

**Rendimento.** (a) Proveito, lucro ou renda. (b) Rendição.

**República.** Sociedade, comunidade.

**Requebro.** (a) Galanteio. (b) O mesmo que QUEBRO.

**Requiem.** Música composta para e interpretada em funerais.

**Retinir.** Emitir som agudo e prolongado.

**Retiro.** Lugar afastado; figuradamente, afastamento.

**Roçagante.** Que emite um som delicado.

**Rodas.** Ilha mediterrânea onde se encontrava a famosa estátua do Colosso, dedicada ao sol, que constituía uma das sete maravilhas do mundo antigo. As outras foram: as pirâmides de Gizé – a única das antigas maravilhas que resiste até aos nossos dias –, os jardins suspensos da BABILÓNIA, a estátua de Zeus em Olímpia, o templo de Ártemis em Éfeso, o mausoléu de Halicarnasso e o farol de Alexandria. É castelhanismo por *Rodes*.

**Rodeleiro.** Soldado de infantaria protegido por um escudo redondo ou rodela.

**Romúlea corte.** O senado romano.

**Rómulo.** É, junto com seu irmão Remo, o fundador mítico da cidade de Roma, que dele derivou o seu nome. Ambos são considerados descendentes diretos de ENEAS.

**Rosicler.** Cor rosa clara ou purpúreo. Veja-se ARREBOL.

**Rubicundo.** Vermelho.

**Rutilante.** Resplandecente; que emite o brilho da cor de ouro em tonalidade muito viva.

## **S**

**Sá de Miranda.** Grande poeta português quinhentista, introdutor em Portugal de novas formas poéticas e figura maior da lírica portuguesa.

**Sabino.** Os sabinos foram um dos primitivos povos itálicos, que deram a Roma alguns de seus primeiros reis, logo após a fundação da cidade.

**Sábio neto do forçoso velho.** O velho “forçoso”, na aceção de possuidor de grande força, é Atlante; seu neto, Hermes. Veja-se MAIA.

**Sacrário.** Tabernáculo em que se guardam as espécies consagradas durante a missa católica; altar.

**Sacre.** Antigo canhão de grande tamanho.

**Safir.** É variante de SAFIRA.

**Safira.** Pedra preciosa de grande pureza, de cor azul.

**Safiro.** É mais uma variante de SAFIRA.

**Sagrado** [subst.]. Terreno consagrado, normalmente no adro de um templo religioso ou num cemitério.

**Sair da mãe.** Sair do seu curso normal uma corrente de água.

**Salácia.** Deusa marinha romana, esposa de NEPTUNO, equivalente à grega ANFITRITE.

**Salite.** Rocha cristalina sedimentar. É forma irregular por *psamite*.

**Salva.** Descarga de tiros de fuzilaria dada como saudação ou homenagem; por extensão, qualquer saudação.

**Sanguinoso.** Sanguinolento, sangrento.

**Sanha.** Ímpeto extremo, nascido da ira, da raiva ou do rancor.

**Santa Margarida.** Santa francesa do século XVII, que segundo a tradição cristã recebeu três revelações divinas e iniciou a devoção pelo Sagrado Coração de Jesus.

**Santa Teresa.** Célebre freira e poeta mística espanhola do século XVI.

**Santantoninho.** Prato gastronómico que não conseguimos decifrar. Pelo contexto em que ocorre (v. 7219), só pode tratar-se ora de um tipo de pão, ora de um prato à base de peixe.

**Santo Agostinho.** O famoso santo de Hipona, um dos chamados Doutores da Igreja, que viveu entre os séculos IV e V d.n.e.

**São Domingos.** Fundador da ordem dominicana ou Ordem dos Pregadores, de origem castelhana, viveu nos séculos XII e XIII.

**São Francisco.** Refere-se a São Francisco de Assis, de origem italiana, renovador espiritual do cristianismo nos inícios do século XIII e fundador das ordens franciscanas.

**São Jacobo.** Santiago, discípulo de Jesus. A “*invicta espada*” aludida no cancionero remete ao mito segundo o qual teria lutado contra os árabes, na chamada *Reconquista* promovida pelos reinos cristãos ibéricos.

**São João Baptista.** Veja-se BAPTISTA.

**São Paulo.** Saulo de Tarso, o mais famoso converso ao cristianismo e o seu principal propagador entre os gentis durante o século I d.n.e.

**São Pedro.** Discípulo de Jesus e primeiro papa da Igreja cristã.

**Sara.** Esposa de ABRAÃO.

**Sastre.** Castelhanismo por *alfaiate*.

**Saturno.** Uma das mais antigas deidades romanas, equivalente ao Cronos grego. Destronou o seu pai Urano e foi destronado pelo seu filho Júpiter do lugar de primazia entre os deuses. Após a derrota frente a Júpiter, retirou-se ao Lácio e nele reinou na IDADE DE OURO.

**Selada (prato gastronômico).** Forma irregular – talvez devido a dialetalismo – por *salada*.

**Selva Idália.** A selva do monte IDÁLIO ou IDA.

**Semideos.** Filho de uma divindade e um mortal; herói divinizado. A forma regular atual é *semideus*.

**Sensitivo.** Referido ao sentimento ou àquilo que pode ser conhecido pelos sentidos. Oposto ao que é racional.

**Sequioso.** Sedento.

**Séquito.** Comitiva, conjunto dos que acompanham alguma autoridade.

**Seráfico congresso.** Ajuntamento dos anjos.

**Serafim.** Anjo pertencente à mais alta hierarquia celeste.

**Silva.** Bosque silvestre.

**Simotoes.** Variante de Simétis, NINFA dos bosques cujo filho ÁCIS ganhou celebridade – e a morte – por seus amores com Galatéia.

**Sinai.** Monte egípcio onde Moisés recebeu as pedras da lei judaica.

**Sindeiro.** Cavalo de carga pequeno. É forma irregular por *sendeiro*.

**Sínon.** Guerreiro aqueu que fingiu desertar e integrar-se às tropas troianas, com o intuito de convencer os habitantes de TRÓIA de que o cavalo idealizado por Ulisses era um presente que tornaria a cidade invencível. Passou à história como exemplo de traidor.

**Siquém.** Cidade bíblica famosa pelos seus vinhos e por sediar o chamado “pacto de Josué”, o qual deu lugar ao início da sedentarização do povo judeu.

**Sirte.** Golfo mediterrâneo, na costa da Líbia.

**Sitial.** Assento nobre, trono. É variante de *setial*.

**Sobroço.** Temor.

**Soçobrar.** Naufragar; afundar.

**Sofi.** Título dado antigamente pelos ocidentais aos reis ou aos sacerdotes supremos da Pérsia.

**Sofístico.** Relativo ao SOFISMA ou que o contém.

**Sofisma.** Falácia construída com argumentos falsos, habilmente apresentados como verdadeiros.

**Soledade.** Solidão; estado de tristeza decorrente da solidão.

**Solícito.** Dedicado, atencioso.

**Sólio.** Trono; assento régio ou papal.

**Sonoroso.** Que produz um som muito grande; estrepitoso.

**Soto.** Bosque espesso. É forma irregular ou provável castelhanismo por *souto*.

**Subido.** (a) Elevado. (b) Sublime.

**Sulfúreo.** Que contém enxofre.

**Superno.** Superior; o mais alto.

**Suspensão.** Êxtase.

**Sustenido.** Elevação de uma nota musical em meio tom.

## T

**Tabardo.** Antigo capote, com mangas e capuz.

**Tágides.** NINFAS do rio Tejo, criadas pelos poetas portugueses à semelhança das Náiades clássicas.

**Tálamo.** Leito conjugal.

**Talia.** A MUSA inspiradora da comédia.

**Talia Mantuana.** Refere-se à MUSA ou inspiração poética de VIRGÍLIO, grande poeta latino, ainda que de modo não muito apropriado, pois as composições de Virgílio possuem uma gravidade que condiria melhor com a Musa lírica, ERATO, do que com a cómica Talia. Veja-se MANTUANO e ERATO.

**Tanaís.** Nome dado antigamente ao rio Don, durante muito tempo considerado a fronteira natural entre a Europa e a Ásia.

es. **Tañir.** Tanger.

**Tarquino.** Último rei de Roma – cargo que assumiu após matar o seu antecessor e sogro –, instaurou um regime de tirania que terminou com as revoltas que instauraram a República. É forma irregular por *Tarquínio*.

**Tartária.** Região da Ásia central, que em finais do Medievo europeu chegou a possuir uma enorme extensão territorial, fundamentalmente nas regiões central e oriental da atual Rússia.

**Tate.** Interjeição usada para recomendar cautela ou para expressar uma lembrança repentina.

**Tebana lira.** A de ANFIÃO.

**Tebano.** O natural de TEBAS, cidade fundada por Cadmo, filho de AGENOR.

**Tebas.** Houve duas célebres cidades com este nome, na Antiguidade: uma, no Egito; a outra, na Grécia. O texto refere-se à grega, cujos muros foram construídos por ANFIÃO, filho de Zeus e de Antíope, tocando uma LIRA a cujo som os tijolos iam se erguendo por si só.

**Tégora.** Redução de *até agora*.

**Telégonas.** Variante de Telégono, filho bastardo de Odisseu com Circe. Matou o próprio pai, sem saber quem era a sua vítima, e posteriormente desposou Penélope.

**Tento.** (a) Cuidado, atenção. (b) Ponto nos jogos de cartas.

**Tereo.** Rei da Trácia, esposo de PROGNE e cunhado de FILOMELA, a quem forçou e cortou a língua. A forma regular atual é *Tereu*.

**Teresa rainha.** Infanta portuguesa que, pelo matrimónio com seu primo Afonso IX de Leão, se tornou rainha deste reino, até ao momento em que o casamento foi invalidado por motivo de consanguinidade. Passou à história com o nome de Rainha Santa Teresa, após morrer como freira no convento que ela própria fundara.

**Terpsícore.** A MUSA inspiradora da música e da dança.

**Terra Ausónia.** A Itália. Veja-se AUSÓNIA.

**Terso.** Polido, limado; puro.

**Teseo.** Juntamente com o seu grande amigo e companheiro Heracles, foi o maior dentre os heróis gregos, filho do rei ateniense Egeu e de Etorá. As suas expedições mais famosas foram aquelas em que matou Creonte, os Centauros e o Minotauro de Creta, respetivamente, bem como o rapto de Helena e a incursão contra as Amazonas. A forma regular atual é *Teseu*.

**Tesífone.** Uma das Fúrias infernais. Veja-se ALECTO e MEGERA.

**Tétis.** Deusa marinha, esposa de Posídon e mãe dos rios e das NINFAS.

**Tibério.** Imperador romano, sucessor de César AUGUSTO e sucedido por Calígula. Ficou famoso pelos seus costumes pedófilos.

**Tifeo.** Filho de Tártaros e Géia, é o maior e mais aterrador dos GIGANTES: a sua cabeça alcança o céu e as suas mãos (nalgumas versões chegam a ser cem, donde o epíteto *centimano*, também aplicado a POLIFEMO) tocam o oriente e o ocidente. Foi o responsável pelo assalto ao monte Olimpo, que provocou a fuga dos deuses olímpicos para o Egito, até que Zeus fulminou os Gigantes com os seus raios: Tifeu, após ser morto por Zeus, foi enterrado sob o vulcão ETNA, ou noutras versões no Tártaros. A forma regular atual é *Tifeu*.

**Tifonte.** Variante do nome Tifeu. Veja-se TIFEO.

**Timantes.** Famoso pintor e escultor da Antiguidade, coetâneo de FARRÁSIO e de ZÉUXIS.

**Timarinto.** Nome poético convencional. Veja-se AMARÍLIS.

**Timbre.** Escudo de nobreza; figuradamente, linhagem ou ascendência nobre.

**Tiorba.** Espécie de alaúde com dois braços.

**Tiple.** O timbre de voz humana mais agudo.

**Tiraquelo.** Refere-se a Andrea Tiraquelo, jurista e historiógrafo italiano.

**Tíria cor.** É a cor púrpura, assim chamada porque na cidade fenícia de TIRO se produziam uns famosos tecidos aos quais se aplicava uma tinta grã extraída da cochinilha.

**Tírios holocaustos.** Sacrifícios de sangue. Veja-se TÍRIA COR.

**Tiro.** Cidade na região da Fenícia, pátria de EUROPA.

**Tisbe.** Irmã e amante de PÍRAMO.

**Titão.** Amante de Éos ou AURORA, que o raptou e dele teve MEMNON.

**Tito.** Imperador romano, filho de Vespasiano, foi responsável pelo cerco e conquista de Jerusalém.

**Titon.** Variante por TITÃO.

**Titónea consorte.** A AURORA. Veja-se também TITÃO.

**Titónia luz.** A da AURORA. Veja-se também TITÃO.

**Título.** Dignidade honorífica, comumente nobiliar.

**Toldo.** Peça de tecido utilizada como cobertura para se resguardar da chuva, do vento e/ou da luz solar.

**Tonante.** Epíteto aplicado a Zeus, em virtude do seu atributo de deus do trovão.

**Tonilho.** Toada; canção ligeira e rústica.

**Tonsurado.** Tosquiado; que recebeu a tonsura, corte de cabelo próprio dos religiosos.

**Topar.** Encontrar, deparar-se com.

**Toque-emboque.** Jogo com bola e arco.

**Torre de Faro.** Farol de Alexandria, construído durante o reinado de Ptolomeu.

**Tosco.** Rude, grosseiro; inculto.

**Tossigo.** Veneno, peçonha animal. É empréstimo do es. “tósigo”.

**Trace.** O mesmo que TRÁCIO.

**Trácio.** Natural da região grega da Trácia.

**Trácio plectro.** Refere-se ao plectro de ORFEU, natural da Trácia.

**Transe.** Situação de perigo.

**Transunto.** Cópia, traslado, reprodução.

**Traslado.** O mesmo que TRANSUNTO.

**Tremolar.** Agitar-se com movimento bruxuleante. É forma irregular por *tremular*.

**Trémolo.** Bruxuleante, estremeado; figuradamente, tímido ou medroso. É forma irregular por *trémulo*.

**Triaga.** Substância composta de diversos extratos vegetais, com adição de mel ou açúcar, usada antigamente como antídoto contra os venenos.

**Tributário.** Aquele que paga tributo a outrem; subordinado; afluente.

**Tridente.** Cetro com três pontas em seu extremo, arma do deus marinho Posídon (grego)

ou NEPTUNO (romano).

**Trinácia.** Antigo nome poético atribuído à ilha da Sicília, por causa dos três altos montes que nela se encontram.

**Tritolemo.** Herói, filho de Elêusis, a quem a deusa Deméter encomendou o ensino da agricultura aos mortais. É forma irregular por *Triptolemos*.

**Tróia. (a)** Cidade frígia, na Ásia Menor, próxima ao HELESPONTO, que por causa do rapto de HELENA, perpetrado por Páris, príncipe troiano filho de Príamo, entrou em guerra com o exército grego. Durante dez anos resistiu ao cerco do exército inimigo, mas finalmente foi derrotada, graças ao engenho de Odisseu, e reduzida a cinzas pelo conquistador. Veja-se também ULISSES. **(b)** Figuradamente, significa ruína.

**Troiano fero debelado.** O exército troiano, vencido graças ao engenho de Odisseu. Veja-se TRÓIA.

**Tubal.** Segundo a lenda, historicamente muito duvidosa, seria neto de Noé e fundador da cidade de Setúbal.

**Túbal.** Variante de TUBAL.

**Túlio.** Marco Túlio Cícero, célebre autor latino, que ganhou notoriedade principalmente como orador.

**Tumba de cristal.** O leito marinho, reino de TÉTIS.

**Túmulo.** Sepultura.

**Turno.** Rei latino que lutou contra ENEAS e foi morto por ele, na sua luta por conquistar a Itália.

## U

**Ufano.** Orgulhoso de si; altivo; triunfante. Por analogia, feliz.

**Ulisseia.** Lisboa, assim chamada por causa de Odisseu ou ULISSES, seu fundador mítico.

**Ulisses.** Nome latinizado de Odisseu, um dos maiores heróis gregos da guerra de TRÓIA, filho de Laertes e de Anticleia (ou de Sísifo), famoso por sua astúcia e sagacidade. Foi o artífice do cavalo de Tróia, que permitiu aos gregos a invasão da cidade. Após a vitória, na sua viagem de regresso a Ítaca, vagueou dez anos pelo Mediterrâneo: na peripécia, passou diversos perigos, dentre eles o do canto de beleza e morte das sereias, referido no cancionero; e manteve amores com Circe e Calipso, até que finalmente aportou à terra natal – ou, noutras versões, a Lisboa, cidade que haveria fundado e que dele toma o seu nome. Veja-se ULISSEIA.

**Umbroso.** Sombrio, escuro.

**Undoso.** Ondeante, ondulado.

**Urânia.** A MUSA que inspira a astronomia.

lat. **Usque ad aras.** Até aos altares.

## V

**Vagância.** Intervalo numa atividade ou evento.

**Valido.** Privado ou favorito do rei.

**Vanglória.** Ostentação fútil, presunção carente de fundamento.

es. **Vano.** Vão, fútil.

**Variar-se.** Mudar-se alguma coisa, ficar diferente do que era ou costumava ser.

**Vário.** Diverso, diferente.

**Vasto.** Muito largo ou extenso; amplo, dilatado.

**Vaticinar.** Prognosticar; profetizar.

**Velo.** Velocino, pele do carneiro com o pêlo. É famoso o velocino de ouro que provocou a expedição dos Argonautas.

**Venatório.** Referido à caça, também chamada *arte venatória*.

**Vencimento.** Vitória.

**Vendado rapaz.** Refere-se a Eros ou CUPIDO.

**Veniaga.** Mercadoria, artigo vendável.

**Vénus.** Deusa romana da beleza, do amor e do prazer, equivalente da grega Afrodite. Nasceu da espuma do mar fertilizada pelo sangue dos testículos de Celo, cortados por SATURNO, e foi levada pelo mar numa concha até à costa de Chipre. Foi esposa de VULCANO, amante de Marte e mãe de ENEAS. No calendário pagão, é-lhe dedicado o sexto dia da semana (venres).

**Vénus Ericina.** Veja-se ERICE.

**Venusiano.** **(a)** Referido a VÉNUS. **(b)** No texto, “poeta venusiano” (v. 429) é epíteto referido a HORÁCIO, por ser natural da cidade de Venúsia.

**Veras.** Realidade.

**Verdugo.** Carrasco, algoz.

**Vergôntea.** Rebento tenro de árvore ou de flor.

**Veronense.** Epíteto aplicado – por ser natural de Verona – a Caio Valério Catulo, célebre poeta latino do século I a.n.e., famoso pelo seu talento e, em ocasiões, pelo tratamento de temas menores – como o pardal.

**Versado.** Conhecido.

**Vesúvio.** Célebre vulcão italiano, ainda ativo, localizado nas proximidades de Nápoles, no sul da Itália. A sua maior erupção foi responsável pela destruição da magnífica vila de Pompéia, no ano 79 d.n.e.

**Vilânio.** Nome poético convencional, neste caso com um evidente sentido de rusticidade do personagem. Veja-se AMARÍLIS.

**Virgílio.** Veja-se MANTUANO.

**Viridante.** Verdejante; que possui cor verde ou emite brilho desta cor.

**Viso.** Semblante, aparência do rosto.

**Vitupério.** Censura agressiva, áspera e ofensiva; ultraje, ofensa, agravo.

**Votivo.** Oferecido em cumprimento de um voto ou promessa.

**Vouga.** Rio português que forma a Ria de Aveiro.

**Vulcano.** Filho de JÚPITER e de Juno, é o deus romano do fogo e das atividades com ele relacionadas, a exemplo da forja. Foi o artífice das armas dos deuses e de alguns grandes heróis, como ENEAS ou AQUILES. A referência a “Peramanca” (v. 15624), que no cancionero aparece num contexto obscuro, poderia aludir à perna manca do deus: por haver nascido disforme, seu pai lançou-o desde o alto do monte Olimpo, e da queda ficou COXO.

## Z

**Zéfiro.** Personificação do vento do Oeste, filho de Éos (veja-se AURORA) e de Astreu. Rivalizou com APOLO pelo amor do jovem Jacinto. É um dos ventos mais suaves e aprazíveis, e corre sobretudo na primavera.

**Zénit.** Ponto mais elevado da esfera celeste relativamente a um ponto de referência. É forma irregular por *zénite*.

**Zêuxis.** Célebre pintor grego do século V a.n.e. Veja-se FARRÁSIO.

**Zona.** Cada uma das partes do mundo; continente.

**Tabela nº 1 – Correspondência (quando a houver) entre as figuras dos sistemas mitológicos grego e romano referidas na Micrologia**

<b>Figuras mitológicas da Grécia clássica citadas na Micrologia</b>	<b>Figuras mitológicas da Roma clássica citadas na Micrologia</b>
Adónis	Adónis (mito de origem fenícia)
Afrodite	Vénus
Amaltéia	
Anfitrite	Salácia
Apolo, sincretizado com Hélio	Febo
Aqueronte	
Ares	Marte
Artémis	Diana
Asclépio	Esculápio
Atena (e seu epíteto Palas)	Minerva e – por sincretismo – Belona
Atlante ~ Atlas	Atlante ~ Atlas
Caronte	
Celo	Urano
Cérbero	
Cronos	Saturno
Dafne	
Deméter	Ceres
Dionísio	Baco
Dióscuros (Cástor e Pólux)	Gémini ~ Castores
Dóris	
Eco	
Elísios	
Éolo	Lúlio
Éos	Aurora
Eros	Cupido ~ Amor
Erínias ~ Euménides	Fúrias
Fado	Destino
Fama	Voz Pública
Géia ~ Gaia	Terra
Gigantes	Gigantes
Glauco	
Hades	Plutão

Figuras mitológicas da Grécia clássica citadas na Micrologia	Figuras mitológicas da Roma clássica citadas na Micrologia
Harpias	
Hefesto	Vulcano
Hera	Juno
Heracles	Hércules
Hermes	Mercúrio
	Jano
Maia	Flora – por sincretismo
Medusa	
Memnon	
Moiras	Parcas
Momo	Momo
Narciso	
Nereu	
Ninfas	Camenas
Nix ~ Noite	Noite
Oceano	
Odisseu	Ulisses
Pégaso	
Perséfone	Proserpina
Posídon	Neptuno
Proteu	
	Pomona
Quimera	
Reia	Cibebe
Selene	Lua
Teseu	
Tétis	
Tiqué	Fortuna
Tifeu ~ Tifonte	
Titão ~ Titon	
Titãs	
Triptolemo	
Zeus	Júpiter ~ Jove

## **Tabela nº 2 – Regência dos signos zodiacais**

### **Divindades mitológicas regentes dos signos zodiacais**

Apolo ~ Febo	Caranguejo e Leão
Hermes ~ Mercúrio	Gêmeos e Virgem
Afrodite ~ Vênus	Touro e Libra
Ares ~ Marte	Áries e Escorpião
Zeus ~ Júpiter	Peixes e Sagitário
Cronos ~ Saturno	Aquário e Capricórnio

# CONCLUSÕES

## Alguns pontos de chegada e várias hipóteses de trabalho

À hora de estabelecer as conclusões da nossa pesquisa, impõe-se dizer que estas apenas podem ser provisórias e incompletas, não só porque todo trabalho humano o seja, mas acima de tudo porque não nos foi possível cumprir integralmente com o plano de trabalho proposto. Contudo, consideramos que a presente pesquisa possui alguns valores importantes, que passamos a enumerar em forma tanto de conclusões propriamente ditas quanto de hipóteses de trabalho que consideramos plausíveis e que esperamos poder desenvolver na sequência de estudos que esta tese não só não clausura, mas apenas inaugura.

Conclusões propriamente ditas:

1. A edição em moldes modernos do *Postilhão de Apolo* é um contributo necessário para o conhecimento pelo público leitor da produção poética barroca, e nomeadamente para a transmissão poética entre os séculos XVII e XVIII em Portugal e, em menor medida, no Brasil.
2. O resgate das obras dos autores barrocos incluídos no *Postilhão* demonstra a necessidade de reivindicar a inserção no cânone da literatura portuguesa – e, conseqüentemente, no ensino obrigatório – de, quando menos, os principais vultos que sobressaem tanto no nosso cancioneiro quanto n' *A Fénix*: Jerónimo Baía, talentoso, supradotado, genial e exuberante; António Barbosa Bacelar, um dos grandes continuadores de Camões e o seu mais digno herdeiro no período barroco; e Violante do Céu, a poeta capaz de executar com magistral perfeição os mais diversos artifícios poéticos, tanto do ponto de vista estético quanto duma perspetiva filosófica.

3. Do ponto de vista lingüístico, o *Postilhão* constata o carácter misto do registo lingüístico utilizado: referências cultas, mas fonética popular; léxico ora elevado ora coloquial; grafias vacilantes entre o arcaísmo e a transcrição dos fenómenos da fala. E isso todo, claro está, num contexto de produção bilingue português/espanhol que só ao longo do século XVIII começa a ser superada, ainda que esse processo não se completa senão após o fim do Barroco.
4. Embora seja inegável a estreita relação existente entre o *Postilhão de Apolo* e *A Fénix Renascida*, donde provém cerca do 57% dos textos daquele, consideramos provado que não é apropriado considerar o *Postilhão* nem como uma antologia nem como uma obra derivada d' *A Fénix*, em termos de filiação.

#### Hipóteses de trabalho:

1. É preciso relativizar a influência da literatura castelhana sobre a portuguesa na época, tanto no concernente aos modelos de autor quanto às bases teóricas da produção literária.
2. Não se desenvolveu ainda um estudo sistemático sobre a dialética *conceptismo vs culteranismo* aplicada à poesia produzida em Portugal no período.
3. Seria interessante aprofundar na pesquisa das relações entre o Renascimento italiano e o português, prescindindo no possível da mediação castelhana e analisando o papel divulgador dos padres portugueses residentes na Santa Sé.
4. Existe uma abundante e muito estimável produção teórica elaborada nas academias portuguesas – e, em menor medida, brasileiras – que desmente a dependência mecânica a respeito da chamada escola castelhana da literatura portuguesa.

Para pôr o fecho a estas breves considerações, um compromisso final: o de dedicar os próximos anos a completar o plano de trabalho – com a análise do papel das academias, um estudo literário completo e a tentativa de demonstração das hipóteses de trabalho citadas acima – e a publicar a presente pesquisa, através da web no endereço

<http://bit.ly/postilhao> e pelos demais meios ao alcance, tais como revistas, jornais e, se possível, algum livro impresso que recolha em tudo ou em parte a produção do *Postilhão de Apolo*.

# APÊNDICE Nº 1

## Tabelas comparativas d' *A Fénix Renascida* com o *Postilhão de Apolo*

Obs. Na coluna de autoria, indicam-se em **negrito** as atribuições de autoria que não constam n' *A Fénix*. As setas ↑ utilizam-se para indicar a referência, dentro duma série, a um autor já identificado.

### Tabela nº 3 – Obras recolhidas no Tomo I d' *A Fénix Renascida*

Título	Atribuição de autoria n' <i>A Fénix</i>	Autor(a)	Primeiro verso	Tipo estrófico	Lugar n' <i>A Fénix</i> (tomo, página(s))	Lugar no <i>Postilhão</i> (tomo, página(s))
Introdução poética		<b>António dos Reis</b>	<i>Era do ano a Estação primeira</i>	Oitavas	I, 1-31	I, 1-31
Saudades de Lídia e Armido	Por um anónimo	Anónimo	<i>Era o tempo em que pálido retrata</i>	Oitavas	I, 32-77	II, 22-72
Saudades de Lídia e Armido	Pelo Doutor António Barbosa Bacelar	António Barbosa Bacelar	<i>Já da horrísona tuba o repetido</i>	Oitavas	I, 77-90	II, 73-87
Epitáfio na sepultura de Lídia e Armido	Por um anónimo	Anónimo	<i>Essa que vês, errante peregrino,</i>	Soneto	I, 91	II, 88
Sentimentos de D. Pedro e de D. Inês de Castro	Por Manoel de Azevedo Pereira	Manoel de Azevedo Pereira	<i>Era na meia idade, a que chegava</i>	Oitavas	I, 92-139	I, 171-218
Ao mesmo assunto – Glossa da oitava de Luís de Camões [Estavas, linda Inês, posta em sossego,]	Pelo Doutor António Barbosa Bacelar	António Barbosa Bacelar	<i>Querida prima minha, alma ditosa,</i>	Oitavas	I, 140-143	I, 219-222
Soneto de Francisco Rodrigues Lobo [Fermoso Tejo meu, quão diferente] com a glossa do Doutor António Barbosa Bacelar	Doutor António Barbosa Bacelar	António Barbosa Bacelar	<i>Enfim mereci ver-te, ó Tejo Amado,</i>	Oitavas	I, 143-148	I, 223-228
Ao mesmo assunto – Outra glossa	Do mesmo autor	António Barbosa Bacelar	<i>Espelho de cristal das ninfas eras</i>	Oitavas	I, 149-153	I, 229-233

Ao mesmo assunto – Outra glossa		António Barbosa Bacelar	<i>Fermoso Tejo meu, tristes suspiros</i>	Oitavas	I, 154-158	I, 234-238
A umas saudades	Do mesmo autor	António Barbosa Bacelar	<i>Saudades de meu bem, que noite e dia</i>	Soneto	I, 159	II, 112
A Lucrecia romana	Do mesmo autor	António Barbosa Bacelar	<i>Em sangue honradamente derramado</i>	Soneto	I, 160	II, 102
A uma ausência	Do mesmo autor	António Barbosa Bacelar	<i>Sinto-me sem sentir todo abrasado</i>	Soneto	I, 161	II, 115
A uns olhos tortos		António Barbosa Bacelar	<i>Travessos olhos, que na travessia</i>	Soneto	I, 162	II, 113
À morte de Diogo Lopes da França, que morreu degolado	Do mesmo autor	António Barbosa Bacelar	<i>Detém a mão infamemente armada</i>	Soneto	I, 163	II, 111
Ao Padre António Vieira pregando na Degolação de São João Baptista		António Barbosa Bacelar	<i>Morre João por ódio, mas de sorte</i>	Soneto	I, 164	II, 105
A S. Pedro quando negou a Cristo		António Barbosa Bacelar	<i>À vista daquele amoroso alarde</i>	Soneto	I, 165	II, 103
Glossa ao soneto de Camões [Seze anos de pastor Jacob servia]	Pelo mesmo Bacelar	António Barbosa Bacelar	<i>Arde Jacob de sorte que elevado</i>	Oitavas	I, 166-171	II, 117-122
Outra glossa ao mesmo soneto	Do mesmo autor	António Barbosa Bacelar	<i>Em fogo activo, mais que o Etna ardente</i>	Oitavas	I, 172-174	II, 123-125
Ao mesmo assunto		António Barbosa Bacelar	<i>Pertendendo a Raquel, serrana bela,</i>	Soneto	I, 175	II, 126
À morte do Sereníssimo Senhor D. Duarte, Infante de Portugal		António Barbosa Bacelar	<i>Já a violência dos fados absolutos</i>	Canção [canção fúnebre]	I, 176-182	II, 275-280
A um desmaio	Pelo mesmo autor	António Barbosa Bacelar	<i>Contra Flora aos suspiros fugitiva</i>	Soneto	I, 182	II, 114
Mote [Sobo-los rios que vão] (Camões)		António Barbosa Bacelar	<i>Entre amargos desvarios</i>	Oitavas	I, 183-185	II, 206-208
A umas saudades		António Barbosa Bacelar	<i>Que me quereis, saudades?</i>	Romance	I, 185-188	II, 365-368

Saudades de Aónio	Pelo Doutor António Barbosa Bacelar	António Barbosa Bacelar	<i>No remontado cume</i>	(Canção)	I, 188-214	II, 249-274
Fábula de Polifemo e Galatea	Por Jerónimo Baía	Jerónimo Baía	<i>Donde Neptuno com grilhões de argento</i>	Oitavas	I, 215-235	II, 168-188
Jornadas – Dedicatória [ <i>Meu D. Francisco de Sousa</i> ] (De Lisboa para Coimbra)	De Jerónimo Baía	Jerónimo Baía	<i>O Senhor da esfera quarta</i>	Romance	I, 236-275	I, 321-360
Jornadas de Lisboa para o Alentejo		Jerónimo Baía	<i>Amigo, esta vossa carta</i>	Romance	I, 276-316	II, 285-323
A um pintassilgo morto por um gato – Dedicatória (décima) [ <i>A vós, que canora e bela</i> ]	Pelo mesmo autor	Jerónimo Baía	<i>Vós poetas, mas não pobres</i>	Romance	I, 317-327	II, 347-356
Ao mesmo assunto		Jerónimo Baía	<i>Deixai de cortar os ares</i>	Romance	I, 327-332	II, 356-361
Epitáfio		Jerónimo Baía	<i>Nesta breve terra jaz</i>	Soneto	I, 333	II, 362
A F., que perdeu um cupido de coco que trazia, de que só lhe sobraram as asas		Jerónimo Baía	<i>Fazer um romance quero</i>	Romance	I, 334-336	II, 189-191
A umas beatas		Jerónimo Baía	<i>Beatíferas senhoras,</i>	Romance [Romance satírico burlesco]	I, 337-351	
Carta a um amigo em que lhe dá conta de uma jornada		Jerónimo Baía	<i>Paulo, se novas quereis</i>	Romance	I, 351-361	II, 192-201
Ao minino Deos em metáfora de doce		Jerónimo Baía	<i>Quem quer fruta doce?</i>	Romance	I, 362-364	
Ao nascimento do minino Deos		Jerónimo Baía	<i>Quem compra autos curiosos</i>	Romance [romance entre dous cegos]	I, 365-369	
Ao Sereníssimo Rei D. Afonso, quando mandou alistar por soldado a Santo António de Lisboa	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Alto Rei, fatal excesso,</i>	Décimas	I, 370-372	

A uma boca ferida		Jerónimo Baía	<i>Vossa boca arrebetada</i>	Décimas	I, 373-374	II, 204-206
A um desmaio por causa de uma sangria		Jerónimo Baía	<i>Penetrou lanceta dura</i>	Décimas	I, 375-376	II, 209-210
A um pintassilgo que vinha cantar sobre um freixo à vista de um preso		Jerónimo Baía	<i>Dize, doce passarinho</i>	Romance	I, 376-379	II, 369-372
Portada – Poesias várias para se adicionarem (...)	--	--	--	--	I, 380-381 (p. 382 em branco)	
Vários sonetos de Sóror Violante do Céu, religiosa no Convento da Rosa de Lisboa	Sóror Violante do Céu	Violante do Céu		Sonetos	I,383-408	
● A la Señora Condessa da Vidigueira, vestida de pardo por la ausencia del Conde	↑	Violante do Céu	<i>Ostenta la mayor soberanía</i>	Soneto	I, 383	I, 306
● A Dona Mariana de Luna	↑	Violante do Céu	<i>Musas, que no jardim do Rei do dia</i>	Soneto	I, 384	I, 307
● A la muerte de la Señora Duquesa de Avero	↑	Violante do Céu	<i>Aquí yace sin luz el sol de Avero</i>	Soneto	I, 385	I, 308
● A la Señora Condessa de Penaguían	↑	Violante do Céu	<i>Si como admiro en vós lo que en vós miro</i>	Soneto	I, 386	I, 309
● A una amiga	↑	Violante do Céu	<i>Belisa, el amistad es un tesoro</i>	Soneto	I, 387	I, 310
● A El-Rei D. João IV	↑	Violante do Céu	<i>Que logras, Portugal? Um Rei perfeito:</i>	Soneto	I, 388	I, 311
● Ao mesmo Senhor D. João IV	↑	Violante do Céu	<i>Um só pesar, Senhor, sente a vontade</i>	Soneto	I, 389	I, 312
● Ao Doutor Duarte Madeira Arraes	↑	Violante do Céu	<i>Ó tu, que oposito sempre à dura Parca</i>	Soneto	I, 390	I, 313
● A António de Sousa de Macedo, em louvor do seu livro das Excelências de Portugal	↑	Violante do Céu	<i>Cuando de Portugal las excelencias</i>	Soneto	I, 391	II, 234

● A Manoel de Faria Severim, em louvor dos seus Discursos	↑	Violante do Céu	<i>Parar do pensamento o veloz curso</i>	Soneto	I, 392	II, 237
Aos anos do Príncipe N. S.	De Júlio de Melo de Castro	Júlio de Melo de Castro	<i>Em vós, Augusta nova confiança</i>	Soneto	I, 393	II, 239
Ao Doutor Filipe Maciel discorrendo sobre a Jurisprudência	De Bartolomeu Lourenço de Gusmão	Bartolomeu Lourenço de Gusmão	<i>Digno Orador do século de Augusto,</i>	Soneto	I, 394	II, 241
Celebrándose el nombre del Rey N. S. D. Juan V.	Del Visconde de Asseca	Visconde de Asseca	<i>Este obsequio, ó Monarca, que te aclama,</i>	Soneto	I, 395	II, 243
Poesias várias de uma poetisa anónima	Poetisa anónima	<b>Violante do Céu</b>		Sonetos e Romances	I, 396-430	
● A uma ausência	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Vida que não acaba de acabar-se</i>	Soneto	I, 396	II, 245
● À rosa	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Pompa de Abril, lisonja dos sentidos</i>	Soneto	I, 397	II, 247
● Yéndose la sangre de una sangría	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Oh, no reprima, no, piedad impía,</i>	Soneto	I, 398	II, 248
● Dama doliente y quejosa	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Aunque de mi salud el detrimento</i>	Soneto	I, 399	II, 327
● Soneto	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Prendas de aquella diosa soberana</i>	Soneto	I, 400	II, 329
● Soneto	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Yo tomaré la pluma, y de tus glorias</i>	Soneto	I, 401	II, 331
● A una ausencia	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Quien dice que la ausencia es homicida</i>	Soneto	I, 402	II, 333
● A um desengano	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Será brando o rigor, firme a mudança,</i>	Soneto	I, 403	II, 335

● Ao amado ausente	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Se apartada do corpo a doce vida</i>	Soneto	I, 404	II, 337
● Soneto	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Que suspensão, que enleio, que cuidado</i>	Soneto	I, 405	II, 338
● Soneto	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Quem depois de alcançar o que pertende</i>	Soneto	I, 406	II, 330
● Soneto	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Qué dicís vós, indigno entendimiento</i>	Soneto	I, 407	II, 328
● Soneto	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Se por não me lembrar de um crocodilo</i>	Soneto	I, 408	II, 341
● Romance	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Amada prenda del alma</i>	Romance	I, 409-411	II, 363-365
● Romance	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Huid de amor, zagalejas,</i>	Romance	I, 411-412	II, 368-369
● Romance	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>La falsedad de tu pecho</i>	Romance	I, 412-416	II, 373-375
● Romance	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Tocan al arma cuidados</i>	Romance	I, 416-418	II, 156-158
● Romance	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Si vivo en ti transformada,</i>	Romance	I, 418-420	II, 154-156
● Romance	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Airada Celia con Lauro</i>	Romance	I, 420-422	II, 147-149
● Romance	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Façamos pazes eternas</i>	Romance	I, 422-425	II, 145-147
● Romance	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Qué avarienta de favores</i>	Romance	I, 425-428	II, 136-138
● Romance	↑	<b>Violante do Céu</b>	<i>Corazón, pues os maltratan,</i>	Romance	I, 428-430	II, 142-144

No Tomo I d' *A Fénix* consta um total de setenta e quatro composições, das quais trinta e duas são da autoria de Violante do Céu, vinte de António Barbosa Bacelar, quinze de Jerónimo Baía, cinco doutros autores (Antónios dos Reis, Manoel de Azevedo Pereira, Júlio de Melo e Castro, Bartolomeu Lourenço de Gusmão e o Visconde de Asseca) e duas permanecem anónimas.

Note-se que a atribuição a “*uma poetisa anónima*” – que aparecerá novamente no *Postilhão* – faz referência invariavelmente a Sórora Violante do Céu, anonimato que atinge notadamente os poemas de tema amoroso. Aliás, é destacável também a ausência de atribuição de autoria da “Introdução Poética”.

Por último, observe-se que a quase totalidade do Tomo I d' *A Fénix* é recolhida no *Postilhão*. De facto, 70 dos 74 poemas deste tomo aparecem no *Postilhão*, sendo que ficaram excluídos apenas quatro poemas de Jerónimo Baía, dos quais três provavelmente foram descartados por o seu tom haver sido considerado inapropriado: “A umas beatas”, um delicioso retrato sarcástico dos excessos de devoção religiosa; e os dois dedicados ao menino Deus, devido ao seu tratamento frívolo. Como se pode constatar nas tabelas a seguir, é este Tomo I d' *A Fénix* a fonte principal donde bebe o nosso cancionero: dos quatro outros tomos d' *A Fénix*, apenas 12 poemas passam a integrar o *Postilhão*.

**Tabela nº 4 – Obras recolhidas no Tomo II d' A Fénix Renascida**

<b>Título</b>	<b>Atribuição de autoria n' A Fénix</b>	<b>Autor(a)</b>	<b>Primeiro verso</b>	<b>Tipo estrófico</b>	<b>Lugar n' A Fénix (tomo, páginas)</b>	<b>Lugar no Postilhão (tomo, páginas)</b>
Fábula de Polifemo e Galatea	Francisco de Vasconcelos Coutinho	Francisco de Vasconcelos Coutinho	<i>Aonde Tétis com grilhões luzentes</i>	Oitavas	II, 1-25	
El no amar es fineza	Do autor	Francisco de Vasconcelos Coutinho	<i>Marcia, si es fuerza, viéndoos, deseáros</i>	Soneto	II, 26 (vide IV, 398)	
Ao excelente Senhor Marquês de Marialva, retirando-se D. João de Áustria de Arronches	Do autor	Francisco de Vasconcelos Coutinho	<i>Senhor, já toda Espanha amedrontada</i>	Soneto	II, 27	
Ao Senhor Joane Mendes de Vasconcelos, Tenente General, rendendo a Praça de Mourão	Do autor	Francisco de Vasconcelos Coutinho	<i>Esse muro em ruínas desatado</i>	Soneto	II, 28	
A Manoel de Melo, Mestre de Campo e Governador de Moura	Do autor	Francisco de Vasconcelos Coutinho	<i>Se, Melo invicto, a minha voz dissera</i>	Soneto	II, 29	
A Carlos, Rei de Inglaterra, na restituição da Coroa	Do autor	Francisco de Vasconcelos Coutinho	<i>Soberano Monarca, hoje renasce</i>	Soneto	II, 30	
À morte do Sereníssimo Príncipe D. Teodósio	Do autor	Francisco de Vasconcelos Coutinho	<i>Ignorada razão, fatal mistério</i>	Soneto [soneto moral]	II, 31	
A seu mesmo desengano			<i>Corre al mar con sedienta hidropesía</i>	Soneto	II, 32	
Saudades de Lídia e Armido	Por um anónimo, que dizem é o Doutor António Barbosa Bacelar	António Barbosa Bacelar ???	<i>À violência do bronze despertados</i>	Oitavas	II, 33-55	
Soneto de Camões [ <i>Alma minha gentil, que te partiste</i> ]	Glossado pelo Doutor António Barbosa Bacelar	António Barbosa Bacelar	<i>Espírito gentil, que assim voaste</i>	Oitavas	II, 56-61	

Outro soneto [ <i>Jaz sepultada nesta pedra fria</i> ]	Glossado pelo Autor	António Barbosa Bacelar	<i>Aquela só consigo competida</i>	Oitavas	II, 62-67	
Outro soneto [ <i>Por onde um manso rio caminhava</i> ]	Glossado pelo Doutor António Barbosa Bacelar	António Barbosa Bacelar	<i>Ao pé de uma fragosa penedia</i>	Oitavas	II, 68-73	
Glossa da oitava de Camões [ <i>Deu sinal a trombeta Castelhana</i> ] – Dedicatória ao Sr. D. Sancho Manoel [ <i>Hoje, que as armas Portuguesas pisam</i> ]	Glossa do Autor	António Barbosa Bacelar	<i>Prontos estavam todos escutando</i>	Oitavas	II, 74-78	
Vários sonetos	Pelo Doutor António Barbosa Bacelar – Restituem-se-lhe os que por erro ou por furto corriam com nome de outros Autores	António Barbosa Bacelar		Sonetos	II, 79-112	
• A um Rouxinol cantando na gaiola	↑	António Barbosa Bacelar	<i>De amor cantastes já doces favores</i>	Soneto	II, 79	
• A um edifício arruinado	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Este, que de si mesmo despeñado</i>	Soneto	II, 80	
• A uma despedida	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Agora que o silêncio nos convida</i>	Soneto	II, 81	
• A um bem perdido	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Eu me vi neste monte noutra idade</i>	Soneto	II, 82	
• À Serra de Cintra	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Áspera serrania, que elevada</i>	Soneto	II, 83	
• À variedade do mundo	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Este nasce, outro morre, acolá soa</i>	Soneto	II, 84	
• A Fernão Teles, General da Beira, Governador do Porto	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Tão igual o valor em vós reparte</i>	Soneto	II, 85	
• A um rouxinol preso cantando	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Ave gentil cativa, que os acentos</i>	Soneto	II, 86	

• A Filis, pedindo-lhe que aborreça e não ignore	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Filis, viva mi amor aborrecido</i>	Soneto	II, 87	
• Ao Tejo, queixando-se	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Alegre o manso Tejo vai regando</i>	Soneto	II, 88	
• A Fábio, roubando-lhe Filis um retrato que lhe dera, pelo achar dormindo	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Fábio, bem que essa fonte entre as ervinhas</i>	Soneto	II, 89	
• A um sonho	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Adormeci ao som do meu tormento</i>	Soneto	II, 90	
• A um retrato	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Neste retrato de imortal beleza</i>	Soneto	II, 91	
• Ao Senhor Manoel de Saldanha, Reitor da Universidade de Coimbra, trabalhando em uma ermida sua no Bussaco	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Luzida em acto humilde a majestade</i>	Soneto	II, 92	
• A F. da Rocha	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Rebelou-se à razão a liberdade</i>	Soneto	II, 93	
• A Jacinto Freire de Andrade, Autor da Fábula de Narciso, a qual daremos com outras suas no Tomo III.	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Mientras cantáis del Joven la locura</i>	Soneto	II, 94	
• A um pintor que pintou primorosamente a Fábula de Psiques	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Tan altamente a Psiques retratada</i>	Soneto	II, 95	
• A Fernão Pereira de Castro, Autor da Fábula de Psiques	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Em Vénus não, na Musa reclinado</i>	Soneto	II, 96	
• Conformando-se com a sua soledade	↑	António Barbosa Bacelar	<i>No he menester ausente el sufrimiento</i>	Soneto	II, 97	
• Ao portentoso milagre de despregar Cristo a Mão da Cruz na Aclamação do Senhor Rei D. João IV	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Quarto João por Deus anunciado</i>	Soneto	II, 98	

• A um desafio de Vénus e Palas	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Vestíose Venus el arnés de Marte</i>	Soneto	II, 99	
• Falando com o Tejo	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Águas do Tejo, que tão mansamente</i>	Soneto	II, 100	
• Ao Sereníssimo Infante D. Afonso, estando doente	↑	António Barbosa Bacelar	<i>El clavel, que en sí mismo agonizado</i>	Soneto	II, 101	
• A um prado florido	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Do que sou me vi já mui diferente</i>	Soneto	II, 102	
• A dous Rouxinóis	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Em um músico duelo contendiam</i>	Soneto	II, 103	
• A um peito cruel	↑	António Barbosa Bacelar	<i>O bem passado que é? é mal presente</i>	Soneto	II, 104	
• À morte de Luís Vicente de Cáceres	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Esse, que vês, ó Fábio, reduzido</i>	Soneto	II, 105	
• A uma eça	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Esta que vedes máquina abrasada</i>	Soneto	II, 106	
• A um desengano	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Ah fortuna cruel, ah peito avaro</i>	Soneto	II, 107	
• Conformando-se com a sua tristeza	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Estou a ser triste já tão costumado</i>	Soneto	II, 108	
• Entrando em uma casa de jogo	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Paro, reparo, tenho, envido e pico</i>	Soneto. De repente	II, 109	
• À imitação do grande Luís de Camões. A Jacob servindo por Raquel	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Serviu sete anos por Raquel fermosa</i>	Soneto	II, 110	
• Aos Paços Reais de Almeirim	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Vestígios para mágoas conservados</i>	Soneto	II, 111	

• À Fénix	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Esta ahora a cenizas reducido</i>	Soneto	II, 112	
Derrubando los Castellanos la Puente de Olivença le puso uno dellos este Epitafio [ <i>Aquí yace torre y puente</i> ]	Resposta del Doctor António Barbosa Bacelar	António Barbosa Bacelar	<i>Mueve pasajero el pie</i>	Décimas	II, 113-116	
A uma ferida	Pelo mesmo Autor	António Barbosa Bacelar	<i>Cansada Clori homicida</i>	Décimas	II, 116-118	
A uma sangria de um amigo	Pelo mesmo Autor	António Barbosa Bacelar	<i>Fabio, por nuevas me han dado</i>	Décimas [décimas sérias e burlesca”]	II, 118-122	
Deu-se para glosar este mote [ <i>Amores mais que de quem</i> ]	Do mesmo Autor	António Barbosa Bacelar	<i>Anarda a Sílvia galharda</i>	Décima	II, 123	
A uns touros que correu um Velho	Pelo mesmo Autor	António Barbosa Bacelar	<i>Dos touros da terça-feira</i>	Décimas	II, 123-131	
À morte de uma F. Clara		António Barbosa Bacelar	<i>Terrestre esfera deixou</i>	Décima	II, 131	
A um javali morto pela Sereníssima Infanta de Portugal		António Barbosa Bacelar	<i>Aquí yace un javalí</i>	Décimas	II, 131-132	
Glossa – Mote [ <i>Libertad, quedaos, adiós</i> ]	Glossa	António Barbosa Bacelar	<i>Cautivo mi corazón</i>	Décimas	II, 132-134	
Romances vários	Do Doutor António Barbosa Bacelar. Advirta o Leitor que muitos destes Romances achará em nome de outros Autores, o que ou foi por lhos atribuírem falsamente ou porque eles se fizeram donos seus, que uma e outra cousa temos colhido manifestamente ao conferir com cuidado muitos manuscritos	António Barbosa Bacelar		Romances	II, 135-173	

• Descrição del Valle de Chelas	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Donde más ufano el Tajo</i>	Romance	II, 135-140	
• Romance	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Donde el Tajo al Oceano</i>	Romance	II, 140-145	
• Romance	↑ Pelo mesmo Autor	António Barbosa Bacelar	<i>Oh, qué bien Silvio idolatra!</i>	Romance	II, 145-148	
• A um sono	↑ Do mesmo Autor	António Barbosa Bacelar	<i>Vio Lisi a Clori y dormióse</i>	Romance	II, 148-152	
• Ao mesmo assunto. Em contraposição do antecedente	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Vio Lisi a Clori y dormióse</i>	Romance [romance burlesco]	II, 153-157	
• Romance	↑ Do mesmo Autor	António Barbosa Bacelar	<i>Hermosísima Fenisa</i>	Romance	II, 157-160	
• Agradecendo à Rainha o havê-lo apadrinhado em uma pertensão	↑ Do mesmo Autor	António Barbosa Bacelar	<i>No parezca atrevimiento</i>	Romance	II, 160-164	
• A Santa Maria Magdalena	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Santa já aos pés de Cristo</i>	Romance	II, 164-167	
• A um rio	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Adónde corres, arroyo</i>	Romance	II, 167-170	
• Fazendo anos a Sereníssima Rainha de Portugal	↑	António Barbosa Bacelar	<i>La deidad, a quien el Tajo</i>	Romance	II, 171-173	
Fábula de Adónis	Do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo	Duarte Ribeiro de Macedo	<i>Por entre um bosque de Ninfas</i>	Romance	II, 174-178	
Romance	Do Doutor António Barbosa Bacelar	António Barbosa Bacelar	<i>Llora Blas, o porque siente</i>	Romance	II, 178-181	
Queixando-se		António Barbosa Bacelar	<i>Ouvi, solitárias selvas</i>	Romance	II, 181-183 (vide IV, 421-423)	

Em metáfora de batalha		António Barbosa Bacelar	<i>Verde e olorosa batalha</i>	Romance	II, 184-185	
A um desengano		António Barbosa Bacelar	<i>Ya no más, dulce veneno</i>	Romance	II, 185-187	
Romance Pastoril		António Barbosa Bacelar	<i>Pastora dos olhos negros</i>	Romance ["romance pastoril"]	II, 187-189	
Saudades de Lísis na ausência de Aónio	Pelo mesmo Autor	António Barbosa Bacelar	<i>Num bosque solitário</i>	(Canção)	II, 190-203	
Saudades de Albano	Pelo Doutor Simão Torresão Coelho	Simão Torresão Coelho	<i>Solitária espessura</i>	(Canção)	II, 204-229	
Canção do Conde de Salinas, imitada pelo Doutor Simão Cardoso	Do Conde de Salinas	Conde de Salinas	<i>Ufano, alegre, ativo y namorado</i>	Canção	II, 230-236	
Canção à imitação da antecedente	Pelo Doutor Simão Cardoso	Simão Cardoso	<i>Bañada en nácar, coronada de oro</i>	Canção	II, 236-241	
Roseira Poética. Descreve-se a Rosa em vários estados de sua duração					II, 241-261	
• Descrição de uma Rosa	Do mesmo Autor	Simão Cardoso	<i>Esta, que envuelta en rojos resplendores</i>	Oitavas	II, 241-245	
• A uma rosa em botão			<i>Entre cilicios verdes</i>	Madrigal	II, 246	
• Ao mesmo assunto			<i>Como si fuera error nacer lucida</i>	Soneto	II, 247	
• Ao mesmo assunto			<i>De arcas toscas, oh flor, naturaleza</i>	Soneto	II, 248	
• Ao mesmo assunto			<i>Qué avarienta tu ocaso solicitas</i>	Soneto	II, 249	
• Ao mesmo assunto			<i>En verde trono majestad florida</i>	Soneto	II, 250	
• Ao mesmo assunto			<i>No de nacer para acabar medrosa</i>	Soneto	II, 251	

• Ao mesmo assunto			<i>Reina de Abril, tus vanas majestades</i>	Soneto	II, 252	
• Ao mesmo assunto			<i>No duras, flor, en tus ostentaciones</i>	Soneto	II, 253	
• Ao mesmo assunto			<i>Si todo crece, o mengua hasta la muerte</i>	Soneto	II, 254	
• Ao mesmo assunto. Rosa murcha			<i>Yaces, oh flor, de tus estragos dina</i>	Soneto	II, 255	
• Ao mesmo assunto			<i>Tu carmín de vivir como ofendido</i>	Soneto	II, 256	
• Ao mesmo assunto			<i>Apenas del jardín reina olorosa</i>	Soneto	II, 257	
• Ao mesmo assunto			<i>Amaneciste, oh reina de las flores</i>	Soneto	II, 258	
• Ao mesmo assunto			<i>Hoy que a lo bello vana y desdeñosa</i>	Soneto	II, 259	
• Ao mesmo assunto			<i>Ese aljófar fecundo de la Aurora</i>	Soneto	II, 260	
• Ao mesmo assunto			<i>Madrugaste al salir de la mañana</i>	Soneto	II, 261	
Carta ao Senhor João Nunes da Cunha, Conde de S. Vicente, eleito Vice-Rei da Índia	De D. António Álvares da Cunha, Senhor da Tábua	António Álvares da Cunha	<i>Já que haveis-de surcar as cristalinas</i>	Tercetos	II, 262-288	
Canção Heróica à Majestade do invicto Monarca D. Afonso VI. pela singular vitória que suas triunfantes armas alcançaram na batalha do Canal	Autor Jerónimo Baía. Feita na manhã do dia em que à Corte chegou a nova, e de tarde oferecida a Sua Majestade	Jerónimo Baía	<i>Augusto Rei do mais valente Império</i>	Canção [canção heróica]	II, 289-299	
Ao mesmo assunto	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Deu-se junto a Estremoz</i>	Décima	II, 300	

A D. João de Áustria, vencido na batalha do Canal – Alude a dizer este Senhor que havia vir colher as lampas em Portugal no dia de S. João, junto ao Nascimento do qual foi derrotado		Jerónimo Baía	<i>Meu Príncipe, desta vez</i>	Décimas	II,301-302	
A F., por alcunha o Cardeal, que morreu de repente estando comendo		Jerónimo Baía	<i>Pouco santo mostrou ser</i>	Décima	II, 302	
Ao Santíssimo Sacramento, em tempo que os Castelhanos tinham de cerco a Praça d' Elvas	Pelo mesmo Baía	Jerónimo Baía	<i>Oh Divino Pão do Céu</i>	Redondilhas	II, 303-309	
Ao Menino Deus nascido	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Hoje, meu Deus, meu Menino</i>	Romance	II, 309-312	
Ao mesmo assunto	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Não choreis, belo Menino</i>	Décima	II, 313	
Ao mesmo assunto	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Se Deus à terra vos manda</i>	Romance	II, 313-314	
Dando as boas festas à Sereníssima rainha de Portugal	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Alegres Páscoas de flores</i>	Romance	II, 315-317	
Mandando-lhes umas tripas de melão concertadas como ovos reais	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>A cantar de minha língua</i>	Redondilhas	II, 318-322	
A uma rosa	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Como tens tão pouca vida?</i>	Romance	II, 322-323	
Ao mesmo assunto	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Por que campas tão luzida</i>	Romance	II, 324-325	
Ao mesmo assunto	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>De Venus madrugó la flor hermosa</i>	Soneto	II, 326	
Mandando-lhe uns lenços de presente	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Oh venturoso nariz</i>	Romance	II, 327-330	
Retrato	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Pintar o rosto de Márcia</i>	Romance	II, 330-332	
Desagravo de certas pessoas a quem um presumido e indouto Poeta tinha picado em umas Coplas	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Ninguém do que escreveis vive</i>	Romance	II, 333-347	

Ao rigor de Lísi	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Mais dura, mais cruel, mais rigorosa</i>	Soneto	II, 347	
À Serra da Estrela	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Esta serra nevada, altiva serra</i>	Soneto	II, 348	
A umas flores	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Meu senhor, murcharam logo</i>	Décima	II, 349	
A dous estudantes que desafiando-se com muito segredo para Tomar, o soube toda Coimbra	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>O ver-vos desafiado</i>	Décima	II, 349-350	
A F., que colhendo uma Rosa se picou	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Vossa mão, senhora minha</i>	Décima	II, 350	
Pedindo ao despenseiro umas azevias	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Meu Fr. Paulo despenseiro</i>	Décima	II, 351	
Resposta pelos mesmos consoantes	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Não é mar o despenseiro</i>	Décima	II, 351-352	
Uma senhora ricamente toucada deu com a cabeça num portal, onde fez um galo à vista do Autor		Jerónimo Baía	<i>Senhora, desse portal</i>	Décima [De repente]	II, 352	
Passando um cabra por uma rua lhe davam vaia e chamavam cão, e em sua defesa respondeu <b>o Autor</b> nesta décima		Jerónimo Baía	<i>Quando passo em muita paz</i>	Décima [De repente]	II, 353	
A F., a quem um bolo podre, que lhe deram, causou uma desinteria		Jerónimo Baía	<i>Foi com tanta perfeição</i>	Décima	II, 353-354	
Pedindo uma gota de água a quem tinha na mão um burrifador	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Justo é, Sol das fermosas</i>	Décima	II, 354	

Ameaçando-o com um[a espada] de vidro	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Renda-se meu coração</i>	Décima	II, 355	
Ao Excelentíssimo Senhor Conde de Catelomelhor	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Agora que vem o efeito</i>	Décima	II, 355-356	
A um F. de Paiva que pôs acção contra um homem cujo asno com a albarda lhe quebrara a espada		Jerónimo Baía	<i>Vista a acção do Paiva contra o réu</i>	Soneto	II, 356-357	
A N., que correndo Touros saiu com uma perna ferida		Jerónimo Baía	<i>A dignidade pedia</i>	Décima	II, 357	
Falam os três Reis Magos ao Menino	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Doce Infante, amor Menino</i>	Décimas	II, 358-360	
Ao Desembargador António Barbosa Bacelar	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Vossa mais que humana voz</i>	Décima	II, 360	
Glosa [Mote: <i>Aprended, flores, de mi</i> ]	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Rosa, que en pensil moderno</i>	Décimas	II, 361-362	
A El-Rei D. Afonso VI., rebentando-lhe na mão um bacamarte sem o ofender	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Vendo-vos em toda a parte</i>	Décima	II, 363	
A umas Décimas que fez o Mestre Fr. Luís de Sá, Lente de Prima da Universidade de Coimbra, amigo seu	Ao (Do) mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Meu Sá, vossa lira velha</i>	Décima	II, 364	
Mandando-lhe uns ovos reais depois de lhe terem mandado outros contrafeitos	Do Baía	Jerónimo Baía	<i>Vosso presente real</i>	Décimas	II, 364-367	
Competência de um tangedor com um rouxinol cantando			<i>De la margen de un arroyo</i>	Romance	II, 367-369	
Endechas			<i>Entre mirtos verdes</i>	Redondilhas	II, 370-372	
Romance			<i>Dejando Islãs arenosas</i>	Romance	II, 372-375	
Abrindo-se a sepultura de D. Inês de Castro			<i>Dom Pedro o túmulo abria</i>	Romance	II, 375-376	

Romance			<i>A los encuentros del aire</i>	Romance	II, 377	
Ao Mondego			<i>Fermoso Mondego</i>	Endechas	II, 378-380	
Endechas			<i>Claros arroyuelos</i>	Redondilhas	II, 380-382	
Romance			<i>Yo me muero no sé cómo</i>	Romance	II, 383	
A F. vendo-se a um espelho			<i>Ó Clóris quanto me pesa</i>	Décima	II, 384	
Poesias Várias para se adicionarem (...)					II, 385-386	
Poesias Várias de uma Poetisa Anónima	De uma Poetisa Anónima	Violante do Céu		Romances e Madrigais	II, 387-405	
• Romance	↑	Violante do Céu	<i>Acabe ya con la vida</i>	Romance	II, 387-389	
• Romance	↑	Violante do Céu	<i>Es la causa de mi llanto</i>	Romance	II, 389-394	
• Romance	↑	Violante do Céu	<i>Cómo pensaré, Salicio</i>	Romance	II, 394-396	
• Romance	↑	Violante do Céu	<i>Dulce Oráculo del alma</i>	Romance	II, 397-398	
• Romance	↑	Violante do Céu	<i>Vuelves la fineza culpa</i>	Romance	II, 398-400	
• Madrigal	↑	Violante do Céu	<i>Em fim fenece o dia</i>	Madrigal	II, 401-402	
• Madrigal	↑	Violante do Céu	<i>Amor, este desvelo</i>	Madrigal	II, 402	
• Madrigal	↑	Violante do Céu	<i>Qué importa que la muerte</i>	Madrigal	II, 403	
• Madrigal	↑	Violante do Céu	<i>Si esfera soy del fuego</i>	Madrigal	II, 404	
• Madrigal	↑	Violante do Céu	<i>Por afeitar engaños</i>	Madrigal	II, 405	
Poesias Várias de Sóror Violante do Céu	Sóror Violante do Céu	Violante do Céu			II, 406-439	
• A El-Rei D. João IV	↑	Violante do Céu	<i>Se para conseguir eterna glória</i>	Silva	II, 406-412	
• Ao Padre António Vieira pregando no nascimento de N. Senhora no Convento da Rosa	↑	Violante do Céu	<i>Aspirar a louvar o incompreensível</i>	Silva	II, 413-416	

• Ao Padre Fr. Dinis de Lancastre pregando o mandato no Convento do Sacramento	↑	Violante do Céu	<i>Se igual à suspensão fora a ciência</i>	Canção	II, 416-419	
• A D. João Mascarenhas de Lancastre concorrendo para a festa do Bautista	↑	Violante do Céu	<i>Ilustre presunção do sangue ilustre</i>	Canção	II, 419-420	
• Ao Padre Fr. António de Castro pregando do Bautista	↑	Violante do Céu	<i>Si para exagerar tu entendimiento</i>	Canción	II, 421-423	
• Ao Padre Fr. Domingos de Santo Tomás pregando no desagravo de Cristo Sacramentado pelo caso de Santa Engrácia	↑	Violante do Céu	<i>Aquella suspensión tan bien nacida</i>	Canción	II, 423-426	
• À morte de Fr. Manoel Fagundes	↑	Violante do Céu	<i>Se quem vive no Céu, se quem na terra</i>	Canção	II, 426-428	
• A Jorge da Câmara, em louvor das suas Fábulas	↑	Violante do Céu	<i>Se com fingidas deidades</i>	Décima	II, 429	
• Ao Conde dos Arcos descrevendo em versos a morte de uma borboleta	↑	Violante do Céu	<i>Ave, que tuvo tal suerte</i>	Décima	II, 430	
• A Diogo Ferreira de Figueiroa pelo seu livro Teatro da maior glória Portuguesa	↑	Violante do Céu	<i>Sois artífice e figura</i>	Décima	II, 431	
• À Senhora D. Maria de Lima pedindo-lhe usn reposteiros	↑	Violante do Céu	<i>Quer a Sacristã da Rosa</i>	Décima	II, 432	
• A um Doutor que chamou à Autora em uns versos que lhe fez: <i>Viola flor e instrumento</i>	↑	Violante do Céu	<i>Contradizer a um Doutor</i>	Décima	II, 433	
• À eleição de um Prior de S. Domingos	↑	Violante do Céu	<i>Tem-me tão desvanecida</i>	Décimas	II, 434-435	
• A D. Leonardo de S. Joseph, Cônego Regular	↑	Violante do Céu	<i>Vosso nome soberano</i>	Décimas	II, 435-436	
• Ao P. Provincial Fr. Álvaro de Castro	↑	Violante do Céu	<i>Se a tanta ocupação tanto cuidado</i>	Tercetos	II, 437-439	

O Tomo II d' *A Fénix* contém cento e sessenta e quatro composições. Novamente, os autores mais representados são António Barbosa Bacelar (com sessenta e três poemas, um deles de atribuição duvidosa segundo o próprio editor d' *A Fénix*), Jerónimo Baía (com trinta e sete composições) e Sórora Violante do Céu (com vinte e cinco). Neste caso, também se regista uma notável presença de poemas de Francisco de Vasconcelos Coutinho (sete, que dão início ao tomo). De resto, Simão Cardoso aparece representado com dois poemas, enquanto se regista um de Duarte Ribeiro de Macedo, Simão Torresão Coelho, António Alvares da Cunha e do Conde de Salinas, além de vinte e seis anónimos.

Nenhuma das composições deste volume consta no *Postilhão*, de modo idêntico ao que ocorre com o Tomo V d' *A Fénix*.

**Tabela nº 5 – Obras recolhidas no Tomo III d' A Fénix Renascida**

ítulo	Atribuição de autoria n' A Fénix	Autor(a)	Primeiro verso	Tipo estrófico	Lugar n' A Fénix (tomo, páginas)	Lugar no Postilhão (tomo, páginas)
Lampadário de Cristal que mandou a Duquesa de Sabóia à Real Majestade da Poderosíssima Rainha de Portugal, sua irmã. Idílio panegírico a Suas Altezas Reaes o Príncipe D. Pedro e sus consorte D. Maria Isabel Francisca de Sabóia	Autor Jerónimo Baía	Jerónimo Baía	<i>Alpe luzido, luminar nevado</i>	Idílio [idílio panegírico]	III, 1-51	
A Santa Isabel Rainha de Portugal	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Deixai, Rosa gentil, mimo d' Aurora</i>	Canção	III, 51-54	
Coimbra chorosa na morte do Sereníssimo Príncipe de Portugal o Senhor D. Teodósio	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Morta esperança, viva saudade</i>	Canção	III, 55-60	
À morte da Sereníssima Princesa de Portugal	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Tirana Cloto, infausta Libitina</i>	Canção [canção fúnebre]	III, 61-64	
A um javali muerto com uma bala por la Sereníssima Princesa de Portugal	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Del monte era tirano</i>	Idílio	III, 64-67	
Panegírico ao Excelentíssimo Senhor Marquês de Marialva pela vitória de Montes Claros	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Generoso Marquês, invicto Marte</i>	Décimas	III, 68-75	
Ao Sereníssimo Rei D. Afonso VI. quando se ganhou Valença	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Se me socorreis, Camenas</i>	Décimas	III, 76-80	
Aos Cabos de guerra na ocasião da batalha	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Passou da marca o Marquês</i>	Décimas	III, 81-82	
A uma Senhora que se picou	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>A vossa mão, Vênus minha</i>	Décima	III, 82	

com uma rosa						
Ao Senhor Rei D. Afonso VI. rebentando-lhe na mão, sem receber dano, um bacamarte	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Alto Rei da Lísia terra</i>	Décima	III, 83	
Mote glosado pelo mesmo Autor [Esconjuro-te, Domingos]	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Magina o meu coração</i>	Décimas [décimas burlescas]	III, 84-86	
A um bêbedo sepultado junto a uma pia de água benta		Jerónimo Baía	<i>Aqui neste posto escuro</i>	Décima	III, 86	
A um homem que com o dinheiro das almas comprou muitos livros		Jerónimo Baía	<i>Livres teus livros estão</i>	Décima	III, 87	
A F., que se pôs mal com o Autor	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>O meu desejo é em vão</i>	Décima	III, 88	
A F., mulher de F., notoriamente mal reputada	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Certo oficial não bom</i>	Décima	III, 89	
Décimas	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Pone en duda el movimiento</i>	Décimas	III, 90-91	
A Luís de Camões, Príncipe dos Poetas Heróicos	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Belona e Clío me chama</i>	Décima	III, 92	
Ao mesmo assunto	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Vossa pena delicada</i>	Décima	III, 93	
Falando com Márcia, a quem dera uma pataca, pedindo-lhe um vintém	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Ontem, Márcia singular</i>	Décima	III, 94	
A Dido Rainha	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Em meu tálamo jocundo</i>	Décima	III, 95	
Ao Senhor Rei D. Afonso VI. mandando alistar a Santo António de Lisboa por Soldado	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Senhor, no campal duelo</i>	Décima	III, 96	
Fábula de Júpiter e Leda	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Canto aquele Deus amante</i>	Romance	III, 97-109	
Ao Senhor Rei D. Afonso VI. mandando-lhe fazer versos	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Mandais-me, Augusto Monarca</i>	Romance	III, 110-112	
A uma F. desfolhando uma Rosa	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Entendida Márcia hermosa</i>	Romance	III, 113-114	
Retrato		Jerónimo Baía	<i>Ouçam todos de rosas</i>	Romance	III, 115-119	

Ao Marquês de Eliche fugindo do Castelo em traje de mulher – Acabam todas as Coplas com versos de Góngora		Jerónimo Baía	<i>Usa guardinfante, Liche,</i>	Romance	III, 120-124	
Retrato		Jerónimo Baía	<i>Vi Fílis a bela</i>	Romance	III, 124-127	
À Rainha de Portugal indo a Salvaterra	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Sai a bizarra Amariles</i>	Romance	III, 128-129	
A umas mãos		Jerónimo Baía	<i>Senhora, essas vossas mãos</i>	Romance	III, 130-131	
Retrato	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Retratar determino</i>	Romance	III, 131-135	
A uns olhos			<i>Pintar uns olhos quisera</i>	Romance	III, 135-137	
Retrato que corre com nome de D. Francisco de Melo	Corre com nome de D. Francisco de Melo	D. Francisco de Melo?	<i>Ao retrato de Lísis</i>	Romance	III, 138-141	
Ao Senhor Rei D. Afonso VI.	De Jerónimo Baía	Jerónimo Baía	<i>Magnânimo Don Alonso</i>	Romance	III, 142-149	
No dia em que fez anos El-Rei D. Afonso VI.	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Nesta luz tão venturosa</i>	Romance	III, 150-152	
Ao Conde de Castelmelhor nas festas de casamento d' El-Rei D. Afonso VI.	De Jerónimo Baía	Jerónimo Baía	<i>Nas festas do grande Afonso</i>	Romance	III, 153-157	
Fábula de Júpiter e Europa	De Jerónimo Baía	Jerónimo Baía	<i>Canto sonoros mugidos</i>	Romance	III, 158-169	
À batalha de Elvas, em que o nosso Exército venceu o Castelhana, que a tinha sitiado havia oitenta dias, e ía por General o Conde de Cantanhede D. António Luís de Menezes, e do Castelhana o era D. Luis Mendes de Haro, privado d' el-Rei de Castela, em 14 de Janeiro de 1659	De Jerónimo Baía	Jerónimo Baía	<i>Por mostrar que nos seus treze</i>	Romance	III, 170-178	
Ao regimento do Conde de Rebat, destruído pelos	De Jerónimo Baía	Jerónimo Baía	<i>Acodi-me, ó grão Musa</i>	Silva	III, 179-184	

Portugueses na insigne batalha de Montes Claros no ano de 1665, o qual trazia para maior terror barbas postiças						
Sonetos vários do mesmo Jerônimo Baía	Do mesmo Jerônimo Baía	Jerónimo Baía		Sonetos	III, 185-214	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A um girassol</li> </ul>	↑	Jerónimo Baía	<i>Amante girassol, águia das flores</i>	Soneto	III, 185	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ao Senhor Conde da Torre matando um touro de uma só cutilada, e riscando a terra com a espada</li> </ul>	↑ Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Dais golpe tal, ferida tão rasgada</i>	Soneto	III, 186	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ao Sereníssimo Senhor D. Pedro sendo Infante</li> </ul>	↑ Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Ó de tronco Real Augusta rama</i>	Soneto	III, 187	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ao Sereníssimo Senhor Rei D. Afonso VI. em dia de Páscoa</li> </ul>	↑ Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>O Rei que é luz segunda do Sol terno</i>	Soneto	III, 188	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• À Rainha Santa Isabel de Portugal</li> </ul>	↑ Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Já tu sabes, ó Célio, a rara história</i>	Soneto	III, 189	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Inundando o Mondego</li> </ul>	↑ Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Hoje que com cristal excomungado</i>	Soneto	III, 190	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazendo estimação de sua pena</li> </ul>	↑ Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>No pido compasión, piedad no ruego</i>	Soneto	III, 191	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ao Sereníssimo Senhor Rei D. Afonso VI., cinco vezes vencedor em cinco batalhas campais</li> </ul>	↑ Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Cinco vezes com rama nunca extinta</i>	Soneto	III, 192	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A F. estando doente de frios e febres</li> </ul>	↑ Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Si eres nieto del água, hijo del fuego</i>	Soneto	III, 193	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A F., cruel e formosa</li> </ul>	↑ Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>En ti mi nuevo amor, mi amor eterno</i>	Soneto	III, 194	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A F., favorecendo com a boca e desprezando com os olhos</li> </ul>	↑ Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Quando o Sol nasce e a sombra principia</i>	Soneto	III, 195	

• A Francisco de Sá festejando a Rainha Santa Isabel de Portugal	↑	Jerónimo Baía	<i>Ilustre Sá, e lustre do apelido</i>	Soneto	III, 196	
• A F., persuadindo-a a ser menos rigorosa	↑ Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Piedad, piedad, oh bella Catalina</i>	Soneto	III, 197	
• A Manoel Arraes, Mantenedor nas festas da Rainha Santa Isabel de Portugal. Tomou o título de Cavaleiro da Rosa	↑	Jerónimo Baía	<i>Ao campo saiu, qual flor galante</i>	Soneto	III, 198	
• Amando a quem o aborrecia, e fugindo de quem o amava	↑ Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Duro a ternezas, tierno a disfavores</i>	Soneto	III, 199	
• À morte de D. Bernarda de Menezes, grande música	↑ Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Não eras tu, me dize, ó grão Cidade</i>	Soneto	III, 200	
• Ao Ilustríssimo Senhor D. Fernando Correa de Lacerda, Bispo do Porto, em aplauso do incomparável Panegírico que o dito Senhor compôs ao Marquês de Marialva	↑	Jerónimo Baía	<i>Altos Panegiristas imitastes</i>	Soneto	III, 201	
• A um pé pequeno	↑	Jerónimo Baía	<i>Instante de jazmín, concepto breve</i>	Soneto	III, 202	
• Animando-se a falar para alívio	↑	Jerónimo Baía	<i>Diga el tormento mío mi instrumento</i>	Soneto	III, 203	
• A uma trança de cabelos negros	↑	Jerónimo Baía	<i>Diversa em cor, igual em bizzarria</i>	Soneto	III, 204	
• Estimando as suas penas	↑	Jerónimo Baía	<i>Pêsames hallo, y busco parabienes</i>	Soneto	III, 205	
• Invocando a Márcia	↑	Jerónimo Baía	<i>Minerva nova, nova Citerea</i>	Soneto	III, 206	
• A uma abelha	↑	Jerónimo Baía	<i>Borboleta das luzes deste prado</i>	Soneto	III, 207	
• Achando alívio nas suas penas	↑	Jerónimo Baía	<i>Se para o canto amor me infunde quanto</i>	Soneto	III, 208	

• Sonhando que via a Márcia	↑	Jerónimo Baía	<i>Pintais, sono gentil, com belo ornato</i>	Soneto	III, 209	
• Encomenda a um peregrino que veja a Márcia	↑	Jerónimo Baía	<i>Tu que de outra região doutro hemisfério</i>	Soneto	III, 210	
• Ao Doutor Manoel Maio de Macedo, Médico e Poeta peritíssimo	↑	Jerónimo Baía	<i>Vós, árbitro melhor do que o Timolo</i>	Soneto	III, 211	
• A Cristo Senhor Nosso no Presépio, dando-lhe o título de <i>Alambre</i>	↑	Jerónimo Baía	<i>Divino Alambre, que na palha achastes</i>	Soneto	III, 212	
• Falando com Deus	↑	Jerónimo Baía	<i>Só vos conhece, Amor, quem se conhece</i>	Soneto	III, 213	
• Ao Serafim da Igreja Militante, o Patriarca São Francisco	↑	Jerónimo Baía	<i>Senhor, se é bem que as dádivas se estimem</i>	Soneto	III, 214	
Madrigais a vários assuntos do mesmo Jerónimo Baía	Do mesmo Jerónimo Baía	Jerónimo Baía		Madrigais	III, 215-219	
• Dando-lhe uma rosa	↑	Jerónimo Baía	<i>Rosa, tu que de Flora</i>	Madrigal	III, 215	
• A uma crueldade formosa	↑	Jerónimo Baía	<i>A minha bela ingrata</i>	Madrigal	III, 216	
• A uma formosura cruel	↑	Jerónimo Baía	<i>Meu ídolo querido</i>	Madrigal	III, 217	
• A uma bolsa que lhe deram	↑	Jerónimo Baía	<i>Ó de verde retrós, de metal louro</i>	Madrigal	III, 218	
• A uma rosa que lhe deram	↑	Jerónimo Baía	<i>Rosa do prado, estrela</i>	Madrigal	III, 219	
Vários sonetos – Autor Francisco de Vasconcelos	Autor Francisco de Vasconcelos	Francisco de Vasconcelos		Sonetos	III, 220-251	
• A uma trança de cabelos louros	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Nesta injúria do Sol, da luz desmaio</i>	Soneto	III, 220	
• A F. tocando cítara	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Essa lira sonora, que os sentidos</i>	Soneto	III, 221	

• Tocando F. cítara se lhe pôs no braço dela um rouxinol	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Seguindo o golpe dessa pena dura</i>	Soneto	III, 222	
• A uns olhos negros	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Olhos negros, que da alma sois senhores</i>	Soneto	III, 223	
• A D. Rodrigo da Costa, Governador da Índia, e nela falecido	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Lá onde em berços de safir luzente</i>	Soneto	III, 224	
• Dando-se o parabém de haver chegado um seu amigo a Coimbra	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Corre o Mondego em prantos derretido</i>	Soneto	III, 225	
• À sua esperança	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Esta esperança vã, doce tormento</i>	Soneto	III, 226	
• Mais sente quem se queixa que quem se cala	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Na queixa o sentimento se engrandece</i>	Soneto	III, 227	
• Falando com o Mondego estando saudoso	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Como é, Mondego, igual no nascimento</i>	Soneto	III, 228	
• Comparando o seu amor ao Fênix	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Tu Fênix, tu do amor doce traslado</i>	Soneto	III, 229	
• A Armonte llorando uma esquivanza a la sombra de un laurel	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Quéjase Armonte, que en llorar descansa</i>	Soneto	III, 230	
• A Lísio llorando	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>El pie de Lisis, duda apetecida</i>	Soneto	III, 231	
• À morte de F.	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Esse jasmim, que arminhos desacata</i>	Soneto	III, 232	
• A F., que traía un Sol de plata en el cabello	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Qué vanamenta, oh Clori, ese tesoro</i>	Soneto	III, 233	
• A F., que no aparecía por estar de luto	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Raya esa esfera, Francelisa hermosa</i>	Soneto	III, 234	

• A F., chorando a morte de seu Esposo	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Filis, si en ese aljófaro fugitivo</i>	Soneto	III, 235	
• <b>Proibindo-se continuar certa Academia</b>	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Girasoles de plumas, que volantes</i>	Soneto	III, 236	
• A um loureiro que nasceu nas ruínas de uma torre	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>De caducas cenizas animado</i>	Soneto	III, 237	
• Venus llorando la muerte de Adonis	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Miró Venus du Adonis desdichado</i>	Soneto	III, 238	
• A F., que olhando para o Sol desmaiou	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Filis y el Sol con claros arreboles</i>	Soneto	III, 239	
• Retrato de Fílis pelas flores	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>De ti se queixa o prado de ofendido</i>	Soneto	III, 240	
• Vendo-se entre confusões nascidas de si mesmo	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Vasto mar, triste Tróia, irado Noto</i>	Soneto	III, 241	
• A F. escribindo la muerte de Cupido	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Fabio, ese ciego Dios que almas robaba</i>	Soneto	III, 242	
• A F., que fazia versos	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Filis, si en los agrados lisonjeros</i>	Soneto	III, 243	
• Pidiéndole tabaco	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Polvo, oh Filis, pidís bien advertida</i>	Soneto	III, 244	
• Desengañando a una hermosura	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Nace el Sol en celajes lisonjeros</i>	Soneto	III, 245	
• À fragilidade da vida humana	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Esse baxel nas praias derrotado</i>	Soneto	III, 246	
• Ao mesmo assunto	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Baxel de confusão em mares de ânsia</i>	Soneto	III, 247	
• A F., em aplauso de um soneto que compôs aos tristes ecos dos	↑	Francisco de	<i>Quando o bronze entre horrores</i>	Soneto	III, 248	

sinos em dia dos Finados		Vasconcelos	<i>desatado</i>			
• Respondendo a outro que se lhe fez em aplauso do antecedente	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Geme o bronze em cadências desatado</i>	Soneto	III, 249	
• A um rouxinol cantando	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Ramalhete animado, flor do vento</i>	Soneto	III, 250	
• A F. agradecendo-lhe umas rosas	↑	Francisco de Vasconcelos	<i>Estes mimos da luz, do campo alarde</i>	Soneto	III, 251	
Sonetos vários por diversos Autores	Por diversos Autores			Sonetos	III, 252-267	
• Soneto moral	Do Infante D. Luís	Infante D. Luís	<i>Horas breves do meu contentamento</i>	Soneto [soneto moral]	III, 252	
• Soneto	Do mesmo senhor	Infante D. Luís	<i>À rédea solta corre o pensamento</i>	Soneto	III, 253	
• A um papagaio de Palácio que falava muito		<b>Bernardo Vieira Ravasco</b>	<i>Íris parlero, Abril organizado</i>	Soneto	III, 254	
• A um retrato			<i>Vive no original desse traslado</i>	Soneto	III, 255	
• A uma suspeita			<i>Amor, se uma mudança imaginada</i>	Soneto	III, 256	
• A F., que tocando una cítara hizo morir un Cisne			<i>Tañía Clori hermosa, y la escuchaba</i>	Soneto	III, 257	I, 261
• Aludindo ao que diz Eliano lib. 14 cap. 23 que o cisne vence a águia se este o desafia			<i>À Rainha das aves provocando</i>	Soneto	III, 258	I, 263
• Voando uma borboleta junto aos olhos de F.			<i>Vano viviente, irracional alado</i>	Soneto	III, 259	I, 265
• A Alexandre chorando porque ouviu dizer que havia outros mundos			<i>Se deseja mais mundos arrogante</i>	Soneto	III, 260	I, 267

• A F., que morreu de ar			<i>Com ar madrua a flor mais engraçada</i>	Soneto	III, 261	I, 269
• A la hermosura de un cabelo			<i>Flamante inundación, golfo dorado</i>	Soneto	III, 262	I, 271
• A F. com uma espada na mão			<i>En vano, oh Filis, ese acero, en vano</i>	Soneto	III, 263	I, 273
• Ao seu cuidado		<b>Francisco de Vasconcelos Coutinho</b>	<i>No verdor da floresta deleitosa</i>	Soneto	III, 264	I, 275
• Aos gostos breves do Mundo			<i>Glória do amor, que breve que feneces!</i>	Soneto	III, 265	I, 277
• A um pássaro cantando			<i>Que alegre pendurado de um raminho</i>	Soneto	III, 266	I, 279
• Ao Minino Jesus chorando		<b>Jerónimo Baía</b>	<i>Llorando veo quien reír debiera</i>	Soneto	III, 267	II, 325
Glossa ao soneto de D. Luis de Góngora [ <i>Ayer naciste, y morirás mañana</i> ]			<i>Carmín florido, nácar majestoso</i>	Oitavas	III, 268-273	
Fábula de Narciso	Por Jacinto Freire de Andrade	Jacinto Freire de Andrade	<i>Fabulemos, ó Musa, um pouco embora</i>	Oitavas	III, 274-292	
Fábula de Polifemo e Galatea	Do mesmo Autor	Jacinto Freire de Andrade	<i>Não mais, Platão, cansada fantasia</i> (Introdução) <i>Onde espumoso o mar Siciliano</i> (Fábula)	Oitavas	III, 293-315	
Escrevendo <b>ao Autor</b> um amigo que se acautelasse contra as mudanças da fortuna, aomo ele avisava na Oitava última antecedente		Jacinto Freire de Andrade	<i>Vês, ó Fábio, entre sombras escondido</i>	Soneto	III, 316	
Resposta do Autor		Jacinto Freire de Andrade	<i>De escuras sombras, trevas horrorosas</i>	Soneto	III, 317	
A um mosquito	Pelo mesmo Jacinto Freire de	Jacinto Freire de	<i>Invencível mosquito</i>	Sextinas	III, 318-321	

	Andrade	Andrade				
Fábula de Polifemo e Galatea	Autor Jacinto Freire de Andrade	Jacinto Freire de Andrade	<i>Lá donde o mar de Sicília</i>	Romance [romance burlesco]	III, 322-328	
A la muerte desdichada de una mujer de reputación, la cual perdiéndola con su honor, desesperada se arrojó en el Tajo.	Sucedió esto en tiempo del mismo Autor	Jacinto Freire de Andrade	<i>Ó tu, sacra Melpomene divina</i>	Silva	III, 329-345	
Ao mesmo assunto		Jacinto Freire de Andrade	<i>Nas águas nasce a luz esclarecida</i>	Soneto	III, 346	
Romance	Do mesmo Autor	Jacinto Freire de Andrade	<i>Lauro, las grandes fortunas</i>	Romance	III, 347-349	
Romance		Jacinto Freire de Andrade	<i>A los infelices, Lauro</i>	Romance	III, 350-352	
Sentimento na morte de Fílis		Jacinto Freire de Andrade	<i>Fílis morta, o mundo em trevas</i>	Romance	III, 353-355	
A D. Manoel de Ataíde agradecendo-lhe um presente de doces que lhe mandou estando sangrado		Jacinto Freire de Andrade	<i>Chegou, Senhor, esta frota</i>	Romance	III, 356-357	
A Francisco Pereira de Azevedo		Jacinto Freire de Andrade	<i>Insigne amigo Pereira</i>	Romance	III, 358-363	
Quéjase de una soledad y de los rigores con que le tiraniza		Jacinto Freire de Andrade	<i>Desierto solitario</i>	Endechas	III, 364-368	
En ocasión que padeció una tormenta en el río Duero	Do mesmo Autor	Jacinto Freire de Andrade	<i>Detente, oh vuelve atrás, barquillo osado</i>	Soneto	III, 369	
Casándose Clori		Jacinto Freire de Andrade	<i>Clori, de qué me sirve el adorarte</i>	Soneto	III, 370	
Sobre as palavras de Job <i>Qui quase fios egreditur, &amp; conteritur</i>		Jacinto Freire de Andrade	<i>Si la vida del hombre, incierta y breve</i>	Soneto	III, 371	

Sobre as palabras de Job <i>Dies mei transierunt</i>		Jacinto Freire de Andrade	<i>Vuelan las horas, pásanse los días</i>	Soneto	III, 372	
Mote [ <i>Tan bien estoy con mi mal</i> ]	Glossa do mesmo Autor	Jacinto Freire de Andrade	<i>Gustando de verme triste</i>	Décimas	III, 373-375	
A una Dama	Do mesmo Autor	Jacinto Freire de Andrade	<i>Filis, yo vi tu beldad</i>	Décimas	III, 376-379	
Meditación de su desdicha en la mudanza de Clori			<i>Con bruta vanidad quiso aquel monte</i>	Canción	III, 380-384	
Poesias várias para se adicionarem (...)					III, 385 ss. (até ao fim) (p. 386 em branco)	
Poesias várias de um anónimo	De um anónimo				III, 387-438	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A uma Dama sangrada</li> </ul>			<i>Francisca, aquele jasmim</i>	Romance	III, 387-390	
<ul style="list-style-type: none"> <li> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Retrato</li> </ul> </li> </ul>			<i>Maricas, aquele extremo</i>	Romance	III, 390-394	
<ul style="list-style-type: none"> <li> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Retrato</li> </ul> </li> </ul>			<i>Feiticeiros das almas</i>	Romance	III, 394-395	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausente falando com o seu suspiro</li> </ul>			<i>Vinde cá, meu suspiro</i>	Romance	III, 396-398	
<ul style="list-style-type: none"> <li> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A uns olhos</li> </ul> </li> </ul>			<i>Aqui de amor, que me ferem</i>	Romance	III, 398-400	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cayendo a los pies de Cloris una rosa que tenía en el tocado</li> </ul>			<i>Si la reina de las flores</i>	Romance	III, 401-403	
<ul style="list-style-type: none"> <li> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Romance</li> </ul> </li> </ul>			<i>La más bella zagaleja</i>	Romance	III, 403-406	
<ul style="list-style-type: none"> <li> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Amante zeloso</li> </ul> </li> </ul>			<i>Aonde, meu suspiro amante</i>	Romance	III, 406-408	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A uma dama esquiva</li> </ul>			<i>A mais vossa liberdade</i>	Romance	III, 408-410	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A uma Dama formosa</li> </ul>			<i>É Francisca tão bonita</i>	Romance	III, 411-413	
<ul style="list-style-type: none"> <li> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A uma rosa</li> </ul> </li> </ul>			<i>Para que nasceste, rosa</i>	Romance	III, 413-416	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Retrato por títulos</li> </ul>			<i>Posto sejam titulares</i>	Romance	III, 417-419	

• Retrato pelos Reinos			<i>Atenção, curiosos,</i>	Endechas	III, 419-422	
• A uma Dama escrevendo			<i>Tisbe formosa, se as penas</i>	Romance	III, 422-426	
• Sítio amoroso			<i>Toquem arma as liberdades</i>	Romance	III, 426-429	
• Romance			<i>Desterrado de tus ojos</i>	Romance	III, 430-431	
• Seguidillas			<i>Yo, zagala, me ausento</i>	“Seguidillas”	III, 431-434	
• Décimas			<i>Coração, basta o sofrido</i>	Décimas	III, 435-436	
• Mote alheio [ <i>Cuidados, assim vos quero</i> ] – Glosa			<i>É tal a causa que amor</i>	Décimas	III, 437-438	

O Tomo III d' *A Fénix* é constituído por um total de cento e sessenta e uma composições. Neste caso, predomina amplamente a produção de Jerónimo Baía, com um total de setenta e dois poemas. Igualmente destacável é a abundante presença de composições de Francisco de Vasconcelos Coutinho (trinta e três) e de Jacinto Freire de Andrade (vinte). De resto, há trinta e três poemas anónimos, dois do Infante D. Luís, um de Bernardo Vieira Ravasco e um outro atribuído – presumivelmente – a Francisco de Melo.

De todas as obras deste Tomo III d' *A Fénix*, somente onze sonetos figuram no *Postilhão*: todos eles constam como anónimos n' *A Fénix*, ainda que dentre eles um é de Jerónimo Baía e um outro de Francisco de Vasconcelos Coutinho.

**Tabela nº 6 – Obras recolhidas no Tomo IV d' A Fénix Renascida**

Título	Atribuição de autoria n' A Fénix	Autor(a)	Primeiro verso	Tipo estrófico	Lugar n' A Fénix (tomo, páginas)	Lugar no Postilhão (tomo, páginas)
História da árvore triste	Autor Francisco Rodrigues Lobo	Francisco Rodrigues Lobo	<i>Pertendo relatar os piedosos</i>	Oitavas	IV, 1-34	
A uma rosa	De Jerónimo Baía	Jerónimo Baía	<i>Esta de Amor irmã, de Vênus filha</i>	Oitavas	IV, 35-39	
Sonetos do mesmo Jerónimo Baía	Do mesmo Jerónimo Baía	Jerónimo Baía		Sonetos	IV, 40-48	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pergunta ao Mondego</li> </ul>	↑	Jerónimo Baía	<i>Ganges do Luso, Hidaspes do Ocidente</i>	Soneto	IV, 40	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Chorando a rosa</li> </ul>	↑	Jerónimo Baía	<i>É mais que pranto vosso meu suspiro</i>	Soneto	IV, 41	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• À fonte das lágrimas</li> </ul>	↑	Jerónimo Baía	<i>Vês essa pura fonte tão aceita</i>	Soneto	IV, 42	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Soneto</li> </ul>	↑	Jerónimo Baía	<i>Saiu, meu alto bem, feliz cuidado</i>	Soneto	IV, 43	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• À morte do Conde de Castelomelhor</li> </ul>	↑	Jerónimo Baía	<i>O C[a]stelo melhor, o melhor forte</i>	Soneto	IV, 44	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A um valente e liberal</li> </ul>	↑	Jerónimo Baía	<i>Pródigo o sangue, e pródigo o tesouro</i>	Soneto	IV, 45	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ao Conde de Atouguia, tão douto como valente</li> </ul>	↑	Jerónimo Baía	<i>Vá, que não sabe Marte, ignora Apolo</i>	Soneto	IV, 46	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mandando El-Rei D. Pedro enterrar o coração do Marquês de Marialva ao pé do túmulo d' el-Rei D. João IV.</li> </ul>	↑	Jerónimo Baía	<i>Cede, ó Jove na paz, Marte na guerra</i>	Soneto	IV, 47	

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ao P. Fr. António Correa intitulado o livro do V. Fr. António da Conceição Fama póstuma</li> </ul>	↑	Jerónimo Baía	<i>Este, que prende o ar, e o ar coroa</i>	Soneto	IV, 48	
A Santo Estêvão Protomártir esculpido em uma pedra	↑	Jerónimo Baía	<i>Mais do que as mãos o peito</i>	Madrigal	IV, 49	
A um retrato feito de cera	↑	Jerónimo Baía	<i>Purpúreas rosas, e jasmins nevados</i>	Madrigal	IV, 50	
Penando ausente e presente	↑	Jerónimo Baía	<i>Se a vossos olhos chego</i>	Madrigal	IV, 51	
Glosa [ <i>Vida, falai-me hoje</i> ]	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Senhora, que sois de amor</i>	Décimas	IV, 52-54	
A F., que comia barro		Jerónimo Baía	<i>Dizem-me que estais doente</i>	Décima	IV, 55	
Ao V. P. Fr. António da Conceição, Religioso da Santíssima Trindade, que morreo com opinião de insigne em virtudes		Jerónimo Baía	<i>Vós, flor de Portugal, antes coroa</i>	Canção	IV, 56-62	
Romances vários do mesmo Jerónimo Baía	Do mesmo Jerónimo Baía	Jerónimo Baía		Romances	IV, 63-71	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ao mesmo V. P. Fr. António da Conceição da Ordem da Santíssima Trindade</li> </ul>	↑	Jerónimo Baía	<i>Santo novo, mas tão grande</i>	Romance [romance burlesco]	IV, 63-68	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ao Minino Jesus em metáfora de juras</li> </ul>	↑	Jerónimo Baía	<i>Ao Minino de Belém</i>	Romance	IV, 69-71	
A Santo António alistando-se por soldado	De Jerónimo Baía	Jerónimo Baía	<i>Se, António, assentado estais</i>	Redondilhas	IV, 72-78	
Fábula de Apolo e Dafne	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Canto a história daquele</i>	Romance	IV, 79-88	
À formosura de Márcia		Jerónimo Baía	<i>Si escucho Márcia la dulce</i>	Romance	IV, 89-91	
Mandando ao Inquisidor Alexandre da Silva o romance feito a Santo António, que demos no terceiro Tomo		Jerónimo Baía	<i>Este minino Romance</i>	Romance	IV, 92-94	
Aos desposórios do Sereníssimo Rei D. Afonso Vi.		Jerónimo Baía	<i>Que ufano estará Cupido</i>	Romance	IV, 95-100	

Em louvor de S. Senhorinha Portuguesa		Jerónimo Baía	<i>Noble scena un ratón pobre</i>	Romance [loa]	IV, 101-111	
A D. Maria de Menezes, a quem nasceu um dente depois de velha, quando já não tinha nenhum		Jerónimo Baía	<i>Em vós, melhor que em ninguém</i>	Romance	IV, 112-114	
Ao Senhor Conde de S. João e Marquês de Távora		Jerónimo Baía	<i>Ilustre, famoso Conde</i>	Romance	IV, 115-122	
Ao Sereníssimo Rei D. Afonso VI. matando em Salvaterra um javali		Jerónimo Baía	<i>Vingou-se a gala do horror</i>	Romance	IV, 123-125	
Romance pastoril por ecos		Jerónimo Baía	<i>Sale al baile de su aldea</i>	Romance [romance pastoril por ecos]	IV, 126-127	
Loa para la comedia cuyo título es <i>Triunfo de la humildad. La soberbia castigada</i> , que se representó en la elección de D. Luisa de Távora em Abadesa del Real Convento de Santa Clara de la Villa de Conde		Jerónimo Baía	<i>Yo, la bizarra Princesa</i>	Romance	IV, 128-141	
Pedindo a cada uma das Freiras de Vila de Conde danças para a procissão de Corpus		Jerónimo Baía	<i>Não devia jantar, não</i>	Redondilhas	IV, 142-153	
Carta a um amigo dando-lhe novas de sua irmã		Jerónimo Baía	<i>Paulo, é tempo de escrever-vos</i>	Romance	IV, 154-161	
A uma prima sua cozendo		Jerónimo Baía	<i>Por divertir-se uma tarde</i>	Romance	IV, 162-164	
À mesma fazendo botões		Jerónimo Baía	<i>Engenhosa botoeira</i>	Romance	IV, 165-166	
Relação do Triunfo com que em Lisboa se receberam os Sereníssimos Reis D. Afonso VI. e D. Maria Isabel Francisca de Sabóia em 29 de Agosto de 1666	Por um Anónimo	Jerónimo Baía	<i>Pedis-me, minha senhora</i>	Romance	IV, 167-204	

Relação das Canas Reais com que a Nobreza Lusitana festejou as felicíssimas vodas dos Senhores Reis D. Afonso VI. e D. Maria Isabel Francisca de Sabóia – Oferecida ao Senhor D. Rodrigo de Menezes pelo mesmo Autor	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Vossa senhoria a mim</i>	Romance	IV, 205-233	
Pedindo a Francisco de Menzas, seu amigo, que o socorra	Pelo mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Senhor Francisco de Menzas</i>	Romance (outr. estrofes incrustadas)	IV, 234-247	
Ao milagre de S. Francisco Xavier convertendo em água doce o mar, em que meteu um pé	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Hoje a minha Cabalina</i>	Romance	IV, 248-251	
A uma briga de um cego e um corcovado	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>De um cego e de um corcovado</i>	Romance	IV, 252-254	
Carta dando as boas festas a um amigo, em que lhe dá conta da sua pobreza	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Do Espírito Santo agora</i>	Romance	IV, 255-260	
A F. Carranca, que saio a açoutar e foi preso por ladrão	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Saiu dando ao mundo as costas</i>	Romance	IV, 261-266	
A F. dando-lhe um bolo podre, o qual comido lhe causou uma desenteria	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>A um certo homem se deu</i>	Romance	IV, 267-270	
Mandando-lhe pedir que glossasse este mote [ <i>Destes-me cravos azues</i> ]	Do mesmo Autor	Jerónimo Baía	<i>Tudo quanto for possível</i>	Romance	IV, 271-273	
Fábula de Alfeu e Aretusa – Oferecida ao Excelentíssimo Senhor Henrique de Sousa Tavares, Conde de Miranda, Governador da Relação e Casa do Porto e das Armas da mesma Cidade e seu distrito, e depois Marquês de Arronches	Composta pelo Licenciado Manoel Pinheiro Arnaut, Advogado da Casa da Suplicação	Manoel Pinheiro Arnaut	<i>Excelso Conde, a quem a augusta fama (Dedicatória) Já um bosque em Arcádia, ou não sei donde (Fábula)</i>	Oitavas	IV, 274-302	

Poesias várias de António Barbosa Bacelar	De António Barbosa Bacelar	António Barbosa Bacelar			IV, 303-336	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Em consideração de um rio</li> </ul>	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Vês este, oh Fabio, que el cristal ufano</i>	Soneto	IV, 303	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Soneto – Glossa a um mote [<i>Pide um amante le diga</i>]</li> </ul>	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Debes a la mentira que te obliga</i>	Soneto	IV, 304	
<ul style="list-style-type: none"> <li>A um Sargento Português que no Estado do Brasil deteve uma barca de Holandeses com a sua alabarda</li> </ul>	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Intrépido aos horrores de Vulcano</i>	Soneto	IV, 305	
<ul style="list-style-type: none"> <li> <ul style="list-style-type: none"> <li>A uma ausência</li> </ul> </li> </ul>	↑	António Barbosa Bacelar	<i>De que fado cruel dura porfia</i>	Soneto	IV, 306	
<ul style="list-style-type: none"> <li>À morte e sepultura de uma Dama</li> </ul>	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Venceu a morte, oh Fábio, a formosura</i>	Soneto	IV, 307	
<ul style="list-style-type: none"> <li> <ul style="list-style-type: none"> <li>Soneto</li> </ul> </li> </ul>	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Amoroso desdém num belo agrado</i>	Soneto	IV, 308	
<ul style="list-style-type: none"> <li>A um amigo, pedindo-lhe que se não deixasse vencer por um afecto amoroso</li> </ul>	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Resiste um pouco, ó Fábio, a teu tormento</i>	Soneto	IV, 309	
<ul style="list-style-type: none"> <li> <ul style="list-style-type: none"> <li>A um roxinol</li> </ul> </li> </ul>	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Qué dulcemente cantas, filomena</i>	Soneto	IV, 310	
<ul style="list-style-type: none"> <li> <ul style="list-style-type: none"> <li>A D. Rodrigo de Menezes descrevendo sua Dama chamada Fénix</li> </ul> </li> </ul>	↑	António Barbosa Bacelar	<i>En vano, oh cisne, eternizar procura</i>	Soneto	IV, 311	
<ul style="list-style-type: none"> <li> <ul style="list-style-type: none"> <li>Amante desesperado</li> </ul> </li> </ul>	↑	António Barbosa Bacelar	<i>La flor más bella, que pomposa en vano</i>	Soneto	IV, 312	
<ul style="list-style-type: none"> <li>À morte de Lope de Vega Carpio</li> </ul>	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Mientras Sirena en piélagos de llanto</i>	Soneto	IV, 313	
<ul style="list-style-type: none"> <li>A um Ministro queixando-se de amar um impossível, pedindo-lhe o Autor que votasse por ele em certa pertensão</li> </ul>	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Dices que aquel tu objecto idolatrado</i>	Soneto	IV, 314	

• Soneto – De consoantes forçados	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Diz, Inês, quem vos vê que em vós não há</i>	Soneto	IV, 315	
• A D. António Álvares da Cunha – Em resposta de um Soneto que lhe mandou da banda dalém	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Este vosso soneto me tem tal</i>	Soneto	IV, 316	
• A uma Dama que chorando limpou as lágrimas com os cabelos, que estava penteando à vista de seu amante	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Peinaba Flora hermosa en sus cabellos</i>	Soneto	IV, 317	
• A Manoel de Sousa Pacheco – Em resposta de um Soneto que lhe mandou queixando-se de que o não via	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Por vezes assentamos entre nós</i>	Soneto	IV, 318	
• À morte de Matias de Albuquerque	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Desenganos publica mudamente</i>	Soneto	IV, 319	
• A um amante que à vista de sua Dama adormeceu; mandou este Soneto à Academia o Autor com nome suposto	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Disse António Barbosa na lição</i>	Soneto	IV, 320	
• Soneto	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Si Filis a tus dichas no procura</i>	Soneto	IV, 321	
• Mandou D. Francisco Manoel este Soneto truncado à Academia dizendo fora aborto de um sonoliento, e pedia aos Engenhos que lhe dessem forma a umas lágrimas	D. Francisco Manoel	Francisco Manoel	<i>De qué servís, mis lágrimas</i>	Soneto	IV, 322	
• Forma que deu o Autor a este soneto	↑ O Autor	António Barbosa Bacelar	<i>De qué servís, mis lágrimas medrosas</i>	Soneto	IV, 323	
• Soneto	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Viste, Fabio, la estampa, que atrevida</i>	Soneto	IV, 324	
• À Senhora D. Luísa Maria de Menezes saindo adornada de penas de pavão	↑	António Barbosa Bacelar	<i>De penas adornada a formosura</i>	Soneto	IV, 325	

• À formosura da mesma Senhora	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Quanto inventou de graça a bizzarria</i>	Soneto	IV, 326	
• Epístola a um amigo	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Bem sei, Faria amigo, que culpado</i>	Tercetos	IV, 327-331	
• Proposta	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Perdióse en su cuidado</i>	Dísticos	IV, 332-333	
• A Diogo Gomes de Figueiredo no seu livro da Espada	↑	António Barbosa Bacelar	<i>Detende um pouco o estilo soberano</i>	Silva	IV, 333-336	
Poesias de Diego de Monroy e Vasconcelos	Diego de Monroy e Vasconcelos	Diego de Monroy e Vasconcelos			IV, 337-355	
• A Heróstrato queimando o templo de Diana por eternizar a sua fama	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Que intentas, Herostrato? Quem te guia?</i>	Soneto	IV, 337	
• A uma rosa acabada ainda em botão	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Luzida flor, que em raios superiores</i>	Soneto	IV, 338	
• Estimação de penas próprias	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Mais devera a meu mal, se a amor devera</i>	Soneto	IV, 339	
• A uma Dama contando as estrelas	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Não contes desse etéreo firmamento</i>	Soneto	IV, 340	
• Soneto	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>La nave de mi dicha en golfo amante</i>	Soneto	IV, 341	
• A una Dama que en una tempestad de truenos se reía	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Pálido el sol, ela ire embravecido</i>	Soneto	IV, 342	
• A una Dama perguntando qué cosa era amor	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Es amor, Clori mia, un accidente</i>	Soneto	IV, 343	
• À rosa	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Si entre escuadrones verdes imperiosa</i>	Soneto	IV, 344	
• Soneto	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Si esas lágrimas son, flor lastimosa</i>	Soneto	IV, 345	

• Rosa junto de outra que se ía marchitando	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Gallarda flor, que en trono de verdores</i>	Soneto	IV, 346	
• A um cavalo do Conde de Sabugal	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Ese Narciso de los brutos vano</i>	Soneto	IV, 347	
• Soneto	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Ausente, desterrado y peregrino</i>	Soneto	IV, 348	
• A uma esperança	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>De undosa plata en víboras se quiebra</i>	Soneto	IV, 349	
• A Lício, que trajava com demasia	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>No dês, oh Licio, a tu razón la muerte</i>	Soneto	IV, 350	
• Pedindo a uma Dama o seu retrato, lhe mandou uma lâmina de bronze sem pintura	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Filis, en este bronce, que advertido</i>	Soneto	IV, 351	
• A uma ausência	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Convosco lá, Senhor, estou presente</i>	Soneto	IV, 352	
• Soneto	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Oh, como é sensitivo um peito honrado!</i>	Soneto	IV, 353	
• Soneto	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Tantas as ditas são que alhano e tenho</i>	Soneto	IV, 354	
• Soneto	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Póstrense ya los ídolos profanos</i>	Soneto	IV, 355	
• A D. Luís Coutinho, pedindo-lhe livre certo soldado auxiliar de ir à guerra	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Senhor Dom Luís Coutinho</i>	Romance	IV, 356-359	
• A Diogo Gomes de Figueiredo, Mestre de Campo na Beira	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Figueiredo insigne, a quem</i>	Romance	IV, 359-363	
• A Gonçalo Vasques da Cunha, relatando a jornada que fez o Autor de Lisboa para Setúval	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Mestre ilustre e generoso</i>	Romance	IV, 364-371	

<ul style="list-style-type: none"> <li>Ao Doutor João de Medeiros Correa, Desembargador do Porto</li> </ul>	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>Amigo, o vosso Romance</i>	Romance	IV, 371-377	
<ul style="list-style-type: none"> <li>À valentia de uns olhos</li> </ul>	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos	<i>São, Tisbe, tão valentonas</i>	Romance	IV, 377-379	
<ul style="list-style-type: none"> <li>A D. António Luís de Menezes, Conde de Cantanhede (depois Marquês de Marialva) no felice sucesso que teve no rompimento das linhas de Elvas</li> </ul>	↑	Diego de Monroy e Vasconcelos → António da Fonseca Soares	<i>Se, invicto Conde, a Musa, a voz, o acento</i>	Oitavas	IV, 380-397	I, 281-297
Sonetos vários de um Anónimo	De um Anónimo			Sonetos	IV, 398-409	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Soneto I</li> </ul>	↑		<i>Filis, si es fuerza, viéndoos, desearos</i>	Soneto ["soneto I"]	IV, 398	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Ao Conde da Torre matando um Touro de uma cutilada, chegando a espada a riscar a terra</li> </ul>	↑		<i>Foi, ó Conde bizarro, de tal sorte</i>	Soneto ["soneto II"]	IV, 399	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Ao mesmo assunto</li> </ul>	↑		<i>Tão bravo golpe, ó Conde ilustre, destes</i>	Soneto ["soneto III"]	IV, 400	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Ao mesmo assunto</li> </ul>	↑		<i>Foi para o raio de aço curta esfera</i>	Soneto ["soneto IV"]	IV, 401	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Padrón funeral de las Armas de España en los campos de Amexial, en la batalla ganada por el Conde de Vila-Flor</li> </ul>	↑		<i>Esta en un tiempo de Ceres estructura</i>	Soneto ["soneto V"]	IV, 402	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Definição do amor</li> </ul>	↑		<i>É um nada amor, que pode tudo</i>	Soneto ["soneto VI"]	IV, 403	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Negação do amor</li> </ul>	↑		<i>Quem cuida haver amor vive enganado</i>	Soneto ["soneto VII"]	IV, 404	
<ul style="list-style-type: none"> <li>A Clori el día que la Iglesia hace memoria del juicio universal: fue assunto Académico</li> </ul>	↑		<i>Hoy, que los faustos de la humana pompa</i>	Soneto ["soneto VIII"]	IV, 405	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Pecador contrito</li> </ul>	↑		<i>Hoy, que en Vesubios de su llanto vierte</i>	Soneto ["soneto IX"]	IV, 406	

<ul style="list-style-type: none"> <li>A un sojeto grande, que haciendo excelentes versos dissimulaba el nombre <ul style="list-style-type: none"> <li>A la Rosa</li> <li>Gustos soñados</li> </ul> </li> </ul>	↑		<i>Erigió Atenas en su antigo estado</i>	Soneto ["soneto X"]	IV, 407	
	↑		<i>Reina de Abril, tus vanas majestades</i>	Soneto ["soneto XI"]	IV, 408	
	↑		<i>Clori, el sueño atrevido a tu respeto</i>	Soneto ["soneto XII"]	IV, 409	
Soneto	De Francisco de Brito Freire	Francisco de Brito Freire	<i>Não desejes mais honras que as virtudes</i>	Soneto ["soneto moral"]	IV, 410	
A um Girassol nascido no tronco de um loureiro	De António Teles	António Teles	<i>Aqui tens a fineza bem nascida</i>	Soneto	IV, 411	
A uma Dama fermosa e esquiva	Do mesmo Autor	António Teles	<i>A rosa, que no prado umbroso estende</i>	Soneto	IV, 412	
Na sepultura de uma Dama. Epitáfio	Por um Anónimo		<i>Aqui jaz da beleza o doce encanto</i>	Soneto	IV, 413	
Vários romances de um Anónimo	De um Anónimo			Romances	IV, 414-447	
<ul style="list-style-type: none"> <li>A uma Aldeana indo com um cântaro buscar água à fonte</li> </ul>	↑		<i>À fonte vai buscar água</i>	Romance	IV, 414-416	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Em resposta de um Romance que mandaram ao Autor <ul style="list-style-type: none"> <li>Queixas</li> </ul> </li> </ul>	↑		<i>Às sete da tarde, amigo,</i>	Romance	IV, 417-421	
	↑		<i>Ouvi solitárias selvas</i>	Romance	IV, 421-423	
<ul style="list-style-type: none"> <li>A una Dama saliendo vestida de luto <ul style="list-style-type: none"> <li>Romance</li> <li>Romance</li> <li>Victoria del amor</li> </ul> </li> </ul>	↑		<i>Deidades, que en estas selvas</i>	Romance	IV, 423-424	
	↑		<i>Dos veces, Tisbe sublime,</i>	Romance	IV, 425-426	
	↑		<i>Corazón, ya la fortuna</i>	Romance	IV, 426-427	
	↑		<i>Donde a sus montes el Tajo</i>	Romance	IV, 427-430	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Amenazas de uma Dama <ul style="list-style-type: none"> <li>A uma Dama esquiva</li> <li>A uma Dama mudável</li> </ul> </li> </ul>	↑		<i>Cloris, vuestras amenazas</i>	Romance	IV, 430-431	
	↑		<i>É possível, bela Arminda</i>	Romance	IV, 431-433	
	↑		<i>Amor, venhamos a contas,</i>	Romance	IV, 433-436	

▪ Amante ausente	↑		<i>Filis do meu coração</i>	Romance	IV, 436-440	
▪ Amante ausente e desfavorecido	↑		<i>Vinde cá, minha saudade,</i>	Romance	IV, 440-444	
▪ A uma Dama rigorosa estando sangrada	↑		<i>Menina da minha vida</i>	Romance	IV, 444-447	

No Tomo IV d' *A Fénix* recolhem-se cento e vinte e quatro composições. Novamente, Jerónimo Baía é o autor mais representado, com quarenta e dois poemas, enquanto António Barbosa Bacelar contribui com vinte e seis poemas e Diego Monroy de Vasconcelos com vinte e cinco (que ficarão em vinte e quatro, como se explicará abaixo). Há ainda vinte e cinco poemas anónimos, bem como dois poemas de António Teles e um poema de cada um dos seguintes autores: Francisco Rodrigues Lobo, Manoel Pinheiro Arnaut, Francisco Manoel de Melo e Francisco de Brito Freire.

De todos eles, apenas um poema consta no *Postilhão*, e, por sinal, levanta um problema de autoria: trata-se do poema ao Conde de Cantanhede na batalha de Elvas, atribuído a Diego Monroy de Vasconcelos n' *A Fénix* e a António da Fonseca Soares no *Postilhão*. A edição avulsa do texto com a indicação de autoria de António da Fonseca Soares, [realizada no próprio ano de 1659](#) em que se produz a batalha glosada, faz-nos optar por retificar a atribuição oferecida pela *Fénix* e por seguir a indicada no *Postilhão*. Aliás, o facto de existir impressão separada da obra, de aparecer no *Postilhão* com a mesma autoria que no livrinho impresso e de não constar no nosso cancioneiro nenhum outro poema deste volume d' *A Fénix*, são elementos que abonam a hipótese de que apenas os tomos I e III d' *A Fénix* foram tidos em conta para a elaboração do *Postilhão*, porventura por serem os únicos à disposição de Ângelo de Moraes.

**Tabela nº 7 – Obras recolhidas no Tomo V d' A Fénix Renascida**

<b>Título</b>	<b>Atribuição de autoria n' A Fénix</b>	<b>Autor(a)</b>	<b>Primeiro verso</b>	<b>Tipo estrófico</b>	<b>Lugar n' A Fénix (tomo, páginas)</b>	<b>Lugar no Postilhão (tomo, páginas)</b>
Jornada que Diogo Camacho fez às Cortes do Parnaso, em que Apolo o laureou	Diogo Camacho	Diogo Camacho	<i>Saía o Sol a vinte e três de Maio</i>	Tercetos	V, 1-38	
Pegureiro do Parnaso		Diogo Camacho	<i>Estas, que me chorou na fantasia</i> (Dedicatória) <i>Um pegureiro tengo</i> (Prólogo) <i>Era naquele tempo em que tangia</i> (Poema)	Dísticos Dísticos Canção (Dísticos)	V, 38-39 V, 39 V, 39-53	
Saudades de Apolo – Dedicadas a seu amado filho João Moreira Teles	Do mesmo Autor	Diogo Camacho	<i>Do quarto globo a gema nunca avara</i>	Canção (Dísticos)	V, 54-62	
Lágrimas saudosas choradas na ausência do Licenciado João Moreira Teles	Do mesmo Autor	Diogo Camacho	<i>Pensil adolescente</i>	Canção (Dísticos)	V, 63-72	
A los años de la Serenísima Señora D. Catalina, Infanta de Portugal y después Reina de Inglaterra – En el certamen del Conde de la Torre con obligaciones en cada ramo	Por um anónimo	António da Fonseca Soares	<i>Nace el Alba purpúrea, y las esferas</i>	Canción	V, 73-77	
Epitalamio al himeneo del Señor D. Francisco de Sosa y la Señora D. Helena de Portugal		António da Fonseca Soares	<i>No de la selva Idalia</i>	Canción	V, 78-103	
Sonetos	Do mesmo Autor Anónimo	António da Fonseca Soares		Sonetos	V, 104-137	

● Assunto académico – Si los favores de Nise eran concedidos de gracia, o de justicia al amor de Fabio	↑	António da Fonseca Soares	<i>No tiene, ó Fabio, en la sublime esfera</i>	Soneto	V, 104	
● Había dado Nise su retrato a Fabio, y hallándole dormido se le quitó	↑	António da Fonseca Soares	<i>Fabio, no fue castigo ni aspereza</i>	Soneto	V, 105	
● A um desmaio	↑	António da Fonseca Soares	<i>Sol, que en funesto asombro desmayado</i>	Soneto	V, 106	
● A um retrato de Filis ao natural	↑	António da Fonseca Soares	<i>Divino surto, em que a maior destreza</i>	Soneto	V, 107	
● Haciendo mérito la osadía	↑	António da Fonseca Soares	<i>Tan dulce imán, ó Fili, al pensamiento</i>	Soneto	V, 108	
● Aos olhos de Filis enfermos com umas névoas, e por isso ausentes	↑	António da Fonseca Soares	<i>Formosos olhos, se a essas luzes belas</i>	Soneto	V, 109	
● Que su amor ha sido imperio de los ojos de Filis, más que influjo de las estrellas	↑	António da Fonseca Soares	<i>Esta razón, que a enloquecer me indujo</i>	Soneto	V, 110	
● Ao loureiro de João de Saldanha de Sousa, que está com as raízes fora da terra sobre uma fonte	↑	António da Fonseca Soares	<i>Porque inda em tronco Apolo nunca intente</i>	Soneto	V, 111	
● Em um certame que se fez ao Padre João de Almeida, da Companhia de JESUS, que morreo no Rio de Janeiro com opinião de Santo	↑	António da Fonseca Soares	<i>Flor herida del Iris no tan puro</i>	Soneto	V, 112	
● Porfía en amar	↑	António da Fonseca Soares	<i>Filis, qué han de importar los desengaños</i>	Soneto	V, 113	
● Ruinas	↑	António da Fonseca Soares	<i>Edificio del tiempo destruido</i>	Soneto	V, 114	

● Ruínas	↑	António da Fonseca Soares	<i>Estas ruínas donde el alma, ó Licio,</i>	Soneto	V, 115	
● Dudas de declararse	↑	António da Fonseca Soares	<i>Filis, no sé qué tiene tu hermosura</i>	Soneto	V, 116	
● Fazendo razão do atrevimento	↑	António da Fonseca Soares	<i>Filis, se foi o amor merecimento</i>	Soneto	V, 117	
● Dudas de declararse	↑	António da Fonseca Soares	<i>Como en la mar se ve dudosa nave</i>	Soneto	V, 118	
● Saliendo Filis de noche al campo	↑	António da Fonseca Soares	<i>Libre el cabello, el talle bien prendido</i>	Soneto	V, 119	
● Borrascas del amor	↑	António da Fonseca Soares	<i>El aire ronco, el mar embravecido</i>	Soneto	V, 120	
● A uma ausencia	↑	António da Fonseca Soares	<i>Incultos bosques, ásperos desiertos</i>	Soneto	V, 121	
● Mandándose un reloj de movimiento en una ausencia	↑	António da Fonseca Soares	<i>Qué importa, ó Laura, pues mi amor ignoras</i>	Soneto	V, 122	
● A Filis por não haver correspondido amante a quem a pertendia solícito	↑	António da Fonseca Soares	<i>Filis, morrer de mal correspondido</i>	Soneto	V, 123	
● Amor no es influjo	↑	António da Fonseca Soares	<i>Dicen que mi desdicha estrella ha sido</i>	Soneto	V, 124	
● Lágrimas	↑	António da Fonseca Soares	<i>Detened en los ojos la ternura</i>	Soneto	V, 125	
● Soneto	↑	António da Fonseca Soares	<i>Despierta el Alba en tálamo de rosa</i>	Soneto	V, 126	

● Ao Doutor João Medeiros Correa no seu "Perfeito Soldado" considerando as palavras de Justiniano: <i>Imperatorium Maiestatem non solum armis &amp;c.</i>	↑	António da Fonseca Soares	<i>De armas e letras doutamente unida</i>	Soneto	V, 127	
● A Dom Francisco de Almeida	↑	António da Fonseca Soares	<i>Foi tal o assombro com que a praça enchestes</i>	Soneto	V, 128	
● À morte de André de Albuquerque	↑	António da Fonseca Soares	<i>Da mesma fama o mundo não sabia</i>	Soneto	V, 129	
● Hallando en la hermosura de Filis razones para dejarla	↑	António da Fonseca Soares	<i>Filis, si Abril cuando se ve triunfante</i>	Soneto	V, 130	
● A.D. João de Castro matando um touro com um rojão	↑	António da Fonseca Soares	<i>Feroz o impulso, horrenda a catadura</i>	Soneto	V, 131	
● Ao cavalo do Conde do Sabugal, que fazia grandes curvetas	↑	António da Fonseca Soares	<i>Galhardo bruto, teu bizarro alento</i>	Soneto	V, 132	
● Ao Conde da Torre descrevendo em a sua "Centúria heróica" as firmezas de Lidio e inconstancias de Marfiza	↑	António da Fonseca Soares	<i>Por vossa pena, ó Conde ilustre, rara</i>	Soneto	V, 133	
● À morte da Sanhora Infanta D. Joana	↑	António da Fonseca Soares	<i>Nessa pira funesta, ó peregrino,</i>	Soneto	V, 134	
● Deseando salvar el alma de las tempestades del siglo	↑	António da Fonseca Soares	<i>En este golfo de la vida incierto</i>	Soneto	V, 135	
● Desengaño libre	↑	António da Fonseca Soares	<i>Romped ya las cadenas, desengaño</i>	Soneto	V, 136	
● Et petræ scissæ sunt	↑	António da Fonseca Soares	<i>Quebram-se as pedras ao final gemido</i>	Soneto	V, 137	
Saudades de Aónio	Pelo Doutor António Barbosa Bacelar	António Barbosa Bacelar	<i>A voz entre os soluços suspendida</i>	Oitavas	V, 138-162	

Glosa a El-Rei D. Afonso VI. – Oitava de Camões [ <i>Mas Afonso do Reino único herdeiro</i> ]	Pelo Doutor António Barbosa Bacelar	António Barbosa Bacelar	<i>Arme-se de Castela o vingativo</i>	Oitavas	V, 163-166	
Glosa do soneto de D. Rodrigo de Menezes	Por Bacelar	António Barbosa Bacelar	<i>Jaz sepultada nesta pedra fria</i> (soneto) – cf. I, 63 ss. <i>A mais airosa flor da formosura</i> (glosa)	Oitavas	V, 167-173	
Canção	Do mesmo Autor	António Barbosa Bacelar	<i>Meu Senhor D. Rodrigo de Menezes</i>	Canção (dísticos)	V, 173-192	
Relação da festa de touros que se fez nesta Cidade na praça do Rossio o ano de 1647	De Bacelar	António Barbosa Bacelar	<i>Acabaram-se os touros, vá de versos</i>	Silva	V, 192-205	
A uma Dama	De Bacelar	António Barbosa Bacelar	<i>Por fazer lisonja às flores</i>	Romance	V, 206-207	
A D. Rodrigo de Menezes levantando-se de uma doença	Pelo mesmo Autor	António Barbosa Bacelar	<i>Ouvi dizer, meu Rodrigo,</i>	Romance	V, 208-213	
A Santa Clara para se cantar	Do mesmo Autor	António Barbosa Bacelar	<i>A la fuente va del árbol</i>	Coplas	V, 214-219	
A uma mulher que, sendo muito velha, se enfeitava	De D. Tomás de Noronha	Tomás de Noronha	<i>Escuta, ó Sara, pois te falta espelho</i>	Canção	V, 220-223	
A uma mulher muito negra	Do mesmo Autor	Tomás de Noronha	<i>Tomo a pena, senhora, e eu concedo</i>	Canção	V, 223-224	
A um nariz grande	Do mesmo Autor	Tomás de Noronha	<i>Hoje espero, nariz, de te assoar</i>	Canção	V, 225-227	
À morte da Senhora D. Maria Coutinho, a que se tinham escrito muitos versos	De D. Tomás de Noronha	Tomás de Noronha	<i>Morreo Maria Coutinho, isto se sofre!</i>	Soneto	V, 228	
Às poesias que se fizeram a uma queimadura de uma mão de uma Senhora		Tomás de Noronha	<i>Ó mão não de cristal, não mão nevada,</i>	Soneto	V, 229	

Pragas, se chorar mais por uma Dama cruel	De D. Tomás	Tomás de Noronha	<i>Não sossegue eu mais, que um bonifrate</i>	Soneto (de consoantes forçados)	V, 230	
Em nome de uma sua faca	Do mesmo	Tomás de Noronha	<i>Estou, e com razão estou pasmada</i>		V, 231	
À morte de Francisco Rodrigues Lobo	Do mesmo	Tomás de Noronha	<i>Desdourem-se as areas do Pactolo</i>	Soneto	V, 232	
Soneto		Tomás de Noronha	<i>O sofrimento meu cordeiro mudo</i>	Soneto	V, 233	
A uns noivos que se foram receber, levando ele os vestidos emprestados, e indo ela muito doente e chagada	De D. Tomás	Tomás de Noronha	<i>Saio a noiva muito bem trajada</i>	Soneto	V, 234	
A duas regateiras pelejando	Do mesmo	Tomás de Noronha	<i>Clara e alva sejais, Clara Vicente,</i>	Soneto	V, 235	
Ao Conde de Linhares, que matando em África um leão, se lhe fizeram muitas poesias em louvor, que vendo-as o Autor, fez este Soneto	Do mesmo	Tomás de Noronha	<i>Matou o Senhor Conde de Linhares</i>	Soneto	V, 236	
Ao Conde de Penaguiám mandando-lhe pedir duzentos cruzados por um Cabra muito disforme	Do mesmo	Tomás de Noronha	<i>Este enano, chinchilha, farriquoque</i>	Soneto	V, 237	
Soneto	Do mesmo	Tomás de Noronha	<i>Quer seja com razão, quer sem razão</i>	Soneto	V, 238	
A uma mentira que disse João Galvão	Do mesmo	Tomás de Noronha	<i>Debaixo um dia do estandarte Real,</i>	Soneto	V, 239	
A um amigo	Do mesmo Autor	Tomás de Noronha	<i>Para que saibas, velhaco,</i>	Romance	V, 240-243	
Subindo o Autor de gala em dia que se celebravam os anos d' el-Rei no ano de 1642		Tomás de Noronha	<i>Vestido saio à Francesa</i>	Romance	V, 243-245	

A uma Regateira	Do mesmo D. Tomás	Tomás de Noronha	<i>A minha Isabel</i>	“Endechas”	V, 245-247	
Vindo o <b>Autor</b> de Ceuta		Tomás de Noronha	<i>Eu vim agora de Ceuta</i>	Romance	V, 247-248	
A uma boca grande	Do mesmo	Tomás de Noronha	<i>Para que de boca em boca</i>	Romance	V, 249-250	
A uma Dama que se queixava de que seu amante lhe não dava cousa que fosse ou viesse, e ele lhe deo muita pancada	Do mesmo	Tomás de Noronha	<i>Vossa mercê me parece</i>	Redondilhas	V, 250-252	
Do mesmo D. Tomás de Noronha a um Escudeiro	Do mesmo D. Tomás de Noronha	Tomás de Noronha	<i>Por aqui anda Fuão</i>	Décima	V, 252	
A um homem que namorava mui recostado		Tomás de Noronha	<i>Home, de ti se farão</i>	Copla	V, 252-253	
A um Fernão Pó dando-se-lhe muita pancada com um remo em casa de sua dama	Do mesmo Autor	Tomás de Noronha	<i>Se acaso o que tenho ouvido</i>	Décimas	V, 253-254	
A um homem que lhe devia cem mil-réis	Do mesmo Autor	Tomás de Noronha	<i>Perdoe vossa mercê</i>	Décimas	V, 254-255	
Tendo-lhe furtado um tacho		Tomás de Noronha	<i>Senhor, o vosso Morais</i>	Décima	V, 256	
A uma velha muito feia, a quem deram uma navalhada pela cara, a qual tinha uma sobrinha muito formosa	Do mesmo	Tomás de Noronha	<i>A moça rara pessoa</i>	Décima	V, 256-257	
Perdendo um homem ao jogo o dinheiro que lhe deram por uma bofetada	Do mesmo	Tomás de Noronha	<i>Que houvesse tanto espantar</i>	Epigrama (=dois quartetos)	V, 257	
A um cão de mostra que lhe deixaram, o qual se chamava Basbaque	Do mesmo	Tomás de Noronha	<i>Basbaque ainda não mostrou</i>	Décima	V, 258	

A D. Afonso de Noronha sendo Provedor da Misericórdia, mandando-lhe um cavalo muito magro		Tomás de Noronha	<i>Não me espanto de vir tal</i>	Décima	V, 258-259	
A um Fidalgo que se ficava com quanto lhe emprestavam, e pedia a <b>D. Tomás de Noronha</b> uma capa de caminho		Tomás de Noronha	<i>Mando a capa de caminho</i>	Décima	V, 259	
À batalha de Montes Claros – Oferecida a Sua Majestade por Mendo de Foios Pereira, ano de 1665	Por Mendo de Foios Pereira	Mendo de Foios Pereira	<i>Monarca Augusto, César Lusitano</i>	Canção	V, 260-263	
Ardenio enfermo de amores	Por Fernão Correa de Lacerda	Fernão Correa de Lacerda	<i>En el hospital de amor</i>	Romance	V, 263-266	
A uma dama que morreo poucos dias depois de um eclipse de Sol			<i>Não viste, ó Lício, o ar de horror vestido</i>	Soneto	V, 267	
Soneto	De André Rodrigues de Matos	André Rodrigues de Matos	<i>Alegre pintassilgo, flor vivente,</i>	Soneto	V, 268	
Sabendo Fábio que Clóri, a quem amava, lhe era ingrata, tendo um retrato seu em uma lâmina de bronze, o lançou em uma fundição de artilharia	Do Doutor André Nunes da Silva	André Nunes da Silva	<i>Neste golfo de bronze liquidado</i>	Soneto	V, 269	
À Senhora Dona Isabel, Princesa de Portugal, havendo morto em Salvaterra um javali com um tiro	De Bernardo Vieira Ravasco, irmão do Padre António Vieira	Bernardo Vieira Ravasco	<i>El famoso jabalí</i>	Décimas	V, 270-271	
Glosa – Soneto [ <i>Horas breves do meu contentamento</i> ]		<b>Bernardo Vieira Ravasco</b>	<i>Esperei, e esperança é morte amarga</i>	Oitavas	V, 272-277	
Glosa – Mote [ <i>Quanto importa, e quanto val,</i> ]	Pelo Licenciado Manoel de Góes	Manoel de Góes	<i>Fábio, o viver retirado</i>	Décimas	V, 278-280	

Canção amorosa	Por um Anónimo		<i>Num prado mui alegre e deleitoso</i>	Canção [canção amorosa]	V, 280-284	
Las dos peñas. A los desdenes de Silvia	Por Simão Torresão Coelho	Simão Torresão Coelho	<i>Estas que me ditó rimas sonoras</i>	Canção	V, 285-332	
Soneto congratulatório às “Memórias do Carmo” que escreveo Fr. Manoel de Sá	De Fr. Tomás de Sousa	Tomás de Sousa	<i>Os ilustres varões Carmelitanos</i>	Soneto [soneto congratulatório]	V, 333	
Ao mesmo assunto	Do Doutor João Baptista Henriques	João Baptista Henriques	<i>Outra vez ao Carmelo Lusitano</i>	Soneto	V, 334	
Ao mesmo assunto	De Luís Simões de Azevedo	Luís Simões de Azevedo	<i>Pulse com sacro plectro a doce lira</i>	Oitavas	V, 335-337	
Ao Excelentíssimo Senhor Manoel Teles da Silva, terceiro Marquês de Alegrete, na ocasião em que celebrou os anos do Excelentíssimo Senhor Marquês seu pai com um primorosíssimo Epigrama na língua Latina de um só dístico, escreveo Fr. Tomás de Sousa	Fr. Tomás de Sousa	Tomás de Sousa	<i>Contai, Senhor, e cantai</i>	Epigrama (=dois quartetos)	V, 338	
Na ocasião em que o Real Convento do Carmo de Lisboa celebrou a notícia do Papa Benedito XIII. ter mandado que em toda a Igreja se rezasse da Senhora do Carmo, fez o mesmo Autor o seguinte Soneto.	O mesmo autor	Tomás de Sousa	<i>Virgem formosa, honra do Carmelo,</i>	Soneto	V, 339	
À colocação da estátua do grande Proto-Patriarca o Profeta Elias no Vaticano, fez o mesmo Autor o seguinte Soneto	O mesmo autor	Tomás de Sousa	<i>O zelador da Fé, o grande Elias,</i>	Soneto	V, 340	

Ao repentino e grande incêndio que reduziu a cinzas em 25 de Novembro de 1726 o suntuoso e magnífico palácio dos Excelentíssimos Marqueses de Valença	Por Joseph do Couto Pestana	Joseph do Couto Pestana	<i>Arde o palácio excelso, nas violências</i>	Soneto	V, 341	
Em ocasião de boas festas a um compadre Mercador de livros e Tesoureiro da Bula	De Fernão Freire Cita-César	Fernão Freire Cita-César	<i>Compadre, depois que tendes</i>	Romance	V, 342-345	
Introdução Académica em dia que presidio D. Francisco de Melo	(D. Francisco de Melo)	Francisco de Melo	<i>Este sim que é bom governo</i>		V, 346-353	
Aos anos de Rui Fernandes	Do mesmo Autor	Francisco de Melo	<i>Senhores, aqui de Apolo</i>	Romance	V, 353-356	
A certo Conde, que não acabava de dar uma volta que tinha prometido	De D. Francisco de Melo	Francisco de Melo	<i>Como sempre há línguas soltas</i>	Redondilhas	V, 357-359	
Por assunto académico – A una fuente en que se vía una Dama	De D. Francisco de Melo	Francisco de Melo	<i>Vago pintor de las flores</i>	Décimas	V, 360-361	
La segadora	De D. Francisco de Melo	Francisco de Melo	<i>Rústica beldad, que eres,</i>	Décimas	V, 362-363	
Décimas	De D. Francisco de Melo	Francisco de Melo	<i>Cintia, ofendido y gustoso</i>	Décimas	V, 364	
Efectos de amor	De D. Francisco de Melo	Francisco de Melo	<i>Mal la ausencia sufriendo</i>	Liras	V, 365-366	
Introdução para a Academia de dia de entrudo, em que presidio D. Francisco de Melo	(D. Francisco de Melo)	Francisco de Melo	<i>Juramento tinha feito</i>	(Romance)	V, 367-375	
Al Ilustrísimo Señor Alexandre Castracani, Obispo de Nicastro y Colector en Portugal	De Sórora Violante do Céu	Violante do Céu	<i>Si en el mayor placer es justo el canto</i>	Canción	V, 376-378	
A la Señora D. Mariana de Noroña		Violante do Céu	<i>Sembrar en agua, edificar en viento,</i>	Canción	V, 379-383	

A la muerte de Lope de Vega Carpio		Violante do Céu	<i>Si crédito, si gloria</i>	Canción	V, 383-385	
Romances vários de um Anónimo	De um Anónimo	<b>António da Fonseca Soares</b>		Romances	V, 386-411	
● A uma Freira indo às Caldas	↑	<b>António da Fonseca Soares</b>	<i>Belisa, aquela beldade</i>	Romance	V, 386-387	
● A umas saudades	↑	<b>António da Fonseca Soares</b>	<i>Morrer de pura saudade</i>	Romance	V, 388-392	
● Ao mesmo assunto	↑	<b>António da Fonseca Soares</b>	<i>Onde estais, minha saudade,</i>	Romance	V, 392-396	
● A uma Dama que deo uma queda indo espivitar uma velha	↑	<b>António da Fonseca Soares</b>	<i>Inês, aquela deidade</i>	Romance	V, 397-398	
● Carta a um amigo	↑	<b>António da Fonseca Soares</b>	<i>Anteontem, meu Reverendo,</i>	Romance	V, 398-403	
● Sobre a derrota de D. João de Áustria	↑	<b>António da Fonseca Soares</b>	<i>Senhor, ambicioso Apolo</i>	Romance	V, 404-411	
Romances vários de uma Poetisa Anónima	De uma Poetisa anónima	Violante do Céu		Romances	V, 412-	
● Romance	↑	Violante do Céu	<i>Si mis dudas te entristecen</i>	Romance	V, 412-413	
● Romance	↑	Violante do Céu	<i>Libertad, ya tenéis dueño,</i>	Romance	V, 413-415	
● Romance	↑	Violante do Céu	<i>Libertad, non tengáis dueño,</i>	Romance	V, 416-418	
● Romance	↑	Violante do Céu	<i>Sentiendo ausencias de Lauro</i>	Romance	V, 418-420	
● Romance	↑	Violante do Céu	<i>Lágrimas, que mudamente</i>	Romance	V, 421-423	
● Romance	↑	Violante do Céu	<i>Zagales de aquestos montes</i>	Romance	V, 423-425	

● Romance	↑	Violante do Céu	<i>Não trateis mais de ofender-me,</i>	Romance	V, 425-427	
● Romance	↑	Violante do Céu	<i>Caído habéis en el lazo</i>	Romance	V, 427-430	

O Tomo V e último d' *A Fénix* contém um total de cento e vinte e duas composições, sendo o que apresenta uma maior diversidade de autores. Dentre eles, destacam-se António da Fonseca Soares (também conhecido como Frei António das Chagas), com quarenta e dois poemas; e Tomás de Noronha, com trinta e um. Também notável é a representação de Sórora Violante do Céu (onze poemas), António Barbosa Bacelar e Francisco Manuel de Melo (oito poemas cada um), bem como Diogo Camacho e Tomás de Sousa (quatro poemas cada um). De mais a mais, há dois poemas anónimos, outros dois de Bernardo Vieira Ravasco e um de cada um dos autores relacionados a seguir: Mendo de Foios Pereira, Fernão Correa de Lacerda, André Rodrigues de Matos, André Nunes da Silva, Manoel de Góes, Simão Torresão Coelho, João Baptista Henriques, Luís Simões de Azevedo, Joseph do Couto Pestana e Fernão Freire Cita-César.

Nenhum dos poemas deste tomo foi incluído no *Postilhão*, de modo idêntico ao tomo II e muito semelhantemente ao acontecido com o tomo IV da própria *Fénix*.

# APÊNDICE Nº 2

## Tabelas comparativas do *Postilhão de Apolo* com *A Fénix Renascida*

**Tabela nº 8 – Obras recolhidas no Eco I (ou Tomo I do Postilhão de Apolo)**

Páginas	Título	Primeiro verso	Tipo estrófico	Autoria atribuída no <i>Postilhão</i>	Lugar de indicação da autoria	Autoria (outras fontes)	Lugar n' <i>A Fénix</i>
1-3	Introdução poética	<i>Era do ano a estação primeira</i>	Oitavas			António dos Reis	I, 1-31
32				Página em branco			
33-150	Triunfo Régio recopilado em uma epanáfora poética, em que se descrevem os fastos que os habitantes da Vila de Setúbal dedicaram ao Senhor Rei D. João V, de gloriosa memória, na entrada que fez na mesma Vila em 20 de Junho de 1711	<i>Dourava o sol com belos resplandores</i>	Oitavas			Anónimo	
151-170	Égloga na morte do Senhor D. Miguel, filho d' El-Rei D. Pedro II, que em 23 de Janeiro de 1724 naufragou no Tejo	<i>Que fazes nestes bosques, meu Fileno?</i>	Tercetos e oitavas	Escrita pelo Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes	Rubrica inicial		
171-218	Sentimentos de D. Pedro e de D. Inês de Castro	<i>Era na meia idade, a que chegava</i>	Oitavas	Por Manoel de Azevedo Pereira	Rubrica inicial		I, 92-139

Páginas	Título	Primeiro verso	Tipo estrófico	Autoria atribuída no <i>Postilhão</i>	Lugar de indicação da autoria	Autoria (outras fontes)	Lugar n' <i>A Fénix</i>
219-222	Ao mesmo assunto, glossa da oitava de Camões [Estavas, linda Inês, posta em sossego]	<i>Querida prima minha, alma ditosa</i>	Oitavas	Pelo Doutor António Barbosa Bacelar	Rubrica inicial		I, 140-143
223-228	Soneto de Francisco Rodrigues Lobo [Formoso Tejo meu, quão diferente]	<i>Enfim mereci ver-te, ó Tejo amado</i>	Oitavas	Com a Glossa do Doutor António Barbosa Bacelar	Rubrica inicial		I, 143-148
229-233	Ao mesmo soneto. Outra glossa	<i>Espelho de cristal das Ninfas eras</i>	Oitavas	Do mesmo autor	Rubrica inicial		I, 149-153
234-238	Ao mesmo soneto. Outra glossa	<i>Formoso Tejo meu, tristes suspiros</i>	Oitavas			Bacelar	I, 154-158
239-245	Amante desprezado. Idílio	<i>Em um vale adornado</i>	Canção	Por um Engenho desta Corte	No final da composição		
246-251	Ao Conde de Val de Reis, sendo Regedor das Justiças	<i>No Régio Trono, no Sólido primitivo</i>	Oitavas				
252-255	Retrato de uma Dama	<i>Podeis desafiar com bizzarria</i>	Oitavas	Por o Padre Eusébio de Matos	Rubrica inicial		
256-259	Pelos mesmos consoantes. Aplicando-as a um Cadáver	<i>Quem vos mostra mudada a bizzarria</i>	Oitavas	De Bernardo Vieira	Rubrica inicial		
260	Descrição da noite	<i>Como está toda a terra escurecida!</i>	Soneto				
261	A Clori, que tocando una cítara hizo morir un Cisne	<i>Tañía Clori hermosa, y la escuchaba</i>	Soneto				III, 257
262	Descrição de um prado	<i>Adonde o manso Tejo a clara enchente</i>	Soneto				

Páginas	Título	Primeiro verso	Tipo estrófico	Autoria atribuída no <i>Postilhão</i>	Lugar de indicação da autoria	Autoria (outras fontes)	Lugar n' <i>A Fénix</i>
263	Aludindo ao que diz Eliano (lib. 14, cap. 23): que o Cisne vence a Águia, se esta o desafia	<i>À Rainha das aves provocando</i>	Soneto				III, 258
264	Desejando na sanguinolenta batalha de Canas os mais nobres mancebos desamparar Itália, Escipião Africano com a sua autoridade os impedio. Fala com eles	<i>Heróis famosos, que animosamente</i>	Soneto				
265	Voando uma borboleta junto aos olhos de F.	<i>Vano viviente, irracional alado,</i>	Soneto				III, 259
266	Venceo Escipião a nova Cartago no mesmo dia em que a ela chegou, e havendo ali uma muito gentil Donzela, para ver a qual inumerável gente concorria, logo proibio que ela viesse à sua presença, e ordenou que au seu Pai e Esposo fosse restituída. Fala com os seus soldados	<i>Esta Donzela, que admirais formosa,</i>	Soneto				

Páginas	Título	Primeiro verso	Tipo estrófico	Autoria atribuída no <i>Postilhão</i>	Lugar de indicação da autoria	Autoria (outras fontes)	Lugar n' <i>A Fénix</i>
267	A Alexandre. Chorando porque ouvio dizer que havia mais mundos	<i>Se deseja mais mundos arrogante</i>	Soneto				III, 260
268	Mata Júnio Bruto seus filhos e sobrinhos, por se terem conjurado com os Aquílios e Vitélios para meterem em Roma os Tarquínios	<i>Bárbaro, iníquo e indecoroso intento</i>	Soneto				
269	A F., que morreo de ar	<i>Com ar madrugada a flor mais engraçada</i>	Soneto				III, 261
270	Proíbe Omílio Escauro que venha à sua presença seu filho, por ter desamparado a Fortaleza que regia, de cuja acção ele sentido voluntariamente se mata	<i>Na mais cruel tristeza sepultado</i>	Soneto				
271	A la hermosura de un cabello	<i>Flamante inundación, golfo dorado</i>	Soneto			Violante?	III, 262
272	Descrição da Aurora	<i>Como se vê no Aéreo firmamento</i>	Soneto				
273	A F. com uma espada na mão	<i>En vano, oh Filis, ese acero, en vano</i>	Soneto				III, 263
274	A Fílis	<i>Enquanto às Leis de amor não fui sujeito</i>	Soneto				
275	Ao seu cuidado	<i>No verdor da floresta deleitosa</i>	Soneto			Francisco de Vasconcelos Coutinho	III, 264

Páginas	Título	Primeiro verso	Tipo estrófico	Autoria atribuída no <i>Postilhão</i>	Lugar de indicação da autoria	Autoria (outras fontes)	Lugar n' <i>A Fénix</i>
276	Descrição da Primavera	<i>Já de Pomona os campos matizados</i>	Soneto				
277	Aos gostos breves do Mundo	<i>Glória do amor, que breve que feneces!</i>	Soneto			Francisco de Vasconcelos Coutinho?	III, 265
278	Descrição do Campo	<i>Amenos campos, trémolos verdores</i>	Soneto				
279	A um pássaro cantando	<i>Que alegre pendurado de um raminho</i>	Soneto				III, 266
280	Com pena de morte proibio Carondas Túrio que nenhum Ateniense armado de espada entrasse em ajuntamento do povo, e casualmente vindo de uma Quinta com a mesma arma que trazia, foi visto entre bastant gente, e advertindo-se-lhe a Lei que estabelecera, por lhe dar execução, a golpes da própria espada se mata	<i>Morre Carondas, porque mais se apura</i>	Soneto				
281-297	Aplauso da gloriosa vitória das linhas de Elvas, alcançada em 14 de Janeiro de 1659. Panegírico ao Excelentíssimo Senhor D. António Luís de Menezes, Conde de Cantanhede	<i>Se, invicto Conde, a Musa, a voz, o acento</i>	Oitavas	Por António da Fonseca Soares	Rubrica inicial		II, 380-397

Páginas	Título	Primeiro verso	Tipo estrófico	Autoria atribuída no <i>Postilhão</i>	Lugar de indicação da autoria	Autoria (outras fontes)	Lugar n' <i>A Fénix</i>
298-305	Vida de um estudante pobre	<i>Os portugueses peitos não domados</i>	Oitavas				
306-313	[Título genérico] Poesias várias. Vários sonetos de Soror Violante do Ceo, Religiosa no Convento da Rosa de Lisboa						
306	A la Señora Condessa da Vidigueira, Vestida de pardo por la ausencia del Conde	<i>Ostenta la mayor soberanía</i>	Soneto	Soror Violante do Ceo	Rubrica inicial genérica (p.306)		I, 383
307	A Dona Mariana de Luna	<i>Musas que no jardim do Rei do dia,</i>	Soneto	Soror Violante do Ceo	Rubrica inicial genérica (p.306)		I, 384
308	A la muerte de la Señora Duquesa de Avero	<i>Aquí yace sin luz el sol de Avero</i>	Soneto	Soror Violante do Ceo	Rubrica inicial genérica (p.306)		I, 385
309	A la Señora Condessa de Penaguían	<i>Si como admiro en vós lo que en vós miro</i>	Soneto	Soror Violante do Ceo	Rubrica inicial genérica (p.306)		I, 386
310	A una amiga	<i>Belisa, el amistad es un tesoro</i>	Soneto	Soror Violante do Ceo	Rubrica inicial genérica (p.306)		I, 387
311	A El-Rei D. João IV.	<i>Que logras, Portugal? Um Rei perfeito</i>	Soneto	Soror Violante do Ceo	Rubrica inicial genérica (p.306)		I, 388
312	Ao mesmo Senhor D. João IV	<i>Um só pesar, Senhor, sente a vontade</i>	Soneto	Soror Violante do Ceo	Rubrica inicial genérica (p.306)		I, 389
313	Ao Doutor Duarte Madeira Arraes	<i>Ó tu, que oposto sempre à dura Parca</i>	Soneto	Soror Violante do Ceo	Rubrica inicial genérica (p.306)		I, 390
314-320	Canto épico e encomiástico em que se descrevem Soberanias, Altivezas e Suavidades da Voz, Discrição e Formosura da Senhora D. Florência, Religiosa em certo Mosteiro	<i>Nããaoo o canto as armas, canto a gentileza</i>	Oitavas				

Páginas	Título	Primeiro verso	Tipo estrófico	Autoria atribuída no <i>Postilhão</i>	Lugar de indicação da autoria	Autoria (outras fontes)	Lugar n' <i>A Fénix</i>
321-360	Jornadas	[Da dedicatória] <i>Meu Dom Francisco de Sousa,</i>  [Da Jornada I.] <i>O Senhor da Esfera quarta</i>	Romance	De Jerónimo Baía	Rubrica inicial		I, 236-275
361-365	Égloga pastoril	<i>Com os raios brilhantes que espalhava</i>	Diversos tipos estróficos				
366-407	Soliloquio de um pecador prostrado aos pés de um Cristo crucificado	[Do soneto prévio] <i>Já, Musa, os meus cabelos prateados</i>  [Das sextinas] <i>Meu Deus, cuja sagrada humanidade</i>		Pelo Padre António de Barros	Rubrica inicial		
408	Aviso de impressão do Eco II						

**Tabela nº 9 – Obras recolhidas no Eco II (ou Tomo II do Postilhão de Apolo)**

Páginas	Título	Primeiro verso	Tipo estrófico	Autoria atribuída no Postilhão	Lugar de indicação da autoria	Autoria (outras fontes)	Lugar n' <i>A Fénix</i>
1-10	Pambasília de Apolo. Prólogo académico	<i>Do verso o inventor nascido em Delos</i>	Canção				
11-15	À Primavera. Idílio	<i>Já tem princípio o tempo apetecido</i>	Oitavas				
16-21	Laura. Égloga	<i>De verdes plantas, de brilhantes flores</i>	Oitavas				
22-72	Saudades de Lídia e Armido. Canto heróico	<i>Era o tempo em que pálido retrata</i>	Oitavas	Por um anónimo	Rubrica inicial		I, 32-77
73-87	Saudades de Lídia e Armido	<i>Já da horrísona tuba o repetido</i>	Oitavas	Pelo Doutor António Barbosa Bacelar	Rubrica inicial		I, 77-90
88	Epitáfio na sepultura de Lídia	<i>Essa que vês, errante peregrino</i>	Soneto	Por um anónimo	Rubrica inicial		I, 91
89-100	À vaidade do mundo. Tercetos moraes	<i>Fábio, neste dos séculos abrigo</i>	Tercetos	Por Francisco de Vasconcelos Coutinho	Rubrica inicial		
101	Entrando na Corte o Senhor Rei Dom João V (de gloriosa memória) com os Sereníssimos Príncipe e Princesa do Brasil, nossos Senhores, serenou o dia, tendo chovido toda a noite antecedente.	<i>Senhor, mostrais, vencendo a tempestade</i>	Soneto	Por uma douta pena	No final da composição		
102	A Lucrecia romana	<i>Em sangue honradamente derramado</i>	Soneto	Pelo Doutor António Barbosa Bacelar	No final da composição		I, 16

Páginas	Título	Primeiro verso	Tipo estrófico	Autoria atribuída no <i>Postilhão</i>	Lugar de indicação da autoria	Autoria (outras fontes)	Lugar n' <i>A Fénix</i>
103	A São Pedro quando negou a Cristo	<i>À vista daquele amoroso alarde</i>	Soneto	Por Bacelar	No final da composição		I, 165
104	A Nossa Senhora do Rosário	<i>Fragrante Rosa em Jericó plantada</i>	Soneto	De um Académico	No final da composição	Gregório de Matos	
105	Ao Padre António Vieira pregando na Degolação de São João Baptista	<i>Morre João por ódio, mas de sorte</i>	Soneto	Por Bacelar	No final da composição		I, 164
106	A la Virgen de Guadalupe	<i>Divina Virgen, Celestial María</i>	Soneto retrógrado diccional	De um Anónimo	No final da composição		
107	Ao amor do Menino Deos nascido	<i>Amor sublime, eterno e incompreensível</i>	Soneto	De um Anónimo	No final da composição	Baltasar Estaço	
108	Pedindo-se uma mercê a Nossa Senhora	<i>A Vós, ó Virgem pura, luz radiante</i>	Soneto	De um Académico	No final da composição		
109	À Conceição de Nossa Senhora	<i>Clara Luz, cuja excelsa formosura</i>	Soneto	Por um Anónimo	No final da composição		
110	Al prodigioso tránsito de la Virgen Señora Nuestra	<i>Al Cielo, de la tierra despedida</i>	Soneto	Por um Académico	No final da composição		
111	À morte de Diogo Lopes da França, que morreo degolado	<i>Detém a mão infamemente armada</i>	Soneto	De Bacelar	No final da composição		I, 163
112	A umas saudades	<i>Saudades de meu bem, que noite e dia</i>	Soneto	De Bacelar	No final da composição		I, 159
113	A uns olhos tortos	<i>Travessos olhos, que na travessia</i>	Soneto	De Bacelar	No final da composição		I, 162
114	A um deemaio	<i>Contra Flora aos suspiros fugitiva</i>	Soneto	De Bacelar	No final da composição		I, 182
115	A uma ausência	<i>Sinto-me, sem mentir, todo abrasado</i>	Soneto	De Bacelar	No final da composição		I, 161

Páginas	Título	Primeiro verso	Tipo estrófico	Autoria atribuída no <i>Postilhão</i>	Lugar de indicação da autoria	Autoria (outras fontes)	Lugar n' <i>A Fénix</i>
116	Às melhoras que o Senhor Rei Dom João V (de gloriosa memória) teve na sua moléstia	<i>Monarca Augusto, Príncipe adorado</i>	Soneto	Por uma douta pena	No final da composição	Luís Borges de Carvalho?	
117-122	Glossa ao soneto de Camões <i>Sete anos &amp;c</i>	<i>Arde Jacob de sorte que, elevado</i>	Oitavas	Pelo Doutor António Barbosa Bacelar	No final da composição		I, 166-171
123-125	Outra glossa ao mesmo soneto	<i>Em fogo activo mais que o Etna ardente</i>	Oitavas (só 7, não 14)	Por Bacelar	No final da composição		I, 172-174
126	Ao mesmo assunto	<i>Pertendendo Raquel, serrana bela</i>	Soneto	De Bacelar	No final da composição		I, 175
127-134	Cantava uma Dama, e Fábio sem a ver se enamorou só por ouvi-la. Assunto académico	<i>Cuido que são três Semanas</i>	Romance				
135	Soneto (continuação e complemento do poema anterior)	<i>Rompe el aire la voz de oculta Dama</i>	Soneto	De um Académico	No final da composição		
136-138	Romance	<i>¡Qué avarienta de favores</i>	Romance			Violante	I, 425-428
139-141	Mandou Filis a Aónia por oferta de Reis um coração de cristal com guarnição de ouro, em ocasião de queixas e ciúmes. Em resposta da mesma Aónia.	<i>Como estais do coração</i>	Romance			Violante?	
142-144	Romance	<i>Corazón, pues os maltratan</i>	Romance	Por um Anónimo	No final da composição	Violante	I, 428-430
145-147	Romance	<i>Façamos pazes eternas</i>	Romance			Violante	I, 422-425

Páginas	Título	Primeiro verso	Tipo estrófico	Autoria atribuída no <i>Postilhão</i>	Lugar de indicação da autoria	Autoria (outras fontes)	Lugar n' <i>A Fénix</i>
147-149	Romance	<i>Airada Celia con Lauro</i>	Romance			Violante	I, 420-422
150-154	A uma Dama cantando, de quem se enamorou um Galã ouvindo-a, sem a ver	<i>Quis Célia conversação</i>	Romance	Por um Académico	No final da composição		
154-156	Romance	<i>Si vivo en ti transformada</i>	Romance			Violante	I, 418-420
156-158	Romance	<i>Tocad al alma cuidados</i>	Romance				
158-166	Em defesa das mulheres	<i>Dai-me atenção outra vez</i>	Romance	Por um Anónimo	No final da composição		
166-167	Romance	<i>Oh cesen ya los remedios</i>	Romance				
168-188	Fábula de Polifemo e Galatéia	<i>Donde Neptuno com grilhões de argento</i>	Oitavas	Por Jerónimo Baía	Rubrica inicial		I, 215-235
189-191	A F., que perdeu um Cupido de coco que trazia, de que só lhe ficaram as asas	<i>Fazer um Romance quero</i>	Romance			Jerónimo Baía	I, 334-336
192-201	Carta a um amigo, em que lhe dá conta de uma Jornada	<i>Paulo, se novas quereis</i>	Romance			Jerónimo Baía	I, 351-361
202-204	A Santa Isabel Rainha de Portugal  [Mote <i>Quando da guerra espantosa</i> ]	<i>Rendido a lascivo ardor</i>	Décimas			Jerónimo Baía	
204-206	A uma boca ferida	<i>Vossa boca arrebetada</i>	Décimas			Jerónimo Baía	I, 373-374
206-208	Mote <i>Sobo-los rios que vão</i> [e posterior glossa]	<i>Entre amargos desvarios</i>	Décimas			António Barbosa Bacelar	I, 183-185

Páginas	Título	Primeiro verso	Tipo estrófico	Autoria atribuída no <i>Postilhão</i>	Lugar de indicação da autoria	Autoria (outras fontes)	Lugar n' <i>A Fénix</i>
209-210	A um desmaio por causa de uma sangria	<i>Penetrou lanceta dura</i>	Décimas			Jerónimo Baía	I, 375-376
211-232	Mourão restaurado em 29 de Outubro de 1657.  Oitavas oferecidas ao Sr. Joane Mendes	<i>Estas de heróico assunto altas memórias</i>	Oitavas	Por António da Fonseca Soares	Rubrica inicial		
233	Camila Rainha dos Volscos combateo valorosamente a favor de Turno e dos Latinos contra Eneas, e não obstante ter sido por seu pai Metabo dedicada a Diana e por esta Deosa ser cominada a morte a quem a matasse, Aruntes, apanhando-a de improviso, com uma lança lhe atravessou o peito, cujo profundo golpe a privou da vida.	<i>Traspassa Aruntes a Camilia o peito</i>	Soneto				
234	A António de Sousa Macedo. Em louvor do seu livro das Excelências de Portugal	<i>Cuando de Portugal las excelencias</i>	Soneto			Violante	I, 391
235	A uma saudade	<i>Quando se hão-de esperar tão cruéis dores</i>	Soneto	Por um engenho desta Corte	No final da composição		
236	Ao mesmo Assunto	<i>Basta ya, crudo amor, de tiranía</i>	Soneto	Por um engenho desta Corte	No final da composição		

Páginas	Título	Primeiro verso	Tipo estrófico	Autoria atribuída no <i>Postilhão</i>	Lugar de indicação da autoria	Autoria (outras fontes)	Lugar n' <i>A Fénix</i>
237	A Manoel de Faria Severim. Em louvor dos seus discursos	<i>Parar do pensamento o veloz curso</i>	Soneto	Por um Anónimo	No final da composição	Violante	I, 392
238	Mata Aquiles a Heitor, que depois de arrastado junto aos muros de Tróia, é remetido em pedaços para as naos	<i>Acaba a vida, Heitor, pois a ousadia</i>	Soneto	Por um engenho desta Corte	No final da composição		
239	Aos anos do Príncipe Nosso Senhor	<i>Em vós, Augusta nova confiança</i>	Soneto	De Júlio de Melo e Castro	Rubrica inicial		I, 393
240	Namora-se Pigmaleão de uma Estátua de pedra, obra de suas mesmas mãos	<i>Pigmaleão amante se namora</i>	Soneto	Por um engenho desta Corte	No final da composição		
241	Ao Doutor Filipe Maciel, discorrendo sobre a Jurisprudência	<i>Digno Orador do século de Augusto</i>	Soneto	De Bartolomeu Lourenço de Gusmão	Rubrica inicial		I, 394
242	Codro, Rei dos Atenienses, vendo que a ferro e fogo os inimigos destruíam a região de Ática, desconfiando do humano auxílio, perguntou ao Oráculo de Apolo Delfico como se poderia findar aquela tão grave guerra. O qual respondeo que só se ele nela morresse (...)	<i>Procura a morte Codro, porque a vida</i>	Soneto				

Páginas	Título	Primeiro verso	Tipo estrófico	Autoria atribuída no <i>Postilhão</i>	Lugar de indicação da autoria	Autoria (outras fontes)	Lugar n' <i>A Fénix</i>
243	Celebrándose el nombre del Rey N. Señor D. Juan V.	<i>Este obsequio, ó Monarca, que te aclama,</i>	Soneto	Del Visconde de Asseca	Rubrica inicial		I, 395
244	Vence D. Francisco de Almeida os Mouros em Mombaça, e lança por muitas partes fogo à Cidade.	<i>Arda Mombaça, seja assim punido,</i>	Soneto	Por um engenho desta Corte	No final da composição		
245	A uma ausência	<i>Vida que não acaba de acabar-se</i>	Soneto	De uma Anónima	No final da composição	Violante	I, 396
246	Manda Valério Públicola lançar fogo a sua casa, por se presumir, por ele habitar em sítio fortificado e não nomear Cônsul em lugar de Bruto, que se queria fazer Rei de Roma.	<i>Este famoso emprego que exercito</i>	Soneto				
247	À rosa	<i>Pompa de Abril, lisonja dos sentidos</i>	Soneto	De uma Anónima	No final da composição	Violante	I, 397
248	Yéndose la sangre de una sangría	<i>Oh, no reprima, no, peidad, impia</i>	Soneto	De uma Anónima	No final da composição	Violante	I, 398
249	Saudades de Aónio	<i>No remontado cume</i>	[Canção]	Pelo Doutor António Barbosa Bacelar	Rubrica inicial		I, 188-214
275	À morte do Sereníssimo Senhor D. Duarte Infante de Portugal	<i>Já a violência dos fados absolutos</i>	Canção fúnebre [Estrofes de 13 versos]	De António Barbosa Bacelar	No final da composição		I, 176-182

Páginas	Título	Primeiro verso	Tipo estrófico	Autoria atribuída no <i>Postilhão</i>	Lugar de indicação da autoria	Autoria (outras fontes)	Lugar n' <i>A Fénix</i>
281	Oitava de Camões. Égloga V.  [Pode ser, se me viras, que sentiras]	<i>Depois que, amada Silvia, te ausentaste</i>	[Oitavas]	Por um Engenho desta Corte	No final da composição		
285	Jornadas de Lisboa para o Alentejo	<i>Amigo, esta vossa carta</i>	Romance	Por Jerónimo Baía	Rubrica inicial		I, 276-316
324	Apedrejam os Lacedemónios a Licurgo, que muito os amava e lhes tinha dado as mais ajustadas leis: e chega a tanto a ingratição destes bárbaros que, depois de o privarem d' um olho, a tiro de pedras o lançam fora do Reino.	<i>De Esparta me expulsais com tirania</i>	Soneto	De um Anónimo	No final da composição		
325	Ao Menino Jesus chorando	<i>Llorando veo quien reír debiera</i>	Soneto	De Jerónimo Baía	No final da composição		III, 267
326	À morte de Fílis	<i>O mais inconsolável sentimento</i>	Soneto	De uma douta pena	No final da composição		
327	Dama doliente y quejosa	<i>Aunque de mi salud el detrimento</i>	Soneto	De uma Anónima	No final da composição	Violante	I, 399
328	Soneto	<i>¿Qué dicís vós, indigno entendimiento?</i>	Soneto	De uma Anónima	No final da composição	Violante	I, 407
329	Soneto	<i>Prendas de aquella diosa soberana</i>	Soneto	De uma Anónima	No final da composição	Violante	I, 400
330	Soneto	<i>Quem depois de alcançar o que pertende</i>	Soneto	De uma Anónima	No final da composição	Violante	I, 406

Páginas	Título	Primeiro verso	Tipo estrófico	Autoria atribuída no <i>Postilhão</i>	Lugar de indicação da autoria	Autoria (outras fontes)	Lugar n' <i>A Fénix</i>
331	Soneto	<i>Yo tomaré la pluma y de tus glorias</i>	Soneto	De uma Anónima	No final da composição	Violante	I, 401
332	Manda Damasipo degolar a Antístio com o afectado pretexto de fautor das partes de Sila, vendo o qual morto [sic] sua mulher Calpúrnia, com uma espada se traspassa.	<i>Damasipo tirano e enfurecido</i>	Soneto	De uma douta pena	No final da composição		
333	A una ausencia	<i>Quien dice que la ausencia es homicida</i>	Soneto	De uma Anónima	No final da composição	Violante	I, 402
334	Descrição de um bosque	<i>Junto às margens d' um rio caudaloso</i>	Soneto	De um Anónimo	No final da composição		
335	A um desengano	<i>Será brando o rigor, firme a mudança</i>	Soneto	De uma Anónima	No final da composição	Violante	I, 403
336	Mata-se Cleópatra por ver morto Marco António, a quem firmemente amava	<i>A tua infausta morte, António amado</i>	Soneto	Por um Engenho desta Corte	No final da composição		
337	Ao Amado Ausente	<i>Se apartada do corpo a doce vida</i>	Soneto	De uma Anónima	No final da composição	Violante	I, 404
338	Soneto	<i>Que suspensão, que enleio, que cuidado</i>	Soneto	De uma Anónima	No final da composição	Violante	I, 405
339	Tendo Caio Pláucio a funesta notícia de a sua querida consorte ser morta, com uma espada traspassa o peito; e acudindo-lhe os criados, para lhe obviarem a morte, o prendem (...)	<i>Mata-se Pláucio, porque a Parca impia</i>	Soneto	Por um Engenho desta Corte	No final da composição		

Páginas	Título	Primeiro verso	Tipo estrófico	Autoria atribuída no <i>Postilhão</i>	Lugar de indicação da autoria	Autoria (outras fontes)	Lugar n' <i>A Fénix</i>
340	Descrição da Aurora	<i>Como rompe brilhante a roxa Aurora</i>	Soneto	De uma douta pena	No final da composição		
341	Soneto	<i>Se por não me lembrar de um crocodilo</i>	Soneto	De um Anónimo	No final da composição	Violante	I, 408
342	Soneto quadrilíngue	<i>Cerca del claro Tajo la corriente</i>	Soneto	De uma Douta pena	No final da composição		
343	Para obviar os contínuos roubos que em Sicília se faziam, proibio Domicio Ahenobarbo seu Governador com pena de morte que ninguém usasse de lança, e mandando-se-lhe um javali de admirável grandeza, ordenou viesse à sua presença o Pastor que o tinha morto; o qual confessando que para isso usara de lança de caçador, foi logo por ele condenado a perder a vida em um patíbulo. Valerio Max. Lib. 6, c. 3.	<i>Deixa, Domicio, tão injusto intento,</i>	Romance				
347	A um pintassilgo morto por um gato	<i>Vós, Poetas, mas não pobres,</i>	Romance	Por Jerónimo Baía	No final da composição		I, 317-327
356	Ao mesmo assunto	<i>Deixai de cortar os ares</i>	Romance	Pelo mesmo Autor	No final da composição		I, 327-332
363	Romance	<i>Amada prenda del alma</i>	Romance	De uma Poetisa Anónima	No final da composição	Violante	I, 409-411

Páginas	Título	Primeiro verso	Tipo estrófico	Autoria atribuída no <i>Postilhão</i>	Lugar de indicação da autoria	Autoria (outras fontes)	Lugar n' <i>A Fénix</i>
365	A umas saudades	<i>Que me quereis, saudades?</i>	Romance	De Bacelar	No final da composição		I, 185-188
368	Romance	<i>Huid de amor, zagalejas,</i>	Romance	De uma Anónima	No final da composição		I, 411-412
369	A um pintassilgo Que vinha cantar sobre um freixo à vista de um preso	<i>Dize, doce passarinho,</i>	Romance	De Jerónimo Baía	No final da composição		I, 376-379
373	Romance	<i>La falsedad de tu pecho</i>	Romance	De uma Anónima	No final da composição	Violante	I, 412-416
376	Clemena. Idílio	<i>Adorava a Clemena o triste Albano</i>	Oitavas				
382	Canção dedicada ao Santo Tribunal da Inquisição, contra a perfídia Judaicas no roubo do Santíssimo Sacramento que se fez em Santa Engrácia de Lisboa.	<i>Memória monstruosa! Parto horrendo</i>	Canção	Por Marcos da Costa	No final da composição		

408

Aviso de impressão do Eco III (que não chegou a ser publicado)

# APÊNDICE Nº 3

## Estudo quantitativo da relação entre *A Fénix Renascida* e o *Postilhão de Apolo*

**Tabela nº 10 – Estudo quantitativo da relação textual entre *A Fénix Renascida* e o *Postilhão de Apolo***

**Legenda**

F *A Fénix Renascida*  
 P *Postilhão de Apolo*  
 com comum  
 exc exclusivos  
 I a V tomos d' *A Fénix Renascida*

**Colunas**

1 *Fénix*: total  
 2 Textos comuns entre o *Postilhão* e *A Fénix*  
 3 Textos exclusivos do *Postilhão*  
 4 *Postilhão*: total  
 5 Textos totais do tomo I d' *A Fénix*  
 6 Textos comuns entre o tomo I d' *A Fénix* e o *Postilhão*  
 7-14 Mesma coisa que as colunas 5-6, mas referindo-se aos tomos II, III, IV e V d' *A Fénix*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
	<b>Fénix</b>	<b>Postilhão</b>			<b>Fénix vs Postilhão</b>									
	<b>F</b>	<b>P com</b>	<b>P exc</b>	<b>P</b>	<b>FI</b>	<b>P</b>	<b>F II</b>	<b>P</b>	<b>F III</b>	<b>P</b>	<b>F IV</b>	<b>P</b>	<b>F V</b>	<b>P</b>
Jerónimo Baía	166	12	1	13	15	11	37		72	1	42			
António Barbosa Bacelar	116(+1?)	20		20	20	20	62+1?				26		8	
Anónimo	88	11	50	61	2	2	26		33	9	25		2	
Violante do Céu	68	32	1?	32(+1?)	32	32	25						11	
António da Fonseca Soares	42	1	1	1+1							1	1	42	
Francisco de Vasconcelos Cout.	40	1	1	2			7		33	1				
Tomás de Noronha	31												31	
Diego de Monroy e Vasconcelos	24										24			
Jacinto Freire de Andrade	20								20					

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
	Fénix	Postilhão			Fénix vs Postilhão									
	F	P com	P exc	P	FI	P	FII	P	FIII	P	FIV	P	FV	P
D. Francisco Manuel de Melo	9(+1?)								1?		1		8	
Diogo Camacho	4												4	
Tomás de Sousa	4												4	
Bernardo Vieira Revasco	3		1	1					1				2	
Simão Torresão Coelho	2						1						1	
Simão Cardoso	2						2							
Infante D. Luis	2								2					
António Teles	2										2			
António dos Reis	1	1		1	1	1								
Manoel de Azevedo Pereira	1	1		1	1	1								
Júlio de Melo de Castro	1	1		1	1	1								
Bartolomeu Lourenço de Gusmão	1	1		1	1	1								
Visconde de Asseca	1	1		1	1	1								
Duarte Ribeiro de Macedo	1						1							
Conde de Salinas	1						1							
António Alvares da Cunha	1						1							
Francisco Rodrigues Lobo	1										1			
Manoel Pinheiro Arnaut	1										1			
Francisco de Brito Freire	1										1			
Mendo de Foios Pereira	1												1	
Fernão Correa de Lacerda	1												1	
André Rodrigues de Matos	1												1	

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
	Fénix	Postilhão			Fénix vs Postilhão									
	F	P com	P exc	P	FI	P	FII	P	FIII	P	FIV	P	FV	P
André Nunes da Silva	1													1
Manoel de Góes	1													1
João Baptista Henriques	1													1
Luis Simões de Azevedo	1													1
Joseph do Couto Pestana	1													1
Fernão Freire Cita-César	1													1
Francisco Xavier de Menezes			1	1										
Eusébio de Matos			1	1										
António de Barros			1	1										
Gregório de Matos			1	1										
Baltasar Estação			1	1										
Marcos da Costa			1	1										
Luís Borges de Carvalho			1?	1?										
<b>Total de autores identificados</b>	<b>38</b>	<b>10</b>	<b>10/12</b>	<b>17/18</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>0</b>	<b>6</b>	<b>2</b>	<b>9</b>	<b>1</b>	<b>18</b>	<b>0</b>
<b>Total de poemas</b>	<b>645</b>	<b>82</b>	<b>62</b>	<b>144</b>	<b>74</b>	<b>70</b>	<b>164</b>	<b>0</b>	<b>161</b>	<b>11</b>	<b>124</b>	<b>1</b>	<b>122</b>	<b>0</b>
<b>Subtotal de poemas de autores identificados</b>	<b>557</b>	<b>71</b>	<b>12</b>	<b>83</b>	<b>72</b>	<b>68</b>	<b>138</b>	<b>0</b>	<b>128</b>	<b>2</b>	<b>99</b>	<b>1</b>	<b>120</b>	<b>0</b>
<b>Subtotal de poemas que permanecem anónimos</b>	<b>88</b>	<b>11</b>	<b>50</b>	<b>61</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>26</b>	<b>0</b>	<b>33</b>	<b>9</b>	<b>25</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>0</b>

*Obs. Não se incluiu a Introdução Poética e nem o seu autor, o próprio editor Ângelo de Moraes, pois seguimos o critério de contabilizar apenas os textos inseridos no corpo do cancioneiro e não aqueles presentes nos paratextos.*

# BIBLIOGRAFIA

## ESSENCIAL CONSULTADA

- A Fenix Renascida (...) Editor: Matias Pereyra da Silva. Lisboa: António Pedroso Galvão, 1716 a 1728.
- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1971.
- ALI, M. Said. Versificação portuguesa. São Paulo: EDUSP, 1999.
- ALMEIDA, Isabel. Poesia Maneirista. Lisboa: Comunicação, 1998. (Textos Literários; 66).
- ARES MONTES, José. Góngora y la poesía portuguesa del siglo XVII. Madrid, Editorial Gredos, 1956. (Biblioteca románica hispánica. 2. Estudios y ensayos, 26). 259
- BACELAR, António Barbosa. Desafio Venturoso. Org. e pref.: Ana Hatherly. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991. (Amadis,6).
- BAÍA, Jerónimo (Frei). Lampadário de Cristal. Apres. crítica: Ana Hatherly. Lisboa: Comunicação, 1992. (Textos Literários; 61).
- \_\_\_\_\_. Arde o Mar: poesia de Jerónimo Baía n' *A Fénix Renascida*. Org.: Filipe Diez. Santiago de Compostela: Ed. Laiovento, 1999.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes. Os Homens e os Livros (Séculos XVI e XVII). Lisboa: Verbo, 1971.
- \_\_\_\_\_. Frei António das Chagas. Um Homem e um Estilo do Séc. XVII. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1953
- BELTRÁN, Vicenç, “Tipología y génesis de los cancioneros. Las grandes compilaciones y los sistemas de clasificación”, *Cultura Neolatina*, ano LV, 1995, pp. 233-265.
- BLUTEAU, Raphael. Vocabulario Portuguez, & Latino, Aulico Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico . Lisboa: Pascoal da Silva, 1712 a 1728.
- CASTRO, Aníbal Pinto de. Os Códigos Poéticos em Portugal do Renascimento ao Barroco. Seus fundamentos. Seus conteúdos. Sua evolução. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1984.
- CASTRO, Ivo, “Contribuição para a bibliografia de Frei Jerónimo Baía”, *Claro-Escuro*, 1, 1988, pp. 93-105.
- \_\_\_\_\_, RAMOS, Maria Ana. “Estratégia e tática da transcrição”. In: Actes du Colloque Critique Textuelle Portugaise (Paris, 1981), Paris: Centre Culturel Portugais, 1986.
- CERDAN, Francis. Un imitateur portugais de Gongora: Frei Jerónimo Baía. In: Revista Sillages. Poitiers: Université de Poitiers, 1973/2, p. 7-43.

- CÉU, Violante do. *Rimas Várias*. Int., notas e fixação do texto de Margarida Vieira Mendes. Lisboa: Presença, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Parnaso Lusitano de divinos e humanos versos*. Lisboa: Off. Miguel Rodrigues, 1733, 2 v.
- CIDADE, Hernâni. *A Poesia Lírica Cultista e Conceptista*. Lisboa: Seara Nova, 1942.
- FARIA E SOUSA, Manuel. *Rimas Várias de Luís de Camões comentadas por [...]*. Reprodução fac-similada da edição de 1685, 2v. Lisboa: IN-CM, 1972.
- GRACIÁN, Baltasar. *Arte de ingenio, Tratado de la Agudeza*. (Edición de Emilio Blanco). Madrid: Catedra: Letras Hispánicas, 1998.
- HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria de Estado de Cultura, 1989.
- HATHERLY, Ana, *Poesia Incurável*, Lisboa: Estampa, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O Ladrão cristalino: aspectos do imaginário barroco*. Lisboa: Ed. Cosmos, 1997. (Coleção Literatura, 14).
- \_\_\_\_\_. *A Experiência do Prodígio: bases teóricas e antologia de textos-visuais portugueses dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983. (Temas Portugueses).
- LOBO, Francisco Rodrigues. *Poesia de Rodrigues Lobo*. (Apres. Crítica: Luís Miguel Nava). Lisboa: Ed. Comunicação, 1985. (Textos Literários, 45).
- \_\_\_\_\_. *Corte na Aldeia*. 3a . ed. Lisboa: Sá da Costa, 1972. (Coleção Clássicos).
- LUND, Christopher. *Fr. Jerónimo Baía and the Semantics of Wit*. In: *Arquivos do Centro Cultural Português*. Vol.XXI. Lisboa-Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985, p. 399-439.
- MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa: Inácio Rodrigues, 1741 a 1758.
- MARAVALL, José Antonio. *A Cultura do Barroco: análise de uma estrutura histórica*. São Paulo: EDUSP, 1997. (Clássicos; 10).
- MATOS, Gregório de, 1633-1669. *Obras Completas*. (Crônica do Viver Baiano Seiscentista) – Ed. James Amado. 4a . ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- MELO, D. Francisco Manuel de. *A Tuba de Calíope*. São Paulo: Brasiliense/EDUSP, 1988.
- \_\_\_\_\_. *As Segundas Três Musas*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1945.
- \_\_\_\_\_Hospital das Letras. Rio de Janeiro: Bruguera, s/d.
- PIRES, Maria Lucília Gonçalves. *Xadrez de Palavras: Estudos de Literatura Barroca*. Lisboa: Cosmos, 1996. (Literatura, 10).
- *Poetas do Período Barroco*. (Apres. crítica, seleção, notas e sugest. análise liter. de Maria Lucília G. Pires). Lisboa: Ed. Comunicação, 1985. (Textos Literários; 41).
- *Poesia Seiscentista – Fênix Renascida & Postilhão de Apolo*. Org. Alcir Pécora; intr. João Adolfo Hansen, 1a. ed.. São Paulo: Hedra, 2002.

- RIGALL, Juan Casas. *Agudeza y Retórica en la Poesía Amorosa de Cancionero*. Santiago de Compostela: Universidad de S. Compostela, 1995.
- SANTILLI, Maria Aparecida e SPINA, Segismundo. *Apresentação da Poesia Barroca Portuguesa*. Assis: Instituto de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo, 1967.
- SARAIVA, Antonio José. *O Discurso Engenhoso: estudos sobre Vieira e outros autores barrocos*. São Paulo: Perspectiva, 1980. (Coleção Debates, 124).
- SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860 a 1885.
- SOBRAL, Luís de Moura. *Pintura e poesia na época barroca*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. (Teoria da Arte, 12).
- VILLARI, Rosario et al. *El hombre barroco*. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

# ÍNDICE

## DE PRIMEIROS VERSOS

### Índice de primeiros versos do Eco I

PRIMEIRO VERSO	PÁGINA
<i>À Rainha das aves provocando</i>	263
<i>Adonde o manso Tejo a clara enchente</i>	262
<i>Amenos campos, trémolos verdes</i>	278
<i>Aquí yace sin luz el sol de Avero</i>	308
<i>Bárbaro, iníquo e indecoroso intento</i>	268
<i>Belisa, el amistad es un tesoro</i>	310
<i>Com ar madrugada a flor mais engraçada</i>	269
<i>Com os raios brilhantes que espalhava</i>	361
<i>Como está toda a terra escurecida!</i>	260
<i>Como se vê no Aéreo firmamento</i>	272
<i>Dourava o sol com belos resplandores</i>	33
<i>Em um vale adornado</i>	239
<i>En vano, oh Filis, ese acero, en vano</i>	273
<i>Enfim mereci ver-te, ó Tejo amado</i>	223
<i>Enquanto às Leis de amor não fui sujeito</i>	274
<i>Era do ano a estação primeira</i>	1
<i>Era na meia idade, a que chegava</i>	171
<i>Espelho de cristal das Ninfas eras</i>	229
<i>Esta Donzela, que admirais formosa,</i>	266
<i>Flamante inundación, golfo dorado</i>	271
<i>Formoso Tejo meu, tristes suspiros</i>	234
<i>Glória do amor, que breve que feneces!</i>	277
<i>Heróes famosos, que animosamente</i>	264
<i>Já de Pomona os campos matizados</i>	276

<b>PRIMEIRO VERSO</b>	<b>PÁGINA(S)</b>
<i>Já, Musa, os meus cabelos prateados</i>	366
<i>Meu Dom Francisco de Sousa,</i>	321
<i>Morre Carondas, porque mais se apura</i>	280
<i>Musas que no jardim do Rei do dia,</i>	307
<i>Na mais cruel tristeza sepultado</i>	270
<i>Não canto as armas, canto a gentileza</i>	314
<i>No Régio Trono, no Sólido primitivo</i>	246
<i>No verdor da floresta deleitosa</i>	275
<i>Ó tu, que oposto sempre à dura Parca</i>	313
<i>Os portugueses peitos não domados</i>	298
<i>Ostenta la mayor soberanía</i>	306
<i>Podeis desafiar com bizarria</i>	252
<i>Que alegre pendurado de um raminho</i>	279
<i>Que fazes nestes bosques, meu Fileno?</i>	151
<i>Que logras, Portugal? Um Rei perfeito</i>	311
<i>Quem vos mostra mudada a bizarria</i>	256
<i>Querida prima minha, alma ditosa</i>	219
<i>Se deseja mais mundos arrogante</i>	267
<i>Se, invicto Conde, a Musa, a voz, o acento</i>	281
<i>Si como admiro en vós lo que en vós miro</i>	309
<i>Tañía Clori hermosa, y la escuchaba</i>	261
<i>Um só pesar, Senhor, sente a vontade</i>	312
<i>Vano viviente, irracional alado,</i>	265

## Índice de primeiros versos do Eco II

<b>PRIMEIRO VERSO</b>	<b>PÁGINA(S)</b>
<i>A tua infausta morte, António amado</i>	336
<i>À vista daquele amoroso alarde</i>	103
<i>A Vós, ó Virgem pura, luz radiante</i>	108
<i>Acaba a vida, Heitor, pois a ousadia</i>	238
<i>Adorava a Clemena o triste Albano</i>	376
<i>Airada Celia con Lauro</i>	147
<i>Al Cielo, de la tierra despedida</i>	110
<i>Amada prenda del alma</i>	363
<i>Amigo, esta vossa carta</i>	285
<i>Amor sublime, eterno e incompreensível</i>	107
<i>Arda Mombaça, seja assim punido,</i>	244
<i>Arde Jacob de sorte que, elevado</i>	117
<i>Aunque de mi salud el detrimento</i>	327
<i>Basta ya, crudo amor, de tiranía</i>	236
<i>Cerca del claro Tajo la corriente</i>	342
<i>Clara Luz, cuja excelsa formosura</i>	109
<i>Como estais do coração</i>	139
<i>Como rompe brilhante a roxa Aurora</i>	340
<i>Contra Flora aos suspiros fugitiva</i>	114
<i>Corazón, pues os maltratan</i>	142
<i>Cuando de Portugal las excelencias</i>	234
<i>Cuido que são três Semanas</i>	127
<i>Dai-me atenção outra vez</i>	158
<i>Damasipo tirano e enfurecido</i>	332
<i>De Esparta me expulsais com tirania</i>	324
<i>De verdes plantas, de brilhantes flores</i>	16
<i>Deixa, Domício, tão injusto intento,</i>	343
<i>Deixai de cortar os ares</i>	356
<i>Depois que, amada Sílvia, te ausentaste</i>	281

<b>PRIMEIRO VERSO</b>	<b>PÁGINA(S)</b>
<i>Detém a mão infamemente armada</i>	111
<i>Digno Orador do século de Augusto</i>	241
<i>Divina Virgen, Celestial María</i>	106
<i>Dize, doce passarinho,</i>	369
<i>Do verso o inventor nascido em Delos</i>	1
<i>Donde Neptuno com grilhões de argento</i>	168
<i>Em fogo activo mais que o Etna ardente</i>	123
<i>Em sangue honradamente derramado</i>	102
<i>Em vós, Augusta nova confiança</i>	239
<i>Entre amargos desvarios</i>	206
<i>Era o tempo em que pálido retrata</i>	22
<i>Essa que vês, errante peregrino</i>	88
<i>Estas de heróico assunto altas memórias</i>	211
<i>Este famoso emprego que exercito</i>	246
<i>Este obsequio, ó Monarca, que te aclama,</i>	243
<i>Fábio, neste dos séculos abrigo</i>	89
<i>Façamos pazes eternas</i>	145
<i>Fazer um Romance quero</i>	189
<i>Fragrante Rosa em Jericó plantada</i>	104
<i>Huid de amor, zagalejas,</i>	368
<i>Já a violência dos fados absolutos</i>	275
<i>Já da horrísona tuba o repetido</i>	73
<i>Já tem princípio o tempo apetecido</i>	11
<i>Junto às margens d' um rio caudaloso</i>	334
<i>La falsedad de tu pecho</i>	373
<i>Llorando veo quien reír debiera</i>	325
<i>Mata-se Pláucio, porque a Parca impia</i>	339
<i>Memória monstruosa! Parto horrendo</i>	382
<i>Monarca Augusto, Príncipe adorado</i>	116
<i>Morre João por ódio, mas de sorte</i>	105
<i>No remontado cume</i>	249

<b>PRIMEIRO VERSO</b>	<b>PÁGINA(S)</b>
<i>O mais inconsolável sentimento</i>	326
<i>Oh cesen ya los remedios</i>	166
<i>Oh, no reprima, no, peidad, impía</i>	248
<i>Parar do pensamento o veloz curso</i>	237
<i>Paulo, se novas quereis</i>	192
<i>Penetrou lanceta dura</i>	209
<i>Pertendendo Raquel, serrana bela</i>	126
<i>Pigmaleão amante se namora</i>	240
<i>Pompa de Abril, lisonja dos sentidos</i>	247
<i>Prendas de aquella diosa soberana</i>	329
<i>Procura a morte Codro, porque a vida</i>	242
<i>Quando se hão-de esperar tão cruéis dores</i>	235
<i>Que me quereis, saudades?</i>	365
<i>Que suspensão, que enleio, que cuidado</i>	338
<i>¡Qué avarienta de favores</i>	136
<i>¿Qué dicís vós, indigno entendimiento?</i>	328
<i>Quem depois de alcançar o que pertende</i>	330
<i>Quien dice que la ausencia es homicida</i>	333
<i>Quis Célia conversação</i>	150
<i>Rendido a lascivo ardor</i>	202
<i>Rompe el aire la voz de oculta Dama</i>	135
<i>Saudades de meu bem, que noite e dia</i>	112
<i>Se apartada do corpo a doce vida</i>	337
<i>Se por não me lembrar de um crocodilo</i>	341
<i>Senhor, mostrais, vencendo a tempestade</i>	101
<i>Será brando o rigor, firme a mudança</i>	335
<i>Si vivo en ti transformada</i>	154
<i>Sinto-me, sem mentir, todo abrasado</i>	115
<i>Tocad al alma cuidados</i>	156
<i>Traspassa Aruntes a Camília o peito</i>	233
<i>Travessos olhos, que na travessia</i>	113

<i>Vida que não acaba de acabar-se</i>	245
<i>Vós, Poetas, mas não pobres,</i>	347
<i>Vossa boca arrebetada</i>	204
<i>Yo tomaré la pluma y de tus glorias</i>	331

# ÍNDICES

## DE POEMAS

### Índice de poemas do Eco I

#### PÁG. TÍTULO

267	A Alexandre. Chorando porque ouviu dizer que havia mais mundos
261	A Clori, que tocando una cítara hizo morir un Cisne
307	A Dona Mariana de Luna
311	A El-Rei D. João IV.
273	A F. com uma espada na mão
269	A F., que morreo de ar
274	A Fílis
271	A la hermosura de un cabello
308	A la muerte de la Señora Duquesa de Averro
309	A la Señora Condesa de Penaguián
306	A la Señora Condessa da Vidigueira, Vestida de pardo por la ausencia del Conde
279	A um pássaro cantando
310	A una amiga
263	Aludindo ao que diz Eliano (lib. 14, cap. 23): que o Cisne vence a Águia, se esta o desafia
239	Amante desprezado. Idílio
246	Ao Conde de Val de Reis, sendo Regedor das Justiças
313	Ao Doutor Duarte Madeira Arraes
219	Ao mesmo assunto, glossa da oitava de Camões [Estavas, linda Inês, posta em sossego]
312	Ao mesmo Senhor D. João IV
229	Ao mesmo soneto. Outra glossa
234	Ao mesmo soneto. Outra glossa
275	Ao seu cuidado
277	Aos gostos breves do Mundo <sup>7</sup>

**PÁG. TÍTULO**

- 281 Aplauso da gloriosa vitória das linhas de Elvas, alcançada em 14 de Janeiro de 1659.  
Panegírico ao Excelentíssimo Senhor D. António Luís de Menezes, Conde de Cantanhede
- 314 Canto épico e encomiástico em que se descrevem Soberanias, Altivezas e Suavidades da  
Voz, Discrição e Formosura da Senhora D. Florência, Religiosa em certo Mosteiro
- 280 Com pena de morte proibio Carondas Túrio que nenhum Ateniense armado de espada (...)
- 272 Descrição da Aurora
- 260 Descrição da noite
- 276 Descrição da Primavera
- 262 Descrição de um prado
- 278 Descrição do Campo
- 264 Desejando na sanguinolenta batalha de Canas os mais nobres mancebos desamparar Itália,  
Escipião Africano com a sua autoridade os impedio. Fala com eles
- 151 Égloga na morte do Senhor D. Miguel, filho d' El-Rei D. Pedro II, que em 23 de Janeiro de  
1724 naufragou no Tejo
- 361 Égloga pastoril
- 1 Introdução poética
- 321 Jornadas
- 268 Mata Júnio Bruto seus filhos e sobrinhos, por se terem conjurado com os Aquílios e Vitélios  
para meterem em Roma os Tarquínios
- 256 Pelos mesmos consoantes. Aplicando-as a um Cadáver
- 270 Proíbe Omílio Escauro que venha à sua presença seu filho, por ter desamparado a Fortaleza  
que regia, de cuja acção ele sentido voluntariamente se mata
- 252 Retrato de uma Dama
- 171 Sentimentos de D. Pedro e de D. Inês de Castro
- 366 Solilóquio de um pecador prostrado aos pés de um Cristo crucificado
- 223 Soneto de Francisco Rodrigues Lobo [*Formoso Tejo meu, quão diferente*]  
[glosado por Bacelar]
- 33 Triunfo Régio recopilado em uma epanáfora poética, em que se descrevem os fastos que os  
habitantes da Vila de Setúbal dedicaram ao Senhor Rei D. João V (...)
- 266 Venceo Escipião a nova Cartago no mesmo dia em que a ela chegou, e havendo ali uma  
muito gentil Donzela (...)

**PÁG. TÍTULO**

298 Vida de um estudante pobre

265 Voando uma borboleta junto aos olhos de F.

### PÁG. TÍTULO

234	A António de Sousa Macedo. Em louvor do seu livro das Excelências de Portugal
109	À Conceição de Nossa Senhora
189	A F., que perdeu um Cupido de coco que trazia, de que só lhe ficaram as asas
106	A la Virgen de Guadalupe
102	A Lucrecia romana
237	A Manoel de Faria Severim. Em louvor dos seus discursos
111	À morte de Diogo Lopes da França, que morreu degolado
326	À morte de Fílis
275	À morte do Sereníssimo Senhor D. Duarte Infante de Portugal
104	A Nossa Senhora do Rosário
11	À Primavera. Idílio
247	À rosa
202	A Santa Isabel Rainha de Portugal
103	A São Pedro quando negou a Cristo
114	A um deamaio
335	A um desengano
209	A um desmaio por causa de uma sangria
347	A um pintassilgo morto por um gato
369	A um pintassilgo que vinha cantar sobre um freixo à vista de um preso
115	A uma ausência
245	A uma ausência
204	A uma boca ferida
150	A uma Dama cantando, de quem se enamorou um Galã ouvindo-a, sem a ver
235	A uma saudade
112	A umas saudades
365	A umas saudades
333	A una ausencia
113	A uns olhos tortos
89	À vaidade do mundo. Tercetos moraes

**PÁG. TÍTULO**

110	Al prodigioso tránsito de la Virgen Señora Nuestra
337	Ao Amado Ausente
107	Ao amor do Menino Deos nascido
241	Ao Doutor Filipe Maciel, discorrendo sobre a Jurisprudência
325	Ao Menino Jesus chorando
126	Ao mesmo assunto
236	Ao mesmo Assunto
356	Ao mesmo assunto
105	Ao Padre António Vieira pregando na Degolação de São João Baptista
239	Aos anos do Príncipe Nosso Senhor
324	Apedrejam os Lacedemónios a Licurgo, que muito os amava e lhes tinha dado as mais ajustadas leis (...)
116	Às melhoras que o Senhor Rei Dom João V (de gloriosa memória) teve na sua moléstia
233	Camila Rainha dos Volscos combateo valorosamente a favor de Turno e dos Latinos contra Eneas e (...) Aruntes, apanhando-a de improviso, com uma lança (...) a privou da vida
382	Canção dedicada ao Santo Tribunal da Inquisição, contra a perfídia Judaicas no roubo do Santíssimo Sacramento que se fez em Santa Engrácia de Lisboa.
127	Cantava uma Dama, e Fábio sem a ver se enamorou só por ouvi-la. Assunto académico
192	Carta a um amigo, em que lhe dá conta de uma Jornada
243	Celebrándose el nombre del Rey N. Señor D. Juan V.
376	Clemina. Idílio
242	Codro, Rei dos Atenienses, vendo que a ferro e fogo os inimigos destruíam a região de Ática, desconfiando do humano auxílio, perguntou ao Oráculo de Apolo Delfico (...)
327	Dama doliente y quejosa
340	Descrição da Aurora
334	Descrição de um bosque
158	Em defesa das mulheres
101	Entrando na Corte o Senhor Rei Dom João V (de gloriosa memória) com os Sereníssimos Príncipe e Princesa do Brasil, nossos Senhores, serenou o dia (...)
88	Epitáfio na sepultura de Lídia
168	Fábula de Polifemo e Galatéia

## PÁG. TÍTULO

- 117 Glossa ao soneto de Camões *Sete anos &c*
- 285 Jornadas de Lisboa para o Alentejo
- 16 Laura. Égloga
- 332 Manda Damasipo degolar a Antístio com o afectado pretexto de fautor das partes de Sila, vendo o qual morto sua mulher Calpúrnia, com uma espada se traspassa.
- 246 Manda Valério Públicola lançar fogo a sua casa, por se presumir (...) que se queria fazer Rei de Roma
- 139 Mandou Fílis a Aónia por oferta de Reis um coração de cristal com guarnição de ouro, em ocasião de queixas e ciúmes. Em resposta da mesma Aónia
- 238 Mata Aquiles a Heitor, que depois de arrastado junto aos muros de Tróia, é remetido em pedaços para as naos
- 336 Mata-se Cleópatra por ver morto Marco António, a quem firmemente amava
- 206 Mote *Sobo-los rios que vão* [e posterior glosa]
- 211 Mourão restaurado em 29 de Outubro de 1657. Oitavas oferecidas ao Sr. Joane Mendes
- 240 Namora-se Pigmaleão de uma Estátua de pedra, obra de suas mesmas mãos
- 281 Oitava de Camões. Égloga V. [*Pode ser, se me viras, que sentiras*]
- 123 Outra glossa ao mesmo soneto
- 1 Pambasília de Apolo. Prólogo académico
- 343 Para obviar os contínuos roubos que em Sicília se faziam, proibio Domício Ahenobarbo seu Governador com pena de morte que ninguém usasse de lança (...)
- 108 Pedindo-se uma mercê a Nossa Senhora
- 136 Romance
- 142 Romance
- 145 Romance
- 147 Romance
- 154 Romance
- 156 Romance
- 166 Romance
- 363 Romance
- 368 Romance
- 373 Romance

**PÁG. TÍTULO**

249	Saudades de Aónio
73	Saudades de Lídia e Armido
22	Saudades de Lídia e Armido. Canto heróico
328	Soneto
329	Soneto
330	Soneto
331	Soneto
338	Soneto
341	Soneto
135	Soneto (continuação e complemento do poema anterior)
342	Soneto quadrilíngue
339	Tendo Caio Plácio a funesta notícia de a sua querida consorte ser morta, com uma espada traspassa o peito; e acudindo-lhe os criados, para lhe obviarem a morte, o prendem (...)
244	Vence D. Francisco de Almeida os Mouros em Mombaça, e lança por muitas partes fogo à Cidade
248	Yéndose la sangre de una sangría

# ÍNDICE DE AUTORES

Foram assinaladas sob fundo amarelo as atribuições duvidosas.

<b>AUTOR(A)</b>	<b>TOMO E PÁG.</b>
Anónimo	I, 33 I, 239 I, 246 I, 260 I, 261 I, 262 I, 263 I, 264 I, 265 I, 266 I, 267 I, 268 I, 269 I, 270 I, 271 I, 272 I, 273 I, 274 I, 276 I, 278 I, 279 I, 280 I, 298 I, 314 I, 361 II, 1 II, 11 II, 16 II, 22 II, 88 II, 101 II, 106 II, 108 II, 109 II, 110 II, 127 II, 135 II, 150 II, 158 II, 166 II, 233 II, 235 II, 236 II, 238 II, 240 II, 242 II, 244 II, 246 II, 281 II, 324 II, 326 II, 332 II, 334 II, 336 II, 339 II, 340 II, 342 II, 343 II, 376
António Barbosa Bacelar	I, 219 I, 223 I, 229 I, 234 II, 73 II, 103 II, 105 II, 111 II, 112 II, 113 II, 114 II, 115 II, 117 II, 123 II, 126 II, 206 II, 249 II, 275 II, 365 II, 102
António da Fonseca Soares	I, 281 II, 211
António de Barros	I, 366
António dos Reis	I, 1
Baltasar Estaço	II, 107
Bartolomeu L. de Gusmão	II, 241
Bernardo Vieira	I, 256
Eusébio de Matos	I, 252
Fco. de Vasconcelos C.	I, 275 I, 277 II, 89
Fco. Xavier de Menezes	I, 151
Gregório de Matos	II, 104
Jerónimo Baía	I, 321 II, 168 II, 189 II, 192 II, 202 II, 204 II, 209 II, 285 II, 325 II, 347 II, 356 II, 369
Júlio de Melo e Castro	II, 239
Luís Borges de Carvalho	II, 116
Manoel de Azevedo Pereira	I, 171

<b>AUTOR(A)</b>	<b>TOMO E PÁG.</b>
Marcos da Costa	II, 382
Violante do Céu	I, 306 I, 307 I, 308 I, 309 I, 310 I, 311 I, 312 I, 313 II, 136 II, 142 II, 145 II, 147 II, 154 II, 156 II, 234 II, 237 II, 245 II, 247 II, 248 II, 327 II, 328 II, 329 II, 330 II, 331 II, 333 II, 335 II, 337 II, 338 II, 341 II, 363 II, 368 II, 373
Visconde de Asseca	II, 243

# ÍNDICE

## GERAL

**1 Dedicatórias**

**2 Agradecimentos**

**4 Resumo / Resumen / Abstract**

**6 INTRODUÇÃO**

6 §1. Um olhar crítico face à tradição crítica

8 §2. A nossa proposta de tese

10 §3. Breve história de um naufrágio (e de uma tentativa de resgate)

**12 CAPÍTULO I – SOBRE A NOSSA EDIÇÃO. Estado material do cancioneiro, realidade textual e critérios de intervenção**

12 §4. Estado físico do Cancioneiro

14 §5. Realidade textual do Cancioneiro

27 §6. Princípios ecdóticos da nossa intervenção

28 §7. Critérios de edição textual

**46 CAPÍTULO II – ESTUDOS. Filiação do cancioneiro, fichas biobibliográficas, estudo linguístico e micrologia literária**

46 §8. A relação entre *A Fénix* e o *Postilhão*

50 §9. Breve notícia bio-bibliográfica dos autores identificados

58 §10. Estudo linguístico

65 §11. Micrologia literária (tabelas nº 1 e nº 2)

**154 CONCLUSÕES. Alguns pontos de chegada e várias hipóteses de trabalho**

## **157 APÊNDICES**

- 157 Apêndice nº 1. Tabelas comparativas d' *A Fénix Renascida* com o *Postilhão de Apolo* (tabelas nº 3 à nº 7)  
214 Apêndice nº 2. Tabelas comparativas do *Postilhão de Apolo* com *A Fénix Renascida* (tabelas nº 8 e nº 9)  
232 Apêndice nº 3. Estudo quantitativo da relação entre *A Fénix Renascida* e o *Postilhão de Apolo* (tabela nº 10)

## **235 BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL CONSULTADA**

## **238 ÍNDICES**

- 238 ÍNDICE DE PRIMEIROS VERSOS  
244 ÍNDICE DE POEMAS  
251 ÍNDICE DE AUTORES  
253 ÍNDICE GERAL

# ***Postilhão de Apolo: edição e estudo***

**Filipe Antonio Fernández Diez**

**Tese de doutoramento**

**Diretor, orientador e tutor da tese: Prof. Dr. Carlos Paulo Martínez Pereiro**

**Programa de 3º Ciclo: Estudos lingüísticos e literarios no ámbito galego-portugués**



**UNIVERSIDADE DA CORUÑA**

**2015**

**Volume II de III**



O Grande Luis de Camoens, laureado no Parnazo por  
Principe dos Poetas.

Mig. Le. Bouteux f. 1761.

E C O S  
QUE O CLARIM DA FAMA DÁ:  
P O S T I L H ã O  
D E A P O L O

MONTADO NO PÉGASO, GIRANDO  
o Universo, para divulgar ao Orbe literário as peregrinas  
flores da Poesia Portuguesa, com que vistosamente se  
esmaltam os jardins das Musas do Parnaso.

ACADEMIA UNIVERSAL:

*Em a qual se recolhem os cristaes mais pu-  
ros que os famigerados Engenbos Lusit-  
anos beberam nas fontes de Hipocre-  
ne, Helicon e Aganipe.*

E C O I  
DEDICADO  
AO NOSSO FIDELÍSSIMO MONARCA

D. JOSÉ I.

POR  
JOSÉ MAREGELO DE OSAN.

L I S B O A:  
Na Oficina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA:  
Ano de MDCCLXII

*Com todas as licenças necessárias.*

---

i Mantivemos a forma não contraída do original. Para um caso idêntico e a anotação doutros similares, veja-se a nota ao v. 3541.

[Página em branco no original.]

# DEDICATÓRIA.

**P** Rostrado a vossos pés, senhor, ofereço

O fruto que atéquã<sup>ii</sup> tenho colhido  
Do meu trabalho, e sendo recebido  
Por Vós, terei o prémio que apeteço.

Não ser oferta própria reconheço  
Tudo o que é nestes versos incluído;  
E quando nada tenham merecido,  
Eu a vossa atenção não desmereço.

V

O meu gosto seria ter-vos dado  
O recreio maior, a maior glória:  
Porém o meu intento foi frustrado.

X

Mas posso ter ao menos a vanglória  
Que o vosso Augusto Nome aqui gravado  
Me fará digno de imortal memória.

---

ii Casos de amálgamas semelhantes são registados nas notas aos vv. 711, 3345, 5848 e 8333.

[Página em branco no original.]

# PRÓLOGO.

P	Arece lei, e passa a ser costume,	XV
	Que em reverência de qualquer volume	
	Que com parto jucundo	
	Sae do ventre do prelo à luz do mundo,	
	E na berlina que lhe doura o ferro,	
	Coberta de carneira ou de bezerro,	XX
	Corre sem descansar por vários modos,	
	Servindo-lhe de pés as mãos de todos;	
	Que um Prólogo adiante	
	Traga em lugar de archote bem flamante,	
	Que lhe venha aclarando	XXV
	O <i>quis, quibus e quid, quomodo e quando</i> <sup>iii</sup> ,	
	Inda <sup>iv</sup> que esteja claro quanto encerra	
	E tenha o livro o fruto à flor da terra.	
	Também do dito Prólogo a elegância	
	Tem outra circunstância,	XXX
	Que é a posse pacífica que goza	
	De não ser nunca em verso, sempre em prosa.	
	Item, que o Leitor sempre sem desvio	
	Benévolo há-de ser, e há-de ser pio,	
	E inda <sup>v</sup> que com Herodes aparente,	XXXV
	Sempre há-de ser de Eneas descendente:	
	Por isso, sem perigo,	
	Há-de chamar ao seu Leitor amigo,	

---

iii O itálico é do original.

iv Forma com aférese. Veja-se a nota ao v. 676.

v Idem.

Que assim foi sempre usado, Quer seja, ou não, seu sogro ou seu cunhado, Ou nas noites passadas Lhe matasse seu pai às punhaladas. Pois tratá-lo de tu nunca lhe esquece, Como se desde a escola o conhecesse	XL
E ambos n' um Mestre andassem, Podendo mui bem ser que o tu tirano Topar fosse c' um Rei mui desumano, Que ele não conhecesse, Nem saiba <i>que</i> tal Rei no mundo houvesse; Porque um Livro volante	XLV
Corre, sem que lhe ponham o pé diante, E como por dinheiro se reparte, Chegar pode o tal livro a toda a parte Aonde houver dinheiro, sem desdouro, Em ouro, ou prata, ou cobre, e ainda em couro.	L
Narrar também o Prólogo se obriga Do trabalho que teve, e da fadiga, Em escarafunchar tanta memória Guardada nos arquivos Por dar à pátria glória, Bom nome aos mortos e melhor fama aos vivos.	LV
Isto nunca se escusa, Que nos Prólogos todos assim se usa, O pedir a quem ler que não censure Antes de ler, e que depois murmure	LX  LXV

Também está bem posto,  
 E aquilo de escrever por dar-lhe gosto;  
 Isto, e mil cousas<sup>vi</sup> boas,  
 Umás palavras são<sup>vii</sup> tabelioas  
 Em frase costumada, LXX  
 Que todas valem pouco mais de nada.  
 Temos Prólogo, sim, mas diferente,  
 E não lá como o escreve a outra gente.  
 Primeiramente, seja este em verso,  
 Que a clara Musa canta: LXXV  
 Saiba-se no Universo  
 Que outro valor mais alto se levanta;  
 E neste grande caso,  
 Não fazemos da Prosa nenhum caso,  
 Porque sem alboroto<sup>viii</sup> LXXX  
 Em prosa fala ali qualquer maroto;  
 Sem ser cousa<sup>ix</sup> donosa,  
 Em prosa fala a Dama mais formosa,  
 E esta tal formosura  
 Se está na mor altura, LXXXV  
 Bem que da discrição ande na escola,  
 Se é formosa, está dito, há ser tola;  
 E a criança de mama sem ser gente,  
 Pai e mãe chama em prosa balbuciente;  
 E os rapazes às amas, sem cortejo, XC  
 Também em prosa pedem pão com queijo.  
 As prosas finalmente aqui se calam,  
 Por ser idioma em que todos falam.

---

vi Cfr. nota ao v. 99.

vii Mantivemos a leitura original; porém, “*tão*” também seria possível.

viii Variante de “*alvoroto*”.

ix Veja-se a nota vi.

Aqui mais culta frase procuramos, Por isso em verso agora prologamos. Pois amigo ao Leitor também não chamo, Inda <sup>x</sup> que a todos amo, Porque ou distante ou próximo ele seja, Faço o que manda a santa Madre Igreja: E ainda que inimigo o encontrara, Por fé talvez que a um inimigo amara; Porque me não dissesse o Evangelho Que nem de graça tomo o seu conselho. Tratar de tu o Leitor é grosseria, Não me ensinaram tanta cortesia: Há-de aqui ser tratado Conforme o seu estado. Se for Religioso, com decência, Digo que lea su <sup>xi</sup> Reverência; Pois a Reverendíssima, que se usa, Não lha quer aqui dar a minha Musa. Se for Capucho, pode ler Vossade, A tudo o mais lhe dou Paternidade. Se for Leigo, lhe digo sem afrontas Que não lea, que reze pelas contas, Porque o ler lhe é vedado, Bem que dê pelo livro o seu cruzado. Se for Conimbricense bom estudante, Lea senhor Doutor, será bastante; Se for homem sem outro sobrescrito, Lea Vossa Mercê, e tenho dito;	<p>XCXV</p> <p>C</p> <p>CV</p> <p>CX</p> <p>CXV</p> <p>CXX</p>
---	--

---

x Veja-se a nota iv.

xi Forma arcaica do possessivo.

Se for pelão, com o mesmo se contente,  
 E não seja insolente  
 Querendo a senhoria  
 Que se reserva para a fidalguia; CXXXV  
 E a da meia tigela  
 Também aproveitar-se pode dela.  
 Com os criados da casa,  
 Com quem gente mui boa não faz vaza,  
 E com os Títulos, tenho conveniências CXXX  
 Para dizer-lhes: leam Vosselências.  
 Aos Príncipes não mando,  
 Que eu não sou atrevido, nem zombando,  
 E se me ponho a jeito, CXXXV  
 Só mando que lhes peço o meu respeito.  
 Que há-de um vilão roim, há-de um magano  
 Mandar ler a um Monarca soberano!  
 E pelo atrevimento  
 Ninguém lhe dá c' um pao! Dera-lhe eu cento.  
 Não reparam que taes facilidades CXL  
 São heresias contra as Majestades?  
 E herege da política obstinado  
 Merece em auto público queimado<sup>xii</sup>.  
 Diverso tratamento  
 Terão as Damas de alto firmamento, CXLV  
 Que a habitação do Céu às taes senhoras  
 Divinas as faz ser em poucas horas;  
 E eu tantas respeitando imunidades

---

xii Ausência do verbo 'ser'. Para casos análogos, vejam-se as notas aos vv. 4428 e 4975; para outras alterações no uso das formas verbais no cancionero, veja-se a nota ao v. 88.

Lhes digo: leam Vossas Divindades.  
 As demais Damas belas CL  
 Consultadas em Sóes, Luas e Estrelas,  
 Que já com presunções de mais formosas,  
 Não querem ser Jasmins, nem ser já Rosas,  
 E Angélicas, ainda eu o duvido,  
 Pois hão-de pôr o ponto mais subido, CLV  
 Com a beleza têm, sem menoscabo,  
 Na cara de Anjo, efeitos de diabo;  
 Com razão digo a estas formosuras:  
 Leam vossas celestes diabruras,  
 Porque assim cuido que melhor as trato, CLX  
 Dando-lhe as diabruras de barato.  
 Que se estas divindades endiabradas  
 Quiserem por discretas ser tratadas,  
 Tratem de ler, e não se cifre tudo  
 Do toucador no cristalino estudo CLXV  
 Que a idolatrar-lhe ensina  
 A imagem da beleza por divina.  
 Desta regra se tira  
 Maravilha fatal que o mundo admira<sup>xiii</sup>;  
 Admira o mesmo Apolo tal Poeta CLXX  
 Rara na erudição e na brandura,  
 Inda<sup>xiv</sup> que os mesmos Astros inquieta.  
 Ama do verso a frase sempre pura,  
 Campa no mundo todo por discreta,  
 Aonde<sup>xv</sup> só lhe agrava a formosura. CLXXV  
 Esta décima Musa

xiii Referência implícita a Violante do Céu, sem dúvida a autora poética de mais prestígio na época.

xiv Veja-se a nota iv.

xv Para as irregularidades no uso do relativo “*onde*” e doutras palavras compostas sobre ele, vejam-se as notas aos vv. 829 e 1743.

Tem mais que ciência infusa.  
 Aqui no Livro brilha um seu soneto  
 Na idea e assunto, em tudo o mais discreto.  
 Quanto aqui vai escrito, CLXXX  
 Não leva meu mais que este sobrescrito,  
 Pois para se amanhar o tal Livrinho,  
 Cada Poeta entrou com o seu versinho,  
 Como quem bota esmola cada dia  
 Das almas na bacia: CLXXXV  
 Também como quem pede  
 Missa pedida para S. Mamede,  
 A modo de quem chora,  
 E lhe respondem: «–Eu não tenho agora»;  
 E ele bate a outra porta sem pirguiça<sup>xvi</sup> CXC  
 Até que junta esmola para a Missa.  
 Da mesma sorte andei pelo meu modo  
 Té<sup>xvii</sup> que de muitas partes fiz um todo,  
 Como a filha das ágoas Neptuninas,  
 Que um pintor com destreza, CXCXV  
 Querendo retratar tanta beleza,  
 Juntou muitas belezas peregrinas,  
 E das feições melhores  
 Escolheo as mais belas,  
 E assim de todas elas CC  
 Fez a cópia da Deosa dos amores;  
 Pois desse mesmo modo  
 Se compôs desse livro a parte e o todo,  
 Como o pássaro, em cujo corpo cabe

---

xvi Confusão de prefixos (*pre-* ~ *per-*) e vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 111.

xvii Forma com aférese. Para outras irregularidades relacionadas, vejam-se as notas aos vv. 676 e 5751.

(Eu nunca o ouvi, nem vi, nem sei a que sabe)	CCV
Vestir as galas e compor as modas	
Com as penas que vestem as aves todas,	
E deste modo pobre se condena	
Atirar-lhe cada uma a sua pena,	
Ficando ele despido com desdouro;	CCX
Pois assim ficará o livro em couro,	
Se vem cada Poeta, e dele cobra	
O que <sup>xviii</sup> o livro tomou que é a sua obra.	
Mas assim como na ave é patarata	
O que dela se conta,	CCXV
Assim dos que chafurdam a fonte grata	
Também será afronta	
Tomar o que me deram, não forçados,	
Em suas obras seletas <sup>xix</sup> :	
Porém se são Poetas,	CCXX
Não será muito sejam corcovados.	
Censurem, ou não censurem,	
Murmurem, ou não murmurem,	
Critiquem, ou não critiquem, a isso digo	
Que essas censuras nada têm comigo,	CCXXV
Inda <sup>xx</sup> delas apelo,	
Sem temer que me façam amarelo.	
Mas se todos constantes	
Põem de participantes	
O livro, estou perdido,	CCXXX
Deos lhes tire tudo isso <sup>xxi</sup> do sentido.	

---

xviii No original, 'qne', por erro tipográfico.

xix Para a redução de grupos cultos, veja-se a nota ao v. 1406.

xx Veja-se a nota iv.

xxi Veja-se a nota ao v. 6739.

A colecção formosa  
De tanta consonância numerosa  
O Leitor me agradeça,  
Leva no livro uma galante peça.

CCXXXV

E se o livro, de fato<sup>xxii</sup>,  
Não presta: por que<sup>xxiii</sup> foi tão insensato  
O Leitor galhofeiro,  
Que veio a dar por ele o seu dinheiro?  
Nisto não há trapaça,  
Porque este livro não se dá de graça,  
Pois cada versinho  
A seu Autor custou bom dinheirinho,

CCXL

Vale<sup>xxiv</sup>.

---

xxii Veja-se a nota xix.

xxiii No original, *'porque'*. A desaglutinação é nossa.

xxiv O espaçamento tipográfico é do original e indica claramente que esta linha não deve ser considerada parte do poema que a precede.

[Página em branco no original.]

# L I C E N Ç A S

## D O S A N T O O F Í C I O .

V Ista as informações, pode-se imprimir a Colecção de obras que se apresenta e quer dar ao Prelo em dous<sup>xxv</sup> tomos, com o título *Ecos que o Clarim da fama dá*, José Marage-lo<sup>xxvi</sup> de Osan, e depois voltará conferida para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, no Paço de Palhavã. 8 de Janeiro 1760.

*Trigoso. Silvério<sup>xxvii</sup> Lobo.*

---

xxv Para a alternância entre os ditongos *ou ~ oi*, cfr. nota ao v. 99.

xxvi Cfr. '*Maregelo*', forma presente na folha de rosto do cancionero.

xxvii No original, '*Silveiro Lobo*'. A forma correta, '*Silvério Lobo*', aparece nas Segundas Licenças, à p. 19.

## DO ORDINÁRIO<sup>xxviii</sup>.

*Aprovação do M. R. P. M. Jubilado  
Fr. Joseph<sup>xxix</sup> da Madre de Deos, Exa-  
minador das Três Ordens, Consultor  
da Bula e Examinador Sinodal no  
Patriarcado &c.*

EXCELENTÍSSIMO SENHOR.

**V**I o Livro que se pertende<sup>xxx</sup> reim-  
primir, e todos os mais papéis de  
que trata esta petição, e em todas estas  
Obras Poéticas não achei cousa<sup>xxxi</sup> alguma  
oposta à pureza da nossa Santa Fé ou  
bons costumes. V. Excelência mandará o  
que for servido. Convento de N. Senhora  
de Jesus de Lisboa. 27 de Janeiro de  
1760.

*Fr. Joseph<sup>xxxii</sup> da Madre de Deos.*

**V**Ista a informação, pode-se impri-  
mir, e depois torne para se dar li-  
cença para correr. Lisboa, 3 de Fevereiro  
de 1760.

*D. J. Arceb. de Lacedemónia.*

---

xxviii No original, 'ORDINRIO', por erro tipográfico.

xxix Para a manutenção de arcaísmos gráficos em formas antroponímicas, veja-se a nota ao v. 945.

xxx Veja-se a nota xvi.

xxxi Veja-se a nota vi.

xxxii Veja-se a nota xxix.

# D O P A Ç O .

*Aprovação do M. R. Diogo Barbosa  
Machado, Académico da Academia  
Real &c.*

SENHOR.

A Coleção<sup>xxxiii</sup> de Poesias, assim sagradas como profanas, que se pertende<sup>xxxiv</sup> imprimir, não contém cousa<sup>xxxv</sup> alguma contra as Leis de V. Magestade, que mandará o que for servido. Lisboa, 5 de Fevereiro de 1760<sup>xxxvi</sup>.

*Diogo Barbosa Machado.*

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício e Ordinário, e depois de impresso tornar<sup>xxxvii</sup> à Mesa revisto pelo Revisor, para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa<sup>xxxviii</sup>, 11 de Fevereiro de 1760.

*Carvalho<sup>ixl</sup>. D. Velbo. Castello.  
Siqueira. Pacheco.*

---

xxxiii Veja-se a nota xix.

xxxiv Veja-se a nota xvi.

xxxv Veja-se a nota vi.

xxxvi Estas linhas apresentam, no original, um erro de disposição tipográfica, que foi corrigido por nós. A leitura original era:

*-uma contra as Leys de V. Magestade,  
tge mandará o que for servido. Lisbõa  
qude Fevereiro de 1760.*

5.

xxxvii No original, 'tornerà'.

xxxviii No original, 'Libõa'.

ixl Novo erro na composição tipográfica da página. Aqui, a leitura original era:

*valbo. D. Velbo. Castello.  
Car Siqueira. Pacheco.*

## SEGUNDAS LICENÇAS

Do Santo Ofício.

**P**Ode correr. Lisboa, 10 de Fevereiro de 1761.

*Trigoso. Silvério<sup>xl</sup> Lobo. Carvalho.*

Do Ordinário.

**P**Ode correr. Lisboa, 20 de Fevereiro de 1761.

*D. J. Arceb. de Lacedemónia.*

Do Paço.

**T**Aixão<sup>xli</sup> para correr em dezoito vinténs. Lisboa, 10 de Abril de 1761.

*D. Velho. Castelo. Fonseca.*

---

xl Cfr. nota xxvii.

xli Por “*taxão*”. Cfr. nota ao v. 90.

# ÍNDICE

*Das obras que neste tomo  
se contém.*

**I**Ntrodução Poética, Página 1.

Triunfo Régio à jornada do Senhor  
Rei D. João V, dividida em Observa-  
ções: Observação primeira, p. 33.

Observação segunda, p. 56.

Observação terceira, p. 78.

Observação quarta, p. 93.

Observação quinta, p. 111.

Observação sexta, p. 125.

Égloga na morte do Senhor D. Miguel.  
p. 151.

Sentimentos de D. Pedro e de D. Inês  
de Castro, primeira parte, p. 171.

Segunda parte da mesma Obra, p. 195.

Ao mesmo assunto, Glossa da Oitava  
de Camões, p. 219.

Glossa do Soneto de Francisco Rodri-  
gues Lobo, p. 223.

Outra Glossa ao mesmo Soneto, p. 229.

Outra Glossa ao mesmo soneto, p. 234.

Amante Desprezado, Idílio, p. 239.

Ao Conde de Val-de-Reis<sup>xlii</sup>, sendo Re-<sup>xliii</sup>  
gedor das Justiças. Oitavas, p. 246.  
Retrato de uma Dama. Oitavas, p. 252.  
Ao mesmo Assunto, pelos mesmos  
consoantes (aplicando-as a um  
Cadáver). Oitavas, p. 256.  
Descrição da noite. Soneto, p. 260.  
A Clori, que tocando una cítara hizo  
morir un Cisne. Soneto, p. 261.  
Descrição de um Prado. Soneto, p.  
262.  
Diz Eliano que o Cisne vence a Águia  
se esta o desafia. Soneto, p. 263.  
Impedio Escipião Africano aos nobres  
Mancebos que queriam desamparar  
a batalha de Canas. Soneto, p. 264.  
Voando uma Borboleta junto aos<sup>xliv</sup>  
olhos de *F.* Soneto, p. 265.  
Acção generosa de Escipião, quando ven-  
ceo a nova Cartago. Soneto,  
p. 266.  
A Alexandre chorando, porque ouviu  
dizer que havia mais mundos. Soneto  
p. 267.  
Morte violenta dos filhos e sobrinhos  
de Júnio Bruto, feita pelo mesmo  
Bruto. Soneto, p. 268.  
A *F.*, que morreo de ar. Soneto, 269.

---

xlii No original, 'Val-deReis'.

xliii No original, 'Re', sem hífen.

xliv No original, 'Junto a os'.

Acção severa de Omílio Escauro contra seu filho, o qual sentido se mata. Soneto, p. 270.

A la hermosura de un cabello. Soneto, p. 271.

Descrição da Aurora. Soneto, p. 272.

A *F.* com uma espada na mão. Soneto, p. 273.

A Fílis. Soneto, p. 274.

Ao seu cuidado. Soneto, p. 275.

Descrição da Primavera. Soneto, p. 276.

Aos gostos breves do mundo. Soneto, p. 277.

Descrição do campo. Soneto, p. 278.

A um pássaro cantando. Soneto, p. 279.

Mata-se Carondas a si mesmo por transgredir uma lei que ele tinha dado, e querer executar a pena dela, que era de morte. Soneto, p. 280.

Aplauso da Vitória das Linhas de Elvas. Oitavas, p. 281.

Vida de um Estudante pobre. Oitavas, p. 298.

Vários Sonetos de Soror Violante do Ceo, p. 306.

Canto Épico e Encomiástico. Oitavas, p. 314.

Cinco Jornadas de Jerónimo Baía para

Coimbra. Romances, p. 321.  
Égloga Pastoril, p. 361.  
Solilóquio de um pecador prostrado  
aos pés de Jesu Cristo. Sextinas, p.  
366.

## PROTESTAÇÃO DA FÉ

# SONETO.

<b>N</b> O Mar destes discursos resumido	CCXLV
Da barca sigo da Romana Igreja O sagrado Farol, para que esteja A seus dictames tudo submetido. Se alguma cousa <sup>xlvi</sup> tenho proferido Que a seus Decretos contraposto seja, Por retractada <sup>xlvi</sup> a dou: porque me veja Do naufrágio de absurdos eximido. Desta sorte esta Obra é bem que siga A derrota, evitando os desacertos Da borrasca dos erros inimiga: Pois navegando pelos rumos certos Da Verdade Católica, prossiga <sup>xlvii</sup> Seus aplausos no porto dos acertos.	CCL  CCLV

---

xlvi Veja-se a nota vi.

xlvi Cfr. a nota xix e a nota ao v. 1406.

xlvii No original, 'prossiga'. Veja-se a nota ao v. 102.



# INTRODUÇÃO P O É T I C A<sup>1</sup>.

## I.

**E**RA do ano a Estação primeira,

Em *que* de Colchos o animal luzido  
Acaba no Zodíaco a carreira,  
Depois d' a<sup>2</sup> porta ao ano ter abrido<sup>3</sup>:  
E fugindo dos peixes, derradeira  
Estação do Inverno desabrido,  
Luzes promete ao Céu, flores à terra,  
Nas ausências do frio, que desterra.

5

## II.

E o dourado velo sacudindo  
Das geadas do Inverno rigoroso,  
Está sobre campo de ouro descobrindo  
Um bordado de prata mui vistoso:  
Indo com a dourada ponta abrindo  
Caminho nesse campo luminoso,  
Pisando airoso lúcidas estrelas,  
Mais rico de esplendor que todas elas.

10

15

<sup>1</sup> Ainda que não atribuída no cancionero, a autoria deste poema prologal é de **ANTÓNIO DOS REIS**.

<sup>2</sup> No original, 'da'. A desaglutinação gráfica é nossa, para repor a correção sintática. Para outros casos semelhantes, vejam-se as notas aos vv. 22, 7917 e 8673.

<sup>3</sup> Particípio regular extremamente incomum, só justificado pelas necessidades de rima.

## III.

E já por sua ordem vem andando,  
Da Estrela de Citera acompanhado,  
Aquele em que Tonante, disfarçando  
A majestade, o mar passou a nado 20  
Quando a filha de Agenor furtando,  
Antes d' o<sup>4</sup> casamento celebrado,  
Quis mostrar na armação só aparente  
O que depois seria realmente.

## IV.

Mas Febo, *que* apressado o vem seguindo, 25  
Com garrochões de luz sortes fazia;  
Tirando setas, e rojões brandindo,  
No terreiro do Céu ao Boi corria:  
Sobre Pirois montado vem ferindo,  
Menos com raios, mais co'a bizzarria, 30  
E tomando das pontas certo agouro,  
Sortes lhe vem fazendo, como a touro.

## V.

O generoso bruto, estimulado  
Das estrelas, que Febo luminoso  
Nas ilhargas lhe emprega, acelerado 35  
Busca o contrário com rancor fogoso:  
Logo por rédeas de ouro sofrado  
Ouro puro mastiga, e precioso,  
Pregando em campo de ouro a fina prata  
De que calçada traz a bruta pata. 40

---

<sup>4</sup> A desaglutinação gráfica é nossa. Veja-se a nota a ao v. 4.

## VI.

Vio-se mais gentil, mais engraçado,  
 Mais rico de esplendores Febo ardente,  
 De gala mais vistosa vem trajado  
 Bordada de ouro puro e refulgente:  
 Os raios, que noutra hora vibra irado, 45  
 São luz agora pura e inocente,  
 Publicando por línguas de fulgores  
 Que vem dar luz à terra, gala às flores.

## VII.

Mais belo se levanta, mais luzido,  
 Da tumba de cristal em que expirara<sup>5</sup>, 50  
 E nela à sepultura conduzido,  
 Entre horrores da sombra caminhará:  
 Onde a formosa Tétis escondido  
 No mausoléu das ondas o enterrara,  
 Sepultando discreta, amante e grata 55  
 Um corpo todo de ouro em muita prata.

## VIII.

O Céu, que acompanhara à sepultura  
 O cadáver com tochas rutilantes,  
 Que acendera na noite mais escura,  
 Como sinaes da dor, o luto que antes 60  
 Arrastar-lhe fizera a sorte dura  
 Muda em galas de luz mais roçagantes,  
 Multiplicando agora em alegria  
 O que então padecera de agonia.

<sup>5</sup> No original, '*expirara*'. O sentido exige a regularização, do mesmo modo que acontece nos vv. 3875, 4272, 5037, 5162, 6260, 9610 e 10559. Só no v. 4989 foi mantida a leitura original. Cf. a nota ao v. 10358.

## IX.

E as exéquias tristes, que entoara 65  
 Por boca de nocturnas pardas aves,  
 Que na sombra cruel de luz avara  
 Gemeram tristes, e voaram graves:  
 Agora quando as sombras desampara,  
 Troca em músicas brandas e suaves, 70  
 Por boca de cantores passarinhos  
 Que a coros estão cantando nos raminhos<sup>6</sup>.

## X.

E os lúgubres sinaes, *que* então lhe davam  
 Nessa torre do Céu fúnebres sinos  
 Quando à morte funestos se dobravam, 75  
 No metal menos, que na dor mais finos:  
 Em repiques alegres comutavam,  
 Esses Céos atroando cristalinos,  
 Respondendo do ar as avezinhas,  
 E no prado tocando as campainhas. 80

## XI.

Na terra a Deosa Flora debuxava,  
 Sentada em verde estrado, subtilmente,  
 Formosa Primavera que igualava,  
 Se não vencia, esse Orbe transparente:  
 E nas flores da terra arremedava 85  
 As estrelas do Céu resplandecente  
 Com tal arte e primor, tal galhardia,  
 Que a terra novo Céu se parecia<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Verso hipermétrico. A reposição da regularidade métrica é possível por duas vias: mediante a leitura '*a coro*', em singular, ou por aférese de '*estão*'.

<sup>7</sup> A estrutura oracional presente neste verso – "*algo parece-se algo*", com presença do pronome reflexivo '*se*' e de complemento sem preposição – é resultado da contaminação entre "*algo parece algo*" (complemento sem preposição) e "*algo parece-se com algo*" (construção verbal com pronome reflexivo). Para outros casos de ausência de preposição regida nas composições em português, vejam-se as notas aos vv. 258, 687, 1030, 1631, 3130, 4872, 8824, 8454, 9391, 9642 e 15123: a grande maioria dos casos anotados afeta ao verbo "*atrever-se [a]*", mas também a "*predominar [em]*" ou "*tratar [de]*"; em espanhol, regista-se a ausência da preposição regida nos vv. 11880 e 16249, neste último caso por lusismo. Pelo contrário, a presença anômala de preposição – talvez por castelhanismo – aparece nos vv. 678, 702, 3368, 9988, 10325, 10326, 10571, 10676, 10889, 11295, 11572, 11701, 12445, 13217, 14586, 14677, 15645, 15646, 15994, 17455, 17621, 17630, 17646, 17685 e 17690; outros casos ocorrem nos vv. 93, 229, 3352, 355, 3882, 10088, 10124, 10568, 10796, 12981, 15288 e 17812; e ainda no v. 12358, em espanhol, provavelmente por lusismo. A troca de preposições pode ser constatada nos vv. 1270 e 11442 (em português) e nos vv. 6102 e 11281 (em espanhol). Ainda, regista-se a ausência do verbo nos vv. 4974, 4975 e 5363. De resto, há casos em que determinadas formas verbais adquirem um sentido diferente do habitual: isto acontece nos vv. 2352, 2405 e 6564, onde "*vibrar*", "*brotar*" e "*crescer*" adotam sentido agentivo, bem como nos vv. 4239 e 6174 e na rubrica à página 101 do Eco II, nos quais "*lamentar*", "*espalhar*" e "*serenar*" possuem sentido reflexivo. Por sua vez, a perífrase "*haver ter*" aparece sem preposição no v. 5867, do mesmo modo que acontece com "*haver ser*" no v. 8824. Por último, dá-se a ausência de preposição em composições em espanhol – nestes casos por lusismo – nas notas à rubrica da p. 261 deste Eco I e ao v. 6021.

## XII.

Para o rico bordado se servia  
 Da seda que lhe oferecem<sup>8</sup> lindas flores, 90  
 Das quaes com destra mão subtil fazia  
 De cores mil finíssimos labores:  
 E com elas ao<sup>9</sup> campo revestia,  
 Cortando-lhe vestidos de mil cores,  
 Engastando por pedras preciosas 95  
 As lágrimas da Aurora mais lustrosas.

## XIII.

Veste de verde escuro amenos prados,  
 Misturando mil castas de boninas,  
 E nos montes e oiteiros<sup>10</sup> levantados  
 Forma de melhor ouro novas minas: 100  
 Pintando de cor d'ouro os namorados  
 Girassóes<sup>11</sup>, que às esferas cristalinas  
 Despedem saudosos mil suspiros,  
 A sua dor mostrando nos seus giros.

## XIV.

As penhas, *que* outro tempo presumidas 105  
 Na igualdade c'os astros competiam,  
 Agora das ervinhas revestidas  
 Na formosura aos astros excediam:  
 Do presídio das flores guarnecidas,  
 Aos Céos na gentileza desafiam, 110  
 Pertendendo<sup>12</sup> ficarem nesta guerra  
 Como os astros no Céu, astros na terra.

<sup>8</sup> Redução do vocalismo átono, neste caso por síncope em posição pretónica: outras ocorrências, nos vv. 3975, 5735, 7002, 8155, 9300, 9316, 9367, 9403, 11531, 12735 e 17386. Cf. nota ao v. 10652. Para mais pormenores sobre as alterações no vocalismo átono, veja-se a nota ao v. 437.

<sup>9</sup> A presença da preposição *a* com acusativo é devida a castelhanismo sintático. Veja-se a nota ao v. 88.

<sup>10</sup> Exemplo da vacilação típica dos ditongos *ou* ~ *oi*, que também afeta às palavras '*cousa(s)*', '*doudice*', '*doudinho*', '*dous*' e '*louro*'. Para exemplos destes vocábulos, não anotados, veja-se os vv. 352, 1340, 16624, 9231 e 1918, respetivamente. Cf. '*outeiro*', no v. 12639.

<sup>11</sup> No original, '*Girasoes*'; a forma singular aparece no v. 4666. A ausência de reduplicação do *s*- inicial do segundo termo da composição de palavras é uma constante ao longo do texto: para outros casos, vejam-se as notas aos vv. 1035, 1229, 1481, 2024, 2235, 4151, 5774, 7335 (nota **b**) e 7446. O mesmo fenómeno acontece com o *r*-, nos vv. 3649 e 9004.

<sup>12</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. A presença do prefixo *per-* é constante ao longo do texto em toda a família lexical de *pertender*: assim pode constatar-se nos vv. 130, 147, 557, 591, 608, 710, 727, 1217, 1299, 1302, 1337, 1346, 1378, 1830, 1961, 2051, 3232, 4616, 4680, 4878, 4970 (nota **a**), 6031, 6476 e 8414.

## XV.

Âmbares no jardim respira a rosa  
 Em trono de esmeraldas sublimada,  
 Servindo-lhe de guarda numerosa 115  
 Os espinhos, que em roda a têm cercada:  
 Fraldelim traz de púrpura vistosa,  
 Com rica guarnição de ouro bordada,  
 Recuperando agora o que no Estio  
 Perdeo de formosura, gala e brio. 120

## XVI.

O cravo, que aspirava a ser reinante  
 Na cheirosa República das flores,  
 Traja gala de púrpura flamante,  
 Saindo-lhe ao rosto vivas cores,  
 De ver que tão formoso e roçagante 125  
 Haja-de conhecer outros maiores,  
 Sentindo com tal ânsia esta agonia  
 Que a Aurora lhe receita uma sangria.

## XVII.

O jasmin, que das flores na pureza  
 Pertende<sup>13</sup> se lhe julgue a primazia, 130  
 Temendo ser vencido nesta empresa,  
 De receio e temor branco se enfia:  
 Por ver que posta em campo, e em defesa,  
 Lhe compete a açucena em bizzarria,  
 Temendo, com razão, que a sua prata 135  
 A vitória lhe alcance mui barata.

<sup>13</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

## XVIII.

O lírio doutra parte o vencimento  
 Se promete mui certo da vitória,  
 Por se ver tão formoso em luzimento  
 Que vence o Rei maior em pompa e glória: 140  
 Fazendo do luzir merecimento,  
 Não vendo que o luzir só é vanglória;  
 Porém esta razão que alega o lírio  
 Julgam todas as flores por delírio.

## XIX.

Vendo a rosa que o lírio rebelado 145  
 Conspira contra a sua majestade,  
 E que pertende<sup>14</sup> a coroa ter do prado,  
 Aspirando à suprema dignidade:  
 Entra em grande temor, maior cuidado,  
 E para castigar-lhe a necidade<sup>15</sup> 150  
 Manda marchar em alas as boninas  
 Com librés de mil cores peregrinas.

## XX.

Marchando na vanguarda valorosos,  
 De roçagante púrpura trajados,  
 Por Capitães os cravos olorosos, 155  
 Com botas de esmeralda vão calçados:  
 Tão belos, tão gentis e tão formosos,  
 Que eles só são a flor dos mais soldados,  
 E nas botas, que calçam ao guerreiro,  
 Levam esporas azues de cavaleiro. 160

<sup>14</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

<sup>15</sup> Como comentado nos Critérios de Edição, foi mantida a alternância '*sc*' ~ '*c*', presente ao longo de todo o Cancioneiro. Cf. as notas aos vv. 391, 803, 1036, 1542, 2740, 3271, 5344, 6013, 6706, 6715 e 6723.

## XXI.

Seguem-se logo postas em fileira  
Outras flores com cargos diferentes;  
Levam as açucenas a bandeira  
Com esmaltes de ouro refulgentes:  
Cada qual<sup>16</sup> quer na glória ser primeira, 165  
Mostrando-se à porfia diligentes;  
Até a mesma rosa ali se via  
Armada da forçosa picaria.

## XXII.

Logo em seu seguimento vão marchando  
Qual gente militar de Infantaria, 170  
E na sonora caixa vai tocando  
Com compassada mão destra a cachia,  
A cujo som se ouve ir disparando  
Balas de olores a mosquetaria,  
E atirando fogosas as cravinas, 175  
Causando no contrário mil ruínas.

## XXIII.

Nesta, pois, Estação deliciosa,  
Em que o mundo de novo recupera  
Quanto a Estação do Inverno rigorosa  
Lhe roubou triste, lhe furtou severa: 180  
Neste tempo, em que a terra mais formosa  
Traja galas de linda Primavera,  
Quis Apolo se abrisse a Academia,  
Por reformar de novo a Poesia.

---

<sup>16</sup> No original, 'Cadaqual'.

## XXIV.

Como ouvia dizer se murmurava 185  
 Sem respeito nenhum, ou cortesia,  
 E que o vulgo ignorante motejava  
 Com solta língua a nobre Poesia:  
 Sendo o que nisto mais se adiantava  
 O que dela talvez nada entendia; 190  
 Quis que se consultasse no Parnaso  
 O que era bom fazer-se neste caso.

## XXV.

A Cilénio pedio que interviesse  
 Em negocio tão grave, tão preciso,  
 E que às Musas irmãs aviso desse, 195  
 Para vir ao Parnaso de improviso:  
 E que ele assistir também quisesse,  
 Porque c'ò parecer do seu juízo,  
 Como tão grave, douto e acertado,  
 Veria este negócio em bom estado. 200

## XXVI.

Põe-se gentil Cilénio acelerado  
 As asas tão ligeiras como airosas,  
 E navega sobre elas estribado  
 Por golfos de cristal maré de rosas:  
 Os ventos, quando o vem<sup>17</sup> tão apressado, 205  
 As próprias asas têm por vagarosas,  
 Dando ao filho de Maia a primazia  
 Assim nos voos como em bizzarria.

<sup>17</sup> Forma equivalente ao moderno “veem”: outras ocorrências, nos vv. 338, 409, 431, 3865, 6381 e 6708.

## XXVII.

Vinha o filho de Maia tão formoso  
Como em florido Abril ameno prado, 210  
Alegre, e juntamente majestoso,  
O grave desmentindo com o agrado,  
Entre grave e severo, amoroso;  
E de Helícóna ao bosque já chegado,  
Co'a lira acorde de ouro, que tocava, 215  
As Musas ao Parnaso convocava.

## XXVIII.

Era tão doce o som, que sendo ouvido  
No Céu, no ar, na terra, nos rochedos,  
Lhe deram juntamente atento ouvido  
Astros e aves, homens e penedos: 220  
Sendo tanto de todos aplaudido  
Que ouviram mudos, e escutaram quedos;  
Só Eco, que das grutas o ouvia,  
Por boca das cavernas respondia.

## XXIX.

Não tocava melhor quando atraía 225  
O citaredo Anfião rochedos duros  
E ao som da doce lira desprendia  
Os riscos e penhascos mais seguros,  
Quando à<sup>18</sup> famosa Tebas construía  
C' o brando do seu som seus fortes muros, 230  
Levando atrás da cítara suave  
O tosco monte, o rochedo grave.

---

<sup>18</sup> Uso anómalo da preposição 'a'. Veja-se a nota ao v. 88.

## XXX.

Assim todas as Musas, que assistiam  
Na floresta cheirosa entre as boninas,  
E com Flora gentil se divertiam 235  
Junto às ágoas da fonte cristalinas,  
Sendo os cristaes undosos que corriam  
Espelho a suas faces peregrinas,  
Atraídas da música que ouviram  
Ao cume do Parnaso se subiram. 240

## XXXI.

Intimou-lhes Cilénio o seu mandado  
Que da parte de Apolo lhes trazia,  
E logo ali ficou determinado  
Por comum parecer ao certo o dia,  
Como lhes pareceo mais acertado, 245  
Para poder abrir-se a Academia:  
E com isto Cilénio se despede,  
E co'as asas do vento as próprias mede.

## XXXII.

Enquanto o dia fixo não chegava  
E as Musas se preparam com cuidado, 250  
De apregoar a fama não cessava  
O congresso que está determinado:  
Todo o Poeta já se aparelhava  
Esperando este dia alvoroçado;  
Só Momo, que isto soube, escarnecia, 255  
Fazendo do tal caso zombaria.

## XXXIII.

Era Momo inimigo declarado  
 De Apolo, cujas obras não gostava<sup>19</sup>,  
 E por ver que é de todos celebrado  
 Publicamente dele murmurava: 260  
 E vendo agora o tempo acomodado,  
 Ter com ele razões determinava,  
 Aparelhando já para a peleja  
 As armas que lhe dava a torpe inveja.

## XXXIV.

Já vinha a bela Aurora destoucando 265  
 A madeixa gentil de seus cabelos,  
 Do mesmo Sol os raios desprezando  
 Por menos elegantes, menos belos:  
 E sobre os verdes campos orvalhando,  
 Começava de prata a guarnecê-los, 270  
 Restituindo ao campo, às flores e aves,  
 A graça, o cheiro, as músicas suaves.

## XXXV.

O ledo passarinho, que dormia  
 Entre os viçosos ramos do loureiro,  
 E c'o sono da noite refazia 275  
 O trabalho que teve o dia inteiro,  
 Tanto que vio a luz que aparecia,  
 A saúda cortês e lisonjeiro,  
 Cantando ao som da fonte, *que* correndo,  
 Nas pedrinhas *que* encontra, vai tangendo. 280

<sup>19</sup> Note-se a ausência da preposição *de*, que dá lugar à estrutura oracional “*alguém gosta alguma coisa*”, provavelmente devido a motivos de regularidade métrica. Veja-se a nota ao v. 88.

## XXXVI.

As flores, que de noite adormecidas  
Descansavam entre camas olorosas,  
Das lágrimas da Aurora humedecidas  
Se levantam mais lindas, mais formosas:  
E dos cheirosos leitos já erguidas, 285  
Cortesia à manhã fazem airosas,  
Porque a viração branda que corria  
Com muito ar corteses as fazia.

## XXXVII.

Zéfiro brandamente respirando  
As orvalhadas flores sacudia, 290  
E com a mimosa planta tropeçando  
Ora se levantava, ora caía:  
Outra vez crespas ondas remedando,  
O prado em mar de rosas convertia,  
Onde em golfos navegam de vapores 295  
Feitas naos do jardim todas as flores.

## XXXVIII.

Atrás da roxa Aurora caminhava,  
Pelas portas entrando do Oriente,  
O flamante Planeta que rodava  
Em coche de cristal resplandecente, 300  
E de abrasado fogo arremessava  
Ligeiras setas com rigor valente,  
Brando e cruel, trazendo em seus ardores  
Bom dia ao campo, e má tarde às flores.

## XXXIX.

Este era, pois, o dia celebrado 305  
 Pelo neto gentil do velho Atlante,  
 Para o qual com as Musas ajustado  
 O congresso deixara relevante:  
 Vêm todos para o monte celebrado,  
 De Mercúrio guiados, que adiante 310  
 Caminhava, querendo ser primeiro  
 Por mostrar-se cortês e lisonjeiro.

## XL.

Chegam do monte ao cume, onde sustentam  
 Quatro finas colunas bem lavradas  
 Uma nobre fachada, em que se ostentam 315  
 A natureza e arte já esgotadas:  
 Mais graça e formosura lhe<sup>20</sup> acrescentam  
 Verdes heras em troncos dilatadas,  
 Que na porta vistosas se enlaçavam  
 Dando mais graça às pedras *que* abraçavam. 320

## XLI.

Já entra a numerosa companhia  
 No sacro monte a Apolo acompanhando,  
 Cujo aspecto benigno parecia  
 Mais luzente *que* o Sol, quando espalhando  
 Densa nuvem, que o rosto lhe cobria, 325  
 Aparece das ondas triunfando:  
 Passados os primeiros cumprimentos,  
 Manda tomar a todos seus assentos.

<sup>20</sup> Concordância de número *ad sensum*, pois o pronome 'lhe' se refere a '*A natureza e arte já esgotadas*'. Outro caso idêntico, nos vv. 6376 e 9140.

## XLII.

Calíope formosa, a quem é dado  
 O verso heróico, grave e majestoso, 330  
 Ocupava um assento marchetado  
 Com níveo dente do animal forçoso,  
 A quem Belona viu no campo armado  
 Feito andante castelo belicoso:  
 Trajava primavera de labores, 335  
 Semeada de frutos e de flores.

## XLIII.

Clio noutra cadeira se sentava,  
 Onde por destra mão se vem<sup>21</sup> lavradas  
 As histórias antigas, que mostrava  
 Presentes, sendo que eram já passadas: 340  
 Na preciosa gala que trajava  
 Outras também se viam debuxadas,  
 Representando assim mortas figuras  
 Como se foram vivas escrituras.

## XLIV.

Logo numa cadeira de safira 345  
 Erato junto a Clio se divisa,  
 Erato, aquela Musa cuja lira  
 Os corações alegre e suaviza:  
 Aquela, a cujos rogos flechas tira  
 O cego Deos que mata e tiraniza; 350  
 Roupas azues de fina seda veste,  
 Que a fazem parecer cousa celeste.

<sup>21</sup> Forma equivalente ao moderno “veem”. Veja-se a nota ao v. 205.

## XLV.

No quarto assento leda sucedia  
Talía, a cujo cargo é cometido  
Compor a doce e branda poesia 355  
Que arrebate e suspenda o grato ouvido:  
Um véo, que a branca neve desafia  
Na candidez, lhe serve de vestido;  
Mas como o véo em tudo era tão raro,  
É nuvem pouca para Sol tão claro. 360

## XLVI.

A quinta era Melpómene chorosa,  
Das lúgubres tragédias inventora,  
Mas não lhe tira o triste o ser formosa,  
Que antes é mais formosa quando chora:  
Bem como é mais bizarra, mais vistosa 365  
Quando lágrimas verte a bela Aurora;  
Qual a rosa, que está mais engraçada  
Quando amanhece em lágrimas banhada.

## XLVII.

Terpsícore gentil, airosa e bela,  
Num bordado coxim lugar tomava, 370  
Feito de prata e ouro, cuja tela  
Ao natural as flores retratava:  
Esta, de quem lições tomar anela  
O Trace Orfeu<sup>22</sup>, na cítara tocava,  
Juntando às cordas de ouro a mão de prata 375  
Com que uns enlea, outros arrebatava.

---

<sup>22</sup> Cf. 'Orfeos', no v. 3953. Outra ocorrência de 'Orfeu', no v. 12946.

## XLVIII.

Em sétimo lugar se vê sentada  
 A que na gentileza era a primeira,  
 Euterpe linda, bela e engraçada:  
 Vestia de uma seda mui ligeira, 380  
 Com canutilho de ouro repassada,  
 Da cor que tem a fresca laranjeira  
 Quando oprimida está com pomos de ouro  
 Manifestando à vista o seu tesouro.

## XLIX.

Cadeira de cristal resplandecente, 385  
 Émulo no resplendor da luz mais pura,  
 Mais luzido que o Sol mais refulgente,  
 Ocupa um novo Sol na formosura  
 Polímnia, aquela Musa que, eloquente,  
 A gentileza com a ciência apura, 390  
 Tão formosa que néscia<sup>23</sup> parecia,  
 Tão sábia que ser feia merecia.

## L.

Na última cadeira majestosa,  
 A quem várias estrelas esmaltavam  
 Com invenção tão rara e primorosa 395  
 Que um novo Céu na terra retratavam,  
 Urânia se sentava tão formosa  
 Que as outras Musas todas duvidavam  
 Se excedia o poder da natureza  
 Um prodígio tão raro da beleza. 400

<sup>23</sup> Amostra da alternância 'sc' ~ 'c', presente ao longo de todo o Cancioneiro. Cf. nota ao v. 150.

## LI.

Todas tinham capelas de boninas  
 Colhidas na formosa madrugada,  
 Quando as portas do Oriente cristalinas  
 Abrio a esposa de Titon nevada,  
 Salpicadas de cores peregrinas, 405  
 Qual roxa, qual azul, qual encarnada;  
 Mas posto são formosas as capelas,  
 Elas são mais formosas e mais belas.

## LII.

Vem-se<sup>24</sup> em nichos estátuas levantadas  
 Dos Poetas que mais as mereceram 410  
 Pelos versos e obras celebradas  
 Que com grande trabalho compuseram:  
 Homero ali se vê, por quem armadas  
 Sete nobres Cidades contenderam;  
 Mas em vão, que a talento tão profundo 415  
 É pátria pouca o dilatado mundo.

## LIII.

Uma estátua de jaspe bem lavrado  
 A Énio Tarentino figurava,  
 Énio, que entre os estrondos de soldado  
 O descanso das Musas conservava: 420  
 Estava de verdes heras coroadado  
 Misturadas com ouro, em que mostrava  
 Poderem-se juntar num só sujeito  
 Discreta pena, valoroso peito.

<sup>24</sup> Forma equivalente ao moderno “*Veem-se*”. Veja-se a nota ao v. 205.

## LIV.

Num pórfido esculpido o Mantuano 425  
 Admirações e pasmos infundia,  
 Mostrando um não sei quê mais *que* de humano,  
 Com *que* respeito ainda concilia:  
 Defronte dele está Venusiano,  
 Outro famoso heróe na Poesia; 430  
 Enfim, ali se vem<sup>25</sup> outros pintados  
 Dos antigos que são mais afamados.

## LV.

Via-se muito ao vivo retratado,  
 A espada numa mão, na outra a pena,  
 Camões, o mor Poeta, o mor Soldado 435  
 Que vio Belona, conheceo Camena:  
 Aquele ingenho<sup>26</sup> nunca assaz louvado,  
 Que quanto mais nos louva, nos condena,  
 Sendo calúnia nossa os seus louvores,  
 Que pagamos com tantos desfavores. 440

## LVI.

Junto a este também se descobria<sup>27</sup>  
 Miranda, o que do célebre Mondego  
 Nas saudosas praias assistia,  
 Arguindo de louco, amente e cego  
 Ao que dentro nas Cortes se atrevia 445  
 Passar a vida sem algum sossego;  
 Claro a seus pés o rio se descobre  
 De areas rico, de corrente pobre.

<sup>25</sup> Forma equivalente ao moderno “*veem*”. Veja-se a nota ao v. 205.

<sup>26</sup> Primeiro dos múltiplos exemplos de vacilação no vocalismo átono em posição pretónica (*e ~ i, o ~ u*). Veja-se outros casos nas notas aos vv. 679, 941, 1269, 1330, 1427, 1666, 1893, 2029, 2848, 3242, 3298, 3931, 4571, 5002, 5140, 5547, 6072, 6189, 6559, 6613, 6646, 6670, 6726, 7228, 7524, 7727, 7749, 7908, 8708 e 8927. Para os casos de redução vocálica, cf. notas aos vv. 90 (síncope); 676 (aférese); e 4311 (apócope). Por sua vez, também se registam casos de vacilação no vocalismo postónico: nas notas aos vv. 3708, 5817, 6193, 6263, 8138 e 8441.

<sup>27</sup> Cf. ‘*descubria*’, nos vv. 1427 e 3166. Outras formas irregulares são ‘*descubrio*’, no v. 2042, e ‘*cubria*’, no v. 3593. Porém, as formas regulares dos verbos “*descobrir*” e “*cobrir*” são imensamente maioritárias no texto.

## LVII.

Uma estátua de murta coroada  
 Aquele grande ingenho<sup>28</sup> representa, 450  
 Que à corrente do Lena limitada  
 De Aganipe as correntes acrescenta:  
 A branda Primavera ali pintada  
 Ramilhetes<sup>29</sup> de flores lhe apresenta  
 Por mão das belas Tágides formosas, 455  
 Que honrou com versos, ilustrou com prosas.

## LVIII.

Via-se aquele Cisne Lusitano  
 Que em numeroso metro levantado  
 Tanto ilustrou seu nome soberano  
 Que num e outro Pólo é celebrado: 460  
 Cujos versos fizeram mais ufano  
 Do que o Troiano fero delgado  
 O valoroso Ulisses, que se preza  
 Mais desta pena que daquela empresa.

## LIX.

Um verde ramo de viçosa planta 465  
 A cabeça de Sá tem coroadado,  
 Aquele cuja Musa ao Céu levanta  
 O valoroso esforço sublimado  
 Dos Portugueses com viveza tanta,  
 Com estilo tão alto e levantado 470  
 Que em cada verso seu, em cada canto,  
 Fulmina um raio de terror e espanto.

<sup>28</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

<sup>29</sup> Variante de “ramalhetes”.

## LX.

Outros muitos ali se divisavam  
 Em pórfidos e mármore lavrados,  
 Entre os quaes mais illustres se mostravam 475  
 Os Cisnes Portugueses celebrados:  
 Ali também mulheres não faltavam,  
 De ingenhos<sup>30</sup> tão sublimes e elevados  
 Que nas famosas obras que deixaram  
 Colunas a seus nomes levantaram. 480

## LXI.

No meio desta sala sublimado  
 Um trono está de fina pedraria  
 Com miúdos labores debuxado,  
 Mais fulgente que o Sol ao meio-dia,  
 Quando em chamas de luz morre abrasado: 485  
 Nele sentado Apolo presidia,  
 Tendo junto a si para o conselho  
 O sábio neto do forçoso velho.

## LXII.

Geral silêncio a todos foi mandado  
 Pelo Deos que é do monte Presidente, 490  
 O qual desde o seu trono levantado,  
 Com tom de voz sonora, e veemente,  
 Com gesto um pouco grave, e carregado,  
 Que mostra aos olhos o que n'alma sente,  
 Ao congresso, que junto o atendia, 495  
 Estas formaes palavras proferia:

<sup>30</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

## LXIII.

«–Discretos moradores deste monte,  
 A quem só dos mortaes é concedido  
 Beber as ágoas dessa clara fonte,  
 Em que ingenho<sup>31</sup> e saber está escondido, 500  
 Tempo creio ser já que a todos conte  
 O que há muito tempo tenho ouvido  
 Não sem mágoa, por ver tão desprezada  
 A nossa arte tão nobre e celebrada.»

## LXIV.

»Não era antigamente concedida 505  
 Entrada neste monte a qualquer gente,  
 Nem era no Parnaso admitida  
 A que douta não fosse ou eloquente:  
 Hoje porém se vê introduzida  
 Ignorante e discreta juntamente: 510  
 Dizem-me se concede aqui entrada  
 Sem que seja pedida, nem rogada.»

## LXV.

»Não era assim antigamente, quando...»;  
 Mas aqui o não deixa ir por diante  
 Da noite o negro filho, que escutando 515  
 Atento estava, esperto e vigilante  
 Dentro de opaca nuvem espreitando,  
 E com voz e<sup>32</sup> com gesto petulante  
 Estas palavras diz escarnecendo,  
 Nas de Apolo invejoso desfazendo: 520

<sup>31</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

<sup>32</sup> Polissíndeto que retoma a construção latina *et... et*, cujo significado é “*não só... mas também*”.

## LXVI.

«—Antes sempre assim foi no tempo antigo,  
 Como agora sucede no presente,  
 O que provar-te logo aqui me obrigo  
 Com manifesta prova claramente:  
 Nem cuides que é por ser teu inimigo, 525  
 Mas porque o génio meu me não consente<sup>33</sup>  
 Deixar que nos louvores te dilates  
 Desta casa, que o foi sempre de orates.»

## LXVII.

»Mas se crer-me não queres, porque entendes  
 Que venho aqui com ânimo danado, 530  
 E da verdade minha te defendes  
 Com capa de não ser-te afeiçoado,  
 Quero tentar agora se te rendes  
 Fazendo a pontaria de outro lado:  
 Leamos nas Histórias<sup>34</sup> os louvores 535  
 Que se dão desta casa aos moradores.»

## LXVIII.

»Estas sim, que estão livres de suspeita,  
 Que falam sem lisonja claramente,  
 Onde não aparece contrafeita  
 A mentira com capa de inocente, 540  
 Onde o que é feio e mau se não enfeita  
 Com capa de virtude que o desmente:  
 Leamos, e verás que o que te digo  
 Não procede de ser teu inimigo.»

<sup>33</sup> Primeiro dos múltiplos casos de deslocamento do clítico à posição pré-nuclear. Outras ocorrências, não anotadas, nos vv. 3579, 3889, 4463, 4617, 4853, 4873, 4885, 5542, 5810, 5927, 6633, 6644, 6701, 7194, 7284, 7595, 7676, 7812, 7937, 7998, 8446, 8614, 8630, 8799, 8867, 8921 e 8934, por falar apenas neste Eco I. Porém, foram anotados os casos de próclises anómalas, aspeto para o qual remetemos à nota ao v. 2535.

<sup>34</sup> No original, '*Historirs*', obviamente por erro tipográfico.

## LXIX.

»Aluno deste monte foi Querilo, 545  
 Aquele grande ingenho<sup>35</sup> que escreveo  
 A História de Alexandre em tal estilo  
 Que as glórias de Alexandre escureceo  
 De sorte que, querendo um dia ouvi-lo,  
 A si próprio tão outro pareceo 550  
 Que entendo *que* a inveja assim lhe ordena  
 Para tão grande espada tão má pena.»

## LXX.

»Mas enfim, não me espanta *que* escrevesse  
 Com estilo tão baixo e mal limado,  
 Porque quem como eu aos teus conhece, 555  
 Esse conceito deles tem formado:  
 Pasma-me porém muito pertendesse<sup>36</sup>  
 Ser do grande Alexandre premiado;  
 Já então se tirava de ser bruto,  
 Como agora sucede, grande fruto.» 560

## LXXI.

»Fez com ele Alexandre este concerto,  
 De que qualquer dos versos *que* mostrasse  
 Que estava escrito com primor e acerto,  
 Com talento de ouro se pagasse:  
 Mas que se algum se achava não estar certo 565  
 O erro um bofetão bom lhe custasse:  
 Oh quanto bofetão hoje se dera  
 Se um contrato como este se fizera!»

<sup>35</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

<sup>36</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

## LXXII.

»À vista da promessa cobiçoso  
 Querilo não descansa até que veja 570  
 Embolsado o metal mais precioso,  
 Que por prêmio alcançar em vão deseja;  
 Mas saio<sup>37</sup>-lhe o contrato tão lucroso  
 Que a paga, além de grande, foi sobeja;  
 Porque em sendo três páginas passadas, 575  
 Ele já estava morto às bofetadas.»

## LXXIII.

»Não tenhas esta história por sonhada,  
 Entendendo que é mero fingimento  
 Nascido da vontade depravada  
 Com que teu nome deslustrar intento: 580  
 Amei sempre a verdade, nem me agrada  
 Usar de cauteloso pensamento,  
 Que o ser acautelado é grão baixeza  
 Que não diz bem com minha natureza.»

## LXXIV.

»Nem falo de Helimon, ou de Carcino, 585  
 Outros heróis». Mas eis que Clio bela,  
 Com gesto tão bizarro e peregrino  
 Qual na noite serena alegre estrela,  
 Repreendendo de Momo o desatino,  
 A prática lhe corta e atropela, 590  
 Dizendo : «-Em vão pertendes<sup>38</sup> deslustrar-nos,  
 Que o dizer mal de nós é mais louvar-nos.»

<sup>37</sup> Leia-se 'saiu'. Veja-se os Critérios de Edição, no tocante ao vocalismo átono, para casos como este. Outras ocorrências idênticas podem encontrar-se nos vv. 2923, 3081, 3107, 3235 e 7910; e para mais fenômenos semelhantes, veja-se a nota ao v. 3080.

<sup>38</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

## LXXV.

»Não foram nas idades tão famosos  
 Todos esses Heróis que celebramos,  
 Se não tivessem tantos invejosos 595  
 Quantos pelas Histórias encontramos:  
 Cuidas *que* a inveja os fez menos honrosos?  
 Enganas-te, porque se os veneramos  
 É só porque invejosos nos mostraram  
 Serem grandes, pois deles murmuraram.» 600

## LXXVI.

»Se te prezas de ser bem entendido,  
 Verás que este discurso é bem fundado;  
 Porque ninguém é de outro acometido  
 Sem ter prendas que o façam invejado:  
 Se não, mostra quem fosse conhecido 605  
 Por letras, ou por armas afamado,  
 De que se não refira que tivesse  
 Quem desdourar seu nome pertendesse<sup>39</sup>.»

## LXXVII.

»Que torre viste tu que ameaçasse  
 Escalar esses orbes de diamante, 610  
 A quem ligeiro o passo não cortasse  
 Ígneo parto da nuvem cintilante?  
 Viste algum dia flor que não murchasse  
 O rigor do Planeta radiante,  
 Ou fonte cuja linfa clara e pura 615  
 Não sentisse do gelo a prisão dura?»

<sup>39</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

## LXXVIII.

»Pois assim como a torre alta despreza  
 Do raio a fúria firme, em pé ficando,  
 E ri a flor, emblema da beleza,  
 Dos rigores do Sol linda triunfando, 620  
 E cobra a fonte a antiga ligeireza  
 Por línguas de cristal vítores dando,  
 Assim ficam mais nobres, mais luzidos  
 Os engenhos<sup>40</sup> que foram mais mordidos.»

## LXXIX.

»Jágora<sup>41</sup> vês que o nosso abatimento 625  
 Glórias são para nós, e são louvores,  
 Razão por que<sup>42</sup> nos fica o sentimento  
 De que mais não fizesses, ou maiores:  
 Despreza embora; não nos dás tormento,  
 Acrescentas favores a favores, 630  
 Que se a tua calúnia nos infama,  
 Essa mesma por grande nos aclama.»

## LXXX.

»Mas quero de outro modo convencer-te,  
 Não só com a razão, mas com a história,  
 Pois que dela também queres valer-te 635  
 Para roubar ao monte a antiga glória:  
 Ouve tudo o que dela hei-de trazer-te,  
 Que não podes negar, porque é notória,  
 E ficarás de todos<sup>43</sup> conhecido  
 Por mal intencionado e fementido». 640

<sup>40</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

<sup>41</sup> Aglutinação entre duas partículas temporais, que se produz sempre com a voz “*agora*” em posição final. Para outros casos similares, vejam-se as notas aos vv. 711, 3345, 5751 (**nota b**), 5848, 6404 e 8333.

<sup>42</sup> No original, ‘*porque*’: a desaglutinação é necessária devido ao carácter relativo do ‘*que*’. Outro caso idêntico, no v. 10481.

<sup>43</sup> No original, ‘*todo*’. Preferimos a leitura ‘*todos*’, por considerarmos que se adapta melhor ao sentido do texto, embora ambas interpretações sejam possíveis e legítimas.

## LXXXI.

Já começava a bela contendora  
 A revolver anaes da antiguidade  
 Que escaparam da fouce cortadora  
 Do tempo fero, da voraz idade:  
 Mas Momo, que a verdade não ignora, 645  
 A que deixe este intento a persuade,  
 Por suspeitar que ficará corrido  
 De que vindo a vencer, torne vencido.

## LXXXII.

Muitos em cada século<sup>44</sup> famosos  
 Clio por sua ordem vai contando, 650  
 Alguns deles em guerras valorosos,  
 Que as penas co'as espadas aparando,  
 Sendo de Marte filhos belicosos,  
 O são também de Apolo, doce e brando;  
 «Porque no mesmo peito bem se encerra<sup>45</sup> 655  
 Furor das Musas c'o furor da guerra»,

## LXXXIII.

Disse. E qual o vencido combatente  
 Na batalha cruel e sanguinosa  
 A perdida vitória tanto sente  
 Que a vida de pesar lhe é enojosa, 660  
 Assim raivoso Momo impaciente  
 Da vitória de Clio gloriosa,  
 Tanto sente a vitória ali perdida  
 Que antes perder quisera a própria vida.

<sup>44</sup> No original, '*séculos*', obviamente por erro material.

<sup>45</sup> As aspas que indicam o início da citação são, como de regra, nossas. O parlamento de Clio, indicado claramente no verso 657, poder-se-ia iniciar também nos vv. 651 ou 653, ainda que tais possibilidades nos parecem menos elegantes que a por nós editada.

## LXXXIV.

Revolve na cansada fantasia 665  
 Mil imaginações sobre o que faça;  
 Tornar a contender é bizzarria,  
 Mas perder outra vez é mor desgraça:  
 Ir-se sem responder é cobardia,  
 Se responde, outra perda o ameaça, 670  
 Confessar-se vencido é ser medroso,  
 Contender novamente, perigoso.

## LXXXV.

Quer ir-se, e quer ficar-se juntamente,  
 Quisera responder, e mais calar-se,  
 Mas descobrindo em tudo inconveniente 675  
 Não pode, inda<sup>46</sup> que quer, determinar-se:  
 Atónito, pasmado, indiferente,  
 Já vai a<sup>47</sup> responder, torna a pasmar-se,  
 Vai-se, mas volta logo, e se podera<sup>48</sup>,  
 Indo<sup>49</sup> ficara, mudo respondera. 680

## LXXXVI.

Enfim a responder se aparelhava,  
 Quando batendo irado o sólio puro  
 Apolo contra ele fulminava,  
 Não já brando, mas forte, bravo e duro:  
 «—É possível, ó Momo,» lhe gritava, 685  
 »Que sendo tu por nascimento escuro  
 Parto da noite, ousado te atrevas<sup>50</sup>  
 Opor à minha luz as tuas trevas?»

<sup>46</sup> Redução do vocalismo átono em posição inicial absoluta, por aférese. A forma '*inda*' é maioritária ao longo do texto: 96 ocorrências, face a 63 da forma plena '*ainda*'. Cf. nota ao v. 90.

<sup>47</sup> A introdução da preposição na perífrase indica um possível castelhanismo. Veja-se a nota ao v. 88.

<sup>48</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

<sup>49</sup> No original, '*Inda*'. Preferimos a leitura '*Indo*' para manter o paralelismo do verso, composto a partir de duas antíteses: responder mudo e ir-se ficando.

<sup>50</sup> Note-se a ausência da preposição '*a*', gramaticalmente exigida pelo verbo '*atrevas*'. Uma hipotética leitura '*A opor (...)*', no verso 688, não quebraria a regularidade métrica, pois permitiria a realização de sinalefa. Idêntico fenómeno regista-se nos vv. 692, 927, 8454 e 9642. Veja-se a nota ao v. 88.

## LXXXVII.

»Se o ficares vencido te é penoso,  
 Torna-te a ti a culpa, que o quiseste, 690  
 Quando com má tenção, peito orgulhoso,  
 Ultrajar minha glória te atreveste<sup>51</sup>:  
 Sente agora o castigo rigoroso  
 Que por tão grave culpa mereceste,  
 E sabe que quem mais do justo fala 695  
 Às vezes com pudor vencido cala».

## LXXXVIII.

Assim dizia. E logo sossegado,  
 Com semblante risonho e carinhoso,  
 Do trono de safiras semeado  
 Fala a todo o congresso numeroso: 700  
 Diz-lhe que há muito tem determinado  
 Envergonhar a<sup>52</sup> Momo presuntuoso  
 De modo que não possa mais em diante  
 Maquinar-lhes calúnia humilhante.

## LXXXIX.

Mandando publicar por todo o mundo 705  
 As obras dos famosos Lusitanos,  
 De ingenho<sup>53</sup> grande, de saber profundo,  
 Cujos doutos escritos soberanos  
 O tempo gastador e furibundo  
 Pertendera<sup>54</sup> acabar entre os humanos, 710  
 E a não tê-lo atégora<sup>55</sup> reprimido,  
 Os tivera de todo consumido.

<sup>51</sup> Veja-se a nota precedente.

<sup>52</sup> Veja-se nota ao v. 88.

<sup>53</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

<sup>54</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

<sup>55</sup> Aglutinação entre duas partículas temporais, com a voz '*agora*' em posição final. Veja-se a nota ao v. 625.

## XC.

Por tanto<sup>56</sup> lhes mandava que juntassem  
 Estas obras, que andavam espalhadas,  
 E juntas brevemente as publicassem 715  
 Para serem de todos<sup>57</sup> celebradas;  
 Porque não era justo que ficassem  
 Entre o esquecimento sepultadas,  
 Podendo-lhes servir de defensivo  
 Contra Momo invejoso e vingativo. 720

## XCI.

Acabou. Logo todos se ausentaram,  
 Aplaudindo de Apolo a providência:  
 As obras espalhadas ajuntaram  
 Depois de grão trabalho e diligência,  
 E pelo mundo todo as divulgaram, 725  
 Não obstante de Momo a resistência,  
 Que raivoso de inveja pertendia<sup>58</sup>  
 Essa glória tirar à Poesia.

<sup>56</sup> Optámos por manter a grafia desaglutinada original, pois além da interpretação causal, a expressão '*Por tanto*' pode ser entendida também como equivalente de "*para tanto*", com sentido final.

<sup>57</sup> No original, '*todo*'. Veja-se a nota ao v. 639.

<sup>58</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

[Página em branco no original]

TRIUNFO RÉGIO  
 RECOPIADO EM UMA  
 EPANÁFORA

POÉTICA,

Em que se descrevem os Festejos que os  
 habitantes da Vila de Setúbal<sup>59</sup> dedi-  
 caram ao Senhor Rei

D. J O Ã O V.

DE GLORIOSA MEMÓRIA,

*Na entrada que fez na mesma Vila em  
 20 de Junho de 1711<sup>60</sup>.*

*Passa Sua Majestade da Corte para Azeitão.*

OBSERVAÇÃO I.

I.

**D**ourava o Sol com belos resplandores

Do alegre Junho as agradáveis horas, 730

Com galas de luzeiros superiores

Vestindo plantas, adornando auroras:

Amaltéa colhia as várias flores

Que Maio lhe ofertava, e brilhadoras

Eram do agrado com gentis carícias 735

Tesouro ameno em cofre de delícias.

<sup>59</sup> Esta é a única ocorrência da forma 'Setúbal' ao longo deste extenso poema. No resto da composição, a grafia é 'Setíval'. Tal dissonância prova que o texto dos poemas e as rubricas são de diferente autoria.

<sup>60</sup> Poema de autor(a) ANÓNIMO(A).

## II.

Das aves a república difusa  
Formava, madrugando a luz primeira,  
Uma doce lisonja, mas confusa,  
Ou grata confusão, mas lisonjeira: 740  
Na solfa natural, que não recusa  
No artifício imitar a verdadeira,  
Filomela entre os ramos modulava,  
Progne gemia, a Rola suspirava.

## III.

Beijava os pés o Tejo reverente 745  
Da coroada Ulissea que retrata,  
Formando-lhe na líquida corrente  
Lenço de neve e lâmina de prata:  
Vagavam seus cristaes tão brandamente  
Pela campanha das escumas grata 750  
Que foram claro espelho em que queria  
Compor-se a esfera e revestir-se o dia,

## IV.

Quando o Grande Monarca Lusitano,  
Magnânimo João, no nome quinto,  
Deixando o seu Palácio Soberano, 755  
Com breve digressão, termo sucinto,  
Da caça procurou o emprego ufano  
No intricado das silvas labirinto,  
Destinando Azeitão, com gosto justo,  
A seu recreio domicílio augusto. 760

## V.

Naquele Alcáçar singular se via  
 Que algum tempo já foi com luz notória  
 Esfera relevante, que admitia  
 Do resplendor<sup>61</sup> de Aveiro a excelsa glória:  
 Com grave perfeição se prevenia 765  
 Esta estância feliz, para memória  
 De que sempre com dita sublimada  
 Fora de ilustres Príncipes morada.

## VI.

É este sítio de Azeitão vistoso  
 O mais alegre que conhece o mundo, 770  
 Nas flores, de *que* abunda, o mais formoso,  
 Nos frutos, que produz, o mais fecundo:  
 Tanto na fresca amenidade airoso  
 Como na verde perfeição jucundo,  
 Paraíso de alvíos celebrado, 775  
 Pênsil frondoso, Elísio cultivado.

## VII.

Salutífero sempre, pela imensa  
 Multidão de recreios com que admira,  
 No contínuo regalo que dispensa,  
 No benévolo vento que respira: 780  
 A mágoa que se julga mais intensa  
 Contra a saúde ali nunca conspira,  
 Porque o bem das delícias singulares  
 Lhe vem sempre benigna pelos ares.

<sup>61</sup> Ao longo de todo o cancionero, observa-se uma alternância – mantida na nossa edição – entre as formas '*resplendor*' e '*resplendor*'. As formas '*esplendor*' e '*resplendor*' podem ser encontradas nos vv. 16, 42, 764, 1476, 6353, 6842 – este, em espanhol – e 10952; '*resplendor*' e formas correlatas, extremamente abundantes no cancionero, podem ser encontradas nos vv. 86, 300, 385, 386, 729 e 799, dentre outros muitos.

## VIII.

Vizinho sendo dos fragosos montes 785  
 Da Arrábida, se sangra em prateadas  
 Líquidas veas de perenes fontes,  
 Na cópia puras, no cristal nevadas:  
 Na vista de aprazíveis Horizontes,  
 As tristezas desterra mais pesadas, 790  
 Sendo contra a penosa tirania  
 Vale<sup>62</sup> de glória e selva de alegria.

## IX.

Nas ribeiras não falta a cópia grata  
 Do cristalino humor que se deriva  
 De esfera tosca, exalação de prata, 795  
 Quando mais bela, então mais fugitiva:  
 Até que o prado com delícias ata  
 Tanta undosa lindeza sucessiva,  
 Encontrando os nevados resplandores  
 Prisão fragrante em cárcere de flores. 800

## X.

Discorrem tantas cópias transparentes  
 Por entre os arvoredos que, arrogantes,  
 São dos vales estátuas florecentes<sup>63</sup>,  
 Ou da montanha rústicos gigantes:  
 Complicados os ramos eminentes, 805  
 Parecem nos seus vínculos constantes,  
 Na vária pompa que o Outono perde,  
 Torres de sombra em Babilónia verde.

<sup>62</sup> Cf. 'val', no duplo sentido nominal e verbal, no v. 5780.

<sup>63</sup> Mais uma amostra da alternância 'sc' ~ 'c'. Vejam-se as notas aos vv. 150, 391 e 1036.

## XI.

As aves na sonora relevância,  
 Atendendo das flores a excelência, 810  
 Com justa emulação, já da fragrância,  
 Apuram de seus ecos a cadência:  
 Sumamente invejosas da elegância,  
 Nunca intentam ceder da competência;  
 Assim contendem cada instante graves, 815  
 Belas as flores, músicas as aves.

## XII.

Entraram no Palácio, em que podia  
 Do alinhamento superior o luxo belo,  
 Se não prodígio ser da galhardia,  
 Luzir ao menos do primor modelo: 820  
 De uma e de outra alegre galáxia<sup>64</sup>  
 A grande Praça viram, que o desvelo  
 Popular de palanques adornara  
 Com grata distinção, polícia rara.

## XIII.

Da Baranda<sup>65</sup> também, que se dilata 825  
 Sobre a praia, a largueza sucessiva  
 Do Porto<sup>66</sup> celebraram, que uma grata  
 Aos olhos forma sempre perspectiva:  
 Onde<sup>67</sup> o Sado entre círculos de prata  
 Multidão de navios excessiva 830  
 Costuma recolher todos os anos  
 De Holandeses, Suecos e Britanos.

<sup>64</sup> Variante de “*galéria*”. Outras ocorrências, nos vv. 5395 e 14309.

<sup>65</sup> Grafia irregular por “*Varanda*”. Mantivemos a irregularidade por se tratar de um topónimo.

<sup>66</sup> Apesar da maiúscula, deve ser interpretado como substantivo comum.

<sup>67</sup> 'Onde' por “*onde*”, mais do que provável castelhanismo. De facto, aprecia-se no cancionero uma confusão generalizada no uso do locativo “*onde*” e das vozes compostas a partir dele. Cf. notas aos vv. 1743, 1927, 2279, 2429, 2734, 2781, 2803, 3299, 5654, 5750 (notas a e c), 5969, 6379 e 7042.

## XIV.

Da Província este Rio Trantagana<sup>68</sup>  
 Se deriva em módica corrente,  
 Veloz saindo com violência ufana 835  
 Para as últimas partes do Ocidente:  
 Da famosa Salácia, que Romana  
 Colónia se aplaudia antigamente;  
 Mais rico dos cristais, que envolve puros,  
 Fertiliza os distritos, banha os muros. 840

## XV.

Até que percorrendo por espaço  
 De nove léguas com rumor furioso,  
 Junto a Setúval<sup>69</sup> mostra ser um braço  
 Do Gigante das águas caudaloso:  
 Neste sítio, com mais desembaraço, 845  
 Defendido do incurso proceloso,  
 Porto lhe constitue tão profundo  
 Melhor da Europa, e singular no mundo.

## XVI.

Na margem sua providente a sorte  
 A fábrica conserva das Salinas, 850  
 Em que o calor do Sol e o vento Norte  
 Formam cópias de Sal tão cristalinas:  
 Pois se conduz em náutico transporte  
 Às partes Boreaes, de que benignas  
 Utilidades deixam seus efeitos, 855  
 De que recebe El-Rei grandes direitos.

<sup>68</sup> Redução do prefixo “*trans-*”.

<sup>69</sup> Cf. nota à rubrica deste mesmo poema, na p. I, 33.

## XVII.

De tal modo que pode, sem desdouro  
 De alguma afectação, vanglória grata,  
 Muito mais que o Pactolo, rio de ouro,  
 Chamar-se o Sado já Rio da prata: 860  
 Que como de riquezas um tesouro  
 Concede à gente que em seu Sal contrata,  
 Por causa do Comércio lucrativo  
 É Setúval o Empório mais altivo.

## XVIII.

Na cópia da diversa pescaria 865  
 Este Rio tem tal fecundidade  
 Que, matando-se tanta cada dia,  
 Parece cresce mais a quantidade:  
 Com nenhuma marítima porfia  
 Jamais pode extinguir-se a imensidade, 870  
 Sendo o seu peixe, no labor prezado,  
 A todo o mais do Reino avantajado.

## XIX.

Todo o género dele em repetida  
 Contínua multidão produz a sorte,  
 Ou nas prisões da rede perca a vida, 875  
 Ou ferido do anzol encontre a morte:  
 Inda<sup>70</sup> aquele que avulta em mais crescida  
 Grandeza, com que rompe as ondas forte,  
 Sentindo a fisga, que o penetra aguda,  
 O bravo arrojo em desalento muda. 880

<sup>70</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

## XX.

Do Além-Tejo o distrito prolongado  
Dele recebe sucessiva cópia,  
Porque assim seu desejo saciado,  
Deste alimento não padeça a inópia:  
Também para outras partes com cuidado 885  
Fazer se manda a diligência própria,  
Sendo a todos, com grande provimento,  
Igualmente regalo que sustento.

## XXI.

Resulta desta próspera abundância,  
Que se logra com tanta diligência, 890  
A pescatória insaciável ânsia  
Uma vez a desgraça, outra a opulência:  
Pois talvez, por lucrarem mais ganância,  
Encontram do naufrágio a contingência;  
Duvidoso proveito em que a fortuna 895  
Se mostra mais avara que oportuna.

## XXII.

Outros saindo deste Rio undoso  
A navegar por mares inclementes,  
Penetram com desígnio cobiçoso  
Estrangeiras Regiões, Climias ardentes: 900  
Que o génio dos mortaes, tão desejoso  
De conseguir riquezas diferentes,  
Não se enfastia, por costume antigo,  
De buscar o seu lucro entre o perigo.

## XXIII.

Já desse Seio Árábico remoto 905  
 O furibundo pélagos visitam,  
 E da América o mar, que esteve ignoto,  
 As velas dilatando solicitam:  
 Já por indústria sábia do Piloto,  
 As praias opulentas ver meditam 910  
 Da insigne Goa, que se julga ufana,  
 Em concha Cristalina, perla<sup>71</sup> Indiana.

## XXIV.

Recolhem-se talvez, sem do adquirido  
 Se mostrar satisfeito o seu cuidado,  
 Ficando da moléstia consumido, 915  
 Por não ser o interesse consumado:  
 Natural apetite tão seguido  
 Do humano peito a lucros inclinado,  
 Em quem nunca é possível que se vede  
 Do ouro a fome, da cobiça a sede. 920

## XXV.

É deste Rio a transparência grata,  
 Em todo o tempo que se vê quieta,  
 Espelho prateado em que retrata  
 Seus luzeiros o Déléfco Planeta:  
 E quando triste remontar-se trata 925  
 Do dourado Zénit<sup>72</sup>, buscando a meta  
 Do Ocidente, formar-lhe<sup>73</sup> então se atreve  
 Urna de prata em túmulo de neve.

<sup>71</sup> Variante de “*pérola*”. Ambas formas convivem no cancionero, com frequências muito similares: neste Eco I, por exemplo, registam-se nove ocorrências de ‘*pérola(s)*’ por sete de ‘*perla(s)*’.

<sup>72</sup> ‘*Zénit*’ por “*Zénite*”. Veja-se também o v. 2323.

<sup>73</sup> A regência exigiria a preposição ‘*a*’. A sua ausência pode se interpretar como licença poética. Vejam-se as notas aos vv. 88 e 687.

## XXVI.

De estampa servem seus cristaes tão puros  
 Que debuxam, sem traça de artificios, 930  
 Desta admirável Praça os altos muros,  
 Soberbas Torres, nobres Edifícios:  
 Assim se ostentam com razão seguros  
 Contra os mais belicosos malefícios;  
 Porque o desfeito aljôfar lhes destina 935  
 Fosso argentado e base cristalina.

## XXVII.

Alegres se mostravam recreando  
 Os Infantes a vista no curioso  
 Quadro do Rio transparente, quando  
 Lhes retratava alívio tão gostoso: 940  
 As bandeiras diversas tremolando<sup>74</sup>,  
 Por impulsos do Zéfiro amoroso,  
 Os navios faziam ser nas cores  
 Matizados jardins de errantes flores.

## XXVIII.

Luís Joseph<sup>75</sup> também nela assistia, 945  
 Ilustrando na ingénua gravidade  
 Dos Sousas a elevada Fidalguia,  
 Dos Tavares a egrégia qualidade:  
 Setúval vangloriosa apetezia  
 A tanto Aluno mais sublimidade, 950  
 Vendo que exalta nos caprichos raros  
 Timbres antigos e brasões<sup>76</sup> preclaros.

<sup>74</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437. Cf. notas aos vv. 6193 e 6345.

<sup>75</sup> Como foi explicado nos Critérios de Edição, mantivemos a grafia '-ph' em posição final para respeitar o arcaísmo antroponímico. Outro caso idêntico encontra-se no v. 3281.

<sup>76</sup> A forma 'brasões' é a única que ocorre no cancionero, como se pode constatar nos vv.1055, 2432 e 2502. Cf. 'blasonar', na nota ao v. 11180.

## XXIX.

Outros muitos da Corte acompanharam  
A seu Monarca nesta ilustre empresa,  
Que com grave decoro sublimaram 955  
Deste triunfo a célebre grandeza:  
Cujos nomes, se aqui se relataram,  
Como se deve a tão suma nobreza,  
Esta notícia fora, por difusa,  
Não só fastidiosa, mas confusa. 960

## XXX.

Em silêncio se fiquem, que impossível  
É que memória deste excesso faça,  
Como também do número plausível  
Das pessoas tão nobres desta Praça:  
Que todas com desvelo indefectível, 965  
Porque o gosto feliz se satisfaça,  
Recebendo jactância repetida  
Acompanharam pompa tão luzida.

## XXXI.

Se nunca os mais solícitos primores  
Da Aritmética podem ter cautelas 970  
Para explicar o cômputo das flores  
Ou referir a cópia das estrelas,  
Menos posso eu dizer os superiores  
Assistentes de tantas ditas belas,  
Se em finezas venciam tributárias 975  
As muitas flores, as estrelas várias.

## XXXII.

Concurso não levou tão numeroso,  
 Nem tão luzido, o Rei de Macedónia,  
 Quando o Sólido lucrou tão decoroso  
 Que perdera Dario<sup>77</sup> em Babilónia: 980  
 Nem de Anquises o filho tão piedoso,  
 Depois que debelara a terra Ausónia,  
 Quando a Turno soberbo dera a morte  
 Merecendo a Lavínia por Consorte.

## XXXIII.

Nem Rômulo, que a Régia Dignidade 985  
 Logrou (com dano do Sabino adverso)  
 Daquela tão magnífica Cidade  
 Que se aplaude Cabeça do Universo:  
 Porque nesta geral festividade,  
 O fasto se admirava tão diverso 990  
 Que em seu triunfo esplêndido se via  
 Mais nobre multidão, mais fidalguia.

## XXXIV.

Pois neste tão bellissimo Congresso  
 De pompas ricas, célebre tesouro,  
 Quanto brilhava, tudo foi excesso, 995  
 Quanto se via, nada foi desdouro:  
 Cifraram nele as opulências preço,  
 Puseram liberaes as minas ouro,  
 Adornos a vanglória relevantes,  
 O brio jóias, o primor diamantes. 1000

<sup>77</sup> A grafia original, '*Dario*', atesta a pronúncia hiática.

## XXXV.

Porque neste espectáculo tão grato,  
 Como em belo compêndio resumia  
 Luzimentos pomposos o aparato,  
 Caprichos pontuaes a galhardia:  
 Inexplicáveis perfeições o ornato, 1005  
 Resplandores gentis a bizarria,  
 Fastos o alinhho, aromas o recreio,  
 Lustres o pundonor, galas o asseio.

## XXXVI.

Em seus matos não chega a ser violenta  
 A caça, porque então melhor se estima 1010  
 A Lebre, que o seu curso mais alenta,  
 A Perdiz, que o seu voo mais anima:  
 O Veado também gosto acrescenta,  
 Sem que veloz os ímpetos reprima  
 De Acteon, que a Diana vio curioso, 1015  
 Retratando inda<sup>78</sup> o fado lacrimoso.

## XXXVII.

Neste verde País melífluas aves,  
 Do natural instinto persuadidas,  
 Constituem repúblicas suaves,  
 Em breves domicílios divididas: 1020  
 Nelas dispõem com providências graves  
 As doçuras do gosto apetecidas,  
 Do néctar puro líquidos tributos,  
 As flores convertendo em doces frutos.

---

<sup>78</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

## XXXVIII.

Nem carece também da cópia amada 1025  
 Daquelas plantas que Lineo<sup>79</sup> consigna,  
 Para serem com forma moderada  
 Da tristeza aprazível medicina:  
 A multidão não falta dilatada  
 Das outras, que Cibeles predomina<sup>80</sup>, 1030  
 Para lhe serem por anúncio fausto  
 Votiva oferta e rústico holocausto.

## XXXIX.

Nem menos destas árvores frondosas,  
 Que são da amada paz tão competente, 1035  
 Se não presságio<sup>81</sup> em sortes venturosas,  
 Símbolo grave, insígnia florescente<sup>82</sup>:  
 A Palas se dedicam generosas,  
 De cujos frutos nasce a providente  
 Fecundidade de óleo que gostoso  
 Compõe o nome de Azeitão famoso. 1040

## XL.

Neste sítio se ostenta edificado  
 Um Convento com nobres resplandores  
 A São Domingos sendo consagrado,  
 Patriarca de insignes Pregadores:  
 Onde assiste com zelo reformado<sup>83</sup> 1045  
 O fervor das virtudes superiores,  
 Resplandecendo nele a Santidade  
 Com Sacro Culto, ardente actividade.

<sup>79</sup> No original, '*Liseo*'.

<sup>80</sup> Ausência da preposição regida "*em*". Vejam-se as notas aos vv. 88 e 687.

<sup>81</sup> No original, '*presagio*', forma que também aparece nos vv. 1091, 3494 e 3530. Veja-se a nota ao v. 102.

<sup>82</sup> Mais uma amostra da alternância '*sc*' ~ '*c*'. Vejam-se as notas aos vv. 150, 391 e 803.

<sup>83</sup> Expressão aparentemente equívoca, mas que deve ser interpretada de acordo com o sentido regenerador de '*reformatar*' (v. 2955) e como sinónima de '*zelo reverente*' (v. 2293).

## XLI.

Junto se admira a fábrica sublime  
Dos Régios Alencastres, alta glória, 1050  
Que na grandeza Soberana exprime  
De Aveiro a suma exaltação notória:  
Cujo Alcáçar Supremo é bem se estime  
Por singular esplêndida memória  
Dos brasões generosos com que a fama 1055  
Seu timbre ilustra, seu decoro aclama.

## XLII.

Neste Augusto Palácio, que admirado  
Logra tão singular celebridade,  
Para seguir da casa o desenfado  
Se achava a Portuguesa Majestade: 1060  
Assistido do séquito estimado  
De ilustres Cavalheiros, que a vontade  
Do Monarca, que foi bem dirigida,  
Sempre merece ser muito aplaudida.

## XLIII.

Luzida sociedade lhe faziam 1065  
Os Augustos Infantes, Superiores  
Amantes heliotrópios, que seguiam  
De tanto Sol os claros resplandores:  
Se já com doce affecto não bebiam  
Na fonte dos benéficos favores 1070  
Mimoso agrado, como na formosa  
Luz que idolatra a débil Mariposa.

## XLIV.

O Infante Dom Francisco generoso  
 Se ostentava com brios Soberanos,  
 Protótipo de prendas majestoso 1075  
 Nas auras de Abril, na flor dos anos:  
 Prometendo nos timbres de animoso  
 Domar os inimigos mais tiranos  
 Se com força talvez agigantada  
 Vibrar a lança, ou esgrimir a espada. 1080

## XLV.

Dom António também, que vaticina  
 No seu nome felices<sup>84</sup> seguranças  
 De lograr Portugal, com glória digna,  
 Alegres ditas, altas esperanças:  
 Pois a fortuna humilde já lhe inclina 1085  
 De seus velozes giros as mudanças;  
 Porque seja em Reaes sublimidades  
 Pasma do mundo, assombro das idades.

## XLVI.

Dom Manoel não menos, que descobre  
 Antes dos anos tão prudente aviso, 1090  
 Já se nos mostra com presságio<sup>85</sup> nobre  
 Armado Adónis, Militar Narciso:  
 Na tenra<sup>86</sup> idade respeitoso encobre  
 Das venturas o cúmulo preciso,  
 Indicando feliz com sorte egrégia 1095  
 Magnânimo vigor, índole Régia.

<sup>84</sup> Mantivemos as grafias do original, que neste vocábulo apresenta uma curiosa anomalia. Enquanto, no plural, '*felices*' é a única forma presente no cancionero (3 ocorrências), porém no singular as formas '*felice*' e '*infelice*' são minoritárias: 3 ocorrências de cada uma, em contraste com as 25 de '*feliz*' e as 8 de '*infeliz*', considerando-se apenas os textos em português. Por sua vez, o advérbio '*felizmente*' não apresenta alternância de formas nas 2 únicas ocorrências no cancionero. Por último, nos poemas em espanhol aparecem sistematicamente as formas '*feliz*' (4 ocorrências) e – em mais uma contradição – '*infelice*' (2 ocorrências). Não há, por certo, diferenças entre os dois Ecos que formam o cancionero.

<sup>85</sup> No original, '*presagio*'. Vejam-se as notas aos vv. 102 e 1035.

<sup>86</sup> As formas '*tenra(s)*' e '*tenros*' são maioria no cancionero, embora no conjunto da família léxica predomine o lexema '*tern-*', devido à presença de '*ternura(s)*', '*terneza*' e diversas formas verbais – especialmente o particípio – de '*enternecer*'. Em todos os casos, respeita-se a diferenciação lexical ainda hoje vigente. Cfr. nota ao v. 1466.

## XLVII.

Destes Altos Infantes assistido  
 O Luso Atlante, que ditoso impera  
 Sustentando em seus ombros<sup>87</sup> tão luzido  
 Do dilatado Império a Augusta Esfera, 1100  
 De um devoto desejo comovido,  
 Visitar determina a Casa austera  
 Da Arrábida no mundo celebrada,  
 Deserto inculto e rústica morada.

## XLVIII.

Reprimia de um zéfiro animado 1105  
 Monstro Andaluz as repugnâncias sumas,  
 Sendo nas ondas do suor banhado  
 Baxel<sup>88</sup> errante em pélagos de escumas:  
 E como a força de seu fogo irado  
 O pé robusto lhe calçou de plumas, 1110  
 Era correndo acelerada seta,  
 Vivente exalação, veloz Cometa.

## XLIX.

Já dos Grandes penetra acompanhado  
 Das fragosas montanhas as larguezas,  
 Labirinto de brenhas intricado, 1115  
 Babilónia confusa de asperezas:  
 Já do bosque vencendo o desusado  
 Intratável concurso de estreitezas,  
 Entre penhas tão rústicas descobre  
 Tesouro rico em domicílio pobre. 1120

<sup>87</sup> No original, '*hombros*', por castelhanismo gráfico.

<sup>88</sup> Redução do ditongo *ai* perante *x*. Para outros casos de redução de ditongos, vejam-se as notas aos vv. 7534, 7864, 7952, 8136, 11515, 16018, 16446 e 16944.

## L.

O Sagrado Convento vio naquelas  
 Rudes<sup>89</sup> ostentações das rochas brutas;  
 Pois repartidas pelo monte as celas,  
 São da aspereza penitentes grutas:  
 Sem corredor algum para as cautelas 1125  
 Da calma, ou tempestades resolutas,  
 Mostrando neste agreste desconcerto  
 Mais rara perfeição, maior concerto.

## LI.

Não deixou de causar-lhe sumo agrado  
 Da curiosa Igreja o grande asseio, 1130  
 Por nela se encontrar recopilado  
 Quanto na perfeição serve de enleio:  
 Transluzia o primor mais alinhado,  
 Motivando no parco mais recreio,  
 Porque a virtude santa da pobreza 1135  
 Não perde os privilégios da beleza.

## LII.

Na Capela Maior, no adorno rara,  
 Se admirava da Arrábida a Senhora  
 Que em peregrina venerável Ara  
 Feliz se exalta, singular se adora: 1140  
 Naquele inculto monte que preclara  
 Elegeo para ser brilhante Aurora,  
 A seus devotos sempre facilita  
 Celeste a protecção, segura a dita.

<sup>89</sup> A forma '*rude(s)*' é maioritária ao longo do texto, face a '*rudos*' e '*ruda(s)*' – oito ocorrências da forma normativa, por três da irregular –. Cf. nota ao v. 9868.

## LIII.

Admirado da graça meritória, 1145  
 Que a toda a graça solícita inveja,  
 Na própria Igreja divisava a Glória,  
 Vendo a Glória assistir na própria Igreja:  
 Que, como tanto Sol com luz notória,  
 Por ser Trono da Glória se corteja, 1150  
 É mui preciso que com justo abono  
 Assista a Glória onde está seu Trono.

## LIV.

Debaixo desta rústica montanha  
 Obrada pela própria natureza,  
 Também vio de uma lapa a gruta estranha 1155  
 Em rude proporção, tosca grandeza:  
 Pela parte que o mar soberbo a banha,  
 Dous pórticos se vem<sup>90</sup>, que na largueza  
 Comunicam da luz a formosura  
 À bronca esfera, opaca arquitectura. 1160

## LV.

Por pavimento tem toscos penedos,  
 Por guarnições roturas diferentes,  
 Por paredes os ásperos rochedos,  
 Por abóbada as penhas eminentes:  
 Seria origem de confusos medos, 1165  
 Se nas suas planícies<sup>91</sup> competentes  
 Não fora da Capela, que descobre,  
 Arquivo singular ou Claustro nobre.

<sup>90</sup> Forma equivalente ao moderno “vêem”. Veja-se a nota ao v. 205.

<sup>91</sup> No original, ‘planices’, por evidente erro tipográfico. Cf. os vv. 2217 e 2971.

## LVI.

Dentro, pois, deste côncavo Edifício,  
 De incultas rochas húmido Horizonte, 1170  
 A quem servem, sem moldes do artifício,  
 De colunas os jaspes deste monte,  
 Se adora sempre com fervor propício  
 No Soberano Altar, que está de fronte,  
 A Santa Margarida, que é no exemplo 1175  
 Da fé Sacrário, da virtude Templo.

## LVII.

Um luzido Oratório se<sup>92</sup> venera  
 Não longe, em quatro faces dividido,  
 Do Humanado Creador decente esfera,  
 Às ternuras<sup>93</sup> de Infante reduzido: 1180  
 De um jardim, que vistoso se exagera,  
 Se ostenta nobremente guarnecido,  
 Fundação que publica a glória justa  
 Da grandeza de Aveiro sempre Augusta.

## LVIII.

De outras muitas Capelas a lindeza 1185  
 No distrito notou deste deserto,  
 Aplaudindo no tosco da aspereza  
 Não somente o primor, mas o concerto:  
 Mas tanto que ali Febo à gentileza  
 Do claro dia pôs limite certo, 1190  
 Este sítio deixando apetecido  
 Para Azeitão se volta divertido.

<sup>92</sup> Próclise anómala. Veja-se a nota ao v. 2535.

<sup>93</sup> Veja-se, mais adiante, a nota ao v. 1466.

## LIX.

Apenas a Titónia<sup>94</sup> luz formosa  
 Resplandeceo no cristalino Empório,  
 Logo, com diligência cuidadosa, 1195  
 Se dispôs o exercício venatório:  
 Outra vez deste monte a selva umbrosa  
 Se penetrava com fervor notório,  
 Não falta o gosto no distrito inculto,  
 Aumenta-se o prazer, cresce o tumulto. 1200

## LX.

Refreava o Monarca preeminente  
 Com mão briosa a cólera arrogante  
 De um ginete, que foi no fogo ardente  
 Hipogrifo<sup>95</sup> veloz, Pégaso errante: 1205  
 E se não lhe domara a fúria urgente  
 Do áureo freio a rémora brilhante,  
 Parecera, no impulso que o socorre,  
 Raio que rompe, exalação que corre.

## LXI.

Descobre, porque nada ali se oculte,  
 Todo o fragoso sítio da espessura, 1210  
 Sem que o passo seu génio dificulte  
 Intratável retiro ou penha dura:  
 Pois para que mais gosto lhe resulte  
 Desta alegre lisonja que procura,  
 Examina, do alívio desejoso, 1215  
 Todo o monte intricado e vale umbroso.

<sup>94</sup> Aprecia-se a vacilação do vocalismo átono em posição postónica nesta voz. Cf. notas aos vv. 2018 e 2346.

<sup>95</sup> No original, '*hiprogrifo*', provavelmente por erro de impressão.

## LXII.

Eis *que* um cervo veloz pertende<sup>96</sup> oculto,  
 Com temeroso curso arrebatado,  
 Os ramos penetrar do bosque inculto,  
 Nos ramos naturaes bosque animado: 1220  
 Perseguido das vozes do tumulto  
 Venatório, que o segue acelerado,  
 Por mais que quer livrar-se na fugida,  
 Com Régia bala perde logo a vida.

## LXIII.

Porque o destro Monarca dirigindo 1225  
 Os ajustados pontos da escopeta,  
 Fez com seu tiro despenhar caindo  
 Este monstro veloz, rústica seta:  
 Se bem que a regalia presentindo<sup>97</sup>,  
 De tão valente peregrino Atleta, 1230  
 De seu galhardo brio temeroso  
 Caio prostrado e se rendeo medroso.

## LXIV.

Já param junto de uma fonte fria,  
 Que entre mares de flores se mostrava  
 Serea de cristal que adormecia 1235  
 Os sentidos nos ecos que animava:  
 Mas quando no crepúsculo<sup>98</sup> sentia  
 Que moribundo o Sol agonizava,  
 Vertia triste nesta ausência breve  
 Rios de prata em lágrimas de neve. 1240

<sup>96</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

<sup>97</sup> No original, '*presentindo*'. Veja-se a nota ao v. 102.

<sup>98</sup> No original, '*crepúsculo*', por evidente erro material.

## LXV.

Se já não parecia em resplandores  
 De transparente aljófar desatado,  
 Nascendo alegre em tálamo de flores<sup>99</sup>  
 Cisne sonoro, rouxinol nevado:  
 Porque os belos cristaes murmuradores, 1245  
 Entre as delícias de um vistoso prado,  
 Eram, no seu sussurro<sup>100</sup> bem composto,  
 Imán<sup>101</sup> do agrado e rémora do gosto.

## LXVI.

Ali se chega a turba venatória  
 Junto às delícias desta fonte amena, 1250  
 Por mitigar no alívio de uma glória  
 Da fadiga do monte a débil pena:  
 Já dos dourados raios a vanglória  
 Ocultava do Sol a luz serena,  
 E Tétis nos seus húmidos espaços 1255  
 Lhe abria as portas, lhe ofertava os braços.

## LXVII.

Aos ginetes aplicam diligentes  
 As esporas, deixando a clara fonte;  
 Do ruído dos passos tão veementes  
 Se abala o vale, se estremece o monte: 1260  
 Outra vez pelo alívio mais contentes,  
 Atropelando as sombras do Horizonte,  
 Buscavam do Palácio a regalia,  
 Chegada a noite, concluído o dia.

<sup>99</sup> No original, '*flore s*', por erro tipográfico.

<sup>100</sup> No original, '*susurro*', vocábulo que também figura nos vv. 1631 e 9382. Veja-se um caso análogo no v. 1490. Cf. a nota ao v. 102, para o mesmo fenómeno em palavras compostas.

<sup>101</sup> Mantivemos a grafia e a acentuação originais, com aparente castelhanismo.

*Parte Sua Majestade de Azeitão  
para Setúval, e chega ao  
campo do Anjo da Guar-  
da.*

OBSERVAÇÃO II.

I.

Quando um gosto agradável se medita, 1265  
Costuma sempre, com razão notória,  
Ser presságio<sup>102</sup> ditoso de uma dita  
Ou prelúdio aprazível de uma glória:  
Na complacência antecipada<sup>103</sup> incita  
Para<sup>104</sup> novas delícias a memória, 1270  
Sem que admita, prevendo o seu festejo,  
Trégoas o alívio, férias o desejo.

II.

Isso no Povo se observou famoso  
De Setúval, por sorte destinada,  
Querendo do seu Rei tão generoso 1275  
Ver a presença sumamente amada:  
Porque o seu grande amor tão cobiçoso  
Se mostrou desta glória desejada,  
Que antecipando<sup>105</sup> afectos aplaudia  
Tão suspirado bem, tanta alegria. 1280

<sup>102</sup> No original, 'presagio'. Veja-se a nota ao v. 102 e 1035.

<sup>103</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica, neste caso talvez por confusão entre os prefixos *anti-* e *ante-*. Veja-se a nota ao v. 437.

<sup>104</sup> Uso da preposição 'para' por "a". Veja-se a nota ao v. 88.

<sup>105</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica, neste caso talvez por confusão entre os prefixos *anti-* e *ante-*. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 1269.

## III.

Enquanto a seu benévolo desvelo  
 Esta alegre fortuna lhe tardava,  
 Sentindo ausências com prudente zelo,  
 Das dilações amante se queixava:  
 Já não sabia quando o logro belo 1285  
 Lhe daria os recreios que esperava,  
 Sendo destes excessos de saudoso  
 Feliz consolação, prémio amoroso.

## IV.

Que no relógio sempre dos amantes,  
 Que impacientes fogem das demoras, 1290  
 Eternidades são poucos instantes,  
 Séculos largos as ligeiras horas:  
 Mas as Régias grandezas relevantes  
 Foram de tanto alívio precursoras,  
 Inferindo de pompa tão galharda 1295  
 A ventura que espera, o bem que aguarda.

## V.

A presença Real, que estava ausente,  
 Suspirava já ver com zelo amante,  
 Pertendendo<sup>106</sup> lograr como presente  
 O grato bem que estava inda<sup>107</sup> distante: 1300  
 O desejo lhe dobra mais veemente  
 A pertensão<sup>108</sup> do afecto vacilante,  
 Porque uma glória ausente é na tardança  
 Mágoa da idea, ofensa da esperança.

<sup>106</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

<sup>107</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>108</sup> *Idem*.

## VI.

É a ausência um pesar originado 1305  
 Pela falta de um gosto apeteçido,  
 Que quando se medita imaginado,  
 Então mais penaliza repetido:  
 Mortífero veneno do cuidado,  
 Em doces esperanças divertido, 1310  
 Oficina tirana do tormento,  
 Morte do gosto, suspensão do alento.

## VII.

É no rigor, que o coração maltrata,  
 Paroxismo que acerbo o mortifica,  
 Pois na lembrança, com tristeza ingrata, 1315  
 O susto aumenta, a confusão duplica:  
 Entre as angústias que o temor dilata,  
 As ânsias nos gemidos multiplica,  
 Sendo no mal de tão nociva sorte  
 Vivo sepulcro, lastimosa morte. 1320

## VIII.

É no amoroso mar de uma alegria  
 Tormenta que o baxel<sup>109</sup> do pensamento  
 Molesta oprime, sendo na porfia  
 Um gosto o norte, se a desgraça o vento:  
 Porque de alívio confundindo o dia, 1325  
 A noite só descobre do tormento,  
 Porque padeçam com mortal presságio<sup>110</sup>  
 Perdas os olhos, a razão<sup>111</sup> naufrágio.

<sup>109</sup>Redução do ditongo *ai*. Veja-se a nota ao v. 1108.

<sup>110</sup>No original, '*presagio*'. Vejam-se as notas aos vv. 102 e 1035.

<sup>111</sup>No original, '*rizaõ*', seguramente por erro tipográfico.

## IX.

É na saudade de um cuidado absorto  
 Martírio triste, disfavor<sup>112</sup> nocivo, 1330  
 Vive, mas deixa o coração por morto,  
 Morre, mas fica o sentimento vivo:  
 Sem ter remédio, nem fingir conforto,  
 É ferida eficaz, golpe excessivo,  
 Sentimento cruel, da morte ensaio, 1335  
 Sintoma da alma, da afeição desmaio.

## X.

É da luz, que saudosa se pertende<sup>113</sup>,  
 Grosseira nuvem, desabrido eclipse;  
 Entre as várias memórias com *que* ofende, 1340  
 Delírio da razão, de amor doudice:  
 Espada que aleivosa só depende  
 Do débil fio de um favor felice<sup>114</sup>;  
 Monstro do mal, esfinge da alegria,  
 Da dor Quimera, e do regalo Harpia.

## XI.

Sempre o pesar na dilação confunde 1345  
 Todo o justo prazer que se pertende<sup>115</sup>,  
 Porque mágoas intrínsecas difunde  
 Quando nas esperanças se defende:  
 Por mais que do discurso lhe redunde  
 Alívio, nunca o dano se suspende, 1350  
 Que o golpe da saudade desabrida  
 Penetra o coração, sufoca a vida.

<sup>112</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica, neste caso com possível confusão entre os prefixos *des-* e *dis-*. Vejam-se as notas aos vv. 437, 1893 e 6189.

<sup>113</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

<sup>114</sup> '*Felice*' por "*feliz*". Veja-se a nota ao v. 1082.

<sup>115</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

## XII.

Se bem que na distância se renova  
 Do intenso amor a chama sucessiva;  
 Porque a fineza do querer se prova 1355  
 Quando a vista do amado bem se priva:  
 Todo o cuidado com veemência nova  
 No sentimento acerbo mais se aviva,  
 Que a cítara do afecto mais serena  
 Melhor se afina quando toca a pena. 1360

## XIII.

Contudo, desta Praça o requintado  
 Desejo ingenuamente cuidadoso  
 A fineza acredita no magoado,  
 O desvelo realça no saudoso:  
 O fervor da esperança anticipado<sup>116</sup> 1365  
 Lhe representa o bem mui vagaroso,  
 Que sempre para as ânsias da memória  
 É remissa a ventura e tarda a glória.

## XIV.

No relógio da ausência o sentimento,  
 Por mais que o coração queira ocultá-lo, 1370  
 Faz que as horas só corram do tormento,  
 Nunca jamais chegando as do regalo:  
 Assim parece o mal no sofrimento  
 Eterno, sem que possa moderá-lo,  
 Para que seja no afecto vacilante 1375  
 Século triste o limitado instante.

<sup>116</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica, neste caso talvez por confusão entre os prefixos *anti-* e *ante-*. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 1269.

## XV.

Molesto foro que a tirana inveja  
 Costuma impor na pertensão<sup>117</sup> mais grata,  
 Porque o sumo favor que se deseja  
 Sempre para a fineza se dilata: 1380  
 Quiçá para que indício claro seja  
 Nas graves diligências com que trata  
 De procurar alívios tão supremos,  
 Que faz excessos, que executa extremos.

## XVI.

Que, como há-de lograr com glória justa 1385  
 Tão rara protecção na Régia vista,  
 Do tormento da ausência não se assusta,  
 Porque espera que o seu favor lhe assista:  
 No excelso alívio desta sorte Augusta  
 É bem que dos tormentos já desista, 1390  
 Fazendo no alvoroço sucessivo  
 Que o lustroso se admire no festivo.

## XVII.

Que de Cartago imite as alegrias  
 Na pompa Militar dos Africanos,  
 Quando Aníbal com tantas primazias 1395  
 Vencedor nela entrava dos Romanos:  
 Ou que siga as plausíveis ufancias  
 Dos lauros que na Cúria Soberanos  
 Conseguio Mário quando tão constante  
 De Jugurta rebelde entrou triunfante. 1400

<sup>117</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

## XVIII.

Que faça iguaes aplausos às grandezas  
 Que logrou de Alexandre o nome invicto,  
 Dominando com bélicas grandezas  
 A vastíssima Pérsia, o nobre Egipto:  
 Ou quando combatia as Fortalezas<sup>118</sup> 1405  
 Com número de mortos infinito<sup>119</sup>  
 Das Cidades que fama têm notável,  
 De Tiro insigne e Tebas formidável.

## XIX.

Mas do Nosso Monarca a prodigiosa  
 Grandeza deve ser mais decantada, 1410  
 Merecendo com sorte respeitosa  
 Uma imortal memória respeitada:  
 Nos volumes da idade mais famosa  
 Ficará com razão posterizada,  
 Sem que lhe possa obstar o tempo vário, 1415  
 Mais *que* Alexandre, que Aníbal, *que* Mário.

## XX.

Assim de Tubal<sup>120</sup> este ilustre assento,  
 Hoje de Marte generoso hospício,  
 Lograr queria tão Real portento  
 Com belo ornato e bélico exercício: 1420  
 Notando que da ausência o sentimento  
 Com termo se extinguiu tão propício,  
 Esta dita esperava verdadeira,  
 Não somente festiva, mas guerreira.

<sup>118</sup> No original, '*Fortalez s'*', por erro tipográfico.

<sup>119</sup> A rima entre '*invicto*', '*Egipto*' e '*infinito*' é prova da pronúncia simplificada de grupos cultos. Na presente oitava, observa-se o fenómeno com os grupos '*pt*' (único caso no texto) e '*ct*'. Para outros casos de presença do grupo '*ct*' com pronúncia simplificada, vejam-se as notas aos vv. 2518, 2920 e 8422; o caso contrário, i.e. a grafia '*t*' por "*ct*", ocorre nos vv. 6931 e 6935. Também no v. 7822 se regista um caso análogo, mediante um jogo de palavras entre as vozes '*retrata*' e '*retracta*'. No que diz respeito ao grupo '*gn*', veja-se a nota ao v. 3046.

<sup>120</sup> Neto de Noé e fundador mítico da cidade de Setúbal.

## XXI.

Já dos Astros o Fénix<sup>121</sup> cintilante, 1425  
 Do mar deixando as líquidas espumas,  
 Por toda a esfera descubria<sup>122</sup> amante  
 As belas galas e douradas plumas:  
 Em doce aclamação sempre triunfante,  
 As várias aves com cadências sumas 1430  
 Adulavam seus claros resplandores,  
 Glória do prado, perfeição das flores.

## XXII.

Tanto que o Sol resplandeceu formoso,  
 Ficando neste agrado repetido,  
 O ar sem tanta trévoa<sup>123</sup> mais lustroso, 1435  
 O Céu sem tanta sombra mais luzido:  
 Vencida a noite do farol vistoso,  
 Permitio que com garbo mais crescido  
 Deixasse no fulgor que reverbera  
 Brilhante o dia, e luminosa a esfera. 1440

## XXIII.

Vendo luzir a singular beleza,  
 Se eximem da infeliz melancolia,  
 As plantas enfeitando a gentileza,  
 As flores alentando a galhardia:  
 Porque livres da fúnebre tristeza 1445  
 Da noite que eclipsou tanta alegria,  
 Reverdeciam com delícias tantas  
 Gratas as flores, prósperas as plantas.

<sup>121</sup> 'Fénix' apresenta vacilação de género: aparece como feminino, por influência do substantivo implícito "ave", no v. 4793; mas a sua elisão provoca o deslocamento para o género masculino, como ocorre neste caso e também nos vv. 4793 e 5692, além de mais um caso em espanhol (v. 6013). No resto de ocorrências, não há determinação nem adjetivação que permitam inferir o género atribuído.

<sup>122</sup> Vacilação no vocalismo átono pretónico: a coincidência com a forma castelhana pode denotar interferência linguística. O mesmo acontece nos vv. 1666, 5002, 5547, 7727, 7749 e 8927. Cf. nota ao v. 441.

<sup>123</sup> 'Trévoa' por "treva", talvez por contaminação analógica com "névoa".

## XXIV.

Era do dia o mimo sossegado,  
 No brando alento com que o ar serena, 1450  
 Tanto dos olhos como do cuidado  
 Lisonja alegre, formosura amena:  
 O campo dava com benigno agrado  
 Férias à dor, interrupções à pena,  
 Sendo tudo motivo de alegria 1455  
 Com riso o campo, com beleza o dia.

## XXV.

Mas no tempo em *que* o Sol já declinava,  
 O Rei sublime de Azeitão saía,  
 Que parece que os raios humilhava  
 Quando o Sol Português resplandecia: 1460  
 Deste aprazível sítio se apartava,  
 Causando com Real Soberania  
 Às flores de tão fresca amenidade  
 Mais que inveja eficaz, grande saudade.

## XXVI.

A vaidosa república das flores, 1465  
 Em terna<sup>124</sup> quanto ufana competência,  
 Lamentou dos distantes resplandores  
 A digna falta e meditada ausência:  
 Bem que estampas de aromas superiores,  
 Retratando do garbo a preeminência, 1470  
 Com caracteres dizem sempre amantes  
 Do Régio nome em sílabas fragrantas.

<sup>124</sup> Primeira ocorrência da forma 'terna', ainda que segunda do lexema 'tern-', tendo em conta as 'ternuras' do v. 1180. Cfr. nota ao v. 1093.

## XXVII.

Era no alegre dia consagrado  
 Àquele assombro peregrino, àquela  
 Aurora que, sem sombras do pecado, 1475  
 É do mundo esplendor, do mar estrela;  
 Angélico luzeiro imaculado,  
 Que foi contra Luzbel sempre luz bela,  
 Espelho em que entrou o Sol Divino,  
 Ficando intacto seu cristal tão fino: 1480

## XXVIII.

Maria, ilustremente Sacrossanta<sup>125</sup>,  
 Arquivo do candor mais transparente,  
 Que pisou bela com Divina planta  
 O colo astuto da infernal serpente:  
 Em quem resplandeceo virtude tanta 1485  
 Que nas luzes da graça preeminente  
 Dos tesouros do Céu foi Santo Erário,  
 Templo da perfeição, de Deos Sacrário.

## XXIX.

Neste admirável dia que ditoso  
 Vigéssimo<sup>126</sup> de Junho se numera, 1490  
 Buscou o Luso Sol tão luminoso  
 De Tubal<sup>127</sup> a Colónia para esfera:  
 O tempo brandamente carinhoso  
 Então das horas vespertinas era,  
 Quando no campo entrou do Anjo da Guarda 1495  
 Com Régia pompa, ostentação galharda.

<sup>125</sup> No original, '*Sacrossanta*', forma que também consta nos vv. 1651, 3254 e 8178. Veja-se a nota ao v. 102.

<sup>126</sup> No original, '*vigesimo*'. É um caso similar ao registado na nota anterior, ainda que neste caso não se trate de palavra composta. Veja-se a nota ao v. 1247.

<sup>127</sup> Fundador mítico da cidade de Setúbal, neste caso usado com valor de sinédoque. Veja-se a nota ao v. 1417.

## XXX.

Para admirar-se, vendo a Majestade  
Mais Régia, veio turba populosa,  
Qual nunca se agregou na antiga idade  
Na aclamação dos Césares famosa: 1500  
Ou já na Militar solenidade,  
Quando Escipião triunfara da invejosa  
Cartago, de quem teve o Soberano  
Honorífico nome de Africano.

## XXXI.

O Magnânimo Rei resplandecia 1505  
Assombro em tudo, sendo na grandeza  
Mais forte que Alexandre em valentia,  
Mais belo que Narciso em gentileza:  
Das luzes exemplar na galhardia,  
Protótipo das flores na lindeza, 1510  
Porque com graves brios superiores  
Vencia as luzes, dominava as flores.

## XXXII.

Era da Tíria cor a gala ilustre  
Nos purpúreos asseios que assinala  
De toda a gala peregrino lustre, 1515  
Mostrando o lustre, sem *que* afecte a gala:  
A mimosa fragrância sem deslustre  
Delícias belas docemente exala,  
Prodígio sendo em brios duplicados  
Tanto dos olhos como dos agrados. 1520

## XXXIII.

Na flor dos anos, sempre apetecida,  
 Que a flor mais bela retratar deseja,  
 Com relevante admiração luzida  
 Era de todas Majestosa inveja:  
 Pois de tanta grandeza repetida, 1525  
 Para que assombro peregrino seja,  
 Aprendiam com lícitos recreios  
 O jardim perfeições, o prado asseios.

## XXXIV.

Porém não se presume ser possível  
 Do Lusitano Sol incomparável 1530  
 Dizer a galhardia tão plausível,  
 Por ser no resplendor sempre admirável:  
 Parecendo esta glória incompreensível  
 Pelos altos excessos de inefável,  
 Não deve com discursos expender-se, 1535  
 Porque nunca é possível compreender-se.

## XXXV.

Tão portentoso assunto venerado,  
 Como não pode ser encarecido,  
 Só no silêncio ser louvado,  
 E nunca em rude aplauso definido: 1540  
 Por esta causa fica o limitado  
 De tão néscio<sup>128</sup> discurso inadvertido,  
 À vista desta luz tão Majestosa,  
 Parecendo uma sombra desairosa.

<sup>128</sup> Amostra da alternância 'sc' ~ 'c', presente ao longo de todo o Cancioneiro. Vejam-se as notas aos vv. 150 e 391.

## XXXVI.

De Alexandre, Monarca generoso, 1545  
Apeles merecendo ser aceito,  
Lhe ordenou com desejo fervoroso  
Que o Sol retrate com pincel perfeito:  
Para formar debuxo tão formoso  
O pintor, incitado do preceito, 1550  
Uma sombra no lenço retratava,  
Porque o Sol só por sombras se pintava.

## XXXVII.

Sendo, pois, tão sublime o luzimento  
De que ornou liberal a natureza  
Este de prendas singular portento, 1555  
Esta de agrados superior grandeza,  
Não se atreve o mais raro entendimento  
A louvar de seu garbo a gentileza,  
Que, como peregrino tanto assombra,  
De Sol tão belo só se pinta a sombra. 1560

## XXXVIII.

Todas as cores que matiza Flora,  
Os resplandores dessa esfera ardente,  
A galhardia da brilhante Aurora,  
Dos Planetas a luz resplandecente:  
A beleza dos Astros brilhadora, 1565  
Das jóias o valor mais eminente,  
A cópia dos diamantes estimada,  
À vista de seu brio, tudo é nada.

## XXXIX.

Os Príncipes, na luz que reverbera  
Do Sol fraterno neste luzimento, 1570  
Foram flores da Lusa Primavera,  
Sendo estrelas do Régio Firmamento:  
Nas galhardias relevantes era  
Qualquer deles magnífico portento,  
Onde com graça se agregou ditosa 1575  
Discreta a pompa, a discrição pomposa.

## XL.

À vista de seu brio Majestoso  
Podia já ficar como esquecido  
O capricho de Adónis desairoso,  
O respeito de Ascânio desmentido: 1580  
Antes no excelso garbo decoroso,  
Que resulta de adorno tão luzido,  
Bem pudera julgar-se sem receio  
Inculto Ascânio, quando Adónis feio.

## XLI.

Porque qualquer na graça peregrina 1585  
Retrato Soberano ser pudera  
Desta Flor que nas flores só domina,  
Desta luz que nas luzes sempre impera:  
Pois tanto nessa esfera cristalina  
Como também na viridante esfera 1590  
Lhe rendem vassalagem decorosa  
Humilde o Sol, e reverente a rosa.

## XLII.

No campo então do Anjo suspenderam  
As Pessoas Reaes o seu caminho,  
Sendo o primeiro dia que tiveram 1595  
Do campo as plantas tão sublime alinho:  
Mas como venturosas mereceram  
O Régio luzimento tão vizinho,  
Se vestiram, levadas da jactância,  
De nova gala e singular fragrância. 1600

## XLIII.

Como este belo campo viridante  
Arvoredos ostenta tão viçosos,  
Frescura produziam bem galante  
As verdes faias, álamos frondosos:  
Melhor que a Selva Idália, donde amante 1605  
Logrou Vénus recreios deleitosos,  
Ou que o belo dos tempos Horizonte,  
Elísio vale, ou Helicónio monte.

## XLIV.

Pois neste fresco epítome de agrados  
Se viam, como em centro, mais formosos 1610  
De Atenas os jardins tão decantados,  
De Adónis os painéis tão primorosos:  
Os Hortos de Lucano celebrados,  
Os Vergéis de Mecenas tão famosos,  
E quanto foi na airosa Primavera 1615  
Glória de Egnido, adorno de Citera.

## XLV.

Entre os gratos passeios *que* os verdores  
 Dividem com galante variedade  
 Por fazerem mais belos os primores  
 Do alegre alinhado e fresca amenidade, 1620  
 De artifícios se ostenta superiores  
 A fonte, que em gentil sublimidade  
 Excede quantas foram com grandeza  
 Pasma na traça, assombro na beleza.

## XLVI.

O licor cristalino destilava 1625  
 Das Ninfas o primor, do agrado idea,  
 Que nos sonoros ecos se julgava  
 Nevado Cisne ou cândida Serea:  
 Em dilúvios de prata desatava  
 A cópia natural com que campea, 1630  
 Sendo o sussurro<sup>129</sup>, que alternar se atreve<sup>130</sup>,  
 Lira de aljôfar ou clarim de neve.

## XLVII.

Como por fino cristal se quebra  
 No meio do arvoredo em cópia grata,  
 Foi para a Régia pompa, que celebra, 1635  
 Harpa de gelo e cítara de prata:  
 Tanto os ouvidos singular requebra  
 O líquido alabastro que desata,  
 Que pareceo na acorde melodia  
 Que descantava, quando mais corria. 1640

<sup>129</sup> No original, '*susurro*'. Veja-se a nota ao v. 1247.

<sup>130</sup> Ausência da preposição regida "a". Vejam-se as notas aos vv. 88 e 687.

## XLVIII.

No cume desta fonte resplandece  
 De finíssimo mármore esculpida  
 Uma imagem do Anjo, que enobrece  
 Tão bem formada máquina luzida:  
 Defronte logo à vista se oferece 1645  
 Do próprio Anjo a celebrada Ermida,  
 A quem dos freixos o verdor sereno  
 Fabrica claustro variamente ameno.

## XLIX.

Na Capela Maior com Religiosa  
 Decência no seu Trono sublimado 1650  
 A Sacrossanta<sup>131</sup> Imagem milagrosa  
 Se adora de Jesus Crucificado:  
 Do Bom Fim se intitula, porque goza  
 Ditoso alegre fim no seu cuidado  
 Quem lhe suplica com fiel desígnio 1655  
 Celeste amparo, egrégio patrocínio.

## L.

Seus milagres dizer nunca é possível,  
 Porque vencem na suma inexplicável  
 As estrelas que o Céu mostra plausível,  
 As flores que o jardim produz amável: 1660  
 Porque à vista do excesso imperceptível  
 Dos prodígios que faz sempre admirável,  
 Parecem no primor das pompas belas  
 Poucas as flores, menos as estrelas.

<sup>131</sup> No original, '*sacrossanta*'. Vejam-se as notas aos vv. 102 e 1481.

## LI.

Solicita suas aras numerosa 1665  
 Frequente concorrência<sup>132</sup> de devotos,  
 Sendo vítima sempre afectuosa  
 Tantos suspiros como assistem votos:  
 Ardendo em chamas desta fé piedosa  
 Se apressam dos lugares mais remotos 1670  
 A buscar neste pélago de amores  
 Mares de graça, enchentes de favores.

## LII.

Ouve o Senhor as súplicas sentidas,  
 Nas petições do pranto articuladas,  
 Seguindo-se à piedade de atendidas 1675  
 O benigno favor de despachadas:  
 Antes fazendo às lágrimas vertidas  
 As clemências do afecto antecipadas<sup>133</sup>,  
 Por dar a toda a mágoa desafogos  
 Permite alívios, sem custarem rogos. 1680

## LIII.

Neste horror dos terrenos malefícios,  
 Belo Sol com Divinos luzimentos,  
 Alternando amoroso os benefícios,  
 Dispensa luzes, comunica alentos:  
 Porque à vista de raios tão propícios, 1685  
 A nuvem de indecentes pensamentos,  
 No mais infausto dano com *que* assombra,  
 Se acabe névoa, e se desminta sombra.

<sup>132</sup> Vacilação no vocalismo átono pretónico: a coincidência com a forma castelhana pode denotar interferência linguística. Vejam-se as notas aos vv. 437, 1427 e 1831.

<sup>133</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica, neste caso talvez por confusão entre os prefixos *anti-* e *ante-*. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 1269.

## LIV.

O Magnífico Rei com zelo ardente  
 Seguido dos três Ínclitos Infantes 1690  
 Entrou na Santa Ermida, e reverente  
 A Deos affectos sacrifica amantes:  
 Por uma e outra parte toda a gente  
 Se admirou dos suspiros relevantes  
 Com que nesta ocasião tão meritória 1695  
 Adora o Rei da terra ao Rei da Glória.

## LV.

Mas como seu favor com tanto aumento  
 Da Igreja o Culto amplificar deseja,  
 É certo que a Deos tem no pensamento 1700  
 Quem zela tanto a perfeição da Igreja:  
 Tão Católico amor, tão Sacro intento,  
 Digno de eterno aplauso é bem *que* seja,  
 Que o Monarca *que* em Deos vive empregado,  
 Deos lhe defende o Império, exalta o Estado.

## LVI.

Tão Majestosa pompa acompanharam 1705  
 Os Títulos do Reino mais ilustres,  
 Que todos com grandezas ostentaram  
 Flamantes galas e garbosos lustres:  
 A galhardia Lusa sublimaram,  
 Sem que se vissem no primor deslustres, 1710  
 Que todos se exporão com mais decência  
 Passando-se em silêncio a preferêcia.

## LVII.

As Pessoas Reaes com fé devida  
 Medidas Sacras foram recebendo  
 Do Senhor do Bom Fim, em que a luzida 1715  
 Amante devoção se estava vendo:  
 Estas lhe oferta o Capelão da Ermida  
 Elias Xavier do Couto, sendo  
 Quem na entrada também (sendo mandado)  
 Ágoa benta lhe deo todo humilhado. 1720

## LVIII.

Como o Monarca heróico entrar queria  
 Nesta Praça feliz publicamente,  
 Os Infantes com nobre companhia  
 Para o Palácio foram preeminente:  
 Um coche foi com rápida porfia 1725  
 A portátil esfera que eminente  
 Seis brutos apressados transportaram,  
 Que exalações velozes se ostentaram.

LIX.<sup>134</sup>

Qualquer deles na graça parecia,  
 Que em seu rosto gentil reverberava, 1730  
 Que às flores mais airosas competia  
 Ou que às luzes mais belas igualava:  
 Se bem que a gentileza que se via,  
 Que tantos luzimentos duplicava,  
 Fazia com mais únicos primores 1735  
 Excesso às luzes, preferência às flores.

<sup>134</sup> Apesar da ambiguidade estrutural, esta estrofe e as três seguintes têm como antecedente os *Infantes* e não os *brutos apressados*, como fica claro pelo conteúdo e pela referência explícita realizada na oitava LXIV (v. 1769 ss).

## LX.

Não brilha tanto a Imperatriz do prado,  
 Que se aplaude com garbo presumido  
 Cometa de carmin, Astro encarnado,  
 Purpúreo resplendor, Rubi<sup>135</sup> luzido: 1740  
 Quando seu grave adorno nacarado  
 Sobre o trono de Abril se vê subido,  
 Aonde<sup>136</sup>, dando leis, a Primavera  
 Gentil domina e Majestosa impera.

## LXI.

Menos o cravo, que se julga airoso, 1745  
 Com tão soberba galhardia altivo,  
 Aromático enigma do formoso,  
 Emblema rubicundo do atractivo:  
 Pois vestindo de nácar luminoso  
 A beleza do adorno sucessivo, 1750  
 Parece nas cheirosas relevâncias  
 Tesouro de âmbar, cofre de fragrâncias.

## LXII.

Nem tanto resplandece nos candores  
 O jasmim que no livro se descreve,  
 Da tenra planta, em folhas de verdores, 1755  
 Ponto de prata e vírgula de neve:  
 A quem fragrantos mimos superiores  
 O prado ameno agradecido deve,  
 Pois lhe oferta com glórias tão propícias  
 Benigno aromas, pródigo delícias. 1760

<sup>135</sup> Primeira ocorrência da forma '*rubi*' ao longo do cancionero. Outros casos – não anotados – podem ser conferidos nos vv. 3428, 5806, 5807, 5812, 5818, 5886, 8435, 13560 e 14280. Para a variante '*rubim*', cf. a nota ao v. 3945.

<sup>136</sup> '*Aonde*' por "*onde*". Veja-se a nota ao v. 829.

## LXIII.

E menos da Açucena a gentileza  
Com tanto aroma que galante exala,  
Pois no espelho da cândida pureza  
Enfeita a formosura, adorna a gala:  
Por mais que jactanciosa na lindeza 1765  
Ser clausura fragrante se assinala<sup>137</sup>,  
Que entre muros de prata tem luzida  
A pompa oculta, a graça recolhida.

## LXIV.

Porque os Altos Magníficos Infantes  
Na sua respeitosa galhardia 1770  
Os adornos venciam mais flamantes  
Que o vergel alimenta, o prado cria:  
O primor dos asseios relevantes  
Os naturaes alinhos excedia  
Que logram na república cheirosa 1775  
A açucena, o jasmim, o cravo, a rosa.

---

<sup>137</sup> No original, '*assigná-la*'. Outros casos nos vv. 2009 e 2933.

*Descrevem-se os arcos que estavam  
nas ruas principaes por on-  
de Sua Majestade en-  
trou.*

OBSERVAÇÃO III.

I.

**P** Ara aplaudir a entrada Majestosa  
Do seu Grande Monarca Lusitano,  
Setúval lhe destina generosa  
Festiva pompa, obséquo soberano: 1780  
Na grandeza inculcando decorosa  
Júbilos graves do desejo ufano,  
Três arcos lhe dedica em desempenho  
Da illustre aclamação, sublime empenho.

II.

Igual demonstração de galhardia 1785  
Nunca Roma ostentou nas superiores  
Opulências triunfaes com *que* aplaudia  
As vitórias de seus Imperadores:  
De César nunca teve a regalia  
Tão magníficos cultos brilhadores, 1790  
Colocando triunfante o Régio Sólío  
Sobre as glórias do Augusto Capitólio.

## III.

Nem menos tão Real magnificência  
Manifestou Pompeo, quando o Senado  
Vencedor o aclamava da insolência 1795  
Do Sírio pertinaz, do Persa armado:  
Exaltando na pública eminência  
De tantas luzes o valor ousado  
Com *que* tanto assombrara em toda a parte  
No mar Neptuno, nas campanhas Marte. 1800

## IV.

Nem glória mereceo tão sucessiva  
Do grande Octaviano o aplauso justo  
Que a própria Roma consagrou festiva  
A seu capricho heróico e nome Augusto: 1805  
A quem, para vanglória persuasiva,  
Rendidas foram do inimigo injusto,  
Em sinal das vitórias verdadeiras,  
Por despojos as Índicas bandeiras.

## V.

Ou quando nas Províncias do Oriente,  
Reduzidas a mísera penúria, 1810  
Marco Aurélio deixava do insolente  
Avidio Cássio tão punida a injúria:  
Pois vencedor entrando preeminente  
Pelas Colónias da admirada Etrúria,  
Obséquio tanto lhe não coube em sorte 1815  
No excelso aplauso da Romúlea Corte.

## VI.

Quanto agora consagra agradecida  
 A seu Monarca com louvor notório  
 Esta de Tubal<sup>138</sup> fundação luzida,  
 Ilustre Corte, decantado Empório: 1820  
 Porque no zelo amante dirigida  
 De seu nobre congresso Senatório,  
 De tanto gosto relevante exprime  
 A suma elevação, dita sublime.

## VII.

Para teatro destas relevâncias 1825  
 Bem desejara expor tantas fortunas,  
 Seguindo de Corinto as elegâncias,  
 Imitando de Mênfis as colunas:  
 Ou do pincel mais destro as observâncias,  
 Pertendendo<sup>139</sup> afectar mais oportunas 1830  
 Fazer que concorressem<sup>140</sup> neste empenho  
 Farrásio no primor, Zêuxis no ingenho<sup>141</sup>.

## VIII.

Ou *que* as linhas regessem competentes,  
 Por regras do artifício nunca errantes,  
 Para estátuas polissem mais decentes 1835  
 Jaspes Filisca, mármore Timantes:  
 Em cujas esculturas eminentes,  
 Como em nobres ideas relevantes,  
 Se renovassem com maiores lustres  
 Generosos Padrões, Timbres ilustres. 1840

<sup>138</sup> Fundador da cidade de Setúbal. Veja-se a nota ao v. 1417.

<sup>139</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

<sup>140</sup> Cfr. nota ao v. 1666. Para outras ocorrências das formas regulares, vejam-se as notas ao v. 2510 e à rubrica da p. 266.

<sup>141</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

## IX.

Porém substituiu da antiga idade  
Tão divulgados célebres primores  
O zelo singular de uma vontade  
Explicada em finezas exteriores:  
Porque sempre uma grande actividade, 1845  
Executando affectos superiores,  
Com desvelos exprime mais egrégios  
Magníficas acções, júbilos Régios.

## X.

O pórtico primeiro na eminente  
Porta do Sol com luzimento estava, 1850  
Que este nome logrou mais propriamente  
Pelo Sol Lusitano que esperava:  
Tão suma perfeição resplandecente  
De raios brilhadores ostentava  
Que foi nos seus reflexos duplicados 1855  
Pasma dos olhos, glória dos agrados.

## XI.

Mostrava airosamente guarnecidos  
Com proporção gentil ambos os lados,  
Seguindo-se à beleza de luzidos  
As suspensões precisas de admirados: 1860  
Do metal, que de Febo os repetidos  
Luzimentos retrata, tão copiados  
Resplandores vibrava, que continha  
Quanto Ofir enobrece e Colchos tinha.

## XII.

No admirável lavor o novo acerto 1865  
Bem descobria, para ilustre indício,  
Entre os adornos graves do concerto  
As invenções mais raras do artifício:  
Dos olhos o absoluto arbítrio incerto,  
Entre as glórias de agrado tão propício, 1870  
Distinguir não sabia no vistoso  
Qual era o mais perfeito ou mais formoso.

## XIII.

Neste ornato, que é justo *que* se estime  
Por grande assombro, se admirava sobre  
Seu cume o grave Escudo tão sublime 1875  
Das Régias Armas com realce nobre:  
Entre as grandezas que luzido exprime,  
O benefício excelso se descobre  
Que Nosso Redentor Crucificado  
Ao forte Afonso fez, Rei sublimado. 1880

## XIV.

Por baixo estavam, com debuxo belo,  
As Armas de Setúval opulenta,  
Sendo a fábrica insigne de um Castelo  
Que sobre duas barcas se sustenta:  
Nos lados dele com piedoso zelo 1885  
Das Ordens Militares se acrescenta  
De Cristo, Nosso Bem, a Cruz Sagrada,  
E de Jacobo Santo a invicta espada.

## XV.

De uma e outra parte dos curiosos  
 Alinhos desta máquina decentes 1890  
 Dous Anjos assistiam caprichosos,  
 Guarnecidos de adornos refulgentes:  
 Dispendiam<sup>142</sup> com termos respeitosos  
 Flores sobre o concurso diferentes,  
 Que, sendo muito várias nos primores, 1895  
 Mostravam ser Angélicas as flores.

## XVI.

Por conta dos Ourives só corria  
 A despesa de fábrica tão grata  
 Que logo ser de gente parecia  
 Que logra imenso ouro e muita prata: 1900  
 No galhardo fulgor que transluzia,  
 Um jardim florescente se retrata  
 Que das mais flores na excelência própria  
 Suspirava o primor, vencia a cópia.

## XVII.

Assim como no ameno labirinto 1905  
 De odoríferas flores mostra o prado  
 Em debuxo de pompas não sucinto  
 Um tesouro de aromas não versado:  
 Em cujo garbo, nunca sendo extinto  
 O sucessivo adorno duplicado, 1910  
 Parece a vária perfeição que avista  
 Assombro da atenção, pasmo da vista.

<sup>142</sup> A forma regular é “*despendiam*”, pelo que nos achamos perante mais um caso de vacilação *dis-* ~ *des-*. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 1330.

## XVIII.

Da mesma sorte enleio parecia  
 O pórtico admirável sem desdouro,  
 Brilhando na pomposa galhardia 1915  
 De luzes belas singular tesouro:  
 No seu garbo sem dúvida se via  
 A própria esfera do Planeta louro,  
 Porque todo o discurso confessava  
 Que na porta do Sol o Sol brilhava. 1920

## XIX.

Com vária indústria de um favor jucundo,  
 Outro pórtico estava lisonjeiro,  
 Que, cabendo-lhe em sorte o ser segundo,  
 Merecia nas pompas ser primeiro:  
 Na eminência dos garbos foi profundo 1925  
 Paradigma de raios verdadeiro,  
 Aonde<sup>143</sup> foi na excelsa arquitectura  
 Sublime a graça, egrégia a formosura.

## XX.

Esta elevada fábrica perfeita  
 Com peregrina admiração se via 1930  
 Na grande rua que, por ser direita,  
 Direitamente só lhe pertencia:  
 Com tão notável artifício feita  
 A forma do lavor, que parecia  
 Natural formosura que no indício 1935  
 Não dependeu de enfeites do artifício.

<sup>143</sup> 'Aonde' por "onde". Veja-se a nota ao v. 829.

## XXI.

Em quatro perspectivas se formava,  
 Conrespondendo<sup>144</sup> ativa a quatro ruas,  
 Com tantas perfeições *que* bem mostrava  
 Que singulares eram, não comuas<sup>145</sup>: 1940  
 Porque à vista das flores que ostentava,  
 O próprio Maio enfeitaria as suas,  
 Porque no belo adorno dar pudera  
 Engraçadas lições à Primavera.

## XXII.

No vistoso aparato da estrutura 1945  
 Se admirava com lúcida grandeza  
 Dar a riqueza graça à formosura,  
 A formosura esmaltes à riqueza:  
 Que, como sempre dividir procura  
 Estes dotes avara a natureza, 1950  
 Ali se via com primor garboso  
 O rico vinculado no formoso.

## XXIII.

Ferindo o Sol as flores que se viam,  
 Indecisos os olhos duvidavam  
 Se os raios eram flores que luziam, 1955  
 Se as flores eram raios que brilhavam:  
 Porque tantos luzeiros reflectiam  
 Dos flamantes esmaltes que as douravam,  
 Que o seu sítio faziam, sem desmaios,  
 Mapa de luzes e jardim de raios. 1960

<sup>144</sup> 'Conrespondendo' é forma etimológica por "correspondendo", previamente à assimilação do /n/. Mais exemplos, nos vv. 3676, 3755, 3934 e 5749.

<sup>145</sup> Forma especificamente feminina, hoje considerada arcaica, mas muito comum nos primeiros séculos da língua (galego-)portuguesa. Outra ocorrência, no v. 11675.

## XXIV.

A vista pertendendo<sup>146</sup> recrear-se  
 Naquela glória que chegava a ver-se,  
 Hidrópica no gosto de alegrar-se,  
 Não podia jamais satisfazer-se:  
 Da admirável cobiça de empregar-se 1965  
 Novo affecto nascia de entreter-se,  
 Ficando em tanta galhardia imensa  
 Não somente elevada, mas suspensa.

## XXV.

Tantos não patentea resplandores  
 Íris flamante quando reverbera, 1970  
 Fazendo ostentação das várias cores  
 Na cena circular da vaga esfera:  
 Por<sup>147</sup> influxo dos raios superiores  
 Que liberal o Sol lhe concedera,  
 Nos grandes luzimentos que acumula 1975  
 Os Horizontes doura, a vista adula.

## XXVI.

Como então transluzia portentosa  
 A debuxada fábrica benigna,  
 Os olhos atraindo luminosa,  
 As atenções roubando peregrina: 1980  
 Porque a sua beleza portentosa,  
 De não vulgares excelências digna,  
 Parecia no bem composto asseio  
 Luzido assombro, cintilante enleio.

<sup>146</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

<sup>147</sup> No original, '*For*', por erro material.

## XXVII.

Com magnífica pompa se erigia 1985  
O pórtico terceiro junto à Praça,  
Guarnecido com tanta galhardia  
Que foi nova a invenção, sublime a traça:  
Protótipo de adornos se aplaudia,  
Porque de tanto luzimento a graça 1990  
Por assombro chegava a reputar-se,  
Porque o mesmo era ver-se *que* admirar-se.

## XXVIII.

Enganados os olhos nos labores  
Que o subtil artifício compusera,  
Presumiram que ali todas as flores 1995  
Cifradas tinha a verde Primavera:  
Ou que seus agradáveis resplandores  
Comunicar-lhe o mesmo Sol quisera,  
Porque prodígio fosse luminoso  
Igualmente o luzido que o formoso. 2000

## XXIX.

As cores dos debuxos engraçadas  
Formavam com lisonjas diferentes  
Entre amenas folhagens complicadas  
Labirintos de ramos florecentes:  
Em cujas galhardias retratadas, 2005  
Com vistosos matizes refulgentes,  
A novidade do ouro na verdade  
Representava de ouro nova idade.

## XXX.

A suma perfeição que se assinala<sup>148</sup>  
 A vista mais curiosa tanto adula 2010  
 Que, até do muito excesso de estimá-la,  
 Pelo julgar tão pouco se estimula:  
 Mas galante o primor de tanta gala,  
 Inexplicáveis gostos lhe acumula,  
 Perdendo-se o discurso entre os enleios 2015  
 Da nova Babilónia de recreios.

## XXXI.

Não penetram tão belos os fulgores  
 Da Titónea<sup>149</sup> Consorte os Horizontes  
 Quando com seus purpúreos resplandores 2020  
 Matiza os vales, enriquece os montes:  
 A quem festejam respirando as flores  
 Ou já celebram discorrendo as fontes,  
 Porque nas luzes que brilhante excita  
 Umas alegre, as outras ressuscita<sup>150</sup>.

## XXXII.

Como alegrava os olhos a eminente 2025  
 Suntuosa grandeza relevante,  
 Conciliando encómios de excelente  
 Nas magníficas pompas de elegante:  
 Testemunho<sup>151</sup> fiel do reverente  
 Fervoroso desejo com que amante 2030  
 Setúval, para gosto recreativo,  
 Do seu Monarca espera o ingresso altivo.

<sup>148</sup> No original, '*assigná-la*'. Veja-se a nota ao v. 1766.

<sup>149</sup> Cf. '*Titónia*', na nota ao v. 1193.

<sup>150</sup> No original, '*ressuscita*', forma que também ocorre nos vv. 3455, 3891 e 6425. Veja-se a nota ao v. 102.

<sup>151</sup> Vacilação do vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

## XXXIII.

Nestes arcos, enfim, que o gosto atento  
 Formou para triunfo tão pomposo,  
 Se cifrava o mais nobre luzimento 2035  
 Tanto no excelso como no custoso:  
 Porque neles se unio, para ornamento  
 De tão festivo obséquio decoroso,  
 Quanto aprendeo com dócil exercício  
 O discurso na escola do artifício. 2040

## XXXIV.

Neles se quis fingir recopilado  
 Quanto a cobiça descubrio<sup>152</sup> luzido,  
 Ou no centro das ágoas sepultado  
 Ou no claustro das minas escondido:  
 O diamante em reflexos desatado, 2045  
 O Piropo em luzeiros convertido,  
 A pérola, a quem fazem brilhadora  
 Risos do Sol e lágrimas da Aurora.

## XXXV.

Esse metal, que avaro dificulta  
 Às ânsias dos mortaes tanta riqueza, 2050  
 Pertendendo<sup>153</sup> esconder na mina oculta  
 De seus formosos raios a beleza:  
 Depois que nos incêndios mais avulta  
 Dos preciosos quilates a fineza,  
 Entre os labores com brilhante escolha 2055  
 Tão dobrado se vio que estava em folha.

<sup>152</sup> Vacilação no vocalismo átono pretónico: cf. as notas aos vv. 441 e 1427.

<sup>153</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

## XXXVI.

Ali fez o debuxo estar suaves,  
 Entre seus odoríferos verdores,  
 No frondoso vergel voando as aves,  
 No aprazível jardim luzindo as flores: 2060  
 A fonte, dispendendo<sup>154</sup> as cópias graves  
 Dos líquidos cristaes murmuradores,  
 Se fingia entre as plantas que retrata  
 Em gala verde guarnição de prata.

## XXXVII.

Por estes altos pórticos brilhantes, 2065  
 Erigidos nas ruas mais formosas,  
 Entrará, dando assombros relevantes,  
 O Augusto Rei com pompas majestosas:  
 Nunca adornos ostentam mais flamantes  
 No mimo da manhã purpúreas rosas 2070  
 Como em tanto concerto se assinala  
 Garbosa a perfeição, sublime a gala.

## XXXVIII.

O Palácio se via tão luzido  
 Nos áureos paramentos de adornado  
 Que às vistas, cobiçosas do atendido, 2075  
 Motivos se seguiam do admirado:  
 A grandeza do ornato dividido  
 Pelas salas com lustre concertado,  
 Bem podia fazer com justo excesso  
 Avaro a Constantino e pobre a Cresso. 2080

<sup>154</sup> A forma regular é “*despendendo*”, pelo que nos achamos perante mais um caso de vacilação *dis-* ~ *des-*.  
 Vejam-se as notas aos vv. 437 e 1330.

## XXXIX.

Protótipo de luzes se mostrava  
 No Régio ornato a Soberana esfera,  
 Pois no concerto insigne se cifrava  
 Quanto a Índia idolatra, Ofir venera:  
 Nas peregrinas reflexões que dava, 2085  
 De tantas sedas matizadas era  
 Cada estância um Elísio trasladado  
 Ou cada fala um Céu recopilado.

## XL.

Dos aromas a doce actividade  
 Delícias motivou com tal veemência 2090  
 Que, sendo dos sentidos suavidade,  
 Foi do gosto atractiva complacência:  
 De Arábia e de Pancaia a variedade  
 Odorífera dava competência,  
 Imitando em regalos lisonjeiros 2095  
 Arábia em mimos e Pancaia em cheiros.

## XLI.

As ruas se ostentavam ricamente,  
 Adornadas com tanto luzimento  
 Quanto nunca pudera diligente  
 Excogitar curioso pensamento: 2100  
 Guarnecidas com pompa tão decente  
 Que parece em seu método opulento  
 Se clausulava<sup>155</sup> com primor jucundo  
 Todo o grande aparato *que* há no mundo.

<sup>155</sup> Mantivemos a leitura original, na qual se aprecia confusão de consoantes líquidas, por assimilação.

## XLII.

As belas colchas ostentou da China, 2105  
Os ricos lós da Índia relevantes,  
Da terra Ausónia a seda peregrina,  
Da Tartária os brocados cintilantes:  
Do Norte a tela que se aplaude fina,  
Os damascos da Pérsia mais galantes, 2110  
A prata do Japão sem ter desdouro,  
Do nosso Rio de Janeiro o ouro.

## XLIII.

As pedras que abatidas se cobriam  
Com frescas espadanas que as ornavam, 2115  
Como tão preciosas se fingiam,  
Talvez por esmeraldas se julgavam:  
Alcatifas amenas pareciam,  
Que com lisonja ufana se ofertavam  
Para serem no humilde rendimento  
Do Régio fasto verde pavimento. 2120

## XLIV.

O povo, que em concurso numeroso  
Vinha ver um festejo tão luzido,  
Os<sup>156</sup> parabéns se dava venturoso  
De lograr este aplauso nunca ouvido: 2125  
Mas fundamento teve mui forçoso,  
Pois no concurso dos anos repetido  
Nunca a esperança merecer podia  
Tão ditosa ocasião, tão fausto dia.

---

<sup>156</sup> No original, 'Or'. Pode tratar-se de erro tipográfico ou de um exemplo de rotacismo.

*Da Igreja do Anjo vai Sua Ma-  
jestade para a porta que se  
chama do Sol.*

OBSERVAÇÃO IV.

I.

**O** Invencível João, Monarca Quinto

No nome faustamente venturoso, 2130  
 Cujos aplausos não podem ser extintos,  
 Mas sempre em toda a idade decoroso:  
 Depois que se apartou do labirinto  
 De tão vistosas árvores frondoso,  
 Onde a delícia vive, o gosto mora, 2135  
 República de Abril, Corte de Flora,

II.

Modesto ouvindo a popular frequência  
 Que nas plausíveis vozes excessivas  
 Lhe dava com solene complacência  
 Dignas aclamações, alegres vivas: 2140  
 Com lustrosa Real magnificência,  
 Que condecora glórias tão festivas,  
 Passou pelo Convento sublimado  
 Que o nome tem do Precursor Sagrado.

## III.

Do Santo, que foi livre da desgraça 2145  
Da culpa no materno claustro, sendo  
Santificado, pois nascendo em graça  
Lhe veio a graça então como nascendo:  
Depois, para que a Deos mais satisfaça  
Na virtude, em *que* foi sempre crescendo, 2150  
Mereceo os aplausos tão luzidos  
De se aclamar maior entre os nascidos.

## IV.

De frequente concurso aparatoso  
Neste breve caminho acompanhado  
À porta chega que do Sol formoso 2155  
O nome participa celebrado:  
Ali sendo com zelo decoroso  
Recebido do amplíssimo Senado,  
Com discreta oração, palavras graves,  
Da nobre praça lhe oferece as chaves. 2160

## V.

Neste tempo com júbilos decentes  
A grande multidão dos populares  
Lhe repetia vivas preeminentes  
Ferindo os corações, rompendo os ares:  
Porque como nos séculos presentes 2165  
Tantas ditas não teve singulares,  
Era nesta alegria tão notória  
Sem termo o gosto, sem limite a glória.

## VI.

Logo foi procedendo este admirável  
 Triunfo pela rua mais plausível 2170  
 Que o nome tem do Santo incomparável  
 Que desterra da peste o mal terrível:  
 Que estava nos adornos tão notável  
 Quanto a todo o desejo foi possível,  
 Pois retratava com diversas cores 2175  
 De Abril as perfeições, de Maio as flores.

## VII.

Foram diante deste aplauso ufanos  
 Os sonoros clarins, que na harmonia  
 Dos alternados ecos soberanos  
 Os júbilos duplicam da alegria: 2180  
 Com tão bela cadência que os tiranos  
 Efeitos da tenaz melancolia  
 Venciam, pois nos músicos acentos<sup>157</sup>  
 Eram do gosto doces instrumentos.

## VIII.

Das altas torres, com *que* os suntuosos 2185  
 Templos se qualificam celebrados,  
 Servindo-lhe edifícios tão formosos  
 De excelentes adornos sublimados,  
 Os sinos, repetindo sonorosos  
 Diferentes repiques alternados, 2190  
 Eram nos seus harmónicos ruídos  
 Consonância estrondosa dos ouvidos.

---

<sup>157</sup> No original, '*assentos*'.

## IX.

Logo diversas danças se seguiam  
Ornadas com belíssimos asseios,  
Que nos círculos gratos que faziam 2195  
Multiplicavam célebres recreios:  
Nas lindas invenções com que se uniam  
Eram da vista curiosa enleios,  
Causando no seu método ajustado  
Alegre alívio, gracioso agrado. 2200

## X.

Regulando os galantes artifícios  
Pelo som de sonoros instrumentos,  
Plausíveis davam da delícia indícios  
Na graça dos airosos movimentos: 2205  
Regalos sendo da atenção propícios,  
Ou doces do prazer divertimentos,  
Deixavam sempre com lisonja imensa  
Absorto o génio, a inclinação suspensa.

## XI.

Admirado primor tão concertado  
Se mostrava em tão lícito cortejo 2210  
Cobiçoso de gostos o cuidado,  
Hidrópico de alívios o desejo:  
Por ficarem no invento destinado  
Para a glória feliz deste festejo,  
No cárcere do agrado sem recurso 2215  
Vinculada a razão, preso o discurso.

## XII.

Qual na alegre planície divertida  
 Que ostenta o Cíntio, com gentis decoros,  
 De Ninfas engraçadas assistida,  
 Exercita Diana os belos coros: 2220  
 Sendo de mil Oriadas<sup>158</sup> seguida,  
 Alternando seus cânticos sonoros,  
 Duplica no recreio concertado  
 Glórias do gosto e júbilos do agrado.

## XIII.

Dos canhões a colérica porfia 2225  
 As salvas dando, do furor violento  
 Tremeo a terra, perturbou-se o dia,  
 Moveo-se a esfera, alvorotou-se o vento:  
 O rio, que os horrores percebia,  
 Provocado do estranho movimento, 2230  
 Serpe de prata nas cerúleas veas  
 Mordia conchas, devorava areas.

## XIV.

Os clarins entre si se competiam,  
 Os sinos uns aos outros se emulavam,  
 As charamelas ecos prosseguiam<sup>159</sup>, 2235  
 Os canhões seus incêndios fulminavam:  
 Porque em tudo alvoroços só se ouviam,  
 Quando no mesmo tempo os festejavam  
 Charamelas gentis, clarins sonoros,  
 Incessáveis canhões, sinos canoros. 2240

<sup>158</sup> A forma regular é Oréadas ou Oréades. Cf. v. 8153.

<sup>159</sup> No original, '*proseguiam*', forma que também aparece no v. 4151. Veja-se a nota ao v. 102.

## XV.

Também se via com plausível arte  
A gente Militar, querendo forte,  
Nos grandes brios com *que* imita a Marte,  
Mostrar que resoluta vence a morte:  
Nos aplausos que o Povo lhe reparte 2245  
Dobrava o gosto da festiva sorte,  
Não cessando nos bélicos clamores  
De uma parte clarins, de outra tambores.

## XVI.

Na vaidade das galas admirada  
Se via com grandeza primorosa 2250  
Uma pompa de enfeites extremada,  
Uma dita de aplausos extremosa:  
Lisonja foi de todos duplicada  
A multidão de adornos caprichosa,  
Porque neles alegre competia 2255  
Grave a riqueza, insigne a bizarria.

## XVII.

Como belas as Armas transluziam,  
Quando em seus movimentos se vibravam,  
Nos raios, que brilhantes reflectiam,  
Majores seus luzeiros duplicavam: 2260  
Os olhos diligentes, que atendiam  
No vário resplendor que contemplavam,  
Ficavam com neutraes desassossegos  
Na luz confusos, na eficácia cegos.

## XVIII.

Seguia-se a Nobreza, que empenhada 2265  
Nesta grande alegria portentosa,  
Tanta dita aplaudia desejada,  
De maiores festejos desejosa:  
De galas diferentes adornada  
Com tanta galhardia primorosa 2270  
Que podia no ilustre luzimento  
Ser o garboso inveja do opulento.

## XIX.

Nos decentes vestidos se admirava  
O metal que de Ofir se transferia,  
Pois nas luzes os olhos alegrava 2275  
Quando na tibia cor resplandecia:  
Tanta copia brilhante não lograva  
O tesouro que em Colchos se escondia,  
Aonde as Ninfas foram sem cautelas  
Buscar seu velo com primeiras velas. 2280

## XX.

De Santiago os Freires, que ocupavam  
Deste Povo as Paróquias numeroso,  
Comunidade ilustre lhe formavam  
Em congresso gentil, acto lustroso:  
Com Cruz alçada todos lhe cantavam, 2285  
Em concordante estilo sonoro,  
Os Salmos de David tão celebrados  
Com doces vozes, ecos alternados.

## XXI.

A Deos rogavam com fervor ardente  
Que exaltasse no cume mais louvado 2290

Deste Excelso Monarca preeminente  
O largo Império e venturoso Estado:  
E não menos seu zelo reverente<sup>160</sup>  
Gratificava o gosto sublimado  
Que esta Praça ditosa recebia, 2295  
Quando a Régia presença merecia.

## XXII.

Seguiam-se os Ministros com luzido  
Resplandecente adorno respeitado,  
Sendo neste aparato enobrecido  
Decente ostentação, lustre admirado: 2300  
Causavam no decoro repetido  
Igual veneração ao sumo agrado,  
Com grandezas expondo persuasivas  
As insígnias dos cargos respectivas.

## XXIII.

Temor dava esta vista poderosa, 2305  
Que sempre deve a Majestade amada  
Não só ser pelas Armas decorosa,  
Mas também pelas letras venerada:  
Na discreta inteireza judiciosa  
Deixavam tanta pompa acreditada, 2310  
Mostrando neste luzimento Augusto  
Que sempre fazem gala do que é justo.

---

<sup>160</sup> Veja-se nota ao v. 1045.

## XXIV.

Armas e letras neste competente  
 Festejo brilham com luzidas galas,  
 Por se unirem no gosto preeminente 2315  
 Culta Belona e Militante Palas:  
 Assombro também são de toda a gente  
 As Régias Guardas em distintas alas,  
 Ornadas com decente gravidade  
 Em decoro da Augusta Majestade. 2320

## XXV.

Nas janelas estavam com lustroso  
 Alinho as Damas neste obséquio amante,  
 Como Sóes no Zénit<sup>161</sup> mais luminoso,  
 Como estrelas na esfera mais flamante:  
 Aplaudiam com génio apetitoso 2325  
 Tão solene triunfo relevante,  
 No liberal cortejo dos primores  
 Vertendo aromas, derramando flores.

## XXVI.

Entre cópias choviam mais propícias  
 Nos que passavam, com gentis jactâncias, 2330  
 De nuvens duplicadas de delícias  
 Dilúvios repetidos de fragrâncias:  
 Servindo de lisonjas as carícias,  
 Alentavam do gosto as relevâncias,  
 Porque pudesse com maior vanglória 2335  
 Aumentar-se o favor, crescer a glória.

<sup>161</sup> 'Zénit' por "Zénite". Veja-se a nota ao v. 926.

## XXVII.

Tantas flores Abril não galantea  
 Dispensando aromáticas doçuras,  
 Quando no lenço alegre de Amaltéa  
 Debuxa pompas, pinta formosuras, 2340  
 Por mais que a vista ufana se recrea  
 Notando a perfeição das cores puras,  
 Achando nelas o desejo grato  
 Luzida estampa, esplêndido retrato:

## XXVIII.

Com luzes tantas a saudade triste 2345  
 A Titónia<sup>162</sup> consorte não diverte,  
 Quando dos olhos, em que a graça assiste,  
 Desperdiça cristaes, pérolas verte:  
 Porque como na ausência, a que resiste,  
 Em gosto o sentimento se converte, 2350  
 São nos doces alívios da esperança  
 Raios, que vibra<sup>163</sup>, as lágrimas que lança.

## XXIX.

Menos com tantos garbos se enobrece  
 O luzimento do vistoso dia,  
 Cintilante farol que resplandece 2355  
 Para o mundo adornar de galhardia:  
 Quando do obscuro horror *que* prevalece  
 Extermina a confusa tirania,  
 Revestindo com lúcida grandeza  
 O Céu de gala, os campos de beleza. 2360

<sup>162</sup> Cf. 'Titónea', na nota ao v. 2018. Veja-se também a nota ao v. 1193.

<sup>163</sup> 'Vibra' possui aqui sentido agentivo: "faz vibrar". Casos similares podem ser encontrados nos vv. 2405, 6174 e 6564. Veja-se a nota ao v. 88.

## XXX.

Nem com tantas estrelas se divisa  
Essa esfera de luzes tão radiantes,  
Primavera feliz que se matiza  
Com tantas flores quantos tem diamantes: 2365  
Quando Cíntia formosa lhe suaviza  
O resplendor dos raios cintilantes,  
Para que a vista lhe decifre grata  
Em papel de safir letras de prata.

## XXXI.

Como se via com subtil discurso 2370  
Que as belas Damas, ministrando cheiros,  
Lançavam sobre o próspero concurso  
De flores aromáticos chuveiros:  
Com tanta multidão que sem recurso  
Venciam seus caprichos lisonjeiros  
Toda a pompa gentil que reverbera 2375  
No próprio dia Aurora, Abril e Esfera.

## XXXII.

De Cavalheiros singular frequência  
Seu Monarca ditoso acompanhava,  
Celebrando com pública decência  
O solene triunfo com que entrava: 2380  
A pomposa feliz magnificência  
Que nas galas brilhantes se ostentava  
Era mais que dos olhos grave enleio,  
Primor do garbo, admiração do asseio.

## XXXIII.

Ali com gravidade respectiva 2385  
 Os dous Duques se viam generosos,  
 Da Lusa Esfera com grandeza altiva  
 Atlantes dignamente os mais zelosos:  
 Na ilustre relevância sucessiva  
 Com que exaltam seus timbres decorosos 2390  
 Se divisava a primazia egrégia  
 Do sangue esclarecido, estirpe Régia.

## XXXIV.

Luzimento imortal do nome ufano  
 Daquele grande Conde cujo anelo 2395  
 Foi terror belicoso já do Hispano  
 E depois glória insigne do Carmelo:  
 A quem no Augusto timbre Soberano,  
 De heróicos brios singular modelo,  
 Devem sempre ofertar, para mais glórias,  
 Os volumes anaes, o tempo histórias. 2400

## XXXV.

De Fontes se seguia o generoso  
 Marquês que, no seu tronco tão fecundo,  
 Insigne deo com timbre Majestoso  
 Honras ao Reino, admirações ao mundo:  
 Árvore Régia, que brotou<sup>164</sup> ditoso 2405  
 Luzimento de flores tão profundo  
 Que se verá do Tejo até o Idaspe  
 Gravar-se em bronze, descrever-se em jaspe.

<sup>164</sup> 'Brotou' tem aqui sentido agentivo, com valor de "fez brotar". Vejam-se as notas aos vv. 88 e 2352.

## XXXVI.

Deste festejo foi participante  
 De Alegrete o Marquês em tudo Augusto, 2410  
 Que dá, por entendido e por constante,  
 A Palas suspensões, a Marte susto:  
 Tão grande em prendas quanto relevante  
 Deve ser seu louvor; mas fora injusto  
 Que coubesse na pena o nome altivo 2415  
 Para quem todo o mundo é breve arquivo.

## XXXVII.

Nesta pompa se achou com glória suma  
 De Santa Cruz o Conde, na admirada  
 Grandeza singular mais que nenhuma,  
 Deixando a Régia prole acreditada: 2420  
 Pois sem que o tempo avaro lhe consuma  
 De seus tímbrs a glória sublimada,  
 Dos Mascarenhas a excelência ativa  
 Ilustre exalta e Soberano aviva.

## XXXVIII.

Caprichoso brilhava o Régio Conde 2425  
 De Unhão não menos, realçando o herdado  
 Insigne lustre, *que* modesto esconde,  
 Com briosas acções, sempre admirado:  
 Benigno espelho da Nobreza, donde<sup>165</sup>  
 O timbre dos avós reverberado 2430  
 Mostra em reflexos, que eficaz exprime  
 Ser imagem de seus brasões sublime<sup>166</sup>.

<sup>165</sup> A interpretação mais óbvia exigiria '*onde*'; a ocorrência de '*donde*' pode ser interpretada como mais um caso de confusão entre as formas do relativo locativo. Veja-se a nota ao v. 829.

<sup>166</sup> A estrofe é um bom exemplo de complicação sintática, devido ao deslocamento e à sobreposição de constituintes. Reordenando a estrutura, a leitura fica mais transparente:

*O régio Conde de Unhão brilhava não menos caprichoso, realçando com briosas acções o insigne lustre herdado, sempre admirado, que esconde, modesto: [é] benigno espelho da nobreza, onde em reflexos mostra o timbre dos avós, reverberado; que exprime, eficaz, ser sublime imagem de seus brasões.*

## XXXIX.

De São Lourenço o Conde preeminente  
 Galhardia ostentou tão venerada  
 Que os respeitos inculca de eminente 2435  
 Tanto na discrição como na espada:  
 Que muito se no sangue Regiamente  
 Da ascendência, que logra remontada,  
 Aprende para ser em toda a parte  
 Se Mercúrio na paz, na guerra Marte. 2440

## XL.

No meio desta pompa por tributo  
 O Conde da Ericeira venerado  
 Do respeito maior colhia o fruto  
 Entre as flores do mais cortês agrado:  
 Porém todo o louvor é diminuto 2445  
 Merecendo em seu plectro ser louvado,  
 Pois é só com notícias tão difusas<sup>167</sup>  
 Mímo de Apolo e crédito das Musas.

## XLI.

Não faltou neste obséquio decoroso,  
 Para também lhe dar bizarro aumento, 2450  
 O Conde singular do Vimioso,  
 De Portugal ilustre luzimento:  
 Para expor seu capricho respeitoso  
 Precisas são da Fama as bocas cento,  
 Ou do mundo as distâncias superiores 2455  
 Para serem volume a seus louvores.

<sup>167</sup> No original, '*distusas*' (literalmente, '*diftusas*'), voz que desconhecemos. Optámos pela leitura '*difusas*', cujo sentido condiz com o contexto e que é facilmente explicável em termos de erro tipográfico ('*diftusas*' por '*diffusas*').

## XLII.

Da mesma sorte se ostentou luzido  
 O Conde de Redondo, com decentes  
 Caprichos exaltando esclarecido  
 A glória dos ilustres ascendentes, 2460  
 Cujo insigne decoro enobrecido,  
 Como digno de encómios eminentes,  
 Devia ser assunto no que admira  
 Do Trácio plectro, da Tebana lira.

## XLIII.

Igualmente respeitos merecia 2465  
 De Coculim<sup>168</sup> o Conde nos primores  
 Com que ilustrava a herdada Fidalguia  
 O resplendor de seus progenitores:  
 Porque sendo a garbosa bizzarria  
 Esmalte superior dos pundonores, 2470  
 Nele se via competir ufano  
 Tanto o luzido como o Soberano.

## XLIV.

Nesta própria Real suntuosidade  
 De Santiago o Conde se divisa,  
 Condecorando a Régia qualidade 2475  
 Tantos méritos altos que eterniza:  
 Sem que nunca afastasse<sup>169</sup> a gravidade  
 Da decorosa estimação precisa,  
 A todos inculcava sublimado  
 Não somente respeito, mas agrado. 2480

<sup>168</sup> A forma correta deveria ser Cunculim, antiga praça colonial portuguesa na Índia, mas o título nobiliário adotou a forma que aparece no poema.

<sup>169</sup> No original, *'afustasse'*: poder-se-ia entender como um formação legítima sobre *"fuste"*, mas no contexto em que aparece careceria de sentido; daí a necessidade de retificar a leitura original.

## XLV.

O Conde Soberano de Pombeiro  
Também vinha com brio generoso,  
Fazendo nos agrados verdadeiro  
Quanto fora em Narciso fabuloso:  
Mas como desestima lisonjeiro 2485  
Vulgar aplauso, sempre decoroso,  
Melhor se lhe atribue o ser no lustre  
Glória do grave e resplendor do ilustre.

## XLVI.

Juntamente esse Conde, que na idade  
Juvenil tão magnânimo promete 2490  
O fruto de prudente gravidade,  
Sendo flor do mais ínclito Alegrete:  
Pois colocando a fama a imensidade  
De tantos timbres sobre os globos sete,  
Fará, por se escreverem verdadeiros, 2495  
Penas dos raios, tinta dos luzeiros.

## XLVII.

Gravemente também de Valadares  
O grande Conde sublimado vinha,  
As altas preeminências Titulares  
Já de Vila-Real, já de Caminha: 2500  
Herdeiro das grandezas singulares  
De tão régios brasões, Augusta linha,  
Em decoros ilustres com que a fama  
Marqueses celebrou, Duques aclama.

## XLVIII.

Duplicava em festejo tão pomposo 2505

O ilustre Melo as glórias excelentes,

Monteiro-Mor do Reino e decoroso

Paradigma de Régios ascendentes:

Em cujo excelso sangue generoso

Concorrem<sup>170</sup> tantos méritos prudentes 2510

Que faz *que* em seu capricho ingénua seja

Agravo a adulação, encómio a inveja.

## XLIX.

Finalmente, assistia<sup>171</sup> com cuidado

Diogo de Mendonça<sup>172</sup>, que os secretos

Oráculos atende do Alto Estado, 2515

Arquivo sendo dos Reaes Decretos;

Por nascimento ilustre tão louvado

Quanto excessivo nos leaes affectos<sup>173</sup>

Com *que* o Régio serviço observa amante,

Argos prudente e Lince vigilante. 2520

## L.

Do Crime ali da Corte o venerável

Corregedor também luzio plausível,

Douto Brochado, em letras admirável,

Se em rectas equidades inflexível:

Fazendo em seu respeito inseparável 2525

Da nobreza a ciência indefectível,

Porque nele se vejam juntamente

Capricho ilustre, erudição prudente.

<sup>170</sup> Veja-se a nota ao v. 1831.

<sup>171</sup> No original, '*assistiam*'. A concordância exige o singular, que, de resto, não altera o metro do verso.

<sup>172</sup> Cf. '*Mendonça*', no v. 5753. Outra ocorrência, no v. 13766.

<sup>173</sup> A rima prova a pronúncia simplificada do grupo culto. Veja-se a nota ao v. 1406.

## LI.

Gualter de Andrada Rua, *que* no ag[rado]<sup>174</sup>  
 Com que serve a seu Rei tão cuidadoso, 2530  
 Inda<sup>175</sup> que algum o imite no extremado,  
 Nenhum pode excedê-lo no extremo:  
 Pois sendo pelas prendas venerado,  
 Pela ilustre ascendência generoso,  
 Lhe darão<sup>176</sup> por subir às ditas todas, 2535  
 A fama as asas, a fortuna as rodas.

## LII.

Nesta pompa, que ilustre se aplaudia,  
 Rebelo insigne fez nobre assistência,  
 A cujo zelo activo pertencia  
 Desta Jornada a Régia providência: 2540  
 Da Câmara Porteiro, em quem se via  
 Memorável a heróica diligência  
 Com que a conduzir do Império fora  
 A Germânica Flor, Cesárea Aurora.

<sup>174</sup> O trecho original encontra-se em mau estado. A rima e o sentido parecem exigir '*agrado*'.

<sup>175</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>176</sup> Próclise anómala. Para outras ocorrências, vejam-se as notas aos vv. 2589, 7451, 7507, 8020 e 8041. Cf. nota ao v. 526.

*Entra pela porta do Sol Sua Ma-  
jestade, visita a Igreja Ma-  
triz, e recolhe-se no Pa-  
lácio.*

## OBSERVAÇÃO V.

## I.

**E**Ntrava, pois, com Majestoso Estado 2545

O sublime Monarca tão luzido  
Que entre o preciso amor de venerado  
Merecia os encómios de aplaudido:  
Atraindo com seu benigno agrado  
Dos Vassalos o séquito subido, 2550  
Eram de seus affectos os quilates  
Agradáveis Magnetes dos Magnates.

## II.

Na dourada região que o Sol matiza  
De alegres pompas repetindo ensaios,  
Para ser com beleza tão precisa 2555  
Cópia de adornos, lâmina de raios:  
Gosto tão singular se não divisa,  
Animando das flores os desmaios,  
Que a noite com desdouro mostra injusto  
Mortas do assombro, pálidas do susto. 2560

## III.

Quanto lograva, sendo recebido  
O venerável Rei com tanto zelo  
Do fervoroso affecto repetido  
Do nobre aplauso, popular desvelo:  
Decente aclamação, se não devido 2565  
Alto cortejo do excessivo anelo,  
Com que amante Setúval lhe declara  
A mais firme afeição, fineza rara.

## IV.

Este foi Regiamente o mais glorioso  
Memorável troféo que se divulga, 2570  
Pois vence o luzimento decoroso  
Que a fama em tantos séculos promulga:  
Nos eternos encómios de famoso,  
Entre todos por célebre se julga,  
Vencendo quantos foram com vaidade 2575  
Glória do mundo, admiração da idade.

## V.

Mas toda esta grandeza, que se apura  
Na memória dos anos sucessiva,  
Ou parece sofisticada pintura,  
Ou se inculca sonhada perspectiva, 2580  
À vista da eminente glória pura  
Com que Setúval tão zelosa aviva  
O seu constante amor, quando empenhada  
Celebra do seu Rei a Augusta entrada.

## VI.

Um ginete montava tão brioso 2585  
Que, se não lhe domara o forte alento,  
Fora no impulso da carreira airoso  
Vivente raio, arrebatado vento:  
Se pára<sup>177</sup> altivo, inculca por vistoso  
Tal garbo, suspendendo o movimento, 2590  
Que, revendo-se em si, parece astuto  
Nas ondas do suor Narciso bruto.

## VII.

Era purpúrea a gala que vestia,  
Cujo nácar vencer a luz pudera,  
Que prólogo se inculca de alegria 2595  
No livro ilustre da dourada esfera,  
Ou de Vénus a flor, que a galhardia  
Aumenta da fragrante Primavera;  
Porque excedia, sem temer desmaios,  
Da rosa os brios e da aurora os raios. 2600

## VIII.

Mostrou no Régio aspecto tão luzida  
Gentileza que a muitos, na verdade,  
Não sendo a Majestade conhecida,  
Fez logo conhecida a Majestade:  
Pois na presença Imperiosa unida 2605  
A graça à relevante gravidade,  
No sublime infundia, e no perfeito,  
Garboso agrado e singular respeito.

---

<sup>177</sup> Próclise anómala. Veja-se a nota ao v. 2535.

## IX.

Dos olhos tantas luzes superiores  
 Engraçado influio nas faces belas 2610  
 Que se uniam com sumos resplandores  
 Lindas as flores, graves as estrelas:  
 Se bem que o Sol absorto nos candores  
 Que admirava no júbilo de vê-las,  
 A tanto Régio fulgor que se assinala 2615  
 Prostrava a pompa, submetia a gala.

## X.

Com tão vistoso Pálio se cobria  
 A presença Real que motivava  
 No respeito galhardo que infundia,  
 Decoro superior com que admirava: 2620  
 Que, como a Majestosa bizarria  
 Tantos assombros cintilante dava,  
 Fazia na magnífica grandeza  
 Luzida a graça, airosa a gentileza.

## XI.

As Varas que este Pálio sustentavam<sup>178</sup> 2625  
 Foram com mostras de excessivo agrado  
 Repartidas, conforme lhes tocavam,  
 Pelas nobres pessoas do Senado:  
 Que, como neste dia festejavam  
 Um gosto sumamente requintado, 2630  
 No empenho de alegria tão notória  
 Passava a mesma dita a ser vanglória.

<sup>178</sup> No original, '*sustentava*'. A semântica, a concordância e a rima exigem o plural.

## XII.

Tinha o lugar primeiro o venerado  
Presidente e Juiz sempre aplaudido,  
Tanto pela Nobreza respeitado 2635  
Quanto pela ciência engrandecido:  
Que com graves acções tendo ilustrado  
Dos Salemas o tronco conhecido,  
Promete a sorte aos seus merecimentos  
Ditosas honras, prósperos aumentos. 2640

## XIII.

No segundo lugar tinha igualdade  
Mateus da Silva, que também se preza  
De exaltar com decente gravidade  
O venerado timbre da Nobreza:  
Não menos Frias, dando à qualidade 2645  
Da sublime Família mais grandeza,  
Este aplauso aumentava enobrecido  
Tanto no airoso como no luzido.

## XIV.

Seguia-se então Costa, que brioso  
Igual aos outros nos caprichos era; 2650  
Martim Domingues Banha respeitoso  
Na nobre obrigação com que nascera;  
Também Pedro da Rosa, que zeloso  
Do público interesse se venera,  
Mostrando cada um no grave aspecto 2655  
Vanglória especial, gosto selecto.

## XV.

Por um e outro lado se admirava  
A grandeza dos Títulos maiores,  
Que do seu Régio Sol, que cintilava,  
Recebiam lustrosos resplandores: 2660  
Tantos raios na esfera não lograva  
A beleza dos astros brilhadores  
Quanto nesta ocasião vibrava airosa  
Do Régio rosto a vista generosa.

## XVI.

No meio dos ilustres Cavalheiros 2665  
Luzia o grande Rei com pompas belas  
Como insigne Planeta entre os luzeiros,  
Como brilhante Sol entre as estrelas:  
Com júbilos o Povo verdadeiros,  
Rompendo dos silêncios as cautelas, 2670  
Em frequentes tumultos de alegria  
Vivas lhe dava, aplausos repetia.

## XVII.

De tão sublime pompa acompanhado,  
Para a Igreja Matriz foi dirigido,  
Em cujo altivo pórtico elevado 2675  
Outro Pálio lhe estava apercebido:  
Sendo nele com gosto avantajado  
Do Clero dignamente recebido,  
Seu Capelão-Maior tão generoso  
Ágoa benta lhe oferta obsequioso. 2680

## XVIII.

O Venerável Cunha, em cuja ilustre  
 Clara estirpe, com mérito profundo,  
 Se admira o timbre do mais Régio lustre  
 Que aplaude a fama e reconhece o mundo:  
 Dos caprichos espelho sem deslustre, 2685  
 De esmaltes generosos tão fecundo  
 Que às Casas de mais alta Jerarquia  
 Une Grandeza e dá Soberania,

## XIX.

Tão digno da maior sublimidade  
 Quanto nas prendas se exaltou maiores, 2690  
 Aumentando na ilustre qualidade  
 Os decoros de seus Progenitores:  
 Sendo a Suprema Augusta Dignidade  
 De Inquisidor Geral nos superiores  
 Progressos da virtude mais preclara, 2695  
 Presságio<sup>179</sup> certo da maior Tiara.

## XX.

Pelo meio da Igreja, que excelente,  
 Pela cópia de luzes tão flamante  
 Fazia emulação resplandecente  
 À<sup>180</sup> beleza dos astros cintilante: 2700  
 Entre o concurso da admirada gente,  
 À Capela Maior foi relevante,  
 Primeiro reflexão fazendo atento  
 Ao Altar do Divino Sacramento.

<sup>179</sup> No original, '*presagio*'. Vejam-se as notas aos vv. 102 e 1035.

<sup>180</sup> No original, '*A*'.

## XXI.

É este grande Templo o mais suntuoso 2705  
Que com Régio dispêndio foi fundado,  
Pelo nobre artifício portentoso  
Quanto pela grandeza celebrado:  
Pois para se exaltar mais decoroso  
À Senhora da Graça é consagrado, 2710  
Que, sem de Adão sentir mortal desgraça,  
É Jóia da pureza e Sol da Graça.

## XXII.

Depois que a sua Venerável Ara  
O Monarca admirou tão reverente,  
Piedoso expondo a devoção preclara 2715  
De seu zeloso amor, impulso ardente,  
Foi levado outra vez com pompa rara  
Do aplauso universal de toda a gente,  
E debaixo do Pálio recebido  
Amplificou no excelso o mais luzido. 2720

## XXIII.

Com a própria grandeza do aparato,  
Que lhe assistia com desvelo amante,  
Qualificando neste obséquio grato  
O timbre heróico de um fervor constante;  
Pelas ruas que mais lustroso ornato 2725  
Ostentavam, no alinhamento relevante,  
Foi dando airoso com galhardo asseio  
À vista admiração, ao gosto enleio.

## XXIV.

Que concha se mostrou nos matutinos  
 Agradáveis crepúsculos da aurora, 2730  
 Quando enclaustra entre os nácares benignos  
 Cristaes *que* exala e lágrimas que chora,  
 Tão rica dos tesouros peregrinos  
 Na Gangética margem donde<sup>181</sup> mora  
 Que iguaem seus aljôfares no preço 2735  
 Tão Régio garbo, tão sublime excesso?

## XXV.

Que rosa madrugou no viridante  
 Hemisfério do prado refulgente,  
 Sendo cometa de âmbar cintilante  
 Ou luzeiro de nácar florescente<sup>182</sup>, 2740  
 Que da gala, que veste tão galante,  
 Não desalinhe a púrpura luzente,  
 Se acaso competisse a bizzarria  
 De tanta gala e tanta galhardia?

## XXVI.

É certo que a sublime gentileza 2745  
 Que se admira no Régio luzimento,  
 Excedendo os aplausos da lindeza,  
 Sem ser encómio mostra ser portento:  
 Assim sem se jactarem da beleza  
 Que lhe serve de tão lustroso aumento, 2750  
 Sujeição lhe tributam conhecida  
 A concha bela, a rosa presumida.

<sup>181</sup> 'Donde' por "onde". Veja-se a nota ao v. 829.

<sup>182</sup> Amostra da alternância 'sc' ~ 'c', presente ao longo de todo o Cancioneiro. Veja-se a nota ao v. 150.

## XXVII.

Os sonoros clarins, que se alternavam,  
Tão doce consonância produziam  
Que na guerra os brios despertavam, 2755  
Os sentidos então adormeciam:  
Nas cadências alegres que formavam,  
Acordes entre si se competiam,  
Que nos ecos do canoro assento  
Se suspendia o ar, parava o vento. 2760

## XXVIII.

Não cessavam da alegre melodia  
No próprio tempo as muitas charamelas,  
Motivando na harmónica energia  
Suaves recreações, delícias belas:  
Dos vivos repetidos a porfia 2765  
Penetrava nos ecos as estrelas,  
Dos sinos atroou o estrondo ufano,  
Tremeo Neptuno e fulminou Vulcano.

## XXIX.

Com furor duplicavam repetido  
As Fortalezas seu estrondo usado, 2770  
Estremecer fazendo no bramido  
De Tétis o cerúleo principado:  
Retrocedeo, confusa do ruído,  
A corrente do nosso pátrio Sado,  
Fugindo com mais tímida eficácia 2775  
Para a Colónia antiga de Salácia.

## XXX.

Das janelas e ruas que a vaidade  
 Popular adornou com tanto alinho,  
 Só de aplausos se ouvia a imensidade  
 Com grave affecto, singular carinho: 2780  
 Por toda a parte adonde<sup>183</sup> a Majestade  
 Soberana fazia seu caminho,  
 Soavam juntos com geraes agrados  
 Do gosto os ecos, da alegria os brados.

## XXXI.

No vário giro que o discurso atento 2785  
 Nos séculos antigos tem notado,  
 Obséquio não se vio mais opulento,  
 Festejo não se achou mais sublimado:  
 Nem Roma teve igual contentamento  
 No tempo dos seus Césares passado 2790  
 Que emular talvez possa na alegria  
 Tão plausível função, tão Régio dia.

## XXXII.

Os Cavalos do Estado numerosos  
 Conduziam serventes bem luzidos,  
 Com selas e telizes mui preciosos, 2795  
 De ouro e prata sendo guarnecidos:  
 Entre brilhantes círculos lustrosos,  
 Com primorosa fábrica tecidos,  
 Gravadas vinham com decoro justo  
 As Sacras Armas do Monarca Augusto. 2800

<sup>183</sup> 'Adonde' por "aonde". Veja-se a nota ao v. 829.

## XXXIII.

Já no Real terreiro este admirável  
 Decoroso triunfo se encontrava,  
 Adonde<sup>184</sup> estava gente inumerável  
 Por ver o fim do aplauso que esperava:  
 Mostrando-se o Monarca muito afável 2805  
 No respectivo agrado que indicava,  
 Do Cavallo desceo com Régio modo,  
 Roubando os olhos do concurso todo.

## XXXIV.

Da Ordenança da Praça o Regimento,  
 Que ali se achava muito bem formado, 2810  
 Duplicando da festa o luzimento,  
 Três salvas deo com método ajustado:  
 Do ruído ficou confuso o vento,  
 O ar do fumo se ostentou turbado<sup>185</sup>,  
 Os meninos que os ecos observaram 2815  
 Tristes gemeram, trémulos choraram.

## XXXV.

De guarda entrou com sua Companhia  
 Na porta Augusta do Palácio Régio  
 O Capitão Francisco de Faria,  
 No timbre altivo, na Nobreza egrégio: 2820  
 João Peres de Macedo em outro dia  
 E nos mais teve o próprio privilégio,  
 Mostrando insigne sublimado lustre  
 No brio singular, no sangue ilustre.

<sup>184</sup> 'Adonde' por "onde". Veja-se a nota ao v. 829.

<sup>185</sup> Por 'turbado'.

## XXXVI.

Tanto *que* entrou no Paço o Rei zeloso 2825  
 Foi fazer Oração logo à Tribuna,  
 Fundando neste affecto tão piedoso  
 O bom successo da maior fortuna:  
 Esta exemplar acção mui generoso  
 Na hora repetio mais oportuna, 2830  
 Enquanto se deteve, cada dia,  
 Com grave devoção, suma alegria.

## XXXVII.

Que sem buscar-se a Deos nunca é possível  
 Que se logre ventura favorável,  
 Que do seu grave arbítrio incompreensível 2835  
 Depende todo o bem mais estimável:  
 De tão Suprema luz indefectível,  
 Como Divina causa inexplicável,  
 Resulta o sumo aumento desejado  
 Do grande Império, Augusto Principado. 2840

## XXXVIII.

Que débil ave romperia os ares,  
 Que rude fera o bosque mais violento,  
 Que leve peixe os inconstantes mares,  
 Que atrevido baxel<sup>186</sup> o dúbio vento:  
 Que gosto não teria os seus pesares, 2845  
 Que alívio não chegara a ser tormento,  
 Sem favor da Celeste Providência  
 Deste increado<sup>187</sup> Bem, Divina Essência.

<sup>186</sup> Redução do ditongo *ai*. Veja-se a nota ao v. 1108.

<sup>187</sup> A forma única em todo o cancionero é '*crear*' e derivados, por "*criar*". Trata-se de mais um caso de vacilação no vocalismo átono em posição pretónica: veja-se nota ao v. 437.

## XXXIX.

Mal podem referir os seus louvores  
Do etéreo globo as belas luminárias, 2850  
Por mais que se convertam seus fulgores  
Em vozes naturaes, em línguas várias:  
Nem menos os retóricos primores  
Das artes ao discurso tributárias,  
Pois não pode explicar, por Soberano, 2855  
Aplauso tão Divino engenho humano.

## XL.

Nem o descreve o Sol, porque sucintas  
Se julgam tantas reflexões serenas,  
Ou já das luzes se fizessem tintas,  
Ou já dos raios se aparassem penas: 2860  
Inda<sup>188</sup> as cores, que forma Abril distintas,  
Entre as delícias da fragrância amenas  
São sombras; porque estão seus resplandores  
Vencendo as luzes, excedendo as flores.

---

<sup>188</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

*Referem-se as outras sublimes ac-  
ções de Sua Majestade até  
partir para a Corte.*

OBSERVAÇÃO VI.

I.

**P** Isava Cíntia com ligeiro curso 2865

O cume altivo do nocturno empório,  
E das sombras o fúnebre concurso  
Roubava as luzes com rigor notório:  
Quando o Monarca, para mais recurso  
Do descanso no seu reclinatório 2870  
Buscava nos alívios do sossego  
Do doce sono o natural emprego.

II.

É o sono delícia lisonjeira,  
Feitiço doce, saboroso alento,  
Labirinto em que fica prisioneira 2875  
A forma do corpóreo movimento:  
Rémora, que suspende a mais ligeira  
Subtileza do vago pensamento,  
Veloz respiração, carícia leve,  
Descanso fugitivo, alívio breve. 2880

## III.

Apenas nestes vínculos propícios,  
Recreios naturaes da humanidade,  
Das viventes acções os exercícios  
Prendia nos grilhões da suavidade:  
Ficando na carência dos officios 2885  
Racionaes suspendida a liberdade,  
Adulação do gosto apetedida,  
Trégoa da alma, parêntesis da vida.

## IV.

Quando já na Celeste Monarquia  
A aurora nos crepúsculos primeiros 2890  
Alvissaras pedio de que nascia  
Infante o Sol em berço de luzeiros,  
Caracteres dourados lhe escrevia  
No livro de Safir tão lisonjeiros  
Que puderam fingir-se em seus ensaios 2895  
Letras de luzes, sílabas de raios.

## V.

De galas o Planeta revestia  
O pálido temor dos Horizontes,  
Dourando com brilhante galhardia  
Os verdes vales, os altivos montes: 2900  
Desatavam com pródiga alegria  
Seu cristal fugitivo as claras fontes,  
E dos rios os ímpetos nevados  
Corriam selvas, discorriam prados.

## VI.

Saíam neste esplêndido recreio, 2905  
 Ufanas celebrando alívio tanto,  
 As flores do seu claustro para enleio,  
 As aves do seu ninho para encanto:  
 Um as mais alinhando o grave asseio,  
 Outras mais afinando o doce canto, 2910  
 Por serem tão luzidos resplandores  
 Mimo das aves, júbilo das flores.

## VII.

Neste tempo se tinha levantado  
 Do áureo leito o Rei, porque deseja 2915  
 Visitar outra vez o seu cuidado  
 Do Senhor do Bom Fim a ilustre Igreja:  
 Seu piedoso desvelo antecipado<sup>189</sup>  
 Não fosse intermissão, para que seja  
 Neste desassossego<sup>190</sup> tão discreto  
 Mais grave a devoção, mais fino o afecto<sup>191</sup>. 2920

## VIII.

De Domingo era o dia, e preparado  
 O Magnífico fasto enobrecido,  
 Saio<sup>192</sup> galhardo com lustroso estado,  
 Dos Augustos Infantes assistido:  
 De pomposo concurso sublimado 2925  
 De ilustres Cavalheiros foi seguido,  
 Da Praça os bronzes glameraram logo  
 Nuvens de fumo com trovões de fogo.

<sup>189</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica, neste caso talvez por confusão entre os prefixos *anti-* e *ante-*. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 1269.

<sup>190</sup> No original, *'deassocego'*, por erro tipográfico.

<sup>191</sup> A rima prova a pronúncia simplificada do grupo culto. Veja-se a nota ao v. 1406.

<sup>192</sup> Leia-se *'saiu'*. Veja-se a nota ao v. 573.

## IX.

Um Ginete feroz com suma gala  
 Reduzia a brandura fácil logo, 2930  
 Pois quando ardente tanto fogo exala,  
 Sabia em que parava tanto fogo:  
 Do estímulo dourado, que assinala<sup>193</sup>,  
 Não resultando um breve desafogo,  
 Faz que ordenando círculos perfeitos 2935  
 Inda<sup>194</sup> um bruto lhe observe seus preceitos.

## X.

Já se achava no alegre campo ameno  
 Que do Anjo da Guarda<sup>195</sup> o nome goza,  
 Que no verdor que o Céu lhe dá sereno,  
 É de plantas república frondosa: 2940  
 De flores guarnecido o seu terreno  
 Lhe formava alcatifa tão vistosa  
 Que, da Ásia excedendo a mais decente,  
 Natural parecia a florescente.

## XI.

Entrou na Igreja, e logo reverente 2945  
 Do Senhor adorando a Imagem pia,  
 Lhe suplicava com desejo ardente  
 Que aumentos desse à Lusa Monarquia:  
 Em seu devoto Altar resplandecente  
 A Missa ouvio, com pública alegria 2950  
 De quantos viram neste sacrifício  
 Seu Régio zelo, seu fervor propício.

<sup>193</sup> No original, '*assigná-la*'. Veja-se a nota ao v. 1766.

<sup>194</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>195</sup> A maiúscula de '*Guarda*' é nossa, para manter a coerência com '*Anjo*' e por se tratar de um topónimo.

## XII.

De devoção tão grande a gente forma,  
 Para imitá-la, singular conceito,  
 Que sempre todo o Reino se reforma<sup>196</sup> 2955  
 Pelo exemplo do Príncipe perfeito:  
 Concluída a função, na mesma forma,  
 Exaltando as grandezas do respeito,  
 A Palácio<sup>197</sup> se foi, dando-lhe o Povo  
 Solene aclamação, obséquio novo. 2960

## XIII.

Mas quando do seu trono já descia  
 O Príncipe dos astros luminoso,  
 Outra vez no Cavallo se subia  
 O Monarca dos Lusos generoso:  
 Alegre a tarde, e sossegado o dia, 2965  
 Alívio lhe ofertava deleitoso;  
 Saindo logo do Real terreiro  
 Buscou da praia o sítio lisonjeiro.

## XIV.

Junto à muralha nova se dilata  
 Em prolongada forma este passeio, 2970  
 Servindo extenso na planície grata  
 De alegre diversão, gentil recreio:  
 Porém mais aprazível se retrata  
 Pelo famoso Caes<sup>198</sup> que tem no meio,  
 Em que se vê fundada com grandeza 2975  
 Uma bem prevenida Fortaleza.

<sup>196</sup> Veja-se nota ao v. 1045.

<sup>197</sup> A ausência do determinante antes do nome é índice de possível castelhanismo.

<sup>198</sup> Leia-se '*Cais*'. Outras ocorrências, nos vv. 2977 e 3113.

## XV.

Defronte deste Caes<sup>199</sup> já preparados  
 Os bergantins estão tão galantes  
 Que nos cristaes do rio liquidados  
 Puderam ser Narcisos por flamantes: 2980  
 Embarcou-se; e rompendo acelerados  
 As prateadas ondas espumantes,  
 Se avistou com derrota favorável  
 Da barra o propugnáculo admirável.

## XVI.

Apenas entrou dentro o Soberano 2985  
 Poderoso Monarca, quando logo  
 O salitrado género tirano  
 Coléricos trovões moveo de fogo:  
 Nereo, temendo algum sinistro dano,  
 Se afligio, sem que admita desafogo, 2990  
 As balas sendo, com que o mar se altera,  
 Raios ardentes de Mavórcia esfera.

## XVII.

Está na barra deste rio undoso  
 Esta Torre que ardia em vivas frágoas,  
 Defendendo o perigo mais forçoso, 2995  
 Dominadora das cerúleas ágoas:  
 A qualquer inimigo cauteloso  
 Faz sempre retirar sentindo mágoas,  
 Porque a todo o baxel<sup>200</sup> com grande injúria  
 Lhe impede a entrada, lhe castiga a fúria. 3000

<sup>199</sup> Veja-se a nota anterior.

<sup>200</sup> Redução do ditongo *ai*. Veja-se a nota ao v. 1108.

## XVIII.

Dando-lhe a Torre salvas não menores,  
 Se passou para a Tróia desejoso,  
 Que habitada já foi de pescadores,  
 Hoje inculto lugar, istmo arenoso:  
 Deixando o mais concurso<sup>201</sup> entre os fervores 3005  
 Da caça, que anelava cobiçoso,  
 Uma Igreja foi ver ali fundada,  
 À Senhora da Tróia dedicada.

## XIX.

Digno exemplo de ser muito imitado  
 E só do Régio zelo bem seguido, 3010  
 Pois das cousas Divinas o cuidado  
 A todo o mais cuidado é preferido:  
 Chegada a noite, do soberbo Sado  
 Outra vez o cristal foi dividido,  
 Entrando no Palácio com vaidosas 3015  
 Repetições de salvas estrondosas.

## XX.

Segunda-feira de manhã curioso  
 Foi ver com Régias pompas assistido  
 O Templo do Baptista portentoso,  
 Pela Casa de Aveiro enobrecido: 3020  
 E passando outra vez pelo formoso  
 Campo, que a fonte ostenta tão luzido,  
 Visitou, dando a todos grande exemplo,  
 Do Senhor do Bom Fim o ilustre Templo.

<sup>201</sup> No original, 'côcurso' por "côcurso", devido a erro tipográfico.

## XXI.

E como se mostrava desejoso 3025  
 Das novidades, que observava atento,  
 Não quis deixar de ver o Religioso  
 De Brancanes<sup>202</sup> magnífico Convento:  
 Edifício na fábrica vistoso,  
 Que ali mandou fundar com grande aumento 3030  
 Seu Soberano Pai, em toda a idade  
 Glorioso assunto de imortal saudade.

## XXII.

Não longe desta Praça se divisa  
 Este Convento em bela amenidade,  
 Sendo nas plantas, com que se matiza, 3035  
 Retiro alegre, umbrosa soledade:  
 Na observância da Regra tão precisa,  
 Arquivo da perfeita Santidade,  
 Palestra em que se estuda justamente  
 A forma austera, a vida penitente. 3040

## XXIII.

O Templo também vio *que* é celebrado  
 Pelo grave artifício peregrino,  
 Com devoção tão Régia consagrado  
 Ao doce nome de Jesus Divino:  
 Em cujo Coro assiste o Venerado 3045  
 Seráfico Congresso tão benigno<sup>203</sup>,  
 Louvando sempre a Deos o tempo todo  
 Com sacro estilo e recoleto<sup>204</sup> modo.

<sup>202</sup> Convento fundado por Frei António das Chagas, no século António da Fonseca Soares, poeta presente como autor neste cancionero.

<sup>203</sup> A pronúncia simplificada do grupo 'gn' constata-se em numerosos momentos ao longo do cancionero, facto demonstrável pela posição de rima: outros casos idênticos podem ser consultados nas notas aos vv. 3063, 3150, 3247, 3394, 3463, 3564, 3895 e 6808; pelo contrário, a grafia 'n' por 'gn' ocorre no v. 6273. Além do mais, no v. 7474 produz-se um jogo de palavras entre os vocábulos '*sinos*' e '*signos*'. Cf. nota ao v. 1406.

<sup>204</sup> Castelhanismo lexical.

## XXIV.

De São Filipe vio com brevidade  
 O Castelo admirável pelo invento, 3050  
 Que sempre a nunca vista novidade  
 Não deixa de causar divertimento:  
 Na elevada de um monte extremidade  
 Esta fábrica tem seu fundamento,  
 Bélico asilo do bifronte Jano, 3055  
 Classe de Marte, escola de Vulcano.

## XXV.

Um teatro lhe tinha prevenido  
 De tarde o Nobilíssimo Senado,  
 De excelentes adornos guarnecido,  
 Para os Touros se verem destinado: 3060  
 O terreiro do Paço foi luzido  
 Para o mastro lugar determinado,  
 Cujá bandeira, com vanglórias dignas,  
 Sendo quadrada, tinha cinco Quinas<sup>205</sup>.

## XXVI.

Uma janela no Palácio estava 3065  
 Revestida de adornos relevantes,  
 Em que o galhardo luzimento dava  
 A todo o garbo invejas cintilantes:  
 Nela o Monarca Augusto se ostentava  
 No meio dos altíssimos Infantes, 3070  
 A cujo Trono o Cavaleiro<sup>206</sup> atento  
 Tributou seu devido rendimento.

<sup>205</sup> A rima demonstra a pronúncia simplificada do grupo consonântico culto. Vejam-se as notas aos vv. 1406 e 3046.

<sup>206</sup> Observa-se no cancionero a alternância, mantida na nossa edição, entre as formas '*cavaleiro(s)*' e '*cavalheiro(s)*', sem distinção de significado: quatro ocorrências da primeira, por cinco da segunda, no cancionero todo.

## XXVII.

Um galhardo Cavallo reprimia  
 Com tão fogosa intrépida jactância  
 Que Real nos seus brios parecia 3075  
 Pelos garbos soberbos da arrogância:  
 Buscava um Touro e, vendo que fugia,  
 Por nele presumir gentil constância,  
 Quando apenas da espada fez alarde,  
 Sendo valente lhe caio<sup>207</sup> cobarde<sup>208</sup>. 3080

## XXVIII.

Outro logo saio<sup>209</sup> tão cauteloso,  
 Pelos furores que fingia vário,  
 Que a seus pés lhe morreo por temeroso,  
 Quando mais se inculcava temerário:  
 Não menos outro se lhe opôs fogoso, 3085  
 Mas querendo mostrar-se por contrário,  
 Com seu rojão o mata resoluto,  
 Que quem discreto é não sofre um bruto.

## XXIX.

Depois deste, com mais feroz denodo  
 Outro se vio correr dissimulado, 3090  
 Que ladrão parecia no seu modo,  
 Por quanto muitas capas tem roubado:  
 O Toureiro lhe dava ali de todo  
 A sua, por ter mescla de encarnado,  
 Mas deixando-a, mostrou *que* quando a perde 3095  
 Não gosta do encarnado, mas do verde.

<sup>207</sup> Leia-se '*caiu*'. Outros casos idênticos, nos vv. 6571 e 7994. Veja-se a nota ao v. 573.

<sup>208</sup> A forma '*cobarde*' é a única que aparece no cancionero, face à total ausência da também legítima "*covarde*". Outras ocorrências, não anotadas, podem ser encontradas – nas composições em português – nos vv. 3636, 5010, 7849, 9716, 11238, 11355, 14506, 14901, 15656, 16391 e 17840; por sua vez, as formas '*acobarde*' e '*acobardo*' constam nos vv. 3638 e 10774, respetivamente.

<sup>209</sup> Leia-se '*saiu*'. Veja-se a nota ao v. 573.

## XXX.

Muitas danças na praça se admiravam  
 Na vagância em *que* os Touros não saíam,  
 Doçura as charamelas excitavam,  
 Os clarins melodia difundiam: 3100  
 E se os Touros talvez quando fogavam,  
 A cólera bastante não moviam,  
 É que o respeito Régio da grandeza  
 Lhes fez perder a natural fereza.

## XXXI.

Inda<sup>210</sup> na Praça se corria um Touro 3105  
 Quando com grande pompa acompanhado  
 O Monarca saio<sup>211</sup>, sendo um tesouro  
 De heróicas perfeições, de excelso agrado:  
 Um ginete oprimindo, *que* desdouro  
 Era então do Bucéfalo afamado, 3110  
 Buscou a praia para mais recreio,  
 Sítio vistoso, singular passeio.

## XXXII.

Vio do Caes<sup>212</sup> a importante Fortaleza,  
 Das Fontainhas o bairro<sup>213</sup> tão lustroso,  
 Do novo muro a regular grandeza, 3115  
 De São Brás o retiro deleitoso,  
 Em cuja alegre praia com destreza  
 Galharda escaramuça fez airoso;  
 Porém chegadas as nocturnas horas,  
 Entrou no seu Palácio sem demoras. 3120

<sup>210</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>211</sup> Leia-se '*saiu*'. Veja-se nota ao v. 573.

<sup>212</sup> Leia-se '*Cais*'. Vejam-se notas aos vv. 2974 e 2977.

<sup>213</sup> No original, '*baio*'.

## XXXIII.

Na Terça-feira, apenas no Oriente  
 Madrugou de Titão a amada esposa,  
 A caçar se partio com muita gente  
 Na espessura da Arrábida fragosa:  
 Multidão de Veados foi decente 3125  
 Despojo desta empresa tão gostosa,  
 E já de noite, pelo alegre efeito,  
 Se retirou do alívio satisfeito.

## XXXIV.

Era naquela noite consagrada  
 Do Baptista à<sup>214</sup> Santíssima memória, 3130  
 Da gente desta Praça festejada  
 Com plausível fervor, notável glória:  
 Toda a rua em fogueiras ilustrada  
 Competência às esferas faz notória,  
 As Damas em concursos mais amigas 3135  
 Lhe entoam sempre célebres cantigas.

## XXXV.

Mandou o grande Rei que se fizessem  
 No seu terreiro três fogueiras belas,  
 Que três moços da Câmara viessem  
 Com três tochas nas mãos logo acendê-las: 3140  
 Eles fazendo, quando lhe obedecem,  
 Três graves cortesias às janelas,  
 As luzes lhe aplicaram sem dispêndio,  
 Cresceo o fogo, e parecia incêndio.

<sup>214</sup> No original, 'a'. A regência verbal exige a contração, repostada por nós. Vejam-se as notas aos vv. 88 e 687.

## XXXVI.

Em toda aquela noite não cessavam 3145  
 De cantar os concursos femininos,  
 Porque junto do Paço lhe formavam  
 Em doces vozes cantos peregrinos:  
 As muitas luminárias duplicavam  
 As lisonjas de aplausos tão benignos<sup>215</sup>, 3150  
 Porque em todas as noites sempre belas  
 As luzes excederam das estrelas.

## XXXVII.

Como seus ecos duplicavam logo  
 Os sinos, toda a gente presumia  
 Que se tocava certamente a fogo, 3155  
 Quando com luzes toda a terra ardia:  
 Mas ainda que o belo desafogo  
 Das luzes toda a sombra desfazia,  
 Cada janela então por alinhada  
 Não deixava de estar bem assombrada. 3160

## XXXVIII.

O Céu as próprias luzes emprestava  
 À terra, porque em tanta galhardia,  
 Mais que terra festiva que brilhava,  
 Pareceo<sup>216</sup> Firmamento que luzia:  
 Nos muitos resplandores que ostentava 3165  
 Luminosas estrelas descubria<sup>217</sup>,  
 Presumindo na grata pompa bela  
 De mui ditosa ser com tanta estrela.

<sup>215</sup> A rima demonstra a pronúncia simplificada do grupo consonântico culto. Vejam-se as notas aos vv. 1406 e 3046.

<sup>216</sup> No original, '*Pereceo*'; o contexto exige a correção.

<sup>217</sup> Vacilação no vocalismo átono pretónico: cf. as notas aos vv. 441 e 1427.

## XXXIX.

Obrigada do grande afecto amante,  
Com que tanto explicou contentamento, 3170  
Desejou neste empenho relevante  
Sair à luz com tanto luzimento:  
Na bela galhardia cintilante  
Distinguir nunca pôde o pensamento  
Quem maiores aplausos merecia, 3175  
Se alegre a noite, se vistoso o dia.

## XL.

Sem dúvida se foram competindo  
As luzes, entre si resplandecendo,  
Porque todas se estavam consumindo  
Por irem cada instante mais ardendo: 3180  
Porque como se vio tanto luzindo  
A noite, bem se estava conhecendo  
Que, sendo feia, nesta acção pomposa  
Também logrou três dias de formosa.

## XLI.

Mas nesta universal celebridade, 3185  
Que tanto alívio deo no desafogo,  
Se seguia do fogo a novidade,  
Pois das luzes também resulta o fogo:  
Porque os foguetes tinham tal vaidade  
Que, por causa dos fumos, foram logo 3190  
A terra desprezando entre estalidos,  
Subindo para o Céu por presumidos.

## XLII.

Mas como sobem com galante traça,  
Do fogo da soberba levantados,  
Mostravam que não logram muita graça, 3195  
Por se verem ao Céu precipitados:  
Muitos deles, sentindo esta desgraça,  
Do seu mesmo rigor desesperados,  
Diante da gente ali, que estava vendo,  
Caíram, muitas lágrimas vertendo. 3200

## XLIII.

Alguns, por se livrarem desta afronta,  
Fugindo para as nuvens mais quietas,  
Constrangidos da cauda, que os remonta,  
Pareciam da esfera ser cometas:  
Porém outros também de menos conta, 3205  
Os pés buscando, como agudas setas,  
Por neles motivarem seus pesares,  
Vinhão logo correndo pelos ares.

## XLIV.

Outros muitos talvez, que presumiam  
De soberbos no alento que mostravam, 3210  
Quando elevados para o ar subiam  
Entre si de arrogantes rebentavam:  
As fogosas violências lhes serviam  
De ruidoso furor com que estalavam,  
Causando nas três noites sempre a todos 3215  
Alegre alívio por diversos modos.

## XLV.

Este obséquio se fez por diligência  
 Do mais claro exemplar da ingenuidade,  
 Cabedo insigne, em cuja inteligência  
 Mais se realça a antiga qualidade: 3220  
 Se bem que com garbosa competência,  
 De qual merece ter mais gravidade  
 Contendem no seu génio egregiamente  
 O brio ilustre, o mérito excelente.

## XLVI.

Porém como não duram muitos dias 3225  
 Os alívios felices<sup>218</sup> com firmezas,  
 Porque costumam ser as alegrias  
 As vésperas mais próprias das tristezas,  
 Já Setúval chorava as tiranias  
 De uma grande saudade, nas certezas 3230  
 De que o ditoso Rei com fausta sorte  
 Pertendia<sup>219</sup> ausentar-se para a Corte.

## XLVII.

Era chegado o dia venturoso  
 Do Sagrado Baptista incomparável,  
 Quando logo saio<sup>220</sup> tão Majestoso 3235  
 Do Palácio com séquito admirável:  
 Castigava um Ginete que, animoso,  
 Era injúria do vento mais notável,  
 Sendo, porque os caprichos não transmigre,  
 Nos impulsos Leão, nas fúrias Tigre. 3240

<sup>218</sup> 'Felices' por "felizes". Veja-se a nota ao v. 1082.

<sup>219</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

<sup>220</sup> Leia-se 'saiu'. Veja-se a nota ao v. 573.

## XLVIII.

Os sinos deram mostras harmoniosas,  
 Os bronzes muitas salvas incendidas<sup>221</sup>,  
 As charamelas vozes sonoras,  
 Os clarins consonâncias repetidas:  
 Duplicando alegrias tão gostosas, 3245  
 Confirmavam vanglórias aplaudidas,  
 Tudo junto fazendo estrondos dignos,  
 Charamelas, clarins, bronzes e sinos<sup>222</sup>.

## XLIX.

Já no campo se achava em que divisa  
 Do Senhor do Bom Fim a Ermida Santa, 3250  
 Cujó Altar, que de luzes se matiza,  
 Amante busca com fineza tanta:  
 Mostrando efeitos de afeição precisa,  
 Prostrado adora a Imagem Sacrossanta<sup>223</sup>;  
 Depois na Missa, que devoto atende, 3255  
 Rogos lhe exprime, súplicas lhe expende.

## L.

Tanto que a devoção foi concluída  
 De tão solene Missa, sem demora  
 Lhe foi beijar a mão toda a luzida  
 Nobreza que a Setúval condecora: 3260  
 Usando da clemência sempre unida  
 À Régia elevação dominadora,  
 Se ausentou com sincera gravidade,  
 Deixando a todos com geral saudade.

<sup>221</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

<sup>222</sup> A rima demonstra a pronúncia simplificada do grupo consonântico culto. Vejam-se as notas aos vv. 1406 e 3046.

<sup>223</sup> No original, '*Sacrossanta*'. Vejam-se as notas aos vv. 102 e 1481.

## LI.

Saindo da belíssima Capela, 3265  
 Que estava ornada com decente alinho,  
 Sem nada se deter, para Palmela  
 Dirigio generoso o seu caminho:  
 O Senado, que a vista tanto anela  
 De seu Monarca com gentil carinho 3270  
 Que em todo o Povo nobremente cresce<sup>224</sup>,  
 As chaves desta Vila lhe oferece.

## LII.

Com plausível também solenidade  
 No Convento Real foi recebido,  
 Demonstração devida à Dignidade 3275  
 Do seu Grão-Mestre e Protector luzido:  
 Daquela superior Comunidade  
 Foi à Igreja no Pálio dirigido,  
 Em que recebe, porque mais se digne,  
 Ágoa benta do seu Prelado insigne. 3280

## LIII.

É Dom Joseph<sup>225</sup> Pereira de Lacerda  
 Famoso em timbres, *que* modesto encobre,  
 Pois de ascendentes tão preclaros herda  
 Família grave, descendência nobre:  
 Que suposto que a inveja ingrata perda 3285  
 Nos méritos mais ínclitos descobre,  
 A sorte lhe há-de dar, sem grande empenho,  
 Maiores honras a seu raro engenho.

<sup>224</sup> A rima constata a pronúncia monofonemática do grupo gráfico 'sc'. Cf. nota ao v. 150.

<sup>225</sup> Para a manutenção da grafia *-ph* em posição final, veja-se a nota ao v. 945.

## LIV.

Porque este dia eternizado seja  
 Na memória dos tempos mais perene, 3290  
 Lhe fez Pontifical na própria Igreja,  
 Com Sacra ostentação, pompa solene:  
 E porque nem tardança ali se veja  
 Ou negligente incúria se condene,  
 Nas cavas de Prelado tão luzido 3295  
 Da mesa estava o fasto prevenido.

## LV.

Vindo o Monarca excelso da precisa  
 Ceremónia<sup>226</sup> da Missa preeminente,  
 Entrou na sala donde<sup>227</sup> se divisa  
 Setúval e Lisboa claramente: 3300  
 E tanto que a vontade se suaviza  
 Com manjares de forma diferente,  
 Para a Ponte da Telha caminhava  
 Com toda a Comitiva que levava.

## LVI.

Porém como não tem perseverança 3305  
 Do mundo a mais feliz prosperidade,  
 Porque à grata lisonja da bonança  
 Se segue o triste horror da tempestade,  
 No caminho com súbita mudança  
 O Céu se revestio de obscuridade, 3310  
 Frígida pedra os ares granizaram,  
 Trovões se ouviram, raios se arrojaram.

<sup>226</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

<sup>227</sup> Aqui, '*donde*' está usado conforme a norma atual, sem castelhanismo. Cf. nota ao v. 829.

## LVII.

Condensadas as nuvens desatavam  
 Dilúvios de chuviros, que se viam,  
 Complicados os ventos conspiravam 3315  
 Contra as árvores fortes<sup>228</sup>, que caíam:  
 Relâmpagos ardentes fulminavam,  
 Os Pólos em contínuo fogo ardiam,  
 Os próprios elementos tinham guerra,  
 Soava o mar, estremecia a terra. 3320

## LVIII.

De nada se alterou o Atlante egrégio,  
 Que não pode temer algum traspasso  
 Quem nasceu com sublime privilégio  
 Grande no berço, intrépido no braço:  
 Porque a seu coração nos brios Régio 3325  
 É todo o mundo muito breve espaço,  
 Assim caíndo os raios não se move,  
 Que nunca o invicto Marte teme a Jove.

## LIX.

À Ponte já chegava; e sossegado  
 O mar de seu terrível movimento, 3330  
 Lhe ofertava em seu rio serenado  
 Feliz<sup>229</sup> navegação, próspero vento:  
 Entrou no bergantim, que o liquidado  
 Penetrando diáfano elemento,  
 Chegou ligeiro com propícia sorte 3335  
 Às seis horas da tarde à ilustre Corte.

<sup>228</sup> No original, '*sortes*' (literalmente, '*fortes*').

<sup>229</sup> Cf. nota ao v. 1082.

## LX.

Onde com glórias tão felices<sup>230</sup> viva  
 Que a seus pés se sujeite a fúria brava,  
 Da inconstante fortuna, por cativa,  
 Da intratável inveja, por escrava: 3340  
 E Cupido adorando a gala altiva  
 De tantas perfeições, lhe renda a aljava;  
 Porque a seu brio humilde se submeta  
 Sem força o arco, sem virtude a seta.

## LXI.

Eu, que fui atégora<sup>231</sup> acompanhando 3345  
 A Príncipes tão altos, discorrendo,  
 Seus vestígios ilustres observando,  
 Para os ir nesta cópia descrevendo:  
 Tão relevante assunto já deixando,  
 Vou os rasgos à pena suspendendo; 3350  
 Porque mais dilatar-me não convinha,  
 Deixo a Lisboa<sup>232</sup>, e volto à Patria minha.

## LXII.

Nesta terra com Régios pensamentos  
 Mandava o Rei fazer todos os dias  
 A pessoas honradas e Conventos 3355  
 Grandes esmolos, muitas obras pias:  
 Deixou, para os Sagrados Ornamentos  
 Do Senhor do Bom Fim, que as regalias  
 Da Capela preservem sem desdouro,  
 Mui grande soma de moedas de ouro. 3360

<sup>230</sup> 'Felices' por "felizes". Veja-se a nota ao v. 1082.

<sup>231</sup> Aglutinação entre duas partículas temporais, com a voz 'agora' em posição final. Veja-se a nota ao v. 625.

<sup>232</sup> O uso da preposição 'a' neste contexto parece ilógico; interpretar 'a' como determinante, pouco plausível. Veja-se a nota ao v. 88.

## LXIII.

Gualter de Andrade Rua era o secreto  
 Esmoler que estas obras ministrava,  
 A quem com Régio especial Decreto  
 Tão soberana comissão se dava:  
 Por arbítrio de seu fervor discreto 3365  
 Subsídio tão comum se dispensava,  
 A todos dando por diversos modos,  
 Porque conhece nesta terra a todos<sup>233</sup>.

## LXIV.

Assim se julga sempre agradecida  
 A tão zeloso amor, porque deseja 3370  
 Que nos aumentos, sendo a mais luzida,  
 Sirva às mais terras de lustrosa inveja:  
 De seu Porto a importância conhecida  
 Propôs ao grande Rei para que seja  
 Motivo para vir a visitá-lo, 3375  
 Não somente por vê-lo, mas honrá-lo.

## LXV.

Ele foi Director desta jornada  
 Que quis fazer a Excelsa Majestade,  
 Porque se visse a indústria bem traçada  
 Com que o Rio tem mais capacidade: 3380  
 Pois do deslastre a forma exercitada  
 Lhe resulta de tanta utilidade  
 Que se livra de ser para desditas  
 Um monstro de cabeças infinitas.

<sup>233</sup> Uso anómalo da preposição 'a' perante acusativo, talvez por castelhanismo. Vejam-se as notas aos vv. 88, 229, 678 e 9711.

## LXVI.

Dispondo as novas Leis do Regimento 3385  
 Com que o Direito do seu Sal se cobra,  
 Deo à Régia Fazenda mais aumento  
 Na sua direcção, notável obra:  
 Correndo os anos, com mais justo intento  
 Se verá que o Comércio mais se dobra, 3390  
 Devendo-se tão próspero recurso  
 A seu bom zelo e singular discurso.

## LXVII.

Desta Praça a grandeza mais honrosa  
 Sempre procura com fiel<sup>234</sup> desígnio<sup>235</sup>,  
 Que se pode chamar mui venturosa 3395  
 Somente por lograr seu patrocínio:  
 Tão nobre diligência generosa  
 De seu futuro aumento é vaticínio,  
 Devendo-se aclamar no amor piedoso  
 Por Pai da Pátria e Protector zeloso. 3400

## LXVIII.

Esta é a cópia, enfim (se não me engano),  
 Da nunca vista pompa sublimada  
 Com que o Luso Monarca Soberano  
 Fez em Setúval generosa entrada:  
 Que impere Augusto, que domine Ufano 3405  
 Com propício louvor, sorte elevada,  
 Com plausíveis troféos, perpétuas ditas,  
 Pompas imensas, glórias infinitas.

<sup>234</sup> No original, *fie l'*, por erro tipográfico. Por sinal, é necessária uma pronúncia hiática /fi'εL/, mediante diérese, para repor a regularidade métrica.

<sup>235</sup> A rima demonstra a pronúncia simplificada do grupo consonântico culto. Vejam-se as notas aos vv. 1406 e 3046.

## LXIX.

Assim permita o Céu, para que o veja  
Portugal com tão próspera fortuna 3410  
Ser Luz da Europa, Protecção da Igreja,  
De África Terror, da Fé Coluna:

E gozando das ditas que deseja,  
Com sorte a seus desígnios oportuna,  
Exalte o seu louvor, que a Fama abona 3415  
De Pólo a Pólo, e de Zona a Zona.

## LXX.

Seu nome aclame sempre vitorioso  
Todo o País, que o Sol tem manifesto  
Desde que nasce em tálamo formoso  
Até que morre em túmulo funesto: 3420  
E das armas, que logra venturoso  
Com tanta inveja do inimigo infesto,  
Veja o Sacro pendão ser colocado  
Sobre as ruínas do Agareno ousado.

## LXXI.

Da Ásia oferta, que o seu nome zela 3425  
Benigno o Sol e liberal a Aurora,  
Na mina singular, na concha bela,  
Rubis que cria, e pérolas que chora:

Para que logre com ditosa estrela  
Dos Lusos a bandeira vencedora 3430  
Mui propícios troféos a seu desejo,  
Por ser o Indo tributário ao Tejo.

## LXXII.

No nome de João bem se acredita  
 Esta fortuna Regiamente grata,  
 Que há-de ser para nós de grande dita, 3435  
 Pois parece do Céu propícia data:  
 De João o Primeiro heróico imita  
 O valor que invencível se relata,  
 Debelados ficando com desdouros  
 Na Campanha Espanhoes, em Ceuta os Mouros. 3440

## LXXIII.

De João o Segundo, que se aclama  
 Oráculo discreto da prudência,  
 Com providentes documentos ama  
 As mais cultas ideas da advertência:  
 De João o Terceiro, que na Fama 3445  
 Exemplo fora da melhor Regência,  
 Segue, para os arbítrios mais perfeitos,  
 Os sábios dogmas, ínclitos preceitos.

## LXXIV.

E do Quarto João, seu generoso  
 Memorável Avô, tão decantado, 3450  
 Com pronto estudo observe cuidadoso  
 Os altos pontos das razões de Estado:  
 Porque em seu grave século ditoso,  
 Em político acerto administrado,  
 Ressuscite<sup>236</sup> com mais prosperidade 3455  
 De Augusto o tempo, ou de ouro a idade.

<sup>236</sup> No original, '*Resuscite*'. Vejam-se as notas aos vv. 102 e 2024.

## LXXV.

No jardim de seus anos, sem mudança,  
 Se habilite a colher em paz segura  
 Das flores aprazíveis da esperança  
 Os frutos mais suaves da ventura: 3460  
 Mais que Tito, com firme confiança  
 Da Pátria chegue a ser delícia pura,  
 Melhor que César com progresso insigne<sup>237</sup>  
 Na terra impere, sobre o mar domine.

## LXXVI.

Para Rei tão sublime, reverentes 3465  
 Só formem por ideas relevantes  
 Os Lísipos estatuaes<sup>238</sup> excelentes,  
 Os Apeles retratos elegantes:  
 Para que sempre fique em preeminentes  
 Dourados caracteres cintilantes 3470  
 Escrito em prata, eternizado em bronze,  
 Nas partes quatro, nas esferas onze.

<sup>237</sup> A consonância da rima não deixa dúvidas sobre a pronúncia popular, apesar da presença do grupo gráfico culto. Vejam-se as notas aos vv. 1406 e 3046.

<sup>238</sup> Voz usada em sentido substantivo.

ÉGLOGA  
 NA MORTE DO SENHOR  
 D. MIGUEL,  
 FILHO D'EL-REI  
 D. PEDRO II,

*que em 23 de Janeiro de 1724 nau-  
 fragou no Tejo.*

*E S C R I T A*

PELO CONDE DA ERICEIRA

D. FRANCISCO XAVIER  
 DE MENEZES<sup>239</sup>.

INTERLOCUTORES:

*Anfriso, Caçador. Fileno, Pescador.*

*Lise, Pastora.*

*Anfriso.*

**Q**ue fazes nestes bosques, meu Fileno?

Se do mar já desprezas o exercício,  
 Trocaste o tormentoso pelo ameno.

Deixas da pesca o perigoso officio?  
 Se antes as aves do que os peixes segues,

3475

<sup>239</sup> A autoria de FRANCISCO XAVIER DE MENEZES não apresenta dúvidas.

Hoje o Fado cruel me foi propício. Pois na minha amizade é bem <i>que</i> empregues	
Quanto a tua fineza te assegura: Se esta inferência é certa, não ma negues.	3480
Suspiras? Choras? Que ocasião tão dura Assim perturba um ânimo constante, Me move um susto, e um pesar te apura? <i>Fileno.</i>	
Anfriso, se o não diz o meu semblante, Não saberás meu mal, porque não fio Que a débil voz tão forte pena cante. Da minha mágoa agora desconfio, Porque não é tão grande o seu excesso Que explique a dor <i>que</i> às lágrimas confio.	3485
<i>Anfriso.</i> Antes <i>que</i> faça em mim maior progresso O temor que a certeza, dize <sup>240</sup> , amigo, Se o meu peito adivinha este sucesso? Pressago <sup>241</sup> o coração fala comigo, E me diz, quando tu tímido calas, Que teve Melibeo algum perigo.	3490
Não me respondes, e do peito exalas Tristes suspiros com que vejo os ares Chorar nos ecos quanto tu me calas! Oh como se antecipam <sup>242</sup> os pesares!	3495
	3500

<sup>240</sup> Forma do imperativo, pela moderna “*diz*”. Aparece também nos vv. 7312, 7416, 7419, 7423, 7435 e 7439. Para o mesmo fenómeno com a forma ‘*faze*’ por “*faz*”, como se pode constatar veja-se a nota ao v. 3640.

<sup>241</sup> No original, ‘*Presago*’. Vejam-se as notas aos vv. 102 e 1035.

<sup>242</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica, neste caso talvez por confusão entre os prefixos *anti-* e *ante-*. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 1269.

Se é certo o que imagino, agora vejo  
Que buscas nos meus olhos outros mares.

*Fileno.*

Em parte faz a pena o que desejo,  
Pois deixa conhecer-te quanto sente  
A Tragédia maior que chora o Tejo. 3505

Do triste não esperes o eloquente,  
E se o supões, a dúvida, ai Anfriso,  
O pesar na certeza não te aumente.

*Anfriso.*

Se discorresse livre o teu juízo,  
Soubera que a verdade de um affecto 3510  
Mais teme o mal confuso que o preciso.

É desesperação o teu projecto,  
Comigo tanta dor fiel reparte,  
Não vejas só tão lastimoso objecto.

De Melibeo me toca tanta parte 3515  
Que aos dous uma amizade pura e fina  
Pode sincera a ambos igualar-te.

*Fileno.*

Não me esquece *que* um símbolo imagina  
Aos três nos seus altares a amizade,  
No Triângulo igual que nos destina. 3520

Apagou-se uma linha, com crueldade  
Desfez a Parca uma união tão forte  
Que até vencia a mesma eternidade.

De um golpe atroz o inexorável corte

Fez sepultar no mar e no Ocidente 3525  
Um Sol *que* há-de dar luz à mesma morte.

*Anfriso.*

Oh, não me digas mais! Pois não consente  
O coração no horror deste contágio  
Novo veneno que no ouvido sente.

*Fileno.*

Se já to prevenia o seu presságio<sup>243</sup>, 3530  
Atende<sup>244</sup> agora quanto ouvir querias,  
Padeçamos no pranto outro naufrágio.

A não ser sepultado em ondas frias,  
Ó Melíbeo, às tuas cinzas puras  
Duas Piras ardentes já terias. 3535

Nestes dous corações ardes e duras,  
E eternamente em qualidade e forma  
Pirâmides e Piras te asseguras.

*Anfriso.*

Se em ambos uma pena se conforma,  
E hoje mais só do monte a soledade 3540  
Em a<sup>245</sup> nossa saudade se transforma,

Conta-me esta Tragédia com verdade,  
E unidos, o Epicéidio cantaremos,  
Mas que<sup>246</sup> depois morramos da saudade.

*Fileno.*

Para *que* aumente a dor os seus extremos, 3545  
Tiranizando as vozes a memória,  
Quanto elas doces cantam, nós choremos.

<sup>243</sup> No original, '*presagio*'. Vejam-se as notas aos vv. 102 e 1035.

<sup>244</sup> '*Atende*' é aqui galicismo, com o sentido de "*escutar*". Veja-se a nota ao v. 6072.

<sup>245</sup> Mantivemos a forma não contraída do original. Veja-se a nota à rubrica da p. 252 deste Eco I, para outro caso análogo a este. No Eco II, a ocorrência de formas não contraídas é muito mais comum, como se pode comprovar nos vv. 9534, 9593, 9594, 12713, 15217, 15238, 15384, 15401, 15486, 15684, 15898, 15991, 16039, 16172, 16701, 17440 e 17770.

<sup>246</sup> A locução '*mas que*' adota sentido concessivo, sinónimo de "*ainda que*". Outra ocorrência idêntica, na nota ao v. 3893.

Vivia Melibeo com tanta glória  
 Que até na nossa Pátria superava  
 A inveja em benemérita vitória. 3550  
 Régio sangue ao espírito<sup>247</sup> animava,  
 Nobremente a modéstia o abatia,  
 Altamente a grandeza o elevava.  
 Esta contrariedade, que vencia  
 Vinculando o carinho e o respeito, 3555  
 Voluntários obséquios lhe adquiria.  
 Por mais que a inveja com maligno efeito  
 Cegasse das virtudes ao luzido,  
 O ódio da razão<sup>248</sup> ficou sujeito.  
 E deixou o impossível conseguido 3560  
 De que uma vez neste País se visse  
 Ser invejado e não aborrecido.  
 Se a sua gentileza se exprimisse,  
 Ou te julgara esquecimento indigno<sup>249</sup>,  
 Ou quisera teu peito mais sentisse. 3565  
 Era teu digno irmão, assim defino  
 O valente, o discreto, o generoso,  
 E quantos bens dá pródigo o destino.  
 Da ilustre e bela Lise amado esposo,  
 Lograva amante em vínculo adorado 3570  
 Sorte que fez a Júpiter cioso.  
 Lise, que de opulento e rico Estado  
 O fez Senhor, e de três belos frutos  
 Entre flores o amor vio coroadado.

<sup>247</sup> Uso anômalo da preposição 'a'. Vejam-se as notas aos vv. 88, 229 e 678.

<sup>248</sup> Aqui, '*da razão*' deve ser entendido como agente, regido pelo particípio '*sujeito*'.

<sup>249</sup> A rima demonstra a pronúncia simplificada do grupo consonântico culto. Vejam-se as notas aos vv. 1406 e 3046.

Herdeiros de preclaros atributos, A quem tinha elevado o Grão Monarca A ser de antigas glórias substitutos.	3575
Não se atrevia a temerosa Parca A Heróe tanto, se ele lhe não dera Fatal motivo na infelice <sup>250</sup> barca.	3580
Com Alecto, Tesífone e Megera Se introduz nela o fúnebre Caronte, E só ali mortal o considera.	
O Tejo, transformado em Flegetonte, Em túmulo de prata, em urna de ouro A lástima renova de Faetonte.	3585
Oculta avaro o mais feliz tesouro Que guardou no seu Templo cristalino, A quem venera o Vouga, adora o Douro.	
Da caça ansioso Adónis peregrino, Com setas mais activas <i>que</i> as de Apolo Suavizava dos Cisnes o destino.	3590
Das nuvens negras se cubria <sup>251</sup> o Pólo, De escumas brancas se encrespava a ágoa, De horríveis fúrias se valia Eólo,	3595
Raios forjava de Vulcano a frágoa; Tantas Deidades, tantos Elementos Querem ser tristes causas de uma mágoa!	
Os que só devem ser os instrumentos Da alta felicidade dos humanos, Os artífices são dos seus tormentos?	3600

<sup>250</sup> 'Infelice' por "infeliz". Veja-se a nota ao v. 1082.

<sup>251</sup> Vacilação no vocalismo átono pretónico: cf. as notas aos vv. 441 e 1427.

Adoremos decretos Soberanos,  
Porque a fé e a razão vê que são justos  
E os negam só sacrílegos profanos.  
No ânimo heróico nunca entraram sustos, 3605  
O valor muitas vezes da cautela  
Não atende aos avisos nunca injustos.  
Por ver em Lise a sua amada estrela,  
Despreza as que ou escuras, ou contrárias,  
Uma luz lhe escondiam menos bela. 3610  
De Leandro as finezas temerárias  
Na erudita memória hoje esquecidas  
O expõem com peito firme às ondas várias.  
Do amor e da fortuna achou unidas 3615  
As sempre lamentáveis inconstâncias,  
Contra quem mais merece, prevenidas.  
Incauto Palinuro, as ignorâncias,  
Perdido o leme, padeceo primeiro,  
Pequeno emprego a tantas arrogâncias.  
Piedoso Melibeo, corre ligeiro 3620  
A socorrê-lo, imita-o na clemência,  
E em tudo igual o ilustre companheiro,  
Ífis, que do perigo na violência,  
Não na fortuna, fino o acompanha,  
E só vence dos Fados a inclemência. 3625  
De infernal furacão a fúria estranha,  
Tanta heróica piedade abominando,  
Desce do Império azul à azul campanha.

De Zéfiro fugio o impulso brando, E aos implacáveis ímpetos do Noto Céo, terra e mar ficaram vacilando.	3630
O Bergantim sem leme, e sem Piloto, Contra quem sobejavam menos iras, Sepultado se vio, perdido e roto.	
Anfriso, tu desmaias, tu suspiras? Tu, que antes me animavas, já cobarde No fim da Tragédia te retiras?	3635
<i>Anfriso.</i>	
Permite-me, ó Fileno, me acobarde, Que é nobre este temor, e, se é possível, Faze <sup>252</sup> que tanto mal um pouco tarde.	3640
<i>Fileno.</i>	
Anfriso, como o mal é infalível, E o teu preceito unido com teu rogo Deixa o silêncio inútil e impossível, Seja áspero remédio o desafogo: Quando a prisão sulfúrea <sup>253</sup> o Etna rompe, Ninguém suspende o rápido do fogo.	3645
E pois que a tua voz não me interrompe, Acabarei o lastimoso caso, Por quem meu peito em lágrimas prorrompe <sup>254</sup> .	
Antes que fosse o mar eterno Ocaso De Melibeo, que resistindo à sorte Não prevenio este fatal acaso: O pinho arroja, que o oprime forte,	3650

<sup>252</sup> Forma do imperativo, pela moderna “faz”. Também ocorre nos versos 3936, 6215 e 8263. Cf. nota ao v. 3492.

<sup>253</sup> No original, *'sulsurea'* (literalmente, *'sulfurea'*).

<sup>254</sup> No original, *'prorompe'*. A manutenção da grafia inicial simples *r-*, na voz composta, é fenómeno similar ao do *s-* em vozes igualmente compostas. Vejam-se as notas aos vv. 102 e 9004.

E dominando a quem o dominava, Em triunfante carro vence a morte.	3655
Invejoso Neptuno, porque achava Quem não cedía ao seu feroz império, Convocou de Proteo a fúria brava.	
Do centro do marítimo Hemisfério Feridas do Tridente vêm as Focas Da vida mais ilustre em vitupério.	3660
Não reservaram as ocultas rocas <sup>255</sup> Monstros, <i>que</i> pelo abismo se introduzem, Que não abrissem as horrendas bocas.	
Os raios de Diana inda <sup>256</sup> não luzem, E Melibeo, que intrépido vencía, Já não acha as estrelas que o conduzem.	3665
Fiel Ífis primeiro o socorria, E ouve que humilde ao Céu invoca pio, Teme devoto, forte não temia.	3670
Expõe-se por livrá-lo, e no desvio Que fez dos dous irmãos a maior onda, Sepulta a Melibeo o Pátrio rio.	
Se Pólux vive, Castor não se esconda Senão <sup>257</sup> para viver, e repartida Uma imortalidade os corresponda <sup>258</sup> .	3675
Tétis, de tanto mal compadecida, As Nereidas e as Tágides ao pranto De Melibeo com lástima convida.	
Cerúleo coro com funesto canto	3680

<sup>255</sup> No sentido de “*rocha*” ou “*penhasco*”, e também como jogo de palavras com a roca das Parcas.

<sup>256</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>257</sup> No original, ‘*Se não*’.

<sup>258</sup> ‘*Conresponda*’ é forma etimológica por “*corresponda*”. Veja-se a nota ao v. 1938.

Aumenta com as lágrimas as ágoas,  
 Foge das Focas o horroroso espanto.  
 Entre a neve o Amor acende as frágoas,  
 Ardem nas ondas os amantes raios,  
 Nascem das mortas cinzas vivas mágoas. 3685  
 Cantam as Ninfas trágicos ensaios,  
 E suavizando as tristes consonâncias,  
 Animam os obséquios nos desmaios.  
 De Suprema Deidade as finas ânsias  
 Já nas margens auríferas feriam, 3690  
 Interrompendo as doces dissonâncias.  
 Da bela Francelisa conheciam  
 A suavíssima queixa, o doce acento,  
 Que as marítimas grutas repetiam. 3695  
 Tétis, tocando o fúnebre instrumento,  
 Que a Melpomene rouba na Hipocrene,  
 Equivocava<sup>259</sup> o canto e o lamento.  
 Consagra a Melibeo rito solene,  
 E em Semideos do Tejo o immortaliza;  
 Mas que<sup>260</sup> Aquiles o inveje e a condene, 3700  
 Pois vê que hoje o adopta e eterniza  
 E o deixa inteiramente invulnerável,  
 Que aquele exemplo a prevenção lhe avisa.  
 Regenerado o Semideos amável,  
 Melhor defende o Tejo que Portuno, 3705

<sup>259</sup> 'Equivocava' tem aqui o sentido de "confundia".

<sup>260</sup> A locução 'Mas que' adota aqui sentido concessivo, equivalente a "ainda que".

Do irmão o Império fica inexpugnável.  
 Jove, que manda o Reino de Neptuno,  
 Em alto sólio *quási*<sup>261</sup> a si o iguala,  
 E o destino cruel faz oportuno.

O âmbar mais puro já do amor exala 3710  
 Fumos fragrantés, que no sacrifício  
 Ardente culto ao Númen assinala.  
 Um templo de cristal deo exercício  
 De Glauco em breve tempo à rara idea,  
 Só para ter a Melibeo propício. 3715  
 De coral o enriquece Galatéia,  
 E de nácar Dóris o seu tecto esmalta,  
 As paredes de pérolas Deiopéa.  
 Estátua viva a Melibeo se exalta,  
 Fica divinizada a gentileza, 3720  
 E nem da morte entre os horrores falta.  
 As lâminas de aljófar tanta empresa  
 Em bem gravados símbolos publicam,  
 E nem oculta o mar a alta grandeza.  
 À Fé e à Religião a um tempo aplicam 3725  
 As místicas figuras que retratam  
 Luzes que em Melibeo se multiplicam.  
 Ao valor Jeroglíficos dilatam  
 Em mais sólida forma, e mais robusta,  
 Com que à Parca e ao tempo desbaratam. 3730

<sup>261</sup> A forma '*quási*' é a única que ocorre no cancionero, apresentando vacilação no vocalismo átono em posição postónica final. Outras ocorrências de vacilação no vocalismo átono final podem ser conferidas nas notas aos vv. 1193, 5817, 6193, 6263, 8138 e 8441.

Tem a Docilidade cópia justa; Cinzel exacto representa o Régio Do Sangue excelso na prosápia Augusta.	
Mostra a verdade o seu semblante egrégio Sempre adorado, e pouco conhecido, Porque fugio do mundo ao sacrilégio.	3735
A Generosidade o mais luzido Emblema achou, e em ouro bem gravado Estava, ainda que preso, difundido.	
Vê-se a Constância em trono sublimado; Com rosto igual debuxa-se a Prudência; Com suave atracção está o Agrado.	3740
Aguda a Discrição, clara a Ciência, Florida a Erudição, e laboriosa E, unida com as três, doce Eloquência.	3745
A Agilidade pronta, e vigorosa, E em ara triangular tem a amizade Culto que o mundo raras <sup>262</sup> vezes goza.	
Hércules a sustenta e persuade, Teseo a conresponde <sup>263</sup> e fino observa, Peritoo a merece na igualdade.	3755
Tudo em sonhos me disse hoje Minerva, E me inspirou Melpomene, ensinando Quanto aos altos espíritos reserva.	
Os meus barcos já deixo naufragando,	3760

<sup>262</sup> No original, 'razas', por erro tipográfico.

<sup>263</sup> 'Conresponde' é forma etimológica por "corresponde". Veja-se a nota ao v. 1938.

As redes rompo; o porto, que buscava,  
Aborreço por plácido e por brando.

De Erice a altiva rocha eu dominava,  
A quem deo nome Vénus Ericina,  
Que com cândidos Cisnes ilustrava. 3765

O caracol torcido, a concha fina,  
De que a Lira formou o Deos ligeiro,  
A Musa funeral hoje abomina.

O mar foi deste mal motor primeiro:  
Não quero vê-lo mais; suas mudanças 3770  
Tolere o ambicioso aventureiro.

No bosque as florescentes esperanças  
De Melibeo o nome reproduzam  
Em verdes folhas trágicas lembranças.

Do Tejo as ágoas justamente acusam, 3775  
Pois ainda Melibeas as não chama,  
Porque a tão grande nome se reduzam.

O mar Icário perpetua a fama  
De um voo transformado em precipício,  
A que a cega vaidade Febo inflama. 3780

Foi de Hele menos nobre o sacrifício,  
E em eterna memória o Helesponto  
Deo da sua piedade claro indício.

Não foi igual ao caso que te conto  
O que imortalizou com doce pena 3785  
As tristes ondas bárbaras do Ponto.

*Anfriso.*

Cessa, Fileno, cessa, pois condena  
O meu affecto em lágrimas aflitas  
Quanto a ti só Melpomene te ordena.

Dotes heróicos, glórias infinitas 3790  
Também quero cantar, para que logo  
As ciências e as artes tu repitas.

*Fileno.*

Seja o louvã-lo eterno desafoço.<sup>264</sup>

*Anfriso.*

Galhardo Melibeo, quando te via 3795  
Na caça nestes verdes horizontes,  
Teu acerto, e teu braço, parecia  
Nobre estrago dos ares e dos montes:  
Veloz e astuta a ave que corria,  
Faz que tu mais sublime te remontes,  
Sem que possa livrá-la a azul esfera, 3800  
Nem verde asilo à mais horrível fera.

*Fileno.*

O engenho mais sublime e mais agudo  
Se elevava e feria mais activo,  
E no amor da ciência alcançou tudo  
A que não chega o sábio mais altivo: 3805  
Não basta aos argumentos forte escudo,  
Mistério oculto ou inferior motivo  
Não teve a natureza reservado  
Ao douto Filosófico cuidado.

<sup>264</sup> Este verso fecha o quarteto com que conclui a série de tercetos encadeados. A partir daqui, o diálogo prossegue em oitavas.

*Anfriso.*

Se o visses dominar, destro e robusto, 3810  
 De um cavalo os impulsos vigorosos;  
 E quando mais ardente e mais adulto,  
 Render-lhe os feros ímpetos fogosos:  
 Mandar sem ira, executar sem susto  
 Da arte equestre os preceitos generosos; 3815  
 Entenderas<sup>265</sup> que o mar o acha oportuno  
 Para reger o carro de Neptuno.

*Fileno.*

Quanto nas Matemáticas<sup>266</sup> ensina  
 Clara a verdade com princípios certos,  
 Dos números na célebre doutrina, 3820  
 Das linhas nos mistérios encobertos:  
 Lusitano Arquimedes examina,  
 E deixa os seus segredos descobertos;  
 Mas sendo eterno o círculo que apuras,  
 Não te hão-de compreender tantas figuras. 3825

*Anfriso.*

Científico fazia o exercício  
 Da negra espada nos ensaios claros,  
 Robusto esgrime, mas não quer propício  
 Que sirvam às ofensas os reparos:  
 Pois quando fora débil sacrifício 3830  
 Todo o valor a golpes tão preclaros,  
 Os impulsos activos da violência  
 Moderava nas iras a prudência.

<sup>265</sup> No original, 'Entenderás'. A estrutura condicional da estrofe exige a retificação por nós realizada.

<sup>266</sup> A forma plural deve-se a provável castelhanismo.

*Fileno.*

Tanto sabia do Latino idioma  
 Que adoptariam suas doudas frases, 3835  
 No mais polido século de Roma,  
 Horácios puros, Túlios eficazes:  
 E quanto Itália, Espanha, e França toma,  
 Da origem Lácia as línguas só capazes,  
 Deve à sua eloquência os documentos, 3840  
 Em Líricos, Retóricos acentos.

*Anfriso.*

Doce harmonia em cláusulas canoras  
 Compunha o Cisne que no Tejo morre;  
 Veloz o plectro a agitações sonoras,  
 Sem faltar à cadência a lira corre: 3845  
 Airoso e destro nas nocturnas horas,  
 Um Colisseo<sup>267</sup> magnífico discorre,  
 Na música se vê a melodia,  
 Na dança ouvem os olhos a harmonia.

*Fileno.*

Quanto a fábula em véos subtil encobre, 3850  
 Quantos sucessos referio a História,  
 Quanto erudita a Crítica descobre  
 E acha a Filologia na memória:  
 Feliz emprego da atenção mais nobre,  
 Deo aos vastos estudos tanta glória 3855  
 Que quasi<sup>268</sup> em cinco lustros pareciam  
 Que nas folhas dos livros floresciaam.

<sup>267</sup> 'Colisseo' é a forma normal na época para o moderno "Coliseu". Outra ocorrência, no v. 12610.

<sup>268</sup> A forma 'quasi' apresenta vacilação no vocalismo átono em posição postónica final. Veja-se a nota ao v. 3708.

*Anfriso.*

Pincel polido, e remontada pena,  
Destros rasgos com voos elevados  
Fia ao papel, a quem a fama ordena 3860  
Que fiquem no seu Templo debuxados:  
Com carácter perfeito assim condena  
Caracteres vulgares, que apagados,  
Indigno emprego a um Escritor famoso,  
Vem<sup>269</sup> inútil o jaspe, o bronze ocioso. 3865

*Fileno.*

Mas uma voz ao longe mais suave  
O Epicédio interrompe, o ar lastima.

*Anfriso.*

É Filomena<sup>270</sup>, que lamenta grave  
O grande mal que a Aurora desanima?

*Fileno.*

Não é tão triste ou harmoniosa a ave 3870  
Como esta que desmaia quanto anima.

*Anfriso.*

Ouve, *que* é Lise quem cantando assombra,  
Que ao silêncio deo voz, deo luz à sombra.

*Lise.*

Melibeo adorado, já que a sorte,  
Para que eu morra mais, não quer que expire<sup>271</sup>, 3875  
E a vida em *que* ainda vive a minha morte  
Faz, porque dure o fogo, que respire:

<sup>269</sup> Forma equivalente ao moderno “*Veem*”. Veja-se a nota ao v. 205.

<sup>270</sup> Castelhanismo por “*filomela*”. Outras ocorrências, nos vv. 6157, 13912 e 14443. Cf. ‘Filomela’ nos vv. 743, 9349, 12753 e 16662.

<sup>271</sup> No original, ‘*espire*’. Veja-se a nota ao v. 50.

E já que, surdo o mar, tirano e forte,  
 Entre as ondas não deixa que suspire  
 Sem que penetrem no rigor das mágoas 3880  
 Os suspiros em ar, do pranto as ágoas.  
 Para chamar por tí, a este desterro<sup>272</sup>  
 Busca saudosa uma infelice<sup>273</sup> amante:  
 A cor das esperanças é um erro  
 Que lisonjea uma alma tão constante: 3885  
 Tem visos de ouro e coração de ferro  
 O Tejo, que te rouba naufragante,  
 E se a firmeza no seu centro oculta,  
 Como a ti só, e a mim me não sepulta?  
 Se não basta o carinho de meus braços 3890  
 Para ressuscitar-te<sup>274</sup>, donde fino  
 Te não deixe outra vez romper os laços,  
 Mas que<sup>275</sup> o queira fatídico o destino:  
 Vê que te chama Aónia, os seus abraços  
 De afecto paternal emprego digno<sup>276</sup>, 3895  
 Com Piério e com Ínaco renovem  
 Os nomes Régios que o<sup>277</sup> respeito movem.  
 Verei se é a inocência mais activa,  
 Já que foi a fineza delinquente,  
 Mas se do meu afecto a chama viva 3900  
 Não basta, as outras obram tibiamente:  
 Se não acende as ondas, e se altiva  
 Não leva aos Céos um holocausto ardente,

<sup>272</sup> Uso anómalo da preposição 'a'. Vejam-se as notas aos vv. 88, 229 e 678.

<sup>273</sup> 'Infelice' por "infeliz". Veja-se a nota ao v. 1082.

<sup>274</sup> No original, 'ressuscitar-te'. Vejam-se as notas aos vv. 102 e 2024.

<sup>275</sup> A locução 'Mas que' possui aqui sentido concessivo. Veja-se a nota ao v. 3544.

<sup>276</sup> A rima demonstra a pronúncia simplificada do grupo consonântico culto. Vejam-se as notas aos vv. 1406 e 3046.

<sup>277</sup> Optámos por manter o texto original, ainda que a leitura 'a respeito' seria talvez mais simples.

Ou se perca entre os Astros, ou naufrague,  
Certa estou, Melibeo, que não se apague. 3905

Ainda que congelasse a errante neve  
A tua bela estátua cristalina,  
A animá-la o meu peito aqui se atreve,  
Sem usurpar ao Céu chama Divina:  
E se a uma idolatria o prémio deve 3910  
Quem a outra rendeo vítima fina,  
Corra o véo o marítimo teatro,  
Verá se ao dar-lhe espírito a idolatro.

Não temo *que* chegasse a corromper-se  
Quem de mim nunca pôde dividir-se, 3915  
E se em meu coração veio a acender-se,  
Como um eterno ardor vejo extinguir-se?  
Também sei que não há-de desfazer-se  
Quem à minha firmeza soube unir-se,  
E se em urna inconstante as cinzas vagam, 3920  
Na pira de meu peito não se apagam.

Tétis cruel, a tua sorte invejo,  
Mas não hei-de imitar tua inconstância;  
Sol menos belo entre os teus braços vejo,  
E cada dia o largas sem constância: 3925  
Quem te chamou formoso, horrível Tejo,  
E achou suave a tua dissonância!  
Finges, e ainda és mais bárbaro *que* o Nilo,  
Dourado Monstro, vago Crocodilo.

Melibeo, Melibeo, não me respondes? 3930  
Pois imudeça<sup>278</sup> o meu sentido canto;  
E se nas ágoas trágicas te escondes,  
Por que não escolheste as de meu pranto?  
Mas se divinizado correspondeste<sup>279</sup>  
A um fino afecto que te adora tanto, 3935  
Faze<sup>280</sup> que eu seja na imortal idea  
De melhor Ácis nova Galatéia.

---

<sup>278</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

<sup>279</sup> 'Conrespondeste' é forma etimológica por "correspondeste". Veja-se a nota ao v. 1938.

<sup>280</sup> Veja-se a nota ao v. 3640.

SENTIMENTOS  
 DE  
**D. PEDRO**  
 E DE  
**D. INÊS DE CASTRO**  
 POR  
 MANOEL DE AZEVEDO PEREIRA<sup>281</sup>.

PRIMEIRA PARTE.

I.

**E**Ra na meia idade, a que chegava  
 Em frágoas de safir o Sol que ardia,  
 E nas asas do tempo, que voava, 3940  
 Ícaro de seus raios era o dia:  
 Quando com flamas de ouro se abrasava,  
 Que morrer incendiado<sup>282</sup> então queria,  
 Sendo por renascer com novo alarde  
 Em cinzas de rubim<sup>283</sup> Fénix da tarde. 3945

<sup>281</sup> A autoria de **MANOEL DE AZEVEDO PEREIRA** apresentou alguma controvérsia, recolhida por Machado na sua magna Biblioteca Lusitana (tomo II, p. 211; e tomo III, p. 188). Mantivemos a atribuição comum à *Fénix* (tomo I, p. 92) e ao *Postilhão*.

<sup>282</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 3242.

<sup>283</sup> As formas '*rubim*' e '*rubins*' são minoritárias no texto. Outras ocorrências podem ser conferidas nos vv. 4531, 5012, 12855, 14426 e 14963. Para a alternância com as formas desnasaladas '*rubi(s)*', veja-se a nota ao v. 1740.

## II.

Na lisonjeira planta se enlaçava  
 Cortês o vento com gentil porfia,  
 E nos jardins a rosa, que encalmava,  
 Em berços de esmeralda adormecia:  
 A simples avezinha se banhava 3950  
 No murmúreo<sup>284</sup> correr da fonte fria,  
 Renovando na vista e doce alento  
 Narcisos nos cristaes, Orfeos<sup>285</sup> no vento.

## III.

Mas Inês, que por penas só vivia,  
 Naufragando em soluços cada instante, 3955  
 Inês, aquela Inês, que amor fazia,  
 Por lhe dobrar as mágoas, mais constante:  
 Aquela em cujas graças competia  
 Ser formosa, discreta e ser amante;  
 Em cujas prendas não tiveram parte 3960  
 Artifícios da indústria, invenções da arte.

## IV.

A que nos dotes da alma tão possante,  
 Discreta, grave, terna<sup>286</sup> e generosa,  
 Que, da mesma beleza sendo Atlante,  
 Tinha por menor prenda o ser formosa: 3965  
 Nos donaires do talhe tão galante,  
 Nos alinhos da graça tão vistosa,  
 Que, topando na culpa de Narciso,  
 Fora sem culpa o seu discreto aviso.

<sup>284</sup> Sentido adjetival, equivalente a “*murmuroso*”.

<sup>285</sup> Cf. ‘*Orfeu*’, no v. 374. Outras ocorrências de ‘*Orfeo*’, nos vv. 10129, 11029, 11778, 11791 e 16801.

<sup>286</sup> Veja-se a nota ao v. 1466.

## V.

Mas qual o passarinho descuidado, 3970

Lisonja mais gentil da tenra idade,  
Foi das mãos do menino aprisionado,  
Que lhe roubou no laço a liberdade:

E quando dele mais galanteado  
Exprimenta<sup>287</sup> no mimo a crueldade, 3975

E quando a cor das penas lhe contenta,  
Nas que lhe tira, muitas lhe acrescenta.

## VI.

Tal Inês na manhã dos tenros<sup>288</sup> anos,  
Nas primeiras auroras da esperança,  
Deo nos laços de amor doces enganos, 3980

Do vendado rapaz linda vingança:

Mas os golpes da Parca desumanos

A beleza por flor em flor alcança,

E exprimentou<sup>289</sup> na sempre amarga sorte  
Por mãos do Deos de amor armas da morte. 3985

## VII.

Eram gentil emprego a seus cuidados

As finezas de Pedro, que a beldade

Soube nelas trazer aprisionados

Ceptro, Coroa, vida e liberdade:

Entre ambos tinha amor já tão ligados 3990

Os soltos alvedrios da vontade,

Que foi neles baldado, e foi perdido,

Nascer Anteros, por crescer Cupido.

<sup>287</sup> Redução do vocalismo átono por síncope em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 90.

<sup>288</sup> Veja-se nota ao v. 1093.

<sup>289</sup> Idem.

## VIII.

Mas oh tirana dor que amor inventa!  
 Forçosa foi de Pedro a dura ausência, 3995  
 Átropos da alma, que da pena isenta  
 Sabe nela sentir mortal violência:  
 Como preso partir-se Pedro intenta,  
 Inês na alma sentio nova inclemência,  
 Que quer a sorte, pois amor ordena, 4000  
 Onde não chega a morte, ofenda a pena.

## IX.

Quantas vezes, Inês, no pensamento  
 Este desar notaste a teus favores,  
 Quantas vezes, Inês, nas mãos do vento  
 Os viste, vês agora, e verás flores! 4005  
 Tanto nas afeições gosto avarento  
 Este pesar sentiste em teus amores  
 Que não posso dizer que neste emprego  
 Estavas, linda Inês, posta em sossego<sup>290</sup>.

## X.

Entre os braços de Pedro, ardente frágoa, 4010  
 Se acosta<sup>291</sup> Inês sem vida e sem sentido,  
 Que multiplica a dor e dobra a mágoa  
 Lograr presente o bem *que* é já perdido:  
 Dos olhos solta dous chuveiros de ágoa,  
 Oceanos de neve, onde Cupido 4015  
 Quis da Beleza já molhando as velas  
 Chegasse a tempestade até às estrelas.

<sup>290</sup> Evidente intertextualidade em tributo a Camões.

<sup>291</sup> Sinónimo de “*deita*”, provavelmente por castelhanismo. Outros casos, nos vv. 4274 e 14466.

## XI.

Qual em berços de púrpura olorosa  
Delícias da manhã, da tarde empresa, 4020  
Dos melindres de flor enferma a rosa,  
Desmaiado o valor, murcha a lindeza:  
A que já foi de Abril pompa lustrosa,  
Livro de amor, emblema da beleza,  
Perde a graça, por ver que o Sol lhe talha  
Do mesmo carmesim gala e mortalha. 4025

## XII.

Tal do fogo de amor na imensa calma  
A cor Inês perdeo, que amor ordena  
Os desmaios *que* tinha impressos n' alma  
Trasladasse no rosto a viva pena: 4030  
Já despojo da dor, da mágoa palma,  
Com respirar de flor, ar de açucena,  
Exala nova dor ao pensamento  
Em saudosos ais o doce alento.

## XIII.

«-Ai caduco prazer», diz lastimada,  
«Esperança de um bem, doce tormento! 4035  
Ai que por verde murchas apressada  
Primavera de amor, da dor portento!  
Ai melindrosa flor agonizada,  
Despojado jasmim de qualquer vento,  
Que quando nasce traz na mesma alvura 4040  
Gala, mortalha, berço e sepultura!»

## XIV.

»Ai, que chegas, ó dia, em *que* amor tira  
 Duas almas de um peito! oh noite fria!  
 Oh noite, digo, porque a quem suspira  
 Foge a luz, morre o Sol, acaba o dia»: 4045  
 A boca, de que um ai outro ai retira,  
 Já cansada, mais baixo repetia:  
 «Parai, Senhor»; mas um soluço ardente  
 Sufoca o *par*, repete o *ai*<sup>292</sup> somente.

## XV.

«Parai», torna a dizer, «meu gosto amado, 4050  
 Glória desta alma enquanto glória tinha;  
 Mas ai, alívio meu, ai meu cuidado,  
 Como podeis parar, se é glória minha!  
 Mas se destina o Céu e manda o fado  
 Esta alma castigar, que amor mantinha, 4055  
 Deixai-me a vossa, porque a sorte ordene  
 Mais almas tenha, porque assim mais pene.»

## XVI.

»Mas não, *que* é contra amor esta porfia;  
 Mas não, *que* deixo amor nisto agravado:  
 Muitas almas não quero, que seria 4060  
 Repartir o tormento a meu cuidado:  
 Mas se a pena permite companhia  
 Nesta ausência cruel (oh triste fado!),  
 Antes que a dor a roube da partida,  
 Levai-me, vida minha, a minha vida.» 4065

<sup>292</sup> Os itálicos do verso são nossos.

## XVII.

»Só convosco, Senhor, irá segura,  
 Sem que mortal achaque lhe aconteça;  
 Porque talvez do fado a sorte dura  
 Fora deste meu peito a desconheça:  
 Nem poderá temer minha ventura 4070  
 Que sombra de pesar vos entristeça,  
 Pois farei no tormento mais esquivo  
 Correr por conta dela o sensitivo.»

## XVIII.

»Se só para viver na lei de amante  
 Forçosa seja a vida repetida, 4075  
 Ai, Senhor, que não pode ser bastante  
 Para viver ausente uma só vida!  
 E se amor é de vidas tão possante,  
 Uma nos dê por ambos repartida,  
 Posto *que*<sup>293</sup> a dor entre ambos se acomoda, 4080  
 Melhor vos partireis levando-a toda.»

## XIX.

»Cá me fica outra vida que não passa,  
 Em que padeça morte repetida;  
 Que quer amor tirano que renasça  
 Uma vida das cinzas de outra vida: 4085  
 Pois como tão cruel penas me traça  
 Como me traz em fogo convertida,  
 A acabar outra Fénix<sup>294</sup> me condena,  
 Morrendo em cinza, renascendo em pena.»

<sup>293</sup> A locução '*Posto que*' tem aqui sentido causal, por castelhanismo.

<sup>294</sup> Cf. nota ao v. 1425.

## XX.

»Ai, quem cuidara, amor, *que* os teus favores 4090  
 Fossem fingidas sombras mentirosas!  
 Ai, quem cuidara, amor, *que* em teus amores  
 Fossem mais os espinhos do que as rosas!  
 Mas depois que triunfo a teus ardores  
 Foram de Marte as armas generosas, 4095  
 Tão guerreiro ficaste, ufano e forte,  
 Que bem podes matar a própria morte.»

## XXI.

»Mas, pois forçosamente me condena  
 A que vos ausenteis, a tirania;  
 Deixai, Senhor, deixai, deixai-me a pena, 4100  
 Porque só dela quero a companhia:  
 Na noite ou mais escura ou mais serena  
 (Que para ausentes nunca nasce o dia)  
 Chorarei, permitindo minha estrela,  
 Inda<sup>295</sup> mais que a saudade, a causa dela.» 4105

## XXII.

»Nas remontadas penhas mais vizinhas  
 (Sujeitar a meus ais penhasco possa)  
 Vos buscarão, Senhor, lágrimas minhas,  
 Minhas, se pode ser, sendo a alma vossa:  
 De meus anos a flor entre as espinhas 4110  
 Passarei, sem perder esta fé nossa,  
 Mas antes perderão seu bruto alento  
 O Mar, o Fogo, o Ar, a Terra, o Vento.»

<sup>295</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

## XXIII.

»Mas ai, *que* é tal a dor de meus retiros,  
 E tão firme nas leis da<sup>296</sup> tirania, 4115  
 Que vendo *que* me assistem meus suspiros,  
 Quiçá deles me roube a companhia:  
 Mas ainda mais e mais acerbos tiros  
 Contra mim fuzilar amor porfia,  
 Pois sem dar atenções à minha queixa, 4120  
 Por mais só me deixar, sem mim me deixa.»

## XXIV.

Qual quando na manhã naufraga o dia  
 Nos undosos cristaes que o Céu desata,  
 O jasmim desmaiado se agonía  
 Dos achaques da gota que o maltrata: 4125  
 E com desar trocando a galhardia,  
 Ícaro já nas ágoas se retrata,  
 O que lisonja foi tão prateada,  
 Se no prado jasmim, nas ondas nada.

## XXV.

Tal Inês já de lágrimas banhada, 4130  
 De seus olhos gentis mortaes desares,  
 Pois quis a natureza acautelada  
 Que o Ocaso de dous Sóes fossem dous mares:  
 Exalava de todo agonizada  
 O suspiro final a seus pesares, 4135  
 Que, com ver-se entre lágrimas undosas,  
 Soube na boca achar maré de rosas.

<sup>296</sup> Outra possível leitura seria '*a tirania*'; optámos por manter o texto original.

## XXVI.

Já Pedro, enfim, rendido a seu cuidado,  
 A dor quer disfarçar de seu retiro,  
 Mas como o coração tem já quebrado, 4140  
 Um pedaço lhe traz cada suspiro:  
 E como, enfim, no peito agonizado  
 Sentio da mortal frecha<sup>297</sup> o novo tiro,  
 Notando Inês no pranto do seu rogo,  
 Exala em ágoa quanto bebe em fogo. 4145

## XXVII.

«–Não chores», diz, «formosa Inês, agora  
 Ficar ausente sem partir comigo,  
 Que se és vida da minha, que te adora,  
 Na alma te levo, por viver contigo:  
 Não pertendo ausentar-me hoje, Senhora, 4150  
 Suposto que partir-me hoje prossigo<sup>298</sup>,  
 Que se as almas trocar amor consente,  
 Nem tu só ficas, nem me parto<sup>299</sup> ausente.»

## XXVIII.

»O corpo se ausenta, a alma não parte,  
 Que enfim não vivo de potências suas; 4155  
 Que, como me alimento só de amar-te,  
 Bastam para viver memórias tuas:  
 E porque amor, nos tiros que reparte,  
 Fulmina contra mim frechas<sup>300</sup> mais cruas  
 Quando a vida me rouba, outra me ordena 4160  
 Que fora em mim matar-me a menor pena.»

<sup>297</sup> Variante de “*flecha*”. Outras ocorrências nas composições em português, nos vv. 4159, 8230, 10886, 14891 e 14895, como substantivo; o verbo ‘*frechar*’, por sua vez, ocorre no v. 5079. Cf. ‘*flecha*’, no v. 349.

<sup>298</sup> No original, ‘*prossigo*’. Vejam-se as notas aos vv. 102 e 2235.

<sup>299</sup> No original, ‘*parte*’. O contraste entre o *tu* e o *eu* exige a correção.

<sup>300</sup> Variante de “*flechas*”. Veja-se nota ao v. 4143.

## XXIX.

»Mas nota, Inês formosa, esta fineza  
 A fazer<sup>301</sup> impossíveis ofrecida<sup>302</sup>,  
 Pois que contraminando<sup>303</sup> a natureza,  
 Teu mesmo amor me mata e me dá vida: 4165  
 Mas como amor notou nessa beleza  
 Os impossíveis só de merecida,  
 Quis tomar por razão, força infalível,  
 Obrar por alcançá-la outro impossível.»

## XXX.

»Bem vês agora, Inês, como abrasado 4170  
 Nos vivos holocaustos de meu peito  
 Meu coração consagro a teu cuidado  
 Em vítimas de lágrimas desfeito:  
 Agora alcançarás como alentado  
 Todo me sacrificio a teu respeito, 4175  
 Pois chego a consagrar-te em viva calma  
 Sangue do coração, relíquias d' alma.»

## XXXI.

»Suceda à Primavera o seco Estio,  
 À serena manhã tarde calmosa,  
 Seja manso regato quem foi rio, 4180  
 Sejam secas relíquias quem foi rosa:  
 Seja, quem foi clavel<sup>304</sup>, cadáver frio,  
 Seja, quem foi jasmim, cinza olorosa,  
 Seja tudo à mudança, enfim, sujeito,  
 Que amor firme será dentro em<sup>305</sup> meu peito.» 4185

<sup>301</sup> Neste caso, '*A fazer*' não tem sentido durativo.

<sup>302</sup> Redução do vocalismo átono, neste caso por síncope em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 90.

<sup>303</sup> Mantivemos o texto original, apesar da possibilidade da leitura '*contrariando*'. Outras ocorrências do verbo '*contraminar*' podem ser consultadas nos vv. 13948 e 14969.

<sup>304</sup> Castelhanismo lexical por "*cravo*".

<sup>305</sup> No cancionero, alternam as formas '*dentro de*' e '*dentro em*'.

## XXXII.

»Nessas gentis madeixas da beldade,  
 Em cuja luz do Sol a luz se nega,  
 Onde, feito pirata da vontade,  
 Nas crespas ondas sempre amor navega:  
 Nelas deixo cativa a liberdade, 4190  
 Em refêns<sup>306</sup> minha fé por fé se entrega:  
 Nelas te deixo, enfim, com meus alentos,  
 Alma, cuidados, vida e pensamentos.»

## XXXIII.

»A Deos<sup>307</sup>, delícia minha, a Deos, cuidado,  
 A Deos, Senhora, a Deos, *que* amor consente 4195  
 Que parta, enfim, nas mágoas sepultado,  
 Se partir posso de mim mesmo ausente:  
 A Deos, que amor nos tinha decretado  
 Esta ausência cruel, forçosa, urgente;  
 Mas aí, formosa Inês, *que* em vão me queixo, 4200  
 A Deos, que enfim me parto, e enfim te deixo.»

## XXXIV.

Já se remonta Pedro a seus retiros,  
 E já de morte em morte Inês discorre,  
 Que, como entrega a vida a seus suspiros,  
 Quantas vezes suspira, tantas morre: 4205  
 O coração, sentindo acerbos tiros,  
 Pelos olhos sangrado em cristaes corre;  
 Mas oh, *que* no sangrar-se em vão se cansa,  
 Porque em cada sangria uma alma lança!

<sup>306</sup> A expressão '*em refêns*', sem concordância, parece estar sendo usada aqui como locução invariável.

<sup>307</sup> '*A Deos*', aqui e na estrofe toda, é jogo de palavras: serve como despedida ("*adeus*") e como expressão de remissão "*a Deus*". Outros casos idênticos, nos vv. 9193 e 9673.

## XXXV.

Qual na seca vergôntea desfolhada 4210

Que despojo restou da tempestade,

Se lamenta em requebros lastimada

A casta rosa posta em soledade:

Soluça, pasma, geme agonizada,

Chora, suspira, anela em crueldade, 4215

E seu pesar lhe tem no peito unidos

Rigores, mágoas, lágrimas, gemidos.

## XXXVI.

Tal lastimada chora Inês saudosa,

No seu mesmo tormento sepultada,

Nos desvelos do dia cuidadosa, 4220

Nos descuidos da noite desvelada:

Já se queixa em suspiros lastimosa,

Forma razões dos ais agonizada;

Que fez, para queixar-se em seus retiros,

Embaixadores d' alma seus suspiros. 4225

## XXXVII.

Oh quanto foi de ti teu Pedro amado,

Formosa Inês, mas ainda mais sentido!

Pois sendo grande a glória de logrado,

Hoje é maior a mágoa de perdido:

Foi teu prazer à perda apensionado, 4230

Foi teu pesar na pena desmedido;

Então foram de rosas teus favores,

Agora são delírios<sup>308</sup> teus amores.

<sup>308</sup> Outra leitura possível seria '*de lírios*', para sublinhar graficamente o jogo de palavras.

## XXXVIII.

Já nos braços da Aurora, *que* assomava,  
 Renascido chorava o novo dia, 4235  
 Quando Inês saudosa então negava  
 A seu triste pesar a companhia:  
 À solidão do campo se apartava,  
 Onde só lamentava<sup>309</sup> e só gemia,  
 Porque mais no rigor de seus retiros 4240  
 Piedade faltasse a seus suspiros.

## XXXIX.

Entre flores inquire o doce amado,  
 Presente em cada flor o considera,  
 E dando um breve encanto a seu cuidado,  
 Busca nas flores quanto em flor perdera: 4245  
 Corre de flor em flor, de prado em prado,  
 Topa só mágoas onde gosto espera,  
 Que foram seu prazer e seus favores  
 Perdas choradas, quando apenas flores.

## XL.

Procura em cada planta o *que* anelava, 4250  
 Porque no seu tormento engano escolha;  
 Mas oh, que seu pesar escrito achava  
 Lições para sentir em cada folha!  
 Já nas líquidas perlas<sup>310</sup> que chorava  
 Penhascos, plantas, prado e flores molha, 4255  
 E na lembrança já do bem perdido  
 Lhe interrompe um gemido outro gemido.

<sup>309</sup> 'Lamentava' possui sentido reflexivo, apesar da ausência do pronome "se".

<sup>310</sup> Variante de "pérolas". Veja-se a nota ao v. 912.

## XLI.

Qual o menino fica enternecido<sup>311</sup>,  
 Entre perplexidades pasmado,  
 Quando no verde prado entretenido<sup>312</sup> 4260  
 Lhe fuge o gosto atrás de um passarinho:  
 Já soluça, já pasma esmorecido,  
 Já busca cada flor, cada raminho,  
 Já melindrosos ais, mimoso alento  
 Após o passarinho leva o vento. 4265

## XLII.

Tal Inês, na penosa tirania,  
 Entre flores inquire o doce amado,  
 Mas foi lisonja só da fantasia,  
 Pois mais se nega um bem quando buscado:  
 Já queixosa das flores se desvia, 4270  
 Já nas queixas diverte seu cuidado,  
 E nos alentos d' alma com que expira<sup>313</sup>,  
 Já soluça, já pasma, já suspira.

## XLIII.

Na margem de uma fonte se acostava<sup>314</sup>  
 Que já clara correo com seus favores, 4275  
 E se deles travessa murmurava,  
 Em lágrimas agora exala amores:  
 Às plantas, aos penhascos se queixava,  
 Outra vez já seu mal contava às flores,  
 Onde nos ecos, que respira o monte, 4280  
 Suspira o vale, porque chora a fonte.

<sup>311</sup> Veja-se a nota ao v. 1466.

<sup>312</sup> Castelhanismo por “*entretido*”.

<sup>313</sup> No original, ‘*espira*’. Veja-se a nota ao v. 50.

<sup>314</sup> Sinónimo de “*deitava*”, provavelmente por castelhanismo. Veja-se a nota ao v. 4011.

## XLIV.

«–Ai, caducas belezas», lhes dizia,  
 «Ai, flores», se queixava enternecida<sup>315</sup>,  
 «Que sendo vossa vida de um só dia,  
 Muitas horas contaís na vossa vida! 4285  
 Mas, oh de minha dor mor agonia!  
 Oh morte em menor vida repetida!  
 Que, como em soledades só discorro,  
 Não conto instantes, porque sempre morro.»

## XLV.

»Vós, rosas, que no mimo de uma Aurora 4290  
 Lograis do vosso adorno a pompa bela,  
 Que, talvez por firmar vossa melhora,  
 Tivésseis ao nascer tão boa estrela:  
 Mas oh, que pesar que choro agora!  
 Nestes fogosos ais que o peito anela 4295  
 Escolheo minha estrela em triste sorte  
 Por pena a vida, por lisonja a morte.»

## XLVI.

»Vós, plantas, que sentis mudável erro,  
 Cifrando em cada folha um pensamento,  
 Se Dezembro lamenta vosso enterro, 4300  
 Abril em flor vos dá dobrado alento:  
 Mas, oh, que em meu sentir e em meu desterro  
 Eterniza um rigor meu sentimento!  
 Pois quer amor, na sorte que me ordena,  
 Se alimente uma pena de outra pena.» 4305

<sup>315</sup> Veja-se a nota ao v. 1466.

## XLVII.

»E tu, bruto penhasco inabitado,  
 Tosco sepulcro da polida fonte,  
 És agora das flores matizado  
 Ídolo de cristal, gala do monte:  
 Mas, oh tirana dor! que meu cuidado 4310  
 Hoje lamenta o mal que chorou ontem<sup>316</sup>,  
 Vendo que teu terror com bruto aviso  
 Ontem foi Polifemo, hoje é Narciso.»

## XLVIII.

»Mas, oh queixas, parai; tornai, cuidados;  
 Parai, façamos trégoas, pensamento; 4315  
 Que dos males talvez comunicados  
 Pode nascer desar ao sentimento:  
 Correi da alma pedaços destilados,  
 Dizei, lágrimas minhas, meu tormento:  
 Minhas! Não digo bem, que juntamente 4320  
 Perdi tudo no bem que choro ausente.»

## XLIX.

»Germanai-vos, correi mais caudalosas,  
 Seja vosso correr mais repetido,  
 Não cuideis que vos choro cuidadosas  
 Porque deis desafogo a meu sentido: 4325  
 Que como nas memórias rigorosas  
 Vossa causa lamento o que hei perdido,  
 Se talvez mitigais um sentimento,  
 De novo acrescentais outro tormento.»

<sup>316</sup> A forma desnasalada 'ontem' aparece por "ontem", devido a necessidades de rima. Cf. 'ontem', no último verso desta mesma oitava. Para outros casos de desnasalação em posição final, vejam-se as notas aos vv. 6719 e 6726.

## L.

»Oh, corram com valor vossas violências 4330  
 Por duplicar incêndios a meu rogo!  
 Que não fora querer sentir ausências  
 Se vos chorara só por desafogo:  
 Que posto<sup>317</sup> deis alívio às inclemências,  
 Não podeis dar alívios ao meu fogo; 4335  
 Pois, como sou das penas avarenta,  
 Qualquer alívio vosso me atormenta.»

## LI.

»Correi livres, correi, *que* amor ordena  
 Sejais a meu rigor ânsia penosa,  
 Que não comprais alívio a uma pena 4340  
 Quando chegais a ser paga forçosa:  
 Que pois amor por força me condena  
 Tributar-vos por dívida custosa,  
 Mal podeis mitigar o mal que tenho,  
 Quando sois do que devo desempenho.» 4345

## LII.

»Não me pode obrigar outro motivo  
 Senão<sup>318</sup> chorar-vos só por natureza,  
 Que quer que seja amor, por excessivo,  
 Tributo natural o que é fineza:  
 Que como a seu querer sujeita vivo, 4350  
 Rendida a seu rigor, cativa e presa,  
 Não se pode isentar minha afeição,  
 Que meu chorar não seja obrigação.»

<sup>317</sup> Aqui usado em sentido concessivo, como é próprio da época. Cf. a nota ao v. 4080.

<sup>318</sup> No original, '*Se não*'.

## LIII.

»Em vos sentir agora mais penosas,  
Dessas mudas razões faço argumento, 4355  
Porque quando chegais a ser queixosas  
Não limitais a dor ao sentimento:  
E fôreis só lisonjas enganosas,  
Mas não cruéis verdugos ao tormento,  
Quando na voz queixosa que formara 4360  
Lágrimas a meus ais solicitara.»

## LIV.

»Mais duro sentimento, mais nocivo  
No ser da alma pedaços vos confesso,  
Pois se levais a parte com que vivo  
A parte me deixais com que padeço: 4365  
Que como neste mal, por excessivo,  
Repartida minha alma reconheço,  
Se levais uma parte não pequena,  
A vida pode ser, mas nunca a pena.»

## LV.

»Oh, torna atrás, arroio fugitivo, 4370  
Alma da penha, coração do monte,  
Torna atrás, que o meu pranto sucessivo  
Te fará rio, quando apenas fonte:  
Oh, torna atrás veloz, detém-te esquivo,  
Detém-te, espera que meus males conte, 4375  
Que vás talvez com prata tão lustrosa  
Calçar as plantas de uma ingrata rosa.»

## LVI.

»Se te vás<sup>319</sup> despenhar ambicioso  
 Por aspirar a créditos de rio,  
 Leva meu triste pranto lacrimoso, 4380  
 Oceano será teu senhorio:  
 Embarga teu correr tão cuidadoso,  
 Suspende teu raudal, teu desvario,  
 Que lá terás no mar, onde te escondas,  
 Quantas lágrimas levas, tantas ondas.» 4385

## LVII.

»Mas, oh, parai, razões; tornai, gemidos;  
 A dor interpretai que o peito sente,  
 Que talvez em meus ais, por repetidos,  
 Os ecos ouça de quem choro ausente:  
 Ai, doce ausente meu, não dos sentidos, 4390  
 Ai, quem pudera, amor, ter-vos presente;  
 Mas deixai-me falar, talvez que<sup>320</sup> possa  
 Ouvir na minha voz ecos da vossa.»

## LVIII.

»Aqui, meu doce amor, meu bem querido,  
 Se me duplica a dor ao pensamento; 4395  
 Pois quando em vós me falta meu sentido,  
 Não me sabe faltar meu sentimento:  
 Em vós lamenta amor meu bem perdido,  
 Em mim renova a dor novo tormento;  
 Mas creio, doce amor, que sentir possa 4400  
 Menos a minha dor que a falta vossa.»

<sup>319</sup> Forma irregular por “vais”.

<sup>320</sup> A ordem ‘que talvez’ seria mais simples; optámos pela fidelidade ao texto original.

## LIX.

»Menos dor, menos dano, enfim, tivera,  
 Menos cruel sentira meu cuidado,  
 Quando neste rigor, que padecera,  
 Me pudera esquecer do *que* hei logrado: 4405  
 Mas ai, que nesta dor outra me espera,  
 Um mal outro me traz apensionado!  
 Pois chego a padecer em meu sentido  
 O mal que passo, o gosto *que* hei perdido.»

## LX.

»Bem conheço que possa na lembrança 4410  
 Vossas prendas lograr, meu doce esposo,  
 Mas o bem que se perde na esperança  
 Fica, quando lembrado, mais penoso:  
 Mas nesta triste dor, dura esquivança,  
 Se me duplica amor mais rigoroso; 4415  
 Pois só quer meu sentido vincular-se,  
 Para mais padecer, ao mais lembrar-se.»

## LXI.

Assim chorava Inês, e assim sentia.  
 Mas oh, trágica dor, rara estranheza!  
 Que já topa nas mãos da tirania 4420  
 Armas sempre mortaes contra a beleza:  
 Nas mãos de dous tiranos já se via  
 Entre cruéis espadas (tosca empresa!);  
 Mas que rosa no campo, Aurora, molhas,  
 A que não falte a vida e sobrem folhas? 4425

## LXII.

Parai, detende a fúria procelosa,  
 Parai, parai, detende o bruto alento:  
 Quem contra<sup>321</sup> o fresco mimo de uma rosa  
 A quem sobeja um Sol e basta um vento?  
 Mas, ai, discreta Inês, Garça formosa! 4430  
 Remonta agora mais teu sofrimento,  
 Que temo, linda Inês, teus lindos brios  
 Acrescentem coraes a tantos fios.

## LXIII.

Qual na tecida silva da espessura,  
 Labirinto de espinhos intricado, 4435  
 Com balidos se queixa da ventura  
 O simples cordeirinho aprisionado:  
 Já soluça em melindres com ternura<sup>322</sup>  
 Das maternas delícias apartado,  
 E o que mimos achou em cada ervinha 4440  
 Topa mortal rigor em cada espinha.

## LXIV.

Tal lastimada Inês troca em gemidos  
 Quantas vozes no peito articulava,  
 Enquanto os dous algozes fermentidos  
 As mãos lhe prendem com *que* amor atava: 4445  
 Já fugindo os alentos aos sentidos,  
 O soluçar as vozes lhe embargava;  
 Mas oh, que amor lhe deo no pensamento  
 Razões às ânsias, voz ao sentimento!

<sup>321</sup> Neste verso, parece faltar o verbo; a nossa solução passa por interpretar um verbo '*ser*' não expresso: '*quem [é/será] contra (...)*'. Outra alternativa passaria por supor uma leitura '*corta*' onde aparece '*contra*'. Outros casos similares encontram-se nos vv. 4974, 4975 e 5363.

<sup>322</sup> Veja-se a nota ao v. 1466.

## LXV.

«–Ai, tiranos cruéis! oh sorte dura!» 4450  
 (Entre suspiros diz agonizada)  
 «Que delito comete a formosura  
 Com que possa a beleza ser culpada?  
 Oh, deixai-me esta vida em pena escura  
 Se me quereis a morte dilatada, 4455  
 Que nesta triste dor tão repetida  
 Menos me mata a morte do que a vida.»

## LXVI.

»Oh! suspendei sentença tão penosa,  
 Mitigai por um pouco a crueldade,  
 Que não podeis dar morte rigorosa 4460  
 Que possa matar mais que a saudade:  
 Mas já que minha dor menos piedosa  
 Vos não pode causar nova piedade,  
 Não me roubeis meus filhos tão queridos,  
 Únicas prendas só de meus sentidos.» 4465

## LXVII.

»Ai, caras prendas minhas tão queridas,  
 Relíquias do amor, d' alma pedaços,  
 Ai, como sentireis em mim perdidas  
 As mimosas delícias de meus braços!  
 Mas pois não pode ser entre homicidas 4470  
 Lograr, amores meus, vossos abraços,  
 A Deos<sup>323</sup>, ficai-vos já, gostos amados,  
 A Deos alma, a Deos vida, a Deos cuidados.»

<sup>323</sup> 'A Deos', neste verso e no seguinte, é jogo de palavras: serve como despedida ("adeus") e como expressão de remissão "a Deus". Veja-se a nota ao v. 4194.

## LXVIII.

Mais quisera falar enternecida<sup>324</sup>;  
 Mas, oh não digna acção de um peito forte! 4475  
 Um tirano cruel, torpe homicida,  
 Nos fios de um punhal lhe tece a morte:  
 Inclina o lácteo colo adormecida,  
 Avassalada já da infausta sorte,  
 Exala a vida o corpo de alabastro, 4480  
 Fenece amor com Dona Inês de Castro.

## LXIX.

Qual a branca açucena que cortada  
 Sentio do tempo ou ferro a crueldade,  
 Em seu mesmo candor amortalhada,  
 Defunta flor em flor, da flor idade, 4485  
 A quem ficou somente de engraçada  
 Os antigos rascunhos<sup>325</sup> da beldade;  
 Tal fica a bela Inês amortecida,  
 Com gala, luz, com graça, mas sem vida.

## LXX.

Vós, agora, troféos da formosura, 4490  
 Aparências vitas de ramilhetes<sup>326</sup>,  
 Colhei as velas, porque a pouca altura  
 Qualquer onda vos molha o galhardete:  
 Olhai que a branca rosa, flor mais pura,  
 Acha berços e campas no alegrete, 4495  
 Atentai, leve flor, beleza vã,  
 Que é mais antiga a tarde *que* a manhã.

<sup>324</sup> Veja-se a nota ao v. 1466.

<sup>325</sup> Concordância número-pessoal *ad sensum*.

<sup>326</sup> Variante de “ramalhete”. Veja-se nota ao v. 454.

SENTIMENTOS  
DE  
D. PEDRO

E DE  
D. INÊS DE CASTRO.

SEGUNDA PARTE.

I.

JÁ da fatal tragédia retiradas  
As restantes ruínas da fereza,  
Ficaram só no campo idolatradas 4500  
Umhas breves relíquias da beleza:  
Ausente Pedro, sem que as malogradas  
Lamentasse memórias da fineza,  
Tão ditoso nas mágoas só discorre  
Que morre ufano sem saber que morre. 4505

II.

Queixosa, enfim, fenece a galhardia,  
Solicita queixumes a ternura<sup>327</sup>,  
Vendo já no desdém da tirania  
Menos cruel a Parca que a ventura:

<sup>327</sup> Veja-se a nota ao v. 1466.

Que como qualquer dote se avalia 4510  
 Por sintoma mortal da formosura,  
 Aquela mesma dita que entre sortes  
 Cumula prendas, multiplica mortes.

## III.

A ventura se queixa que a beldade  
 Fosse causa da perda, porque unida 4515  
 Naquelas prendas da melhor idade  
 Fez acabar rigor o que era vida:

Pois a Parca tirana por vaidade  
 Solicita belezas advertida,  
 Porque delas talvez se se olvidara, 4520  
 Morte fora uma prenda, e só matara.

## IV.

Só suspiram, só choram lastimosas,  
 Que não pára nas queixas a fineza,  
 Aquelas que restaram só piedosas  
 Tróias do amor, ruínas da beleza: 4525

Aquelas, digo, prendas lacrimosas,  
 Dous Infantes gentis que a natureza  
 Deixou com vida, porque em seu tributo  
 Fosse a morte da flor vida do fruto.

## V.

Qual nos braços da planta mais vizinha, 4530  
 Em roupas de rubim<sup>328</sup>, cama olorosa,  
 Sentindo uma lanceta em cada espinha,  
 Sangrada no jardim fenece a rosa:

<sup>328</sup> Veja-se a nota ao v. 3945.

Consagrando-se flor quem foi Rainha,  
Em Tírios holocaustos sanguinosa, 4535  
De cujas cinzas restam por grinalda  
Relíquias de ouro em cofres de esmeralda.

## VI.

Que pesares, que penas, que rigores  
Amor formava, e cada qual sentia!  
Qual nos gemidos soluçando amores, 4540  
Em carinhos as mágoas confundia:

Qual desmaiado no tapiz das flores  
Se recosta troféo da tirania,  
Notando aquele peito cujo enfeite  
Lhe troca em pena quanto foi deleite. 4545

## VII.

Quantas vezes falando enternecidos<sup>329</sup>  
Em soluços lhes pára o doce alento!  
Quantas na voz do monte repetidos  
Os lacrimosos ais lhes torna o vento!  
Quantas a ser naufrágios dos sentidos 4550  
Em cristaes se deriva o sentimento!  
Pois quer a dor, querendo amor agora,  
Chorem dous Sóes a falta de uma Aurora.

## VIII.

Alentado o rigor duplica os tiros,  
Sobem globos de fogo, esferas de ágoa, 4555  
Não resiste clavel<sup>330</sup> que nos retiros  
Não morra espuma e não feneça frágoa:

<sup>329</sup> Veja-se a nota ao v. 1466.

<sup>330</sup> Castelhanismo lexical por “*cravo*”. Veja-se nota ao v. 4182.

Multiplica-se o vento nos suspiros,  
 Fogosos raios lhe despede a mágoa,  
 Já não sabe nascer nem brilhar rosa  
 Que não pasme defunta mariposa. 4560

## IX.

Não tributam lisonjas aos sentidos  
 Nestas mudas razões, que amor ordena  
 Que sujeitos amantes desunidos  
 Aquele que mais chora, esse mais pena: 4565  
 E se lágrimas são nos mais queridos  
 Almas do coração, bem se condena  
 Qualquer a mais sentir, pois é patente  
 Que quem mais almas tem, muito mais sente.

## X.

A solidão de Pedro imaginada 4570  
 Lhe acende as almas, lhe distila<sup>331</sup> os peitos,  
 Que não morrera Inês, se retirada  
 Não sentira distantes seus efeitos:  
 Porque como é de amor muito apertada  
 A gentil união de dous sujeitos, 4575  
 Quando matar um deles a dor trata,  
 Sem desunir os dous um só não mata.

## XI.

Assim passam da mágoa a ser espanto  
 Os dous aios do mimo, os dous Cupidos,  
 Narciso cada qual do próprio pranto, 4580  
 Faetontes, enfim, de seus gemidos:

<sup>331</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

Se foram gala da beleza enquanto  
 Eram gentis desvelos dos sentidos,  
 Lástimas ficam já da tenra idade,  
 Culpas de amor, delitos da beldade. 4585

## XII.

Quaes simples avezinhas que roubadas  
 Às lisonjas de Abril, mimos de Flora,  
 Dos maternas alentos apartadas,  
 Suspira cada qual, cada qual chora:  
 As que foram do campo idolatradas, 4590  
 Oráculos do Sol, línguas da Aurora,  
 De si mesmas agora oculta frágoa  
 Concebem pena quando abortam mágoa.

## XIII.

Mas já funesta voz, turbado alento  
 Por línguas de metal enrouquecido 4595  
 Formava o semideos monstro violento,  
 Gigante pela fama conhecido:  
 Aquele cujo alado atrevimento  
 Se remonta veloz e tão subido,  
 Porque nele talvez o mundo veja 4600  
 Voarem penas apesar da inveja.

## XIV.

Lá fez a tuba lastimoso efeito  
 Nos alentos de Pedro, que em suspiros<sup>332</sup>  
 Os mais dos ecos interpreta o peito  
 Dobrando mágoas, renovando tiros: 4605

<sup>332</sup> No original, '*suffiros*', por erro tipográfico.

Quando apenas, enfim, na dor desfeito  
 O coração lhe pasma, que em retiros  
 Sufocado talvez da intensa calma,  
 Se isentou de viver por conta da alma.

## XV.

No combate fatal deste desmaio, 4610  
 Lastimosos parêntesis<sup>333</sup> da vida  
 Tributa da vida<sup>334</sup> ao mortal ensaio,  
 Às sentinelas da alma já vencida:  
 Não morre, Pedro, não, que aquele raio  
 Foi lançada<sup>335</sup> de amor que, repetida, 4615  
 Se pertende<sup>336</sup> matar a quem suspira,  
 Menos o mata se lhe a vida tira.

## XVI.

Assim vivendo morre, quando amante,  
 Assim morrendo vive, quando ausente,  
 Que se morre, pois pena por distante, 4620  
 Vive também, pois vive porque sente:  
 Mas, enfim, não passara tanto avante  
 Nas finezas amor, que fora urgente  
 Acabar-se na vida, se a roubara,  
 E tão fino não ser, se não matara. 4625

## XVII.

Mas quem diria agora o que sentiste  
 Nesta, Pedro, de amor menor ventura,  
 Dos carinhos ausente que já viste  
 Brotar melindres, produzir brandura!

<sup>333</sup> O gênero e o modo de formação do plural indicam provável castelhanismo.

<sup>334</sup> No original, '*da vidas*', seguramente por erro tipográfico.

<sup>335</sup> '*Lançada*' é usado neste contexto em sentido substantivo.

<sup>336</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

Oh, que dirias Pedro, quando abriste 4630  
 Aqueles dous conceitos da ternura<sup>337</sup>!  
 Os olhos digo; mas enfim me ordena  
 Parte das queixas interprete a pena.

## XVIII.

Ja no pardo capuz, roupas saudosas,  
 Imudecida<sup>338</sup> a terra se encobria, 4635  
 E nos ombros das nuvens tenebrosas  
 Ataúdes de sombra o tempo erguia:  
 Consagrando com tochas luminosas  
 Mudadas exéquias ao defunto dia,  
 Dando claros sinaes o Jovem louro 4640  
 Em torres de safir nos sinos de ouro.

## XIX.

Quando a favor da vida o sentimento  
 Novos em Pedro reproduz gemidos,  
 Sendo sumilher da alma o novo alento  
 Que lhe corre as cortinas aos sentidos: 4645  
 Mas a líquida dor, claro tormento,  
 Se acredita nos olhos advertidos,  
 Que quem nas penas solitário mora  
 Só lhe resiste vivo enquanto chora.

## XX.

Solicita retiros em que unidas 4650  
 Se acreditem de finas as saudades,  
 Que são mais primorosas se, sentidas,  
 Não permitem motivos a piedades:

<sup>337</sup> Veja-se a nota ao v. 1466.

<sup>338</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 3931.

Tributaram labéos de mal nascidas  
 A não passarem mostra de vaidades, 4655  
 Quando não foram mais que eternizadas  
 Solitárias, ocultas, retiradas.

## XXI.

E já nas solidões entretenido<sup>339</sup>  
 Interpreta lisonjas aos cuidados,  
 Pois vai dando nas flores advertido 4660  
 Mortas prendas, alinhos mal logrados:  
 Mas apenas se lembra enternecido<sup>340</sup>  
 Daqueles sóes agora imaginados,  
 Quando já, vacilante e só, discorre,  
 Aqui pasma, ali geme, acolá morre. 4665

## XXII.

Qual Girassol<sup>341</sup> gigante, que atrevido  
 A beber luzes amoroso aspira,  
 Se bem que entre zeloso e presumido  
 Desdenha ufano e temeroso gira:  
 Mas vendo apenas que o galã querido 4670  
 Em disfarces de nácar se retira,  
 Porque se vê das glórias todo ausente,  
 Lânguido pasma, cuidadoso sente.

## XXIII.

Enfim, rompe nas queixas amorosas  
 Agora Pedro, quando as vê sentidas; 4675  
 Que não podem livrar-se de penosas  
 Quando sabem fugir a ser ouvidas:

<sup>339</sup> Castelhanismo por “*entretido*”. Veja-se a nota ao v. 4260.

<sup>340</sup> Veja-se a nota ao v. 1466.

<sup>341</sup> No original, ‘*Girasol*’. Veja-se a nota ao v. 102.

E só discretas são, se rigorosas  
 As que menos se prezam de entendidas,  
 Que já por isso Pedro, se as pertende<sup>342</sup>, 4680  
 É só porque a si mesmo não se entende.

## XXIV.

«–Ai, glória minha», diz, «glória sonhada!  
 Minha te chamo, quando assim perdida,  
 Que se não tens as veras de lograda,  
 O desar não padeces de esquecida: 4685  
 Como, glória, maltratas se lembrada,  
 Como molestas, glória<sup>343</sup>, possuída;  
 Na posse logras ânsias de falível,  
 Na memória rigores de impossível.»

## XXV.

»Como soube deixar-me<sup>344</sup> assim frustrado 4690  
 Este rigor, que glória se habilita,  
 Quando me fez maior *que* o mesmo fado,  
 Maior que amor, maior *que* a mesma dita:  
 Quem me dissera então que este cuidado  
 Fosse rosa que, apenas se acredita, 4695  
 Quando se vê nas mãos da natureza  
 Troféo da dor, sangria da beleza.»

## XXVI.

»Ai, triste solidão! ai, pena ingrata!  
 Quanto menos cruel foras agora,  
 Se, permitindo a mágoa que maltrata, 4700  
 Não roubaras a glória que se adora:

<sup>342</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

<sup>343</sup> No original, '*glórias*'. A concordância com '*possuída*' (ainda mais, por ser em posição de rima) não deixa lugar a dúvidas quanto à necessidade de repor a forma singular.

<sup>344</sup> No original, '*deixarme*', forma aglutinada e não hifenizada. Outros casos idênticos podem ser encontrados nos vv. 5632, 5678, 5679, 5680, 5794, 5874 e 6494. Cf. as notas aos vv. 5209 e 7006.

Mas esta dor não fora, que assim mata,  
Rigorouso pesar se assim não fora;  
Pois não se mede o mal de quem suspira  
Pelo que tem, senão pelo que tira.» 4705

## XXVII.

»Mas ainda mais avante acompanhada  
Desta dor outra pena já me alcança,  
Pois na mágoa da perda lamentada  
Os alívios me rouba da esperança:  
Mas como se não fora eternizada, 4710  
Maltratara das glórias a mudança,  
Que o pesar sem remédio padecido  
Mata porque há-de ser, não porque há sido.»

## XXVIII.

»Nem podem mitigar esta saudade  
Assistências de amor, porque retire 4715  
Outra nova razão da soledade  
Que na distância desse amor consiste:  
Que, como aquele objecto da vontade  
Hoje feito impossível não me assiste,  
Sendo vínculo amor entre sujeitos, 4720  
Não tendo extremos, não produz efeitos.»

## XXIX.

»Só deixara de ser eternizada  
Esta dor, mas se fora divertida,  
Se a memória da prenda imaginada  
Não passara a ser pena padecida: 4725

Só razão de prazer, quando lembrada,  
Essa glória tivera, que é perdida,  
Se, sendo assim passada na lembrança,  
Soubera ser futura na esperança.»

XXX.

»Nem queixumes de lágrimas sentidas 4730  
Alívio podem ser nesta saudade,  
Que, sendo parte d' alma desunidas,  
São causas naturaes da soledade:  
Porque quando nos olhos advertidas  
Procuram fugitiva liberdade, 4735  
Aquela mesma vida que me alenta  
Também nelas partida se me ausenta.»

XXXI.

»Oh, quem me dera já ser assistido  
Dos penhascos talvez que o monte cria!  
Mas quem não tem razões para sentido, 4740  
Não pode ser nas mágoas companhia:  
E um rigor por ausências padecido  
Com nenhuma presença se alivia  
Que quem nas ânsias *que* padece um triste  
Juntamente não pena, não lhe assiste.» 4745

XXXII.

»E menos me permite esta esquivança  
Ser de vós assistido, lindas flores,  
Pois por gentis emblemas da mudança  
Jeroglíficos sois de meus favores:

E se produzis glórias na lembrança, 4750  
 Mal podeis assistir a meus rigores,  
 Que não faz assistências nos retiros  
 Quem motiva princípios aos suspiros.»

## XXXIII.

»Nem já, feras, talvez vossa bruteza  
 Resta para topar branda piedade; 4755  
 Mas como pode ser, se a natureza  
 As notícias vos nega da saudade?  
 E no fatal rigor de uma tristeza,  
 Nos efeitos mortaes da soledade,  
 Não pode ser a dor compadecida, 4760  
 Bem que seja na causa conhecida.»

## XXXIV.

»Nem sereis, avezinhas, no saudoso  
 Companheiras gentis a meus retiros,  
 Que diferentes sujeitos no penoso  
 Têm diversas as mágoas nos suspiros: 4765  
 E bem se crê que o mal todo invejoso  
 Mais a mim do *que* a vós fulmina<sup>345</sup> os tiros,  
 Pois um rigor fatal, um dano esquivo,  
 Mais mata o racional que o sensitivo.»

## XXXV.

»E menos podeis ser a meus sentidos 4770  
 Deleitoso carinho na saudade,  
 Lisonjeiros arroios que atrevidos  
 Solicitais dos olhos a vaidade:

<sup>345</sup> Há duas possibilidades de leitura: uma concordância número-pessoal *ad sensum* ou a ausência da preposição em '*aos tiros*'.

Mas como, se a meus ais, e a meus gemidos,  
 Multiplicais melhor a soledade, 4775  
 Pois em vós retratado descontente  
 De mim mesmo me vejo estar ausente.»

## XXXVI.

»Mas inda<sup>346</sup> assim, parai, porque melhora  
 Nestas lágrimas minhas vosso aumento:  
 Se professais correntes, como agora 4780  
 Sabeis livres fugir ao sentimento?

Parai, não murmureis, que nisso fora  
 Muito mais conhecido vosso alento;  
 Olhai que se condena, ou se aventura,  
 A não fazer remansos quem murmura.» 4785

## XXXVII.

»E vós, parai nas queixas amorosas,  
 Galantes cortesãs da soledade,  
 Que não cantais por pontos de saudosas  
 Quando dais tantas falsas<sup>347</sup> à saudade:

Parai, digo, a meus ais, parai piedosas, 4790  
 Parai nos quebros, tende a liberdade,  
 Aprenderéis a ser nestes retiros  
 Um Fénix<sup>348</sup> cada qual de meus suspiros.»

## XXXVIII.

»Parai, gentis emblemas da vaidade,  
 Flores, digo, parai, parai saudosas, 4795  
 Não bebais presunções, *que* a pouca idade  
 Sereis de meus incêndios mariposas:

<sup>346</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>347</sup> 'Falsas' é usado aqui em sentido substantivo.

<sup>348</sup> Veja-se nota ao v. 1425.

Aprendeí dos alinhos da beldade,  
 De vossa vida digo, a ser piedosas,  
 Que sempre foi nas regras da ternura<sup>349</sup> 4800  
 Mais capaz de lições a formosura.»

## XXXIX.

»Parai, feras, também nesses ruídos,  
 Guardas do monte, arqueiros da fereza,  
 Fazei caso das penas, que os bramidos  
 Argumentos parecem da bruteza: 4805  
 Isto basta, parai, que os entendidos  
 Podem talvez notar vossa estranheza:  
 Minhas queixas ouvi, que alívio fora  
 Quem não pode falar me ouvisse agora.»

## XL.

»Parai, toscos penhascos que o Céu cria 4810  
 Para pardos Atlantes dos retiros,  
 Se vos vence uma líquida porfia,  
 Como já resistis a meus suspiros?  
 Mas, oh! Que digo! Pare a cobardia,  
 Exale o peito, multiplique os tiros, 4815  
 Duplique a dor e dobre o sentimento  
 Ágoa nos olhos, nos suspiros vento.»

## XLI.

»Ferido o coração, tribute em fogo  
 Undosa prata, derretido alento,  
 Se líquida sangria ao desafogo, 4820  
 Lisonjeira lanceta ao sentimento:

<sup>349</sup> Veja-se a nota ao v. 1466.

Sucessivo queixume, ardente rogo  
 Se verta em neve, se distile<sup>350</sup> em vento,  
 Não fique planta que apesar do espanto  
 Não morra em fogo, não se afogue em pranto.» 4825

## XLII.

»Sejam línguas dos olhos mudas ágoas,  
 Intérpretes da dor tristes retiros,  
 Eloquências do peito vivas frágoas,  
 Razões do coração ternos<sup>351</sup> suspiros:  
 Retóricas da pena ardentes mágoas, 4830  
 Elegâncias de amor dobrados tiros,  
 Imudeça<sup>352</sup> a razão, que só parece  
 Sabe também sentir quando imudece<sup>353</sup>.»

## XLIII.

»Distile<sup>354</sup> o coração, duplique o vento  
 Etnas ao pesar, ágoas ao rogo, 4835  
 Morra por glória de seu mesmo alento  
 Tróia nas ondas, e Narciso em fogo:  
 Incêndios solicite ao sentimento,  
 Dilúvios multiplique ao desafogo,  
 Sendo de seu rigor o mesmo ensaio 4840  
 Na causa nuvem, nos efeitos raio.»

## XLIV.

»Não cresça lírio *que* não sinta os tiros,  
 Clavel<sup>355</sup> não gire *que* não pisme em frágoas,  
 O que Fénix não for entre os suspiros,  
 Morra já Faetonte sobre as ágoas: 4845

<sup>350</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 4571.

<sup>351</sup> Veja-se a nota ao v. 1466.

<sup>352</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 3931.

<sup>353</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 3931.

<sup>354</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 4571.

<sup>355</sup> Castelhanismo lexical por “*cravo*”. Veja-se a nota ao v. 4182.

Sejam vozes nas mágoas os retiros,  
 Que melhor no retiro se ouvem mágoas  
 Se se pode na dor que amor ordena  
 Ouvir a mágoa sem sentir a pena.»

## XLV.

»Não reste planta que se atreva a tanto 4850  
 Que não murche dos ais enternecidos<sup>356</sup>,  
 Rosa não fique que, apesar do espanto,  
 Se não seque, ludíbrio dos gemidos:  
 Enfim, duplique a dor, produza o pranto  
 Lastimosos naufrágios aos sentidos, 4855  
 Seja neste pesar, nesta esquivança,  
 Caríbdis da alma e Cabo da esperança.»

## XLVI.

»Mas ai! *que* as plantas no desdém da idade,  
 Mas ai! *que* as flores no rigor de um vento,  
 A não serem jasmíns na brevidade, 4860  
 Não seriam perpétuas no tormento:  
 Só tu, terrível ânsia da saudade,  
 Eternizas agora o sentimento,  
 Porque quando matar-me amor ordena  
 Me deixas vida com que o corpo pena.» 4865

## XLVII.

»Quem soubera cuidar *que* a mais crescida  
 Tirania cruel da dor mais forte  
 Fosse, quando nas perdas de uma vida  
 Impossíveis sentisse de uma morte:

<sup>356</sup> Veja-se a nota ao v. 1466.

Mas é rigor da mágoa repetida 4870  
 Por indústria fatal da iníqua sorte;  
 Porque quando talvez matar-me trate<sup>357</sup>,  
 Por me topar sem vida, me não mate.»

## XLVIII.

»E se fora da vida roubadora  
 Esta sorte fatal, tormento esquivo, 4875  
 Tivera só por pena matadora  
 Qualidades de grande no intensivo:  
 Mas não; *que* como o amor pertende<sup>358</sup> agora  
 Cumular<sup>359</sup> intensões ao sensitivo,  
 Não quer que a dor me mate, pois durara 4880  
 Muito menos a pena se matara.»

## XLIX.

»Agora alcançarás, prenda querida,  
 Os rigores de amor na minha sorte,  
 Pois agora me quer roubar a vida  
 Só por ma não tirar primeiro a morte: 4885  
 Mas ai! que a pena se duplica unida,  
 Mas ai! que a mágoa se eterniza forte;  
 Pois que vejo na dor do mal esquivo  
 Que não posso morrer, porque não vivo.»

## L.

»Mas agora na pena a que me entrega, 4890  
 Vejo que quer a dor e a mais aspira,  
 Que padeça na morte, que o mal nega,  
 E que pene na vida, que amor tira:

<sup>357</sup> Ausência da preposição regida “*de*”. Vejam-se as notas aos vv. 88 e 687.

<sup>358</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

<sup>359</sup> Variante de “*acumular*”.

Aqui verás, Inês, a quanto chega  
 Esta pena de amor que amor conspira; 4895  
 Pois agora não sei no que discorro  
 Se vivo ausente, nem se ausente morro.»

## LI.

»Mas, enfim, *que* me queixo dos rigores  
 Com que talvez amor me tiraniza?  
 Quando mais martirizam seus favores 4900  
 Onde qualquer lembrança os eterniza:

Pois quando apenas se alentaram flores,  
 Passaram *quási*<sup>360</sup> flor que se agoniza,  
 Por isso minha queixa mais se ordena  
 A sentir meu desdém que a minha pena.» 4905

## LII.

»Oh duro amor! oh frágoa dos gemidos!  
 Prisão da vida, Argel da liberdade!  
 Martírio d' alma; guerra dos sentidos!  
 Encanto doce da melhor vontade!  
 Teus favores só foram conhecidos 4910  
 Por gentis prendas da mais tenra idade,  
 A não serem primeiro teus favores  
 Secos espinhos que animadas flores.»

## LIII.

»Que cuidados não causas, Jovem cego!  
 Que rigores não dás ao pensamento! 4915  
 Que delícias não roubas ao sossego!  
 Que lisonjas não finges ao tormento!

<sup>360</sup> A forma '*quási*' apresenta vacilação no vocalismo átono em posição postónica final. Veja-se a nota ao v. 3708.

A que peito não dás custoso emprego!  
A que vida não tiras doce alento!  
De que génios não reinas! de que idades! 4920  
De que prendas gentis, de que beldades!»

## LIV.

»Quem me dissera, quando Inês lograva  
Nos carinhos gentis de teus favores,  
Quando neles amor idolatrava  
Para poder talvez morrer de amores: 4925  
Quem me dissera, digo, que aspirava  
Um caduco prazer a taes rigores!  
Quem me dissera então que da ventura  
Era mortal delito a formosura!»

## LV.

»Quem dissera que os lassos alvedrios, 4930  
Gentis madeixas onde a natureza  
Repartio liberal por tantos fios  
Os melhores extremos da beleza:  
Esses agora que acabaram brios,  
Se arrastassem bandeiras da tristeza! 4935  
Mas que muito, se nunca em seus ensaios  
Algum por louro se isentou de raios!»

## LVI.

»Oh bem, que pouco duras possuído!  
Só logras algum ser quando esperado;  
Nos molestos receios de perdido 4940  
Tiranizas o gosto de alcançado:

Oh sonhada lisonja do sentido!  
 Oh mais terrível ânsia do cuidado !  
 Flor que apenas se vê, quando se chora,  
 Enteada do Sol, filha da Aurora.» 4945

## LVII.

»Aqueles olhos, donde o Sol furtava  
 Os melhores tesouros da vaidade  
 E em luzidas capelas consagrava  
 Dous altares amor a uma beldade:  
 Aqueles cuja luz interpreta 4950  
 Os ocultos arquivos da vontade,  
 Estes mesmos erários da beleza  
 Deixa a perder de vista uma fereza.»

## LVIII.

»Oh débil glória, lisonjeiro ensaio,  
 Abel da vida, língua do escarmento, 4955  
 Desfeita sombra do mais breve raio,  
 Quebrado vidro do mais túbio vento:  
 Jasmim *que* pasmas de qualquer desmaio,  
 Clavel<sup>361</sup> *que* morres de teu mesmo alento;  
 Oh glória humana, enfim glória sonhada, 4960  
 Vidro, sombra, jasmim, clavel<sup>362</sup>, ou nada!»

## LIX.

»Aquela boca, donde a mais lustrosa  
 Se derivava púrpura incendiada<sup>363</sup>,  
 Em quem se viu nascendo a bela rosa  
 Com menos folhas quando mais partida: 4965

<sup>361</sup> Castelhanismo lexical por “*cravo*”. Veja-se nota ao v. 4182.

<sup>362</sup> *Idem*.

<sup>363</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 3242.

Agora só se oculta lastimosa  
 Em desmaios de neve amortecida;  
 Mas que prenda não tem, que formosura,  
 Muito menor a vida que a ventura?»

## LX.

»Lá pertende<sup>364</sup> o clavel<sup>365</sup> nascer luzido, 4970

Mas em cada gentil botão fechado,  
 Porque aquela manhã *que* o vio nascido  
 O chorasse primeiro amortalhado:

Quem purpúreo clavel<sup>366</sup> tão presumido?  
 Mas quem gentil clavel<sup>367</sup> tão lastimado<sup>368</sup> 4975

Que lhe chegue a tecer a natureza  
 A mortalha primeiro que a beleza?<sup>369</sup>»

## LXI.

»Aquele brando asseio da ternura<sup>370</sup>,  
 Aquele doce Argel da liberdade,  
 Aquele emblema só da formosura, 4980

Aquele belo encanto da vontade:  
 Aquele gentil pasmo da ventura,

Aquele rico erário da vaidade,  
 Nos alinhos se vê já confundida  
 Troféo da morte, lástima da vida.» 4985

## LXII.

»Que pouca duração, que mal segura  
 Tem nas prendas da vida uma beleza!  
 Só vive enquanto nasce a formosura,  
 E espira<sup>371</sup> enquanto vive a gentileza:

<sup>364</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

<sup>365</sup> Castelhanismo lexical por “*cravo*”. Veja-se nota ao v. 4182.

<sup>366</sup> *Idem*.

<sup>367</sup> *Idem*.

<sup>368</sup> Neste verso e no anterior falta o verbo. Para casos similares, vejam-se as notas aos vv. 88 e 4428.

<sup>369</sup> O ponto de interrogação é nosso.

<sup>370</sup> Veja-se a nota ao v. 1466.

<sup>371</sup> Mantivemos a leitura ‘*espira*’, como consta no original. Cf. a nota ao v. 50.

Enfim mais morre quanto enfim mais dura, 4990  
 Mortalidades traz por natureza,  
 Quanto mais alentada e mais luzida  
 Mais accidental logra e menos vida.»

## LXIII.

»Mas, se são melindrosa enfermidade 4995  
 Prendas de amor e dotes de uma vida,  
 Que muito, bela Inês, que essa beldade  
 Fosse de teus alentos homicida!

Contigo a morte foi no Abril da idade  
 Menos ambiciosa que atrevida, 5000  
 Sem reparar, Inês, que seus rigores  
 Perdessem frutos por cortarem flores.»

## LXIV.

»Mas viverás<sup>372</sup>, Inês, que amor ordena  
 Nestas memórias, donde a tirania  
 Por não lograr-se mal a minha pena,  
 Debuxara melhor tua galhardia: 5005

Aqui verás, Inês, se me condena  
 Amor, que por tirano se avalia,  
 A fazer impossíveis, pois discorro  
 Viver lembrado, quando ausente morro.»

## LXV.

»Morra no ramalhete<sup>373</sup> flor cobarde 5010  
 A que rosa nasceo mais alentada,  
 Vomitando rubins<sup>374</sup> pague na tarde  
 Quantas<sup>375</sup> perlas<sup>376</sup> bebeo na madrugada:

<sup>372</sup> Vacilação no vocalismo átono pretónico: a coincidência com a forma castelhana pode denotar interferência linguística. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 1427.

<sup>373</sup> Cf. 'ramilhete', nos vv. 454 e 4491.

<sup>374</sup> Veja-se a nota ao v. 3945.

<sup>375</sup> No original, 'Qnantas', por erro tipográfico.

<sup>376</sup> Variante de "pérolas". Veja-se a nota ao v. 912.

Seja bruto fiscal de tanto alarde  
 O mesmo dia que chorou cortada, 5015  
 Que nenhuma manhã nem tarde temo  
 As contas tomar possa a tanto extremo.»

## LXVI.

»Aqui passo talvez a mais querer-te  
 Onde chego mais fino a mais lembrar-me,  
 Porque foram distâncias de não ver-te 5020  
 Incentivos quiçá para olvidar-me:  
 Mas nem topo motivos de perder-te  
 Nesses teus infalíveis de deixar-me,  
 Que sendo vida minha, só pudera  
 Por perdida julgar-te se eu morrera.» 5025

## LXVII.

Assim se queixa Pedro quando ausente  
 Daquelas prendas nunca mais queridas,  
 Pois amor, que lembradas as consente,  
 As pintou belas quando as viu perdidas: 5030  
 Quando nas penas, que dobradas sente,  
 Quando nas queixas, que repete unidas,  
 Já desmaiando pasma, porque ordena  
 A mesma queixa que se cale a pena.

## LXVIII.

Qual o lírio gentil nas mãos da tarde,  
 Quando frágoas se alenta, incêndios gira, 5035  
 Funesta tumba de seu mesmo alarde,  
 Bebendo raios, abrasado expira<sup>377</sup>:

<sup>377</sup> No original, '*espira*'. Veja-se a nota ao v. 50.

O que roxo matiz nas penas arde,  
Parda nuvem murchando se retira,  
Enquanto a Aurora tarda *que* de um raio  
Lhe corte galas para novo ensaio. 5040

## LXIX.

Assim Pedro se pasma, e não consente  
Os sentidos queixumes que derrama,  
Que se vive queixoso quem mais sente,  
Põe limite nas queixas quem mais ama: 5045  
Mas aqui lhe concede amor presente  
Aqueles prendas com *que* mais o inflama,  
Que são talvez motivos do sossego  
As memórias gentis do doce emprego.

## LXX.

Agora, humanas prendas, se entendidas 5050  
O desdém desprezais da infausta sorte,  
Que não duram tão pouco vossas vidas  
Que não saibam passar além da morte:  
Atentai, se notardes advertidas,  
Que naquele de amor rigor mais forte 5055  
Aconteceo da mísera e mesquinha  
Que depois de ser morta foi Rainha.

AO MESMO ASSUNTO,

GLOSSA<sup>378</sup> DA OITAVA

DE

C A M Õ E S

PELO DOUTOR

ANTÓNIO BARBOSA BACELAR<sup>379</sup>,

OITAVA.

**E**Stavas, linda Inês, posta em sossego,

De teus anos colhendo o doce fruto,	
Naquele engano da alma ledo e cego	5060
Que a fortuna não deixa durar muito;	
Nos saudosos campos do Mondego	
De teus formosos olhos nunca enxuto,	
Aos montes ensinando, e às ervinhas,	
O nome que no peito escrito tinhas.	5065

GLOSSA<sup>380</sup> I.

**Q**uerida prima minha, alma ditosa,  
 Que do corpo as prisões desamparaste,  
 E qual cândida flor ou fresca rosa  
 De teus anos a flor em flor murchaste:

<sup>378</sup> Mantivemos a forma que consta no cancionero, normal na altura, pela atual “glosa”. O mesmo ocorre na rubrica da p. 223. Cf. ‘glosador’, no v. 5731.

<sup>379</sup> A atribuição de autoria a ANTÓNIO BARBOSA BACELAR não apresenta nenhuma controvérsia.

<sup>380</sup> Idem.

Hoje, que habitas pátria luminosa, 5070  
 Não te esqueças de mim, *que* tanto amaste  
 Quando, dando a meus olhos doce emprego,  
 Estavas, linda Inês, posta em sossego.

## II.

De teu formoso rosto o bem perdido  
 Às rosas e aos jasmins eram ensaios, 5075  
 Pois com beleza igual, igual partido,  
 Brotava o rosto Abril, os olhos Maios:  
 Os olhos, que eram ninho de Cupido,  
 Os olhos digo, que frechavam<sup>381</sup> raios,  
 Deles recebe a morte hoje tributo 5080  
 De teus anos colhendo o doce fruto.

## III.

Já em reinos de luz, passos de glória,  
 Pisas com pés de prata estrelas de ouro,  
 E retumbando o Céu, Inês, vitória,  
 Esconde avara a terra o mor tesouro: 5085  
 Emprego é já da morte, ou vil memória,  
 A mão de prata e o cabelo de ouro;  
 Da morte é já, se foi da vida emprego,  
 Naquele engano da alma ledó e cego.

## IV.

Mas por mais *que* o rigor da esquiva terra 5090  
 Nas entranhas me esconda o gosto amado,  
 Contudo a perfeição que bela encerra  
 Estará no meu peito debuxado<sup>382</sup>:

<sup>381</sup> Variante de “*flechavam*”. Veja-se a nota ao v. 4143.

<sup>382</sup> A concordância exigiria ‘*debuxada*’: a alteração é devida a necessidades de rima, e por esse motivo foi mantida.

No prazer, no pesar, na paz, na guerra,  
De teu formoso gesto o fiel traslado 5095  
Durará em meu peito nunca enxuto,  
Que a fortuna não deixa durar muito.

## V.

Meu canto a ti será, e a mim meu pranto,  
Em vítimas de lágrimas sagrado,  
Canto o pranto será, e o pranto canto, 5100  
Por mãos de meu tormento dispensado:

Teu nome ensinarei, se posso tanto,  
Às conchinhas do Tejo celebrado,  
Repetindo saudoso e sem sossego  
Nos saudosos campos do Mondego. 5105

## VI.

Algoz será da vida meu tormento,  
E ministro da morte meu cuidado,  
Só penas me darão contentamento,  
Só gostos me darão pesar dobrado:  
Afogado em suspiros cento a cento, 5110  
De mil a mil em lágrimas banhado,  
Pagarei com meus olhos o tributo  
De teus formosos olhos nunca enxuto.

## VII.

Ali a terra, o bosque e o penedo  
Ouvidos prestarão a meu descante, 5115  
Indícios do pesar dará o rochedo  
Nas firmezas e lágrimas constante:

Esculpirei teu nome no arvoredado,  
Sempre choroso quando mais amante,  
Todas as perfeições, que ilustres tinhas, 5120  
Aos montes ensinando e às ervinhas.

## VIII.

Pois<sup>383</sup> hoje habitas pátria luminosa  
Em tribunaes de luz resplandecente,  
Entre as rosas do Céu mais bela rosa,  
Entre os Astros estrela mais luzente: 5125  
Se não te esqueceo ainda generosa,  
Conserva na memória eternamente  
O nome a quem de puro amor mantinhas,  
O nome que no peito escrito tinhas.

---

<sup>383</sup> A estrofe consta no original sem recuo no verso inicial, contrariando a regra vigente ao longo do cancionero todo. O recuo é nosso.

# SONETO

DE

FRANCISCO RODRIGUES LOBO,

*Com a Glossa<sup>384</sup> do Doutor António Bar-  
bosa Bacelar<sup>385</sup>.*

**F**Ormoso Tejo meu, quão diferente 5130  
 Te vejo e vi, me vês agora e viste;  
 Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,  
 Claro te vi eu já, tu a mim contente.  
 A ti foi-te trocando a grossa enchente,  
 A quem teu largo campo não resiste; 5135  
 A mim trocou-me a vista em *que* consiste  
 O meu viver contente ou descontente.  
 Já que fomos no mal participantes,  
 Sejamo-lo no bem: oh quem me dera  
 Que fôssemos em tudo semelhantes<sup>386</sup>! 5140  
 Mas lá virá a fresca Primavera:  
 Tu tornarás a ser quem eras de antes,  
 Eu não sei se serei quem de antes era.

<sup>384</sup> Mantivemos a forma que consta no cancionero, normal na altura, pela atual “*glosa*”. Veja-se a nota à rubrica da p. 219 deste Eco I.

<sup>385</sup> A atribuição de autoria a ANTÓNIO BARBOSA BACELAR não oferece problemas.

<sup>386</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

GLOSSA<sup>387</sup> I.

**E**Nfim mereci ver-te, ó Tejo amado,

Enfim pude lograr o meu desejo, 5145

E por prova fiel do meu cuidado

Em meus olhos mostrar-te um novo Tejo:

Que diferente corres, que mudado!

Não sei já como creio que te vejo;

Quão turbadas as ágoas e a corrente, 5150

Formoso Tejo meu, quão diferente!

## II.

Quando entre glórias me adulava a sorte,

Era terso cristal teu movimento;

Hoje que triste não receio a morte,

Medonho em ondas te recea<sup>388</sup> o vento: 5155

Oh da minha fortuna fiel consorte,

Companheiro leal de meu tormento;

Pois alegre uma vez, outra vez triste,

Te vejo e vi, me vês agora e viste!

## III.

Ai caduco prazer, doce mentira! 5160

Ai tirana pensão da mor ventura!

Jasmim, que apenas abre, quando expira<sup>389</sup>,

Rosa, que enquanto nasce, apenas dura!

Voltou-se a sorte que a meu dano aspira,

Variou-se o tempo *que* em teu mal se apura; 5165

E em vez daquela glória em *que* me viste,

Turvo te vejo a ti, tu a mim triste.

<sup>387</sup> Mantivemos a forma que consta no cancioneiro, normal na altura, pela atual “glosa”. Veja-se a nota à rubrica da p. 219 deste Eco I.

<sup>388</sup> Cfr. a forma ‘recea’ neste verso com ‘receio’ no anterior, numa perfeita amostra duma das diversas vacilações gráficas próprias da altura.

<sup>389</sup> No original, ‘espira’. Veja-se a nota ao v. 50.

## IV.

Não chore a pena quem não teve a glória,  
 Que só quem vio o bem sente o tormento,  
 Quem se vio nos aplausos da vitória 5170  
 Só sabe quanto custa um rendimento:  
 O mal, *que* é bem passado na memória,  
 Só parece que apura o sofrimento;  
 E assim, *porque* a dor nossa mais se aumente,  
 Claro te vi eu já, tu a mim contente. 5175

## V.

Enquanto puro, suave e prateado  
 Eras luzido espelho das estrelas,  
 Então em um mar de glórias remontado  
 Gozava a Lísis, doce inveja delas:  
 Variou-se o tempo, variaste o estado, 5180  
 Cansou-se Lísis, e cansaram-se elas;  
 A mim trocou-me o mal de um peito ausente,  
 A ti foi-te trocando a grossa enchente.

## VI.

Tanto comigo podem meus pesares  
 Que esse campo, que inundas caudaloso, 5185  
 Iguamente a meus olhos *que* a teus mares  
 Deve o rio adoptivo o curso undoso:  
 Se nesta tosca gruta repousares,  
 Verás como se abranda ao som queixoso;  
 Que só Lísis resiste ao peito triste, 5190  
 A quem<sup>390</sup> teu largo campo não resiste.

<sup>390</sup> O sentido exigiria '*a que*'; '*a quem*' explica-se pela necessidade de citar fielmente o texto que serve de base à glosa.

## VII.

Não há pena *que* doa ou mal *que* espante,  
 Se presente ao *que* ama, um peito chora,  
 Que só consiste o bem de um peito amante  
 Na vista do *que* estima e do *que* adora; 5195  
 Julga pois, se é meu mal mais penetrante,  
 Pois fugindo cruel Lísis traidora,  
 Por negar este bem ao peito triste  
 A mim trocou-me a vista em *que* consiste.

## VIII.

Mas se do mal *que* passo é procedido 5200  
 O bem de conhecer, amado Tejo,  
 Que inda<sup>391</sup> há quem não se esqueça de um caído,  
 Ufano já meu próprio mal invejo:  
 Oh verdadeiro amigo, e não fingido!  
 Pois ou te vejo alegre, ou triste vejo, 5205  
 Parece *que* varia a tua corrente  
 O meu viver contente ou descontente.

## IX.

Ambos igual fortuna padecemos,  
 Mas tu já tens o alívio de queixar-te<sup>392</sup>;  
 Ai de quem passa tão cruéis extremos 5210  
 Que do tormento a voz não sabe parte!  
 Ambos pois nossas queixas alternemos,  
 Pois comigo teu mal soube igualar-te;  
 E sejamos no alívio semelhantes<sup>393</sup>,  
 Já *que* fomos no mal participantes. 5215

<sup>391</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>392</sup> No original, '*queixar te*', forma desaglutinada e não hifenizada. Outras ocorrências idênticas podem ser consultadas nos vv. 6476, 6884 e 8648. Cf. as notas aos vv. 4690 e 7006.

<sup>393</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 5140.

## X.

Não seja muda a voz em tanta guerra  
 Nem ande ociosa a língua em tal tormento;  
 Ouça o mar, saiba o Céu, e veja a terra,  
 Que se dou ágoa ao mar, dou vento ao vento,  
 E se ainda em tanta pena um bem se encerra, 5220  
 Que é poder declarar o sentimento,  
 Já que fomos iguaes na pena fera,  
 Sejamo-lo no bem, oh quem me dera!

## XI.

Ai quem me dera que pudera o pranto  
 Desabafar o peito em tanta pena; 5225  
 Mas a causa da pena pode tanto  
 Que a perpétuo silêncio me condena:  
 Seja por ambos o teu triste canto,  
 Já que a glória da causa que me ordena  
 Não quiseram os fados inconstantes 5230  
 Que fôssemos em tudo semelhantes<sup>394</sup>.

## XII.

Mas oh, não chores, não, teu mal presente,  
 Pois te aguarda a ventura de outro fado,  
 Que ocioso sente quem seus males sente  
 Quando espera a seus males outro estado: 5235  
 Hoje escurece o campo tua corrente,  
 Mas lá virá Abril mais sossegado;  
 Hoje as estrelas o teu curso altera,  
 Mas lá virá a fresca Primavera.

<sup>394</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 5140.

## XIII.

Terão no campo as flores várias cores, 5240  
E adornando-se o Céu de luzes belas,  
Competirão com luzes e verdores  
Estas cheirosas, lúcidas aquelas:  
Então mimo de estrelas e de flores  
Serás espelho às flores e às estrelas; 5245  
Entesourando pérolas brilhantes,  
Tu tornarás a ser quem eras de antes.

## XIV.

Mas eu, *que* morro às mãos de um falso trato,  
Como posso dar trégoa ao sofrimento!  
Pois me dá a fortuna de barato, 5250  
Por curar de um tormento, outro tormento:  
Mas pois *que* o tempo a um peito ingrato  
Não quis esperar alívio ao sentimento,  
E entre as mudanças de uma ingrata fera,  
Eu não sei se serei quem de antes era. 5255

## AO MESMO SONETO.

O U T R A G L O S S A <sup>395</sup>*Do mesmo Autor*<sup>396</sup>.

## I.

**E**Spelho de cristal das Ninfas eras,  
 Quando eu Cupido fui destas Serranas,  
 Luzes a maior luz prestar<sup>397</sup> puderas  
 Como eu favores dar às mais ufanas:  
 Mas se do tempo a sorte consideras, 5260  
 Qualquer de nós verás, se não te enganas,  
 Estar daquilo que era antigamente,  
 Formoso Tejo meu, quão diferente!

## II.

Já vi teu resplendor em meu cajado  
 Argentar campos e enlaçar penhores, 5265  
 Como as areas que douraste ao prado,  
 Como as do prado que brotavam flores:  
 Agora feio tu, e eu desprezado,  
 Se exemplos de favor são disfavores<sup>398</sup>,  
 Sentir o mal do bem que não sentiste, 5270  
 Te vejo e vi, me vês agora e viste.

<sup>395</sup> Mantivemos a forma que consta no cancioneiro, normal na altura, pela atual “glosa”. Veja-se a nota à rubrica da p. 219 deste Eco I.

<sup>396</sup> Ou seja, novamente ANTÔNIO BARBOSA BACELAR .

<sup>397</sup> No original, ‘prestrar’, sem dúvida por erro tipográfico.

<sup>398</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretônica, neste caso com possível confusão entre os prefixos *des-* e *dis-*. Veja-se a nota ao v. 1330.

## III.

Enquanto com brandura e com piedade  
 Regaste os campos *que* eu amei prudente,  
 Tivemos sempre igual prosperidade,  
 Tu com ser claro, eu com ser contente: 5275  
 Mas depois que o poder te deo vaidade  
 E o favor me fez impertinente,  
 Com *que* eu fui claro, e tu da mãe saiste,  
 Turvo te vejo a ti, tu a mim triste.

## IV.

Um refrigério só, uma esperança 5280  
 Podemos ter nos lances da ventura,  
 Que inda<sup>399</sup> *que* mude o mal (não por bonança,  
 Mas por nos dar segunda desventura),  
 Impossível não faça esta mudança  
 Ver-me eu sem gosto, tu sem formosura, 5285  
 Pois neste mesmo campo alegremente  
 Claro te vi eu já, tu a mim contente.

## V.

De rio a fonte estavas reduzido,  
 Olha o rigor do tempo; e eu mudado  
 Das ufanias de favorecido, 5290  
 Com ser teu semelhante<sup>400</sup> consolado:  
 De fonte em mar te vejo convertido,  
 Tu nunca a mim me viste melhorado;  
 Nada a mim me trocou de descontente,  
 A ti foi-te trocando a grossa enchente. 5295

<sup>399</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>400</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 5140.

## VI.

Das nuvens de meus olhos fomentado  
 Entras no mar com tanto poderio  
 Que tornas doce a quem te faz salgado,  
 E a quem te pintou mar, debuxas rio:  
 Repara em mim, não corras tão inchado; 5300  
 Olha que em vindo a sequidão do Estio  
 Essa fúria te quebra um seixo triste,  
 A quem<sup>401</sup> teu largo campo não resiste.

## VII.

Pouco tens que sentir, se alternamente  
 Teu mal e bem num ano o considero, 5305  
 Mas eu passei de alegre a descontente,  
 E neste mesmo estado persevero:  
 Melhor estás, pois que uma só enchente  
 É igual ao que sofro e ao que quero,  
 Se por mais me não vês qual tu me viste, 5310  
 A mim trocou-me a vista em que consiste.

## VIII.

De modo se acrescentam lastimosos  
 À vista de teus gostos meus pesares,  
 Que turvam estes olhos de invejosos  
 Os cristaes de teus rios com seus mares: 5315  
 Sejamos ambos tristes ou ditosos,  
 Porque eu não chore quando tu cantares,  
 E não te impedirá correr florente  
 O meu viver contente ou descontente.

<sup>401</sup> O sentido exigiria '*a que*'; '*a quem*' explica-se pela necessidade de citar fielmente o texto que serve de base à glosa. Veja-se a nota ao v. 5191.

## IX.

Mas não repares, não, corre avarento, 5320  
 Que confiado estou que inda<sup>402</sup> algum dia,  
 Como nasceo teu bem do teu tormento,  
 Nascerá de meu mal minha alegria:  
 Turvo estiveste já, eu descontente,  
 Quando choravas tu, eu não me ria; 5325  
 Hemos-de ser nos bens comunicantes,  
 Já que somos<sup>403</sup> no mal participantes.

## X.

Enquanto fomos tristes, conservaste  
 Comigo sempre estreita sociedade;  
 Tanto que foste alegre, me deixaste, 5330  
 Pode<sup>404</sup> mais o interesse que a amizade:  
 Se agora me mudar qual te mudaste,  
 Já que não fomos na infelicidade  
 Companheiros no mal, como devera,  
 Sejamo-lo no bem: oh quem me dera! 5335

## XI.

Sejamo-lo no bem, sem te ofenderes  
 De ser meu companheiro em tal destino,  
 Porque eu posso subir e tu desceres,  
 A ser ditoso eu, tu a mofino:  
 Reparte com meu mal de teus prazeres, 5340  
 Para depois pagar-te, que imagino  
 Têm decretado os fados inconstantes  
 Que fôssemos em tudo semelhantes<sup>405</sup>.

<sup>402</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>403</sup> No poema glosado, consta '*fomos*'. Possivelmente esta anomalia se deva a um erro de transcrição.

<sup>404</sup> A leitura '*Pôde*' também seria válida neste contexto.

<sup>405</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 5140.

## XII.

Mas ai de mim, *que* nesciamente<sup>406</sup> igualo  
 O bem dos dous num mesmo paralelo, 5345  
 Se para não viver basta esperá-lo,  
 Melhorando-te tu sempre em perdê-lo:  
 Desesperado estou de restaurá-lo,  
 Tu não o perderás, pois para tê-lo  
 Nunca mais cá tornou aquela fera, 5350  
 Mas lá virá a fresca Primavera.

## XIII.

Virá a Primavera, e matizando  
 De boninas o campo em vários cofres,  
 Infante de jasmim, solenizando  
 Com línguas de cristal livres aljofres<sup>407</sup>: 5355  
 Entre estrelas de flores coroando  
 Das Ninfas, *que* em coturnos de ouro sofres,  
 Esperdiçando<sup>408</sup> perlas<sup>409</sup> e diamantes,  
 Tu tornarás a ser quem eras de antes.

## XIV.

Eu estou de ser feliz tão duvidoso 5360  
 Que inda<sup>410</sup> em tanta abundância de alegria,  
 Que tudo faz alegre e faz ditoso,  
 Eu se<sup>411</sup> hei-de ficar como soía:  
 Nesta mudança deste Abril formoso,  
 Segundo minha estrela me anuncia, 5365  
 Tu bem sei *que* hás-de ser o que se espera,  
 Eu não sei se serei quem de antes era.

<sup>406</sup> Amostra da alternância 'sc' ~ 'c', presente ao longo de todo o Cancioneiro. Vejam-se as notas aos vv. 150 e 391.

<sup>407</sup> Forma irregular, por síncope, caso único no cancionero com esta voz, que aparece na sua forma normativa 'aljôfar(es)' em todas as restantes – e numerosas – ocorrências.

<sup>408</sup> Variante de "desperdiçando".

<sup>409</sup> Variante de "pérolas". Veja-se a nota ao v. 912.

<sup>410</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>411</sup> Este verbo apresenta falta do verbo; para repor o sentido e a coerência sintática, deve-se entender o presente verso dependente do primeiro: 'duvidoso [disto:] eu se hei-de ficar como soía'. Vejam-se as notas aos vv. 88 e 4428.

AO MESMO SONETO<sup>412</sup>.OUTRA GLOSSA<sup>413</sup>.

## I.

FOrmoso Tejo meu, tristes suspiros,

Que do mar e do peito derivados  
Tudo lágrimas sois, que em vários giros 5370

Uns correm mansos e outros magoados:

Vós alegres buscais verdes retiros,

Eu chorando contemplo os meus cuidados;

Quão diferente sois nessa corrente,

Formoso Tejo meu, quão diferente. 5375

## II.

Em riso alegre, em ondas carregado

Nos vimos, tu furioso, eu florecente,

Tu agora sereno, antes inchado,

Eu agora chorando, antes contente:

A ti mudou-te a sorte, a mim o fado, 5380

A mim trocou-me a mágoa, a ti a corrente,

Com esta diferença alegre, e triste,

Te vejo e vi, me vêes agora e viste.

## III.

Mudou-se o ser, mudaram-se as correntes,

Com diferente emprego as ágoas vejo, 5385

Fontes os olhos choram às enchentes,

Corre suave em lágrimas o Tejo:

<sup>412</sup> Pela sequência de poemas prévios da autoria de ANTÓNIO BARBOSA BACELAR, pela atribuição n' *A Fénix* (tomo I, p. 154) e pela comum aceitação desta autoria, consideraremos o poema obra deste mesmo autor.

<sup>413</sup> Mantivemos a forma que consta no cancionero, normal na altura, pela atual "glosa". Veja-se a nota à rubrica da p. 219 deste Eco I.

Tristes sim maravilhas, mas decentes,  
 Pois quando o rio (oh mísero desejo!)  
 Tumba te solícita, espelho assiste, 5390  
 Turvo te vejo a ti, tu a mim triste.

## IV.

Não basta, ó Tejo meu, *que* em campos de ouro  
 Brindes ao Sol a prata em ondas frias,  
 Nem que de escarcha o líquido tesouro  
 Corra por dilatadas galerias<sup>414</sup>: 5395  
 Então se enluta o campo, humilha o touro  
 Quando tu manso as pérolas enfias,  
 A pena não se muda, o gosto mente,  
 Alegre te vi eu já, tu a mim contente.

## V.

Oh fortuna infeliz, triste mudança, 5400  
 Que do bem para o mal passas correndo!  
 Diga-o mentida essa corrente mansa  
 Que embravecida foi dilúvio horrendo:  
 Muda-se em desengano o *que* é esperança,  
 Outro es já, Tejo meu, outro estou sendo: 5405  
 A mim trocou-me em cinza um Sol ausente,  
 A ti foi-te trocando a grossa enchente.

## VI.

Mas ai, minha saudade, ai meu tormento!  
 Se assim dentro do peito manso e brando  
 Correras, como o Tejo doce e lento, 5410  
 Não mataras, passaras magoando:

<sup>414</sup> Variante de “galerias”. Veja-se a nota ao v. 821.

O Tejo em si se alenta, eu desalento,  
 Ele pára esquecendo, e eu lembrando:  
 Esta é a diferença amante, e triste,  
 A quem<sup>415</sup> teu largo campo não resiste. 5415

## VII.

Ditoso tu, que vês ao Sol brilhante,  
 Quando eu cego uma sombra adoro e sigo;  
 Em ti cada reparo é um diamante,  
 Em mim cada memória é um castigo:  
 Tu vês ao Sol em ti; eu, cego amante, 5420  
 Não vejo o Sol *que* sempre anda comigo;  
 E pois consiste a vida em ver um triste,  
 A mim<sup>416</sup> trocou-me a vista em que consiste.

## VIII.

Mas que digo, que pasmo, e que admiro!  
 Entre penas, alívios, ágoas, flores, 5425  
 O que é recreação, é já retiro,  
 Naufrágio as ágoas são, veneno as cores:  
 Morte o descanso foi, vida o suspiro,  
 Não quero suspensão, quero os rigores;  
 Pois consiste em penar e estar presente 5430  
 O meu viver contente ou descontente.

## IX.

Não te enganes, ó Tejo, brando e manso,  
 Quando mais descuidado em teu emprego;  
 Que assim sereno fui no meu remanso,  
 Assim serás tu agora ledo e cego: 5435

<sup>415</sup> O sentido exigiria '*a que*'; '*a quem*' explica-se pela necessidade de citar fielmente o texto que serve de base à glosa. Veja-se a nota ao v. 5191.

<sup>416</sup> No original, '*Amim*', por erro tipográfico.

Um raio consumio o meu descanso,  
 Um trovão moverá o teu sossego;  
 Choremos pois do bem breves instantes,  
 Já que somos<sup>417</sup> no mal participantes.

## X.

Conformes já nas lágrimas suaves, 5440  
 Que é lisonja da dor sentir as penas,  
 Gemendo tristes e sentindo graves  
 Em sotos de cristal, urnas amenas,  
 Nos serão canto as mais sonoras aves,  
 Nos serão pranto as fontes mais serenas: 5445  
 Unidos neste mal, que a sorte altera,  
 Sejamo-lo no bem: oh quem me dera!

## XI.

Mas não, ó Tejo meu, *que* é mais constante  
 A pena em mim do *que* em teu curso a sorte;  
 Tu muita enchente tens, muita vazante, 5450  
 Eu tive uma só vida, uma só morte:  
 Um dia corres turvo, outro brilhante,  
 Eu sempre tenho um ser e sigo um norte;  
 Quem pudera alcançar, quanto distantes,  
 Que fôssemos em tudo semelhantes<sup>418</sup>. 5455

## XII.

Bem vejo que do Estio o fogo ardente  
 Te prende humilde em cárceres sombrios,  
 E que o fingido Outono altera e mente  
 De tanto impulso os alentados brios:

<sup>417</sup> No poema glosado, consta '*fomos*'. Veja-se a nota ao v. 5327.

<sup>418</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 5140.

Mas eu do Inverno o luto infaustamente 5460  
Visto, ou corra o mar ou sequem os rios;  
Agora arrebatado o ar se altera,  
Mas lá virá a fresca Primavera.

## XIII.

Se assim como hás-de ser, eu fosse agora,  
Ou algum dia a ser tornasse o que era, 5465  
Menos a morte padecida fora,  
Dobrada a pena agora padecera:  
Mas quem tanto impossível cego implora!  
Primeiro o bronze se tornará em cera,  
Eu jamais largarei laços amantes, 5470  
Tu tornarás a ser quem eras de antes.

## XIV.

Com esta impaciência, este tormento,  
O que perdeu um bem a sorte apura,  
Tu correndo no mar buscas assento,  
Eu parado me chego à sepultura: 5475  
Tu tornarás com novo nascimento,  
Eu ficarei deposto à perda dura;  
Como de antes serás glória da esfera,  
Eu não sei se serei quem de antes era.

AMANTE DESPREZADO<sup>419</sup>.

## IDÍLIO.

<b>E</b> M um vale adornado	5480
De rosas e boninas, Por onde o manso Tejo caminhava, Que o deixa matizado De gotas cristalinas, Um mancebo gentil chorando estava.	5485
E pois ali me achava, E me compadecia De o ver estar gemendo, Ansioso a procurá-lo fui correndo Para ver se abrandar seu mal podia;	5490
Pois um pranto excessivo Torna o mais cruel peito compassivo. Cheguei, e à sombra amena Com ele descansando, Logo lhe perguntei quem lhe causava	5495
Tão insofrível pena; Mas ele, soluçando, Só em resposta lágrimas me dava: E como eu desejava Que alívio experimentasse <sup>420</sup>	5500
No seu mal rigoroso,	

<sup>419</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

<sup>420</sup> Redução do vocalismo átono, neste caso por síncope em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 90 e 3975.

Outra vez lhe intimei que era forçoso  
 Que a causa da sua mágoa m' explicasse:  
 Ele, que já me ouvia,  
 Na resposta que dava assim dizia: 5505  
     «–Nas margens desse rio,  
 Que a fragrante espessura  
 De brilhantes cristaes está bordando,  
 Me pôs o fado impio<sup>421</sup>,  
 Porque a mágoa mais dura 5510  
 Meu coração ficasse exprimentando<sup>422</sup>:  
 Ali, amigo, quando  
 Cheguei, quis logo a sorte  
 Que eu visse uma beleza,  
 Obra tão singular da natureza 5515  
 Que a troco de a avistar sofrera a morte;  
 Pois tal me parecia  
 Como a luz do luzido Sol que ardia.»  
     »Esta formosa estrela  
 Dava luz aos meus olhos; 5520  
 E qual íman deixava-me atraído  
 A sua graça bela.  
 Se d' ásperos abrolhos  
 O mais alegre campo era vestido,  
 Apenas tão luzido 5525  
 Sol nele se mostrava  
 Quanto triste o fazia,  
 Parece que de glória se vestia

<sup>421</sup> A rima prova a pronúncia própria do castelhano. Outras ocorrências em posição de rima, nos vv. 16242, 16445, 16774 e 17334. Em posição interna, nos vv. 10950, 11072, 11108 e 15021.

<sup>422</sup> Redução do vocalismo átono, neste caso por síncope em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 90 e 3975.

E alegre a sua vinda festejava, Que um tão lindo portento Motiva universal contentamento.»	5530
»O natural mais brando Mostrava no semblante, E nas acções de bronze ter o peito Ela está indicando;	5535
Pois quanto eu mais amante Altares lhe erigia no respeito, Tanto menos aceito Era o meu sacrificio: E como a minha vida	5540
Era da sua vista procedida, Porque me não fizesse um benefício E a morte me causasse, Nunca mais permitio que a avistasse.»	
»Vê tu, prezado amigo, Se eu posso estar contente Depois de soportar <sup>423</sup> tanto desgosto; Se avistar não consigo Quem amo firmemente,	5545
Como poderei ter o menor gosto? Eu vivo já disposto Para aceitar a morte; Pois vida tão penosa Só quando finaliza é proveitosa.	5550
Mas ai! que determina a dura sorte	5555

<sup>423</sup> Vacilação no vocalismo átono pretónico: a coincidência com a forma castelhana pode denotar interferência linguística. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 1427.

Que inda<sup>424</sup> mais tempo eu viva,  
 Só porque sofra a mágoa mais activa.»  
 »Vive em minha lembrança  
 Aquela ingrata bela,  
 Para que meu pesar seja dobrado; 5560  
 Porque sem esperança  
 De ver tão linda estrela  
 Cada vez serei mais desconsolado.  
 Com aleivoso agrado  
 Ela me viu um dia: 5565  
 Mas oh, quem de tal glória  
 Já pudesse riscar toda a memória!  
 Que assim mais tolerável ficaria  
 A minha dor veemente,  
 Que a lembrança é *que* faz *que* o mal se aumente.» 5570  
 »As chamas em meu peito  
 Mais fortes se atearam  
 Quando me vi por ela desprezado;  
 E com grande respeito  
 Meus olhos intentaram 5575  
 Outra vez conseguir tão belo agrado:  
 Mas fui enganado,  
 Vendo que se ausentava  
 Sem que indício me desse  
 De afecto que igualar o meu pudesse; 5580  
 Pois como enfurecida me deixava,  
 Fazendo desta sorte

---

<sup>424</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

Que eu ficasse chorando até à morte.»

»Qualquer fonte correndo

Gasta a pedra mais dura: 5585

Só de meus tristes olhos as correntes

Naquela formosura

Vejo fazer efeitos diferentes;

Pois muito mais veementes

Se ostentam seus rigores 5590

Se o meu pranto se aumenta,

E parece que em mim fogo acrescenta,

E produz no seu peito mais furores,

Só porque desgostoso

Eu acabe no estado mais penoso.» 5595

»Meus suspiros podiam

Tornar um ferro brando,

E nos montes as feras se espantavam

Dos ais que aí me ouviam:

As aves, que voando

5600

Seu canto pelos ares espalhavam,

Apenas me avistavam

Mudas iam fugindo,

Mostrando sentimento

Deste pranto que ouviam tão violento; 5605

Pois tão grande martírio estou sentindo

Que a todos causa pena,

Menos àquela ingrata que o ordena.»

»Não pode ser nascida

De humana creatura <sup>425</sup>	5610
Quem trata deste modo a quem a adora.	
Nas brenhas escondida	
E na verde espessura	
Uma fera também outra namora.	
Tanto que nasce a Aurora,	5615
As aves do seu ninho	
Saem também cantando,	
Seus amores ocultos publicando:	
E se até vive amante um passarinho	
E uma fera tirana,	5620
Para que me aborreces desumana?»	
»Permitio-me a glória	
De ver seu lindo rosto	
Só porque este martírio hoje sofresse.	
Mas oh quão transitória	5625
Foi esta, e que desgosto	
Desta lembrança no meu peito cresce!	
Ela de mim se esquece,	
Mas eu a todo o instante	
Suspiro só por vê-la,	5630
E por mais que tirana se mostre ela,	
Sempre me hei-de <sup>426</sup> mostrar seu firme amante,	
Que um verdadeiro afecto	
Não pode em tempo algum mudar de objecto.»	
»Se a minha amarga pena	5635
Cresce a qualquer instante,	

<sup>425</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 2848.

<sup>426</sup> No original, 'heide', forma aglutinada e não hifenizada. Veja-se a nota ao v. 4690.

É forçoso que eu viva descontente:  
 Pois se quem me condena  
 A dor tão penetrante  
 Meu verdugo há-de ser perpetuamente, 5640  
 Cada vez mais veemente  
 Será o meu tormento,  
 Até que desta sorte  
 Eu chegue a dar a vida pela morte:  
 Que d' um tão insofrível sentimento 5645  
 A mágoa procedida  
 Só pode ser extinta com a vida.»  
 Disse, e com triste pranto  
 Da vista me fugindo,  
 Nenhuma atenção dava ao que eu dizia: 5650  
 Cada vez mais espanto  
 Me estavam influindo  
 Os aflitos suspiros que lhe ouvia;  
 O lugar por donde<sup>427</sup> ía  
 Com lágrimas molhava 5655  
 Qual um grande chuveiro,  
 E parece que aos lobos nesse outeiro  
 O seu cruel pesar comunicava;  
 E desgraça tão forte  
 Deve servir de exemplo até à morte. 5660

*Por um Engenho desta Corte.*

<sup>427</sup> Uso de 'donde' por "onde". Veja-se a nota ao v. 829.

A O C O N D E  
 D E  
 VAL DE REIS,

SENDO REGEDOR DAS JUSTIÇAS.

OITAVAS<sup>428</sup>.

I.

**N**O Régio Trono, no Sólido primitivo,  
 Do Supremo Senado preeminente,  
 Empunhai o bastão, ó Conde altivo,  
 Que Astrea vos tributa reverente:  
 Porque nos jaspes, às memorias vivo, 5665  
 Empenho a tanto mérito decente,  
 Se veja em vós regida sem mudança  
 Recta a justiça na fiel balança.

II.

Mas suspende, ó Musa, o voo incerto,  
 Com que ao Sol te remontas sublimada, 5670  
 Que ao ver-te subir da luz tão perto,  
 Te vaticino a queda despenhada:

---

<sup>428</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua **ANÓNIMO**.

Já Propércio te acusa o desacerto  
 Na ruína de tantos celebrada,  
 A quem tributa em funeraes que teve 5675  
 Brandões a cera em túmulos de neve.

## III.

Mas sendo certo que empenhar se deve  
 Em funções grandes o *que* quer vencê-las<sup>429</sup>,  
 Pois nunca a honra de consegui-las<sup>430</sup> teve 5680  
 O que temeo o risco de emprendê-las<sup>431</sup>;  
 Por glória imortal de quem se atreve  
 Basta somente o empenhar-se nelas,  
 Que o valor não prevêê casos avessos,  
 Que é só Mãe a fortuna dos sucessos.

## IV.

Bem podes pois, ó Musa, em glória tanta 5685  
 Remontar-te ao esplendor<sup>432</sup> *que* eterno dura,  
 Pois os riscos que a glória te levanta  
 Ao despenho os aplausos te assegura:  
 Na lira pois, que métrica descanta  
 Elogios imortaes que a fama apura, 5690  
 Afina acentos, ja que é feliz sorte  
 Cantando um Fénix<sup>433</sup> tarde Cisne a morte.

## V.

Porém para fazê-lo só<sup>434</sup> tomara  
 Das Castálias o líquido tesouro  
 Ter nos influxos dessa luz preclara 5695  
 Com régio auspício, com felice<sup>435</sup> agouro:

<sup>429</sup> No original, '*vencellas*', forma aglutinada e não hifenizada. Veja-se a nota ao v. 4690.

<sup>430</sup> No original, '*consequillas*', forma aglutinada e não hifenizada. Veja-se a nota ao v. 4690.

<sup>431</sup> No original, '*emprendellas*', forma aglutinada e não hifenizada. Veja-se a nota ao v. 4690.

<sup>432</sup> Única ocorrência de '*explendor*' por "*esplendor*". Cf. nota ao v. 764.

<sup>433</sup> Esta é a forma que consta no cancionero, face à habitual '*Fénis*', que aparece nos vv. 1425, 3945, 4088, 4793, 4844, 6013 e 6019. Para o relativo ao género, veja-se nota ao v. 1425.

<sup>434</sup> No original, '*fazê-loso*', por erro tipográfico.

<sup>435</sup> '*Felice*' por "*feliz*". Veja-se a nota ao v. 1082.

Porque quando a Hipocrene liberara  
 O cândido cristal com bico de ouro,  
 Cantar pudesse o que aqui se trata  
 Em tiorba de ofir com voz de prata. 5700

## VI.

Agora só, ó<sup>436</sup> Conde esclarecido,  
 Invejo aquele estilo soberano,  
 Em cláusulas sonoras repetido,  
 Que inclinou mais Divino do *que* humano:  
 E toque a vós o modo encarecido 5705  
 Do Trácio, do Grego e do Tebano,  
 Que a impulso só de acentos singulares  
 Enfrea as ondas, retrocede os mares.

## VII.

Porém se já não pude merecê-lo,  
 Mereça um desejo afectuoso 5710  
 As desculpas no arrojo de empreendê-lo,  
 Temerário igualmente e temeroso:  
 Substitua<sup>437</sup> as finezas de um desvelo  
 As faltas do discurso primoroso,  
 E só lhe explique em glória relevante 5715  
 As asas desse pássaro gigante.

## VIII.

Regei pois, Conde ilustre, o merecido  
 Bastão que o César<sup>438</sup> Luso vos oferece,  
 Que sempre o vosso mérito subido  
 Há-de, Conde, informar do que merece: 5720

<sup>436</sup> No original, 'o'.

<sup>437</sup> Concordância número-pessoal *ad sensum*.

<sup>438</sup> No original, 'oCezar', por erro tipográfico.

Nele verá o mundo suspendido  
 Que em vós a piedade resplandece,  
 Quando nessa palestra esclarecida  
 De justiça a regeis à vara unida.

## IX.

Melhor Licurgo, Conde soberano, 5725  
 Sereis de nosso Império venerado,  
 E nesse Capitólio Lusitano,  
 Ficareis nas acções eternizado:  
 Excedendo a Tito e a Troiano  
 Sempre da fama no glorioso brado, 5730  
 Por glosador a Cúrcio, dos melhores  
 Sereis veneração de professores.

## X.

E se fazendo o ramo parecido  
 Ao Tronco Régio, donde derivado,  
 O mostra o nobliário<sup>439</sup> mais subido, 5735  
 Se esse ramo do tronco sublimado:  
 Tornando em ramo o tronco florecido,  
 O tronco deixa em ramo equivocado,  
 Trocado, Conde excelso, em vós aclamo  
 Em ramo o tronco e em tronco o ramo. 5740

## XI.

Porém se sois de Jove raio ardente,  
 Que muito *que* de um pólo a outro pólo  
 A tanto simulacro reverente  
 Eterno culto sacrifique Apolo!

<sup>439</sup> Por “*nobiliário*”, com redução do vocalismo átono por síncope em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 90.

Se na Campanha com furor veemente 5745  
 Tirais do louro insigne de Pactolo,  
 De um e outro luminoso ensaio,  
 A Febo o ramo, a Júpiter o raio.

## XII.

E porque o mundo veja conresponde<sup>440</sup>  
 Nesse valor o medo do Otomano, 5750  
 Lá de donde<sup>441</sup> o Sol nasce té<sup>442</sup> cá donde<sup>443</sup>  
 Se lhe constróe pira o Oceano:  
 Mostrai, *Mendonça*<sup>444</sup> ilustre, excelso Conde,  
 Que, assombro Português, pasmo Africano,  
 Seguis em tudo a glória passo a passo 5755  
 Do da Veiga famoso Garcilaso<sup>445</sup>.

## XIII.

Dilate pois o Céu a vossa vida,  
 Para que nos progressos da grandeza  
 Deixeis da Pátria a fama engrandecida,  
 Em pira de alabrasto<sup>446</sup> Tróia acesa: 5760  
 O mesmo Sol com glória repetida  
 O vosso nome em singular fineza  
 Lhe tribute *Furtado*<sup>447</sup>, o mesmo bronze  
 Onze estátuas nas esferas onze.

## XIV.

Só vós podeis, só vós, Conde excelente, 5765  
 Louvar aquilo mesmo que vos toca  
 Por galã, por discreto e por valente;  
 E assim ferindo de metal a boca,

<sup>440</sup> 'Conresponde' é forma etimológica por "corresponde". Veja-se a nota ao v. 1938.

<sup>441</sup> 'De donde' por "donde". Veja-se a nota ao v. 829.

<sup>442</sup> Forma com redução do vocalismo átono em posição inicial absoluta, por aférese. Vejam-se as notas aos vv. 625 e 676.

<sup>443</sup> 'Donde' por "onde". Veja-se a nota ao v. 829.

<sup>444</sup> O itálico é do original. Cf. 'Mendoça', no v. 2514.

<sup>445</sup> No original, 'Garcilaço'. A grafia "ç" serve para sublinhar a pronúncia surda /s/.

<sup>446</sup> Forma irregular, com metátese, por "alabastro".

<sup>447</sup> Novamente, o itálico é do original.

A tanta glória o pasmo reverente  
Vos dá, quando a fazê-lo vos provoca, 5770  
Para correr do mundo as partes todas,  
A fama as asas, a fortuna as togas.

## XV.

Suspende pois as vozes já remissas  
Dos acentos, ó lira ressonante<sup>448</sup>,  
Que os aplausos nos ecos desperdiças<sup>449</sup>: 5775  
Baste dizer que desse Império Atlante<sup>450</sup>  
Sois Regedor supremo das Justiças,  
Pois em padrões eternos de diamante  
O vosso nome só na vossa idade  
Val<sup>451</sup> de Reis, Conde excelso, a Majestade. 5780

<sup>448</sup> No original, '*ressonante*', forma que também consta no v. 8018. Veja-se a nota ao v. 102.

<sup>449</sup> Variante de "*desperdiças*". Veja-se a nota a ao v. 5358.

<sup>450</sup> No original, '*Athante*', por erro tipográfico.

<sup>451</sup> '*Val*' assume aqui o duplo sentido verbal e nominal. Veja-se a nota ao v. 7394.

## RETRATO DE UMA DAMA

POR O<sup>452</sup> PADREEUSÉBIO DE MATOS<sup>453</sup>.

OITAVAS.

I.

**P** Odeis desafiar com bizzarria,  
 Só por só, cara a cara, bela Aurora,  
 Que a Aurora nem só cara vos faria,  
 Vendo tão boa cara em vós, Senhora:  
 Senhora sois do Sol, e luz do dia, 5785  
 Do dia em que nascestes até agora,  
 Que se a Aurora foi luz por sua estrela,  
 Duas tendes em vós a qual mais bela.

II.

Sei que vos dera o Sol o seu tesouro  
 Pelo negro gentil desse cabelo, 5790  
 Tão belo *que* em ser negro foi desdouro  
 Do Sol, *que* por ser de ouro foi tão belo:  
 Bela sois, e sois rica sem ter ouro,  
 Sem ouro haveis ao Sol de convencê-lo<sup>454</sup>,  
 Que se o Sol por ter ouro é celebrado, 5795  
 Sem ter ouro esse negro é adorado.

<sup>452</sup> Mantivemos a forma não contraída do original. Veja-se a nota ao v. 3541.

<sup>453</sup> A atribuição de autoria a EUSÉBIO DE MATOS não oferece dúvidas.

<sup>454</sup> No original, '*convencello*', forma aglutinada e não hifenizada. Veja-se a nota ao v. 4690.

## III.

Vão os olhos, Senhora, estai atento<sup>455</sup>:  
 Sabeis os vossos olhos o que são?  
 São de todos os olhos um portento;  
 Um portento de toda a admiração; 5800  
 Admiração do Sol e seu contento;  
 Contento que me dá consolação;  
 Consolação que mata o bom desejo;  
 Desejo que me mata quando os vejo.

## IV.

A boca para cravo é pequenina; 5805  
 Pequenina se é, será rubi;  
 Rubi não tem a cor tão peregrina;  
 Tão peregrina cor eu nunca vi;  
 Vi a boca e julguei-a por Divina;  
 Divina não será, eu o não creio<sup>456</sup>; 5810  
 Mas creio que não quer a vossa boca  
 Por rubi nem por cravo fazer troca.

## V.

Ver o nevado aljôfar que desata  
 A Aurora sobre a gala do rosal;  
 Ver os raios de nácar dessa prata 5815  
 E pérolas em conchas de coral;  
 Ver diamantes em golpes de escarlata<sup>457</sup>,  
 Em piques de rubi puro cristal;  
 É ver os vossos dentes de marfim  
 Por entre os belos lábios de carmim. 5820

<sup>455</sup> Uso com sentido adverbial, não concordado, por necessidades de rima.

<sup>456</sup> A rima exige '*cri*'; o paralelismo, '*creio*'. Na resposta de Bernardo Vieira, consta '*cri*' (v. 5890).

<sup>457</sup> Por "*escarlata*", com vacilação do vocalismo átono em posição postónica final. Veja-se a nota ao v. 3708.

## VI.

Em peito não sossega esse Amor cego;  
Cego só pelo amor de vosso peito;  
Peito em que o cego Amor não tem sossego;  
Sossego por vos ter amor perfeito;  
Perfeito foi o amor em tal emprego, 5825  
E o emprego perfeito em tal efeito;  
Efeito que<sup>458</sup> é mal feito dizer mais  
Quando chega o amor a extremos taes.

## VII.

Tanto se preza Amor de vosso amor  
Que o maior que tem é amor tanto; 5830  
Tanto que diz o Amor que outro maior  
Não teve por amor, nem por encanto;  
Encanto é ver o Amor em tal ardor  
Que arda também o peito por espanto,  
Tendo do fogo vivo por sinal 5835  
Duas vivas empolas de cristal.

## VIII.

A dizer dessas mãos não me aventuro,  
Que a ventura das mãos a tudo mata;  
Mata Amor nessas mãos já tão seguro  
Que tudo às mãos lavadas desbarata; 5840  
A cuja neve, prata e cristal puro,  
Se apurou o cristal, a neve, a prata,  
Belíssimas pirâmides formando,  
Onde Amor vai as almas sepultando.

---

<sup>458</sup> No original, 'quo', por erro tipográfico.

## IX.

A descrever a cinta não me atrevo, 5845  
Porque a vejo tão breve e tão sucinta  
Que em vê-la me suspendo e me elevo,  
Por não ver atégora<sup>459</sup> melhor cinta:  
Mas por seguir o estilo que aqui levo,  
Digo que é vossa cinta tão distinta, 5850  
Que o Céu se faz anel da formosura,  
Só para cinta ser de tal cintura.

## X.

Vamo-nos para o pé, mas tate, tate,  
Que descrever o pé tão peregrino,  
Se loucura não é, é disparate, 5855  
Disparate que passa a desatino:  
Aqui desatinei, pois me deo mate  
O picante do pé tão peregrino,  
Que pé tomar não posso em tal pegada,  
Pois é tal vosso pé que em pontos nada. 5860

---

<sup>459</sup> Aglutinação entre duas partículas temporais, com a voz *'agora'* em posição final. Veja-se a nota ao v. 625.

DE BERNARDO  
VIEIRA<sup>460</sup>,

PELOS MESMOS CONSOANTES.

Aplicando-as<sup>461</sup> a um Cadáver.

OITAVAS.

I.

Q Uem vos mostra mudada a bizzarria  
Da cara *que* a luz dava à bela Aurora,  
Creio nenhuma afronta vos faria  
Se a morte contemplara em vós, Senhora:  
Porque sem luz vereis naquele dia  
A cara que brilhar vedes agora,  
Porque então haveis ter<sup>462</sup> só por estrela  
Ver em cinza desfeita a cara bela.

5865

II.

Horror será então esse tesouro  
Que hoje naufraga em ondas de cabelo,  
Trocando com mortífero desdouro  
Em fealdades quanto tem de belo:  
Por mais rico se vence agora o ouro,  
Então a terra há-de convencê-lo<sup>463</sup>,  
Que quem na vida vive celebrado  
Perde na morte as prendas de adorado.

5870

5875

<sup>460</sup> A atribuição de autoria a BERNARDO VIEIRA não oferece dúvidas.

<sup>461</sup> Concordância de gênero *ad sensum*, com o termo “rimas” implícito.

<sup>462</sup> A perífrase exigiria a preposição ‘de’, aqui ausente. Veja-se a nota ao v. 88.

<sup>463</sup> No original, ‘convencello’, forma aglutinada e não hifenizada. Vejam-se as notas aos vv. 4690 e 5794.

## III.

Esses olhos que hoje olham tão sem tento,  
 Então não hão-de ser o que hoje são;  
 Porque hoje se são da luz portento,  
 Das trevas hão-de ser admiração: 5880  
 E se por claros hoje dão contento,  
 Não hão-de dar então consolação;  
 Porque verão o fim de seu desejo  
 Terminar nas cavernas que eu já vejo.

## IV.

A boca, que, por ser tão pequenina, 5885  
 Ao cravo conquista, e ao rubi,  
 Trocará quanto tem de peregrina  
 Pela mais triste boca que eu já vi:  
 Algum dia a ouvi chamar Divina,  
 Mas confesso, Senhora, que o não cri<sup>464</sup>, 5890  
 Porque entendia que havia a vossa boca  
 Pela de uma caveira fazer troca.

## V.

Esse aljófar que agora se desata  
 Para brilhar melhor nesse rosal,  
 Não mostrará no nácar fina prata 5895  
 Quando vir consumido o seu coral:  
 Esses dentes, que em golpes de escarlata<sup>465</sup>  
 O rutilante mostram do cristal,  
 Então, no descorado do marfim,  
 Dentes se hão-de ver, e não carmim. 5900

<sup>464</sup> Cf. 'creio', na nota ao v. 5810.

<sup>465</sup> Por "escarlata", com vacilação do vocalismo átono em posição postónica final. Vejam-se as notas aos vv. 3708 e 5817.

## VI.

O peito, *que* hoje é frágoa do amor cego,  
Não será frágoa então, nem será peito;  
Porque por dar à parca seu sossego,  
Perderá quanto tinha de perfeito:  
Se em algum tempo foi do fogo emprego, 5905  
Então verá em si tão rico efeito  
Que julgará perfeito a tudo o mais  
Que não chegue a ver prodígios taes.

## VII.

A causa *que* algum tempo foi do amor  
Aqui vomitará tal ódio, e tanto, 5910  
Que não verá o mundo outro maior  
Na fabulosa Lei de seu encanto:  
Porque o que causava tanto ardor  
Da fealdade mesma será espanto,  
Não vendo em si figura nem sinal 5915  
Dos dous botões que tinha de cristal.

## VIII.

Das mãos hei-de dizer, pois me aventuro,  
Que se sua beleza agora mata,  
Seu horror matará então seguro  
Quanto tímido agora desbarata: 5920  
Que se agora são prata e cristal puro,  
Então não se verá cristal nem prata:  
Pois ossos hão-de ser, que vão formando  
Ganhos que vão mortos sepultando.

## IX.

Pôr os olhos na cinta não me atrevo, 5925  
Porque a vejo de carne tão sucinta  
Que já me não suspendo nem me elevo  
Da beleza que vejo nessa cinta:  
De a ver, na garganta a morte levo,  
Porque a vejo tão feia e tão distinta 5930  
Que não acho sinal da formosura  
Mais<sup>466</sup> que um osso que serve de cintura.

## X.

Do pé ia a falar<sup>467</sup>, mas tate, tate,  
Que não tem nada o pé de peregrino;  
Oh loucura do mundo! oh disparate! 5935  
Aqui, minha Senhora, desatino:  
Quem consumio o pé, quem lhe deo mate?  
Mas ai! que a terra o vio tão pequenino  
Que, por não ver em si sua pegada,  
O picante do pé tornou em nada. 5940

<sup>466</sup> No original, 'mas'; o sentido exige a reposição de 'mais'.

<sup>467</sup> A construção preposicionada da perífrase delata castelhanismo.

*Descrição da noite.*

S O N E T O<sup>468</sup>.

C

Omo está toda a terra escurecida!  
Como corre calada aquela fonte!  
Já o Sol não se avista no Horizonte,  
Já nenhuma outra luz é conhecida.  
É horrível a selva mais florida, 5945  
Desampara o rebanho o verde monte,  
Ninguém se vê passar aquela ponte,  
Nenhuma voz ao longe é percebida.  
Com o gado o pastor à aldeia chega,  
Nos bosques dorme a fera, o peixe na ágoa, 5950  
Tudo enfim ao silêncio já se entrega.  
Mas em meu triste peito, ardente frágua,  
Por um ténue momento não sossega  
O estrondo que motiva a minha mágoa.

---

<sup>468</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

*A Clori, que tocando una cítara  
hizo morir un Cisne<sup>469</sup>.*

## SONETO<sup>470</sup>.

**T** Añía Clori hermosa, y la escuchaba 5955  
 Un armiño canoro, un jazmín<sup>471</sup> vivo,  
 Mas no me admiro en verlo así cautivo,  
 Que una belleza al fin<sup>472</sup> todo lo acaba.  
 A consonancia tal suspenso estaba  
 Cuando de Clori el canto sucesivo 5960  
 A su muerte apresada dio motivo,  
 Cuando a su pecho amante alivio daba.  
 Pero no es mucho<sup>473</sup> acabe en tal encanto,  
 Pues de Clori no fue la tiranía  
 Como del Cisne fue consuelo tanto: 5965  
 Porque si ha de morir con armonía,  
 Esperar no podía mejor canto  
 Que de Clori la dulce melodía.

<sup>469</sup> A ausência de preposição perante o acusativo denota lusismo. Veja-se a nota ao v. 88.

<sup>470</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

<sup>471</sup> No original, '*jasmin*', por lusismo gráfico.

<sup>472</sup> No original, '*alfin*', por lusismo gráfico e morfológico.

<sup>473</sup> Lusismo lexical e sintático. Outro caso idêntico, no v. 6107.

*Descrição de um prado.*

S O N E T O<sup>474</sup>.

**A**Donde<sup>475</sup> o manso Tejo a clara enchente  
 De suas ágoas mostra mais crescida, 5970  
 Revestido da gala mais luzida  
 Um verde prado está, que assombra a gente.  
 Ali logo que as portas do Oriente  
 Apolo patentea, é conhecida 5975  
 A sua linda luz e sempre ouvida  
 A voz que as aves fazem docemente.  
 Enfim aquele sítio é tão brilhante  
 Que julgo a natureza o tem criado  
 Para que alívio fosse a um triste amante.  
 Mas nele meu martírio foi dobrado, 5980  
 Porque enquanto de vós viver distante,  
 Crescerá cada vez mais meu cuidado.

<sup>474</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

<sup>475</sup> 'Adonde' por "onde". Veja-se a nota ao v. 829.

*Aludindo ao que diz Eliano (lib.<sup>476</sup>  
14, cap. 23): que o Cisne ven-  
ce a Águia, se esta o de-  
safia.*

## SONETO<sup>477</sup>.

**À** Rainha das aves provocando  
 Persegue o Cisne só, como entendido;  
 Que quem é por prudente conhecido, 5985  
 Só deve pelejar desafiado.  
 Prudente, generoso e alentado,  
 No conflito jamais fica vencido;  
 Porque como peleja de ofendido,  
 Anima-lhe o valor ver-se agravado: 5990  
 Jeroglífico o Cisne é da ciência,  
 A Águia do valor e bizzarria;  
 Ambos querem vencer em competência:  
 Mas quem troféos ao Cisne negaria,  
 Conhecendo que é timbre da prudência 5995  
 O saber triunfar da valentia?

<sup>476</sup> Mantivemos a abreviatura 'lib.' (por "librum"), sem desenvolvê-la, por se tratar dum latinismo corrente na altura.

<sup>477</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

*Desejando na sanguinolenta batalha de  
Canas os mais nobres mancebos  
desamparar Itália, Escipião Afri-  
cano com a sua autoridade  
os impedio. Fala com eles.*

## SONETO<sup>478</sup>.

**H**Eróes famosos, que animosamente  
Tendes este contrário acometido,  
Pelejai, que é mais nobre ser vencido  
Que fugir ou render-se livremente. 6000  
Se temeis que vos vença facilmente,  
Seja o vosso furor mais acendido,  
Que no combate o medo conhecido  
Faz que o fraco se atreva ao mais valente.  
A grande mortandade que estais vendo, 6005  
Nenhum susto vos cause, que a vitória  
Só se alcança com risco combatendo.  
Combatei, que esta acção fará notória  
A vossa ilustre fama, e aqui morrendo,  
Ainda à gente Romana dareis glória. 6010

<sup>478</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

*Voando uma borboleta junto aos  
olhos de F.*

## SONETO<sup>479</sup>.

Vano viviente, irracional alado,  
 Que quemarte procuras atrevido,  
 Por te ver<sup>480</sup> como Fénix<sup>481</sup> renacido<sup>482</sup>  
 Resucitando en llamas abrasado:  
 Aquí tienes el fuego destinado 6015  
 En los ojos de Filis encendido,  
 Onde<sup>483</sup> revivirás desvanecido,  
 Cuando no pueda ser por inflamado.  
 Quémate como Fénix, pues te inflamas:  
 No temas padecer contraria suerte, 6020  
 Que atrevidos<sup>484</sup> desdichas no maltratan.  
 Quémate, pues, dichoso en estas llamas:  
 Adquirirás la vida con la muerte,  
 Que dan vida estos ojos cuando matan.

<sup>479</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

<sup>480</sup> A próclise pronominal deve-se a lusismo sintático.

<sup>481</sup> Veja-se nota ao v. 1425.

<sup>482</sup> Amostra da alternância 'sc' ~ 'c', presente ao longo de todo o Cancioneiro. Veja-se a nota ao v. 150.

<sup>483</sup> Como se pode constatar neste verso, a confusão no uso dos relativos locativos não é exclusiva das composições em português, senão que atinge também as escritas em castelhano. Aqui, 'Onde' é lusismo por "Aonde". Cf. notas aos vv. 829, 1743 e 2781.

<sup>484</sup> A ausência de preposição parece denotar lusismo sintático. Vejam-se as notas ao v. 88 e à rubrica da p. 261 deste Eco I.

*Venceo Escipião a nova Cartago no mesmo dia  
em que a ela chegou, e havendo ali uma  
muito gentil Donzela, para ver a qual  
gente inumerável concorria<sup>485</sup>, logo pro-<sup>486</sup>  
ibio que ela viesse à sua presença, e  
ordenou que a seu Pai e Esposo  
fosse restituída. Fala com os seus  
Soldados.*

## SONETO<sup>487</sup>.

**E**Sta Donzela, *que* admirais formosa, 6025  
 Sujeita a meu Império não se entende,  
 Pois querer castigar quem não ofende  
 A um heróe é acção indecorosa.  
 A maior glória desta empresa honrosa  
 Só consiste em vencer quem não me atende: 6030  
 O meu ânimo agora não pertende<sup>488</sup>  
 Senão *que* a Pátria fique mais famosa.  
 Não consintais que o meu semblante veja,  
 Porque não digam *que* é de amor vencido  
 Um peito em que a vitória já sobeja. 6035  
 Levai-a a seu Esposo e Pai querido,  
 Porque vejam, na força da peleja,  
 A razão com que tenho combatido.

<sup>485</sup> Veja-se a nota ao v. 1831.

<sup>486</sup> A quebra gráfica do ditongo é do original.

<sup>487</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

<sup>488</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

## A ALEXANDRE

*Chorando porque ouviu dizer que ba-  
via mais mundos.*

SONETO<sup>489</sup>.

**S**E deseja mais mundos arrogante  
Para vencer teu ânimo valente, 6040  
Melhor sinal de teu desejo ardente  
Era, *que* um pranto, um raio fulminante.  
Neste luzira teu valor constante,  
E naquele naufraga debilmente;  
Se já o mundo te adora reverente, 6045  
Suspiras vencedor, choras triunfante?  
Que mais fizeras, se à contrária sorte  
Alguma vez te viras reduzido,  
Se assim sentes as glórias de Mavorte?  
Mas como o mundo *que* há, tens já rendido, 6050  
Não se distingue em teu alento forte  
O não ter que vencer de estar vencido.

---

<sup>489</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

*Mata Júnio Bruto seus filhos e sobri-  
nhos, por se terem conjurado com os  
Aquilios e Vitélios para mete-  
rem em Roma os Tarquínios.*

## SONETO<sup>490</sup>.

**B**árbaro, iníquo e indecoroso intento  
 É o vosso, ó ingratos, ó traidores,  
 Pois do dano da Pátria sois fautores, 6055  
 Devendo só querer o seu aumento.  
 Prestais universal consentimento  
 À entrada daqueles contendores<sup>491</sup>,  
 Para que Roma e seus habitantes  
 Outra vez sintam seu rigor violento? 6060  
 À vista duma acção tão indecente,  
 Pedo o meu brio *que* eu tome o despique  
 E fulmine o castigo mais veemente.  
 Morrei, que é bem tal pena vos aplique,  
 Para que a afronta da Romana gente 6065  
 Também por vossas mortes morta fique.

<sup>490</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

<sup>491</sup> Variante de “*contendores*”.

*A F., que morreo de ar.*

S O N E T O<sup>492</sup>.

C  
Om ar madruga a flor mais engraçada,  
 Pavão de Abril pomposo e matizado;  
 Mas para o seu alinho ser prostrado,  
 Basta-lhe o mesmo ar da madrugada. 6070  
 Nasce airoso a vergôntea delicada,  
 Pluma do bosque, pavelhão<sup>493</sup> do prado,  
 Mas de um zéfiro o sopro arrebatado  
 Entre as plantas a deixa sepultada.  
 Assim foi, Fábio, Fílis soberana, 6075  
 Delicada vergôntea e flor luzida,  
 Um ar a corta, se outro ar a abala:  
 Frágil morreo, se madrugava ufana,  
 Porque enfim toda a pompa desta vida  
 Apenas brilha, quando em ar acaba. 6080

<sup>492</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

<sup>493</sup> Esta voz apresenta vacilação do vocalismo átono e sentido francês (“*borboleta*”). Para o primeiro aspeto, veja-se a nota ao v. 437. Outro galicismo lexical pode ser conferido na nota ao v. 3531.

*Proíbe Omílio Escauro que venha à  
sua presença seu filho, por ter de-  
samparado a Fortaleza que re-  
gia, de cuja acção ele sentido  
voluntariamente se mata.*

## SONETO<sup>494</sup>.

**N**A mais cruel tristeza sepultado

Em Roma este Censor nobre aparece,  
Porque vê que um seu filho não conhece  
Quanto defender deve o bem do Estado.

Para o fim de o ver o faz privado, 6085  
Pena que injustamente ele padece,  
Pois quem ofende a Pátria bem merece  
Ser rigorosamente castigado.

Mas este apenas sabe que tão forte 6090  
Suplício a seu delito fora imposto,  
De suas próprias mãos recebe a morte.

Que é tanto<sup>495</sup> insoportável<sup>496</sup> um desgosto  
Que faz com que da Parca o duro corte  
A um aflito motive alívio e gosto!

<sup>494</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

<sup>495</sup> A forma plena está usada pela apocopada “tão”.

<sup>496</sup> Vacilação no vocalismo átono pretónico: a coincidência com a forma castelhana pode denotar interferência linguística. Vejam-se as notas aos vv. 437, 1427 e 5547.

*A la hermosura de un cabello.*

## SONETO<sup>497</sup>.

**F** Lamante inundación, golfo dorado, 6095  
 Onde<sup>498</sup> corre tormentas el sentido,  
 Pues viéndose en las olas sumergido,  
 Se mira de los rayos anegado.  
 Cárcel hermoso<sup>499</sup>, grillo<sup>500</sup> de un cuidado, 6100  
 Que estima tanto ser vuestro rendido  
 Que, celando las dichas de prendido,  
 Recelos tiene a<sup>501</sup> verse desatado.  
 Mas aunque en rubias hebras sois tan bello,  
 De esa crespa soberbia las crueldades 6105  
 Efectos deben ser de este tesoro:  
 Que como es un Ofir cada cabello,  
 No es mucho<sup>502</sup> que en soberbias vanidades  
 Tan crespo os ostentéis, pues tenéis oro.

<sup>497</sup> Poema que consta como ANÓNIMO tanto n' *A Fénix* quanto no *Postilhão*, mas que já nalgum manuscrito corre atribuído a VIOLANTE DO CÉU. O tema da composição não parece abonar a autoria de Violante.

<sup>498</sup> Forma irregular por es. "donde". Veja-se a nota ao v. 6017.

<sup>499</sup> O género de 'carcel' é prova de lusismo.

<sup>500</sup> Lusismo lexical.

<sup>501</sup> A preposição regida deveria ser 'de'. Vejam-se as notas aos vv. 88 e 1270.

<sup>502</sup> Lusismo lexical e sintático. Veja-se a nota ao v. 5963.

*Descrição da Aurora.*S O N E T O<sup>503</sup>.

**C**omo se vê no Aéreo firmamento  
 Luzir da brilhante alva os resplandores, 6110  
 E servirem do prado às lindas flores  
 As lágrimas da Aurora de ornamento,  
 Febo mostrando vem seu luzimento  
 Aos vales, aos penhascos, aos verdores, 6115  
 E as aves com harmónicos clamores  
 Aplaudem seu vistoso nascimento.  
 Enfim, logo que rompe o claro dia,  
 Deste Planeta a luz resplandecente  
 Enche todo o Hemisfério de alegria. 6120  
 Só eu existo triste e descontente,  
 Soportando<sup>504</sup> da sorte a tirania  
 Sem jamais esperar viver contente.

<sup>503</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

<sup>504</sup> Vacilação no vocalismo átono pretónico: a coincidência com a forma castelhana pode denotar interferência linguística. Vejam-se as notas aos vv. 437, 1427 e 5547.

*A F. com uma espada na mão.*

## SONETO<sup>505</sup>.

**E**N vano, oh Filis, ese acero, en vano  
 Cortar quiere a una vida el plazo estrecho,  
 Que quien muere al acero de tu pecho 6125  
 Ya no siente la espada de tu mano.  
 Vibra los filos dese<sup>506</sup> arpón tirano,  
 Que yo le daré mi vida satisfecho;  
 Que si la muerte a un triste es de provecho,  
 Quien vive desdeñado, muera ufano. 6130  
 Pero no, que es agravio a tus luceros;  
 Deja, Filis hermosa, los enojos,  
 Porque excusas<sup>507</sup> las armas, cuando miras:  
 Vibra los ojos, deja los aceros,  
 Que más rinden pestañas de tus ojos 6135  
 Que sujetan impulsos de tus iras.

<sup>505</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

<sup>506</sup> A amálgama deve-se a lusismo gráfico.

<sup>507</sup> Por “*excusas*”, com lusismo gráfico.

*A Filis.*

SONETO<sup>508</sup>.

**E**Nquanto às Leis de amor não fui sujeito  
E gozava da minha liberdade,  
Vivia na melhor tranquilidade,  
Aflições não sentia este meu peito. 6140  
Não tinha em mim lugar algum preceito,  
Não dominava alguém minha vontade,  
Para mim era d'ouro aquela idade,  
Para mim era o tempo mais perfeito.  
Porém quando vos vi, bela Senhora, 6145  
A vós me dediquei inteiramente,  
De querer mais não tive uma só hora.  
Mas com a minha sorte estou contente,  
Pois como firme esta alma vos adora,  
É meu gosto ser vosso eternamente. 6150

---

<sup>508</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

*Ao seu cuidado.*

## SONETO<sup>509</sup>.

**N**O verdor da floresta deleitosa,  
 Quando de Abril a Aurora é mais serena,  
 Reclinado nos braços da açucena  
 Vi o purpúreo carmim da mesma rosa.  
 Essa de âmbar fragrante mariposa 6155  
 Vi bordar de escarlata<sup>510</sup> a selva amena,  
 E em quebros vi cantar a filomena<sup>511</sup>  
 Entre as ramas de Dafne mais frondosa.  
 De Flora o campo cheio de harmonias,  
 De aljôfar guarneecendo os verdes prados 6160  
 Essas de Tétis líquidas sangrias,  
 Tudo em fragrâncias concedia agrados:  
 Mas ai, que entre tão doces melodias  
 Somente me elevaram meus cuidados!

<sup>509</sup> Poema da autoria de FRANCISCO DE VASCONCELOS COUTINHO, tal como consta atribuído n' *A Fénix* (tomo III, p. 262).

<sup>510</sup> Por “*escarlata*”, com vacilação do vocalismo átono em posição postónica final. Vejam-se as notas aos vv. 3708 e 5817.

<sup>511</sup> Castelhanismo por “*filomela*”. Veja-se a nota ao v. 3868.

*Descrição da Primavera.*SONETO<sup>512</sup>.

J	Á de Pomona os campos matizados	6165
	Estão de lindas flores nobremente, E parece convidam toda a gente Para ver sua gala os verdes prados.	
Já	selvas, montes, bosques adornados	6170
	De verdores se ostentam novamente, E fazem nos seus ramos docemente Os passarinhos cantos alternados.	
Já	enfim ao romper da amena Aurora	6175
	Alegre o gado espalha <sup>513</sup> na espessura, E nela se revê uma pastora.	
Só	eu da mágoa mais tirana e dura	
	Ofendido me vejo a toda a hora, Porque ausente da vossa formosura.	

<sup>512</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

<sup>513</sup> O verbo 'espalha' possui valor reflexivo, embora construído sem o correspondente pronome. Vejam-se as notas aos vv. 88, 2352 e 4239.

*Aos gostos breves do Mundo.*

## SONETO<sup>514</sup>.

**G**Lória do amor, *que* breve *que* feneces!  
 Pena do amor, que larga te dilatas! 6180  
 Que largamente um coração maltratas!  
 Com quanta brevidade desvaneces!  
 Gosto fingido, no melhor pereces;  
 Verdadeiro tormento, sempre matas;  
 Se te concedes, logo te recatas; 6185  
 Se te apoderas, nunca te enterneces<sup>515</sup>.  
 Pena cruel, que a alma me traspassas!  
 Glória caduca, que tão pouco aturas!  
 Quem pudera emendar tantas desgraças!<sup>516</sup>  
 Quem tivera num ser sempre as venturas! 6190  
 És doce de passar, por isso passas;  
 És dura de sofrer, por isso duras.

<sup>514</sup> O autor provável deste magnífico soneto é FRANCISCO DE VASCONCELOS COUTINHO.

<sup>515</sup> Veja-se a nota ao v. 1466.

<sup>516</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica, neste caso com possível confusão entre os prefixos *des-* e *dis-*. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 1330.

*Descrição do Campo.*SONETO<sup>517</sup>.

A Menos campos, trémolos<sup>518</sup> verdores  
 Dos cristaes desta fonte matizados,  
 Que agora novamente sois ornados 6195  
 De verdes folhas, de fragrantes flores.  
 Apenas no Horizonte os resplandores  
 Do luminoso Sol são avistados,  
 Vos ilustram e em vós são conservados  
 Até que a noite mostre seus horrores. 6200  
 Oh quão distinta é minha sorte agora  
 Desse vosso brilhar e formosura  
 De que vos adornou a roxa Aurora.  
 Pois se a vossa alegria hoje se apura,  
 A pena por que<sup>519</sup> meu coração chora 6205  
 A mais cruel tristeza me perdura.

<sup>517</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

<sup>518</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição postónica. Cf. a nota ao v. 3708.

<sup>519</sup> No original, 'porque'.

*A um pássaro cantando.*

## SONETO<sup>520</sup>.

**Q**ue alegre pendurado de um raminho  
 Cantando em alta voz estás contente,  
 Sem temeres o mal, estando ausente,  
 Que te espera, ó incauto passarinho! 6210  
 Acorda, pois, depressa, que adivinho,  
 Se tardares um pouco, descontente  
 Inda<sup>521</sup> mal chorarás eternamente  
 O roubo de teus filhos e o teu ninho.  
 Faze<sup>522</sup> já de meus males claro espelho, 6215  
 Pois por viver ausente e confiado  
 Perdi tudo o que tinha merecido.  
 Mas ah, que tarde tomas meu conselho!  
 Na perda ficarás desenganado,  
 Já que cantas ausente e divertido. 6220

<sup>520</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

<sup>521</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>522</sup> Veja-se a nota ao v. 3640.

*Com pena de morte proíbio Carondas Túrrio  
que nenhum Ateniense armado de espada en-  
trasse em ajuntamento do povo, e casual-  
mente vindo de uma Quinta com a mesma  
arma que trazia, foi visto entre bastan-  
te gente, e advertindo-se-lhe a Lei  
que estabelecera, por lhe dar exe-  
cução, a golpes da própria espa-  
da se mata.*

## SONETO<sup>523</sup>.

**M**orre Carondas<sup>524</sup>, porque mais se apura

Em conservar as Leis que a própria vida,  
Porque sabe que delas é nascida  
Dos Impérios maiores a ventura.

A paz deixar a Atenas só procura 6225  
Na morte que recebe da ferida;  
Não se mostra a República sentida,  
Pois<sup>525</sup> ele a regerá na sepultura.

Aos exemplos do Rei ninguém resiste, 6230  
E por isso, apesar do maior dano,  
Este em dá-lo ao seu povo agora insiste.

Podia desculpar-se com o engano,  
Mas tão grande justiça nele existe  
Que do seu corpo o obriga a ser tirano.

<sup>523</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

<sup>524</sup> No original, 'MorreCharondas', por erro tipográfico.

<sup>525</sup> No original, 'Por'. O sentido exige uma conjunção causal, daí a nossa opção por 'Pois'.

A P L A U S O  
 D A  
 G L O R I O S A V I T Ó R I A  
 D A S L I N H A S D E E L V A S,  
 Alcançada em 14 de Janeiro de 1659.

P A N E G Í R I C O  
 A O E X C E L E N T Í S S I M O S E N H O R  
 D. A N T Ó N I O L U Í S  
 D E M E N E Z E S,  
 Conde de Cantanhede.

O I T A V A S.  
 P O R  
 A N T Ó N I O D A F O N S E C A S O A R E S<sup>526</sup>.

I.

«S E, invicto Conde, a Musa, a voz, o acento, 6235  
 Débil voz, Musa indigna, acento é breve  
 Para louvar acções cujo ardimento  
 Já nos Anaes da Europa a Fama escreve:  
 Vós me inspirai aquele heróico alento  
 Que em vós o mundo admira, a pátria deve; 6240  
 Fareis que acesas deste ardor na chama  
 Soe a voz, cante a Musa, e grite a Fama.»

<sup>526</sup> A autoria de ANTÓNIO DA FONSECA SOARES entra em conflito com a atribuição deste mesmo poema, n' *A Fénix Renascida* (tomo IV, pp. 380 ss.), a DIEGO DE MONROY E VASCONCELOS. Veja-se o Capítulo II.

## II.

»Oh se pudera a cítara sonora  
 Ser voz, e suspender a melodia!  
 Quem duvida que a Musa eterna fora 6245  
 Pelo aplauso imortal que vos daria?  
 Dos Reinos onde nasce a branca Aurora  
 Até lá onde o Sol sepulta o dia,  
 Fôreis, deixando a pátria esclarecida,  
 Vós venerado, e ela engrandecida.» 6250

## III.

»Mas enquanto triunfando vitorioso  
 Do inimigo mais bravo e mais astuto,  
 Gozais nos vivas, que escutais glorioso,  
 Das fadigas de Marte o melhor fruto:  
 Ouvi este, se humilde, harmonioso 6255  
 Som; que, se vós o ouvis, não será muito  
 Que de Homero o julgueis alto transunto,  
 Se não por meu, por serdes vós o assunto.»

## IV.

Era a estação caduca, a idade triste  
 Em que o ano decrépito expirava<sup>527</sup>; 6260  
 E o Sol, que ao mundo eternamente assiste,  
 No mais frio dos Trópicos entrava:  
 A esmeralda do campo era amatiste<sup>528</sup>,  
 Turvo o rio corria, o mar bramava;  
 E entre os ramos com vários movimento 6265  
 Gemia o ar, e se queixava o vento.

<sup>527</sup> No original, '*espirava*'. Veja-se a nota ao v. 50.

<sup>528</sup> Novo exemplo de vacilação no vocalismo átono, neste caso tanto em posição postónica quanto pretónica. Veja-se a nota ao v. 3708.

## V.

Quando da nossa Praça mais luzida,  
 Que do Espanhol estava sitiada,  
 Era a falta da gente tão sabida  
 Como a sobra do mal experimentada<sup>529</sup>: 6270  
 Não há miséria já na humana vida  
 De que não seja a instantes assaltada,  
 Sendo a força maior, que então a expuna<sup>530</sup>,  
 A fome, o mal, as armas e a fortuna.

## VI.

Com força grande e militar ciência 6275  
 Tinha o famoso Exército inimigo,  
 Bem que provado brava a resistência,  
 Crescido em seus apertos o perigo:  
 E apesar da estação, cuja inclemência  
 Crescia da campanha o desabrigo, 6280  
 Oposto ao tempo, e contra a sorte armado,  
 Mais de noventa Sóes tinham<sup>531</sup> passado.

## VII.

Nas forças confiado e nos aprestos  
 Com que de empresa tal o eleva a glória,  
 Por toda Europa em vários manifestos 6285  
 Já cantava os triunfos da vitória:  
 À praça já fizera seus protestos  
 E ao Reino outros não dignos de memória;  
 E havendo o campo a Corte reduzido,  
 Tudo já na opinião tinha vencido. 6290

<sup>529</sup> Redução do vocalismo átono, neste caso por síncope em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 90 e 3975.

<sup>530</sup> A grafia '*expuna*' demonstra, mais uma vez, a pronúncia popular dos grupos cultos, ainda mais por se tratar de palavra-rima. Vejam-se as notas aos vv. 1406 e 3046.

<sup>531</sup> No original, '*tinha*'; a concordância exige o plural. A manutenção da forma singular implicaria considerar '*o famoso Exército inimigo*' como seu sujeito, em uma interpretação no mínimo forçada.

## VIII.

Disto informado o Conde generoso  
 De Cantanhede, o Conde, que de parte  
 Pondo o gosto da Corte delicioso,  
 Para as fadigas se dispõe de Marte:  
 Não sofre, não, *que* o Reino mais glorioso 6295  
 De quem inda<sup>532</sup> veneram o estandarte  
 Tantos climas, nações, Reinos e Impérios,  
 De Espanha se sujeite aos vitupérios.

## IX.

Já lida aquele espírito invencível  
 Nas prevenções *que* faz para esta empresa, 6300  
 E aquela fé no zelo inacessível  
 Arde entre chamas de valor acesa:  
 Das forças junta logo o que é possível,  
 E engrossando a milícia Portuguesa  
 Co' as levas que lhe vêm do Reino todo, 6305  
 De socorrer a Praça estuda o modo.

## X.

Por não pôr a fortuna em contingência,  
 Que tudo arrisca um hora<sup>533</sup>, e perde um dia,  
 A gente fez sair com diligência,  
 Bem que o valor ao número excedia: 6310  
 As acções, que se estudam na experiência,  
 De tal sorte o valor substituíá  
 Que, armado o peito desta confiança,  
 Mostrou maior o acerto que a esperança.

<sup>532</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>533</sup> Mostra de vacilação no género do nome '*hora*', majoritariamente feminino ao longo do cancionero. Veja-se também o v. 6411.

## XI.

Sobre um raio quadrúpede parece 6315  
 Quando se ostenta em breve movimento,  
 Que o feroz animal se ensoberbece  
 Do peso insigne que lhe infunde alento:  
 Tanto ao pisar os campos estremece,  
 Tanto ao correr corrido deixa o vento, 6320  
 Que o julga a vista com veloz desmaio  
 Emplumado cometa, airoso raio.

## XII.

Vendo pois já o Exército formado,  
 E estando para a marcha prevenido,  
 Oh que observâncias mostra de soldado! 6325  
 Oh que eloquências<sup>534</sup> verte de entendido!  
 De sorte anima a todos alentado,  
 Tanto persuade a todos advertido,  
 Que co' as razões, em *que* a eficácia sobra,  
 Tanto o juízo como as armas obra. 6330

## XIII.

A confiança que há de quem governa  
 De sorte anima a Lusitana gente  
 Que, por ser digna de memória eterna,  
 Anela os riscos com furor ardente:  
 Um bravo orgulho, uma alegria externa 6335  
 Faz a vitória a todos tão presente  
 Que era das que o destino prometia  
 A menor circunstância, profecia.

<sup>534</sup> No original, '*eloquencas*', muito provavelmente por erro tipográfico.

## XIV.

Deo sinal o clarim com força estranha,  
 Cujo bélico impulso e vivo alento 6340  
 Fazendo estremecer toda a campanha,  
 Foi salva ao Sol e adulação ao vento:  
 Movem-se as tropas com galharda sanha,  
 E os esquadrões iguaes no movimento  
 Ao som tremolam<sup>535</sup> de armas e tambores 6345  
 Dos Estandartes as diversas cores.

## XV.

O Sol, que ou já das nuvens ofendido,  
 Ou já da nossa injúria envergonhado,  
 Negava ao mundo em sombras escondido  
 A luz que alegra o monte, anima o prado: 6350  
 Então de tantos raios guarnecido  
 Desvaneece das névoas o toucado  
 Que coroando a todos de esplendores  
 Outros Sóes pelas armas fez maiores.

## XVI.

Porém antes que a fúlgida carroça 6355  
 Em montes de cristal se submergisse,  
 E antes *que* ao pobre alvergue<sup>536</sup>, à breve choça  
 Lavrador ou pastor se reduzisse:  
 Mandando à gente já, que se alvoroça,  
 O Conde fazer alto, e que se visse 6360  
 O sítio mais capaz de alojamento,  
 Deo ao trabalho alívio, ao campo assento.

<sup>535</sup> Vacilação no vocalismo tónico, caso único ao longo do cancionero. Cf. as notas aos vv. 941 e 6193.

<sup>536</sup> Variante de “albergue”. Outra ocorrência, no v. 11108.

## XVII.

Dous cursos tinha o coche luminoso  
 Repetido na eclíptica luzente,  
 E triunfando do horror caliginoso 6365  
 Terceira vez brilhava no Oriente:  
 Quando o Varão supremo cuidadoso  
 Da grande empresa, que se vê presente,  
 Medindo a forma em *que* há-de executá-la,  
 Aos Cabos principaes consulta e fala. 6370

## XVIII.

Resolvendo enfim todos este dia  
 Quanto o grande Varão determinava,  
 Já do quartel o Exército saía,  
 Galharda a forma, a valentia brava:  
 O coração no peito não cabia 6375  
 A cada qual, que a todos *lhe*<sup>537</sup> saltava  
 Pelas mãos, pelos olhos de tal sorte  
 Que o menor catapulta era da morte.

## XIX.

Donde<sup>538</sup> dos Generaes mais defendidas  
 Linhas, trincheiras, fossos, estacadas 6380  
 Se vêm<sup>539</sup>, e com cuidado guarnecidas  
 De tantas gentes bravamente armadas:  
 Manda sejam primeiro acometidas,  
 Bem que mais para vistas que escaladas;  
 Que o peito a grandes cousas destinado 6385  
 Vai ao risco maior mais alentado.

<sup>537</sup> Por '*hes*'. Veja-se a nota ao v. 317.

<sup>538</sup> '*Donde*' por "*onde*". Veja-se a nota ao v. 829.

<sup>539</sup> Forma equivalente ao moderno "*veem*". Veja-se a nota ao v. 205.

## XX.

Havia de uma névoa o toldo espesso,  
 Apesar do desvelo Castelhana,  
 Com véo escuro e tenebroso excesso  
 Coberto o risco e recatado o dano: 6390  
 E bem que tinha no discurso impresso  
 Qual era o fim<sup>540</sup> do intento Lusitano,  
 Tinha em tardar a crer que era preciso  
 Mais névoas que nos olhos no juízo.

## XXI.

Discorria o Valido, então facundo 6395  
 (Que também erra às vezes o inimigo),  
 Que era exército breve todo um mundo  
 Para vencer das linhas o perigo:  
 O fado contra nós via iracundo,  
 O poder e a opinião tinha consigo, 6400  
 Do terreno a vantagem o ajudava,  
 E mais que tudo o que de nós cuidava.

## XXII.

Mas apesar do agouro que este dia  
 Aos Menezes tégora<sup>541</sup> ameaçava,  
 Por não perder o Conde a bizarria 6405  
 Que em todos arde e ferve, o desprezava:  
 Se isto de si nos mores transes fia,  
 Quando a superstição lho condenava,  
 E isto em dia de agouro mostra o fado,  
 Que fará no seu dia afortunado! 6410

<sup>540</sup> No original, '*sim*' (literalmente, '*fim*').

<sup>541</sup> Aglutinação entre duas partículas temporais, com a voz '*agora*' em posição final. Veja-se a nota ao v. 625.

## XXIII.

Ó Musa, se algum hora<sup>542</sup> a minha lira  
 Mereceo de teu plectro o doce encanto,  
 Divino alento a meu favor inspira,  
 Que humana voz não basta a dizer tanto:  
 Assim nunca esse monte, onde respira 6415  
 O brando som de teu melífluo canto,  
 Se veja em lastimosa dissonância  
 Profanado da inveja ou da ignorância.

## XXIV.

Começou da trombeta o som terrível  
 A encher o ar de horror, de espanto a terra, 6420  
 Intimando fatal com fúria incrível  
 Medo ao Sol, ira ao vento, ao mundo guerra:  
 Sinal do último dia era infalível  
 A muitos dos que o campo agora enterra,  
 Não nos mortos, que então ressuscitaram<sup>543</sup>, 6425  
 Porém nos muitos vivos que acabaram.

## XXV.

Logo o grande Varão, que à sua espada  
 Tinha da guerra as artes reduzido,  
 Manda se desse às linhas a escalada  
 A que o valor se tinha oferecido: 6430  
 E porque em tudo não ficasse nada  
 Que não vencesse o braço não vencido,  
 Sendo merecedor de eterno templo,  
 Menos usou do mando que do exemplo.

<sup>542</sup> Mostra de vacilação no género do nome '*hora*', majoritariamente feminino ao longo do cancionero. Veja-se a nota ao v. 6308.

<sup>543</sup> No original, '*ressuscitaram*'. Vejam-se as notas aos vv. 102 e 2024.

## XXVI.

Não tão violento o mar tempestuoso 6435  
 Quando abismos e estrelas ameaça,  
 Escumando de bravo e de furioso  
 A praia investe, as rochas despedaça:  
 Como o Conde entre os riscos valoroso,  
 Apesar dos perigos que rechaça, 6440  
 Sem se lhe dar do posto, que interrompe,  
 As linhas quebra, as estacadas rompe.

## XXVII.

Para cegar o fosso<sup>544</sup> dilatado  
 Voa, não corre, cada qual ligeiro,  
 E apenas algum cae de apressado 6445  
 Quando serve de ponte ao companheiro:  
 Parece que da morte arrebatado  
 Não basta o espírito ser guerreiro;  
 Pois faz que ao Rei em tão confusa sorte  
 Sirva até c' os cadáveres a morte. 6450

## XXVIII.

As cargas da Espanhola artilheria<sup>545</sup>  
 Tão vastas se repetem cento a cento  
 Que o ar se atroa e se esmorece o dia,  
 Turbam-se os Céos, e treme o Firmamento:  
 Pálido o Sol o resplendor enfia, 6455  
 O mar se esconde em seu profundo assento,  
 E tudo enfim confusamente triste  
 Sem luz, sem forma e sem discurso assiste.

<sup>544</sup> No original, 'osso' (literalmente, 'offo').

<sup>545</sup> Mostra da vacilação entre os sufixos *-eria* ~ *-aria*. As formas em *-aria* são clara maioria no texto: assim, encontramos 'estrevaria' (v. 6669) ~ 'estrebaria' (v. 9166), 'galaria(s)', 'iguarias', 'Infantaria', 'montaria', 'mosquetaria', 'pedraria', 'pescaria', 'picaria', 'pontaria', 'sacaria' e 'zombaria' (todas elas, em sentido substantivo, mesmo as coincidentes na forma gráfica com verbos conjugados) contabilizando um total de dezessete ocorrências, por apenas uma ocorrência de 'bateria' e 'vozeria' e quatro de 'artilheria', voz cujo sufixo contrasta fortemente com outros do mesmo campo lexical, como 'Infantaria' ou 'mosquetaria'.

## XXIX.

Vendo da Praça os Héroes<sup>546</sup> generosos  
 O valor e o socorro dos amigos, 6460  
 Já não sossegam, bravos e invejosos  
 De que a honra lhes ganhem nos perigos:  
 Bem que em número breve, valorosos  
 Acometem de sorte aos inimigos  
 Que nas acções, que a competência cresce, 6465  
 Cada qual um exército parece.

## XXX.

Menos feroz o touro, que estivera  
 Preso, quando no curro se dilata,  
 Com fúria brava e catadura fera  
 Brama, escarva, acomete, ofende e mata: 6470  
 Menos embravecido o mar altera,  
 As penhas ergue, os orbes arrebatá,  
 Vento que, solto das prisões que teve,  
 Ao mar, a terra, ao mesmo Céu se atreve.

## XXXI.

Pelo meio das armas Castelhanas 6475  
 Unir-se<sup>547</sup> ao nosso Exército pertendem<sup>548</sup>;  
 E franquear às Quinas Lusitanas  
 Uma das partes que do campo empreendem:  
 Não bastam ao Espanhol forças humanas,  
 Bem *que* com arte as forças se defendem; 6480  
 Porque o valor daqueles vencedores  
 Inda<sup>549</sup> mais é que para acções maiores.

<sup>546</sup> A acentuação é do original, e indica um provável castelhanismo fonológico.

<sup>547</sup> No original, '*Unir se*', forma desaglutinada e não hifenizada. Veja-se a nota ao v. 5209.

<sup>548</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

<sup>549</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

## XXXII.

O Conde ilustre, que os amigos via  
 De Belona entre as armas empenhados,  
 E entrar também em cada qual queria 6485  
 À honra dos sucessos arriscados:  
 Onde a peleja mais se embravecia,  
 Onde vê já ceder muitos soldados,  
 Bravo se arroja, e na maior tormenta  
 Quanto um perde, outro ganha, ele sustenta. 6490

## XXXIII.

Todos a seu exemplo aventureiros  
 Do amor da cara vida se despojam,  
 E expondo-se das balas aos chuveiros,  
 Só de não ver-se<sup>550</sup> em tudo o mais se enojam:  
 Nenhum há que não seja dos primeiros, 6495  
 Todos ao risco intrépidos se arrojam  
 Com fúria tal, que em golfos de escarlata<sup>551</sup>  
 Este choca, esse fere, aquele mata.

## XXXIV.

Enfim, rotas as linhas do inimigo,  
 E formado o esquadrão no seu terreno, 6500  
 Dando às soberbas trágico castigo  
 De estrago se enche logo o campo ameno:  
 Está já com temores do perigo  
 O maior dos seus Grandes tão pequeno  
 Que, se antes lhe era um mundo estreita praça, 6505  
 Um canto já lhe sobra na desgraça.

<sup>550</sup> No original, 'verse', forma aglutinada e não hifenizada. Veja-se a nota ao v. 4690.

<sup>551</sup> Por "escarlata", com vacilação do vocalismo átono em posição postónica final. Vejam-se as notas aos vv. 3708 e 5817.

## XXXV.

De Marte então co' as iras e rigores  
 Foi a batalha tão cruel e ardente  
 Que parece que os orbes superiores  
 Chocavam pelo mundo iradamente: 6510  
 Todo o campo entre fúrias e clamores  
 Era da morte uma rápida torrente,  
 Sendo um fatal da vida paroxismo<sup>552</sup>,  
 Cópia do caos e original do abismo.

## XXXVI.

Granizando os mosquetes e arcabuzes 6515  
 Raios de chumbo entre trovões ardentes,  
 O mesmo fogo das funestas luzes  
 De farol serve aos ânimos valentes:  
 Os leões Estremenhos e Andaluzes,  
 Por mais que então as garras impacientes 6520  
 Feros esgrimam, morrem, bem *que* ufanos,  
 Entre os Hercúleos braços Lusitanos.

## XXXVII.

Entre nuvens de fumo anoitecido  
 O Céu se ignora, o mundo se escurece,  
 Tudo vaga entre as armas confundido, 6525  
 Tudo em iras e mortes se enfurece:  
 Em dilúvios de chamas derretido,  
 Que chega o mundo ao triste fim parece,  
 Pois sem que baste a tanta fúria escudo,  
 Tudo se ofende, e se consome tudo. 6530

---

<sup>552</sup> No original, '*parocismo*'.

## XXXVIII.

No roxo mar, que o campo representa,  
De sorte o mais intrépido naufraga  
Que soçobrado em mísera tormenta  
A vida perde quando a sede apaga:  
Outro de sorte as veias alimenta, 6535  
Se exausto dele em suas ondas vaga,  
Que ao mesmo tempo *que* esta acção lastima,  
Quando aquele se afoga, esse se anima.

## XXXIX.

O Conde invicto, que a fortuna irada  
Vê no vagar com que a vitória chega, 6540  
Montes rompe de ferro com a espada,  
De sangue uns rios abre, outros navega:  
E qual o segador co' a mão armada  
Da curva fouce em Julho espigas sega,  
De um golpe só nas bélicas fadigas 6545  
Cabeças corta mais que aquele espigas.

## XL.

As pernas bate ao rápido ginete,  
Que impelido da força que o domina,  
Se pisa, enquanto intrépido acomete,  
Quanto encontra belígero arruína: 6550  
Sendo do ar feroso martinete,  
Tanto a vista e distâncias desatina  
Que num só ponto a tudo está presente,  
Vivo trovão, relâmpago vivente.

## XLI.

Dos cavalos o estrépito furioso, 6555  
 O retinir das armas repetido,  
 Dos mortos o espectáculo horroroso,  
 Os ais do aflito, as vozes do rendido:  
 Do estropeado<sup>553</sup> o grito lastimoso,  
 E enfim dos que agonizam o alarido 6560  
 É tal, que eco só de tantos males  
 Magoa as penhas e atormenta os vales.

## XLII.

Mas já de Hespéria as gentes, cujo estrago  
 As nossas tropas sem parar cresciam<sup>554</sup>,  
 O campo convertendo em roxo lago, 6565  
 Apressados das sombras se valiam:  
 Uma infausta ruína, um triste amago<sup>555</sup>  
 Nos deformes cadáveres se viam,  
 Causando a vista deste horrendo ensaio  
 Aos olhos medo, aos corações desmaio. 6570

## XLIII.

Enfim, caio<sup>556</sup> a estátua que queria  
 Adoração no mar, na terra e vento;  
 Caio a torre que intentado havia  
 Chegar do Luso ao alto firmamento:  
 Com pedra negra Espanha deste dia 6575  
 Conte a memória e chore o sentimento;  
 Que o Luso, inda<sup>557</sup> *que* esqueça isto *que* aclama,  
 Em vivos bronzes lho eterniza a fama.

<sup>553</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

<sup>554</sup> O verbo tem aqui sentido agentivo: "*faziam crescer*". Vejam-se as notas aos vv. 88 e 2352.

<sup>555</sup> Castelhanismo lexical.

<sup>556</sup> Leia-se '*caiu*'. Vejam-se as notas aos vv. 573 e 3080.

<sup>557</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

## XLIV.

Voltando rota em fuga declarada  
Toda Espanha com vozes e alaridos, 6580  
Já deixa a presa, e gente assinalada,  
E os mais dos Cabos mortos e feridos:  
Segue a vitória a Portuguesa espada,  
E os clarins vivamente repetidos  
Celebrando do Conde excelso a glória, 6585  
Alegres já lhe cantam a vitória.

## XLV.

Com pressa logo o Conde, cujo alento  
Nenhum repouso ao braço consentia,  
Os fortins cerca e com cuidado atento  
Mais que do bem da vigilância fia: 6590  
Aludindo de Espanha o sentimento,  
Capuz de sombras arrastava o dia;  
Mas logo o Céu lho rompe em luzes belas,  
Pondo por luminárias as estrelas.

## XLVI.

Mas já da Aurora o rosicler brilhante 6595  
De aljôfares bordado amanhecia,  
E o Sol, deixando o leito de diamante,  
Raiava os montes e dourava o dia:  
Dos Céos o que era lúgubre semblante  
De luzes cheio e nácares se via, 6600  
E ao brando som que o vento respirava,  
A fonte ria, e o Rouxinol cantava.

## XLVII.

Quando rendidos os fortins, e entrado  
 A saco todo o campo do inimigo,  
 Foi o despojo mais que imaginado, 6605  
 Foi maior a ventura que o perigo:  
 O Conde então (oh grande Heróel) prostrado  
 Do mundo ao grande Autor fora, e consigo  
 As graças do que ao Céu dever entende,  
 Como a Deos dos exércitos lhe rende. 6610

## XLVIII.

«Se pois sois a coluna deste Império  
 (Ó Varão grande, ó Conde esclarecido),  
 A quem o Atlante do Monarca Hispério<sup>558</sup>  
 Se viu prostrado e se chorou vencido:  
 Do pólo Austral ao Ártico hemisfério 6615  
 Seja esse nome, esse valor sabido;  
 E porque mais a todo o mundo espante,  
 A Musa o louve, a mesma Fama o cante.

## XLIX.

Porém se empresa é louca e presumida  
 Querer louvar acções da vossa espada, 6620  
 A melhor Musa em vozes convertida  
 E a mesma Fama em línguas desatada:  
 Voe a Musa em silêncios reduzida,  
 Fale a Fama entre os pasmos elevada,  
 Que onde o maior dizer o aplauso míngoia, 6625  
 O silêncio é discurso, o pasmo é língua.»

<sup>558</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

# V I D A

## DE UM ESTUDANTE POBRE.

### O I T A V A S<sup>559</sup>.

#### I.

**O**S Portugueses peitos não domados

Cante o Corte Real dignos de estima,  
 Os mares só por eles navegados  
 Celebre Camões com grande rima: 6630  
 As mágoas e os amores delicados  
 Alcides<sup>560</sup> cante junto ao seu Lima,  
 Mostre Pereira a quem o não sabia  
 O sangue hoje fresco em Barbaria<sup>561</sup>.

#### II.

E quem desta alma tem a melhor parte, 6635  
 A quem todos são hoje inferiores,  
 Mostre no que quiser engenho e arte,  
 E ganhe para si dignos louvores:  
 Pinte a seu gosto o sanguinoso Marte,  
 Ou faça alegres rimas por amores, 6640  
 Que eu não canto amor, nem gentileza,  
 Mas chorarei misérias e pobreza.

<sup>559</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

<sup>560</sup> Cf. a nota ao v. 11011.

<sup>561</sup> A rima comprova a pronúncia hiática, o que parece descartar uma hipotética formação sobre “*bárbaro*”. Certamente, trata-se de deturpação por Berberia, na altura denominação dada ao actual Magreb, em cujo litoral habitavam os temidos berberes.

## III.

Depois de nascer nu, sendo criado  
 Em tal miséria qual me não convinha,  
 Passei da vida o pueril estado 6645  
 Em bexigas, serampão<sup>562</sup>, sarna e tinha:  
 Depois ao juvenil sendo chegado,  
 E querendo provar a sorte minha,  
 O Reino desprezando, sorte e terra,  
 O exercício segui da dura guerra. 6650

## IV.

E nele consumi seis ou mais anos,  
 Os melhores de toda minha idade,  
 Levando as esperanças com enganos  
 E louvando da vida a liberdade:  
 Por esta não temia graves danos, 6655  
 Nem morte, nem doença ou adversidade,  
 Porque por tudo passa sem receio  
 Um livre peito de nobreza cheio.

## V.

Zomba do dito do vilão praguento,  
 E se não zomba, dá-lhe seu castigo 6660  
 Ao mísero Fidalgo avarento  
 Que tudo funda em seu sangue antigo:  
 Se de primor carece ou fundamento,  
 Descobre sem temor de algum perigo,  
 E com temor que a todo o Mundo excede, 6665  
 Lhe prova vir de Sara o Mafamede.

<sup>562</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

## VI.

Aquenta com ilícita ousadia  
 O fumo<sup>563</sup> do fantástico escudeiro,  
 Que tem por honra só na estrevaria<sup>564</sup>  
 Um quási<sup>565</sup> morto e mísero sindeiro<sup>566</sup>: 6670  
 E sendo Almotacel por qualquer via,  
 Provê primeiro o Sastre<sup>567</sup> e o Sapateiro,  
 E deixa o pobre, posto que honrado,  
 Sem vinho, carne e pão, e sem pescado.

## VII.

O rústico vilão, que com torpeza 6675  
 Com o suor do seu sangue se fez nobre,  
 Não aguardando tempo, a vileza  
 Do pai, mãe e avô logo descobre:  
 Estima o primor e a gentileza,  
 O honrado venera, ainda que pobre, 6680  
 Que não se há-de estimar só pela renda  
 O que honrado nasceo e sem fazenda.

## VIII.

Trás esta liberdade fui gastando  
 Os anos por Províncias mui remotas,  
 A vida de contínuo arriscando, 6685  
 Por terra em Esquadrões, por mar em Frotas:  
 Comendo um dia muito, outro jejuando,  
 Ora<sup>568</sup> despido nu, ora<sup>569</sup> sem botas,  
 Até que de misérias enfadado  
 Determinei tomar um novo estado. 6690

<sup>563</sup> No original, '*sumo*' (literalmente, '*fumo*').

<sup>564</sup> Veja-se a nota ao v. 6451.

<sup>565</sup> A forma '*quási*' apresenta vacilação no vocalismo átono em posição postónica final. Veja-se a nota ao v. 3708.

<sup>566</sup> Por "*sendeiro*", cavalo de carga pequeno, com vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

<sup>567</sup> Castelhanismo lexical.

<sup>568</sup> No original, '*Hora*'.

<sup>569</sup> *Idem*.

## IX.

Este foi tal qual foi minha ventura,  
 Pois não o tomar nunca fora acerto,  
 Fora-me melhor na sepultura  
 Estar de húmida terra bem coberto:  
 Porque uma fome e mofina pura 6695  
 Me têm chegado e posto em tal aperto  
 Que vivendo todo homem porque come,  
 Eu vivo só por só morrer de fome.

## X.

É manifesta causa destes danos  
 E de outros muitos males que padeço, 6700  
 Ser Estudante, se me não engano,  
 Na terra onde nasci, e ser sem preço:  
 A culpa é minha, pois de ano em ano  
 Ando para fugir, porque conheço;  
 Mas tem-me tão atado o sofrimento 6705  
 Que hoje sofro um néscio<sup>570</sup>, amanhã cento.

## XI.

Um jura que me vio forçar Donzelas,  
 Outros que me vêm<sup>571</sup> roubar Altares,  
 Um meu delito tem cem mil querelas,  
 Todas as noites mato homens a pares: 6710  
 As públicas matracas dei de Celas,  
 Doutros delitos fiz cem mil milhares;  
 A insignes Prelados virtuosos  
 Fiz torpes versos baixos e odiosos.

<sup>570</sup> Amostra da alternância 'sc' ~ 'c', presente ao longo de todo o Cancioneiro. Vejam-se as notas aos vv. 150 e 391.

<sup>571</sup> Forma equivalente ao moderno "veem". Veja-se a nota ao v. 205.

## XII.

Outro me tem por néscio<sup>572</sup> impertinente, 6715  
 Outro por infame emascarado<sup>573</sup>,  
 E juram ser mui lícito e decente  
 Emascarar-se<sup>574</sup> um homem avisado:  
 Assi<sup>575</sup> que a vida é qualquer agente,  
 Mas a morte é de fome em um honrado; 6720  
 Não há quem por vedar tão grandes males  
 Me encha a bolsa vazia de reales<sup>576</sup>.

## XIII.

Então o néscio<sup>577</sup> vem, e de enfadado,  
 Quer ser cortesão e dar preceitos,  
 E só por Estudante e bom Letrado 6725  
 Falar por girigonças<sup>578</sup> e mil jeitos:  
 É para mim um castigo tão pesado  
 Que me tem bofes e fígados desfeitos,  
 Assim que a fome pura, e tal madraço,  
 Me têm a vida posta no espinhaço. 6730

## XIV.

Se tivera este tal seu aposento  
 Qual tenho o meu sem banco e sem cadeira,  
 E sem dormir passara o meu tormento,  
 Pois me serve de cama uma esteira:  
 Se como a mim, lhe faltara o mantimento, 6735  
 E comera, como eu, sempre lazeira,  
 Houvera-de fazer mil desatinos,  
 Corrido a cada passo dos meninos.

<sup>572</sup> Amostra da alternância 'sc' ~ 'c', presente ao longo de todo o Cancioneiro. Vejam-se as notas aos vv. 150 e 391.

<sup>573</sup> Aparente castelhanismo na prefixação.

<sup>574</sup> Idem.

<sup>575</sup> Forma desnasalada, por "assim". Veja-se a nota ao v. 4311.

<sup>576</sup> A forma 'reales', à castelhana, é exigida pela rima.

<sup>577</sup> Amostra da alternância 'sc' ~ 'c', presente ao longo de todo o Cancioneiro. Vejam-se as notas aos vv. 150 e 391.

<sup>578</sup> Por "geringonça", com vacilação no vocalismo átono em posição pretónica e desnasalação. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 4311.

## XV.

Mas eu com tudo isto<sup>579</sup> ando pairando,  
 E é-me por demais, que quando entro 6740  
 Na pobre casa, entro suspirando,  
 Por não ter que comer da porta adentro:  
 Então com grande angústia ando buscando  
 Da engelhada bolsa o duro centro,  
 Se topo algum vintém com alvoroço 6745  
 Nas mãos o meto do faminto moço.

## XVI.

O qual com uma pressa não usada  
 Me traz quatro de pão pelo costume,  
 Seis de ovos com mais uma selada,  
 E um dos ovos foi-se pelo lume: 6750  
 Contempla, alma devota, em tal jornada  
 O que se descobre ou ainda presume  
 Que fará com tanto pão, e ovo e meio,  
 Um grande ventre de ágoa fria cheio.

## XVII.

Outras vezes também com brevidade 6755  
 (Quem dela amigo for aprenda)  
 Vai o moço com grão facilidade,  
 Entra mui prestes na primeira venda:  
 E diz à Taberneira, à puridade,  
 Que nenhum dos circunstantes o entenda, 6760  
 “–Dez de carne me dai, Senhora minha”,  
 E lhe enche a tigela de enzinha<sup>580</sup>.

<sup>579</sup> A frase '*tudo isto*' apresenta concordância em género masculino singular invariável (frequentemente denominado “neutro”), fenómeno próprio da língua popular, já que o registo culto exigiria “*todo isto*”.

<sup>580</sup> Variante de “*azinha*”.

## XVIII.

No mesmo instante, com alegre rosto,  
A carne me apresenta mal cozida;  
Tomo-lhe a salva, e com pouco gosto, 6765  
Acho-a salgada ou enxabida:  
Mas como sou de boca bem disposto,  
E não tenho para que poupar a vida,  
De carne como cinco, e da tigela  
A ágoa chilra sorvo que vem nela. 6770

## XIX.

Se um amigo me convida, é escusado  
A fábrica ou gasto em que se mete,  
Porque uma sua breve consoada  
É para mim esplêndido banquete:  
A vida trago sempre regulada 6775  
Pelo pouco que a fortuna me promete,  
Assim não faço caso da comida,  
Porque fome, *que* a outros mata, a mim dá vida.

## XX.

Assim já de comer desesperado,  
Por outra via caminhar procuro, 6780  
Astrólogo serei mui consumado,  
E o fio romperei do fado duro:  
Os olhos porei sempre no estrelado  
Cristalino Céu, que é limpo e puro,  
Eu medirei do Sol curso e caminho, 6785  
Pois não posso medir nem pão nem vinho.

## XXI.

A vida passarei contando estrelas,  
 Por não ouvir de mim mil falsidades,  
 Safisfarei a fome só com vê-las<sup>581</sup>  
 E com gozar de suas claridades: 6790  
 E quem me vir tratar tanto com elas,  
 Dirá, em que lhe pês<sup>582</sup>, do Céu verdades,  
 E se algum por si foi distraído,  
 A causa não serei de ser perdido.

## XXII.

Não me darão então por culpa e erro 6795  
 Aquilo que não foi nem será dado  
 A minha pouca dita, tal desterro  
 Qual lhe quiseram dar, mas é forçado:  
 Se houver-de morrer a sangue e ferro,  
 Deixem-me antes morrer de lazerado, 6800  
 E não pode a morte dar-me mor tormento  
 Que tomar a fome só por instrumento.

## XXIII.

E quando disto não se contentarem  
 E quiserem que morra por mofino,  
 A traça lhe darei para acabarem 6805  
 De cumprir c' o seu desejo e desatino:  
 A vez primeira que mui bem fartarem  
 Este meu ventre de comida indigno<sup>583</sup>,  
 Desta presente vida logo parto,  
 Porque eu não posso morrer senão de farto. 6810

<sup>581</sup> No original, '*velas*', para propiciar o jogo de palavras.

<sup>582</sup> Forma arcaica por "*pese*".

<sup>583</sup> Novamente, a rima indica claramente a pronúncia popular de um grupo culto. Vejam-se as notas aos vv. 1406 e 3046.

*Poesias várias.*  
 VÁRIOS SONETOS  
 DE  
 SOROR VIOLANTE  
 DO CÉU<sup>584</sup>,  
*Religiosa no Convento da Rosa de Lisboa.*  
 A LA SEÑORA  
 CONDESSA DA VIDIGUEIRA  
*Vestida de pardo por la ausencia del Conde.*  
 SONETO.

OStenta la mayor soberanía  
 En la misma humildad Nise la hermosa,  
 Quedando por bizarra victoriosa,  
 Sin deber a las galas bizzaría.  
 Por no causar su Sol tanta alegría, 6815  
 Cuando de una tristeza está quejosa,  
 Pardas nubes admite rigurosa  
 Y en pardas nubes luce más su día.  
 Oh tú, que por quedar en todo rara,  
 Opuestos admitiste en lo divino, 6820  
 Bien tu ingenio tu intención declara:  
 Pues muestra de tu Sol lo peregrino  
 En nube tan oscura<sup>585</sup> luz tan clara,  
 En traje tan grosero amor tan fino.

<sup>584</sup> São da autoria de SÓROR VIOLANTE DO CÉU este e os sete sonetos seguintes, até à p. 313, inclusive. Veja-se o Capítulo II.

<sup>585</sup> Lusismo por “oscura”.

A DONA MARIANA  
DE LUNA.

SONETO.

**M**Usas que no jardim do Rei do dia, 6825  
Soltando a doce voz, prendeis o vento;  
Deidades que, admirando o pensamento,  
As flores aumentais que Apolo cria.  
Deixai, deixai do Sol a companhia,  
Que fazendo invejoso o Firmamento 6830  
Uma Lua, que é Sol, e que é portento,  
Um jardim vos fabrica de harmonia.  
E porque não cuideis que tal ventura  
Pode pagar tributo à variedade  
Pelo que tem de Lua a luz mais pura, 6835  
Sabei que, por mercê da divindade,  
Este jardim canoro se assegura  
Com o muro imortal da eternidade.

A LA MUERTE  
DE LA SEÑORA  
DUQUESA DE AVERO<sup>586</sup>.

SONETO.

Aquí yace sin luz el Sol de Aveiro<sup>587</sup>,  
 Muerta su claridad, su día obscuro, 6840  
 Que pudo de la Parca el rigor duro  
 Dejar sin esplendor tan gran lucero.  
 Tú, que mirando estás, oh pasajero,  
 En la presente pira el mal futuro, 6845  
 Sabe que en un valor tan santo y puro  
 Principio fue del bien el mal postrero.  
 Juliana murió, mas de tal suerte  
 Siguió de la virtud el mismo paso  
 Que vive, porque es muerta, eternamente.  
 No te desmayes pues, que en esta muerte 6850  
 Si fue para tal Sol el Mundo ocaso,  
 También es de tal Sol el Cielo oriente.

<sup>586</sup> Forma castelhanizada do topónimo Aveiro.

<sup>587</sup> Idem, por necesidades de rima.

A LA SEÑORA  
CONDESA DE PENAGUIÁN.

S O N E T O .

**S**I como admiro en vós lo que en vós miro,  
 Explicara de mí lo que en mí siento,  
 No hallara en el abono detrimento 6855  
 Lo que en mí siento y lo *que* en vós admiro.  
 Mas ¡ay!, que a tanto bien en vano aspiro,  
 Oh rara suspensión del pensamiento:  
 Explique admiración, y sentimiento,  
 El exceso feliz con que deliro. 6860  
 Que quien en tal objeto contemplando  
 Como en inenso<sup>588</sup> mar se va perdiendo,  
 Callando significa, acierta errando:  
 Pues admirando, al paso que sintiendo,  
 Si ofende la cordura delirando, 6865  
 Acredita el ingenio conociendo.

<sup>588</sup> Por “*inmenso*”; a redução do grupo consonântico é prova de lusismo.

## A U N A A M I G A .

## SONETO.

**B**Elisa, el amistad<sup>589</sup> es un tesoro  
 Tan digno de estimarse eternamente  
 Que a su valor no es paga suficiente  
 De Arabia y Potosí la plata y oro. 6870  
 Es la amistad<sup>590</sup> un lícito decoro  
 Que se guarda en lo ausente y lo presente,  
 Y con que de un amigo el otro siente  
 La tristeza, el pesar, la risa, el lloro. 6875  
 No se llama amistad la que es violenta,  
 Sino la que es conforme simpatía,  
 De quien lealtad hasta la muerte ostenta.  
 Esta la amistad es que hallar quería;  
 Esta, la que entre amigas se sustenta;  
 Y esta, Belisa, en fin, la amistad<sup>591</sup> mía. 6880

<sup>589</sup> Novo caso de vacilação no género. Veja-se a nota ao v. 6308.

<sup>590</sup> Cf. nota precedente. A forma feminina aparece de novo no v. 6875.

<sup>591</sup> No original, '*amistade*'. Corrigimos a leitura por tratar-se de aparente erro material, já que é a terceira ocorrência desta voz no poema (vejam-se as duas notas precedentes) e, além do mais, porque a sua manutenção quebraria a regularidade métrica.

A EL-REI  
D. JOÃO IV.

SONETO.

**Q**ue logras, Portugal? Um Rei perfeito.  
 Quem o constituiu? Sacra piedade.  
 Que alcançaste com ele? A liberdade.  
 Que liberdade tens? Ser-lhe<sup>592</sup> sujeito.  
 Que tens na sujeição? Honra e proveito. 6885  
 Que é o novo Rei? Quási<sup>593</sup> deidade.  
 Que ostenta nas acções? Felicidade.  
 E que tem de feliz? Ser por Deos feito.  
 Que eras antes dele? Um labirinto.  
 Que te julgas agora? Um firmamento. 6890  
 Temes alguém? Não temo a mesma Parca.  
 Sentes alguma pena? Uma só sinto.  
 Qual é? Não ser um mundo, ou não ser cento,  
 Para ser mais capaz de tal Monarca.

<sup>592</sup> No original, '*ser lhe*', forma desaglutinada e não hifenizada. Veja-se a nota ao v. 5209.

<sup>593</sup> A forma '*quási*' apresenta vacilação no vocalismo átono em posição postónica final. Veja-se a nota ao v. 3708.

AO MESMO SENHOR  
D. JOÃO IV.

S O N E T O.

U M só pesar, Senhor, sente a vontade 6895  
Neste excesso da glória Portuguesa,  
E é não poder convosco uma fineza  
Deixar de parecer comodidade.  
Quem se vos rende, alcança liberdade;  
Quem vos adora, ostenta subtileza; 6900  
Servir-vos muito é denotar grandeza;  
Morrer por vós, buscar eternidade.  
Tudo finezas são, mas de tal modo  
Comodidades só parecem quantas  
Finezas há, na paga que dais nelas: 6905  
E assim de todas o remédio todo  
É fazermos por vós finezas tantas  
Que talvez o pareça alguma delas.

A O D O U T O R  
DUARTE MADEIRA  
ARRAES.

S O N E T O .

Ó Tu, *que* oposto sempre à dura Parca  
Conservas em teu ser o ser humano, 6910  
Pois por ser Esculápio soberano  
Menos respeito teu a morte abarca.  
Tu, que Arraes deves ser da vital barca  
Que navega no mar do mal tirano, 6915  
Novo Galeno, Apolo Lusitano,  
Médico enfim do Português Monarca:  
Logra de singular a feliz sorte,  
Tanto apesar da intrépida homicida  
Que sejas do mais douto imortal Norte.  
Pois vitória será bem merecida 6920  
Que quem opor-se sabe à mesma morte  
Saiba dar a seu nome imortal vida.

C A N T O  
ÉPICO E ENCOMIÁSTICO  
Em que se descrevem Soberanias, Altivezas e  
Suavidades da Voz, Discrição e Formosura  
da Senhora

D. FLORÊNCIA,

*Religiosa em certo Mosteiro.*

OTTAVAS<sup>594</sup>.

I.

Não canto as armas, canto a gentileza

Do rosto mais gentil de uma clausura;  
Porém se canto os dotes da beleza, 6925  
Canto as armas também da formosura:  
As armas são de amor pela fereza,  
E de Vénus os dotes por brandura;  
Pois quando por formosa mais se exalta,  
Com as armas de amor Florência mata<sup>595</sup>. 6930

II.

Também canto a nobreza mais seleta<sup>596</sup>  
Daquela discrição mais decorosa;  
Pois quando a formosura é tão discreta  
Não deixa a discrição de ser formosa:  
Em Florência deixou a sorte afeta<sup>597</sup> 6935  
Dous contrários usar união gostosa,  
Querendo nela, só por novidade,  
Unir a discrição com a beldade.

<sup>594</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

<sup>595</sup> Rima assoante, caso único ao longo do poema. Vejam-se as notas aos vv. 13760, 13901, 14061 e 14333.

<sup>596</sup> A forma '*seleta*' mostra mais uma vez a pronúncia popularizante de grupos cultos. Vejam-se as notas aos vv. 1406 e 2920.

<sup>597</sup> Idem.

## III.

Também canto da voz o sonoro  
 Atractivo do peito mais distante, 6940  
 Por cujo estilo vive venturoso  
 Quem só por escutá-lo morre amante:  
 Três dotes canto, e qual mais portentoso,  
 Ou três graças, e qual mais semelhante<sup>598</sup>,  
 Pois canto em cantar tal soberania 6945  
 Beleza, Discrição e Melodia.

## IV.

Não rogo *que* me inspire a sacra chama  
 Que difunde na mente discursiva  
 Aquela a quem ficou a láurea rama,  
 Por despojo da bela fugitiva: 6950  
 Não quero que me assista mais que a fama  
 Ao pintar de beleza tão altiva,  
 Pois só pode inspirar a meu contento  
 Quem repete uma voz por bocas cento.

## V.

Bela fama te louve tão-somente, 6955  
 Mas de ouvir teus assombros tão amante  
 Que nego ter alguém quando presente  
 O poder que tu tens quando distante:  
 Vem ferir-me no peito reverente  
 Aquele eco da fama penetrante, 6960  
 E quando meu amor por fé te pinta,  
 A fama dá-me a pena, o peito a tinta.

<sup>598</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 5140.

## VI.

Já não falta senão capacidade  
No meu débil furor, frágil talento,  
Mas pode a fortaleza da vontade 6965  
As trevas desterrar do entendimento:  
Não me falta da tua gravidade  
Memória, que por fé te represento;  
Porque devem três graças infinitas  
Com três potências d' alma ser descritas. 6970

## VII.

Cuidou a providência de ocultar-te  
E depois na clausura de esquecer-te,  
Somente por culpada não achar-te  
Nos estragos de quem chegasse a ver-te:  
Porém como não soube despojar-te 6975  
Daquela gentil causa de querer-te,  
Efeito do que intenta não resulta,  
Que o gentil nem se esquece nem se oculta.

## VIII.

É causa de querer-te a formosura  
Que mostra no Divino o permanente; 6980  
E se a causa é Divina, e sempre dura,  
O efeito deve ser sempre existente:  
Por isso não te impede essa clausura  
Tantas vidas tirar tão gravemente,  
Pois sempre foi com graça e com primores 6985  
Costume do gentil matar de amores.

## IX.

Também as tuas vozes, quando ouvidas,  
 Podem quanto de amor as armas fortes;  
 Que se as setas de amor acabam vidas,  
 As tuas consonâncias causam mortes: 6990  
 E pela similhaça<sup>599</sup> das feridas  
 Equivocas na glória os doces cortes,  
 Parece que por doces, e discretas,  
 As vozes são de amor, tuas as setas.

## X.

Mas já vejo, Florência, que preferem 6995  
 Às setas de Cupido as tuas vozes;  
 Porque como os teus ecos almas ferem,  
 Ostentam mais poder por mais velozes:  
 As setas com menor poder deferem,  
 Pois estas só nos peitos são ferozes, 7000  
 E parece que é menos tirar vidas  
 Que fazer nos espritos<sup>600</sup> as feridas.

## XI.

Na tua suavidade e na beleza  
 Há da glória celeste similhaça<sup>601</sup>,  
 Pois como é Céu a tua gentileza, 7005  
 A tua voz é bem-aventurança<sup>602</sup>:  
 Aqueles teus requebros por terneza<sup>603</sup>  
 Te fazem perdurável na lembrança,  
 E não devem deixar de ser lembrados,  
 Fazendo a todos bem-aventurados<sup>604</sup>. 7010

<sup>599</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 5140.

<sup>600</sup> Redução do vocalismo átono por síncope em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 90

<sup>601</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 5140.

<sup>602</sup> No original, '*bemaventurança*', forma aglutinada e não hifenizada. Outras ocorrências similares, nos vv. 7010 e 7667.

<sup>603</sup> Veja-se a nota ao v. 1466.

<sup>604</sup> Idem.

## XII.

Pela voz, pela graça e pelo agrado  
Que em ti vejo, em ti acho e em ti contemplo,  
Só teu composto belo tem ornado  
Com despojos de amor o Sacro Templo:  
Tem Cupido o seu arco pendurado, 7015  
Porque, como tu segues seu exemplo,  
Bastam só teus agrados e ternuras<sup>605</sup>  
Para ter as vitórias mais seguras.

## XIII.

Oh que forte poder, Florência amada,  
Nas tuas doces vozes se imagina! 7020  
Pois é com duas almas animada  
Cada voz que repetes, peregrina:  
É alma a discrição por elevada,  
É alma a consonância por Divina:  
E quem pode, por mais que seja isento, 7025  
Negar às vozes d' alma o rendimento!

## XIV.

Até o Amor de amor por ti perdido,  
À vista dessa luz em que me emprego,  
Perdendo o ser de lince fementido,  
Só por ver-te ficou de todo cego: 7030  
E eu sem ver-te da mesma luz ferido  
À força dos reflexos não me nego,  
Nem podia negar-me aos resplandores  
De quem o mesmo Amor cega de amores.

---

<sup>605</sup> Veja-se a nota ao v. 1466.

## XV.

Porém cegar o Amor por ti de amante 7035  
 Muito bem pode ser, pois em ti mora;  
 Mas um peito, Florência, tão distante,  
 Como assim de teus olhos se namora!  
 Confesso que me deixa vacilante  
 O efeito de uma causa que se ignora; 7040  
 Mas bem se mostra a causa da porfia  
 Adonde<sup>606</sup> não se esconde a simpatia.

## XVI.

Mas ai, que dous ultrajes vou fazendo  
 No afecto e no louvor que te vou dando!  
 Ultrajo o teu decoro em te ir querendo, 7045  
 Ultrajo o teu primor em te ir louvando;  
 No louvor, por ser teu, vou-te ofendendo,  
 No afecto, por ser meu, vou-te agravando;  
 Pois agravam sujeitos<sup>607</sup> superiores,  
 Por humildes, afectos e louvores. 7050

## XVII.

Porém quando em mim vês tanta humildade,  
 Não trates por indigno o que é decente;  
 Pois todo o sacrificio da vontade  
 Humilde pode ser, mas reverente:  
 Inclina por um pouco a Divindade, 7055  
 Se é que o teu génio altivo to consente,  
 E verás se parece horror mui fero  
 Desprezar por humilde o que é sincero.

<sup>606</sup> 'Adonde' por "onde". Veja-se a nota ao v. 829.

<sup>607</sup> Não deve entender-se como núcleo do sujeito, senão do acusativo.

## XVIII.

Oh não te esqueças, não, bela Florência,  
Da fé que te consagro na distância! 7060  
Mas aí, que, tendo tu muita excelência,  
Parece que não tens muita constância!  
A beleza é tirana por essência;  
E como tens a mesma circunstância,  
Vais fazendo tiranos desperdícios 7065  
De tantos amorosos sacrifícios.

## XIX.

Para a fé que minha alma te segura,  
Não importa que sejas rigorosa;  
Que para ser constante, viva e pura,  
Só lhe basta que sejas tão formosa: 7070  
Mas ainda para amar por conjectura,  
A tua faculdade lhe é forçosa;  
Pois sem dares o teu consentimento  
Não te quero agravar por pensamento.

## XX.

Mas aí, *que* o fero amor com finas traças 7075  
Me foi fazer errar os meus projectos!  
Pois entrei decantando as tuas graças,  
E fui por fim chorando os meus afectos:  
Porém como os discursos embaraças  
Com dotes superiores e selectos, 7080  
É força que quem chega a decantar-te  
Não acabe o seu canto sem amar-te.

# JORNADAS

DE

## JERÓNIMO BAÍA<sup>608</sup>.

### DEDICATÓRIA.

**M**Eu *Dom* Francisco de Sousa,

Que por línguas tão diversas  
Sois homem de muitas partes, 7085  
Nascendo só numa terra:

Vós, cujas armas publicam,  
De crescentes Luas feitas,  
Que sois Fidalgo nas Luas,  
Que ainda é mais que nas Estrelas: 7090

Vós, César novo *in utroque*<sup>609</sup>,  
Digo na espada e na pena,  
Em quem é lustre, e não mancha,  
O ter folha e saber letra:

Vós, que no jogo da espada 7095  
Tendes a dextra tão destra  
Que quem vos mantém o jogo  
Sempre de piques se queixa:

<sup>608</sup> Obviamente, não há nenhuma dúvida quanto à atribuição da autoria a **JERÓNIMO BAÍA**.

<sup>609</sup> O *itálico* é nosso.

---

Vós, que ao ginete mais bravo, Sem esporas e sem rédeas, Quando não é todo trigo, O meteis numa joeira:	7100
Vós, a quem fez Capitão A Musal Corte novena, Que por versos de Bengala Vos dá posto de gineta:	7105
Vós, (mas basta tanto vós) Que a minha Musa burlesca Temo que dela se diga Que não canta, mas vozea.	7110
Passo pois avante, e digo Que a mim me deo na veneta (Que a minha vea por pobre É mais veneta que vea)	
Escrever-vos mui de burlas O que senti mui de veras: Ouvi pois minhas jornadas, E vereis minhas tragédias.	7115
Ouvi, Francisco elegante, Que cedo Musa mais tersa, Revestindo meus afectos, Celebrará vossas prendas.	7120

# JORNADA I. DE LISBOA PARA COIMBRA.

ROMANCE.

**O** Senhor da Esfera quarta,  
Mais armado que o da quinta,  
Pois sempre traz a pessoa 7125  
Dentro num sino metida,  
    Ouro brilhante pesava  
Que foi nascido nas Índias,  
Ouro fino para Dafne,  
Bem que Dafne lhe pôs liga. 7130  
    Não puro para jacinto,  
Pois dizem prender queria  
Em seu ouro amartelado  
Jacinto por pedra fina.  
    Porém façamos já ponto, 7135  
Que não quero que se diga  
Vai minha Musa com peso  
Mas que não vai com medida.  
    Pesava todo o seu ouro  
A deidade sobredita, 7140

E por sinal que pesava  
 Todo o seu ouro uma libra.  
 Quando (não ouvida mágoa!)  
 Parti (não dita desdita!<sup>610</sup>)  
 De Olissea<sup>611</sup>, ai Olissea! 7145  
 Para Coimbra, ai Coimbra!  
 As meninas dos meus olhos  
 Choravam como meninas  
 Pedacos d' alma, que então  
 De cântaro parecia. 7150  
 Perlas<sup>612</sup> netas não choravam,  
 Que, como são tão tenrinhas,  
 Inda<sup>613</sup> não têm perlas netas,  
 Apenas têm perlas filhas.  
 Dava-me a ágoa pela barba, 7155  
 E creio se afogaria  
 O meu rosto, se o meu rosto  
 Não nadara com bexigas.  
 Mas ah sim, que o dia e hora  
 Da jornada me esquecia, 7160  
 Porque sobre *ingenium tardum*<sup>614</sup>  
 Sou também *memoria infirma*.  
 De outro dia me parece  
 Que foi aquela hora esquiva,  
 Pois foi a hora de terça, 7165  
 Sendo da segunda o dia.

<sup>610</sup> No original, com vírgula: 'não dita, desdita'.

<sup>611</sup> Cf. 'Ulissea', no v. 764, e 'Ulisses', no v. 463.

<sup>612</sup> Variante de "pérolas". Veja-se a nota ao v. 912.

<sup>613</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>614</sup> O itálico, neste verso e no seguinte, é nosso.

Se quereis ver meu alforge,  
Ouvi minha Poesia,  
Que se não dais audiência,  
Mal vos poderei dar vista. 7170  
Três aves, que num só vale  
Fiz eu despachar da vida,  
Matei; mas não foi façanha,  
Porque enfim eram galinhas.  
Mais um, que qual verso culto 7175  
Dente de coelho tinha,  
Animalejo tão rico  
Que tem em casa uma mina.  
O Grão Diogo Ferraz,  
A quem Castela inimiga 7180  
Mais que bravo no apelido  
Vio bravo na valentia,  
Seis queijos para meus queixos  
Me deo com grão fidalguia,  
E foram para a memória 7185  
Não achaque, mas mezinha.  
Os doces vos não descrevo,  
Pois bem vedes que convinha  
Levar alforges de doce  
Um engenho da Bahia. 7190  
Só caminhei duas légoas,  
E porque rifões desminta,

---

De vir mal acompanhado O vir tão só me não livra. Na Boca de Sacavém	7195
Encontrei línguas malditas, Que mais que a Boca de larga Tinham elas de compridas. Rico fora o meu barqueiro Mais que Cresso, mais que Midas, Se recolhera de juros O que de juras dizia. Reinava no mar um vento Daqueles que Camões pinta, Tão valente que de um sopro A mil velas mataria.	7200
Para reparar seus golpes Pus uma gorra de frisa; Mas ele se fez tão fácil Que de gorra se metia.	7205
Tomei terra, achei pousada; Chamei, respondeo Maria: Pôs-se a mesa, e sobre a mesa Pão de segunda e de prima. Agora, Apolinho, agora Mandai, meu louro, que assista A Poeta comedor Uma Musa comezinha.	7210
	7215

Comi dous Santantoninhos Com uma fome excessiva, E ser então papa-santos Não foi certo hipocrisia.	7220
Despachei o pão primeiro, E o outro, que se seguia, Não estava todo trigo, Vendo fome tão canina.	7225
Pedi mais peixe, mais peixe Pôs rebolindo <sup>615</sup> a mocinha Pescada partida em postas, E pela posta comida.	7230
Cuidareis, lendo meus versos, Que jantei com alegria? Ah, que levei muitos tragos Por certas razões que tinha!	7235
Acabo pois de jantar Nesta rima, e nesta rima Basta dizer a Deos graças, Sem que aos homens graças diga.	7240
Cavalguei <sup>616</sup> num macho negro, Que já ser branco podia, Posto que <sup>617</sup> está nos seus treze: Bela idade para Ninfa!	
Caminhei de espora e botas, E sempre o moço dizia	

<sup>615</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

<sup>616</sup> No original, 'Calvaguei', por erro tipográfico.

<sup>617</sup> 'Posto que' é usado aqui em sentido castelhano. Veja-se a nota ao v. 4080.

Nas tabernas: «–Lança, lança»;	7245
Nas estradas: «–Pica, pica».	
Também fui só nesta tarde,	
Sem encontrar alma viva,	
Mariano do deserto,	
Não Padre da Companhia.	7250
Dei c' o <sup>618</sup> meu corpo na Alhandra,	
Estalagem bem provida,	
Já quando a boca da noite	
Beijava o rabo do dia.	
Não me estranheis este verso,	7255
Pois com razão conhecida	
A taes beijos taes alfaces	
Aplicou minha Talia.	
Perguntei: «–Há que comer?»	
Respondeo-se: «–Há azevias»:	7260
E temi, porque não são	
A negros muito propícias.	
Contudo doze comi,	
E dando-mas mui bem fritas,	
Me admirei de vir tão quente	7265
Peixe que tão fresco vinha.	
Eram valentes as doze	
Às doze mil maravilhas,	
Mas eu as <sup>619</sup> deixei tão fracas	
Que foram postas na espinha.	7270

<sup>618</sup> No original, 'co" por 'c'o'.

<sup>619</sup> Próclise anómala. Veja-se a nota ao v. 2535.

Numa caixa de perada  
 Bem temperada e bem fina  
 Já tocava a recolher,  
 Porque marchar<sup>620</sup> não podia:  
     Quando vossas saudades, 7275  
 E logo lágrimas minhas,  
 Deixaram qual peixe na ágoa  
 O peixe que em mim se via.  
     Da cea me levantei,  
 E porque o sono caía, 7280  
 Presto caminhei da Cea,  
 Com ser tão longe, a Caminha.  
     Fim da Jornada: *Laus Deo*<sup>621</sup>,  
 E quem me não der um viva,  
 Morra de morte macaca 7285  
 Sem uma vela bugia.

## JORNADA II.

ROMANCE.

**A** Bela mãe de Memnon,  
 Memnon monstruoso parto,  
 Porque, sendo a mãe tão alva,  
 Foi o filho tão mulato; 7290

<sup>620</sup> Castelhanismo lexical por “*ir*”.

<sup>621</sup> O *itálico* é nosso.

Como bela belicosa, Armada de ponto em branco Campava com sua estrela E capeava os mais astros:	
Quando, amicíssimo Sousa, De uma cama me levanto, Que foi, por fria, de vento, Que foi, por dura, de campo.	7295
Pus-me a cavalo, mas minto, Não me pus senão em macho Tão matador que estivera Num potro mais descansado.	7300
De singular presumido Deixa o caminho trilhado, Não anda a rasto da besta, Sendo besta que anda a rasto:	7305
Esgrimidor fez o golpe Onde não fez o ameaço, Pois, por matar-me a reveses, Sempre me buscava atalhos.	7310
Eu lhe grito: «—Por que foges, Dize <sup>622</sup> , besta do diabo? Não de diabo ligeiro, Mas de algum diabo tardo.»	
Dando um sonoro orneio, Que intimidou o laçao,	7315

---

<sup>622</sup> Veja-se nota ao v. 3492.

Me respondeo mui humilde,  
 Que nunca foi desbocado.  
     Escutai, que é mui subtil,  
 E vereis, Francisco amado, 7320  
 Em versos mui pouco fêmeos  
 Conceitos mas muito machos.  
     «–Nada comi na estalagem;  
 Como quer, pois, Senhor amo,  
 Que tenha pés de repente 7325  
 Quem não tem pés de pensado?»  
     »Fujo a estrada por fugir  
 Um atoleiro nefando,  
 Porque sendo tão agudo,  
 Não é bem fique atolado.» 7330  
     »De que lhe serve apertar-me  
 Essas estrelas nos lados,  
 Se as vejo mais de faminto  
 Do que as sinto de picado?»  
     »Há quási<sup>623</sup> dezesseis<sup>624</sup> horas 7335  
 Que me têm feito mil quartos  
 Seus piques, porque seus piques  
 Só são de saca-bocado.»  
     »De mais, que já sou mui velho,  
 E qual se fora novato 7340  
 Há seis dias me meteram  
 Mil encravações nos cascos.»

<sup>623</sup> A forma 'quási' apresenta vacilação no vocalismo átono em posição postónica final. Veja-se a nota ao v. 3708.

<sup>624</sup> No original, 'dezeseis'. Veja-se a nota ao v. 102.

»Quer que caminhe com fome Como caminho com pasto? Sou eu <i>Genu</i> <sup>625</sup> , para ser Um mesmo em diversos casos?»	7345
»Quem disse “barriga farta, Pé dormente” <sup>626</sup> é um madraço, Pois eu tenho o pé dormente Em não tendo o ventre farto.»	7350
»Nem ágoa me sabem dar, E com efeitos contrários, Quando venho mais sedento, Então venho mais agoado.»	
»Morto me creio, meu Padre: Se, pois, estima os adágios, Depois do seu asno morto Lance-lhe cevada ao rabo.»	7355
»Seja liberal comigo, Que, bem que conto mil anos, Um Bucéfalo serei Se for comigo Alexandro.»	7360
»Como posso caminhar Por um caminho empedrado, Se está calçado mui bem, Quando me acolhe descalço?»	7365
»Se vou por um prado ameno De mil flores matizado,	

<sup>625</sup> O *itálico* é do original.

<sup>626</sup> As aspas no rifão são nossas.

Piso lírios, piso rosas, Porém nunca piso cravos.»	7370
»A penúria me tem feito Poeta de pé quebrado, As chagas me fazem Câncer, Então como Câncer <sup>627</sup> falo.»	7375
»Porém já não falo mais, Porque temo ser notado, Que quem vive tão estreito Não é bem fale tão largo.»	7380
»Mas vá devagar, que eu espero, Bem que seja censurado, Que só por não ver-me em pressas Escolho ver-me em trabalhos.»	7385
»Tanto os vagues estimo, Tanto com pressas me canso, Que fugi de ser vendido Só por não ser apressado.»	7390
»Contar-lhe quero um segredo, Mas tanto que for contado, Mande-me tapar a boca Com todos os de cavalo.»	
»Aqueles meias Inglesas Para o Miranda admirando, Que é cunhado de seu tio, Mas não val <sup>628</sup> mais por cunhado;»	

<sup>627</sup> Jogo de palavras que inclui uma referência a Jerónimo Câncer, poeta castelhano da altura. Veja-se nota ao v. 7627.

<sup>628</sup> Por “vale”. Veja-se a nota ao v. 5780.

»Per <sup>629</sup> si só têm tanto preço, Têm per si só valor tanto Que bem que não é bisonho, Nunca poderá ser pago.»	7395
»Essas meias, pois, lhe ficam Na mão do vendeiro Caco, Que só mear lhe faltava Para ser de todo gato.»	7400
Acabou sem dizer <i>Dixi</i> <sup>630</sup> O machinho de cansado, Mui sobrado de razões, Porém de razões mui falto.	7405
«–As minhas meias, infame», Disse então para o lacaio, «É bem que em venda me fiquem Depois de tê-las comprado?»	7410
«–Tornemos atrás por elas», Me disse; mas eu, bizarro, «← <i>Eso no es de Caballeros</i> » <sup>631</sup> Lhe respondo em Castelhana.	
»Torna tu só para Turco, E dize <sup>632</sup> a esse borracho Que se te der o perdido, Que tu lhe darás o achado.»	7415
»Dize-lhe <sup>633</sup> que sou sobrinho De um Lente de Prima raro,	7420

---

<sup>629</sup> Arcaísmo por “*por*”.

<sup>630</sup> O *italico* é nosso.

<sup>631</sup> *Idem*.

<sup>632</sup> Veja-se nota ao v. 3492.

<sup>633</sup> *Idem*.

Há muitos anos Marçal, Ha poucos meses Casado.»	
»Dize-lhe <sup>634</sup> mais que é meu tio Desembargador de Agravos, Que se põe embargo às meias, Que tem certo o desembargo.»	7425
»Ameaça-o com algozes, De que o Reino está mui farto, Pois é cousa que já Deos Os dá por esses Carrascos.»	7430
»Quando nada disto baste, Chama o Juiz espadano, Que to prenda; e pois tem meias, Tenha ligas o velhaco.»	
»Dize-lhe <sup>635</sup> que será sempre Em meus cultos Sonetaços Não espadano Juiz, Porém sim Juiz louvado.»	7435
»Dize-lhe <sup>636</sup> . Mas isto basta, Vai correndo, vai voando, Que te terei por bom servo Se correres como um gamo.»	7440
Partio de carreira o moço, Eu me fiquei esperando As meias sobre a carreira, Porém não sem sobressalto <sup>637</sup> .	7445

<sup>634</sup> Veja-se nota ao v. 3492.

<sup>635</sup> Idem.

<sup>636</sup> Idem.

<sup>637</sup> No original, '*sobressalto*'. Veja-se a nota ao v. 102.

Em Vila-Nova esperei  
 Deste dia blasfemando,  
 Mas não levarei mordança,  
 Que não era o dia santo. 7450  
 «–Oh terça-feira», lhe disse<sup>638</sup>,  
 «Oh dia sempre aziago  
 A Bahias pelas meias,  
 A Menezes por sapatos!»  
 »Oh, que bem que foste a Marte, 7455  
 Sem ser livro, dedicado,  
 Dia mais cru que D. Pedro,  
 Mais que D. Afonso bravo.»  
 »De aço se veste o teu Deos  
 De valente rebentando, 7460  
 Porém mais do que nas guerras  
 Nos amores gasta o aço.»  
 »Vai-o perguntar a Febo,  
 Vai-o saber de Vulcano,  
 Que eu não quero referir 7465  
 Successo tão enredado.»  
 »De mais, que fábulas digo,  
 Se to disse, mentecapto:  
 Não deves ser fabulista,  
 Porque tens pouco de humano.» 7470  
 Distava igualmente o Sol  
 Do Oriente que do Ocaso,

<sup>638</sup> Próclise anómala. Veja-se a nota ao v. 2535.

O Sol badalo luzido De tantos Signos <sup>639</sup> dourados.	
Mas o relógio das tripas	7475
Apontava as três ou quatro, Que como estava mui leve, Corria mui apressado.	
Quando pedi de jantar, Deram-me coelho assado,	7480
Que já foi lançado acima, Que já foi lançado abaixo.	
Deo-mo o famoso Pereira; E posto que neste caso	
Um só coelho me dá,	7485
É senhor de muitos dados.	
Chegou mais uma galinha Das três que tenho contado, E tive pão como terra E vinho como bagaço.	7490
Jantei, fiz da casa cama E travesseiro do manto, Deitei-me falto de gosto, Porém de cama sobrado.	
Dormi e acordei mil vezes,	7495
Nas meias imaginando Que me tomaram de meias O desvelo e o descanso.	

<sup>639</sup> O jogo de palavras '*signos*' ~ '*sinos*' ratifica a pronúncia popularizante do grupo culto. Vejam-se as notas aos vv. 1406 e 3046.

Chegou o lacaio enfim,  
 Odre vivo e novo Baco, 7500  
 De meias mui mal provido,  
 De botas mui recheado.  
 A poder de puro tinto  
 Deixou as meias em branco:  
 Não trouxe o magano meias, 7505  
 Mas trouxe gata o magano.  
 «-Trazes as meias?», lhe disse<sup>640</sup>;  
 E respondeo mui borracho:  
 «-Meias sim, porém canadas,  
 Que quanto Inglesas não trago.» 7510  
 Das meias me fez meadas,  
 E falou taes embaraços  
 Que, buscando umas Inglesas,  
 Com mil inglesias o acho.  
 Perguntei-lhe se comera. 7515  
 Disse que não amuado:  
 Dei-lhe então uma galinha,  
 Bem que merecia um galo.  
 Parto enfim de Vila-Nova,  
 Enfim na Azambuja paro, 7520  
 Onde fiz este Romance  
 Mui miserável, mui largo.  
 Foi feito à dourada luz  
 De um candieiro<sup>641</sup> estanhado:

<sup>640</sup> Próclise anómala. Veja-se a nota ao v. 2535.

<sup>641</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

Se tem graça, o candieiro <sup>642</sup> Me emprestou o garavato. Ceei, sem limão nem lima, Outra franga como um pato, Foi mal limado o comer, Qual o verso mal limado.	7525      7530
Dous contrários num sujeito Acho no licor do cacho, Pois tendo espírito pouco, Era não pouco arrobado <sup>643</sup> . O sono, ladrão da vida, É ladrão também do fato, Porque nos deixa em camisa Mais cruel quanto mais brando.	       7535
Neste ponto me rendeo O meu plectro, Sousa claro: Foi fácil ficar dormindo Quem nunca foi acordado.	   7540

## JORNADA III.

### ROMANCE.

**R**ompia esquadrões de Estrelas  
Na celestial campanha,  
Dando com balas de argento  
Uma bela rociada.

7545

---

<sup>642</sup> Veja-se a nota precedente.

<sup>643</sup> Redução do ditongo *ou*. Para outros casos similares, veja-se a nota ao v. 1108.

Bem que são todas uns raios,  
De tal sorte as despachava  
Que só ficou uma Estrela  
Para contar da batalha. 7550  
Companhias de volantes  
Deixam de estar emboscadas  
Vendo palma tão luzida,  
Vendo vitória tão clara.  
Todos ornados de plumas 7555  
E todos postos em ala,  
Quando triunfa no Céu  
Na terra lhe fazem salva.  
Perguntareis quem triunfa?  
Digo que bem se declara, 7560  
Deixando a pessoa em branco,  
Que a tal pessoa era a Alva.  
Era do pobre Titon  
A bela mal maridada;  
Pobre lhe chamei: mal disse, 7565  
Que Titon tem muita branca.  
Era a Deidade que brinca  
O Céu de mil cores várias,  
Mas bem que em brincos começa,  
Em chorinhos sempre acaba. 7570  
Era: porém basta de Eras,  
Que se lhe dou eras tantas,

Ficará terrível dona,  
 Não ficará bela dama.  
     O que quero que isto monte 7575  
 É que no Céu se mostrava,  
 Se não tão batalhadora,  
 P[e]lo<sup>644</sup> menos assomada.  
     Quando muito dorminhoco  
 Saí da dita pousada, 7580  
 Porque é quarto da modorra  
 Para mim o quarto da Alva.  
     Fui caminhando e dormindo;  
 Porém a poucas passadas,  
 Com não ser pessoa ilustre, 7585  
 Me vi pessoa estirada.  
     Cama me buscou o macho  
 Quando vio modorra tanta,  
 E foi custosa, pois nela  
 Me vi coberto de lama. 7590  
     Enfim dormindo caí,  
 Mas dei a queda tão branda  
 Que depois de estar caído  
 Cuidei que fora sonhada.  
     Da roupa me não passou, 7595  
 Meu Senhor, esta desgraça;  
 Porém encher-se de barro  
 Não foi barro para a capa.

<sup>644</sup> O original apresenta o segundo tipo defeituoso: 'Pclo'.

Quando aqui caio, o lacaio  
Qual onça ligeiro salta; 7600  
Por onças me serve o moço,  
Mas por arrobas me enfada.  
Porém baste já de queda,  
Porque suspeito vos cansa  
Ver de Autor tão bem caído 7605  
Tão mal caídas palavras.  
Cuido vão pastas de lodo,  
Quaes do vestido as botava:  
Mas não me culpeis, que em quedas  
Muito chãmente se fala. 7610  
Almoçar fui ao Cartaxo  
Numa venda desastrada,  
Muito limpa de cozinha  
E muito suja de sala.  
Apresentou-me a vendeira 7615  
Cruel bacalhao de pasta:  
Oh quem lhe pagara em solas  
O que em bacalhao me dava!  
Bem que tinha muito sal,  
Eu lhe achei tão pouca graça 7620  
Que me indignei, mas enfim  
Não me passou da garganta.  
Deixei ao lacaio o peixe,  
E pus-me eu a ler as chanças



Às dez cheguei ao Mosteiro,  
 E para tratar da pança,  
 Bem que chegava ficar<sup>647</sup>,  
 A desoras não chegava.

Não refiro o que comi, 7655  
 Pois cuido que já me chama  
 O leitor *amicus mensae*<sup>648</sup>,  
 Sendo eu amigo *usque ad aras*<sup>649</sup>.

A Santa Clara cheguei,  
 Onde, e não pouco estrelada, 7660  
 A gema da formosura  
 Achei numa Freira Clara.

Consenti-me que vos pinte  
 Amarílis a galharda,  
 Que dela não direi cousa 7665  
 Que lhe não venha pintada.

Ei-la<sup>650</sup> vem, ei-la aparece,  
 Ei-la sae a formosaça  
 Com vestido de Quaresma,  
 Porém com cara de Páscoa. 7670

Era mar de formosura  
 A cara mil vezes cara,  
 E por ser sempre mar leite,  
 Maré de rosas formava.

Advirta o leitor que aqui 7675  
 Do cabelo se não fala,

<sup>647</sup> No original, '*Bem que chegava deixe ficar*'. É óbvio que essa leitura é errada tanto por problemas de sentido quanto de medida, pelo que optámos por suprimir '*deixe*' para repor o sentido e a regularidade métrica.

<sup>648</sup> O *italico* é do original.

<sup>649</sup> *Idem*.

<sup>650</sup> No original, '*Eila*', forma aglutinada e não hifenizada, em todas as três ocorrências tanto neste verso quanto no seguinte. Veja-se a nota ao v. 7006.

Porque quando tomou ordens,  
Logo ficou tonsurada.

Deixou diferentes sedas  
Só por buscar a lã parda; 7680  
Mas quando veio por lã,  
Foi a moça tosquiada.

É de leite, e de deleite,  
Sua fronte dilatada,  
Mas de leite a quem pudera 7685  
Dar o leite meia nata.

Menos branca junto dela  
Se via a branca toalha,  
Mui de Holanda para as vistas,  
Mui para as vistas de caça. 7690

Os olhos são tão suaves,  
Inda<sup>651</sup> quando está mais brava,  
Que se arregala seus olhos,  
Todos os olhos regala.

As pestanas fura-vidas, 7695  
Tão agudas como largas,  
Eram picantes ouriços  
De suas luzes castanhas.

São da cor das violetas,  
E bem merecem que a fama, 7700  
Melhor que Pestanas rosas,  
Conte violetas pestanas.

---

<sup>651</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

Vendo das floridas faces A purpúrea cor nevada, Ficarão postas na espinha Tírias rosas, rosas brancas.	7705
O nariz em branco fique, Que minha Musa atentada, Por nele se não perder, O quer deixar como o acha.	7710
Nisto de pintar narizes O mesmo Febo se enfada, De tal sorte que lhe chega Aos narizes <sup>652</sup> a mostarda.	7715
Contudo lhe chamarei Na culta Latiniparla Península de marfim Entre pélagos de nácar.	7720
Porém, se quereis que fale Mais que de veras, de chança, Lhe chamo Torre de Faro Luzidamente espelhada.	7725
Apenas se abre uma flor Na boquinha nacarada; Porém abrem-se mil glórias, Posto que apenas se abra.	
Os dous golosos <sup>653</sup> beicinhos, Vestindo fina escarlata <sup>654</sup> ,	

<sup>652</sup> Uso infrequente da forma plural do substantivo, talvez por castelhanismo.

<sup>653</sup> Vacilação no vocalismo átono pretónico: a coincidência com a forma castelhana pode denotar interferência linguística. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 1427.

<sup>654</sup> Por “*escarlata*”, com vacilação do vocalismo átono em posição postónica final. Veja-se a nota ao v. 3708.

São Cardeas de Florença, Amicíssimos do Papa.	7730
Os Cardeas o permitam, Pois convém a tal Zagala Urbana púrpura sim, Que não púrpura serrana.	7735
Com uma voz, e mil vozes, A garganta ao rosto fala, E diz: «–Depois de vós nós, Vós sois Sol, nós somos alva.»	7740
Enfim, que tinha Amarílis Nos olhos e na garganta <i>Castaneas, nucesque meas,</i> <i>Quas Amaryllis amabat</i> <sup>655</sup> .	7745
Oh que bem soa o versinho Da Talia Mantuana! Daqui se colhe que os versos Partidos têm sua graça.	7750
Porém, reparos deixando, Rematemos o que falta, E bem que seja sesuda <sup>656</sup> , Fique a moça rematada.	
O mais cândido leitor Seu epíteto às mãos larga, E fica a prata mais rica Tão pobre que não tem branca.	

<sup>655</sup> O itálico é do original.

<sup>656</sup> Variante de “*sisuda*”, que pode ser considerado mais um caso de vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. A coincidência com a forma castelhana pode denotar interferência linguística: vejam-se as notas aos vv. 437 e 1427.

---

Encordoava os extremos Da cintura delicada Um cordão que ao Céu chegou, Sendo nascido das malvas.	7755
Não tive de pé cantiga Para ver do pé a planta; Porém digo, e que bem digo!, Que seu pé num ponto nada.	7760
Da condição nada sei, Mas ser boa se declara, Porque tão bela pessoa Deve ser pessoa branda.	7765
Enfim no garbo, no brio, É seu corpo feito de almas, Desalmado tem mais obras, Boa vista tem Almada.	7770
À gentileza as Sereas São com ela comparadas, Estas nem carne, nem peice <sup>657</sup> , Aquela carne de vaca.	
Viram-se junto a seu rosto Ariadna e Atalanta, Atalanta em muitas partes, Num Labirinto Ariadna.	7775
A bela filha de Ceres, De Perseo a gentil dama,	7780

---

<sup>657</sup> Por “peixe”, com despalatalização.

Uma ficara trigueira, Outra atadinha ficara. Ficaram do grande Eneas As consortes olvidadas, Creusa toda perdida,	7785
Dido <sup>658</sup> toda traspassada. A brancura, e a brandura, De seu rostinho deixara Tisbe negra como Moura, Dafne dura como planta.	7790
Se o Sol de seus olhos vira, Rodas <sup>659</sup> ao Sol dedicara, Deixando o Sol com seus olhos, Rodas <sup>660</sup> lhe chamara Amalta.	7795
Se tornara a competir Sobre a maçã Vénus alva, Posto que venceo em Ida, Não vencera na tornada.	7800
Porém direis que sou largo, Sendo mui breve a muchacha; Mas bem que ficou pequena, Crede que não ficou baixa. Alta por seus ascendentes, E por suas prendas alta, Só no corpo é mal medida, Porém não é mal talhada.	7805

<sup>658</sup> No original, *'Digo'*. O sentido exige *'Dido'*, já que se fala nas consortes – em plural – de Enéias.

<sup>659</sup> Castelhanismo por “*Rodes*”.

<sup>660</sup> *Idem*.

Falei-lhe com bravo estilo, Porém <sup>661</sup> com modéstia rara, Pois chegando a <i>Musa, Musa</i> <sup>662</sup> , Não passei a <i>Amo, amas</i> .	7810
Discorria respeitoso, Amante me não mostrava; Rara foi a cortesia, A continência mais rara. Não sei inda <sup>663</sup> entender como	7815
Suas discretas palavras, Tendo tantas descáidas, Têm tanto de levantadas. Mas os conceitos que diz, Já nas veras, já nas graças,	7820
Não retratarei, amigo, Que o que diz não se retrata <sup>664</sup> . Houve merenda no caso, De diversos doces ampla; Foi esta tarde mui doce, Mas também foi mui salgada.	7825
Despedi-me quando o Sol Em todo um mar se afogava, Que quem é Sol não convém Afogar-se em pouca ágoa.	7830
Ó Musa sentenciosa, Como me dás esperanças	

<sup>661</sup> No original, '*Poaêm*', por erro tipográfico.

<sup>662</sup> O *itálico*, neste verso e no seguinte, é do original.

<sup>663</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>664</sup> A presença de '*retrata*' por "*retracta*" constitui, além de um novo jogo de palavras, mais uma prova da pronúncia popular de grupos consonânticos cultos. Vejam-se as notas aos vv. 1406 e 2920.

De andar mui cedo por feitos,  
 Pois já por sentenças andas.

Chego a casa, põe-se a mesa;  
 Mas acabe-se a jornada  
 Que teve, por ser terceira,  
 Grã parte de Franciscana<sup>665</sup>.

7835

## JORNADA IV.

### ROMANCE.

**A** Demócrita do Céu,

Ou a Heráclita do Pólo,  
 Que se desfaz toda em riso,  
 Que se desfaz toda em choro:

7840

Filósofa no desprezo,  
 De pérolas um tesouro  
 Derramava sobre a terra,  
 Bem que<sup>666</sup> as trazia nos olhos.

7845

Quando acordei, doce amigo,  
 Ao som de meus próprios roncoss:  
 Era o tal sono cobarde,  
 Ronquei-lhe, e fugio logo.

7850

Vesti-me e o rosto lavei,  
 Porque se não lavo o rosto,

<sup>665</sup> Encobrimento do nome Francisca Ana, que obviamente não era freira.

<sup>666</sup> No original, 'qne', por erro tipográfico.

Por meios de deslavado Se mete a ser vergonhoso. Almocei um frangainho <sup>667</sup> ,	7855
E pêras cobertas oito; Seis foram, mas conto mais, Porque me vem mais a conto. Os consoantes pediram As duas que de mais ponho,	7860
Que por amigos de doce Querem campar de bom gosto. Inda <sup>668</sup> que as tiro da boca, O que me pedem lhe otorgo <sup>669</sup> ,	7865
Que como são tão meus amos, Com eles pêras não jogo. Montei, meu Sousa, no macho, Bem que nele nada monto, Pois da minha autoridade É inimigo nos ossos.	7870
Por esses trigos me vou, Porém no campo espaçoso, Bem que vou por esses trigos, Do caminho não me alongo. Na Golegã descavalgo,	7875
Ou desmacho, que é mais próprio, E se desasnara fora Mui mais elegante modo.	

<sup>667</sup> Forma anómala, pelo expectável diminutivo “*franguinho*”.

<sup>668</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>669</sup> Redução do ditongo *ou*. Veja-se a nota ao v. 1108.

Estalagem à mão direita, Num aposento tão roto Que por seus velhos remendos Se viam seus entreforros.	7880
A miséria lhe notei, Mas a soberba mais noto; Porque, tendo poucas partes, Acho não tem fumos poucos.	7885
Poeta me pareceo, Mas não Poeta ostentoso, Porque com ter várias rimas, Mostra nada ter composto.	7890
Um instrumento de boca Temperou nossa ama logo, E eu vendo que ela tempera, Minha garganta disponho.	7895
Mas nisto chegou nossa ama Com um prato mui formoso, Porque tinha uns olhos verdes A pedir de boca os olhos.	7900
Eram mui tenros <sup>670</sup> , mui doces; Mas sou eu de tão mau gosto Que com serem taes, os trouxe Entre meus dentes um pouco.	
Depois dos olhos de couve Uma forçurinha como,	

---

<sup>670</sup> Veja-se nota ao v. 1093.

E comi bem por miúdo, Bem que o digo mui por grosso.	7905
Uma franga mui sem pena No cadafalso goloso <sup>671</sup> , Por ser cristã nova um tanto, Saio <sup>672</sup> condenada ao fogo.	7910
Era o vinho que bebi Tão delgado, tão gostoso, Que muitos furos abaixo Lhe fica o Falerno tosco.	
Era enfim tal que melhor Que a Freira de melhor gosto Obrigaria a os <sup>673</sup> amantes Não se apartarem do torno.	7915
Regalei-me como um Padre E fartei-me como um tolo, Cevei-me como espingarda E fiz-me como um pelouro.	7920
Comi finalmente um doce, Mas por ser mui torpe poço O desta Vila, não quis Que fosse agoado o meu gosto.	7925
Pus-me logo a caminhar, E já depois do Sol posto, Qual engenhosa abelhinha Numa cortiça me alojo.	7930

<sup>671</sup> Vacilação no vocalismo átono pretónico: a coincidência com a forma castelhana pode denotar interferência linguística. Vejam-se as notas aos vv. 437, 1427 e 7727.

<sup>672</sup> Leia-se 'saiu'. Veja-se a nota ao v. 573.

<sup>673</sup> No original, 'aos'; a desaglutinação é nossa, para repor a coerência sintática. Veja-se a nota **a** ao v. 4.

Referir-vos eu a cea  
 Fora processo enfadoso,  
 Bem que por estar mui quente,  
 A despachei num assopro.  
 Comer e calar me agrada,  
 Darei pois na boca um ponto,  
 Porque de mim se não diga  
 Que bem como e que mal cozo<sup>674</sup>.

7935

## JORNADA V.

### ROMANCE.

**O**H como estou descansado!

Mas que muito, ilustre Sousa,  
 Se na minha quinta estou:  
 Pouco falta; mãos à obra.

7940

Vergonhosa e magoada  
 Se mostrou a bela Aurora,  
 Magoada de uma morte,  
 De uma vida vergonhosa.

7945

Por Titão a ter tão muita,  
 Por Memnon a ter tão pouca,  
 Traz no coração a mágoa  
 E traz no rosto a vergonha.

7950

<sup>674</sup> Mantivemos a leitura do original, que, por homofonia, dá lugar ao jogo de palavras 'cozo'/'coso'.

Enfim, que chorava e ria A froxíssima <sup>675</sup> modorra, Que como prudente guarda <i>La risa para la lloa</i> <sup>676</sup> .	
Quando eu, mui Cavaleiro, Rédeas solto, aperto esporas, E Pégaso feito o macho, Não corre só, porém voa.	7955
A vista lhe arde em cachões Com cólera generosa, E da fervura dos olhos Escumas lhe vêm à boca.	7960
Pasmei-me desta esperteza Depois de tanta modorra; Enfim correo como gama Quem não caminhava jota.	7965
É conceito do A B C, Mas por ser Grego se sofra, Que bem com tão Grega besta Grego frase se acomoda.	7970
Cedo entrei por Ancião, Mas não direi nesta copla Cousa nova, porque implica <sup>677</sup> Ancião com cousa nova.	
Eram sete horas e meia, Pouco importava esta conta,	7975

<sup>675</sup> Mais um caso de redução do ditongo *ou*. Veja-se a nota ao v. 1108.

<sup>676</sup> O *itálico* é nosso.

<sup>677</sup> A voz '*implica*' adopta neste caso o sentido de incompatibilidade. Outros casos idênticos, nos vv. 10758 e 14477.

Mas de pobres e covados<sup>678</sup>  
 Dando estão meus versos horas.  
 À porta descavalguei  
 De uma venda mui boa, 7980  
 Mas sendo mui boa a venda,  
 Fiz eu mui infame compra.  
 Pelo almoço perguntei,  
 Acudio logo uma moça  
 De forma mui liberal, 7985  
 Mas de mui secas respostas:  
 «—Temos bacalhao», me disse<sup>679</sup>;  
 Pedi logo duas postas,  
 Muito mais secas que um pao  
 E mais que um pao matadoras. 7990  
 Em provando as reprovei,  
 Pedi mais alguma cousa,  
 E vindo uns ovos com mel,  
 Me<sup>680</sup> caio<sup>681</sup> no mel a sopa.  
 Era tão benquisto o mel 7995  
 Que, segundo minhas contas,  
 Nunca por ele se disse  
 Que nele se não<sup>682</sup> põem moscas.  
 Pois quando a torta virei,  
 Ai que vista tão nojosa!, 8000  
 Na torta uma mosca vi  
 Que me deixou a alma torta.

<sup>678</sup> Preferimos a leitura '*covados*', tal como figura no original, e não '*côvados*', por combinar melhor com o adjetivo '*pobres*' a que se encontra ligado.

<sup>679</sup> Próclise anómala. Veja-se nota ao v. 2535.

<sup>680</sup> Idem.

<sup>681</sup> Leia-se '*caiu*'. Vejam-se as notas aos vv. 573 e 3080.

<sup>682</sup> No original, '*senão*'.

Não acabo de entender Como foi tão rigorosa Aquele que por tão mansa Parecia mosca morta.	8005
Nada mais pude comer, Mas que muito que não coma, Se a torta me deo quebranto Com sua vista medonha?	8010
Logo me pus a cavalo Seguindo minha derrota, E caminhei tão depressa Como quem ia com mosca.	8015
Logo descobri Coimbra, E com trompa dorminhoca, Dorminhoca lhe chamei, Porque ressonava <sup>683</sup> a trompa.	8020
«-Ó Cidade, que estás rindo», Lhe digo <sup>684</sup> , «das mais lustrosas Ou cá neste Mundo vivas, Ou no outro Mundo mortas.»	8025
»Vós sois a melhor Cidade Que tem Lusitânia toda, Mais gente de capa preta Não vio Paris, nem vio Roma.»	8025
»O pé vos beija o Mondego, Fonte em graça, rio em cópia,	

<sup>683</sup> No original, 'resonava'. Vejam-se as notas aos vv. 102 e 5774.

<sup>684</sup> Próclise anómala. Veja-se a nota ao v. 2535.

Que campa com sua Estrela Entre os mais rios de Europa.»	8030
»Vós me destes de mamar, Vós me criastes com broa, Que se fazia amarela De minha fome medrosa.»	
»Vós me fartastes de tentos, Feijões digo, e em minhas trovas, Porque então tentos me destes, Vos dou louvores agora.»	8035
»Hoje de Lisboa chego, E bem que é terra famosa, Me crede <sup>685</sup> que os vossos longes São os pertos de Lisboa.»	8040
Palavras não eram ditas Quando entro pela porta Que tem Moça, Leão, Serpe, Que tem Serpe, Leão, Moça.	8045
A casa fui de meu tio, E subi sem dizer oila <sup>686</sup> ; Um pajem me encontra, minto, Recebe-me, não me encontra.	8050
Enfim me abraça meu tio, E minha Musa gostosa As graças em pé remata Quando dou princípio às glórias.	

<sup>685</sup> Próclise anómala. Veja-se a nota ao v. 2535.

<sup>686</sup> Por “olá”.

Acabei qual Pregador,  
Porém foi traça engenhosa  
Dar-lhe com glória no fim,  
*Que al fin se canta la gloria*<sup>687</sup>.

8055

*Fim das Jornadas de Lisboa para  
Coimbra.*

---

<sup>687</sup> O itálico é nosso.

# ÉGLOGA

## PASTORIL<sup>688</sup>.

*Timarinto, Palémon, Vilínio.*

**C**Om os raios brilhantes *que* espalhava,  
 Os viventes a Aurora despertava; 8060  
 O Sol, que vinha entrando no Horizonte,  
 Já reflexo fazia no alto monte;  
 Tornava a florescer o verde prado,  
 Saía dos curraes o manso gado;  
 Quando já na espessura das campinas 8065  
 Que rega o Tejo cheas de boninas,  
 Timarinto e Palémon se encontravam,  
 Que ali a seus rebanhos pasto davam:  
 Um cabras, outro ovelhas possuía,  
 Qualquer de pouca idade parecia; 8070  
 Ambos da mesma Aldea e de igual gente,  
 Ambos cantar sabiam docemente.  
 Era a Estação em *que* as fragrantas rosas  
 Brilhavam entre as plantas mais viçosas;  
 Na verde relva os doces passarinhos 8075  
 Faziam canto alegre nos raminhos;  
 E atraídos das sombras duns verdores  
 Estavam neste sítio estes pastores.

<sup>688</sup> Até onde podemos afirmar, o autor desta composição continua ANÓNIMO.

Aqui todos entregues ao descanso Viam correr aquele rio manso; Tudo quanto a seus olhos se mostrava A maior glória cada vez lhes dava; Viam seus gados fartos de verdura, Julgavam não haver maior ventura.	8080
Vilânio neste tempo conduzia Os seus novilhos para a fonte fria, E entrando já nas ágoas a manada, Escutou esta música alternada: <i>Timarinto.</i>	8085
Graças ao Céu, que já nos tem mostrado O feliz tempo, o tempo desejado: À nossa vista o campo já floresce, Todo a nossos rebanhos já se oferece <sup>689</sup> . <i>Palémon.</i>	8090
Tornará, Timarinto, aquela idade Em que reinou na terra a liberdade E oferecia <sup>690</sup> o sustento à humana gente A natureza cuidadosamente. <i>Timarinto.</i>	8095
Ja parece, Palémon, que estou vendo Os homens a Saturno obedecendo; De abundância e inocência chea a terra, Até o nome esquecerá da guerra. <i>Palémon.</i>	8100
Nessas verdes campinas desde agora	

<sup>689</sup> Redução do vocalismo átono, neste caso por síncope em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 90 e 8092.

<sup>690</sup> Idem.

Habitará gostosa a bela Flora:  
Cada dia mais gordos e aumentados  
Nossos olhos verão os nossos gados.

*Timarinto.*

Os outeiros, os vales sem cultura  
Veremos cheios da melhor verdura:  
As ovelhas, as cabras abundantes  
Serão em leite mais do que eram d' antes.

*Palémon.*

De nós os mesmos Deoses mais amigos  
Apartarão a ira, os seus castigos:  
Da violência dos lobos carniceiros  
O Deos Pã livrará nossos cordeiros.

*Timarinto.*

Enquanto aqui brilhar a luz do dia,  
As aves farão doce melodia:  
Ouviremos as Ninfas desse monte  
Responder às que habitam nessa fonte.

*Palémon.*

Pastai, minhas ovelhas, livremente  
Na verdura que o Céu vos faz presente;  
Que enquanto durar vossa feliz vida,  
Para vós há-de a terra estar florida.

*Timarinto.*

Pastai, tenras cabrinhas, nos verdes  
Que rebentando vão entre essas flores:  
Não temais o rigor do lobo irado,

8105

8110

8115

8120

- Que em vós um grande Deos põe seu cuidado.  
 Vilânio, *que* sofrer já não podia 8125  
 O desejo de ver a quem ouvia,  
 Seus novilhos à pressa conduzindo,  
 Corria atrás do som que estava ouvindo;  
 Quando numa campina deleitosa  
 Os vio ao pé duma árvore frondosa: 8130  
 A ambos logo abraçando, de contente  
 Estas palavras disse alegremente:  
*Vilânio.*  
 Quanto vencem as rosas às mais flores,  
 Tanto em cantar venceis os mais pastores:  
 A vossa melodia vale<sup>691</sup> tanto 8135  
 Como dos roxinóes<sup>692</sup> o doce canto.  
 Cantai, *que* mais me agrada essa harmonia  
 Que o murmúreo<sup>693</sup> daquela fonte fria:  
 No vosso alegre canto o mundo veja  
 Quanto Arcádia vos deve ter inveja. 8140  
 O mundo veja o tempo desejado,  
 Tempo que só por vós lhe será dado:  
 Cantai, moços pastores, na espessura,  
 Cantai, que igual não tem vossa ventura.  
 Como servem de enfeite ao prado as flores, 8145  
 Vós também sois a glória dos pastores;  
 Este campo sem vós triste parece,  
 À vossa vista tudo aqui floresce.  
 Vivei gostosamente a vossa vida,

<sup>691</sup> Cf. 'val', por "vale", nos vv. 5780, 7394, 10876, 11183 e 11189.

<sup>692</sup> Mais um exemplo de redução do ditongo *ou*. Veja-se a nota ao v. 1108.

<sup>693</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição postónica. Veja-se a nota ao v. 3708.

Que a alegria este sítio vos convida: 8150  
Dos antigos trabalhos a memória  
Perca-se à vista dessa vossa glória.  
As Oréadas<sup>694</sup> desçam lá dos montes,  
As Napeas se apartem dessas fontes;  
Venham-vos oferecer c'roas<sup>695</sup> vistosas 8155  
De verdes murtas, de brilhantes rosas.  
Assim Vilânio alegre lhes mostrava  
O muito que o seu canto lhe agradava:  
Mas como o ardor do Sol, que já subia,  
Naquele sítio ameno os perseguia, 8160  
Contentes procuraram com seus gados  
Melhores sombras nos vizinhos prados.

---

<sup>694</sup> Cf. '*Oriadas*', no v. 2221.

<sup>695</sup> Redução no vocalismo átono por síncope em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 90.

SOLILÓQUIO  
DE  
UM PECADOR  
prostrado aos pés de um  
CRISTO  
CRUCIFICADO.

Pelo Padre  
ANTÓNIO DE BARROS<sup>696</sup>.

SONETO PRÉVIO.

JÁ, Musa, os meus cabelos prateados,  
Às exortações da neve reduzidos,  
Me admoestam que são todos perdidos 8165  
(Tirando os de salvar-me) outros cuidados.  
Sejam, pois, do meu plectro desterrados  
Os affectos de Lídias e de Armidos,  
E cante só soluços e gemidos,  
Pregoeiros da dor de meus pecados. 8170  
Se o Cisne, quando está vizinho à morte,  
Disfarça em canto as lágrimas *que* chora,  
Eu, que já Cisne sou, justo é *que* o canto  
Com que ele chora, imite; e desta sorte  
Minha voz, outro tempo tão sonora, 8175  
Se já música foi, seja hoje pranto.

<sup>696</sup> Ainda que sabemos pouco da vida do autor, a atribuição de autoria ao Padre ANTÓNIO DE BARROS parece inequívoca.

## SEXTINAS.

## I.

**M**Eu Deos, cuja sagrada humanidade

Pregou nesse madeiro sacrossanto<sup>697</sup>

Mais vosso amor que a nossa crueldade;

Porque, se o mesmo amor não fora tanto, 8180

A usar convosco não se atreveria

Tal ódio, tal furor, tal tirania.

## II.

Meu, disse! Oh *que* excessivo atrevimento!

Como meu! Se no tempo *que* hei vivido,

Apenas houve instante, houve momento, 8185

Em que por mim não fôsseis ofendido:

Só quis com meus pecados e torpezas

No número igualar vossas finezas.

## III.

Mas meu, torno a dizer, *porque* se é certo

Que me comprastes quando fui cativo 8190

Pelo preço que desse lado aberto

Correo tão liberal como excessivo,

Como posso negar, sem novo agravo,

Que sois vós meu Senhor e eu vosso escravo?

<sup>697</sup> No original, '*sacrossanto*'. Vejam-se as notas aos vv. 102 e 1481.

## IV.

Eu sou, meu Deos, aquele escravo *que* era 8195  
Tão desleal, protervo, e tão perjuro,  
Que sendo para os vícios branda cera,  
Para as virtudes mui mármore duro,  
Tal que quando me vejo e me contemplo,  
Em mim só de mim mesmo acho exemplo. 8200

## V.

Eu sou, meu Deos, aquele monstro horrível  
Que sem medo à justiça e sem receio  
Do tremendo Juízo e do terrível  
Fogo do inferno temeroso e feio,  
Tantas vezes pequei que parecia 8205  
Que era espora ao pecar quanto temia.

## VI.

Tão costumada ao vício era a alma minha  
Que, sem que a tentação fosse o convite,  
Do pecado parece que em mim tinha  
Mais lugar o costume que o apetite, 8210  
Pecando de manhã, à tarde e à noite  
Sem temer da justiça o digno açoite.

## VII.

Para cair nos laços que me armava  
E que me oferecia o pensamento  
Quando aos delitos mais me convidava<sup>698</sup>, 8215  
Foi tão ligeiro o meu consentimento

---

<sup>698</sup> No original, '*convidada*'.

Que, ao mesmo pensamento antecipado<sup>699</sup>,  
 Não quis ter a desculpa de tentado.

## VIII.

Tanto me habituava no pecado  
 Que, antes de ver o objecto proibido, 8220  
 Sem me vencer, me tinha já prostrado,  
 Sem me prostrar, me tinha já vencido:  
 Com que era em mim (estou para dizer)  
 Primeiro o consentir que o apetecer.

## IX.

Na guerra que o Demónio me fazia, 8225  
 De suas setas nenhuma malograva;  
 A que não me matava, me feria,  
 Se é que alguma feria e não matava:  
 Oh quantas vezes fez no peito brecha  
 Antes do golpe o disparar da frecha<sup>700</sup>! 8230

## X.

Nas tentações, *que* às culpas me incitavam,  
 Não posso, inda<sup>701</sup> *que* queira, achar desculpa,  
 Que, como auxílios nunca me faltavam,  
 Se pecava, era só por minha culpa,  
 Patrocinando nisto a natureza 8235  
 Mais a minha maldade que a fraqueza.

## XI.

A Primavera dos floridos anos  
 Aos vícios me servia de lisonja;

<sup>699</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica, neste caso talvez por confusão entre os prefixos *anti-* e *ante-*. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 1269.

<sup>700</sup> Variante de “*flecha*”. Veja-se a nota ao v. 4143.

<sup>701</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

O Outono pregador de desenganos,  
 E que é dos apetites branda esponja, 8240  
 Em vez de os apagar, pelo costume,  
 Novas chamas lhes dava, e novo lume.

## XII.

Oh quantas vezes vossa piedade,  
 Do meu profundo mal compadecida,  
 Me trazia à memória a brevidade 8245  
 Dos deleites e gostos desta vida!  
 Mas esta inspiração só me servia  
 Como azeite às chamas em que ardia.

## XIII.

É breve a vida, breves os deleites,  
 Dá-te pressa a os<sup>702</sup> gozar por vários modos, 8250  
 Me<sup>703</sup> dizia a mim mesmo; não rejeites  
 Algum de quantos vês, logra pois todos:  
 Não tardes, que as delícias são boninas,  
 E só são flores quando são meninas.

## XIV.

Ocorria-me a morte de repente; 8255  
 Mas eu dizia, cego aos desenganos:  
 Não temas, que na idade florecente  
 Tens inda<sup>704</sup> vida para muitos anos:  
 Se alguns morreram assim (poucos me ocorrem),  
 Logo hás-de ser dos poucos *que* assim morrem? 8260

<sup>702</sup> No original, 'aos'; a desaglutinação é nossa. Veja-se a nota ao v. 7917.

<sup>703</sup> Próclise anômala. Veja-se a nota ao v. 2535.

<sup>704</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

## XV.

Mas quero que assim seja, e que severa  
 Antes do tempo a Parca corte o fio;  
 Faze<sup>705</sup> tu por gozar na Primavera  
 O que não poderás no seco Estio:  
 Farás que a vida seja doce e leve, 8265  
 Larga nos golfos, se nos anos breve.

## XVI.

Quando entre os horrorosos estampidos  
 Me achava dos trovões, que fulminavam  
 Relâmpagos aos olhos e aos ouvidos  
 Com formidáveis ecos espantavam; 8270  
 Dizia: este terror não me embarça,  
 Que quem me quer matar, não me ameaça.

## XVII.

Em quantas tempestades semelhantes<sup>706</sup>  
 Me achei mil vezes! Mas se a minha sorte  
 Me livrou de suas iras fulminantes, 8275  
 Por que só nesta hei-de achar a morte?  
 Olha que nesta casta de perigos  
 São mais sempre os temores *que* os castigos.

## XVIII.

Se quando me lembrava a eterna pena,  
 A que tão justamente os pecadores 8280  
 Vossa justiça com razão condena,  
 Dizia: deixa, louco, esses temores,

<sup>705</sup> Veja-se a nota ao v. 3640.

<sup>706</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 5140.

Que uma lágrima só, quando a derramas,  
Basta para apagar aquelas chamas.

## XIX.

Estas inspirações, que poderiam 8285  
A dureza dobrar dos diamantes,  
Em vez de me abrandar, me endureciam  
Cada vez mais; e aos golpes penetrantes  
Se exasperavam mais as minhas chagas,  
Pois fazia veneno das triagas. 8290

## XX.

Como a todos os vícios me entregava,  
Mil motivos em todos descobria:  
Se este pelo difícil me agradava,  
Aquele pelo novo me atraía:  
Porém, qualquer motivo era escusado, 8295  
Pois para mim bastava o ser pecado.

## XXI.

Deste modo vivi sempre esquecido  
De vós, de mim, da morte e do Juízo;  
Tinha o Inferno por chança e por fingido  
Quanto a Escritura diz do Paraíso: 8300  
Só tinha por Inferno a vida estreita,  
E por Céu quanto ao corpo mais deleita.

## XXII.

Deste modo vivi, sem que a virtude  
Me devesse o mais leve pensamento;

Só cuidar que podia ter saúde 8305  
 Me dava dor, moléstia e sentimento:  
 Vivendo de meus males tão contente  
 Que tinha por saúde o estar doente.

## XXIII.

Mas, porque toda a Bem-aventurança<sup>707</sup>  
 Colocava nos gostos desta vida, 8310  
 À memória não dava outra lembrança  
 Que os deleites com que ela nos convida,  
 Dando aos ouvidos músicas sereas,  
 Ao gosto latas e pomposas ceas.

## XXIV.

Eram do olfato o almíscar precioso, 8315  
 Âmbar, bálsamo e algália, as iguarias;  
 Para o tacto o veludo mais mimoso,  
 Finos cambrais<sup>708</sup> e tudo quanto fias  
 Ou teces com labores singulares,  
 Industriosa Holanda, em teus teares. 8320

## XXV.

A vista alimentava-se de rosas,  
 De amarantos, jasmíns e outras boninas;  
 Perspectivas gentis e curiosas,  
 Raros quadros, pinturas peregrinas,  
 Fantasiando sempre em mil quimeras 8325  
 Novos Abris, perpétuas Primaveras.

<sup>707</sup> A desaglutinação é nossa. Veja-se nota ao v. 7006.

<sup>708</sup> Por “*cambraias*”.

## XXVI.

Da memória trazia desterrado  
Tudo o que me podia dar tristeza,  
Cuidando só naquilo em *que* acha agrado  
A estragada e corrupta natureza: 8330  
Nadando alegres sempre os pensamentos  
Em pélagos de gostos e contentos.

## XXVII.

Este fui, meu Jesus, mas se atégora<sup>709</sup>  
Fui tal qual vós sabeis e eu vou dizendo,  
Hoje que vossa graça me namora 8335  
De ser qual tenho sido me arrependo;  
E me arrependo tanto que quisera  
Que a dor o coração me desfizera.

## XXVIII.

Para ter esta dor tomo por meio  
Falar-vos hoje humilde e pesaroso; 8340  
Mas, como me conheço, inda<sup>710</sup> receio  
Se me ouvireis irado, se piedoso:  
Mas que receio? Quem me ouviu perdido,  
Como não me há-de ouvir arrependido?

## XXIX.

Chego pois, porém temo *que* me impeça 8345  
O horror de tantas culpas cometidas;  
E porque também temo que aconteça  
Renovar outra vez vossas feridas:

<sup>709</sup> Aglutinação entre duas partículas temporais, com a voz '*agora*' em posição final. Veja-se a nota ao v. 625.

<sup>710</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

Porque um morto, por mais *que* esteja exangue,  
À vista do inimigo lança sangue. 8350

XXX.

No horroroso das Chagas *que* em vós vejo  
Farei por ver das minhas um retrato;  
Umás e outras me podem causar pejo,  
Não sei se por cruel, se por ingrato:  
Porém sei que verei, como em cristal, 8355  
Em vós todo o meu bem, e em mim meu mal.

XXXI.

Mas se é certo que morre o Basilisco,  
Vendo-se tão deforme em um espelho,  
A morrer com razão também me arrisco,  
Pois tanto ao Basilisco me assemelho: 8360  
Porém, quando assim morra, será sorte  
Que o horror dos pecados me dê morte.

XXXII.

Ouvi-me, pois, e para que me ouçais  
Com maior piedade e mais clemência,  
Sejam, quanto disser, suspiros e ais, 8365  
Que esta é de arrependidos a eloquência.  
Começo pois: mas as palavras calem,  
E com línguas de pranto os olhos falem.

XXXIII.

Porém, para chorar tantos pecados  
Que lágrimas serão suficientes, 8370

Inda<sup>711</sup> que o Nilo e Ganges desatados  
 Mudem para meus olhos as correntes?  
 Dai-lhes vós o valor, já *que* eu não posso,  
 Ajuntando o meu pranto ao sangue vosso.

## XXXIV.

Saiam, pois, pelos olhos derretidos 8375  
 Os sentimentos que meu peito encerra,  
 Desfaça-se em soluços e gemidos  
 Quanto à minha alma fez tão dura guerra:  
 Tudo em mim testemunha<sup>712</sup> a dor e a mágoa,  
 No peito incêndios, e nos olhos ágoa. 8380

## XXXV.

Afoguem-se no pranto as culpas minhas,  
 E aqueles mesmos olhos *que* outras vezes  
 Foram venenos, sirvam de mezinhas;  
 Se foram espadas, sejam agora arneses:  
 Qual a lança de Aquiles, que servia 8385  
 De bálsamo às feridas que fazia.

## XXXVI.

Porém, que chagas curarei primeiro?  
 As que fez na minha alma o meu pecado  
 Ou as que abriu o ódio carniceiro  
 Nessas mãos, nesses pés e nesse lado? 8390  
 Mas nas lágrimas se acham taes mezinhas  
 Que as vossas curarei, se curo as minhas.

<sup>711</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>712</sup> A voz '*testemunha*' possui, neste contexto, sentido verbal. De resto, apresenta vacilação no vocalismo átono: vejam-se as notas aos vv. 437 e 2029.

## XXXVII.

Sinto de modo haver-vos ofendido  
 Que deste sentimento não quisera  
 Nem a notícia ter de estar sentido; 8395  
 Porque, se quanto o sinto, conhecera,  
 Seria tal o meu contentamento  
 Que o gosto extinguiria o sentimento.

## XXXVIII.

Quem me dera, meu Deos, o sentimento  
 Com que o maior do vosso Apostolado, 8400  
 Lágrimas derramando cento a cento,  
 Lamentou pesaroso o seu pecado:  
 Porque foi, na fraqueza de vencido,  
 Ele o ingrato, e vós desconhecido!

## XXXIX.

Oh quem me dera a dor que publicava 8405  
 A Madalena<sup>713</sup> quando em seus cabelos  
 O aljôfar recolhia que lançava,  
 Prostrada a vossos pés, dos olhos belos,  
 Pois mais belos estão<sup>714</sup>, e mais formosos,  
 Quando mais magoados e chorosos! 8410

## XL.

Mas estes sentimentos vos confesso  
 Que sou mais que atrevido em desejá-los;  
 Porque, sendo eles Santos, fora excesso  
 Pertender<sup>715</sup> nas virtudes igualá-los:

<sup>713</sup> Cf. *'Magdalena'*, no v. 8993. Outra ocorrência de *'Madalena'*, no v. 8604.

<sup>714</sup> No original, *'então'*. A leitura *'estão'* condiz melhor com o sentido do texto.

<sup>715</sup> Forma que mostra a confusão dos prefixos *pre-* ~ *per-* em posição inicial absoluta. Veja-se a nota ao v. 111.

Sou pecador, dos pecadores quero 8415  
Ter as dores que neles considero.

XLI.

Quisera ter na dor de meus pecados  
Todas as aflições e sentimentos  
Que estão sofrendo todos os danados  
Entre as chamas maiores e tormentos, 8420  
E que fossem no número infinitos,  
Porque a dor fosse igual a meus delitos<sup>716</sup>.

XLII<sup>717</sup>.

Não porque queira seja este o motivo  
Da dor de meus pecados, *que* é mais nobre;  
Mas por*que* exprimir quero o sensitivo 8425  
Da dor que o coração no peito encobre,  
E dobra-se esta dor no meu desejo  
Quando assim vos contemplo e assim vos vejo.

XLIII<sup>718</sup>.

Quando vos vejo nessa Cruz ferido,  
Este meu coração, que todo é neve, 8430  
Aceso em chamas quer agradecido  
Pagar parte do muito que vos deve:  
Mas é tão grande o empenho em *que* me vejo  
Que o desejo não passa do desejo.

XLIV.

Devo essa grande cópia de rubis 8435  
Com que liberalmente me comprastes:

<sup>716</sup> No original, '*delictos*', mais uma prova da pronúncia simples do grupo consonântico: outra ocorrência, no v. 8937. Vejam-se as notas aos vv. 1406 e 2920.

<sup>717</sup> No original, LXII, por erro material.

<sup>718</sup> No original, LXIII, por erro material.

Devo esses preciosos carmesis<sup>719</sup>  
 Com que as plantas e as pedras matizastes,  
 Quando em Getsêmani vossos suores  
 De púrpura e carmim tomaram as cores. 8440

## XLV.

Devo açoutes, escárneos<sup>720</sup>, bofetadas  
 Coroa de espinhos, lança, e outras afrontas;  
 E estas partidas todas, que lançadas  
 Estão nas adições das nossas contas,  
 Minhas dívidas fazem tão crescidas 8445  
 Que as não posso pagar com cem mil vidas.

## XLVI.

Mas o que com mil vidas não se atrevem<sup>721</sup>  
 Pode satisfazer uma só morte;  
 Essa aplicai, meu Deos, ao que vos devem  
 Minhas ingratidões; e desta sorte 8450  
 Se dirá (pois não pode o devedor)  
 Que paga o justo pelo pecador.

## XLVII.

Devo mais, mas por que entro em tanto abismo?  
 Ou como murmurar em vão me atrevo<sup>722</sup>,  
 Quando caber não podem no algarismo 8455  
 As mercês infinitas que vos devo?  
 Das quaes quisera ser com mais cuidado  
 Antes agradecido que lembrado.

<sup>719</sup> Por “*carmesins*”.

<sup>720</sup> Vacilação do vocalismo átono em posição postónica. Veja-se a nota ao v. 3708.

<sup>721</sup> Concordância número-pessoal *ad sensum*.

<sup>722</sup> Novamente, falta a preposição ‘*a*’ exigida pelo verbo ‘*atrever-se*’. Vejam-se as notas aos vv. 88 e 687.

## XLVIII.

Mas, como hei-de mostrar-me agradecido,  
 Se é tão grande a pobreza em *que* me vejo? 8460  
 Salvo se for tomando por partido  
 Substituir as obras no desejo,  
 Ou fazendo de amar-vos veniaga,  
 Pois *que* um amor com outro amor se paga.

## XLIX.

Seja esta a paga, já que não me atrevo 8465  
 A pagar de outro modo o amor vosso;  
 Que quero, pois não posso quanto devo,  
 Amar-vos, pelo menos, quanto posso:  
 E as lágrimas que agora aqui derramo  
 Sejam prendas do muito que vos amo. 8470

## L.

Amo-vos, pois, e amar-vos de maneira  
 Quisera que em meu peito se acendesse  
 Uma fornalha viva, uma fogueira,  
 Em que meu coração vivendo ardesse,  
 Qual Salamandra, que no fogo isenta 8475  
 Vive e do mesmo fogo se alimenta.

## LI.

Tanto vos amo que, se ser pudera  
 Gozar de vós no Céu, não vos amando,  
 Mas amar-vos no Inferno, inda<sup>723</sup> *que* ardera  
 Com os danados que ali estão penando 8480

---

<sup>723</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

Entre incêndios de fogo sempiterno,  
Deixara o Céu, e fora para o Inferno.

## LII.

Amo-vos, meu Jesus, com tanto extremo,  
Que, sendo o coração pequeno vaso  
Para tão grande amor, o que mais temo 8485  
É que me tire a vida; e neste caso,  
Acabando-se a vida em tal empenho,  
O amor grande acabasse que vos tenho.

## LIII.

Bem sei *que*, se assim morro, eternamente  
Vos hei-de amar no Céu; mas também vejo 8490  
Que o amor lá não é livre, e livremente  
Vos quisera amar sempre o meu desejo;  
E a chama que assim arde, porventura,  
Não é tão fina, posto é mais segura.

## LIV.

Este feliz senão tem na verdade 8495  
Um grande excesso em meu conhecimento;  
Pois, se vos amo ali, sem liberdade,  
Não tenho em vos amar merecimento,  
E aqui logro o amor que quero ter,  
Que é poder-vos amar sem merecer. 8500

## LV.

Quisera no amor meu ter a fineza  
Dos amantes mais finos; e entre tantos

Quisera ter o amor de uma Teresa,  
De um Francisco, Agostinho, e outros Santos:  
Quisera, se é possível, a ternura<sup>724</sup> 8505  
Que teve em vos amar a Virgem pura.

## LVI.

Quisera-vos amar quanto vos amam  
Os Serafins, que, quando batem<sup>725</sup> as asas,  
Acendem mais o fogo em *que* se inflamam,  
Formando incêndios das *que* só são brasas: 8510  
Quisera enfim, Senhor, saber amar-vos  
Quanto soube ofender-vos e agravar-vos.

## LVII.

E se julgais que todos estes modos  
Não satisfazem quanto me obrigastes,  
Seja o maior hipérbole<sup>726</sup> de todos 8515  
Querer amar-vos quanto vós me amastes:  
Que inda<sup>727</sup> que isto não pode ser possível,  
O amor sempre quer mais *que* o *que* é factível.

## LVIII.

Não me move a este amor, de nenhum modo,  
O Céu que vós me tendes prometido, 8520  
Nem me move o terror do Inferno todo,  
Posto que justamente merecido:  
Porque em taes dous motivos se descobre  
Que, inda<sup>728</sup> que o amor é santo, é menos nobre.

<sup>724</sup> Veja-se a nota ao v. 1466.

<sup>725</sup> No original, '*abatem*'.

<sup>726</sup> Note-se o género masculino, contrariamente ao estipulado na norma atual.

<sup>727</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>728</sup> Idem.

## LIX.

O que me move a amar-vos é somente 8525  
 O mesmo amor, sem outro algum empenho<sup>729</sup>;  
 O que me move é ver quão cruelmente  
 Os homens vos pregaram nesse Lenho;  
 E que de tudo quanto padeceste  
 Foi causa o grande amor *que* nos tivestes. 8530

## LX.

Deixai-me, pois, para *que* mais me incite  
 Na consideração desses tormentos  
 O meu amor: deixai-me que os medite  
 E deles tire novos sentimentos;  
 Dai-me licença, e dai-me, o *que* mais quero, 8535  
 Amargo pranto enquanto os considero.

## LXI.

Porém qual há-de ser destes objectos  
 O primeiro em *que* empregue o meu cuidado;  
 Têm todos tal lugar nos meus affectos  
 Que confesso me vejo embaraçado: 8540  
 Que, como a todos igualmente estimo,  
 Igualmente de todos me lastimo.

## LXII.

Começo, pois, mas sempre indiferente,  
 Sem que a nenhum conceda a preferênciã:  
 O primeiro que aos olhos se apresente, 8545  
 Tenha esse de primeiro a preminência<sup>730</sup>:

<sup>729</sup> Acumulação de determinantes pré-nucleares.

<sup>730</sup> Redução do hiato, por crase.

Nenhum será maior, *que* eu nunca admito  
Infinito maior que outro infinito.

## LXIII.

Esses dous Sóes, *que* tendes eclipsados,  
Não sei se foi da morte alta conquista 8550  
Para que não fossem os meus pecados  
Feios objectos de tão bela vista:  
Abri-os, pois, Senhor, por*que* em taes pegos  
De luzes, achem luz meus olhos cegos.

## LXIV.

Porém, para que peço que os abrais, 8555  
Quando posso temer que, estando abertos,  
Vos hão-de provocar cada vez mais  
A horrores novos e a castigos certos?  
Tudo há-de causar-vos, quanto olhares,  
Nova ira, novo horror, novos pesares. 8560

## LXV.

Não vereis mais *que* chagas lastimosas,  
Nódoas horríveis, cicatrizes feias,  
Golpes mortaes, feridas ascorosas,  
Mais de peçonha que de sangue cheias;  
Manchas que das mortíferas serpentes 8565  
Imprimiram n' alma venenosos dentes.

## LXVI.

Isto vereis: mas como juntamente  
Vereis as muitas chagas e as feridas

Com *que* o grande amor vosso fez patente  
O muito que estimava as nossas vidas, 8570  
Por mais que as minhas sejam ascorosas,  
Não as estranhareis, olhando as vossas.

## LXVII.

Essas mãos, que algum dia torneadas  
Vio vossa Esposa ornadas de jacintos,  
Como as contemplo agora traspassadas 8575  
De dous cravos em vosso sangue tintos?  
Taes que posso cuidar, vendo-as feridas,  
Que, posto *que* são mãos, são mãos perdidas.

## LXVIII.

Essas mãos, a *que* a terra deve as plantas  
E o Céu deve as Estrelas rutilantes; 8580  
Essas mãos, que puderam vezes tantas  
Desfazer serras, fulminar Gigantes;  
Quem teve tanta força e tanto engenho  
Que ambas pôde pregar num duro Lenho?

## LXIX.

Essas mãos, que estão cheias de coral 8585  
Que derretido corre dessas veias,  
Vos mostram manirroto e liberal,  
Pois fazeis benefícios às mãos cheias,  
Porque, apesar dos cravos *que* as têm presas,  
Repartem menos sangue que finezas. 8590

## LXX.

Mas já *que* o ódio as pregou para os tormentos,  
 Pregue-as o vosso amor para os castigos:  
 Não se diga<sup>731</sup> que foram mais atentos  
 Que o vosso amor, os vossos inimigos:  
 Pois será, se estão presas, cousa rara 8595  
 Estando presas sacudir a Vara.

## LXXI.

Mas *que* Vara ou *que* açoute temer posso,  
 Se em vossas mãos me ponho humildemente?  
 E os efeitos espero do amor vosso  
 Tão liberal, que vejo claramente 8600  
 Nessas mãos, *que* de sangue eram banhadas,  
 Que o Céu me quereis dar às mãos lavadas.

## LXXII.

Dessas mãos passo aos pés; dê-me licença  
 A Madalena<sup>732</sup>, *que* chorosa os prende,  
 Nem cuidado que lhe faço nisto ofensa, 8605  
 Que a minha dor da sua dor aprende:  
 Dê-me licença, pois, para que chegue,  
 E que essas plantas com meu pranto regue.

## LXXIII.

O que aqui me dá mais admiração,  
 E o que serve ao discurso de embaraço, 8610  
 É, que, sendo um dos passos da Paixão,  
 Não vos<sup>733</sup> podeis bulir, nem dar um passo:

<sup>731</sup> No original, '*digão*' (literalmente, '*digaõ*').

<sup>732</sup> Cf. '*Magdalena*', no v. 8993.

<sup>733</sup> No original, '*Nãoo*Λs', por erro tipográfico.

E que estando assim preso, como estais,  
Se eu vos não busco a vós, vós me buscais.

## LXXIV.

Prendem-vos esses cravos; porém, sendo 8615  
Para produzir flores tão contrário  
Esse aspérrimo tronco que estou vendo,  
E sendo esse terreno do Calvário  
Apto só para dar espinhos bravos,  
Como produz agora pés de cravos? 8620

## LXXV.

Mas, pode-os produzir, porque são filhas  
Do mesmo monte as mais boninas belas,  
As flores da Paixão, as Maravilhas,  
E os Bem-me-queres; sendo qualquer delas,  
Sem que perca das flores o conceito, 8625  
Entre as mais flores, a do amor perfeito.

## LXXVI.

Nesses pés, *que* de sangue estão banhados,  
Já tomo pé para *que*<sup>734</sup> alentos cobre;  
E para *que* no mar de meus pecados  
A desesperação me não soçobre: 8630  
E tenho pé para *que* humilde peça  
Perdão, por mais *que* a culpa o desmereça.

## LXXVII.

A estes pés, meu Jesus, dou mil abraços,  
Porque postos com os meus em paralelo<sup>735</sup>,

<sup>734</sup> No original, '*paraque*', por erro tipográfico.

<sup>735</sup> No original, '*emparalelo*', novamente por erro tipográfico.

Acho que eles só podem de meus passos 8635  
 Ser norte e ser certíssimo modelo:  
 E que rectas serão minhas jornadas,  
 Seguindo, como é bem, tuas pisadas!

LXXVIII.

Ah pés! cujas pegadas sempre belas  
 Podiam ser estampas preciosas 8640  
 Das que do prado são lindas estrelas  
 E das que são do Céu fulgentes rosas:  
 Pródigo, mas cruel, o amor vos trata,  
 Pois vos prende em correntes de escarlata<sup>736</sup>.

LXXIX.

Mas não vos prende, não, *que* da corrente 8645  
 Que parece prisão, remédio fez  
 Com que vos quis curar da febre ardente  
 Desse vosso amor, sangrando-vos<sup>737</sup> nos pés:  
 Mas, ah cruel remédio! ah tiranias!  
 Minha a doença, e vossas as sangrias! 8650

LXXX.

Sim; para que com tal medicamento  
 Que inventaram as finezas mais divinas  
 Me curásseis, poupando-me o tormento  
 Que causam, de ordinário, as medicinas;  
 E porque o enfermo a purga não rejeite 8655  
 É bem que a tome o mesmo *que* a receita.

<sup>736</sup> Por “*escarlata*”, com vacilação do vocalismo átono em posição postónica final. Veja-se a nota ao v. 3708.

<sup>737</sup> No original, ‘*sangrando vos*’, forma desaglutinada e não hifenizada. Veja-se a nota ao v. 5209.

## LXXXI.

Mas para *que* nos pés mais me detenho,  
 Se com vozes de sangue me convida  
 Esse lado a que veja o raro empenho  
 Do vosso grande amor, que da ferida 8660  
 Forma uma fonte tal *que* os Sacramentos  
 Correm dela em raudaes sanguinolentos?

## LXXXII.

Porém, não sei se é fonte, se é tesouro:  
 Fonte parece, porque correm dela  
 Rios de sangue que parecem de ouro; 8665  
 Tesouro a julga quem se chega a vê-la,  
 Porque não poderia de outro modo  
 As dívidas pagar do mundo todo.

## LXXXIII.

Mas, se é tesouro, que juízo grave,  
 Sendo do amor tesouro, julgaria 8670  
 Que, para abrir-se, lhes emprestasse a chave  
 A crueldade, o ódio e a tirania?  
 Mas, antes d' o<sup>738</sup> ódio a abrir, tenho por certo  
 Que a gazua<sup>739</sup> do amor o tinha aberto.

## LXXXIV.

Entre os coraes que dessa fonte correm 8675  
 Vejo que se desata outra corrente  
 De cristaes derretidos<sup>740</sup>, que socorrem  
 O peito que se abrasa em fogo ardente:

<sup>738</sup> No original, 'do': a desaglutinação gráfica é nossa. Veja-se a nota a ao v. 4.

<sup>739</sup> No original, 'agazua', por erro tipográfico.

<sup>740</sup> No original, 'd rretidos', por erro tipográfico.

Mas ai, *que* a tanto incêndio, a tanta frágoa,  
É pequena uma só fonte de ágoa! 8680

LXXXV.

Mas, se forem meus olhos tão ditosos  
Que a lástima de verem essa ferida  
Os transforme em dous rios caudalosos  
Unidos a essa fonte tão crescida,  
Poderão conseguir, sem mais dispêndios, 8685  
Que modere esse fogo esses incêndios.

LXXXVI.

Porém o vosso amor, *que* os seus regalos  
Acha no mesmo fogo que o alimenta,  
Nenhum remédio quer para apagá-los;  
Antes chamas a chamas acrescenta, 8690  
E opõe, para remédio dos ardores,  
A Vesúvios de amor, Etnas de amores.

LXXXVII.

Se quereis, pois, *que* cresça incêndio tanto  
(Se é *que* pode crescer sendo ele imenso),  
Comunicai-me parte, e vereis quanto 8695  
É, se não mais fogo, mais extenso:  
Porque do fogo só se verifica  
Crescer mais quanto mais se comunica.

LXXXVII.

Este grande favor, suposto o espero,  
Quem haverá, porém, que mo assegure? 8700

Por isso, para o haver, eu mesmo quero  
 Ser quem o solicite e o procure:  
 E eu mesmo quero entrar, *que* aberta a porta  
 Desse lado ou fornalha bem me exorta.

LXXXIX.

Já dentro estou, Senhor. Oh *que* finezas 8705  
 Experimento aqui do vosso amor!  
 Oh que chamas! *que* incêndios! e *que* acesas  
 Levaredas<sup>741</sup>! Mas ai, que este calor  
 Que vos abrasa, em mim se apaga logo,  
 Pois que não me derreto em tanto fogo! 8710

LXL<sup>742</sup>.

Pareço-me com Pedro, quando estava  
 No átrio do Pontífice em que ardia  
 O fogo que, se aos outros abrasava,  
 Só para ele de neve parecia:  
 Pois se mostrou tão frio, e tão regelo, 8715  
 Que uma mulher bastou para vencê-lo.

LXLI.

Porém se se deixou vencer do medo,  
 Vossa vista fez nele tanto abalo  
 Que, quem o vio no Horto dormir cedo,  
 Desperto o vio também cantando o galo; 8720  
 Sinta, pois, meu regelo o mesmo efeito  
 Derretido nas chamas desse peito.

<sup>741</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Veja-se a nota ao v. 437.

<sup>742</sup> Mantivemos a numeração estrófica do original, com as cifras 'LXL' a 'LXLIX', em vez das costumeiras "XC" a "XCIX".

## LXLII.

Não sei se desse lado tão ferido  
 Foi carníface o amor; porém não nego  
 (Sendo tão cego o amor) que parecido 8725  
 Fou Longuinhos<sup>743</sup> ao amor, porque era cego:  
 Faltou-lhe a vista, e quando o peito assalta,  
 Ganha à ponta da lança o que lhe falta.

## LXLIII.

Menos cruel no golpe que no intento  
 Foi, pois, sem achar quem lhe resista, 8730  
 Quis mostrar *que* o *que* em vós foi rendimento  
 Fora da sua lança uma conquista:  
 Para que se julgasse nesta empresa  
 Que obrara mais a força que a fineza.

## LXLIV.

No golpe dessa lança o amor vosso 8735  
 Deixou tantas finezas estampadas  
 (Que de tanto dilúvio dizer posso?  
 Que se é chuva do amor chove às lançadas)  
 Que são (por isso nele não me afogo),  
 Sendo lanças de amor, lanças de fogo. 8740

## LXLV.

Mas ai, meu bom Jesus, *que* estou temendo  
 Que entre lanças de tanta piedade,  
 Já que de minhas culpas não me emendo,  
 Haja outra lança em cuja crueldade

<sup>743</sup> Forma popular por “*Longinos*”.

- Vossa justiça irada e ofendida  
Tome a satisfação *que* lhe é devida. 8745  
LXLVI.  
Porém, de que justiça tão severa  
Me posso recear? se estou metido  
Neste peito, do qual se se valera  
O mesmo Judas, fora defendido: 8750  
Peito, que, se das culpas é Sagrado,  
Para a justiça está sempre fechado.  
LXLVII.  
Peito que é soberano relicário  
Da relíquia melhor que o mundo adora;  
Porque serve de cofre e de Sacrário 8755  
Ao coração de um Deos que nele mora:  
Peito onde se retrata o excessivo  
Amor, se em cores mortas, muito ao vivo.  
LXLVIII.  
Peito, enfim, onde quis fazer-se forte  
Contra as guerras do ódio o amor Divino, 8760  
Que lhe quis peito a peito dar a morte,  
Mas com menos valor que desatino;  
Porque, se a um morto deo grande lançada,  
Pôs-lhe a lança no peito, e não fez nada.  
LXLIX.  
Não fez nada: pois quando parecia 8765  
Mais cruel na ferida desse peito,

Intacto o coração que nele ardia  
Deixou, sem fazer nele algum efeito;  
E a vitória cabal nesta contenda  
Leva-a quem faz que o coração se renda. 8770

C.

Suposto, pois, que do furor da lança  
O coração não pode ser despojo,  
Dai-me licença e dai-me confiança  
Para este atrevimento a que me arrojoo;  
Roubando o coração que no conflito 8775  
O ódio quis deixar *pro derelicto*<sup>744</sup>.

CI.

Com este piedoso sacrilégio  
Porei termo a outros muitos; confiado  
Em que hei-de achar um privilégio  
Para ficar de todos perdoado: 8780  
Entretanto, deixai que o sentimento  
Contemplar possa em vós outro tormento.

CII.

Mas, outro ainda! Cossa me parece,  
Depois de serem tantos, impossível:  
Porém não, porque aos olhos se oferece 8785  
Outro objecto cruel, fero e terrível  
Nos espinhos que tecem a Coroa  
Que a cabeça vos fere e vos magoa.

---

<sup>744</sup> O itálico é do original.

## CIII.

Cruel bem que com nome especioso  
 Disfarçou de Coroa a crueldade; 8790  
 Tormento de tormentos copioso,  
 Pois fez brotar a sua impiedade  
 Da cabeça, que fere e que maltrata,  
 Setenta e duas fontes de escarlata<sup>745</sup>.

## CIV.

Quando nessa Coroa considero, 8795  
 O *que* me assombra e mais me causa espanto  
 É *que*, sendo um tormento tão severo,  
 A vossa cortesia a estima tanto  
 Que a pondes, inda<sup>746</sup> que ela o não mereça,  
 Com suma estimação sobre a cabeça. 8800

## CV.

Porém ela, não sei se presumida  
 Vendo a honra excessiva que lhe dais,  
 Ou se por rústica, é desconhecida  
 Aos obséquios e amor que lhe mostrais:  
 Vejo que, quando chega a recebê-los, 8805  
 Se está convosco, está pelos cabelos.

## CVI.

Mas como essa Coroa é de maneira  
 Que se compõe de espinhos, está claro  
 Que há-de ser muito rústica e grosseira:  
 Nos espinhos *que* a formam é *que* eu reparo, 8810

<sup>745</sup> Por “*escarlata*”, com vacilação do vocalismo átono em posição postónica final. Veja-se a nota ao v. 3708.

<sup>746</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

Pois quanto têm de agudos para as dores,  
Tanto de rude têm para os primores!

## CVII.

Seja por natureza ou por estudo,  
A esses espinhos muito me pareço,  
Porque para ofender-vos sendo agudo, 8815  
Tão rústico e grosseiro me conheço  
Para os primores e agradecimento  
Que parece me falta o entendimento.

## CVIII.

É feia essa Coroa, é horrorosa,  
Porque com seus autores se pareça; 8820  
Pois não tem outra cousa de formosa  
Mais que a dita de estar nessa cabeça:  
Mas como pode ter outros alinhos,  
Se havendo ser<sup>747</sup> de rosas, é de espinhos?

## CIX.

Mas quem vio Coroa semelhante<sup>748</sup> 8825  
Na cabeça de um Deos! Quem cuidaria  
Que a *que* havia-de ser a mais triunfante  
Fosse de vitupério e zombaria?  
Ou que fosse com tanto desacato  
Tormento em vós o *que* é nos mais ornato? 8830

## CX.

Estas são, meu Jesus, aquelas flores  
Com que vos convidou no seu retiro

<sup>747</sup> Ausência da preposição regida “de”. Vejam-se as notas aos vv. 88 e 687.

<sup>748</sup> Vacilação no vocalismo átono em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 5140.

A vossa Esposa? Como agora horrores  
 Vejo, em vez de boninas? Não me admiro,  
 Porque as flores, quaesquer *que* vós quiseres<sup>749</sup>, 8835  
 Tornam-se espinhos, sendo malmequeres.

## CXI.

Se enquanto a terra pura e inocente  
 Não produzia espinhos (que esta planta  
 Só na culpa de Adão teve a semente),  
 Vós, que destes à mesma terra Santa 8840  
 A santidade, como agora destes  
 Tantos espinhos hórridos e agrestes!

## CXII.

Se quisestes fazer deste tormento  
 Coroa para os mais, era escusado;  
 Porque, para logreres esse intento 8845  
 Já estáveis muitos meses coroados:  
 E qualquer deles, pelo que magoa,  
 Vos servio de tormento, e não de C'roa<sup>750</sup>.

## CXIII.

Baste já de discursos; fale agora  
 O silêncio, porque este também fala: 8850  
 Fale a dor, que então fala quando chora,  
 E arrezoa<sup>751</sup> melhor quando mais cala:  
 Peçam de obras, palavras, pensamentos,  
 Perdão, pois deram causa a taes tormentos.

<sup>749</sup> A concordância exigiria '*quiserdes*', mas preferimos manter a leitura original, que facilita a consonância da rima.

<sup>750</sup> Redução do vocalismo átono, neste caso por síncope em posição pretónica. Vejam-se as notas aos vv. 90 e 8155.

<sup>751</sup> Forma desassimilada por "*arrazoa*". Cf. nota ao v. 1328.

## CXIV.

Perdoai-me, meu Deos, mas ai, *que* digo! 8855  
 Uma mercê tão grande assim se alcança!  
 Já me esquece que fui vosso inimigo!  
 Pois em que fundo agora a confiança  
 Não digo de alcançar (que fora excesso),  
 Mas de intentar pedir o que vos peço. 8860

## CXV.

Mas, inda<sup>752</sup> *que* eu me esqueça, porventura  
 Podeis vós esquecer-vos, quando tenho  
 (Como disse São Paulo) uma Escritura  
 De meus crimes pregada nesse Lenho?  
 Mas, bem pode isto ser, que certo estou 8865  
 Que o sangue *que* a escreveo, esse a apagou.

## CXVI.

Mas, se a não apagasse, e inda<sup>753</sup> estivesse  
 Viva aquela Escritura, não seria  
 Maravilha que já vos esquecesse  
 Quanto de minhas culpas referia; 8870  
 Que as culpas de quem vive arrependido  
 Já não são culpas, posto o tenham sido.

## CXVII.

Pequei, porém parece *que* hei pecado  
 Poucas vezes; pois toda a minha vida  
 Um só pecado foi continuado: 8875  
 E, sendo um só pecado, quem duvida

---

<sup>752</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>753</sup> Idem.

Que, para um só pecado, inda<sup>754</sup> *que* ingente,  
Hei-de achar o perdão mais facilmente?

## CXVIII.

Pequei; porém, meu Deos, se não pecasse,  
Vossa misericórdia que faria? 8880  
Porque não tendo em que se exercitasse,  
Alguém por ociosa a julgaria:  
Com que de haver pecado tiro o fruto  
Da lisonja que fiz a esse atributo.

## CXIX.

Se fui do filho pródigo um traslado, 8885  
Conheça o mundo em mim, com mais decoro,  
Que, se o fui nos vícios retratado,  
O posso ser nas lágrimas que choro:  
E, se soube imitá-lo escandaloso,  
Que também o imitei quando choroso. 8890

## CXX.

Pois, se o filho imitei, meu bom Jesus,  
Imitai vós o Pai, dando-me os braços;  
Que se os vejo estendidos nessa Cruz,  
É que os abris já para os abraços:  
Mas vós direis, olhando a vida minha, 8895  
Que já perdi de filho o ser que tinha.

## CXXI.

Se isto disseres, não me maravilho:  
Porém, meu bom Jesus, considerai

<sup>754</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

Que, por mais que eu perdesse o ser de filho,  
 Vós não perdestes nunca o ser de Pai: 8900  
 E, se sois Pai, sou filho, pois me ocorre  
 Que o Pai já não é Pai, se o filho morre.

## CXXII.

Porém, ou seja filho ou seja escravo,  
 Deve-me perdoar o vosso amor,  
 Se a filho, como Pai, qualquer agravo, 8905  
 E se a escravo, também como Senhor:  
 E são estes dous títulos de sorte  
 Que não sei se há-de achar-se outro mais forte.

## CXXIII.

Se perderes um filho, perdereis  
 A relação de Pai; e se acabares 8910  
 Um escravo, quem sabe se o achareis,  
 Como dizia Job<sup>755</sup>, quando o buscares?  
 Vede, pois, *que* eu não sei como isto possa  
 Ser perda minha, sem que seja vossa.

## CXXIV.

E também perdereis as excessivas 8915  
 Finezas que por mim na Cruz obrastes:  
 Do sangue perdereis as fontes vivas,  
 Demonstrações do muito *que* me amastes:  
 E perdendo-me a mim, perdeis uma alma,  
 Que a todas as mais perdas leva a palma. 8920

---

<sup>755</sup> Variante de “Jó”.

## CXXV.

Se me não perdoais, tereis queixoso  
 Vosso amor<sup>756</sup>, e por isso é necessário  
 Considerar, se sois tão valoroso,  
 Que às queixas resistais de um tal contrário:  
 Deixai, pois, esse empenho, esse rigor, 8925  
 Não vos queirais tomar c' o vosso amor.

## CXXVI.

Soborno<sup>757</sup> seja à vossa piedade  
 O receio de haver alguém que diga  
 Que, se comigo usais severidade  
 A que a vossa justiça vos obriga, 8930  
 Parece, pelo menos na aparência,  
 Que é maior a justiça que a clemência.

## CXXVII.

Bem sei *que*, sendo tantos meus pecados,  
 (Se a fé me não valesse) temeria  
 Se em vós, para que fossem perdoados, 8935  
 Um cabedal tão grande se acharia:  
 Porém, por mais que sejam meus delitos<sup>758</sup>,  
 Vossos tesouros são mais infinitos.

## CXXVIII.

Pois, se são infinitos, sem receios  
 De que se esgotem, os<sup>759</sup> reparti por mim; 8940  
 E se os vossos tormentos foram meios  
 Para salvar-me, não se balde o fim:

<sup>756</sup> No original, '*a mor*', por erro tipográfico.

<sup>757</sup> Vacilação no vocalismo átono pretônico: a coincidência com a forma castelhana pode denotar interferência linguística. Vejam-se as notas aos vv. 437 e 1427.

<sup>758</sup> No original, '*delictos*'. Veja-se a nota ao v. 8422.

<sup>759</sup> Próclise anômala. Veja-se a nota ao v. 2535.

Nem se cuide *que* os meios *que* escolheste  
Não foram iguaes ao fim *que* pertendeste.

## CXXIX.

E se o dar é certíssimo sinal 8945  
De um coração amante e peito nobre,  
Mostrando-vos comigo liberal  
Podeis-me enriquecer, sem ficar pobre,  
Pois, sem diminuir tantas riquezas,  
Podereis ostentar vossas finezas. 8950

## CXXX.

Vede que na Doutrina do Evangelho  
Resplandece entre todos os artigos  
Aquele mais que heróico conselho  
De perdoar a nossos inimigos:  
Vede agora, se não me perdoais, 8955  
Que dirão da Doutrina que ensinais.

## CXXXI.

Não me sirva de obstáculo o haver sido,  
Entre os mais inimigos, mais protervo,  
Pois pode acontecer que arrependido  
Entre os mais servos seja o melhor servo; 8960  
Porque podeis fazer, sem muito espanto,  
De um grande pecador, um grande Santo.

## CXXXII.

Seja tal o perdão que de repente  
Quanto a culpa em mim fez, tudo desfaça,

E que sirva a minha alma juntamente 8965  
De Ocaso à culpa, de Oriente à graça:  
Seja qual luz do Sol esclarecida,  
Que, se à noite dá morte, ao dia vida.

## CXXXIII.

E se, para que seja perdoado,  
Pede a razão *que* o meu primeiro<sup>760</sup> empenho 8970  
Seja ter ódio e horror ao meu pecado,  
É tal o ódio e asco que lhe tenho  
Que, se a culpa pudera ser formosa,  
Me parecera fea e horrorosa.

## CXXXIV.

É tal o ódio que, sendo preciso 8975  
O conhecê-la para que a aborreça,  
Dá-se por satisfeito o meu juízo  
De aborrecê-la, posto a não conheça;  
Porque, considerando-a, receia  
Ver quanto tem de horrível e de feia. 8980

## CXXXV.

Tal ódio tenho às culpas *que*, somente  
Por saber que fui delas o instrumento,  
Quisera de mim mesmo estar ausente;  
Porque tão feio a mim me represento  
Que se me vejo em público, e em segredo, 8985  
Eu mesmo de mim mesmo tenho medo.

---

<sup>760</sup> No original, '*prime!ro*', por erro tipográfico.

## CXXXVI.

Mas se para alcançar o que pertendo  
 Valem para convosco outros padrinhos,  
 Valha-me vossa Mãe, à qual devendo  
 Estais tão terno<sup>761</sup> amor, tantos carinhos: 8990  
 Vede, pois, que por mim ela intercede,  
 E se deveis negar-lhe o que vos pede.

## CXXXVII.

Valha-me a Magdalena<sup>762</sup>, que chorosa  
 Com preces de cristal por mim advoga,  
 Petição para vós tão poderosa 8995  
 Que não podeis negar-lhe o *que* vos roga:  
 Nem é muito que, sendo pecadora,  
 De outro pecador seja intercessora.

## CXXXVIII.

Valha-me quem do título de amado,  
 Quando fala de si, tanto se preza; 9000  
 Em seus rogos estou mui confiado  
 Que há-de ter bom despacho a minha empresa;  
 Porque tem, para ser melhor ouvido,  
 Grande prerrogativa<sup>763</sup> em ser valido.

## CXXXIX.

Estes, que dessa Cruz mais perto estão, 9005  
 Companheiros fiéis de vossas dores,  
 Pedem de minhas culpas o perdão:  
 Mas para que recorro a intercessores,

<sup>761</sup> Veja-se a nota ao v. 1466.

<sup>762</sup> Por "*Madalena*", provavelmente por castelhanismo gráfico. Cf. '*Madalena*' nos vv. 8406 e 8604.

<sup>763</sup> No original, '*prerrogativa*'. Veja-se a nota ao v. 3649.

- Se outro mais poderoso alegar posso?  
Perdoai-me, meu Deos, pelo amor vosso. 9010  
CXXXX.
- Perdoai-me: porém não me contento  
(Tanto presumo já nesta contenda)  
Somente do perdão, porque inda<sup>764</sup> intento  
Fazer que vosso amor a mais se estenda:  
Dai-me, além do perdão, graça tão firme 9015  
Que nessa mesma graça me confirme.  
CXXXXI.
- Dai-me uma graça tal *que* na pendência  
De quaesquer tentações dizer se possa  
Que, inda<sup>765</sup> que seja minha a resistência,  
Menos minha pareça do que vossa: 9020  
E que, até quando for minha a vitória,  
Leve o troféu somente a vossa glória.  
CXXXXII.
- Desta graça tão grande necessito,  
Porque conheço em mim tanta fraqueza  
Que na contínua guerra e no conflito<sup>766</sup>, 9025  
Que me faz a corrupta natureza,  
Temo que me derrube e que me mate  
Da menor<sup>767</sup> tentação qualquer combate.  
CXXXXIII.
- Temo as ocasiões, em que consiste  
Das tentações a força mais urgente, 9030

<sup>764</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

<sup>765</sup> Idem.

<sup>766</sup> No original, '*conflicto*'. Veja-se a nota ao v. 8422, para outros casos análogos.

<sup>767</sup> No original, '*Damenor*', por erro tipográfico.

Às quaes armas é raro o que resiste,  
 E menos, se presume de valente:  
 Dai-me, pois, meu Jesus, para vencê-las,  
 Um grande auxílio, *que* é livrar-me delas.

CXXXXIV.

De mim mesmo me temo, que ferido 9035  
 Dos golpes de meus próprios pensamentos,  
 Tantas vezes me vi deles vencido:  
 Livrai-me, pois, de tão sanguinolentos  
 Contrários, porque vejo que me aguarda  
 Em cada pensamento uma bombarda. 9040

CXXXXV.

Porém, se estas mercês, se estes favores,  
 Como a indigno *que* sou, quereis negar-me,  
 Se quereis entre tantos pecadores  
 Aos tormentos do Inferno condenar-me,  
 Vossos decretos, inda<sup>768</sup> que os ignoro, 9045  
 Humilde aceito, reverente adoro.

CXXXXVI.

Neste terrível caso, condenado  
 Quando me veja no Inferno, *que* mereço,  
 O que ali me há-de dar maior cuidado  
 Não hão-de ser as penas que padeço: 9050  
 O *que* a minha alma aflita ali mais teme  
 É que, em lugar de amar-vos, vos blasfeme.

<sup>768</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

## CXXXXVII.

Contentai-vos, pois, só dos meus tormentos,  
Sem permitir que a minha iniquidade  
Nas blasfémias mitigue os sentimentos, 9055  
E que chame à justiça crueldade:  
Blasfemar-vos a que se encaminha,  
Quando é mais pena vossa do *que* é minha.

## CXXXXVIII.

Peço-vos, meu *Je...* mas já me assalta  
Tal cópia de soluços que não posso 9060  
Articular o *sus*<sup>769</sup> que inda<sup>770</sup> me falta  
Para pronunciar o nome vosso:  
Mas, pois não posso mais, faço aqui pausa,  
E ponho em Vossas mãos a minha causa.

F I M.

<sup>769</sup> Os *italicos* na estrofe são do original.

<sup>770</sup> Veja-se a nota ao v. 676.

Adverte-se aos  
curiosos que se  
está imprimin-  
do o segundo  
Tomo.